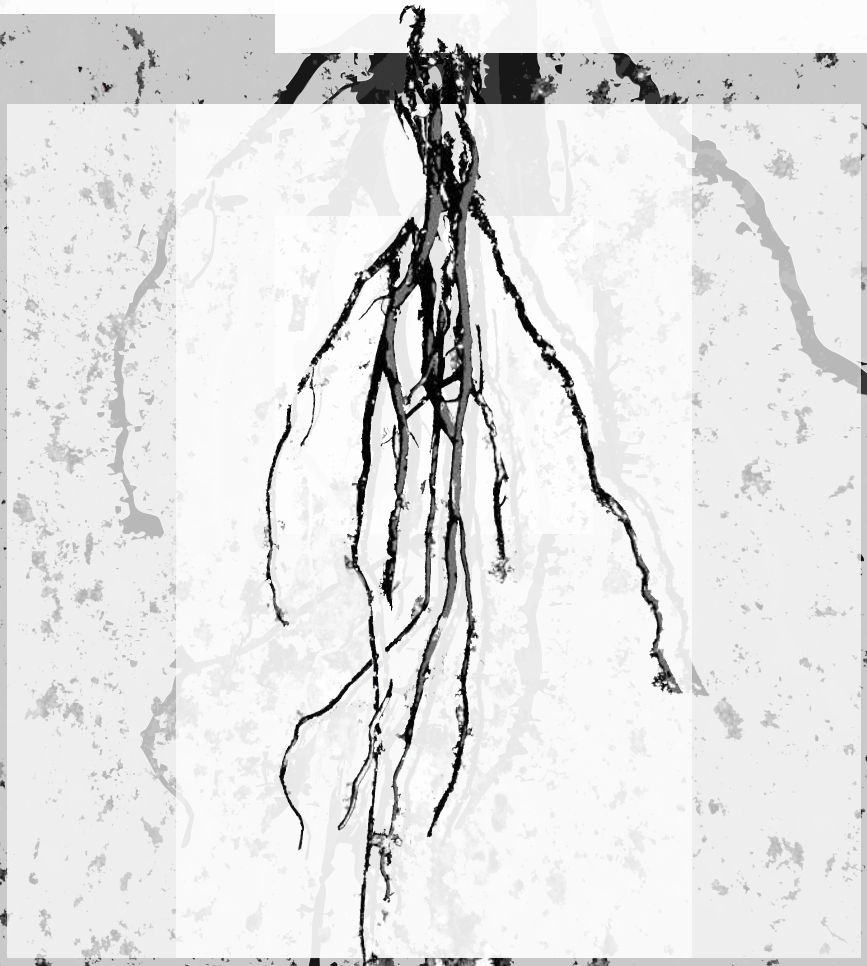
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

Guilherme dos Santos Claudino

Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro

O conhecer e o pensar na condição de nervuras



Presidente Prudente - SP
2019

GUILHERME DOS SANTOS CLAUDINO

Eliseu Savério Sposito
ORIENTADOR

Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro

O conhecer e o pensar na condição de nervuras

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de Presidente Prudente/SP, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Período Sanduíche na Universitat de Barcelona, Espanha, sob supervisão do Prof. Dr. Horácio Capel.

Auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP): Doutorado Direto (17/18305-3) e Bolsa BEPE (16/11637-8)

Presidente Prudente - SP
2019

C615r

Claudino, Guilherme dos Santos
Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro : O conhecer e o pensar na condição de nervuras / Guilherme dos Santos Claudino. -- Presidente Prudente, 2019
601 f. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Eliseu Savério Sposito

1. Geografia. 2. Pensamento Geográfico. 3. Geografia Brasileira. 4. História da Geografia. 5. Epistemologia da Geografia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro: o conhecer e o pensar na condição de nervuras

AUTOR: GUILHERME DOS SANTOS CLAUDINO
ORIENTADOR: ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. BERNARDO MANÇANO FERNANDES
Departamento de Geografia / FCT/UNESP

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. MARCOS AURÉLIO SAQUET
Campus de Francisco Beltrão / UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

Profa. Dra. ROSANA FIGUEIREDO SALVI
Centro de Ciências Exatas/Universidade Estadual de Londrina/Londrina (PR)

Presidente Prudente, 23 de outubro de 2019

AGRADEÇO

À IOLANDA, minha querida mãe, fada eterna.

À CAMILA, minha irmã, por me ouvir e sacudir meu existir.

À MARIA, minha avó, por resistir bravamente.

Ao RAFAEL, meu irmão, uma esperança.

GERALDA, LURDES, LUIZA e LOSA,

este espaço também é de vocês, seres de luz inestimáveis.

Ao JEFFERSON,

por viver a adrenalina de um doutorado ao meu lado, sem recuar.

FREDI, ELINES, TAMIRES e AGDA,

meus melhores e inestimáveis parceiros,

guerreiros, autênticos em seu modo de ser.

A ELISEU SPOSITO e HORÁCIO CAPEL,

por apostarem, muito antes de mim, que a dissertação de outrora poderia se tornar uma tese.

A BERNANDO MANÇANO FERNANDES e ROSANA FIGUEIREDO SALVI:

A mágica de vocês também faz parte desta tese, desde o momento de qualificação.

A NÉCIO TURRA NETO e MARCOS AURÉLIO SAQUET:

Pelas contribuições e sugestões durante a defesa.

AGRADECIMENTOS

Uma tese não é realizada apenas com amor, amizade, companheirismo e solicitude. Ela também é movida pelas lutas cotidianas, muitas vezes solitárias, num trânsito entre sanidade e desespero. A cada mão que se estende, outras tantas parecem surgir na mesma proporção, buscando apontar nossas mais íntimas fragilidades. Uma tese, portanto, é erguida pelo amor das amizades mais genuínas e também pelo movimento de negação do nosso existir por outros que nos veem como inimigos e adversários concretos na batalha do conhecimento. A roda da vida pressupõe essa dialética infinita, cabendo a cada ser saber lidar com esse jogo que nunca cessa.

Negação e aceitação, assim, vão costurando nossa curta trajetória na casa do saber. Existir pressupõe lutar. E foi a partir de muita luta que a tese ora apresentada foi elaborada, contando com as mais diversas almas para sua elaboração. Nesse sentido, destaco os nomes que alcançaram um estado de divindade no meu caminhar durante oito anos de Unesp, parceiros das batalhas cotidianas e teórico-políticas:

Eliseu:
Pela liberdade, gentileza e carinho depositado em todos os anos de orientação. Suas dicas e toques precisos permitiram a finalização desta tese. Seu espítiro de superação foi fundamental nesses oito anos.

Bernardo:
Por ensinar que conflito não é escolha, mas condição.

Maria A. Frizarin Cipriano:
Por ler minhas ideias e materializar em sua arte. Agradeço, também, pela editoração e elaboração do projeto gráfico pelo qual essa tese não seria a mesma.

Whashington Gomes:
Por lutar pela política de cotas com muita fibra.

Dos Bafônicos:
Rizzia Mendes Mares, Marcos Campos, Larissa Coutinho, e Adriano Amaro, pelas trocas e afetos durante o doutorado. Gratidão eterna. Sem vocês este doutorado teria sido bem diferente, talvez sem vida.!!

Do Lar:

Fátima Costa, por toda gentileza nos diálogos noturnos e todo efeto depositado em nossas transcendências.
Angela Machado, por me mostrar que o mundo pode ser visto de outras formas através do seu equilíbrio espiritual.

Dos Veteranos:

Antonio Sobreira, Antonio Bernardes e Paulo Jurado, pelas dicas e recomendações ainda no período de graduação.

Da Segunda Família:

Gabriel, Rose, Leno, Geissiane, obrigado pelo acolhimento.

Da Turma 54:

Rodolfo, Wanessa Savoldi, Felipe, Starlony, Luis Martins, Ana Paula Artero Vilela, Vinicius Bonafim, Bruna Sampaio, Mayara Vidal, Natame Assine, Franciele Valadão, Tais Teles, Verônica Flor, Jaque Vieira e Lika Fernandes, Pelo aprendizado e companheirismo.

Da Moradia Estudantil:

Sidney Cássio Todescato Leal, Esdras Veloso, Andressa Rezende, Flávia Timoteo, Ana B, Heroina, Mariana, pela acolhida e recepção.

Do Coletivo Mãos Negras:

Ivonete Alves, Fabiana, Lisie, Carol, Kissy, continuo aprendendo.

Da AGB e Caderno Prudentino:

Guilherme Whitacker, Fred Gambardella, Nino, Sid, Lorena e Diógenes, pelo aprendizado neste espaço.

Da GEOATOS:

Marcelo Tenório, José Mariano Caccia Gouveia, Ricardo Pires de Paula, Fátima, Rizzia, Fredi, Lari, Colombo e Fachin, pelo empenho de nossa equipe.

Da Sala da Pós:

Eusébio, Baltazar Casagrande, Mariana Niszhima, Lucas Pauli, Rita Gregório, José Maria Langa, Ester, Joice, Angela, Raphael Diniz, Aurélio Bandeira, Robson, Lidiana Pinho, Jean da Silva Cruz, Carlos Eduardo das Neves, Danielli Teixeira, e o Fredi com sua cadeira. E muitos outros que a memória não me ajudou a recordar,pela adrenalina do dia a dia.

De Barcelona:
Marcelo Werner da Silva, um cara sério mas gente boa,
obrigado pelos conselhos acadêmicos.
Jocelyn Williams,
pelas risadas.

Do GASPERR:
Flaviane dos Santos Ramos, Felipe César, César, Yolima, Mariana,
Gabriel e Cláudio,
pelos cafés e diálogos.

Dos Alunos:
Renata Menezes, Vitor Quissi, Lucas Campesino, Eduardo Nardez,
Júlia Araújo, Emerson Batista, Carol Xavier, Bruno Vicente, Lucas Araújo,
Edson Marcelo, Gabriele Guimarães, Gustavo Negrão, Leticia Lima, Rhaabe
Sales, Willians Ventura. Matheus Buttler, João Grassi, Paulo Sérgio, Daniel
Divieso, Acássia, Bruno Lopes, Ramon Rocha, Caio Gomes, Cintia Santos,
Fabricio Paiva, Gustavo Luis, Geisyelli Raquel, Ana Carolina Matos e Lucas
Boscarato (uns amores),
obrigado pela recepção!

Dos Funcionários:
Silvana Silgueiro (biblioteca), Michele, Adriano,
Claudia, Cintia, Aline, André, Lincon, Ivonete e Tamae,
a Unesp não funciona sem vocês.

Dos Professores:
Carminha, Thomaz, João Lima, Everaldo Melazzo, Eda Goes, João
Oswaldo, Ricardo, Mariano, Terezinha, Rosangela Hespanhol, Isabel, Marcio
Catelan, Rachel Silveira Wrege, Cinthia Ariosi, Paula Vermeersch, Marta
Quadros, Arthur, Divino, Antonio Jaschke, Kaka, Claudemira, Girardi, Margo,
Nécio Turra, Raul, Magaldi, Marília Coelho, Rose, Nivaldo e Cezar Leal.
Guardo em mim um poquinho de cada um de vocês, tão singulares e mágicos.

AGRADECIMENTO PELO FINANCIAMENTO

Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº (17/18305-3) (Bolsa Regular –Doutorado Direto) e processo nº16/11637-8 (Bolsa de Estágio de Pesquisa no exterior – BEPE). As opiniões, hipóteses e conclusões expressas nesta tese são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP. Agradeço aos pareceristas da FAPESP, mesmo sem conhecê-los, pois sempre foram coerentes e gentis em suas avaliações e pareceres.

O presente trabalho também teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superrior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Capitães da areia não tem medo de nada!
Revide em eletricidade, meus irmãos.

RESUMO

Processos diversos diferenciaram a trajetória do conhecimento/pensamento que hoje concebemos como geográfico. A história humana revela que, em diversos períodos, o humano – e seu meio subjetivo e material – alicerçou elementos para a efetivação de características que, unidas, dão substância a saberes; e o geográfico não foge à regra. De maneiras distintas e caminhos os mais diversos, geógrafos de diferentes instituições ocuparam-se do exercício de compreensão do saber geográfico. A materialização dessa ocupação cristalizou-se, entre outros resultados, em dissertações e teses. O propósito desta tese, assim, é compreender os estudos, na pós-graduação brasileira, que se voltaram ao pensamento e conhecimento geográfico como objetos de investigação, os quais entendo, contudo, como estudos de saberes. *Julgo, portanto, que o saber é uma síntese do conhecer e do pensar*. Nesse estado de coisas, identifico que o estudo do saber, na condição de objeto na Geografia brasileira, é investigado por meio de duas dimensões de análise: uma é *histórica* e outra é *teórica-conceitual e propositiva*. No interior dessas duas dimensões, concentra-se um conjunto de outros temas de pesquisa. As dissertações e teses foram detalhadamente distribuídas entre essas dimensões e outros subeixos, revelando autores, objetos de pesquisa, instituições onde foram realizadas e datas de quando foram concluídas. Com efeito, os autores e seus respectivos objetos de análise não estão fora do tempo e do espaço, uma vez que são produtos de um patrimônio histórico que os antecede, – pois há o que chamo de *raízes* – dos quais são inextricavelmente herdeiros. Tais raízes foram propulsoras para o nascimento de *constelações de geógrafos* que têm como identidade um tema de pesquisa em comum. Analiso, pois, uma parte da produção acadêmica brasileira em Geografia em nível nacional, cuja especificidade são os estudos históricos e epistemológicos do conhecimento e pensamento geográfico na condição de objeto através das noções de raízes e constelações e, ao mesmo tempo, constato que os estudos do conhecer e do pensar geográfico não podem ser investigados separadamente. Nesse sentido, cotejo o saber como uma síntese do conhecer e do pensar, alçado à condição de *nervura*. Busco, também, representar o devir em relação com o pretérito, o que denomino de *presente contínuo do passado vindouro das raízes constelatórias do saber*. É, em outros termos, um exercício que procura evocar coisas do passado que ainda não foram ditas, que através da pesquisa podem vir à superfície do hoje, conectando-se através dos sujeitos presentificados. O vindouro é a manifestação do porvir, ou seja, os novos sujeitos-geógrafos que surgirão e passarão a fazer parte do pensamento geográfico. Para representar esses "três tempos", atribuo e procuro permanecer em estado de prelibação e expectação diante do objeto, conforme poderá ser observado na *constelação síntese*, que unifica todas em um único tom. A tese, em outros termos, é criação e revelação de um *estado de expectativa* através de um modo de pensar que se revela através de nervuras. Atribuo e proponho, então, um modo de pensar mais plástico, que considera as relações orientador & orientando imprescindíveis à história da Geografia brasileira e seu estado no período mais recente, *conformando raízes constelatórias do saber*.

Palavras-chave: Saber Geográfico; Pensamento e Conhecimento Geográfico; Constelações; Raízes; Nervuras, Geografia Brasileira, História da Geografia, Epistemologia da Geografia.

ABSTRACT

Roots And Constellations of the Brazilian Academic Geographic Knowledge
Knowing and thinking under the condition of ribbing

Diverse processes have differentiated the trajectory of the knowledge/thought that we conceive today as geographic. Human history reveals that, in different periods, the human – and their subjective and material milieu – has underpinned elements for the effectuation of characteristics that, united, give substance to knowledge; and geographic knowledge is no exception. In different manners and in the most diverse paths, geographers from various institutions did engage in the exercise of understanding geographic knowledge. Such occupation came into materialization and crystallized, inter alia, in the form of master's theses and doctoral dissertations. The present doctoral dissertation, therefore, aims to understand the studies, in Brazilian graduate programs, that turned to geographic thought and knowledge as objects of investigation, which I however understand as studies of knowing. *I therefore think that knowing is a synthesis of knowledge and thought*. In this state of affairs, I identify that the study of knowing, as an object in Brazilian Geography, takes place under two dimensions of analysis: one is *historical*, and the other is *theoretical-conceptual-propositional*. A set of other research themes concentrates within these two dimensions. The dissertations and theses were distributed in detail into these dimensions and other sub-axes, revealing authors, research objects, institutions of origin, and dates of conclusion. In effect, the authors and their respective objects of analysis are not outside space and time, since they are products of a historical heritage that precedes them – once there are what I call *roots* – of which they are inextricably heirs. Such roots were the drivers for the rising of *constellations of geographers* whose identity underlies a research theme in common. I analyze, therefore, a part of the Brazilian academic work in Geography within the scope of historical and epistemological studies on geographic knowledge and thought as an object considered under the notions of roots and constellations and, at the same time, I discern that such studies should not be investigated on a separate basis. In this regard, I reckon that knowing is a synthesis of knowledge and thought, raised to the condition of *ribbing*. I also seek to represent the future in relation to the past, what I call the continuous present of *the coming past of the constellatory roots of knowledge*. In other words, it is an exercise that intends to evoke things from the past yet unsaid, which can now come to the surface through research, and which are connected through the subjects in the present. What is coming manifests in the future, that is, new subject-geographers will emerge and become part of geographic thought. To represent these three periods in time, I realize and attempt to remain in foretaste and expectation regarding the object, as can be seen in the *constellatory synthesis*, which unifies them all in a single tone. This doctoral dissertation, in other words, is the creation and revelation of a *state of expectation* through a way of thinking that unfolds by ribbing. Lastly, I feature and propose a more plastic way of thinking that does take into account the advisor-advisee relationship, essential to the history of Brazilian Geography and its state in the most recent period, thus forming *constellatory roots of knowledge*.

Keywords: Geographic Knowledge; Knowing and Thinking; Constellations; Roots; Ribbing; Brazilian Geography; History of Geography, Epistemology of Geography.

RÉSUMÉ

Des Racines et Constellations du Savoir Géographique Académique Brésilien

La connaissance et la pensée sous la condition de nervures

Divers processus ont différencié la trajectoire de la connaissance/pensée que nous concevons aujourd'hui comme géographique. L'histoire humaine révèle que, à différentes époques, l'humain – et son milieu subjectif et matériel – a soutenu des éléments pour la réalisation de caractéristiques qui, unies, donnent corps aux savoirs; et la géographique ne fait pas exception. De plusieurs manières et dans les voies les plus diverses, les géographes de différentes institutions se sont engagés dans l'exercice de la compréhension du savoir géographique. Cette occupation s'est matérialisée et s'est cristallisée, entre autres, sous la forme de mémoires de master et de thèses de doctorat. La présente thèse vise donc à comprendre les études, dans les programmes d'études supérieures brésiliennes, qui se sont tournées vers la pensée et la connaissance géographiques comme objets d'investigation, ce que je comprends cependant comme des études de connaissances. *Je considère donc que le savoir est une synthèse de la connaissance et de la pensée*. Dans cet état de fait, j'identifie que l'étude du savoir, en tant qu'objet de la géographie brésilienne, se déroule sous deux dimensions d'analyse: l'une historique, l'autre théorique-conceptuelle-propositionnelle. Un ensemble d'autres thèmes de recherche se concentre dans ces deux dimensions. Les thèses ont été répartis en détail dans ces dimensions et d'autres sous-axes, révélant des auteurs, des objets de recherche, des institutions d'origine et des dates de conclusion. En effet, les auteurs et leurs objets d'analyse respectifs ne sont pas en dehors de l'espace et du temps, puisqu'ils sont les produits d'un héritage historique qui les précède – une fois qu'il y a ce que j'appelle des *racines* – dont ils sont inextricablement héritiers. Ces racines ont été les moteurs de la naissance des *constellations de géographes* dont l'identité partage un thème de recherche commun. J'analyse donc une partie de la production académique brésilienne en géographie dans le cadre d'études historiques et épistémologiques sur la connaissance et la pensée géographiques comme un objet considéré sous les notions de racines et constellations et, en même temps, je trouve que de telles études ne devraient pas être menées séparément. À cet égard, je considère que le savoir est une synthèse de la connaissance et de la pensée, élevée à l'état de *nervure*. Je cherche également à représenter l'avenir par rapport au passé, ce que j'appelle *le présent continu du passé à venir des racines constellatoires du savoir*. En d'autres termes, il s'agit d'un exercice qui vise à évoquer des choses du passé qui n'ont pas encore été dites, qui peuvent maintenant refaire surface grâce à la recherche, et qui sont connectées à travers les sujets du présent. Ce qui vient se manifeste à l'avenir, c'est-à-dire que de nouveaux sujets-géographes émergeront et feront partie de la pensée géographique. Pour représenter ces « trois temps », je me rends compte et j'essaie de rester dans un état d'avant-goût et d'attente devant l'objet, comme on peut le voir dans la *constellation synthèse*, qui les unifie tous d'un même ton. Cette thèse, en d'autres termes, est la création et la révélation d'un état d'attente sous une manière de penser qui se dévoile à travers de nervures. Ainsi, je présente et propose une façon de penser plus plastique qui prend en compte la relation entre les superviseurs et les étudiants supervisés, essentielle à l'histoire de la géographie brésilienne et de son état dans la période la plus récente, formant des racines *constellatoires du savoir*.

Mots-clés: Savoir géographique; Connaissance et pensée; Constellations; Racines; Nervures; Géographie brésilienne; Histoire de la géographie; Épistémologie de la géographie.

Lista de Iustrações

Figura 1: Arbor scientiae de R. Lúlio (1515: reed. 1635) 90
Figura 2: *Tableaux accomplis*, de C. Savigny (1587) 91
Figura 3: Modo de pensar clássico 120
Figura 4: Modo de pensar histórico-materialista 121
Figura 5: O pensamento para Arendt 130
Figura 6: Mapa de dissertações defendidas entre 1965-1997 147
Figura 7: Mapa de teses defendidas entre 1944 -1997 151
Figura 8: Mapa de dissertações defendidas entre 1998-2014 159
Figura 9: Mapa de teses defendidas entre 1998-2014 167
Figura 10: Duas dimensões de investigação 171
Figura 11: Distribuição das dissertações: *o saber geográfico como objeto* 207
Figura 12: Distribuição de teses: *o saber geográfico como objeto* 209
Figura 13: Raízes rizomáticas 218
Figura 14: Constelação como procedimento e como método 235
Figura 15: Constelação 237

Lista de Quadros

Quadro 1: : Número de dissertações e teses: Totalidade e Saber Geográfico até 1997 46
Quadro 2: Número de dissertações e teses: Totalidade e Saber Geográfico 1998-2014 47
Quadro 3: Representação dos estudos ligados ao Saber Geográfico 48
Quadro 4: Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia 93
Quadro 5: Esboço de organizações das abordagens de estudo da relação geografia-literatura em trabalho de geógrafos brasileiros pós 1990. 356
Quadro 6: 16 teses: Teoria e método da pesquisa em Geografia 398

Lista de Constelações

Constelação Aziz Nacib Ab'Saber 252
Constelação Pasquale Petrone 296
Constelação Lívia de Oliveira 335
Constelação Armando Corrêa da Silva 375
Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro: uma síntese 429
Constelação Bertha Koiffmann Becker 490
Constelação Maurício de Almeida Abreu 491
Constelação Lucia Helena de Oliveira Girardi 492
Constelação José Ribeiro de Araújo Filho 493
Constelação Heinz Dieter Heidemann 494

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Total de dissertações defendidas em Geografia no Brasil por instituição (1965-1997) 146

Gráfico 2: Total de dissertações defendidas em Geografia no Brasil (1965-1997) 148

Gráfico 3: Total de teses defendidas em Geografia no Brasil por instituição (1944-1997) 150

Gráfico 4: Dissertações defendidas em Geografia do Brasil (1998-2014) 157

Gráfico 5: Total de dissertações defendidas em Geografia no Brasil por Instituição (1998 -2014) 158

Gráfico 6: Teses defendidas anualmente em geografia no Brasil (1998-2014) 165

Gráfico 7: Total de teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação no Brasil (1998-2014) 168

Gráfico 8: Distribuição das dissertações e teses biográficas (geógrafos brasileiros e estrangeiros) 178

Gráfico 9: Tipologia de formação dos sujeitos pesquisados 180

Gráfico 10: Pesquisas em campos e domínios 184

Gráfico 11: Número de personagens de outras formações pesquisados 192

Gráfico 12: Porcentagem das dissertações e teses por temática 196

Gráfico13: Total de dissertações defendidas (1978-2014): o saber geográfico como objeto 204

Gráfico 14: Total de teses defendidas (1953 -2014): o saber geográfico como objeto 205

Gráfico 15: Número de dissertações por instituição (1978-2014): o saber geográfico como objeto 206

Gráfico 16: Número de teses por instituição (1953 – 2014): o saber geográfico como objeto 208

Lista de Abreviaturas e Siglas

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros
ANPEGE – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENG – Encontro Nacional de Geógrafos
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Pualo
FURG – Universidade Federal do Rio Grande
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
PPGs – Programas de Pós-Graduação
PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-RIO – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SIG – Sistemas de Informação Geográficas
UECE – Universidade Estadual do Ceará
UEL – Universidade Estadual de Londrina
UEM –Universidade Estadual de Maringá
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ (R.J.) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERJ (S.G.) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, câmpus São Gonçalo
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFG (C.C.) – Universidade Federal de Goiás, câmpus Catalão
UFG (C.J.) – Universidade Federal de Goiás, câmpus Jataí
UFGD – Universidade Federal de Grande Dourados
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT (T.L.) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul câmpus Três Lagoas
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR – Universidade Federal de Roraima
UFS – Universidade Federal de Sergipe
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM – Universidade Federal de Santa Maria
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
UNB – Universidade de Brasília
UNESP – Universidade Estadual Paulista
UNESP (R.C.) – Universidade Estadual Paulista, câmpus de Rio Claro.
UNESP (P.P.) – Universidade Estadual Paulista, câmpus de Presidente Prudente
UNESP (D.T.C.) – Universidade Estadual Paulista, câmpus de São Paulo (Desenvolvimento Territorial)
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIOESTE (F.B.) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus de Francisco Beltrão
UNIOESTE (M.C.R.) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, câmpus de Marechal Cândido Rondon
UNIR – Universidade Federal de Rondônia
USP – Universidade de São Paulo
USP (G.H.) – Universidade de São Paulo: Geografia Humana
USP (G.F.) – Universidade de São Paulo: Geografia Física
UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú

Índice

Capítulo I — 35
Metodologia e Possibilidades de um Programa de Pesquisa

Capítulo II — 50
Conhecimento e Pensamento

Capítulo III — 95
Introdução a três dimensões

Capítulo IV — 123
Saber Geográfico: uma síntese

Capítulo V — 141
Dissertações, Teses e a Produção do Saber Geográfico

Capítulo VI — 170
Duas Dimensões de Análise do Saber Geográfico

Capítulo VII — 195
Um Balanço

Capítulo VIII — 214
Raízes, Nervuras e Constelações do Saber

Capítulo IX — 245
Raízes Constelatórias

Sumário

PRÓLOGO 23
PROPÓSITOS 29
Introdução 33

Capítulo I 35
Metodologia e Possibilidades de um Programa de Pesquisa

1.1 **Seleção e Critérios** 36
1.2 **Tempo** 39
1.3 **Programas de pós-graduação e a busca de dissertações e teses** 41
1.4 **Banco de dados** 43
1.5 **Dissertações e Teses** 44

Capítulo II 50
Conhecimento e Pensamento

2.1 **Um diálogo com dicionários e enciclopédias** 51
2.2 **Conhecimento** 59
2.2.1 Um problema? 65
2.3 **Pensamento** 73
2.3.1 As interpretações 77
2.4 **A condição de objeto** 84
2.5 **Gêneros, formas, níveis, graus e divisões: classificações** 87

Capítulo III 95
Introdução a três dimensões

3.1 **Conhecimento geográfico** 97
3.1.2 Seu objeto, como objeto e definições 100
3.2 **Geografia do conhecimento** 107
3.2.1 Breve histórico 108
3.2.2 Sobre alguns temas 111
3.3 **Pensamento Geográfico** 115

Capítulo IV 123

Saber Geográfico: uma síntese

4.1 A Diferenciação Arendtiana 124

4.1.1 Verdade e significado, conhecimento e pensamento 124

4.1.2 O diálogo com Kant 127

4.1.3 O "lugar nenhum" do pensamento 128

4.1.4 Localizando o pensamento 129

4.1.5 Limites do conhecimento e do pensamento como objetos no âmbito da Geografia 131

4.2 O Saber 131

4.2.1 Algumas noções 132

4.2.2 O poder 134

4.2.3 O espaço 136

4.2.4 O saber geográfico como relação e devir 138

Capítulo V 141

Dissertações, Teses e a Produção do Saber Geográfico

5.1 A Pós-graduação em Geografia no Brasil 143

5.1.1 Dissertações e Teses (1944 – 1997) 143

5.1.2 Dissertações 143

5.1.3 Teses 148

5.2 Dissertações e Teses (1998 - 2014) 152

5.2.1 Dissertações 152

5.2.2 Teses 160

Capítulo VI

170

Duas Dimensões de Análise do Saber Geográfico

6.1 Os Estudos de Perfil Histórico 172

6.1.2 Dissertações e teses 175

6.1.2.1 Biográfico e bibliográfico (Geógrafos) 176

6.1.2.2 Biográfico e bibliográfico (historiadores, economistas e filósofos...) 179

6.1.2.3 Instituições 180

6.1.2.4 Revistas, periódicos, anais e boletins 181

6.1.2.5 Geografia Acadêmica (geral e específica) 182

6.1.2.6 Campos e domínios disciplinares 183

6.1.2.7 Correntes, escolas, matrizes, paradigmas e tradições 185

6.1.2.8 Geografia escolar (geral e específica) 189

6.1.2.9 Cartografia 190

6.1.2.10 Literatura 191

6.2 Os Estudos de Perfil Teórico-Conceitual e Propositivo 193

6.2.1 Dissertações e teses 193

6.2.1.1 Teorias 194

6.2.1.2 Conceitos e Categorias 196

6.2.1.3 Espaço 197

6.2.1.4 Lugar 198

6.2.1.5 Paisagem 198

6.2.1.6 Região 199

6.2.1.7 Território 200

6.2.1.8 Outros 201

6.2.1.8.1 Natureza 202

6.2.1.8.2 Ensino (conceitos e categorias) 203

6.3 Métodos 204

6.4 Epistemologia 206

6.5 Ontologia 207

6.6 Temas híbridos e difusos 208

Capítulo VII — 195
Um Balanço

4.1 **Orientadores** 197
7.2 Bancas 203
7.3 Quando? 204
7.4 Onde? 206

Capítulo VIII — 214
Raízes, Nervuras e Constelações do Saber

8.1 **Origens e Inícios – Tempos e Espaços: a questão do nascimento de um saber espacial** 216
8.2 **Raízes** 219
8.3 **Nervura** 227
8.4 **Constelação** 230
8.4.1 A Insuficiência do conceito 232

Capítulo IX — 245
Raízes Constelatórias

9.1 **Aziz Nacib Ab'Saber** 246
9.1.1 Forma 253
9.1.2 Clima 264
9.2 **Pasquale Petrone** 291
9.2.1 Terra 297
9.3 **Lívia de Oliveira** 329
9.3.1 Psique 336
9.4 **Armando Corrêa da Silva** 365
9.4.1 Método 376
9.5 **O presente contínuo do passado vindouro das raízes constelatórias do saber** 426

Conclusões 430
Referências 433
Dissertações e Teses consultadas 470
Apêndices 489

PRÓLOGO

Esta tese tem como proposta investigar um segmento de pesquisa na Geografia brasileira conhecido tradicionalmente como *pensamento geográfico*. De um modo geral, pensamento geográfico significa a fusão de dois universos: o pensar e o espaço. De um modo mais específico, refere-se a uma relação do humano com o mundo, isto é, o ser, o estar e o existir da condição mundana e terrena do social com o espaço. Tal relação gera algo que, preliminarmente, denomina-se pensamento geográfico, pois confere-se um julgar sobre as coisas através da dialética ser-mundo, tendo-se, então, um discurso. Em outras palavras, a formulação de um juízo sobre o mundo pressupõe e materializa um *pensar* sobre ele. Esse pensar é um atributo de toda criatura viva, e o espaço, portanto, salta como uma via de determinação: o geográfico e/ou geograficidade. Aos geógrafos, o pensamento geográfico supõe o tino qualificador do objeto-método do seu realizar científico.

Esse pensar, que coexiste com o espaço, vem sendo, há mais de um século, *objeto* de investigação. A presente proposta, assim, mergulhou nesse segundo movimento do objeto, não o *pensamento geográfico em si*, mas o pensamento sobre esse pensamento, uma análise do discurso do discurso. Realiza-se uma investigação sobre a matéria já trabalhada, o produto do já dito. Há que se considerar, todavia, que o pensamento geográfico é utilizado, historicamente, como uma expressão flutuante, cravada, por vezes, como um atributo de todo geógrafo em seu ato de reflexionar sobre o mundo. Mas pensar, curiosamente, não é uma atividade exclusiva do geógrafo, tampouco o pensar sobre o espaço. E é justamente nesse outro movimento que o pensamento geográfico, enquanto objeto, ergue-se como um tema de investigação genuíno, conformando, de diferentes modos, programas de pesquisa de toda natureza há pelo menos oito décadas na Geografia brasileira.

Meu primeiro contato com esse tema foi ainda na graduação, na habitual e singular disciplina de *História do Pensamento Geográfico*, presente em todos os currículos de licenciatura em Geografia como um conteúdo supostamente obrigatório. Nesse primeiro momento, em meados de 2011, o professor Antonio Thomaz Júnior[1] ministrou a respectiva disciplina. Ali, com toda a empolgação que são as aulas do Thomaz, choviam dezenas de nomes de geógrafos, correntes, escolas, tendências, lutas, determinismo, possibilismo, enfim, toda a matéria, já há muito conhecida por todos, pipocava feito meteoros rasantes em suas aulas. Associar e memorizar tantos nomes, coisas e acontecimentos parecia-me impossível. Isso me conduziu a vasculhar todos os livros que tratavam de "pensamento geográfico" na biblioteca do câmpus. Livro a livro, sem uma leitura

[1] Professor na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente.

equilibrada e planejada, fui mergulhando no labirinto de diversas *histórias* desse pensar, motivado, preliminarmente, pelas diferentes tensionalidades que Thomaz causava em todos os alunos.

Nesse momento, constatei que procurar um orientador seria mais sadio. Foi então que conheci meu hoje amigo e orientador Eliseu Savério Sposito[2]. Inicialmente, sugestionou que eu estudasse um autor, apenas um. Deu-me três meses para pensar, e, nessa busca, já eu cursava outra disciplina, *Metodologia de Pesquisa*, com Bernardo Mançano Fernandes[3]. Aproveitando a dinâmica da disciplina, levei até Bernardo o desafio posto pelo Eliseu. Bernardo, prontamente, sugestionou: "escolha um morto, pois os vivos darão problemas". A partir daí, então, selecionei dois geógrafos que julguei mais interessantes: Armando Corrêa da Silva e Manuel Correia de Andrade. Escolhi o segundo e, rapidamente, levei até o Eliseu, que abraçou a proposta com muita empolgação, bem mais do que eu. Eliseu é assim, acredita mais na pesquisa do que os próprios orientandos – reside aí seu diferencial enquanto orientador.

Com Manuel, conheci a Geografia brasileira durante meu percurso de iniciação científica. Realizei um levantamento de toda a sua obra, somando-se mais de cem livros publicados. Busquei ler os mais importantes durante quatro anos, gerando um resultado bastante curioso, pois descobri que Manuel fora fundamental não apenas para a Geografia nordestina, mas para a construção de uma Geografia eminentemente brasileira. Nesse meio tempo, fui selecionado para um intercâmbio na Universidad de Santiago de Compostela, Espanha, lugar que conheci e frequentei durante um semestre aulas de Filosofia da Ciência, possibilitando-me um primeiro contato com os clássicos do assunto: Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos, Paul Feyerabend e Larry Laudan. Esse contato mais aprofundado com essa literatura reforçou meu interesse ao estudo "pensamento geográfico". Embora tenha surtido um encantamento e empolgação com esses sujeitos inicialmente, acabei, derradeiramente, afastando-me de suas formulações, pois às ciências humanas, de uma forma geral, não é dada a merecida atenção por esses.

Finalizada a iniciação científica e Manuel, de certa forma, "esgotado", o mestrado despontou-se como alternativa para continuação do meu existir acadêmico. Foi então que decidi propor um outro projeto de pesquisa, um pouco mais ambicioso, conforme exigem as etapas acadêmicas. Juntamente com Eliseu, optamos por catalogar todas as dissertações e teses produzidas no Brasil que

[2] Professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente.
[3] Professor na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente.

trataram do "pensamento geográfico". Eis que surge a questão: "o que é uma pesquisa sobre pensamento geográfico?" Supostamente, toda pesquisa realizada por geógrafos trata do pensamento geográfico. Mas nosso interesse era outro: o *pensamento que pensou o pensamento geográfico no Brasil*.

No primeiro ano de mestrado, 2015, iniciei o levantamento de dissertações e teses, programa a programa. Decidi iniciar da gênese, década de 1940, e pousar em 2015, momento que se fazia presente. Realizei, então, o primeiro censo total de toda a produção acadêmica brasileira que compreende dissertações e teses. Esse exercício foi efetuado três vezes durante oito meses – com o temor de deixar algo de fora, insistia na repetição do exercício. Cheguei a 11.521 materiais. Desses, apenas 381 representavam o conteúdo do "pensamento geográfico" como objeto, meros 3.3 % da totalidade. Feito o levantamento e selecionado o material, iniciei a saga até as bibliotecas onde os trabalhos estavam depositados. Por conta disso, realizei trabalhos de campo dezenas de vezes na Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH/USP, pois seu acervo contém a matéria prima das raízes da pós-graduação brasileira em Geografia. No final do primeiro andar, na última direita, localiza-se o quadrante que reúne as almas à espera de serem revividas. Igual procura repetimos em Rio Claro na Biblioteca Instituto de Biociências da UNESP, no Rio de Janeiro na Biblioteca Central do CCMN – UFRJ, em Pernambuco na Biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas CFCH – UFPE e em Santa Catarina na Biblioteca Universitária BU – UFSC. Essas universidades foram as primeiras a iniciar o processo de formação de mestres e doutores em Geografia no Brasil antes do século XXI. Por conta disso, muitos trabalhos, praticamente todos, não se encontravam em versão *online*.

O contato empírico com esses materiais foi fundamental. Por mais estranho que pareça, o papel velho tem cheiro, cor, localização, marcas de mãos, cafés derramados, e, o mais essencial, anotações das bancas avaliadoras: rabiscos, críticas, elogios, indicações, sugestões gramaticais etc., vidas que se cruzam entre o autor e o leitor inconsequente. Mas há, curiosamente, aqueles que não contêm marcas, somente a poeira do tempo aliada aos ácaros que revelam formidável resistência. Intocados, aparentemente, em sua condição estática na prateleira que os sepultam nas fileiras apertadas, esses trabalhos disputam pequenos centímetros para ali se eternizarem, à espera de um toque e do olho que se fixe nas letras infinitas do papel que se amarela, sendo, pouco a pouco, corroído pelo próprio tempo. Existe uma mágica muito sedutora no folhear desses materiais, pois, já nas primeiras páginas, os autores declaram seus agradecimentos aos familiares,

amigos, entes que se foram, enfim, marcas da própria vida que se impõe.

Em sua condição finita, esses trabalhos – os tocados e os intocados – conectam-se pela Geografia, fixados na eternidade dos acervos, lugar que aguarda todos nós, geógrafos, espaço que reúne o magma do que chamamos de *pensamento geográfico*. Este foi o objeto de análise da presente tese, que se iniciou como dissertação e, posteriormente, indicada a tese de doutoramento em 2017. Nesse momento de transição, 2016, realizei um período de estudos na Universitat de Barcelona – UB, sob orientação do geógrafo Horácio Capel. Durante seis meses, vasculhei todo o acervo da UB interessante à Geografia, notadamente dissertações e teses. Nessa biblioteca, tive contato com livros de história da Geografia datados do século XIX, como a extensa obra do francês Vivien de Saint Martin *Histoire de la géographie et des découvertes géographiques depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*, publicada em 1873. Capel foi fundamental nesse aspecto mais histórico. Além da leitura atenta e gentil de cada capítulo, sugestionou a restruturação de todo o esqueleto dos capítulos previamente elaborados.

O principal obstáculo durante a elaboração desta tese foi o encantamento que os materiais surtiam sobre mim, pois cada tese ou dissertação, boa ou ruim, tem seu sentido de ser através do malabarismo do acaso e da necessidade para sua construção, pois são reféns das próprias adversidades do jogo da vida. Há uma riqueza abundante em cada trabalho, e o julgar sobre os mesmos será sempre limitado; contudo, é necessário e urgente que o façamos. A produção acadêmica brasileira de dissertações e teses vem alcançando cifras anuais de quase mil trabalhos. Ano a ano, vai somando um número considerável de reflexões que reclamam uma metodologia que lhe acompanhe e compreenda. Este é outro propósito da tese: o de desenvolver uma metodologia que reconheça o devir incessante dos números que só aumentam. Em uma linguagem mais objetiva, procuro elaborar um *panorama geral* do que se produziu na Geografia brasileira em um determinado seguimento investigativo – isso explica a quantidade exagerada dos apêndices e anexos no final deste trabalho. Julgo, então, que a reprodução integral dos nomes possa favorecer uma consulta mais objetiva e dinâmica pelo leitor, não necessitando refazer outros levantamentos semelhantes.

A proposição metodológica da tese se assenta em quatro conceitos: i) *saber*, ii) *raízes*, iii) *constelações* e iv) *nervuras*. Do *saber*, chamo atenção à sua extensão conceitual, pois guarda tanto o *pensar* quanto o *conhecer* em seu núcleo, entendendo, portanto, que o saber é mais abrangente que o pensamento em relação à condição de objeto, pois o saber agrega também o conhecimento. Saber é uma

síntese do conhecido e do pensado. Das *raízes*, entendo, preliminarmente, os orientadores mais expoentes no tema posto. Para fugir da ideia de árvore e suas hierarquias, adjetivo o conceito de raíz através dos rizomas, pois as raízes do saber são muitas. Raízes, por consequência, pressupõem que o saber foi produzido em algum *lugar* e, além disso, foi realizado por *alguém*. Evidentemente que a palavra raiz poderia ser substituída por processos, origens, início etc. Essas palavras, todavia, são destituídas da dimensão material, concreta, da realidade objetiva, e, sobretudo, do toque espacial interessante a nós, geógrafos. Pois, veja-se, é uma questão histórica que se impõe, e os recortes são fundamentais para o realizar da atividade científica. Utilizar o termo raízes, então, foi um mecanismo para não cairmos na armadilha da transcendência da história, pois "início", "origem" e "processo", são, *grosso modo*, tudo que nos antecede nas profundezas do tempo.

O conceito de raízes, contudo, não possibilitava o entendimento conectivo e visual da dinâmica do presente em relação a multidão de geógrafos que vêm, dia a dia, se formando nos cursos de pós-graduação. Dado que um dos objetivos é proporcionar um panorama geral do que vem acontecendo na Geografia brasileira, recorri a mais um conceito: *constelação*. Descobri essa palavra em um livro de Karl Mannheim (1967) sobre sociologia do conhecimento, porém utilizei-me da proposta de Theodor Adorno (2009 [1966]) que fora apropriada de Walter Benjamin (1984 [1928]). Entendo, nesse sentido, a árvore dos geógrafos brasileiros através do conceito de constelação. Para tanto, conectei cada alma através do *vínculo inevitável de orientação*. Nesse momento, preliminarmente, não me interessa a relação existencial orientador-orientando, apenas o *vínculo formal*.

O *vínculo existencial* da constelação de orientações é interpretado através de outro conceito: o das *nervuras*. Como nervos que latejam e percorrem as partes do corpo, as nervuras sustentam uma determinada totalidade. Compreendo as nervuras enquanto a pulsão, tensão, ou seja, os conflitos e disputas das ideias entre os geógrafos que vão sendo herdadas geração a geração. A pulsão que tenciona a todos, todavia, nem sempre é herdada, uma vez que os mais jovens também criam outros *fronts*, desenhando, então, para continuarmos com metáforas, verdadeiros *belts* nos departamentos, eventos, publicações, etc. A noção de nervuras, em outros termos, poderia ser substituída por aquilo que Thomas Kuhn (2011 [1977]) chamou de "tensão essencial" da atividade científica.

A integração desses conceitos possibilitou denominar a presente tese de *Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro: o Conhecer e o Pensar na condição de Nervuras*. Alerto, neste particular, que a proposição

propriamente dita – *raízes constelatórias* – aparece a partir do capítulo 9. Nos capítulos de 1 a 7, desenvolvo a metodologia de investigação e no 8 o modo de pensar, esmiuçando cada conceito utilizado – raiz, constelação e nervura –, pois o método, conforme nos lembra Antonio Candido (1962, p. 18), "precisa ser histórico e estético". Se a tese conseguir ser convidativa e interessante às críticas, ficarei satisfeito, pois é assim que o conhecimento caminha, empurrado pelas tensões, lei primeira da produção do saber científico.[4]

[4] Utilizo a primeira pessoa no singular pois, inevitavelmente, tive que recorrer a aspectos particulares. Adianto, todavia, que o decorrer da tese será em primeira pessoa do plural.

A *precisão*, tal como sugere o compasso sobre o papel na elaboração de geometrias e círculos, é um alvo que uma tese de doutorado – durante sua realização – necessita perseguir. Dar ao leitor um círculo fechado e preciso, destituído de desvios e anamorfoses, supostamente é o fundamento primeiro de uma tese. Precisar, por seu turno, nem sempre está no plano do possível, notadamente quando a *vida* é a medida buscada enquanto objeto diante do papel e da caneta. Entendemos, assim, que, por mais retilíneos que sejam os objetivos de uma investigação, lançados ao vento, eles jamais seguirão uma única rota.

Os propósitos do autor podem não ser os mesmos do leitor diante de um texto. As rotas de uma tese, portanto, resguardam uma certa imprevisibilidade em relação a seus caminhos previamente estabelecidos. Compreendemos, todavia, que alguns propósitos podem ser emitidos, baseando-se no conjunto de coisas que constituem esta tese. Basicamente, são três propósitos que guiaram nosso caminho.

O primeiro foi o de construir um *produto didático e introdutório* de um pedaço do universo acadêmico dos geógrafos brasileiros. Esse propósito amarra-se em um objetivo mais geral, isto é: dar ao leitor uma *visão panorâmica* do *estado das coisas* em dada temática de pesquisa. Esse panorama, por vezes denominado sobrevoo, é fundamental para que nós, geógrafos, saibamos o que se faz e se produz em diferentes lugares, regiões e, ainda, em temporalidades distintas no desenrolar da coisa acadêmica, conhecida também como fatos científicos. Nem sempre nosso lugar comporta o mundo e, então, com certa medida, precisamos sobrevoar outros lugares e ideias para que possamos compreendê-los em relação ao nosso próprio eu.

Entendemos, também, que a plasticidade [por sua amplitude conceitual] do termo *pensamento geográfico* necessita de investigações que o descortine à luz de todos. Nesse sentido, acreditamos que a elaboração de um produto didático promova o conhecimento e o interesse de jovens geógrafos quanto ao universo de que trata o tema desta tese. Vejam-se as seguintes questões: O que é pensamento geográfico? O que é pensar? Quem estudou o pensamento geográfico no Brasil? – indagações relativamente simples, mas fundamentais à compreensão do escopo da ciência geográfica. Procuramos, de diferentes modos e de forma sensível, responder essas dúvidas. Para tanto, realizou-se um mapeamento de toda produção acadêmica brasileira[5]. Nos anexos e apêndices ao final deste trabalho, é possível consultar cronologicamente os estudos que tiveram o pensamento geográfico como um objeto de estudo, assim como sua distribuição em diferentes

[5] Dissertações e teses em Geografia.

categorias e variáveis temáticas.

Na esteira desse intento, emerge nosso segundo propósito, movimentado pela seguinte questão: *Como construir um juízo sobre uma multidão?* Sabe-se, hoje, que há muitas escolas de formação de mestres e doutores em Geografia, o que torna a compreensão do "pensamento geográfico brasileiro e seus geógrafos" um empreendimento ousado e, por assim dizer, inexequível a uma única tese. Além dos muitos sujeitos envolvidos na construção do pensamento geográfico brasileiro, as ideias não são estáticas e, a cada tempo, vão surgindo novos geógrafos. O devir, consequentemente, passa a fazer parte do jogo, pois não só o tempo passado é do interesse da filosofia da ciência, mas também os caminhos ainda vindouros. Assim, é necessário que reformulemos a questão do respectivo modo: *Como construir um juízo sobre uma multidão em constante mudança?* É necessário desenvolver, pois, um modo de pensar que compreenda as determinações da totalidade em devir.

Nosso modo de pensar, conforme apontaremos em detalhes mais adiante, é estruturado através de quatro termos: saber, raízes, constelações e nervuras. Em sincronia, formam o que denominamos de *raízes constelatórias do saber*. As raízes representam os elementos pretéritos – o tempo – personificados em geógrafos e seus temas investigados. A constelação é o fio que conecta cada alma do passado às presentificadas. No interior das constelações, certos acontecimentos se destacam. Aqui, damos ênfase à tensão da existência humana em relação ao exercício científico, tensão esta que denominamos de nervura.

Sabemos que os conflitos são inerentes à nossa existência. Toda criatura, em sua condição de vida, vê-se diante de tensões, ora consigo, ora com um outro. Produzir conhecimento é um movimento que tenciona a própria vida e, como tal, não é destituído de antonímias. A conflitualidade, portanto, não é apenas sinônimo de problema, mas também de vida. Sua ausência pode indicar um entrevero, uma normalidade que é estranha à própria condição de existência dos seres.

A tensão do próprio existir é pensada, por vezes, em relação aos macros movimentos da história, sendo certas particularidades perdidas no movimento conduzido pela totalidade. Propomos, neste trabalho, reunir essas partículas aparentemente perdidas na história recente da Geografia brasileira e elevá-las à condição de nervuras, pois entendemos que a relação, ainda que pequena e íntima do processo de orientação – orientando & orientador –, pode revelar elementos pouco observados pelos estudiosos das relações acadêmicas no interior de nossa Geografia. Esse modo de pensar, por sua própria limitação, restringe-se à

[5] Dissertações e teses em Geografia.

contemplação do objeto, galgando, em rápidos momentos, tentativas de julgamento que se esvanecem diante do fluxo constante da abundância dos acontecimentos.

A organização e a estrutura desta tese foram pensadas, unicamente, com base na possibilidade de o leitor compreender panoramicamente o desenrolar de um objeto de pesquisa nas investigações dos geógrafos. Certos juízos de outras ordens podem, naturalmente, aparecer concatenados através dos desvios do autor em suas digressões, por vezes, exageradas. Nossa intenção, nesses momentos de exageros, foi a de apenas incluir e lembrar o leitor sobre as confluências infinitas que antecedem os fatos em seu acontecer.

Alertamos que a leitura não necessita ser linear, podendo, à vontade do leitor, escolher os pedaços que mais lhe agradam, até porque a presente tese não deixa de ser um trabalho de consulta e de carácter bibliográfico. Por isso, também, estruturamos o último capítulo em cinco categorias: I) forma; II) clima; III) terra; IV) psique e V) método. Cada uma dessas categorias trata de um tom temático na Geografia produzida no Brasil. Parecem, se observadas separadamente, de pouco diálogo entre si, uma vez que construímos narrativas particulares para cada qual. Por conta dessa aparente distopia de diálogo, o leitor precisa compreender que "Geografia brasileira" é uma totalidade dentro da qual os sujeitos-geógrafos são ligados através da/pela Geografia, conformando sua identidade científica, que será eterna à história da ciência. Tratamos de partes, mas reconhecemos o lugar de cada uma nessa totalidade que está em pleno devir, que é a Geografia brasileira. Procuramos representar, de forma imagética, cada constelação, de modo que o leitor possa identificar facilmente que deixamos muita coisa ainda a ser pesquisada e discutida. Em cada finalização das constelações, raramente estabelecemos um juízo definitivo, pois consideramos que o congelamento de tudo em nome de conclusões finais petrifica o real em razão de uma orientação científica que, em verdade, violenta a manifestação da realidade através do pensar e do conhecer. Buscamos, a cada finalização, deixar o fluxo das coisas em aberto, passível de outras inclusões e modificações.

Representar o devir em relação com o pretérito é o terceiro propósito de nossa tese, o que chamamos de *presente contínuo do passado vindouro das raízes constelatórias do saber*. É, em outros termos, um exercício que procura evocar coisas do passado que ainda não foram ditas, as quais, através da pesquisa, podem vir à superfície do hoje, conectando-se através dos sujeitos presentificados. O vindouro é a manifestação do porvir, ou seja, os novos sujeitos-geógrafos que

surgirão e passarão a fazer parte do pensamento geográfico. Para representar esses "três tempos", atribuímos e procuramos permanecer em estado de prelibação e expectação diante do objeto, conforme poderá ser observado na *constelação síntese* (consultar página 429), que unifica as anteriores em um único tom.

A *constelação síntese* é o pressuposto principal da nossa hipótese, isto é: não se compreende unidades isoladas, mas em coexistência, não se entende, portanto, estrelas solitárias mas em constelações. Existir supõe coexistir. Nossa tese, em outros termos, é criação e revelação de um *estado de expectativa* através de um modo de pensar que se revela através de nervuras.

Partindo de 1944, momento de defesa da primeira tese de doutorado em Geografia no Brasil, até 2019 (75 anos), a pós-graduação em Geografia e a respectiva produção de dissertações e teses completa sete décadas de existência. Mais de dez mil trabalhos, entre dissertações e teses, foram defendidos e concluídos, novos temas de pesquisas foram sendo integrados, outros eliminados, metamorfoses, avanços e recuos acometeram a pós-graduação em Geografia no Brasil, desenhando a atual imagem das pesquisas de que hoje somos parte – uma produção bastante expressiva que, em sua totalidade, é uma verdadeira incógnita a ser decifrada. Esta pesquisa tem como propósito compreender uma pequena fração desse todo. Esse exercício, todavia, pode ser realizado de diversos modos, variando com a temática e o tempo escolhidos à investigação dessa produção.

Selecionamos o que comumente é conhecido como estudo do *pensamento geográfico*. Entendemos que investigações dessa natureza representam uma temática de pesquisa na Geografia acadêmica. Contudo, não é um tema que se apresenta de modo claro e, além disso, faz par com outro termo não menos complexo: o *conhecimento geográfico*. Este trabalho, assim, objetiva mapear a produção de dissertações e teses de 1944 até o final de 2014, cuja temática é o pensamento e o conhecimento geográfico como objetos de estudo. A expressividade desse tipo de investigação, bem como os limites e possibilidades dos termos pensamento e conhecimento *como objetos*, tornou-se um dos tópicos desenvolvidos nos capítulos deste trabalho.

A presente tese divide-se em três momentos: I) um primeiro, mais filosófico e conceitual [capítulos 1, 2, 3 e 4]; II) um segundo, descritivo [capítulos 5, 6 e 7]; III) e o terceiro, propositivo e analítico [capítulos 8 e 9]. Essa divisão não deve ser vista com muita rigidez, afinal, a análise e a descrição percorrem, de certo modo, todo o trabalho, porém ganham maior destaque nos momentos os quais destacamos.

No primeiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada e os recortes efetuados. Nos capítulos 2, 3 e 4, apresentamos nosso entendimento em torno da relação do pensamento e do conhecimento, bem como o respectivo desdobramento destes no *saber*, esmiuçando e revelando os significados do *geográfico* nos três casos, rumando aproximações ao *saber geográfico*.

O capítulo 5 tem descrita e analisada a produção total de dissertações e teses em todos os programas de pós-graduação no Brasil, da gênese até o final de 2014. No capítulo 6, nos dedicamos aos trabalhos referentes à *história* e aos debates *teórico-conceituais e propositivos* do saber geográfico.

É um empreendimento que objetiva construir e contribuir com um o quadro panorâmico e sistematizado das dissertações e teses produzidas no Brasil na referida temática, revelando os autores, instituições nas quais foram realizadas, temas estudados, orientadores etc.

O capítulo 7 revela o *lugar* da produção das dissertações e teses (objeto), *quando* foram realizadas, *quem* orientou e participou das bancas, traduzindo-se, assim, como um capítulo *balanço* dos anteriores. Esses sete capítulos, assim, têm três objetivos principais: I) entender o conhecer e o pensar como objeto no âmbito das ciências e da filosofia; II) comprovar que o saber é uma síntese do conhecer e do pensar enquanto objeto III) *descrever* a produção acadêmica brasileira (dissertações e teses) em sua totalidade e, respectivamente, identificar os trabalhos que tiveram o saber com objeto.

Esses capítulos, portanto, almejam possibilitar uma visão geral dos estudos históricos e teórico-conceituais e propositivos do saber geográfico, expressos em dissertações e teses na pós-graduação em Geografia no Brasil. Expoem-se, assim, as teorias, conceitos, métodos e categorias estudadas e propostas, bem como os geógrafos, instituições, escolas, correntes e as respectivas relações com os instrumentos e ferramentas de investigação: antropologia do conhecimento, epistemologia, gnosiologia, história intelectual e da ciência, ontologia e a sociologia do conhecimento etc.

Os capítulos 8 e 9 figuram-se como o último momento da nossa investigação. Entendemos que os autores e seus respectivos objetos de análise não estão fora do tempo e do espaço – uma vez que são produtos de um patrimônio histórico que os antecede, pois há o que chamamos de *raízes* –, dos quais são inextricavelmente herdeiros. Essas raízes, todavia, não respondem e tampouco permitem decifrar o atual estado da Geografia brasileira. Tais raízes foram propulsoras do nascimento de *constelações* de geógrafos que têm como identidade um tema de pesquisa em comum. Essas constelações são animadas por determinadas *tensões* inerentes à atividade científica. Denominamos essas tensões de *nervuras*. Nesse sentido, a parte final desta tese resume-se em três conceitos: *raízes, constelações e nervuras*; cuja sustentação que os segura é o saber geográfico.

Capítulo I

Metodologia e Possibilidades de um Programa de Pesquisa

1.1 Seleção e critérios

O propósito deste trabalho reside na tentativa de compreender o que vem sendo um conjunto de estudos os quais se intitulam como *história do pensamento geográfico*, *epistemologia da Geografia* ou, simplesmente, *teoria e método dos estudos geográficos*. Essas expressões, comumente recorrentes no vocabulário dos geógrafos, constituem-se em estudos essencialmente históricos da Geografia, almejando compreender autores, tradições, correntes, paradigmas, conceitos, categorias, versando um enredo que perpassa a contribuição científica, indo das obras de arte a letras de canções enquanto objeto de análise, numa procura do que tem de geográfico no real. Estes termos – história, epistemologia, teoria e método – ligam-se a outras frentes de investigação, cujos diálogos desenham uma *temática de pesquisa* como outras tantas então presentes na Geografia acadêmica.

O *pensamento geográfico* é uma das palavras-chave desses estudos cuja utilização aparece em maior número. Evidentemente que *pensar geograficamente*, de longe, não pertence unicamente ao ofício do geógrafo e, assim, encontraríamos Geografia onde há o pensar e o situar-se em algum lugar, espaço, território sobre o qual se constroem discursos. Essa condição enriquece, ao passo que também coloca um desafio aos historiadores (geógrafos) das ideias e dos fatos geográficos frente a um leque amplo a se explorar. Nesse explorar, a pós-graduação brasileira materializou ideias e experiências em dissertações e teses, as mais diferentes perspectivas, definindo e contribuindo com os rumos da pesquisa em Geografia no Brasil. O material que analisamos compõe-se, em suma, das dissertações e teses defendidas em Geografia no Brasil, fonte donde fluíram nossas reflexões no presente trabalho.

No início da proposição desta pesquisa, dois caminhos apresentaram-se como possíveis, embora distintos. Por um lado, a produção de dissertações e teses inaugurada com a primeira defesa de Maria da Conceição Vicente de Carvalho, em 1944, no Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo – USP, até as mais recentes, conformam aproximadamente doze mil trabalhos entre dissertações e teses defendidas no Brasil[6], constituindo a imagem material e discursiva do pensamento/conhecimento geográfico brasileiro em termos de pós-graduação, ou seja, este total (doze mil defesas), e seu consequente estudo, configuraria um possível caminho para entender o estado do conhecimento geográfico brasileiro através da pós-graduação (dissertações e teses) em sua totalidade. Esse caminho, contudo, pela amplitude de trabalhos e pelo tempo que nos valeu, é impossível e por demais pretencioso para o momento.

[6] Contabilizamos até o ano de 2014 essa referida quantidade, que será demonstrada com maiores detalhes no capítulo quatro.

O outro caminho, que aqui trilhamos, procurou identificar trabalhos que estudaram a *história do pensamento/conhecimento geográfico brasileiro*. É a história que suleou esta pesquisa. Desse modo, foi necessário que delimitássemos *o que*, então, compreenderia um trabalho sobre *história do pensamento/conhecimento geográfico*, os capítulos 2 e 3 procuraram responder a esse desafio. Como afirmamos, a *história* guiou nosso primeiro levantamento sobre os estudos que constituem tal gênero de pesquisa como objeto. Ademais, a partir do primeiro levantamento, abraçamos a hipótese de que as pesquisas apenas históricas das práticas e das ideias geográficas não incluíam, como imaginávamos, a totalidade que esse gênero de pesquisa representa atualmente no universo investigativo realizado pelos geógrafos na referida temática.

Desse modo, junto aos estudos históricos, consideramos também como ligado ao tema as abordagens de pesquisa epistemológicas, ontológicas e conceituais (que são, indiscutivelmente, para muitos geógrafos, estudos do pensamento/conhecimento geográfico). O tom dessas pesquisas, diferentemente das históricas, são, quase sempre, de caráter propositivo, orientado por problemas filosóficos e sociológicos da Geografia no período de então. Isso não descarta a relação com a história, tampouco dos estudos históricos com tais problemas, de fundamento teórico-conceitual. Além do que já dissemos, pode-se incluir sem temeridade a preocupação, por parte dos geógrafos, com os procedimentos e metodologias, o método, as técnicas no trabalho do geógrafo, relações com a arte e o senso comum, bem como, no caso da filosofia, da presença de reflexões gnosiológicas e da teoria do conhecimento. São, decerto, universos que representam, hoje, dois caminhos de pesquisa que se cruzam, cujas relações são tênues e de difícil separação, mas que também não podem se confundir.

Mediante este breve panorama que rapidamente apresentamos entre as pesquisas históricas ligadas, como se supõe, a dimensão do tempo passado das práticas dos geógrafos, tal como as ideias geográficas e de todo ato de pensar e conhecer geográfico oriundo de diferentes fontes, materializando-se, consequentemente, de diferentes formas e em lugares, os mais diversos, representando o campo de atuação, em nosso entender, histórico nessa temática de pesquisa. Caminhando ao lado desta, temos as pesquisas *teórico-conceituais* e *propositivas*[7], cuja ligação com a filosofia e a sociologia representa, entre outros domínios do saber, um maior diálogo em quase toda sua extensão de análise e de apoio. Cabe ponderar e lembrar que houve pesquisas que se dedicaram à compreensão do "estado do conhecimento" ou "estado da arte", as quais não são necessariamente históricas, de modo que também não podemos

[7] Nos capítulos três e quatro é pormenorizada a metodologia que utilizamos para capturar dissertações e teses neste gênero de estudo.

classificá-las como teórico-conceituais e propositivas, mas que, aqui, podem ser vistas como uma zona de contato entre essas duas frentes de pesquisa.

Nas pesquisas teórico-conceituais e propositivas, o universo é mais movediço quando pretendemos capturar dissertações e teses classificadas, neste caso, como "teóricas e conceituais". Afirmar que uma dissertação é conceitual ou teórica demanda um conjunto de critérios muito bem definidos para que não cometamos equívocos no plano do método e do pensamento do autor que elaborou determinada dissertação ou tese. Não faz parte do caráter deste trabalho determinar se dado geógrafo foi "teórico" ou não em seu exercício intelectual e, de outro ponto de vista, afirmar que a pesquisa tenha sido apenas "empírica". O nosso interesse é outro. O propósito é reunir os trabalhos que se dedicaram à compreensão – *como objeto* – de conceitos e categorias mais recorrentes na Geografia: neste caso, é importante o esclarecimento; referimo-nos a paisagem, lugar, região, território e espaço.

Ainda assim não descartamos o exercício de reunir em um quadro separado trabalhos que se dedicaram a outros conceitos, como o de natureza, o conceito de camponês, entre outros; no entanto, cabe aqui repetir que nossa atenção mirou os conceitos mais recorrentes na Geografia, como referido acima.

Reunimos, também, em outro quadro, os trabalhos cujo objetivo foi a aplicação dos conceitos e categorias no ensino de Geografia, nos quais, ainda assim, tais conceitos ou categorias fossem o *objeto* do estudo.

Além desses elementos, as pesquisas teóricos-conceituais e propositivas não se centram unicamente nos conceitos e categorias da Geografia; ocupam-se, ainda, dos modos de estudar tais conceitos e categorias, do *papel* e *limites* tal como a origem do conhecimento geográfico. Ademais, detêm-se às relações da Geografia com a arte e o senso comum, à Geografia no rol das outras ciências e do papel político deste gênero do saber na sociedade em geral, exercício que cabe à epistemologia, ontologia, e gnosiologia/teoria do conhecimento etc. Procuramos, pois, reunir dissertações e teses nessas temáticas como constituintes do que estamos chamando de teórico-conceitual e propositivo.

Vale, agora, esclarecermos o último elemento no plano teórico-metodológico de nossa proposta de trabalho. De maneira geral, os geógrafos dedicados a essas problemáticas referem-se, enquanto objeto, à história de um pensamento ou de um conhecimento, podendo tal pensamento ou conhecimento ser, por exemplo, de toda a disciplina ou de apenas um sujeito, por isso o fato de alguns utilizarem a denominação "história do pensamento geográfico". Surgem,

assim, algumas questões: há diferenças entre uma história do pensamento e outra do conhecimento geográfico? Essas duas terminologias são sinônimas? Caso pensamento e conhecimento geográfico não sejam sinônimos, em que consistiriam suas diferenças?

Sugerimos, assim, um outro termo como possibilidade resolutiva desse emblema entre o pensar e o conhecer, que foi aplicado neste trabalho. Optamos, aqui, pelo termo saber. Como síntese do pensar e do conhecer nasce um saber, em nosso caso, o *saber geográfico*.

O saber, apresentando-o de modo breve, considerando o pensamento e o conhecimento, para nós é o objeto – o elo – que resume essas duas faculdades anteriores, cabendo a cada geógrafo, em seus estudos, dizer se determinado saber é ou não geográfico, se o referido teve peso no desenvolvimento ou recuo da Geografia e da sociedade em geral na história e no período de então. O saber geográfico que é transmitido e modificado no marchar da história é, atualmente, objeto de questionamentos e, portanto, de pesquisas. É o termo que utilizamos no decorrer de todo o trabalho. No capítulo 2 e 3, detalhamos cada um desses três termos e sua respectiva utilização pelos geógrafos.

A pós-graduação brasileira, fonte das dissertações e teses aqui utilizadas, tem uma história relativamente curta (SCHWARTZMAN, 1976). Considerando a partir da primeira defesa em 1944 até 2014, que é o ano que fecha nosso recorte temporal, totalizam-se setenta anos. Os motivos da escolha desse recorte temporal é o que será esclarecido no próximo item.

1.2 Tempo

Diferentemente de outras temáticas de pesquisa cujo estabelecimento em departamentos e grupos de pesquisa detém uma história, de certo modo, melhor estabelecida, como por exemplo a Geografia urbana ou a Geografia agrária, os estudos históricos e teórico-conceituais e propositivos do saber geográfico geralmente representam uma expressividade menor, cujo resultado em alguns casos é de inexistência em algumas universidades. Isso pode variar, indiscutivelmente, com os propósitos de cada departamento e/ou pós-graduação – muitas vezes alguns cursos de Geografia, seja de graduação ou pós-graduação, são criados visando suprir a limitação de conhecimentos ou resolução de problemas de determinada região da qual farão parte. Basta observarmos as linhas e os objetos

de pesquisa em dissertações e teses em diferentes programas de pós-graduação. Notaremos uma enorme diferença nos objetos pesquisados das dissertações defendidas na Universidade Federal do Amazonas – UFAM e, de outro ponto de vista, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por exemplo.

O fato da inexistência de um grupo ou uma linha de pesquisa histórica e teórico-conceitual e propositiva nos cumpre observar que pesquisas individuais sempre existiram, mais do que isso: muitos avanços em determinados domínios de estudo da Geografia (seja na climatologia, Geografia urbana etc.) fluíram de dentro dessas áreas, não requerendo, necessariamente, de um pesquisador "profissional" em pensamento geográfico.

A pequena expressividade de trabalhos históricos e teórico-conceituais pode ser constatada por levantamentos anteriores ao que realizamos neste trabalho. Esses estudos sempre apresentaram um diminuto volume (MONTEIRO, 1980; SILVA, 1984; MAUREL, 1984; BAHIANA, 1992; ABREU, 1994; CARVALHO, 2009) quando comparado a outros domínios da Geografia, seja em dissertações e teses, revistas ou livros.

Esse fato se confirmou com o primeiro levantamento realizado, no qual constatamos, em um universo de nove mil trabalhos (partindo da década de noventa), pouco mais de uma centena de dissertações e teses dessa natureza. Isso posto, decidimos, então, iniciar o levantamento a partir da primeira defesa, isto é, 1944. Contudo, não houve aumento significativo de trabalhos, visto que as defesas até meados da década de oitenta ainda se concentravam no Departamento de Geografia da USP – tanto é que a primeira defesa (dissertação) teórico-conceitual e propositiva do saber geográfico foi defendida em 1978, na Universidade do Rio de Janeiro, por Olindina Vianna Mesquita[8]. O aumento de trabalhos apresentou-se maior quando decidimos incluir pesquisas teórico-conceituais e propositivas. Quanto a defesas de tese, julgamos como sendo a primeira a livre-docência de Milton Santos, *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia*, defendida em 1960[9], tese esta que teve como objeto o conceito de região.

Posteriormente à defesa de Milton Santos, somente em 1974, quatorze anos depois, houve outra – neste caso, a do geógrafo e historiador Bernardo Issler com a tese *A Geografia e os Estudos Sociais*[10].

[8] *O Estado Isolado de von Thünen: uma discussão*, sob orientação Maria do Carmo Corrêa Galvão.
[9] Em fins da década de 1950, Milton inscreve-se no concurso para livre-docência da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, mas surpreendentemente o concurso não se realiza, por razões que o professor Délio Pinheiro classifica como vinculadas a uma "oligárquica e segregacionista sociedade baiana de belas gravatas e verdades encobertas". Milton Santos recorre à justiça, tendo como advogado o então Deputado Federal e futuro Senador Nelson Carneiro, vencendo em todas as instâncias e tendo se submetido com brilhantismo ao concurso em 1960, com a tese *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia* (SILVA, 2002).
[10] Esta tese relaciona a Geografia, o Ensino e, à época, o que se chamava de Estudos Sociais, num exercício de contextualização histórica de cada uma dessas áreas.

Como ponto de chegada, selecionamos o ano de 2014, momento de elaboração do projeto desta tese. Com esse ponto de chegada, foi possível acompanharmos as metamorfoses, recuos e avanços dos estudos inerentes ao *saber geográfico como objeto*. Esse período do tempo nos permitiu – dada a pouca expressividade, até o final dos anos noventa, de estudos dessa natureza – fazer um paralelo entre o que se pesquisava (e quem pesquisava) e o que se pesquisa (e quem pesquisa atualmente). Contudo, se o tempo considerado nesta pesquisa não se mostrou um problema, é importante discutirmos um pouco sobre a concreta ampliação dos programas de pós-graduação e as dezenas de limitações de seus acervos e banco de dados, onde se encontram as dissertações e teses.

1.3 Programas de pós-graduação e a busca de dissertações e teses

Se o material de análise desta pesquisa são dissertações e teses, é importante que compreendamos os fatores que lhes deram vida. Os programas de pós-graduação, em específico os de Geografia, são, sem nenhuma dúvida, determinantes quanto a esse aspecto. Embora, anteriormente à implantação propriamente dita desses programas, muitas outras instituições as antecederam, além do que, também, condicionantes tanto políticos quanto econômicos motivaram a criação das mesmas. É sabido o singular papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, criado em 1838, da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, criada em 1934 em sincronia com o curso de graduação em Geografia na USP, os quais atuaram profundamente na construção da Geografia brasileira.

Cabe destacar, junto a essas entidades, o papel do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, criado em 1936. Todas essas instituições foram objeto de uma variedade de estudos concretizados em dissertações e teses (PENHA, 1992; ZUSMAN, 1996; PEREIRA, 1997, 2003; ALMEIDA, 2000; ANTUNES, 2008).

Aliou-se, certamente, no caso da promoção da pós-graduação no Brasil, à criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, em 1949, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em 1951.

Lembramos, rapidamente, essas instituições e órgãos para que compreendamos, pois, aquela que, no caso da Geografia, talvez seja a mais importante em termos de pós-graduação: referimo-nos à Associação Nacional de

Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE. Suas antecessoras tiveram, cada uma a seu modo, exímia representação como propulsoras ao nascimento da ANPEGE; porém, em 1984, em São Paulo, de 16 a 18 de dezembro, guardadas todas as particularidades do momento, a história dessa instituição efetiva-se, definitivamente, na memória do percurso histórico da Geografia brasileira. Coube, contudo, além dos processos já citados, a um grupo de geógrafos arquitetar um encontro nacional de pós-graduação em Geografia.

Em 1984, acontecera o *Primeiro*[11] *Encontro Nacional de Pós-graduação em Geografia*[12] – o título oficial de instituição ainda não havia se efetivado, mas as sementes, certamente, foram lançadas, cujo florescer, então, se deu em 1993, na cidade de Florianópolis.

De 1984 até a criação do Encontro em 1993, ocorreram mais três encontros. Atualmente, 2018, passados 25 anos, a Instituição é portadora e provedora de dados e publicações referentes à pós-graduação em Geografia no Brasil. Este breve histórico é fundamental para que possamos entender os 59 programas de pós-graduação existentes hoje na Geografia brasileira e, consequentemente, a produção de dissertações e teses e, assim, nossos procedimentos metodológicos de busca.

Essa quantidade de programas, no Brasil, apresenta-se desproporcionalmente em cada região, dado que desenha singularidades e diferenças em cada programa. Devemos, ao colocarmos em um mesmo quadro 59 programas de pós-graduação, considerar o tempo de existência, a distribuição de recursos etc. E mais:

> Julgo, porém, que não há porque haver definições de pós-graduação. Na medida em que a pós-graduação se define como um centro de excelência de cada universidade, ela vai se fazendo e reformulando, na medida em que as suas lentes vão elaborando e redefinindo o seu pensamento (SANTOS, 1984, p. 296).

Santos (1984) chama atenção ao fato de que o modelo de cada pós-graduação é ela própria. Ela se aperfeiçoa em função do modelo que ela mesma vai elaborando, e não em função de um modelo externo a ela.

Todos esses fatos determinaram, e ainda determinam, em cada programa de pós-graduação, as linhas de pesquisa, os objetos pesquisados, a quantidade de defesas tanto no mestrado quanto no doutorado – fatores importantes para explicarmos os modos que colhemos, tabulamos e classificamosas dissertações e as teses.

[11] Cerca de 140 pessoas se inscreveram no I Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia e apenas 20, aproximadamente, não compareceram em nenhuma das atividades programadas, o que atinge uma cifra de frequência, ao evento, ao redor de 80% (Anais ANPEGE, p. 9, 1984).

[12] I Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia, São Paulo, Anais, 1984. USP.

1.4 Banco de dados

Hoje, no Brasil, há seis meios/formas de chegarmos e realizarmos levantamentos de dissertações e teses, especificamente no caso da Geografia. Na realidade, esses meios são bancos de informações que, em sua totalidade, apresentaram-se incompletos. Tivemos que cruzar as informações para completarmos os anos incompletos em outros bancos de dados. Do mesmo modo, com tal procedimento (de cruzamento de dados), detectamos as repetições, exclusões e referências com lacunas.

Assim, é necessário apresentar os problemas e possibilidades das ferramentas utilizadas para chegarmos às dissertações e teses.

1. O Banco de Teses da CAPES (http://bancodeteses.capes.gov.br/) comporta somente dados entre 1987 e 2014.

2. Os relatórios, como uma outra forma de busca, contêm dados apenas a partir de 1998, não sendo possível uma pesquisa interativa e rápida. (Não estão atualizados).

3. A Plataforma Sucupira (https://sucupira.capes.gov.br) comporta somente dissertações e teses entre 2013 e 2014. (Em 2013, em alguns programas, os dados são limitados).

4. A necessidade de ir programa a programa coletando os dados nos respectivos *websites*. (As informações são quase sempre incompletas).

5. A necessidade de ir às bibliotecas de cada programa. (Muitos catálogos não diferenciam tese de dissertação, assim como as áreas do conhecimento nas quais foram defendidas).

6. A matriz do banco de dados da CAPES que compreende apenas os anos de 1987 a 2012. (Também contendo uma série de problemas, como duplicatas, ausências etc.).

Na primeira alternativa (*Banco de Teses da Capes*), como já mencionado, há informações entre 1987 e 2014 – este recorte, todavia, além de incompleto nas informações, apresenta uma quantidade expressiva de duplicatas.

A segunda alternativa são os relatórios da CAPES, os quais, atualmente, estão desativados[13]. Nesses relatórios, foi possível detectar, a cada ano, as defesas ocorridas em cada programa de pós-graduação em Geografia no Brasil cadastrados na CAPES. Contudo, esses relatórios apenas continham informações a partir de

[13] Anteriores a 2013, a Plataforma Sucupira disponibiliza relatórios a partir desse ano.

1998 até 2012. Conseguimos, felizmente, acessar esses relatórios antes de sua retirada pela CAPES.

A terceira alternativa vem a ser uma inovação das duas anteriores; no entanto, somente é possível consultar dados a partir de 2013. O banco de dados em questão é a Plataforma Sucupira[14], gerida pela CAPES.

A quarta forma é mais trabalhosa, contudo possibilita um contato mais próximo com os programas de pós-graduação. Trata-se do procedimento de ir programa a programa, em cada pós-graduação, visitando os respectivos *websites*. Nesse exercício, notamos muitos programas que não detinham um *website* disponibilizando as listas de defesas. Outros, inclusive, apresentavam dados que não compatibilizavam com os emitidos pelos relatórios da CAPES.

O quinto modo de levantamento de dissertações e teses liga-se com o anterior, porém não é menos trabalhoso e defeituoso. Referimo-nos às bibliotecas onde se encontram os programas. A dificuldade que encontramos consistiu na mistura de dissertações e teses nos acervos dessas bibliotecas. Não havia, muitas vezes, a separação por áreas do conhecimento – existia, nesses casos, apenas o título nos catálogos, o que, para nós, só foi utilizado como última opção.

O último e sexto modo só foi possível devido a um contato que tivemos com a CAPES. Por meio desse contato, a CAPES nos disponibilizou a matriz de seu banco de dados. Essa matriz nos foi enviada em formato de *Excel*, possibilitando uma maior interatividade com as informações. A matriz compreende os anos de 1987 até 2012.

Utilizamos, na medida do possível, todos esses meios. Cruzamos as informações e, assim, somente assim, chegamos, portanto, às dissertações e teses de nosso interesse, bem como à realização do recenseamento de toda a produção brasileira de dissertações e teses em Geografia.

1.5 Dissertações e teses

Anterior a qualquer contato com os bancos de dados dos programas, decidimos, primeiramente, analisar trabalhos de autores que realizaram semelhante busca na temática que aqui nos propomos e em outros domínios, a saber: Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (Geografia Agrária – 1998); Flaviana Gasparotti Nunes (Geografia Econômica – 2000/2004); Antonio Carlos Pinheiro (Ensino de Geografia – 2003); Deise Fabiana Ely (Climatologia – 2006);

[14] Esta plataforma agrega informações dos programas de pós-graduação do Brasil, indo desde linhas de pesquisas, discentes e docentes até as produções bibliográficas.

Kalina Salaib Springer (Geografia e Natureza – 2008); Valéria de Meira Albach (Geografia do Turismo – 2010) e Janaína Francisca de Souza Campos Vinha (Geografia Agrária – 2012). Analisamos a metodologia de cada um desses trabalhos (dissertações e teses), em todas suas temáticas – inclusive, os estudos históricos e teóricos-conceituais e propositivos do saber geográfico eram, em número, o de menor quantidade quando ocorria de haver trabalhos.

Sobre a produção em história do pensamento geográfico, houve levantamento realizado por Rui Ribeiro de Campos (2004) e Antônio Alfredo Teles de Carvalho (2007), que apresentam apenas um caráter introdutório ao tema, entretanto, no caso de Carvalho (2007), seu estudo pode ser considerado o mais próximo à natureza de nossa proposta. Carvalho (2007) dedicou um capítulo de sua tese de doutorado[15] à compreensão da produção de dissertações e teses ligadas à história do pensamento geográfico, no entanto, o principal objeto de estudo de sua tese foi o médico e geógrafo Josué de Castro e a inclusão da fome nos estudos geográficos.

Houve reflexões de outros geógrafos, publicadas em revistas, boletins etc., a exemplo: MONTEIRO, 1980; SILVA, 1984; MAUREL, 1984 e BAHIANA, 1992. Com toda essa bibliografia, notamos que ora tal pesquisador relacionava seus estudos referentes ao pensamento geográfico apenas às questões teórico-conceituais e propositivas, ora voltava-se para a história do pensamento. Outro problema é a transmissão da informação. Alguns estudos apenas demonstravam dados estatísticos, não fazendo referência aos nomes dos autores, instituições promovedoras, etc. – simplesmente referiam-se, por exemplo, a "10% de estudos teóricos-conceituais".

Voltando às dissertações e teses, ocorreu de notarmos outro problema – este também de ordem estatística. Independentemente de qualquer que seja a quantidade de dissertações e teses direcionadas à compreensão do saber geográfico, qual seria, pois, sua expressão no todo, isto é, qual é de fato a quantidade de dissertações e teses em Geografia produzidas no Brasil ao longo de toda a história da pós-graduação?

Não encontramos resposta a esta pergunta. Tivemos, dado tal debilidade, que realizar um recenseamento na base de dados de todos os programas em Geografia no Brasil e em outros órgãos ligados à pós-graduação.

Em primeiro lugar, vale lembrar que iniciamos a busca a partir de 1944, procurando trabalhos históricos e teórico-conceituais e propositivos do saber geográfico. Realizamos esse levantamento até o final de 2014, à época com 58 programas de pós-graduação no Brasil. Organizamos todo o material por meio do

[15] *O Pão nosso de cada dia nos dai hoje...Josué de Castro e a Inclusão da Fome nos Estudos Geográficos no Brasil.* Tese, USP, 2007.

programa *EXCEL 2013*, cujas variáveis foram: nome do autor, título do trabalho, tipo do trabalho (se é uma dissertação ou tese), instituição de defesa, ano de defesa, orientador (neste caso, quando houve coorientação, consideramos apenas o primeiro orientador), banca examinadora, palavras-chave, estado da federação a que pertence a instituição). De todas essas variáveis, a banca examinadora foi a que mais demandou estratégias de busca.

Cada uma dessas variáveis nos possibilitou construir quadros, mapas, gráficos e tabelas de cada qual. Foi possível, por exemplo, ver o tipo de pesquisa mais predominante em determinada instituição, os geógrafos que mais orientaram, etc.

Após essa primeira tabulação, separamos as dissertações das teses em dois quadros para, detalhadamente, compreendermos as diferenças e/ou semelhanças inerentes a cada gênero de formação acadêmica. Esse levantamento, repetimos, realizou-se apenas nos programas de pós-graduação em Geografia.

Para que o levantamento comportasse maiores detalhes, além dos critérios já esboçados de modo breve na primeira parte deste capítulo, tivemos que ler algumas dissertações e teses, embora, muitas vezes, apenas o resumo, sumário e bibliografia já revelasse a natureza do trabalho.

Como já dito, iniciamos em 1944 até o final de 2014. Respeitamos a série histórica, contudo dividimos as análises em dois blocos temporais: dissertações e teses produzidas e defendidas até 1997, e outro bloco de análise de 1998 até 2014. Essa separação ocorreu de modo sistemático no todo da produção de dissertações e teses e nas inerentes ao saber geográfico – assim o fizemos pois torna-se detectável o salto da produção de dissertações e teses no Brasil. A produção em seu todo, com o recorte temporal em questão, repetiu-se na confecção dos mapas, gráficos e tabelas, analisados detalhadamente no capítulo 4.

No Quadro 1, representamos a expressividade da produção brasileira de dissertações e teses na totalidade até 1997, e aquelas referentes ao saber geográfico.

Quadro 1: Número de dissertações e teses: totalidade e Saber Geográfico até 1997.

TIPO	ANOS	TOTALIDADE	SABER GEOGRÁFICO	%
DISSERTAÇÕES	1965-1997	1054	50	4,7
TESES	1944-1997	276	17	6,1

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES (1986-1997).
Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino.

Em linhas gerais, como representado no quadro, o número de dissertações defendidas é bem superior à quantidade de teses, repercutindo no número de defesas que se dedicaram ao saber geográfico. A expressão percentual de dissertações sobre o saber geográfico nesse período comparada à totalidade é de 4,7%, não tão diferente da porcentagem de teses que representam – apenas 6,1%. Outro dado importante é o fato das defesas de dissertações terem se iniciado em 1965; já as teses se iniciaram 21 anos antes, com todas as particularidades do momento.

O segundo bloco analítico tem uma diminuta mudança no corte, que vai de 1998 até 2014. Do ponto de vista da produção de dissertações defendidas no Brasil, o aumento foi vertiginoso comparado ao período anterior – reflexo, indiscutivelmente, do aumento de universidades e programas de pós-graduação. Entre 1998 e 2014, ocorreram mais 185 defesas com relação aos estudos do saber geográfico, representando 2,3 % frente a quase 8 mil defesas em sua totalidade. As teses, por outro lado, tiveram 129 defesas em comparação com os 2.302 do total de teses defendidas, configurando, desse modo, 5,6 % de teses ligadas à compreensão do saber geográfico, como demostrado no Quadro 2.

Quadro 2: Número de dissertações e teses: totalidade e Saber Geográfico até 1998-2014.

TIPO	ANOS	TOTALIDADE	SABER GEOGRÁFICO	%
DISSERTAÇÕES	1998-2014	7889	185	2,3
TESES	1998-2014	2302	129	5,6

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES (1986-1997).
Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino.

A soma dos dados dos Quadros 1 e 2, isto é, de toda produção de dissertações e teses no Brasil, partindo de 1944, totaliza 11.521 trabalhos. Desse total, 381 tiveram como objeto o saber geográfico. Em resumo, o material analítico desta tese representa 3,3% de toda a produção de dissertações e teses da Geografia brasileira. O Quadro 3 exibe essa informação.

Quadro 3: Total de dissertações e teses no Brasil e a representação dos estudos ligados ao Saber Geográfico.

DISSERTAÇÕES E TESES	TOTALIDADE	SABER GEOGRÁFICO	%
TOTAL	11.521	381	3,3

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES (1986-1997).
Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino.

Esses 381 trabalhos, além de estarem separados em dissertações e teses, foram divididos, do ponto de vista teórico, em dois grandes blocos de análise, rapidamente apresentado na primeira parte deste capítulo.

O primeiro bloco, denominamos de *Históricos*. Nesse grupo, as dissertações e teses são distribuídas nos seguintes eixos: Biográfico e Bibliográfico (geógrafos); Biográfico e Bibliográfico (historiadores, economistas, filósofos...); Instituições; Revistas, Anais, Boletins e Periódicos; Geografia Acadêmica (geral e específica); Campos e Domínios Disciplinares; Correntes, Escolas, Matrizes, Paradigmas e Tradições; Geografia Escolar (geral e específica); Cartografia; e Literatura (artes em geral). O primeiro bloco se subdivide em nove temáticas. Cada temática comporta um conjunto de trabalhos históricos[16] e/ou do estado do saber[17].

O segundo bloco de análise, titulamos de *Teórico-Conceitual e Propositivo*. Esse bloco conta com nove temáticas: Teorias; Conceitos e Categorias; Outros; Métodos; Epistemologia; Ontologia; Temas Híbridos e Difusos; e Ensino (Categorias e Conceitos). Como já mencionado, as 381 dissertações e teses se distribuíram em cada um desses blocos e eixos, respectivamente. Muitos trabalhos, além disso, estão presentes em mais de um eixo. A epistemologia, em si, por exemplo, não é um objeto como uma categoria de análise para os geógrafos; ela se apresenta, quase sempre, como um instrumento investigativo de pensamentos, categorias, conceitos etc. Uma tese com as características desse exemplo pode estar em mais de um eixo.

Os estudos do saber geográfico afirmam a importância de se utilizar um programa de pesquisa rigoroso. Os detalhes de cada etapa, desde as noções desse tipo de estudo até a quantificação de dissertações e teses, são esmiuçados em cada capítulo. Os termos *conhecimento* e *pensamento* são, para nós, fundamentais para compreendermos a base referente às noções essenciais aos domínios de estudo comumente conhecidos como história do pensamento geográfico, epistemologia

[16] Na primeira parte da metodologia, esclarecemos a que abordagem histórica estamos nos referindo e, no capítulo 4, esmiuçamos a proposta.
[17] Alguns intelectuais o chamam de "estado da arte" ou "estado do conhecimento".

da Geografia ou, simplesmente, teoria e método do pensamento geográfico e conhecimento geográfico – temas que trataremos a seguir.

Capítulo II

Conhecimento e Pensamento

2.1 Um diálogo com dicionários e enciclopédias

Conhecimento e pensamento, na literatura em geral[18], referem-se a um estado e a uma multiplicidade de coisas. A Geografia, enquanto uma ciência, detém e é um tipo peculiar de conhecimento e pensamento, o que supõe um modo singular de conhecer e de pensar. Em sua singularidade científica, organiza e elabora discursos direcionados ao estado de coisas, que é, decerto, uma realidade objetiva e/ou subjetiva. Esses discursos são expressões de conhecimentos e de pensamentos. São, assim, um material (objeto) passível de pesquisas.

Um discurso geográfico é fruto de uma produção, reprodução, omissão, incrementação, etc. de conhecimentos e pensamentos peculiares à atividade científica no sistematizar, organizar e combinar elementos cujo resultado, então, *é um conhecimento e/ou um pensamento*. A leitura e construção de um discurso sobre o estado de coisas (espaciais) surge, também, de outros gêneros – religioso, senso comum, artístico etc. – objetos, portanto, de investigações.

Mas o que seria um conhecimento e um pensamento? Como podem esses dois termos serem objetos? Como a psicologia e a filosofia, que tradicionalmente têm esses termos como objeto, os entendem? E as outras ciências, juntamente com a Geografia, como compreendem o conhecimento e o pensamento?

Os dicionários e as enciclopédias foram nosso ponto de partida para buscarmos respostas a essas perguntas; embora, ainda, contradições estivessem presentes nesses materiais. Lembramos que não são todos os dicionários e enciclopédias que possuem o conhecimento e o pensamento em seu rol de verbetes. O exercício realizado procurou captar o significado desses termos como verbos substantivados: "*o conhecer e o pensar*". Essa multiplicidade de significados e sentidos nos remeteu às enciclopédias e, juntamente, aos dicionários, onde buscamos reunir os elementos mais regulares e comuns. Iniciemos, então, pelo conhecimento.

O conhecimento do ponto de vista filosófico. De acordo com Régis Jolivet, em seu *Vocabulário de Filosofia*, de 1954, o conhecimento é uma operação vital imanente que tem, por efeito, fazer um objeto presente ao sentido e a inteligência é, em suma, um saber que resulta dessa operação.

Mark Moiseevich Rosental e Pavel Fyodorovich Yudin, por outro lado, trazem uma compreensão do conhecimento, através do *Pequeno Dicionário Filosófico*, de 1959, novos elementos em comparação às proposituras de Jolivet. Rosental e Yudin (1959) afirmam que a filosofia marxista foi a primeira, na história do pensamento humano, a dar uma explicação científica da natureza do conhecimento e do processo cognitivo. A gnosiologia marxista, toma por base a

realidade objetiva do mundo exterior que existe independentemente da consciência dos homens, e considera seu conhecimento como o reflexo desse mundo objetivo. O marxismo parte deste princípio: o mundo exterior é perfeitamente cognoscível.

Rosental e Yudin (1959), ao escreverem o dicionário, não se referiram à obra como propriamente marxista, mas, no caso da concepção de conhecimento, claramente tomaram como base a contribuição marxista à definição dada no referido dicionário. Desse modo, para estes autores, o marxismo estabeleceu que o conhecimento não é um reflexo inerte "fotográfico" da realidade, mas um processo dialético complexo.

Em 1963, no Brasil, Mario Ferreira dos Santos tornou público, de sua autoria, o *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. Para esse autor, o conhecimento nasce a partir da relação íntima entre o sujeito e o objeto, e escreve:

> Relação de índole muito especial entre um sujeito e um objeto, que consiste em uma espécie de penetração mútua de ambos. No uso prático da língua, a palavra designa duas coisas diferentes, conforme o ponto de vista. Parte de um ou de outro dos dois termos dessa relação: do sujeito ou do objeto. Partindo do sujeito, a relação cognoscitiva se apresenta como um ato subjetivo; isto é o primeiro sentido da palavra. No processo cognoscitivo, o sujeito capta, pelo menos, uma parte da realidade, que se lhe apresentou de maneira objetiva e incorpora-se ao tesouro de objetos já anteriormente apreendidos e tornados subjetivos; esse material apreendido, tanto que corresponde a um ato só, como particularmente a soma do material assim captado em todos os atos cognoscitivos de um sujeito, ou às vezes também de um grupo, constitui o segundo sentido da palavra conhecimento. Tanto o ato que conhece, como o objeto conhecido, pode ser classificado em razão da distinção em uma simples apresentação do objeto, que o identifica como tal, e o processo de compreender esse objeto em sua circunscrição definida e em suas relações com o resto da realidade, particularmente com as suas causas e os seus efeitos (SANTOS, 1963, p. 315-316).

O conhecimento, a partir do exposto por Mario Ferreira dos Santos, é classificado em razão da distinção da apresentação do objeto e no processo de compreensão desse objeto.

Hilton Japiassu e Danilo Marcondes, além dos significados e sentidos já apresentados pelos outros autores, conferem ao conhecimento, através da publicação do *Dicionário Básico de Filosofia*, de 1990, dois significados principais:

> **1.** Função ou ato da vida psíquica que tem por efeito tornar um objeto presente aos sentidos ou à inteligência.
> **2.** Apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los e utilizá-los. O termo "conhecimento" designa tanto a coisa conhecida quanto o ato de conhecer (subjetivo) e o fato de conhecer (JAPIASSU; MARCONDES, 1990, p. 40-41).

Na primeira definição, o conhecimento é uma atividade da vida psíquica, cujo resultado é apropriação do objeto à mente. Na segunda acepção, mais ampla, os autores conduzem o conhecimento a todo fato empírico – o conhecimento, assim, torna-se uma coisa conhecida tal qual o ato de conhecer.

Continuando com nossa exposição, o filósofo italiano Nicola Abbagnano, no clássico *Dicionário de Filosofia*, publicado em primeira edição[19] em 1960, descreve uma ampla definição do conhecimento, relacionando-o com a técnica. O conhecimento, argumenta Abbagnano (2007), é uma técnica para a verificação de um objeto qualquer, ou a disponibilidade ou posse de uma técnica semelhante. Por técnica de verificação, deve-se entender qualquer procedimento que possibilite a descrição, o cálculo ou a previsão controlável de um objeto; e por objeto, deve-se entender qualquer entidade, fato, coisa, realidade ou propriedade.

Enquanto técnica de verificação, o conhecimento, ao longo da história, menciona Abbagnano (2007), visa a um objeto e tende a instaurar com ele uma relação da qual venha a emergir uma característica efetiva deste. Portanto, as interpretações do conhecimento que foram dadas ao longo da história da filosofia podem ser consideradas interpretações dessa relação e, como tal, resumem-se em duas alternativas fundamentais:

> **1-** Essa relação é uma identidade ou semelhança (entende-se por semelhança uma identidade fraca e parcial) e a operação cognitiva é um procedimento de identificação com o objetivo ou de reprodução dele; 2 - a relação cognitiva é uma apresentação do objeto e a operação cognitiva é um procedimento de transcendência (ABBAGNANO, 2007, p. 174 -183).
> [...] A primeira interpretação é a mais comum na filosofia ocidental. Pode, por sua vez, ser dividida em duas fases diferentes: A) na primeira, a identidade ou a semelhança com o objeto é entendida como identidade ou semelhança dos elementos do conhecimento com os elementos do objeto: p. ex., dos conceitos ou das representações com as coisas; B) na segunda fase, a identidade ou a semelhança restringe-se à ordem dos respectivos elementos: nesse caso, a operação de conhecer não consiste em reproduzir o objeto, mas as relações constitutivas do próprio objeto, isto é, a ordem dos elementos. Na primeira fase, o conhecimento é considerado imagem ou retrato do objeto; na segunda fase, tem com o objeto a mesma relação que um mapa tem com a paisagem que representa. A primeira fase constitui a forma como a doutrina do conhecimento surgiu no mundo

[19] Utilizamos a quinta edição de 2007.

antigo, ou seja, como identificação (ABBAGNANO, 2007, p. 174 -183).

A segunda interpretação do conhecimento, constitui-se como uma operação de transcendência, onde

> [...] conhecer significa vir à presença do objeto, apontá-lo ou, com o termo preferido pela filosofia contemporânea, transcender em sua direção. O conhecimento é então a operação em virtude da qual o próprio objeto está presente: ou presente, por assim dizer, em pessoa, ou presente em um signo que o torne rastreável, descritível ou previsível (ABBAGNANO, 2007, p. 174 -183).

Com essas duas interpretações e/ou possibilidades do conhecimento de que falam Abbagnano e os autores anteriores, temos, assim, mais elementos à compreensão do conhecimento. Todavia, cabe ainda, afinal, vermos o que dizem as clássicas enciclopédias, visto que durante muito tempo esse tipo de material reuniu, em numerosas coletâneas, "o estado atual do conhecimento humano". Como nos dicionários, escavamos o significado e os sentidos das palavras conhecimento e pensamento, com o objetivo de complementar o empreendimento realizado pelos dicionários.

A *Enciclopédia Brasileira Mérito*, de 1958, concebe o conhecimento como ato ou efeito de conhecer; noção, notícia, informação; consciência da própria existência; relações entre pessoas; pessoa com que se trava relações; consciência de si próprio (MÉRITO, 1958, p. 86). Sem um aprofundamento tal qual o fazem os dicionários filosóficos, essa enciclopédia, no entanto, relaciona o significado do conhecimento a informações e notícias, assim como alguns elementos de natureza filosófica.

*A Grande Enciclopédia Larousse Cultura*l (1998) explica que o conhecimento é um ato de compreender, de conhecer as propriedades, as características, os traços específicos de alguma coisa, entendimento e intuição. Menciona, também, que é a operação pela qual a mente procede à análise de um objeto, e, por último, define o conhecimento como um conjunto de domínios onde se exerce a aprendizagem, exercício filosófico ou científico de obtenção de saber. À filosofia, propriamente, essa enciclopédia menciona a contribuição kantiana dos conhecimentos a *priori e a posteriori*.

Na coletividade desses dicionários e enciclopédias, tem-se, como fator recorrente aos significados do conhecimento no ponto de vista filosófico, a relação

entre o sujeito e o objeto. Essa relação, desde os filósofos gregos até as concepções dos filósofos contemporâneos, desenha a história desse termo na filosofia de um modo geral. Ora, pois, concepções idealistas, cujo sujeito determina o conhecimento; ora as materialistas, o conhecimento sendo um reflexo da realidade objetiva etc. Seja qual for, enfim, a interpretação dessa relação, há, indiscutivelmente, um conhecimento em jogo. Porém, agora, é importante falarmos um pouco do conhecimento compreendido na psicologia.

O conhecimento do ponto de vista das ciências: o caso da psicologia. O conhecimento na filosofia é investigado em toda sua completude: origem, limites e possibilidades. A psicologia, entretanto, é mais modesta – procura centrar-se no ato cognitivo do humano, de tal modo que o conhecimento faz par com o termo compreensão. O *Diccionario de Psicologia* de Howard Warren, de 1948, demonstra esse par (conhecimento e compreensão) do seguinte modo:

> Tipo de experiência que inclui uma representação vivida de um fato, fórmula ou condição complexa, juntamente com uma firma crença em sua verdade. A forma simples de conhecimento e a apreensão; quanto a isto se adicionam ideias de relação, e de significado, etc., a experiência se chama compreensão. Na terminologia alemã, compreensão se opõe a conhecimento, porque indica a captação de um sentido, e seria próprio das ciências do espírito (WARREN, 1948, p. 64 - tradução nossa).

Além da relação e distinção entre o conhecimento e a compreensão como termos distintos na psicologia, cabe destacar, segundo o *Diccionario Enciclopedico de la Psique*, de Béla Székely, de 1958, que o conhecimento abrange "todas as atividades intelectuais, distinguidas da afetividade e da vontade" (SZÉKELY, 1958, p. 147, tradução nossa). Essa distinção, segundo o autor, coloca o conhecimento como um objeto para a psicologia, de modo diferente quanto à metafísica e à teoria do conhecimento, diz:

> [...] as questões mais importantes da *metafísica do conhecimento* (problema da essência do conhecer e seu enraizamento no ser, tanto no cognoscente como no conhecido), da *psicologia do conhecimento* (problema das leis que regem a produção do conhecimento) e da teoria do conhecimento ou gnosiologia (problema do valor objetivo do conhecimento) (SKÉKELY, 1958, p. 148, grifo do autor, tradução nossa).

Soma-se a essa interpretação a definição do *Dicionário de Psicologia e Psicanálise* de Álvaro Cabral publicado em 1971. Conforme esse dicionário, o conhecimento é resultado de um saber ou um conhecer, dividindo-se em dois

planos – o conhecimento simples chama-se *apreensão* (que inclui a percepção); o mais complexo chama-se compreensão ou entendimento (conhecimento de relações, significados etc.) (CABRAL, 1971).

Opinião semelhante encontramos no *Diccionario de Psicología* de Friedrich Dorsch, de 1976. Para esse autor, a "psicologia estuda o conhecimento a partir de um ponto de vista subjetivo, já a teoria do conhecimento o considera como um fato objetivo". A diferença do conhecimento ontológico é que na psicologia o conhecimento é mais marcado pelo caráter de compreensão das coisas integradas à estrutura dos processos psíquicos e se estuda mediante repetidas e sistemáticas investigações experimentais (DORSCH, 1976, p. 185).

Como vimos, o conhecimento enquanto objeto na filosofia situa-se, basicamente, na relação entre o sujeito e o objeto. Dessa relação, brota todo tipo de interpretação: racionalistas, materialistas, idealistas, positivistas etc. Com isso, hoje, na filosofia, é possível falar em "disciplinas" que se dedicam ao conhecimento; epistemologia, gnosiologia, lógica e a teoria do conhecimento. A psicologia, por outro lado, dedica-se ao conhecimento do humano e às relações entre a compreensão, o entendimento e a percepção da realidade, juntamente com os processos psíquicos.

Selecionamos esses dois domínios do saber (filosofia e psicologia) devido à "tradição" com a temática, isto é, do conhecimento e do ato de conhecer. Certamente que as fronteiras entre ambas são relativas e pode haver casos de relações e interpretações semelhantes. Já em outras ciências, o conhecimento, de um modo geral, não ganhou tamanha atenção; pelo menos quanto ao conhecimento próprio à disciplina. É importante destacar que, nesse momento, com essas definições e significados já arrolados, poderemos navegar com maior profundidade na concepção de conhecimento na filosofia e em outras ciências, cujo ponto de chegada será a Geografia e a consequente e relativa compreensão do conhecimento geográfico. Mas, antes, veremos o que a filosofia e, novamente, a psicologia entendem por pensamento.

O pensamento e o pensar do ponto de vista da filosofia e da psicologia. O pensamento, geralmente, recebe interpretações que o remete ao mundo abstrato e/ou imaterial. Na filosofia, não há um consenso sobre o que é, necessariamente, o pensamento. As duas correntes, talvez as mais presentes na história do pensamento humano – o idealismo e o materialismo – desenvolveram e travaram disputas sobre a origem e o fim do pensamento, desde os antigos filósofos até elaborações dos filósofos na contemporaneidade. De modo muito simples,

como realizamos no conhecimento, veremos o que os dicionários e enciclopédias dizem sobre o pensamento.

Para Mario Ferreira dos Santos,

> [...] etimologicamente, pensamento, vem de **pensare**, pensar, medir, e de um radical **man**, **men**, que nas línguas indo-germânicas significa avaliar, daí mente, menção homem, mensc, man, etc. O sujeito do pensar é quem pensa, sujeito real, temporal. É a mente humana que realiza o ato de pensar (pesar, medir, calcular). O ato de pensar é, como ato, sempre novo. O ato de pensar é outro, mas o pensamento livro é o mesmo. Tal fato se dá, porque o que conceituamos, nós **ex-traímos**, **abs-traímos** das coisas (SANTOS, 1963, p. 993-994, grifo do autor).

Santos (1963, p. 994) separa o ato de pensar de pensamento: "o primeiro é objeto da psicologia; o segundo, da lógica", menciona. O pensar, enquanto uma ação, para o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*, de Francisco da Silva Borba, constrói-se com sujeito agente. Assim, "1; Sem complemento, significa conceber pensamentos, refletir, raciocinar. 2; tencionar, cogitar. 3; preocupar-se. 4; julgar, supor.5; fazer juízo. 6; conceber, meditar" (BORBA, 1990, p. 996-997).

O pensar e o pensamento, na condição de objetos, podem levar o investigador a atividades demasiadamente opostas. Assumimos a postura da bibliografia consultada, direcionaremos nossas reflexões ao pensamento ligado, precisamente, à filosofia. Relacionaremos o pensar com a psicologia. Tal divisão não significa, contudo, coisas opostas. Historicamente e tradicionalmente, a filosofia se ocupou do pensamento como um objeto; por outro lado, a psicologia dedicou-se ao pensar como atividade da mente.

A respeito dessa distinção, é importante distinguir pensamento como *atividade* ou *acontecimento* e pensamento como *objeto* ou *resultado*. Esta última acepção está presente em expressões como "o pensamento da Antiguidade" ou no discurso de Frege e Husserl sobre "pensamentos" ou *noemata* (em grego), no sentido de "proposição" (fato) (RICKEN, 2005).

O pensamento como objeto, na acepção filosófica, é expresso, também, na Enciclopédia Brasileira Mérito (1958, p. 213, grifo nosso), a qual menciona que

> [...] costuma-se estabelecer em Filosofia a distinção entre o **pensamento** e o ato de **pensar**; o primeiro é um objeto atemporal e inespacial, invariável e não psíquico, constituindo o objeto da Lógica; **o pensar**, porém, é um ato psíquico peculiar, irredutível às representações, ainda

> que esteja mesclado a estas. Fala-se de uma forma de pensar orgânica, matemática, mecânica etc., que condiciona a visão total do universo e que tem suas próprias leis e determinações

Nesta acepção, o pensamento é um objeto atemporal e inespacial, tornando-se um objeto, no caso das disciplinas filosóficas, da lógica. Com esse mesmo fulcro de entendimento, se baseia José Ferrater Mora (1998, p. 337, tradução nossa), afirmando que

> [...] pensamento é, diferentemente de pensar, uma entidade intemporal e inespacial, invariável e, desde logo, não é psíquica. Estes predicados negativos vão encaminhando a uma distinção rigorosa entre o que pertence ao campo da psicologia e o que é para vários autores objeto apreendido ou capturado pelo ato psíquico do pensar, porém não pode confundir-se com o ato mesmo nem com o conteúdo intencional ao qual aponta. O fato de pensar, que supõe o sujeito e o ato psíquico. A expressão pensamento e o conteúdo ou objeto intencional não equivale, sem embargo, a uma identificação de todos estes términos separáveis na análise fenomenológica e pertencentes ontologicamente a diversos tipos de objetos. Todo pensar aponta a um pensamento e todo pensamento aponta a um conteúdo intencional, porém se pensar é um ato psíquico que transcorre em um tempo e que implica um conjunto de representações, imagens, instituições e expressões, o pensamento entendido como o que o pensar apreende é um objeto ideal e, consequentemente, acha-se submetido a determinações que correspondem a tal tipo de objetos. O pensamento se converte, segundo alguns, em objeto da lógica, tanto que investigam sua estrutura, relações e suas formas independentes dos atos psíquicos e dos conteúdos intencionais correspondentes. Os pensamentos têm, como objeto da lógica, uma realidade formal.

Dado este primeiro esclarecimento entre o pensamento e o ato de pensar enquanto objetos que se apresentam de modo diferentes na filosofia e na psicologia, interessa-nos, evidentemente, *o pensamento* na abordagem filosófica. Os geógrafos, já de longa data, referem-se ao termo *pensamento geográfico* como um objeto de investigação. A condição do pensamento como objeto, entretanto, carrega em si uma inumerabilidade de caminhos de pesquisa, dado que "o pensamento pode definir-se [...] como a forma de todo objeto possível, e, por sua vez, o objeto pode definir-se como a matéria de todo o pensamento" (MORA, 1998, p. 384).

No seu sentido lato, e aqui concordamos com Friedo Ricken (2005, p. 207), "o 'pensamento' é uma expressão de significação múltipla e vaga". A rigor, tal afirmação coloca aos estudiosos das investigações *históricas e teórico-conceituais e propositivos do saber geográfico* um desafio sobre a utilização desenfreada do

termo *pensamento geográfico*.

Inclusive, mencionando novamente Ricken (2005, p. 208), "ainda nos falta um conceito adequado de pensamento". E mais: "Uma tipologia universalmente válida não existe". Tais afirmações não indicam, necessariamente, que "o pensamento" não possa ser um objeto propriamente dito, mas que se esclareça, no caso dos geógrafos, a que abordagem de pensamento estão se referindo. O método, neste caso, vem à tona.

O pensar, como já dissemos, é objeto histórico e tradicionalmente da psicologia. Tornar-se objeto, para os geógrafos (ex: estudar o modo de pensar dos geógrafos), é uma atividade demasiadamente ousada; mas nem por isso impossível. Essas interrogações, tal qual o conhecimento e o ato de conhecer, estão imbricadas numa perpétua relação.

Dessa relação, inúmeros sujeitos ligados às ciências e à filosofia contribuíram sobremaneira. Apresentamos, resumidamente, algumas definições de conhecimento e pensamento para, agora, iniciarmos um diálogo com alguns autores que se detiveram a esta enigmática temática: a busca de compreender o pensamento e o conhecimento.

É importante ressaltar (e que fique claro) que realizaremos um diálogo na perspectiva filosófica do conhecimento e do pensamento. O pensar e o conhecer, no olhar da psicologia, será, quando muito, para se referir a alguma relação inevitável de ser mencionada. Selecionamos, sem esgotar, alguns autores que se detiveram ao conhecimento e ao pensamento como objetos principais em suas obras. Com isso, ainda do ponto de vista filosófico, inúmeros sociólogos, historiadores, biólogos e geógrafos, dedicaram-se à temática, cujo concurso culminou na presença de alguns sujeitos dessas ciências no rol dos autores aqui selecionados.

2.2 Conhecimento

Dissertar sobre o conhecimento sem um recorte muito bem definido é o mesmo que querer dizer sobre tudo e dizer sobre nada. A bibliografia sobre o conhecimento, é bastante expressiva. Isso se explica, em certa medida, pelo papel que o conhecimento detém na vida humana. As ciências e a filosofia, nesse sentido, teve papel ímpar. Exemplo mais vivo dessa ocupação encontra-se no *Teeteto* de Platão (c. 467-c. 347 a. C). Neste diálogo, é possível identificar o problema da variedade de caminhos para se compreender o conhecimento, a exemplo:

> *Teeteto* – Então, a meu parecer, tudo o que se apreende com Teodoro é conhecimento, Geometria e as disciplinas que enumeraste há pouco, como também a arte dos sapateiros e a dos demais artesãos: todas elas e cada uma em particular nada mais são do que conhecimento.
> *Sócrates* – És muito generoso, amigo, e extremamente liberal; pedem-te um, e dás um bando; em vez de algo simples, tamanha variedade.
> *Teeteto* – Que queres dizer com isso?
> *Sócrates* – Talvez nada; porém vou explicar-te o que penso. Quando te referes à arte do sapateiro, tens em mira apenas o conhecimento de confeccionar sapatos, não é verdade?
> *Teeteto* – Exato.
> *Sócrates* – E a marcenaria, será outra coisa além do conhecimento da fabricação de móveis de madeira?
> *Teeteto* – Não.
> *Sócrates* – E em ambos os casos, o que defines não é o objeto do conhecimento de cada um?
> *Teeteto* – Perfeitamente.
> *Sócrates* – Mas o que te perguntei, Teeteto, não foi isso: do que é que há conhecimento, nem quantos conhecimentos particulares pode haver; minha pergunta não visava a enumerá-los um por um; o que desejo saber é o que seja o **conhecimento em si mesmo**. Será que não me exprimo bem? (PLATÃO, 146 d-e, grifo nosso).

Teeteto, no início do diálogo, relaciona a ciência (no caso, a geometria) com o ofício de um sapateiro como conhecimentos, cada um com seu particular. Sócrates, no entanto, ao final do diálogo, questiona Teeteto sobre o que seria o *conhecimento em si mesmo*, ou seja, uma definição universal propriamente. Desenha-se, no diálogo iniciado por Teeteto, formas de conhecimento (científico, senso comum etc.), cuja resolução, para Sócrates, desemboca em um olhar filosófico.

Ciência e filosofia sempre estiveram ocupadas com o conhecimento e, sobretudo, na interrogação *do que é* o conhecimento. Basta observarmos mais um pouco do diálogo:

> *Sócrates* – Então, para começar, que diremos, mais uma vez, que seja conhecimento? Pois estou certo de que não vamos parar aqui.
> *Teeteto* – De jeito nenhum; salvo se desanimares.
> *Sócrates* – Então, dize qual é a melhor maneira de defini-lo sem nos contradizermos muito.
> *Teeteto* – Precisamente a que tentamos há pouco, e Sócrates; não vejo outra saída.
> Sócrates – Qual é?
> Teeteto – Opinião verdadeira é conhecimento. O pensamento certo está isento de erro, e tudo que sai dele é belo e bom (PLATÃO, 200 e).

Nesse momento do diálogo, Platão introduz a pergunta que guiará, até os dias atuais, o que chamamos de teoria do conhecimento, qual seja: o que é o conhecimento? Na busca dessa resposta, Teeteto conclui que o conhecimento é uma "opinião verdadeira". Esboça-se, assim, uma primeira tentativa de teorizar (embora retiramos apenas um pedaço do diálogo) sobre o conhecimento – empreendimento que outros sujeitos ao longo da história se dedicaram, a exemplo de Santo Agostinho, Francis Bacon, René Descartes, John Locke e Immanuel Kant, citando alguns.

Desse modo, para introduzir um debate sobre o conhecimento, é lúcido que sigamos, descritivamente, sobre o que alguns pensadores teorizaram. Além da definição do conhecimento como "opinião verdadeira" para Platão, Abbagnano (2007, p. 175) menciona, ademais, que "conhecer é estabelecer uma relação de identidade com o objeto em cada caso, ou uma relação que se aproxime o máximo possível da identidade". Não apenas em Platão, "de forma ainda mais rigorosa esse ponto de vista era realizado por Aristóteles" (ABBAGNANO, 2007, p. 175).

A identificação do objeto com o sujeito como uma unidade é seguida, também, na filosofia cristã na figura de Santo Agostinho (354-430). Em Santo Agostinho, alude Abbagnano (p. 175), "o homem pode conhecer Deus porquanto ele mesmo é a imagem de Deus. Memória, inteligência e vontade, em sua unidade e distinção recíproca, reproduzem no homem a trindade divina de Ser, Verdade e Amor". Vale ressaltar, por último, que, para Santo Agostinho, todo conhecimento deriva, ao mesmo tempo, do cognoscente e do conhecido, pondo no mesmo plano o objeto conhecido e o sujeito cognoscente como condição do conhecimento (ABBAGNANO, 2007).

Essas reflexões que marcaram a Antiguidade e a Idade Média são, do ponto de vista da teoria do conhecimento, ainda genitoras; não consideradas, propriamente, como uma teoria. Caberá a John Locke (1632-1704), na Idade Moderna, conferir à filosofia a teoria do conhecimento como uma disciplina (HESSEN, 1999; CHAUÍ, 2000).

Para Hessen (1999, p. 14),

> [...] o filósofo inglês John Locke deve ser considerado seu fundador. Sua principal obra, An Essay concerning Human Understanding[20], publicada em 1690, trata de modo sistemático as questões referentes à origem, à essência e à certeza do conhecimento humano. No livro Nouveaux essais sur I'entendement humain[21], publicado postumamente em 1765, Leibniz tentou refutar o ponto de vista epistemológico de Locke. Na Inglaterra, George Berkeley, em sua obra A Treatise concerning the Principles of

> Knowledge[22] (1710), e David Hume, em sua obra principal, A Treatise on Human Nature[23] (1739/40) e em outra de menor dimensão, o Enquiry concerning Human Understanding[24] (1748), continuaram edificando sobre a base dos resultados obtidos por Locke.

Chauí (2000, p. 128), em concordância, afirma que:

> Locke é o iniciador da teoria do conhecimento propriamente dita porque se propõe a analisar cada uma das formas de conhecimento que possuímos, a origem de nossas ideias e nossos discursos, a finalidade das teorias e as capacidades do sujeito cognoscente relacionadas com os objetos que ele pode conhecer. Seguindo a trilha que fora aberta por Aristóteles, Locke também distingue graus de conhecimento, começando pelas sensações até chegar ao pensamento.

A contribuição de Locke aos estudos do conhecimento é irrefutável. Sua obra *Ensaio acerca do Entendimento Humano* é, do começo ao fim, dedicada ao conhecimento. Dos seus antecessores, concordou com alguns aspectos, sobretudo o da propositura aristotélica do conhecimento. "Aristóteles e Locke consideram que o conhecimento se realiza por graus contínuos, partindo da sensação até chegar às ideias" (CHAUÍ, 2000, p. 129); contudo, refutou outras: para Locke, "todas as ideias e todos os princípios do conhecimento derivam da experiência sensível" (CHAUÍ, 2000, p. 129). No caso de Aristóteles, o pensamento e a realidade não são conhecidos pela sensibilidade, mas, apenas, pela intuição intelectual. Quanto aos seus sucessores (Leibniz (1646-1716), George Berkeley (1685-1753), David Hume (1711-1776) e Kant (1724-1804), etc.), sua obra foi fundamental, seja em concordância ou refutações.

Locke é taxativo: o conhecimento provém da experiência sensível;

> A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato. Consiste numa opinião estabelecida entre alguns homens que o entendimento comporta certos *princípios inatos*, certas noções primárias, caracteres, os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transportara consigo ao mundo. Seria suficiente para convencer os leitores sem preconceito da falsidade desta hipótese se pudesse apenas mostrar como os homens, simplesmente pelo uso de suas faculdades naturais, podem adquirir todo conhecimento que possuem sem a ajuda de impressões inatas e podem alcançar a certeza sem nenhuma destas noções ou princípios originais (LOCKE, 1690 [1999], p. 37, grifo do autor).

[20] Ensaio acerca do Entendimento Humano.
[21] Novos ensaios sobre o entendimento humano.
[22] Tratado sobre os princípios do conhecimento humano.
[23] Tratado da Natureza Humana.
[24] Investigação sobre o entendimento Humano.

Locke, assim, rebate o argumento de que o conhecimento teria fundamento inato. A mente do homem, para esse filósofo, é como uma "tábula rasa" onde à experiência sensível caberia escrever. A crítica ao inatismo, realizada por Locke, levou-o a conceber a alma humana no momento do nascimento, como uma "tábula rasa", uma espécie de papel em branco, no qual inicialmente nada se encontra escrito.[25]

Outro filósofo determinante para os rumos dos estudos sobre o conhecimento posterior a Locke foi Immanuel Kant. O empreendimento kantiano é mais complexo do que o promovido por Locke. Kant, em suas três críticas – *Crítica da Razão Pura* (1781); a *Crítica da Razão Prática* (1788) e na *Crítica da Faculdade Julgar* (1790) –, mira, em certa medida, três objetivos. Na *Crítica da Razão Pura*, em suma, é onde analisa o conhecimento; na *Crítica da Razão Prática*, o problema da moral tem maior atenção; e na *Crítica da Faculdade Julgar*, detém-se ao mundo biológico, natural e artístico.

Atentemos, assim, à *Crítica da Razão Pura*. Essa obra que inicia as três críticas crava sua importância na história das teorias sobre o conhecimento. Kant dá início à obra afirmando que todo nosso conhecimento começa com a experiência – com clara, ainda que provisória, concordância com Locke[26]. E continua:

> [...] por meio do que a faculdade de conhecimento deveria ser despertada para o exercício senão através de objetos que tocam nossos sentidos e em parte produzem por si próprios representações, em parte põem em movimento a atividade do nosso entendimento para compará-las, conectá-las ou separá-las e, desse modo, assimilar a matéria bruta das impressões sensíveis a um conhecimento dos objetos que se chama experiência? *Segundo o tempo*, portanto, nenhum conhecimento em nós precede a experiência, e todo ela começa com ela [...] o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência (KANT, 1980, p. 53, grifo do autor).

Nesse jogo entre o começo do conhecimento e sua origem, Kant elabora o que irá chamar de conhecimentos *a priori e a posteriori*. O primeiro é "um tal conhecimento independente da experiência e mesmo de todas as impressões dos sentidos, tais *conhecimentos* denominam-se *a priori*"; esses conhecimentos, por sua vez, "distinguem-se dos *empíricos*, que possuem suas fontes *a posteriori*, ou seja, na experiência", diz (KANT, 1980, p. 53)[27]. Kant, contudo, se difere, segundo

[25] Vida e Obra (LOCKE, 1999).

[26] "Kant acredita que os empiristas têm razão ao dizer que todo conhecimento começa pela experiência. No entanto, ele aponta para o fato de que o conhecimento não "deriva" da experiência, pois dizer isso significaria tomar o sujeito do conhecimento como um receptáculo passivo de afecções" (ANDRADE, 2012, p. 33).

[27] "Conhecimentos *a priori* entenderemos não os que ocorrem de modo independente desta ou daquela experiência, mas *absolutamente* independente de toda a experiência. A eles são contrapostos ou aqueles que são possíveis apenas *a posteriori*, isto é, por experiência. Dos conhecimentos *a priori* denominam-se *puros* aqueles aos quais nada de empírico está mesclado. Assim, por exemplo, a proposição: cada mudança tem sua causa, é uma proposição *a priori*, só que não pura, pois mudança é um conceito que só pode ser tirado da experiência" (KANT, 1980, p. 54, grifo do autor).

Hessen (1999, p. 14), da maneira psicológica de interrogar sobre como surge o conhecimento, "mas sim *como é possível o conhecimento*". Desse modo, continua Hessen: "a filosofia de Kant também é chamada abreviadamente de transcendentalismo[28] ou, ainda, de criticismo".

Kant (1980, p. 67) adverte, ainda, "que há dois troncos do conhecimento humano que talvez brotem de alguma *raiz comum*, mas desconhecida a nós, a saber, *sensibilidade e entendimento*: pela primeira os objetos são-nos *dados*, mas pelo segundo são pensados". Nessa ordem de ideias, o espaço e o tempo são determinantes.

> Assim, todos os fenômenos externos ao ser humano ou ao sujeito do conhecimento ocorrem no espaço e no tempo, ao passo que todos os fenômenos que ocorrem internamente ao sujeito do conhecimento (nossas sensações e emoções) ocorrem no tempo. Por isso, Kant dirá que o espaço é lugar do sentido externo (ele é condição de possibilidade para a "aparição" à mente de coisas que são externas ao sujeito); o tempo, por outro lado, a condição e possibilidade para a "aparição" das coisas tanto interna quanto externamente: tudo ocorre num certo tempo (o tempo seria o sentido interno) (ANDRADE, 2012, p. 34).

E

> [...] a capacidade de circunscrever os fenômenos no espaço e no tempo significaria apenas que sentimos os fenômenos em uma estrutura formal; não que os conhecemos. Para a efetivação do conhecimento é preciso ainda processar as informações advindas da sensibilidade (ANDRADE, 2012, p. 35).

O papel do espaço e do tempo em relação às faculdades de entendimento e sensibilidade fez que, com Kant, "o idealismo avançasse no terreno do empirismo para tornar a própria sensibilidade uma condição ideal ou uma intuição *a priori*" (ANDRADE, 2012, p. 60).

Se com Kant o modo de olhar o conhecimento tomou rumos antes não imaginados, as gerações posteriores, entretanto, desenharam os primeiros esboços do que hoje assistimos quanto ao papel do conhecimento na vida das pessoas em sociedade. O conhecimento que até então, guardados os exageros, não se apresentava como um problema, é considerado como um complexo quebra-cabeça a ser decifrado.

[28] "Denomino transcendental todo conhecimento que em geral se ocupa não tanto com objetos, mas com nosso modo de conhecimento de objetos na medida em que este deve ser possível *a priori*" (KANT, 1980, p. 65 - grifo do autor).

2.2.1 Um problema?

O não consenso entre os estudiosos do conhecimento sobre a origem, limites e possibilidades do mesmo resultou, em larga medida, na afirmação de que o conhecimento seria "um problema" a ser decifrado e resolvido. É recorrente nas obras sobre epistemologia e teoria do conhecimento algum espaço reservado sobre o "problema do conhecimento". Para Chauí (2000, p. 126), por exemplo, com a inserção do *sujeito do conhecimento* na modernidade, "o problema do conhecimento torna-se, portanto, crucial e a filosofia precisa começar pelo exame da capacidade humana de conhecer, pelo entendimento, o estudo da própria razão humana ou de nosso intelecto ou entendimento".

O sujeito e o objeto são, por assim dizer, um ponto de chegada e de partida das reflexões que se referem ao conhecimento como um problema.

> O verdadeiro problema do conhecimento, portanto, coincide com a questão sobre a relação entre sujeito e objeto. Vimos que, para a consciência natural, o conhecimento aparece como uma determinação do sujeito pelo objeto. Mas será correta essa concepção? Não deveríamos, pelo contrário, falar do conhecimento como uma determinação do objeto pelo sujeito? Qual o fator determinante no conhecimento humano? Seu centro de gravidade está no sujeito ou no objeto? (HESSEN, 1999, p. 50).

Hessen (1999, p. 21) afirma que "nem a psicologia, nem a lógica, nem a ontologia são capazes, portanto, de resolver o problema do conhecimento, que é algo completamente peculiar e independente" em termos de sujeito e objeto. Hessen, no entanto, acredita que essas três disciplinas[29] mencionadas "fundam, portanto, uma nova disciplina, a teoria do conhecimento". Hessen, inclusive, evoca que há outro problema inerente ao conhecimento, a saber:

> Será o sujeito realmente capaz de apreender o objeto? Essa é a questão sobre a *possibilidade do conhecimento humano*. Deparamos com outro problema quando consideramos mais de perto a estrutura do sujeito cognoscente. Essa estrutura é dualista. O homem é um ser espiritual e sensível. Distinguimos correspondentemente um conhecimento espiritual e um conhecimento sensível. A fonte do primeiro é a razão; a do segundo, a experiência. Pergunta-se, então, qual é a principal fonte em que a consciência cognoscente vai buscar seus conteúdos. A fonte e o fundamento do conhecimento humano é a razão ou a experiência? Essa é a questão sobre *a origem do conhecimento*. Somos conduzidos ao problema verdadeiramente central da teoria do conhecimento quando fixamos o

[29] "O conhecimento possui três elementos principais: sujeito, "imagem" e objeto. Pelo sujeito, o fenômeno do conhecimento confina com a esfera psicológica; pela "imagem", com a esfera lógica; pelo objeto, com a ontológica. Enquanto processo psicológico num sujeito, o conhecimento é objeto da psicologia. Vê-se de imediato que a psicologia não pode solucionar as questões referentes à essência do conhecimento humano" (HESSEN, 1999, p. 20).

> olhar sobre a relação entre sujeito e objeto. Na descrição fenomenológica caracterizamos essa relação como uma determinação do sujeito pelo objeto. Agora, porém, também perguntamos se essa concepção da consciência natural é a correta (HESSEN, 1999, p. 22, grifo do autor).

Mesmo apontando as limitações da psicologia, da lógica e da ontologia como disciplinas fundamentais para compreender o conhecimento, Hessen, além de citar o "problema" das possibilidades e origens do conhecimento, coloca em questão o papel das *fontes*, seja da razão ou da experiência. Esta última questão, no entanto, percorre toda a história da filosofia como já, brevemente, mencionamos em tópicos anteriores. A todas essas questões, Hessen, por fim, lança três possibilidades de soluções: *Soluções pré-metafisicas; Soluções metafísicas e Soluções teológicas*.

As *soluções pré-metafísicas* compreendem *o objetivismo e o subjetivismo*.

> I. Segundo o *objetivismo*, o elemento decisivo na relação de conhecimento é o objeto. O objeto determina o sujeito. Este deve ajustar-se àquele. O sujeito, de certo modo, incorpora, copia as determinações do objeto. Isso pressupõe que o objeto se coloque diante da consciência cognoscente como algo pronto, em si mesmo determinado (HESSEN, 1999, p. 51).
> II. Para o *objetivismo*, o centro de gravidade do conhecimento está no objeto. O reino objetivo das ideias ou essencialidades é, por assim dizer, o fundamento sobre o qual se assenta o edifício do conhecimento. O subjetivismo, ao contrário, tenta ancorar o conhecimento humano no sujeito. Desloca o mundo das ideias, essa encarnação dos princípios do conhecimento, para o sujeito. O sujeito apresenta-se para ele como o ponto no qual a verdade do conhecimento humano está, por assim dizer, suspensa (HESSEN, 1999, p. 52).

Já as soluções *metafísicas* compreendem o *realismo*, o *idealismo* e o *fenomenalismo*.

> I. Por *realismo* entendemos o ponto de vista epistemológico segundo o qual existem coisas reais, independentes da consciência (HESSEN, 1999, p.53).[30]
> II. A palavra *idealismo* é utilizada em muitos sentidos diferentes. Devemos distinguir especialmente o idealismo no sentido metafísico do idealismo no sentido epistemológico. Chamamos de idealismo metafísico a concepção de que a realidade está baseada em forças espirituais, em poderes ideais. Aqui, naturalmente, trataremos apenas do idealismo epistemológico. Equivale à concepção de que não há coisas reais, independentes da consciência. Como, após a supressão das coisas reais, só restam dois tipos de objeto, a saber, os existentes na consciência (representações, sentimentos) e os ideais (objetos da lógica e da

[30] Há variações no realismo, segundo Hessen, podendo existir um realismo ingênuo, natural e crítico.

matemática), o idealismo deve necessariamente considerar os pretensos objetos reais quer como objetos existentes na consciência, quer como objetos ideais. Daí resultam os dois tipos de idealismo: o subjetivo ou psicológico e o objetivo ou lógico (HESSEN, 1999, p. 58).

III. O *fenomenalismo* (de *phainómenon*, fenômeno=aparência) é a teoria segundo a qual não conhecemos as coisas como são, mas como nos aparecem. Certamente existem coisas reais, mas não somos capazes de conhecer sua essência. Só podemos conhecer o "quê" das coisas, mas não o seu "o quê". O fenomenalismo, portanto, acompanha o realismo na suposição de coisas reais, mas acompanha o idealismo na limitação do conhecimento à realidade dada na consciência, ao mundo das aparências, do que resulta a incognoscibilidade das coisas (HESSEN, 1999, p. 62).

E, finalizando, tem-se as *soluções teológicas*, englobando, por sua vez, duas outras soluções: a *monista-panteísta* e a *dualista-teísta*.

I. No *monismo-panteísta* sujeito e objeto, pensamento e ser, consciência e objeto são apenas aparentemente uma dualidade; efetivamente, eles são uma unidade, apenas os dois lados de uma mesma e única realidade. Aquilo que se apresenta ao olhar empírico como uma dualidade é uma unidade para o conhecimento metafísico, que vai à essência (HESSEN, 1999, p. 67).

II. Segundo a visão dualista-teísta do universo, o dualismo empírico envolvendo sujeito e objeto está assentado num dualismo metafísico. Essa concepção de mundo sustenta a diferença metafísica essencial entre sujeito e objeto, pensamento e ser. É certo que ela também não considera essa duplicidade como última. Sujeito e objeto, pensamento e ser descendem, no final das contas, de um princípio comum. Esse princípio é a divindade. Ela é a fonte comum da idealidade e da realidade, do pensamento e do ser (HESSEN, 1999, p. 68).

Hessen, embora apresente todo esse conjunto de possibilidades na busca de resolver o problema da relação sujeito-objeto, afirma que, "como seres que querem e agem, estamos presos à oposição entre eu e não-eu, entre sujeito e objeto" e acrescenta que "é impossível, por isso, superar teoricamente esse dualismo, vale dizer, é impossível solucionar definitivamente o problema sujeito-objeto" (HESSEN, 1999, p. 65-66).

Em Morin (2012, p. 44), "o problema do conhecimento acha-se no coração do problema da vida". Mas, alerta, "essa ideia não decorre de maneira alguma de uma concepção "biológica" em oposição a uma concepção "filosófica" do conhecimento". Morin refere-se à vida como um todo[31]. Nem por isso, como em Hessen, cita também a relação sujeito/objeto: "necessitamos, portanto, reintegrar e conceber o grande esquecido das ciências e da maioria das epistemologias; e

[31] "O conhecimento é, digamos, esparso, espalhado, múltiplo na natureza, mesmo onde não há nem receptores sensoriais, nem sistemas nervosos, nem aparelho cognitivo. O conhecimento está incluído, infuso em toda vida" (MORIN, 2012, p. 57).

enfrentar, sobretudo aqui, o problema incontornável da relação sujeito/objeto" (MORIN, 2012, p. 30).

Se Morin, por um lado, não recorre a uma visão biológica propriamente dita do conhecimento, em Piaget (1973)[32] vemos o contrário. Piaget assumiu a postura de que as condições do conhecimento sejam os dados *a prior*i e/ou categorias, cuja fonte seriam os fundamentos da organização viva (MORIN, 2012). "O conhecimento, em todos os níveis de desenvolvimento, está ligado basicamente à organização biológica interna", visto que, para Piaget, "a cognição não decorre simplesmente da coleta de dados externos; o organismo, ao interagir com o meio, transforma ou constrói a realidade externa em um objeto de conhecimento" (FURTH, 1974, p. 103).

Com uma propositura mais moderna sobre a relação sujeito-objeto numa visão biológica, Humberto Maturana e Francisco Varela publicaram, em 1987, o que hoje é o livro *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Nesse livro, o foco dos autores é, em essência, o ser humano e o conhecimento. A estrutura biológica do ser humano (sistema nervoso etc.), na sua experiência cognitiva de um objeto, inclui o sujeito de modo intrínseco, não há separação. "Nosso ponto de partida foi tomar consciência de que todo conhecer é um fazer daquele que conhece, ou seja, que todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece" (MATURANA e VARELA, 2005, p. 40).

> O fato de que o conhecer seja o fazer daquele que conhece está enraizado na própria maneira de seu ser vivo, em sua organização. Sustentamos que as bases biológicas do conhecer não podem ser entendidas somente por meio do exame do sistema nervoso. Parece-nos necessário compreender como esses processos se enraízam na totalidade do ser vivo (MATURANA e VARELA, 2005, p. 40).

O problema do conhecimento em Piaget, Maturana e Varela consistiria, então, na própria estrutura biológica do ser humano. Contudo, as bases biológicas que de fato determinam o ato de conhecer e a produção do conhecimento deixam de lado as relações sociais entre os homens, portanto a própria produção e difusão do conhecimento. Morin (2011) levanta interrogações referentes às relações dos homens e o conhecimento. Começa pelos intelectuais, questionando se esses seriam de fato os verdadeiros iniciadores e portadores do conhecimento. São, os intelectuais, guardiões e defensores do reino das ideias?

Questões e respostas a esse "outro" problema tornou-se, aos sociólogos,

[32] "Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real mas em agir sobre ele e transformá-lo (na aparência ou na realidade), de maneira a compreendê-lo em função dos sistemas de transformação aos quais estão ligadas estas ações" (PIAGET, 1973, 15).

especialmente a Karl Mannheim, objeto da sociologia, culminando com uma disciplina conhecida como *sociologia do conhecimento ou da ciência*. Mannheim publicou em 1925, um célebre e sugestivo texto denominado O *problema de uma sociologia do conhecimento*. Nesse texto, Mannheim destaca que o problema efetivo de uma pretensa sociologia do conhecimento surgiu da interação de quatro fatores. O primeiro fator, segundo Mannheim, deriva da autorrelativização do pensamento e do conhecimento. O segundo é oriundo do aparecimento de uma nova forma de mentalidade desmascaradora. O terceiro é a emergência de um novo sistema de referência, o da esfera social, onde o pensamento poderia ser concebido como relativo. O último fator flui da aspiração de tornar essa relativização total, relacionando não um pensamento ou ideia, mas todo um sistema de ideias a uma realidade social subjacente (MANNHEIM, 1967 [1925]).

Mannheim, através da sociologia do conhecimento, observa o problema do conhecimento justamente nas relações sociais. O autor coloca, também, ao lado da epistemologia (ou filosofia)[33] e da psicologia, o ponto de vista sociológico para interpretar o fato do conhecimento. "Os modos[34] epistemológico, psicológico e sociológico de enunciar problemas são as três mais importantes formas de investigar e levantar questões sobre a natureza do processo cognitivo" (MANNHEIM, 1968, p. 60). O impulso, vale dizer, sociológico de lidar com o conhecimento, diferentemente da psicologia e da filosofia, ganhou notoriedade apenas a partir do século XX[35]. Mannheim (1968, p. 299), ainda, conclui; "a abordagem de um problema, o nível em que vem a ser formulado, o estágio de abstração e o estágio de concretude que se espera atingir estão todos, e da mesma maneira, ligados à existência social". Assim como Hessen citou que o problema da relação entre sujeito e objeto é impossível de solucionar definitivamente, Mannheim (1968, p. 78) também acredita que "existem problemas a respeito dos quais não se pode escrever livros-textos ou sistemas perfeitamente consistentes".

Caio Prado Júnior, diferentemente dos autores anteriores, cujo fulcro é marxista, escreveu a obra *Dialética do Conhecimento* em 1952, livro publicado em dois tomos. No tomo 1, Caio Prado inicia com o seguinte subtítulo: *O Problema do Conhecimento*. Não se propõe, Prado JR (1969, p. 56), resolver "o problema insolúvel,

[33] "O filósofo deve ocupar-se da justificação da validade do valor dos elementos mencionados. Faz, assim, um esforço para integrar, tanto quanto possível, os múltiplos aspectos do conhecimento parcial numa totalidade global infinita, onde poderiam encontrar seu lugar. A contribuição da sociologia do conhecimento, fazendo descobrir uma grande variedade de sistemas cognitivos, complica a tarefa ao mesmo tempo que enriquece o conteúdo da filosofia, e, muito especialmente, desse ramo particularmente designado sob o termo de epistemologia ou "filosofia do saber" (GURVITCH, 1969 p. 19).

[34] "A existência dos conhecimentos coletivos põe à epistemologia problemas novos: a) o dos elementos coletivos, da validade de seus atos cognitivos e do valor deste último em relação aos conhecimentos individuais" (GURVITCH, 1969 p. 27).

[35] É na primeira metade do século XX, entretanto, que a Sociologia do Conhecimento começa a se apresentar como tal e a ser sistematizada. Só então ela ganha um status universitário. In: Introdução a obra Sociologia do conhecimento Karl Mannheim; Robert K. Merton; C. Wright Mills, 1967. Editora Zahar. 1967.

porque fantástico, de um sujeito do pensamento exterior a seu objeto, dele apartado e eventualmente, mas não necessariamente ocupando-se com ele". Mas, diz Caio Prado, "do Homem real e verdadeiro, que no curso de sua existência, e em função dela, faz do Universo a que pertence, o *objeto* de seu pensamento que assim se confunde com ele próprio na qualidade de *sujeito"*.

Na mesma costura de Caio Prado, Pavel Kopnin, em *A Dialética como Lógica e Teoria do Conhecimento*, eleva o problema do conhecimento à batalha entre idealismo e materialismo, onde a definição da origem da *ideia* é, por assim dizer, o troféu ao vencedor. Por que

> [...] diante disto confunde-se a linha da luta entre materialismo e o idealismo em torno da ideia. Se na filosofia antiga essa luta se realizava entre as interpretações opostas – a materialista e a idealista – da essência primária (o que é a ideia e poderá ela ser uma essência primária), na filosofia moderna o materialismo e o idealismo se defrontam no problema da essência da ideia enquanto forma de conhecimento (qual é a origem das ideias e a fonte do seu conteúdo?) (KOPNIN, 1978, p. 311).

O conhecimento pressupõe movimento. Portanto, dificilmente haverá definições eternas do conhecimento. O devir incessante, diz Chauí, "impossibilita o conhecimento, uma vez que este exige que encontremos essências, isto é, seres cuja natureza permanece sempre idêntica no espaço e no tempo", assim, "sempre igual a si mesma, garantindo a necessidade de sua realidade e a universalidade de seu conhecimento" (CHAUÍ, 2002, p. 240).

Vimos que em Platão, num primeiro momento, sobretudo no *Teeteto*, surge a pergunta sobre o *que é o conhecimento* – posteriormente respondida que todo conhecimento se define pela "opinião verdadeira". Em Platão, também, o conhecimento e o conhecer representam uma relação de *identidade do sujeito com o objeto* – concepção também compartilhada por seu aluno, Aristóteles. A filosofia cristã, com Santo Agostinho, compartilhou em partes tal concepção. O "problema" do conhecimento, até então, era ainda genitor, do ponto de vista da teoria do conhecimento. Figuras como Locke e depois Kant debruçaram-se detidamente sobre o conhecimento lançando as bases necessárias para que surgisse propriamente uma teoria do conhecimento.

Descrevemos, também, baseados em Chauí (2000), que a inserção do *sujeito do conhecimento* na modernidade trouxe problemas cruciais à filosofia. Hessen (1999), advogando a favor da teoria do conhecimento, frente à lógica, psicologia e a ontologia, defende que o problema central do conhecimento é, ainda,

a relação sujeito-objeto juntamente à origem do conhecimento à qual, à época, pouca atenção havia sido dada. Como possibilidades de soluções a esses problemas, Hessen apresentou três possibilidades: *soluções pré-metafisicas, metafísicas e teológicas*.

Em Morin (2012), como apresentamos, "o problema do conhecimento acha-se no coração do problema da vida", divergindo, contudo, de uma visão biológica do conhecimento; ao contrário de Piaget (1973), Maturana e Varela (2005), que trazem, de fato, uma visão biológica do "problema" do conhecimento. Mannheim (1967, 1968), por outro lado, ateve-se, como dissemos, às relações sociais como produtoras e definidoras – é aí, para esse autor, que se encontra a raiz do "problema" do conhecimento em consonância com o que chamou de relativização do pensamento e do conhecimento.

Caio Prado Júnior (1969), em uma análise materialista, histórica e dialética, não comungou, o que é previsível, com uma visão metafísica do conhecimento. Compreende a pessoa (sujeito) e o universo (objeto) como fatos concretos, portanto, definidores e produtores do conhecimento. Kopnin (1978), com postura semelhante à de Caio Prado, ateve-se à luta entre o materialismo e o idealismo em torno da origem das ideias.

Autores contemporâneos como Paul Moser (2004) enfatizam os problemas derivados do rigor exigido para se definir o conhecimento. Moser acredita que a maioria dos epistemólogos contemporâneos rejeitou a exigência da certeza como um requisito para o conhecimento. Com isso, diz Moser (2004, p. 10), "a certeza não parece ser um pré-requisito para o conhecimento".

> Por enquanto, basta-nos observar que a afirmação de condições demasiado rigorosas para o conhecimento – como a exigência de certeza, por exemplo – pode conduzir ao ponto de vista cético, segundo o qual o conhecimento não existe. O estabelecimento de padrões excessivamente elevados para o conhecimento pode levar à opinião de que nós não temos conhecimento algum. Isso representaria o que alguns chamaram de uma vitória baixa do ceticismo mediante uma redefinição elevada do que é conhecimento. A posição filosófica segundo a qual o ser humano não pode ter conhecimento, ou pelo menos não tem na prática, é chamada ceticismo. Esse termo nos é conhecido de diversos contextos não filosóficos (MOSER, 2004, p. 10).

Uma varredura, inclusive divergindo em certos aspectos dos autores marxistas que expomos, foi realizada por Henri Lefebvre (1991). Este trouxe uma visão um tanto quanto diversa do que já apresentamos até aqui referente ao *problema do conhecimento*. A tese de Lefebvre é muito clara – o conhecimento, segundo esse autor, *é um fato*. "É possível – e mesmo indispensável – examinar e discutir os meios de aumentar esse conhecimento, de aperfeiçoá-lo, de acelerar seu progresso; mas o conhecimento em si mesmo deve ser aceito como um fato indiscutível" (LEFEBVRE, 1991, p. 49).

A expressão "problema do conhecimento" há que ser observada com desconfiança crítica. "É inegável que o conhecimento põe certos problemas; todavia o conhecimento em si mesmo *não é um problema, mas um fato"*. Assim, "para que o conhecimento se torne um "problema", é preciso que a análise separe e isole o que é dado *efetivamente* como indissoluvelmente ligado: os elementos do conhecimento, o sujeito e o objeto" (LEFEBVRE, 1991, p. 50).

> Essa operação, precisamente, foi efetuada pela maioria das doutrinas do conhecimento. Elas definem isoladamente o sujeito e o objeto. Por definição, designaremos como "metafísicas" as doutrinas que isolam e separam o que é dado efetivamente como ligado. Então, no mesmo movimento, o conhecimento torna-se um problema, e um problema insolúvel. Como relacionar as realidades assim definidas, ou seja, uma exterior à outra e uma sem a outra? Com esse método metafísico, que define os seres e as ideias fora de suas relações e de suas interações, será muito fácil concluir que o conhecimento é *impossível*, quando, na verdade, trata-se de um *fato* (LEFEBVRE, 1991, p. 50).

Lefebvre, embora conduza a interpretação sobre o "problema do conhecimento" através de outro ponto de vista, ainda cai na velha e presente relação entre o sujeito e o objeto, sendo essa relação (quando concebe isoladamente o sujeito do objeto) fruto de uma postura, para esse autor, metafísica. Nesse último ponto, Lefebvre está em perfeita concordância com Caio Prado. A solução que Lefebvre menciona para esse impasse causado por leituras metafísicas da relação sujeito-objeto surge quando o conhecimento, e somente assim, é concebido como um fato.

> Para eliminar esse problema insolúvel, basta considerar a relação em questão como um fato, tomando-a tal como se apresenta: o sujeito e o objeto, o pensamento e a natureza, são diferentes mas ligados, através de um liame que é uma interação incessante. O famoso "problema" do conhecimento alcança assim suas verdadeiras proporções. Pode-se

> examinar os instrumentos do conhecimento com o objetivo de aperfeiçoá-los: e este é o papel, em particular da lógica. Mas não é admissível pôr em questão o próprio conhecimento (LEFEBVRE, 1991, p. 56).

Em Lefebvre, observamos um modo diferente de entender a interrogação inicial: *Conhecimento: um problema?* Onde a maioria dos autores consultados e apresentados por nós entendeu o conhecimento como, efetivamente, um problema. Todavia, Lefebvre não escapou da relação sujeito-objeto, como já dissemos.

É importante lembrar que não esgotamos um imenso repertório de autores que se detiveram a entender o conhecimento. Selecionamos aqueles mais expressivos na filosofia e, na medida do possível, na Geografia. Outras questões, inclusive, não demos devida atenção, a exemplo da difusão e/ou disseminação[36] do conhecimento no período atual com os inúmeros meios de comunicação e controle. O conhecimento, como um problema ou não, é um objeto de inúmeras reflexões materializadas em livros e, também, na condição de disciplinas na filosofia e em algumas ciências. Adiante, esclareceremos a posição do conhecimento na condição de objeto. Por ora, é importante penetrarmos um pouco mais nas especificidades do pensamento.

2.3 Pensamento

Será sempre suspeita a teoria que procurar definir o pensamento. Do mesmo modo aquelas que intentam precisar o momento específico da história em que o pensamento teve origem. Nem por isso alguns sujeitos desistiram de tal exercício. O pensamento deixou linhas escritas em obras de inúmeros pensadores, com especial atenção dos filósofos, onde o próprio significado do filosofar se mistura com o de pensar e o conhecer.

O pensamento, a exemplo do que dissemos sobre o conhecimento, também necessita, na condição de objeto, de um recorte teórico-conceitual muito claro. Abrimos mão da abordagem psicológica do pensamento; no entanto, a perspectiva filosófica ainda permanece ampla. Peguemos, por exemplo, a obra fragmentada de Blaise Pascal (1623-1662), conhecida como Pensamentos (*Les pénsées*), editada e publicada após sua morte em 1670. Pascal transitou durante sua vida entre a ciência e a religião, advogando a favor desta última. A obra *Pensamentos* teve como objetivo demonstrar justamente este propósito, uma apologia à religião e ao cristianismo,

[36] "A coleta de conhecimento gera problemas de armazenagem evidentes e cada vez maiores, como fica óbvio no caso dos museus. O museu de Ciência de Londres contém 200 mil objetos, e o Louvre, o dobro. O museu Britânico contém 13 milhões de objetos, e o Museu de História Natural, cerca de 70 milhões de espécimes. O que vemos exposto em muitos museus é apenas a ponto de um iceberg, o restante do acervo ficando submerso nos porões e em outros depósitos. O Louvre, por exemplo, expõe menos de 10% de seu acervo" (BURKE, 2012, p. 65).

contudo a obra (que eram fragmentos) foi editada por seus amigos. Visto isso, "o pensamento" de Pascal, em sua obra máxima, foi constituído de fragmentos por ele escritos e editados por amigos, cuja denominação, assim, tornou-se *Pensamentos*. Um estudo dessa obra demandaria, assim posto, uma análise, antes do pensamento do próprio Pascal, dos amigos que editaram a obra, do pensamento filosófico, científico e religioso da época e, por fim, da obra propriamente dita.

O estudo do pensamento, assim, compreende muitos caminhos. Em Pascal, como observamos, seu pensamento mistura-se, na referida obra, com o dos amigos. Em uma outra abordagem, o sociólogo francês Marcel Granet publicou, em 1934, *O pensamento chinês*. Nessa obra, Granet contrapõe o "pensamento" do Ocidente a um "pensamento" diferente; o "pensamento" do Extremo Oriente – o chinês, no caso. Para Granet, os chineses compreendem o mundo a partir de outras categorias, diversas daquelas do mundo Ocidental. Com a mesma característica do trabalho de Granet, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, em 1962, publicou *O Pensamento selvagem* (*La pensée sauvage*). Lévi-Strauss comparou diversos povos (e seu modo de pensar) de diferentes partes do mundo.

O psicólogo Lev Semenovich Vygotsky, em *Pensamento e Linguagem* (1987), destacou o papel da história do indivíduo na construção de seu pensamento e da sua linguagem, cuja atenção principal ateve-se às crianças. Nas décadas finais do século passado, alguns autores, diferentemente do que dissemos até aqui, trouxeram outras abordagens à discussão do pensamento. Edgar Morin é um expoente do chamado *pensamento complexo* ou *teoria da complexidade*. O pensamento complexo é "animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento" (MORIN, 2005, p. 7).

Boaventura de Sousa Santos (2009) denominou o pensamento moderno ocidental de *pensamento abissal*. Esse pensamento, segundo Santos (2009, p. 23-24), "consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos" – o "universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha', conclui. No Brasil, o sociólogo José de Souza Martins (1996) chama atenção sobre *o modo capitalista de pensar*, que corresponde a um modo de produção de ideias adentrando tanto o pensamento do senso comum quanto do científico. As ideias são, na referida abordagem, necessárias à produção de mercadorias no modo de produção capitalista.

Esses exemplos da utilização do verbete pensamento apresentam, brevemente, alguns modos do seu uso. Tal qual o conhecimento, o pensamento motivou diversos filósofos à sua compreensão. Nicola Abbagnano (2007) distingue quatro significados do termo: 1- qualquer atividade mental ou espiritual; 2- atividade do intelecto ou da razão, em oposição aos sentidos e à vontade; 3- *Mividãdc* discursiva e 4- atividade intuitiva, e infere que o termo mais amplo é a primeira acepção: *qualquer atividade mental ou espiritual*. É com Descartes que tal significado teve sua materialização: "com a palavra 'pensar', entendo tudo o que acontece em nós, de tal modo que o percebamos imediatamente por nós mesmos; por isso não só entender, querer e imaginar, mas também sentir é o mesmo que pensar", diz Descartes (R. Princ. Phil. I, 9 apud ABBAGNANO, 2007, p. 751). Com essa mesma concepção, Locke fez alusão ao tema e afirmou que o "pensamento significa mais propriamente 'operação do espírito sobre as próprias ideias', e preferindo por isso a palavra 'percepção'. Essa propositura, entretanto, "interrompeu-se com Kant e não é retomada na filosofia moderna" (LOCKE..... apud ABBAGNANO, 2007, p. 751).

O segundo significado apontado por Abbagnano teve com Platão sua expressão inicial. Platão define o pensamento em geral

> [...] como o diálogo da alma consigo mesma. "Quando a alma pensa" – diz ele – "não faz outra coisa senão discutir consigo mesma por meio de perguntas e respostas afirmações e negações; e quando, mais cedo ou mais tarde, ou então de repente, decide-se, assevera e não duvida mais, dizemos que ela chegou a uma opinião" (PLATÃO, Teet., 190e. 191a apud ABBAGNANO, 2007, p. 751).

O terceiro significado (o discursivo) teve contribuição novamente de Platão (o que chamava de *diaónia*[37]). Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, por outro lado, discordaram de alguns elementos e incrementaram outros a esse terceiro significado, recaindo na afirmação de Hume, na qual o pensamento consistiria no "poder de compor, transportar, aumentar ou diminuir os materiais fornecidos pelos sentidos e pela experiência" (HUME... apud ABBAGNANO, 2007, p. 753). E, por último, nessa mesma linhagem, aparece Kant: "o pensamento é o conhecimento mediante conceitos" (KANT, 1980, p. 103).

> Este é, finalmente, o conceito de Kant: "Pensar é interligar representações numa consciência" (Prol, § 22). O que significa "pensar é o conhecimento

[37] "Termo grego que pode ser traduzido por "pensamento", "intelecto". "espírito". A dianoia é o pensamento discursivo, enquanto elaboração, explicitação ou desenvolvimento da *noese ou *nous, isto é, da razão intuitiva que capta de modo imediato o real (Aristóteles. Tratado da alma, III). Neste sentido, a dianoia é inferior ao nous, já que depende deste". (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1990, p. 54).

> por conceitos", e também, "os conceitos, como predicados de juízos possíveis, referem-se a algumas representações de um objeto ainda indeterminado", e portanto, quando esse objeto não é dado à intuição sensível, tem-se um "P. formal", mas não um conhecimento propriamente dito (KANT, 1980 p. 22, apud ABBAGNANO, 2007, p. 752).

O quarto e último significado (atividade intuitiva) de pensamento, ainda em uma abordagem histórica, apontado por Abbagnano, pertence, essencialmente, a Hegel.

> Hegel, por sua vez, foi quem expressou com mais clareza a identificação do pensamento com a autoconsciência criadora, ou seja, como atividade que coincide com sua própria produção. Ao definir a lógica como "ciência do pensamento", afirmativa que "ela contém o pensamento por que é ao mesmo tempo a coisa em si mesma, ou contém a coisa em si mesma por que é ao mesmo tempo o pensamento puro" (Wissenschaft der Logik, Intr., Conceito geral; trad.it. I, p. 32 apud ABBAGNANO, 2007, p. 752).

E,

> [...] partindo do conceito discursivo de pensamento Hegel chega ao seu conceito intuitivo: "o pensamento no seu aspecto mais próximo mostra-se sobretudo em seu significado subjetivo comum como uma atividade ou faculdade espiritual, ao lado de outras (sensibilidade, intuição, fantasia, apetição, querer, etc.) O produto dessa atividade, caráter ou forma do pensamento é o universal, o abstrato em geral o pensamento como atividade é, por isso, o universal ativo, é propriamente aquilo que se faz, visto que o feito, o produto, é justamente o universal. O pensamento representado como sujeito, é o pensante; e a expressão simples do sujeito existente como pensante é o eu" (HEGEL, p. 20 apud ABBAGNANO, 2007, p. 752).

Este breve histórico dos significados do pensamento através de alguns filósofos não esgota o leque de outros pensadores do assunto. Com outro modo de interpretar o pensamento na história, Edgar Morin (2011) faz alusão a dois pensamentos iniciados desde a pré-história. Morin se refere ao pensamento simbólico/mitológico/mágico e o empírico/técnico/racional. O primeiro integrou-se ao pensamento religioso como forma de conduzir a vida: nascimentos, casamentos, mortes, caçadas, semeaduras e guerras. Já o segundo (que integrava a religião) deu saltos importantes no âmbito da astronomia. No entanto, posteriormente, houve de fato a separação entre a ciência e a religião[38].

[37] "Termo grego que pode ser traduzido por "pensamento", "intelecto". "espírito". A dianoia é o pensamento discursivo, enquanto elaboração, explicitação ou desenvolvimento da *noese ou *nous, isto é, da razão intuitiva que capta de modo imediato o real (Aristóteles. Tratado da alma, III). Neste sentido, a dianoia é inferior ao nous, já que depende deste". (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1990, p. 54).

[38] "Foi, realmente, nos últimos desenvolvimentos da história ocidental que uma oposição se constituiu entre a razão e o mito e que se operou a ruptura entre ciência e religião" (MORIN, 2011, p. 169).

Esses dois pensamentos, na abordagem de Morin (2011, p.186), combinam-se e podem entrar em simbiose no período atual – "eles têm, antes de tudo, a mesma fonte; quer dizer não apenas o espírito/cérebro em geral, o que é trivial, mas essencialmente os princípios fundamentais que dirigem suas operações".

Ainda que a utilização do termo pensamento seja diversa durante o correr da história, avanços em sua compreensão são notáveis nos últimos anos. Em torno de sua compreensão, há, como no conhecimento, embates interpretativos direcionados ao seu significado.

2.3.1 As interpretações

Descartes, com a célebre frase "eu duvido, logo penso, logo existo" (*Dubito, ergo cogito, ergo sum*), crivou[39], na história da filosofia, o papel do pensamento[40]. Esta frase, no entanto, representa a visão (embora aqui resumida) da concepção do significado de pensamento para esse filósofo. O pensamento, para Descartes, "seria algo perene (uma "substância", subjectum) que serve de substrato ou solo para toda representação que fazemos do mundo". Concluirá que "na procura da verdade o primeiro passo é reconhecer a centralidade do pensamento" (ANDRADE, 2012, p. 15).

Muitos filósofos compartilharam do pensamento cartesiano, acreditando que o racionalismo (razão/pensamento) por si mesmo poderia conhecer as coisas em sua integralidade. Não só Descartes, mas outros filósofos se detiveram ao exercício de desvendar as possibilidades e limites do pensamento, a exemplo do empirismo e posteriormente do materialismo histórico e dialético e dos pós-kantianos. Atualmente, não só aos filósofos o pensamento é objeto, mas às ciências tal qual o conhecimento.

Realizamos, no início deste capítulo, uma discussão com dicionários e enciclopédias demonstrando uma polissemia de significados. Abrimos mão da concepção psicológica do pensamento e, de modo breve, descrevemos historicamente algumas concepções de pensamento para alguns filósofos na história da filosofia. Cabe, contudo, adiante, apresentarmos outros significados e interpretações do pensamento.

[39] Com isso não queremos, necessariamente, desprezar a contribuição de outros filósofos anteriores a Descartes.
[40] "Por vezes, Descartes parece usar "pensamento" em um sentido intelectualista estrito, como quando define "coisa pensante" como "mente, inteligência, intelecto ou razão" (AT VII 27: CSM li 18); assim, a validade do argumento do COGITO ERGO SUM pode residir no fato de que duvidar de que penso é algo que se refuta a si mesmo, uma vez que a dúvida é uma instância do pensamento. Há também, contudo, muitos indícios de que Descartes utilizava o termo "pensamento" de um modo muito mais amplo, cobrindo toda uma gama de atividades mentais" (COTTINGHAM, 1995, p. 133-134).

Karl Mannheim (1968, p. 29), através da sociologia do conhecimento, criticou os filósofos pela postura individual de interpretar o pensamento:

> Os filósofos dedicaram tempo em demasia preocupando-se com o seu próprio pensamento. Quando escreviam sobre o pensamento, tinham em mente sobretudo a sua história pessoal, a história da Filosofia, ou campos muito especiais do conhecimento como a Matemática ou a Física. Este tipo de pensamento somente pode ser aplicado em circunstâncias bastante especiais, e o que se pode apreender com sua análise não é diretamente transferível a outras esferas de vida. Mesmo quando se pode aplica-lo, refere-se apenas a uma dimensão específica da existência, que não basta para seres humanos que busquem compreender e moldar seu mundo.

O pensamento não pode ser compreendido sem as relações e origens sociais. Esse fator, para Mannheim, é preponderante à sociologia do conhecimento. O indivíduo isolado, de onde os filósofos partem rumo ao "pensamento em si", segundo a sociologia do conhecimento, não corresponde ao "contexto concreto de uma situação histórico social" de onde o pensamento surge (MANNHEIM, 1968, p. 31). Ainda com Mannheim,

> [...] é incorreto dizer-lhe que um indivíduo isolado pensa. Antes, é mais correto insistir em que ele participa do pensar acrescentando-se ao que outros homens pensaram antes dele. O indivíduo se encontra em uma situação herdada, com padrões de pensamento a ela apropriados, tentando reelaborar os modos de reação herdados, ou substituindo-os por outros, a fim de lidar mais adequadamente com os novos desafios surgidos das variações e mudanças em sua situação. Cada indivíduo é, dessa forma, predeterminado em um duplo sentido pelo fato de crescer em uma sociedade: encontra, por um lado, uma situação definida e, por outro, descobre em tal situação padrões de pensamento e de conduta previamente formados (MANNHEIM, 1968, p. 31).

Mannheim faz alusão a padrões e estilos de pensamento em seu processo coletivo. O pensamento individual[41] está, para esse autor, subjacente ao pensamento coletivo. "Mesmo à profunda intuição do gênio estão subjacentes a experiências coletivas históricas de um grupo, as quais o indivíduo toma como dadas, mas que não devem, em condição alguma, ser hipostasiadas como 'mente do grupo'" (MANNHEIM, 1968, p. 291). Esse autor, contudo, não indica propriamente o significado de pensamento; ilustra, apenas, as influências que o determinam em um contexto coletivo e histórico.

[41] "Tornar-se-á cada vez mais claro que as forças vivas e as atitudes efetivas subjacentes as atitudes teóricas não são, de maneira alguma, meramente de natureza individual, vale dizer, não tem sua origem, em primeiro lugar, na tomada de consciência de seus interesses pelo indivíduo no decurso do seu pensar. Antes, emergem dos propósitos coletivos do grupo, subjacentes ao pensamento do indivíduo, e de cuja visão prescrita ele apenas participa. Neste sentido, torna-se mais claro que não se pode compreender corretamente uma grande parte do pensar e do saber, enquanto não se levar em consideração suas conexões com a existência ou com as implicações sociais da vida humana" (MANNHEIM, 1968, p. 290).

Hessen (1999), por outro lado, aponta a relação íntima entre a razão e o pensamento, e o cuidado na redução do segundo à primeira – uma vez que a razão (leia-se racionalismo) é unívoca ao dar ao pensamento o primado de única fonte de conhecimento. Tal leitura determinística da origem do conhecimento pelo racionalismo também ocorre com seu contrário, isto é, o empirismo. No entanto, esse filósofo acaba não apontado uma posição clara do que entende por pensamento, caindo justamente na questão do conhecimento. Apenas indica que a contradição entre a visão racionalista e empirista da origem do conhecimento, onde são opostos, teve com o intelectualismo uma tentativa de conciliação entre estes dois polos, dado que o intelectualismo, para esse autor, considera tanto o pensamento (razão) quanto a experiência como fontes do conhecimento.

Em Prado Jr (1969, p. 43), "o pensamento é um fato tão real como outro fato qualquer no Universo". Caio Prado, como no conhecimento, não advoga com as concepções idealistas ou metafísicas do pensamento. A ação dá vida ao pensamento ao passo que o mesmo, dialeticamente, condiciona a ação.

> É com o pensamento que o homem é o que é; e é na ação que seu pensamento se exprime. Mas como ação, o pensamento é também conhecimento, porque é na base deste último, e tomando-o por conteúdo, que o pensamento se desenvolve. O pensamento dirige a ação e é por ela condicionado; e é nesse condicionamento que vamos encontrar o conhecimento: é do pensamento gerado na interação do homem com o Universo, realizada pela ação que brota e se constitui o conhecimento. É na faculdade psíquica e função orgânica de pensar, no fato racional do homem, posto em movimento pela ação, que se elabora o conhecimento (PRADO Jr, 1969, p. 57).

Se o pensamento é um fato e, ainda assim, coadunado pela ação[42], o que é, então, o pensamento para esse autor? Responde:

> "Pensamento" não é senão o próprio processo, que podemos observar no fato psicológico da sucessão ou desfilar de representações mentais (sensíveis e conceituais), ou na consciência propriamente, onde nos é dado por métodos indiretos de observação. Esse desfilar, que chamamos movimento do pensamento, o próprio pensamento; e é através dele que se realiza a coordenação da experiência, desde o nível concreto da representação conceitual. Essa coordenação, embora muito variável, não é arbitrária e indeterminada, e faz-se segundo normas precisas segundo as quais funciona o pensamento, e que constituem as leis orgânicas da função mental. Cabe à teoria do conhecimento, que nas suas conclusões é a Lógica dialética, determinar e analisar essas leis (PRADO Jr, 1969, p. 111, grifo do autor).

[42] "É pela ação que se comunicam as duas esferas do Pensamento e da Realidade exterior; essa comunicação não é passiva, mas sim ativa: o Homem, como indivíduo pensante, vai de encontro à Realidade, impulsionando e dirigido pelo seu pensamento; e essa impulsão e ação se confundem com o fato das impressões sensíveis que levam ao Pensamento a realidade exterior e o material com que aquele conta para elaboração do Conhecimento" (PRADO Jr, 1969, p. 651).

Pensamento, portanto, é um processo, um movimento. O pensamento,

> [...] por isso mesmo que é uma feição, um aspecto, um ângulo de um Universo interligado em todas as suas partes e formando um conjunto inseparável (e não o Universo metafísico de "coisas" ou "entidades" distintas e autônomas), por isso mesmo o Sujeito do pensamento se articula e interliga intimamente com as demais feições do Universo (a gravitação, a reação química, o fenômeno orgânico), feições essas todas, que tanto quanto o pensamento, constituem assuntos de que se ocupa o Pensamento. Vemos assim que o Pensamento tanto pode ser Sujeito do pensamento (quando se aplica às diferentes feições do Universo, inclusive quando se aplica ao pensamento que também faz parte do Universo e constitui uma feição dele como as outras); como Objeto do pensamento, quando representa a feição ou parte do Universo a ser considerada (PRADO Jr, 1969, p. 666).

Prado Jr (1969), cita ainda a linguagem[43] como uma das formas do pensamento, chamando atenção ao fato de que ela não *é todo o pensamento*. Menciona as operações do pensamento que, como atividades subsidiárias, articulam e sistematizam a experiência conceitualizada. Porém, alerta que nem toda operação do pensamento é consciente, podendo muitas operações mentais serem não conscientes.

Kopnin (1978, p. 121) é categórico: "o pensamento é o reflexo da realidade sob a forma de abstrações. O pensamento é um modo de conhecimento da realidade objetiva pelo homem". Kopnin, numa abordagem materialista e dialética, ainda, inclui que o pensamento é uma atividade (prática) criadora "que serve de base à atividade criadora do homem, necessita do pensamento que é objetivo por conteúdo, ou seja, tem objetivo finito, reflete de modo ativamente criador os objetos e processos da realidade objetiva" (KOPNIN, 1978, p. 125). Diferentemente de Prado Jr, Kopnin, como citado, compreende o pensamento como um *reflexo* e argumenta:

> Enquanto reflexo, o pensamento não é uma cópia do objeto em certas formas materiais, não é a criação do objeto – duplo mas uma forma de atividade humana determinada pelas propriedades e leis do objeto tomadas em seu desenvolvimento. A compreensão das peculiaridades do pensamento como reflexo pressupõe a elucidação da correlação entre subjetivo e objetivo que nele se verifica. No processo de pensamento, o sujeito não muda em termos práticos o objeto mas tão-somente o reflete, conhece as suas leis. Surge e se desenvolve na base do prático a relação teórica do sujeito com o objeto cujo resultado só pode ser o conhecimento deste e não a sua mudança. O pensamento não separa o sujeito e o objeto (o homem e a natureza) mas os unifica. Essa unificação consiste em que, do pensamento, resulta a criação de uma imagem subjetiva do mundo objetivo (KOPNIN, 1978, p. 125-126).

[43] "A linguagem é assim ao mesmo tempo que expressão exterior do pensamento, uma das maneiras de ser desse pensamento. Chamemo-la de pensamento discursivo, em oposição ao pensamento conceitual propriamente que caracterizaremos por enquanto simplesmente por essa oposição, isto é, por aquilo que no pensamento não é linguagem" (PRADO JR, 1969, p. 154).

O pensamento como reflexo expressa uma imagem subjetiva do mundo objetivo. "Ele não pode ultrapassar os limites da subjetividade no sentido de que não pertence sempre ao sujeito, ao homem social e cria apenas a imagem e não a própria coisa objetiva, com todas as suas propriedades"; mas nem por isso a objetividade do pensamento para esse filósofo se perde: "o pensamento é objetivo porquanto se desenvolve pela via da criação de uma imagem ideal que reflete o objeto com plenitude e precisão; por conteúdo, procura ser adequado à coisa objetiva, descobrir as propriedades do objeto tais como elas existem" (KOPNIN, 1978, p. 127). Essa dialética entre o subjetivo e objetivo, consubstanciado no pensamento por meio do reflexo do objeto, fez com que Kopnin afirmasse que o pensamento é uma forma específica da atividade do homem, ou seja, uma ação intelectual de ordem teórica.

> Enquanto atividade intelectual, o pensamento é, a seguir, um processo com fim definido. No pensamento o homem se propõe a determinados fins, que têm significado objetivo e são produto das necessidades práticas. Visando a determinados fins, o homem coloca e resolve o problema da relação da essência do pensamento com a realidade objetiva. Deste modo realiza-se a verificação material dos resultados do pensamento, elucida-se até que ponto concretizou-se o fim colocado diante do pensamento. Enquanto atividade intelectual do homem, o pensamento atua como ideal em relação ao objeto nele refletido (KOPNIN, 1978, p. 130).

O fato do pensamento, segundo o referido filósofo, ser uma atividade intelectual não significa, contudo, ser autônomo e independente. Afinal, o pensamento não é criador do objeto, da coisa em suas características materiais e ideais. É apenas uma imagem da matéria (KOPNIN, 1978).

Henri Lefebvre (1991) considera o pensamento como um movimento. Todo pensamento é movimento, um pensar constante, e o pensamento verdadeiro é um conhecimento (pensar) de um movimento. O pensamento em movimento detém uma história e um conteúdo (objeto). Lefebvre, em termos marxistas, soma-se a Prado JR e Kopnin. Tal somatória expressa-se na não concordância do pensamento como uma substância[44]. Em substituição à ideia de substância, Lefebvre acrescenta que o pensamento é uma *atividade*.

> Ora, o pensamento não é uma substância, mas uma atividade. É verdade que o idealismo, a partir de Kant, criticou a noção de "substância" e de "coisa" quando aplicada ao pensamento, ao espírito; passou a afirmar que o pensamento é uma *atividade* e não uma coisa ou substância. Mas a categoria metafísica de "substância", aplicada ao pensamento, persiste no

[44] "O erro da metafísica foi transpor esse ser para uma realidade absoluta, e ao mesmo tempo, transformar também o pensamento num "algo", numa substância" (LEFEBVRE, 1991, p. 164).

> idealismo crítico dos kantianos; com efeito, eles imaginam o pensamento como uma atividade fechada em si mesma, tendo uma *natureza subjetiva determinada* (e, portanto, uma "substancialidade") que o separa do objeto, de tal modo que sua atividade consiste em pôr a própria marca – sua forma – nos objetos (conteúdo) e, em seguida, constatar aquilo que foi posto (LEFEBVRE, 1991, p. 101).

Na condição de atividade[45], o pensamento não pode ser compreendido exteriormente aos objetos que se direciona. "É nos objetos e nos produtos do pensamento humano que devemos buscar o pensamento e não à parte", diz (LEFEBVRE, 1991, p.121). Tal como Prado JR, Lefebvre (1991, p. 187) credita, por fim, à ação do homem o fundamento do pensamento, isto é; "o pensamento não é senão o homem pensante e atuante, com toda a sua vida e sua história".

Marilena Chauí (2000, p. 158), no rol de filósofos contemporâneos, destaca que o pensamento é "uma atividade pela qual a consciência ou a inteligência coloca algo diante de si para atentamente considerar, avaliar, pesar, equilibrar, reunir, compreender, escolher, entender e ler por dentro". Essa atividade da consciência e da inteligência teria como objetivo

> [...] ir colhendo, reunindo, recolhendo os dados oferecidos pela experiência, pela percepção, pela imaginação, pela memória, pela linguagem, e voltando a si, para considera-los atentamente, coloca-los diante de si, observá-los intelectualmente, pesá-los, avaliá-los, retirando deles conclusões, formulando com eles ideias, conceitos, juízos, raciocínios, valores (CHAUÍ, 2000, p. 158).

O pensamento não é apenas uma atividade da inteligência, visto que o mesmo elabora conceitos e juízos, formulando teorias, articulando pela indução e dedução rumo à verdade do conhecimento – tal exercício está ligado ao pensamento lógico ou conceitual que é diverso do pensamento mítico[46] (CHAUÍ, 2000).

Em uma abordagem que se propõe complexa, Edgar Morin (2011, 2012) estabelece uma miríade de caminhos possíveis à definição do pensamento. Suas concepções opõem-se ao que já dissemos até aqui referente ao pensamento e, em alguns casos, concordam em certos, mas poucos aspectos dos autores por nós então citados. O cérebro, para esse autor, é uma ferramenta do pensamento, ao passo que o pensamento pode, também, ser um instrumento do cérebro.

[45] "O pensamento não é uma "substância" isolada ou perdida entre outras substâncias. O pensamento é ato, ou seja, poder; e o poder não pode ser definido fora das coisas sobre as quais age" (LEFEBVRE, 1991, p. 122).
[46] "A primeira e fundamental diferença está no fato de que enquanto o pensamento mítico opera por bricolage (associação dos fragmentos heterogêneos), o pensamento conceitual opera por método (procedimento lógico para a articulação racional entre elementos homogêneos)" (CHAUÍ, 2000, p. 166).

O pensamento é a ação superior que organiza as atividades do espírito. A linguagem é o meio segundo o qual essa atividade do espírito concebe o real e o mundo. O pensamento, com isso, se torna uma ação específica do espírito humano, manifesto através da consciência, da lógica e da linguagem (MORIN, 2012). O pensamento

> [...] no seu movimento organizador/criador, é uma atividade dialógica complexa de atividades e operações que aciona as competências complementares/antagônicas do espírito/cérebro e, nesse sentido, representa a plena utilização da dialógica das aptidões cogitantes do espírito humano. Essa dialógica elabora, organiza, desenvolve, em modo concepção, uma esfera de múltiplas competências, especulativas, práticas e técnicas, justamente o que caracteriza o pensamento (MORIN, 2012, p. 201).

Sendo uma atividade do espírito humano, do cérebro como ferramenta e organizador, e da linguagem como manifestação do real comportando uma dialógica complexa, o pensamento deve construir fronteiras e conceitos e, ao mesmo tempo, desconstruí-los, "deve combater a contradição, mas ao mesmo tempo assumi-la e alimentar-se dela", assim, o pensamento é uma "navegação entre Caribdes e Cilas, para a qual a deporta toda hegemonia de um dos processos antagônicos" (MORIN, 2012, p. 211).

Morin (2012, p. 203), ainda, destaca que o pensamento é como um turbilhão "animado por um movimento em espiral". Nunca é repetitivo. O pensamento apaga-se ao reduzir-se à repetição da mesma verdade adquirida". Esse pensamento, nos aspectos que citamos, contudo, não pode evitar os desvios, a loucura. O pensamento animado, vivo, traz a sua própria destruição (ceticismo, relativismo) na sua própria marcha de construção[47]. Morin adiciona mais quatro compreensões/definições de pensamento, a saber:

> - O pensamento é ao mesmo tempo uno/múltiplo, polimorfo, aberto, versátil; pode aplicar-se a todos os problemas, logo a todos os problemas de conhecimento (descrição, investigação, conceituação, algoritmização, teorização etc.) (MORIN, 2012, p. 206).
>
> - O pensamento mobiliza integralmente o ser e pode absorvê-lo totalmente. Cada indivíduo utiliza, do seu jeito, conforme a sua idiossincrasia, sua história pessoal, sua formação, sua profissionalização, as possibilidades dialógicas do pensamento (MORIN, 2012, p. 207).
>
> - O pensamento é uma arte que deve, a cada vez, inventar a sua concepção de um fenômeno, de um acontecimento, de um problema (MORIN, 2012, p. 207).

[47] "O único pensamento que vive é aquele que se mantém na temperatura da sua própria destruição" (MORIN, 1971, p. 24 apud MORIN, 2012, p. 204).

> - Felizmente existe pensamento vivo nas ciências, nas técnicas, na vida cotidiana; os analfabetos pensam, assim como todos que percebem por conta própria, concebem por si mesmos, refletem sozinhos. Nesse sentido, o pensamento permanece uma atividade pessoal e original (MORIN, 2012, p. 209).

No crivo das interpretações, as mais diversas, Ricken (2005) tem razão em afirmar que o pensamento é uma expressão de significação múltipla. O pensamento, como vimos, pode ser lido através do racionalismo cartesiano, pelo fator social apontado por Mannheim, como um fato em Prado JR, um *reflexo* em Kopnin, o movimento e a ação como condições necessárias exposto por Lefebvre, em Chauí como momento da consciência colocando uma coisa/objeto diante de si e, por último, Morin numa abordagem advinda dos estudos da complexidade, o qual demonstrou um extenso conjunto de definições. Com essas interpretações, tivemos o objetivo de apresentar a inumerável quantidade de caminhos possíveis rumo ao conhecimento do pensamento. Outras interpretações poderiam estar presentes, e as aqui escolhidas com seus respectivos autores substituídas. Seguramente, nunca chegaremos a um consenso entre os diversos autores e suas interpretações. Assim, tão somente, só nos resta afirmar que, independentemente da definição do pensamento, de sua existência, de seus fundamentos etc., como objeto de investigação o pensamento ocupou um conjunto significativo de domínios do saber à sua compreensão, a exemplo do que já vimos anteriormente. Nesse sentido, pensamento e conhecimento se assemelham, ou seja, na condição de objeto. É o que discutiremos a seguir.

2.4 A condição de objeto

Há que se distinguir o objeto do conhecimento e do pensamento e o conhecimento e o pensamento como objeto. Tal distinção, naturalmente, lança-nos à relação sujeito/objeto; contudo, o que nos interessa é, tão somente, demonstrar estudos acadêmicos da Geografia brasileira que se ocupam de ideias e práticas geográficas na história e no período de então, cuja denominação tradicionalmente é o *pensamento e/ou conhecimento geográfico*. A expressão *condição de objeto* não pretende reduzir o conhecer, o pensar e o fazer geográfico enquanto temática de investigação à matéria propriamente dita, mas afirmar justamente o caráter, a condição, de um programa de pesquisa como outros já existentes na Geografia brasileira. É afirmar, de modo seguro, a existência e a possibilidade de um *tema de*

pesquisa, muitas vezes disperso e mal compreendido, por isso é que desenvolvemos nos tópicos anteriores algumas concepções de conhecimento e pensamento.

O conhecimento e o pensamento, na condição de um objeto, permitiram que diversos domínios do saber dedicassem e desenvolvessem disciplinas para sua compreensão. Exemplo mais notável é a filosofia e seus subcampos: epistemologia, filosofia da ciência, gnoseologia, lógica e a teoria do conhecimento. Essa distribuição, entretanto, não é um consenso entre os filósofos. Para alguns, a epistemologia e a teoria do conhecimento são a mesma coisa, outros nem mesmo as consideram, propriamente, como disciplinas. A lógica, inclusive, ganhou tamanha autonomia que há quem diga que é um saber independente da filosofia.

Na sociologia, tem-se a sociologia da ciência e a sociologia do conhecimento. A primeira, ligada à ciência (também conhecida como sociologia dos intelectuais) e à atividade científica e a segunda ao conhecimento em geral. Na história, também há semelhantes disciplinas: história da ciência e história das mentalidades (ou história intelectual), inclusive, na psicologia com Piaget nasce uma psicologia das ciências (JAPIASSU, 1986).

Na antropologia, com a chamada *antropologia do conhecimento* (MORIN, 2012), é dedicada uma disciplina ao conhecimento. Além desses campos autônomos, há as proposituras oriundas das ciências cognitivas e dos *science studies* (estudos da ciência). As ciências cognitivas dedicam-se aos estudos interdisciplinares para compreender o conhecimento. "A maioria dos cientistas cognitivos é proveniente das fileiras de disciplinas específicas – em especial, da filosofia, da psicologia, da inteligência artificial, da linguística, da antropologia e da neurociência" (GORDNER, 2003, p. 20). É um empreendimento que busca entender a natureza do conhecimento através de como o mesmo é representado na mente.

> Assim, como seus antigos colegas, os cientistas cognitivos de hoje perguntam que significa conhecer algo e ter crenças precisas, ou ser ignorante e estar errado. Eles procuram entender o que é conhecido – os objetos e sujeitos do mundo externo – e a pessoa que conhece – seu aparelho perceptivo, mecanismos de aprendizagem, memória e racionalidade. Eles investigam as fontes do conhecimento: de onde vem, como é armazenado e recuperado, como ele pode ser perdido? (GORDNER, 2003, p. 18).

Já os *science studies,*

> [...] transitam entre a filosofia da ciência, a história da ciência, a sociologia da ciência e também entre a antropologia da ciência, os *cultural studies* e os estudos feministas sobre ciência, e sua condição de existência se daria justamente por meio da crescente supressão das fronteiras disciplinares (LAMEGO, 2009, p. 5).

Tanto as ciências cognitivas quanto os *science studies* têm em comum a interdisciplinaridade e a atenção ao conhecimento. Os "clássicos" domínios de estudos do conhecimento (teoria do conhecimento, epistemologia, sociologia do conhecimento etc.) ainda estão presentes em muitos estudos. Contudo, é arriscado precisar quais são os caminhos utilizados (em sua totalidade) pelos pesquisadores de diversas áreas no entendimento do conhecimento atualmente. É fatídico dizer, apenas, que os modos "clássicos" e "contemporâneos" estão, ambos, presentes nos estudos de então.

Colocar o conhecimento na condição de objeto leva-nos, novamente, a nos perguntar com que conhecimento estaremos lidando. Sabemos que o conhecimento pode tanto ser uma realidade material quanto imaterial, ou as duas ao mesmo tempo. O conhecimento pode ser um *meio* para adquirir novos conhecimentos. Porém, indaga Burke, "há um aspecto político na pergunta "o que é conhecimento?". Quem tem a autoridade para decidir o que é conhecimento?" (BURKE, 2012, p. 14).

Além de tudo, "o conhecimento, com efeito, não pode ser um objeto como os outros, pois serve para conhecer os outros objetos e a si mesmo" (MORIN, 2012, p. 25). Se o conhecimento, como diz Morin, "não pode ser um objeto como os outros", como lidar com tal situação? Morin, a essa interrogação, sugere que haja um conhecimento do conhecimento. "O *conhecimento do conhecimento* deve tornar-se com legitimidade cem por cento científico, objetivando ao máximo todos fenômenos cognitivos. Mas, ao mesmo tempo, pode e deve permanecer cem por cento filosófico" (MORIN, 2012, p. 28).

Já o pensamento, precisamente, enquanto objeto na ciência, não apresenta tantas diferenças em comparação ao conhecimento em termos dos meios de análise (epistemologia, sociologia do conhecimento, história intelectual); no entanto, como esclarecemos no início, à filosofia coube o pensamento e à psicologia o pensar. Em termos de ciência, a Geografia em especial, a referência ao pensamento geralmente carrega a perscrutação de compreender um geógrafo e

"seu pensamento" ou, por outro lado, realizar uma síntese das atividades e ideias dos geógrafos ou outros sujeitos na história ou no tempo presente. "O pensamento geográfico", como muitos advogam, tem o papel de ser uma composição que dá identidade a um modo de ver e ser no mundo em comparação a outras formas científicas ou não científicas. O conhecimento geográfico, por outro lado, pode referir-se ao mundo que se conhece através de uma tradição que deixou heranças no modo de olhar (caso da Geografia ciência), como uma coisa conhecida e deixada à posteridade (e.g. o conhecimento da geomorfologia brasileira empreendido por Aziz Ab'Sáber e materializada em livros, artigos etc.).

Entretanto, o conhecimento e o pensamento, do ponto de vista científico, não abrangem todo o universo que ambos os termos carregam em seus significados. O conceito de conhecimento e pensamento é múltiplo e pode se apresentar, ao que se sabe, de modo diferente em sociedades diversas. A condição de objeto de investigação abre portas também para esse movimento do saber nos dias atuais, isto é, o reconhecimento de outras formas e gêneros de conhecimento e pensamento que não somente o científico. *Formas* e *gêneros* são termos diferentes de *níveis, graus* ou *divisões* do conhecimento e pensamento. Cabe, agora, tocar neste assunto.

2.5 Gêneros,formas, níveis, graus e divisões: classificações

A definição do conhecimento e do pensamento humano, que durante muito tempo foi circunscrita à atividade filosófica, científica e religiosa, herdou desses saberes ao longo da história diversas denominações, divisões e, sobretudo, hierarquias. Desde a Antiguidade Grega, na figura de Platão, surgiram as primeiras divisões, níveis ou graus do conhecimento – no caso específico desse filósofo, a divisão consistia em Física (percepções sensíveis), Ética (vontade e desejo) e a Lógica (a razão), o que, no fundo, era uma divisão das ciências. Esse modelo de divisão tritônica do conhecimento/ciência também é realizado por Aristóteles (Teóricas, Práticas e Produtivas).

No plano religioso, o momento da história mais oportuno foi, sem dúvida, a Idade Média sob forte influência do cristianismo e da Igreja Católica. As ciências foram, todas, submetidas à teologia. Esses fatos apenas reforçam a ideia de que o conhecimento e o pensamento, além de serem palavras de conceituação múltipla, modificam-se no constante correr da história. A atividade científica, cujo auge é a Idade Moderna ou a Renascença, confere à ciência e à filosofia relativa autonomia

frente à teologia. Sistemas de classificação do conhecimento se multiplicam[48] – alguns continuam ainda com bases nas proposituras platônicas e aristotélicas, outros com herança do cristianismo.

O conhecimento e o pensamento, quando divididos em graus, níveis ou em hierarquias, podem ter uma função tanto útil quanto destrutiva[49]. No caso da *divisão*, por exemplo, pode ser útil no esclarecimento dos objetivos de cada domínio do saber (religioso, científico, filosófico, etc.), reconhecendo as *utilidades* e *funções* aplicadas no mundo dos humanos. Contudo e geralmente, as divisões, graus e principalmente as hierarquias procuram referir-se a conhecimentos ou pensamentos indicando os mais abstratos/metódicos e outros cuja utilização da razão seja "menos" presente. A existência de divisões, níveis e hierarquias pressupõe *critérios* para separar ou classificar os saberes. Esses critérios podem variar de autor parar autor e também no tempo. Utiliza-se, com frequência, o rigor metodológico para separar o senso comum da ciência. À filosofia diz-se que é um modo do saber altamente abstrato, que além de integrar diversos dados ainda combina diversos saberes científicos.

Resumindo o que dissemos, as divisões e classificações sempre estarão assentadas em critérios conduzidos por alguém. Não são inatas. Mas podem ter *utilidades* e *funções* que variam no contexto de sua utilização.

Quanto aos gêneros e às formas, o objetivo é demonstrar as *diferenças* entre os conhecimentos e os pensamentos *sem sobreposições hierárquicas*. Desse modo, por exemplo, o saber religioso, científico e filosófico são apenas gêneros ou formas diferentes de conhecimento e pensamento.

[48] "No século XVI, destacam-se as classificações de Konrad von Gesner (1516-1565), François Grude - também conhecido como senhor da Croix du Maine (1552-1592) e de Juan Huarte de San Juan - mais conhecido por Huarte (1529-1591). Gesner, na segunda parte de sua obra Bibliotheca Universalis (Zurich, 1545-1548), denominada *Pandectarum*, ordena as disciplinas em Sermonizantes (1. Gramática. 2. Dialética. 3 Retórica); Necessárias (4. Poética); Matemáticas (5. Aritmética); Preparatórias (6. Geometria. 7. Música. 8. Astronomia. 9. Astrologia); Adorno (10. História. 11. Geografia); Artes e Ciências (12. Artes Adivinhatórias. 13. Belas Artes e Mecânica); Artes e Ciências Substantivas (14. Física. 15. Metafísica. 16. Ética. 17. Economia) e Substantivas (18. Política. 19. Jurisprudência. 20. Medicina. 21. Teologia Cristã), com subdivisões. Grudé, denominado La Croix Du Maine, bibliotecário e bibliógrafo francês, propõe um esquema classificatório para a Biblioteca Real da França, em 1583, durante o reinado de Henrique III, articulado em 107 subclasses agrupadas em sete classes principais: Coisas Sagradas; Artes e Ciências; Universo; Gênero Humano; Homens Ilustres na Guerra; Obras Criadas por Deus e Obras Diversas. Huarte de San Juan, psicólogo, médico e filósofo espanhol, em 1575, escreveu o seu famoso *Examen de Ingenios para las Ciências*, considerando as três faculdades (capacidades subjetivas) representativas do psiquismo – memória (capacidade de dispor dos conhecimentos passados), entendimento ou razão (referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação ou a investigação e, nesse sentido, diz-se que a razão é uma faculdade própria do homem, que o distingue dos animais) e imaginação (capacidade de evocar ou produzir imagens, independentemente da presença do objeto a que se referem). Huarte propõe sua própria lista de saberes ou disciplinas), de grande transcendência posterior (no século XVII com Francis Bacon e no século XVIII com os enciclopedistas Diderot e d'Alembert), retomada no decorrer deste estudo" (ANJOS, 2008, p. 49).

[49] "Distinção entre alto e baixo conhecimento (*scientia superior et inferior*) feita pelo dominicano Giovanni Maria Tolosani na década de 1540 serve para lembrar a importância da hierarquia na organização intelectual do conhecimento no período. O conhecimento masculino, inclusive o conhecimento da esfera pública, era visto, ao menos pelos homens, como superior ao conhecimento feminino, mais ou menos limitado à piedade e ao domínio doméstico" (BURKE, 2003, p. 80).

As distinções em gêneros podem multiplicar-se, indo de conhecimentos "públicos e privados", conhecimento "legítimo e proibido", conhecimento "qualitativo e quantitativo", entre outras. Essas distinções[50] em gêneros, assim como nas divisões, detêm utilidades e funções. George Gurvitch (1969), por exemplo, distingue sete gêneros do conhecimento, a saber:

I. ***O conhecimento perceptivo do mundo exterior*** *afirma como verdadeiro um conjunto coerente de imagens, colocadas nos espaços e nos tempos concretos e específicos; a sua percepção, a possibilidade de conceitualizar e de os quantificar são muito variáveis* (GURVITCH, 1969, p. 32).
II. ***O conhecimento de Outrem, dos Nós,*** *dos grupos, das classes, das sociedades, colhido na sua realidade e afirmado como verídico por um juízo consciente, representa um gênero particular do conhecimento* (GURVITCH, 1969, p. 36).
III. ***O conhecimento do bom-senso****, que poderíamos designar com um termo hoje na moda: "conhecimento da vida cotidiana" é um gênero particular de conhecimento. Consiste em uma combinação do conhecimento de Outrem e dos Nós, do conhecimento perceptivo do mundo exterior, enquanto meio mais próximo de um Nós ou de um grupo; de certos conhecimentos técnicos menos difíceis – entre os quais a técnica do corpo; dos usos da boa educação e das manifestações de reserva e distância* (GURVITCH, 1969, p. 37).
IV. ***O conhecimento técnico*** *não é simplesmente o conhecimento dos meios que se empregam para atingir fins ideais, como faziam crer certas filosofias espiritualistas, nem um conhecimento científico aplicado, caracterizado pela sua elaboração e transmissibilidade, como o afirmava o positivismo vulgar. O conhecimento técnico é um conhecimento sui generis, irredutível a qualquer outro. Ele é penetrado pelo desejo de dominar o mundo, de o dirigir, de o manipular, de o comandar. É uma parte constituinte da práxis (no sentido em que Marx a entendia) e integra-se diretamente nas "forças produtivas"* (GURVITCH, 1969, p. 37).
V. ***O conhecimento político*** *deve ser cuidadosamente distinguido da "ciência política" e da sociologia política (...). O conhecimento político deve ser igualmente distinguido das "doutrinas políticas" ou da "filosofia política"* (GURVITCH, 1969, p. 39).
VI. ***O conhecimento científico*** *é um gênero de conhecimento que tende para o desinteresse (o "nem rir nem chorar" de Espinoza), o aberto, a acumulação, a organização, o equilíbrio e a junção entre o conceitual e o empírico* (GURVITCH, 1969, p. 42).
VII. ***O conhecimento filosófico.*** *Este gênero de conhecimento é em princípio altivo, distante, esotérico, aristocrático. Ainda que dependa de uma dialética entre conhecimento livre e compromisso, o conhecimento individual predomina nele sobre o conhecimento coletivo; donde a famosa torre de marfim dos filósofos* (GURVITCH, 1969, p. 44).

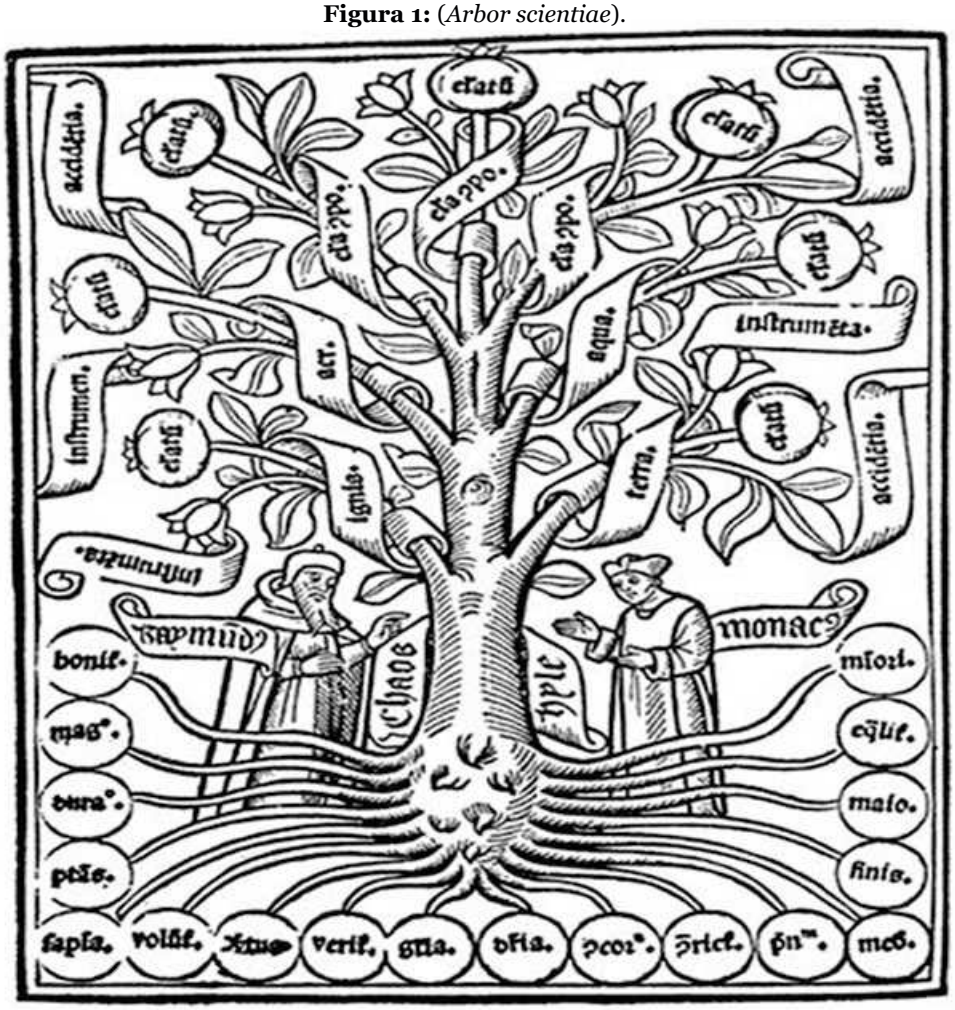
[50] "Uma distinção recorrente era feita entre o conhecimento teórico e o prático, o conhecimento dos filósofos e o dos empíricos, ou como alguns diziam, "ciência" (*scientia*) e "arte" (*ars*). Um exemplo claro do emprego dessas categorias num contexto prático vem da construção da catedral de Milão, por volta de 1400. No curso da construção, desenvolveu-se uma disputa entre o arquiteto francês e os mestres de obras locais. Um grupo destes últimos argumentou que "a ciência da geometria não deveria interferir nessas questões, pois a ciência é uma coisa e a arte é outra coisa". A esse argumento, o arquiteto encarregado da obra respondeu que "a arte sem a ciência" (em outras palavras, a prática sem a teoria "não é nada" (*ars sine scientia nihil est*)" (BURKE, 2003, p. 79)

Essas tipologias de saberes divididas por Gurvitch, exposta aqui como um exemplo de gêneros, não esgota a possibilidade de enumerarmos outros tantos gêneros do saber em outros tantos autores. Garcia (1988), por exemplo, apenas indica os saberes filosófico, científico, senso-comum e o religioso, denominando-os de formas e/ou níveis.

Tipos, graus, divisões ou hierarquias recaem todas em classificações do saber. Além do exercício em escrita letrada, houve outros modos de representar o saber. Talvez o modelo mais conhecido seja o da "árvore do conhecimento" ou da "metáfora da árvore".

A árvore com seus galhos, que remonta à Idade Média, tinha como propósito representar/ser um sistema do conhecimento. Uma das mais famosas ilustrações do conhecimento como uma árvore foi efetuada por Raimundo Lúlio, em 1300, conhecida como *Arbor scientiae* (BURKE, 2003), como representada na Figura 1.

Figura 1: (*Arbor scientiae*).



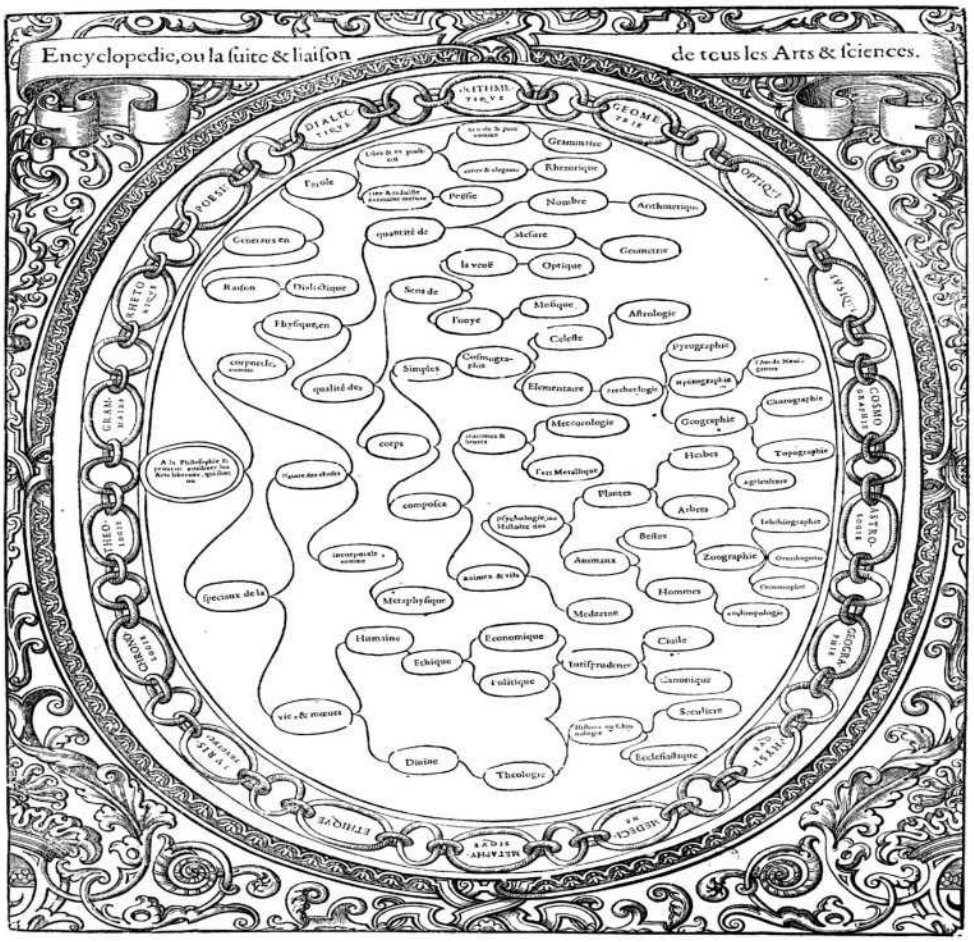
Fonte: (BURKE, 2003, p. 83).

Para Burke (2003, p. 82), “pensar em termos de árvore sugere uma distinção entre o dominante e o subordinado, tronco e galhos”. Prossegue:

> Lúlio e Gilhausen seguiram a metáfora até as raízes e brotos, flores e frutos. A imagem da árvore ilustra um fenômeno central em história cultural, a naturalização do convencional, ou a apresentação da cultura como se fosse natureza, da invenção como se fosse descoberta. Isso equivale a negar que os grupos sociais sejam responsáveis pelas classificações, assim sustentando a reprodução cultural e resistindo a tentativas de inovação (BURKE, 2003, p. 82).

Todavia, a metáfora da árvore logo perde espaço para outros termos na representação do saber. Outra classificação, diferente da forma de árvore foi realizada pelo francês Christofle de Savigny – uma espécie de diagrama em formato oval. A proposta desse enciclopedista era representar todas as ciências e artes, como representado na Figura 2.

Figura 2: *Tableaux accomplis.*



Fonte: (BURKE, 2003, p. 93).

As correntes que circunscrevem todo o círculo representam 18 disciplinas ou saberes, abrangendo poesia, teologia, medicina e, inclusive, a Geografia. No centro, há 75 outros saberes e artes ligados por fios.

A inserção, no século XVII, do verbete "sistema" vem substituir a metáfora da árvore e foi deveras aplicado às disciplinas de ordem científica, bem como no saber como um todo, a exemplo dos *sistemas de sistemas* de Bartholomaeus Keckermann e Johann Heinrich Asted (BURKE, 2003). Árvores ou sistemas são o que, em termos de representação, podemos chamar hoje de organogramas, fluxogramas e diagramas.

Anjos (2008, p. 33), baseada em Pombo (2006)[51], menciona que toda classificação da ciência ou do saber carrega algumas características gerais, a saber:

> a) supõe um agente classificador (filósofo, cientista, epistemólogo, educador, enciclopedista, tal como Platão, Aristóteles, Cassiodoro, Huarte, Bacon, Hegel, Ampère, Comte, Spencer, Wundt);
> b) supõe um princípio de classificação, que poderá ser o fim a que as ciências se propõem (Aristóteles), a ordem histórica da sua constituição e progressiva diferenciação (Comte), a natureza dos objetos estudados (Ampère), as faculdades humanas mobilizadas (Huarte, Bacon, Diderot e d'Alembert);
> c) persegue um objetivo teórico-prático que acaba por determinar a sua estrutura, indo do puro interesse especulativo (Platão, Aristóteles) à determinação de um programa de estudos (Cassiodoro), à orientação normativa da atividade científica (Huarte, Bacon, Comte), até mesmo à organização de uma enciclopédia (Diderot e d'Alembert) ou à organização de uma biblioteca (Leibniz);
> d) é exercida sobre um conjunto finito de elementos, a totalidade das ciências constituídas numa determinada época, ou nela já previsíveis (Comte, Spencer, Wundt). No entanto, algumas preveem mecanismos de abertura a ciências ainda não constituídas (Ampère);
> e) é aplicada sobre um domínio da realidade (estrutura pré-existente) e constrói-se no contexto das classificações anteriores do mesmo domínio, ou seja, integra-se na história das classificações das ciências ao longo da qual os domínios e as divisões podem ser modificados ou completados e novos critérios de classificação podem ser acrescentados;
> f) conta com um esquema concreto que permite a execução das operações necessárias à classificação, tanto em termos da constituição de uma nomenclatura adequada aos diferentes arranjos disciplinares propostos (Ampère), quanto em termos da produção de sistemas diagramáticos de articulação das ciências; sendo que esses sistemas podem se apresentar como uma estrutura hierárquica, uma árvore, um quadro sistemático, uma figura geométrica, entre outros.

[51] POMBO, O. Apontamentos sobre o conceito de epistemologia e o enquadramento categorial da diversidade de concepções de ciência. Disponível em: <http://cfcul.fc.ul.pt/textosdisponiveis.htm>. 2006.

As classificações baseiam-se, como dissemos, em critérios. Esses critérios, no entanto, são estruturados em princípios. Anjos (2008), percorrendo o século IV a.C., iniciando com Platão, descreve até Wundt (quadro 3), no século XIX, 16 fundamentações de princípios elaborados por filósofos para classificar os saberes.

Quadro 4: Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia.

PERÍODO	FILÓSOFO	PRINCÍPIOS
Séc. IV a.C.	Platão	Tríplice divisão com base no platonismo: teoria das ideias e dos números (mente matemática); o Mito da Caverna como concepção de conhecimento; preocupação ética (política e estética) e discurso ou saber demonstrativo - Princípio subjetivo: o fim a que as ciências se propõem
Séc. IV a.C.	Aristóteles	Tríplice divisão com base nas três operações a que se dedicam os homens: Pensar, Agir e Produzir - Princípio subjetivo: o homem e suas operações e o fim a que as ciências se propõem
Séc. VI	Cassiodoro	Trivium e Quatrivium (sete artes liberais) com base nas Palavras e nas Coisas - Princípio objetivo: a natureza
1266	R. Bacon	Quádrupla divisão influenciada pelas classificações escolásticas (derivadas de Aristóteles) e pela divisão tríplice estoica e epicurista - Princípio objetivo: a natureza
1575	Huarte	Tríplice divisão com base nas (três) faculdades humanas mobilizadas na aquisição de conhecimento: Memória, Razão, Imaginação (o entendimento humano é o princípio organizador da estrutura do conhecimento) - Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1605	F. Bacon	Tríplice divisão com base nas (três) faculdades humanas mobilizadas na aquisição de conhecimento: Memória, Imaginação, Razão (o entendimento humano é o princípio organizador da estrutura do conhecimento e a classificação é construída sobre asserções epistemológicas subjetivas e racionais que derivaram de uma visão de mundo que via o homem como o centro do universo) - Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1647	Descartes	Tríplice divisão com base no grau de sabedoria ou clareza de ideias que o homem pode atingir em cada ciência (raiz, tronco, galhos) - Princípio subjetivo: o homem e suas capacidades
1651	Hobbes	Classificação embasada no materialismo mecanicista - Princípio objetivo: parte do conhecimento sensível ao abstrato, dos fatos concretos à teoria - Princípio subjetivo: sequência do natural ao civil
1690	Locke	Classificação embasada no empirismo: a experiência como fonte de conhecimento que depois se desenvolve pelo esforço da razão - Suplanta o princípio das capacidades humanas e divide as ciências segundo seu objeto em reais e ideais

1701	Leibniz	Classificação com base na Física Teórica aristotélica - Princípio objetivo: classes aparecem como cânone das disciplinas do conhecimento
1751	Diderot e d'Alembert	Classificação com base na Física Teórica aristotélica - Princípio objetivo: classes aparecem como cânone das disciplinas do conhecimento
1817	Hegel	Tríplice divisão, com base na Lógica Dialética. A classificação emana do espírito criador da natureza - Princípio subjetivo: a síntese dos opostos
1834	Ampère	Classificação dicotômica embasada nos reinos da natureza e do espírito - Princípio subjetivo: a oposição - Princípio objetivo: divide as ciências de acordo com a natureza do seu objeto em ciências da natureza e ciências do espírito
1842	Comte	Tríplice divisão com base na classificação dos fenômenos e na ordem histórica da sua constituição e progressiva diferenciação. - Principio objetivo fundamental de coordenação: parte das ciências mais simples, fundamentais para as mais complexas e derivadas
1864	Spencer	Tríplice divisão com base na classificação dos fenômenos - Princípio objetivo fundamental de coordenação: parte das ciências abstratas para as concretas
1889	Wundt	Classificação com base na distinção entre ciências formais e ciências reais. Como as ciências formais não têm objeto (são sistemas de asserções auxiliares sem objeto e sem conteúdo) essa classificação deixa intacta a unidade da ciência - Princípio objetivo fundamental de coordenação: do abstrato ao concreto

Fonte: ANJOS, L. 2008.

Os princípios que estruturam os critérios para realizar as classificações do saber são fatores fundamentais para compreendermos, em qualquer que seja a perspectiva, os diversos modos manifestados do conhecimento e do pensamento – classificações que dirigem as divisões, níveis, hierarquias e também os gêneros e as formas manifestas. A Geografia tem, de diversas maneiras, papel fundamental na história do saber em sociedade. Na condição de ciência, a Geografia detém um tipo peculiar de pensamento e de conhecimento que lhe dão identidade no rol dos saberes. Conhecimento geográfico e pensamento geográfico, então, carregam em seu seio princípios indentitários que fazem da Geografia um saber existente nas presentes instituições.

No início deste texto, efetuamos um debate de caráter geral referente ao conhecimento e ao pensamento. Agora, cabe a nós descermos à Geografia, isto é, ao conhecimento e ao pensamento geográfico, e mais: a uma Geografia do conhecimento.

Capítulo III

Introdução a Três Dimensões

INTRODUÇÃO A TRÊS DIMENSÕES

Refletir sobre o conhecimento e o pensamento de um modo geral, como vimos realizando até aqui, nos permitiu compreender quão rarefeita são as definições desses termos. De um modo ou de outro, é praticamente um consenso entre os acadêmicos que os sujeitos conhecem e pensam sobre si mesmos e sobre o mundo enquanto faculdades do existir. O conhecer e o pensar, então, independentemente do mar das incertezas de suas conceituações, são efetivamente fatos. Desse modo, como em outros domínios do saber, a Geografia também contribui e, sem nenhuma dúvida, ocupa um espaço no rol das interpretações dessas duas faculdades. Essa ocupação, no entanto, não é apenas passiva, assumindo o papel de produtora de conhecimento e pensamento, no caso, o geográfico. A Geografia, certamente, pode e deve contribuir às considerações direcionadas aos sentidos e distribuições do conhecimento e do pensamento na sociedade em geral.

Para esclarecer como entendemos as manifestações do conhecimento e do pensamento na Geografia, consideramos como fundamental discutir três noções que não pretendem ter a função hierárquica, mas de atividades distintas que se complementam. Na realidade, o que iremos arrolar é a inserção do geográfico nos termos conhecimento e pensamento. Em uma linguagem mais objetiva, pretendemos discutir o *conhecimento geográfico*, o *pensamento geográfico* e a ideia de *Geografia do conhecimento* que alguns geógrafos cunharam enquanto programa de pesquisa.

Esses três planos, que entendemos como dimensões[52], serão explorados por nós na mesma ordem em que conduzimos os capítulos anteriores. Primeiro, discutiremos o conhecimento geográfico e, depois, o pensamento geográfico. Nesse entremeio, falaremos um pouco do que alguns geógrafos estão chamando de Geografia do conhecimento. Cabe, contudo, adiantar alguns esclarecimentos antes de iniciarmos propriamente o diálogo.

Embora os termos conhecimento e pensamento geográfico estejam na linguagem corrente dos geógrafos e até mesmo de outros cientistas, poucos são os trabalhos – do ponto de vista do conceito – que se dedicaram a esclarecer minimamente algumas aproximações do significado dos mesmos[53]. Certamente, o leitor nos questionará, afirmando que o conhecimento geográfico é, simplesmente, aquilo que os geógrafos produzem no seu interpretar, pesquisar e elaborar imagens sobre as coisas, no exercício de suas pesquisas. Ou, através de um outro ponto de

[52] "(in. *Dimension*; fr. *Dimension*; ai. *Ausdehruung*; it. *Dimensione*). Entende-se por esse termo todo plano, grau ou direção no qual se possa efetuar uma investigação ou realizar uma ação. Fala-se, assim, de "D. de liberdade" para designar os graus da liberdade ou as direções em que ela pode manifestar-se; ou de "D. de uma pesquisa" para designar os vários planos ou níveis nos quais ela pode ser conduzida" (ABBAGNANO, 2007, p. 277).
[53] Por outro lado, muitos se dedicaram à compreensão do que é a Geografia.

vista que o conhecimento geográfico é qualquer manifestação discursiva (independente de quem a emite) sobre o espaço, o lugar, território, natureza etc. E o pensamento geográfico, com a mesma ideia, também estaria nesse quadro de argumentos. Pensamos que essa série de argumentos é real; no entanto, ademais, o que são, de fato, o conhecimento e o pensamento geográfico?

É por essas questões que decidimos realizar algumas aproximações, através de geógrafos e de outros acadêmicos, de algumas noções de conhecimento e pensamento geográfico.

3.1 Conhecimento Geográfico

Se há conhecimentos sobre a história, portanto históricos, do mesmo modo conhecimentos sobre a sociedade, assim sociológicos, há de ter, por que não, conhecimentos geográficos. Se o conhecimento geográfico existe tal como o histórico e o sociológico, como o *distinguir* destes e de outros conhecimentos e, além disso, qual(is) é(são) sua(s) origem(ns)? Onde esse peculiar conhecimento esteve e está e por quem e como foi construído?

Sobre algumas dessas questões, é possível arriscar algumas respostas – a outras teríamos que mergulhar no próprio sentido e significado da Geografia, o que não é nosso propósito. Se, como dissemos nos primeiros capítulos, existem estudos sobre o conhecimento e o pensamento geográfico como objetos, cristalizados, em nosso caso, em dissertações e teses, é importante, pois, que compreendamos minimamente como esses objetos se manifestam nessas pesquisas, para, com isso, contribuirmos e somarmos a outros programas de pesquisa que tenham como objeto essa mesma temática.

Ao longo da história da filosofia, o conhecer foi estudado (independentemente da abordagem) como uma relação do sujeito com o objeto. Ora sujeito e objeto como uma mesma coisa, ora como dois entes opostos, também houve interpretações em que um assumiu determinada superioridade diante do outro na constituição do conhecimento. Essas implicações, todas elas, estão presentes no conhecimento geográfico, mas não nos esclarece o que, necessariamente, o constitui.

O conhecimento geográfico, antes de qualquer coisa, muitas vezes, não aparece com tal nome nos textos dos geógrafos. Há referências, por exemplo, a horizonte geográfico, saber geográfico[54], o mundo conhecido, até mesmo o pensamento geográfico aparece em substituição ao conhecimento geográfico, bem como o clássico termo ecúmeno.

[54] Discutiremos o saber geográfico nos próximos tópicos deste capítulo.

Na maior parte dos dicionários de Geografia, o termo *ecúmeno* (*οικουμένη*, *oikouménē*) é considerado como uma palavra cunhada pelos gregos, cujo sentido é representar o *mundo conhecido* ou as terras habitadas pelos homens. Os geógrafos antigos, inclusive, com o aporte desse termo, dividiam o mundo de diversas maneiras. Para George (1991), essas maneiras consistiam em divisão étnica entre gregos e bárbaros, sendo os bárbaros o conjunto de indígenas, etíopes e celtas. Dividiam, também, os continentes em três partes: Europa, Ásia e África. O sentido dessa palavra foi ganhando novas conotações e funções com o passar das eras. Fora utilizada, por exemplo, para representar os mares e povos "descobertos" no período conhecido como dos descobrimentos e das grandes navegações além-mar. Sua utilização é encontrada com precisão em Heródoto, Eratóstenes, Estrabón e em um Vidal de La Blache.

O contrário também foi cunhado. Se há partes do mundo que são conhecidas, há pedaços que não o são. Com isso, em contraposição e complementação ao termo *ecúmeno*, surgiu a palavra *anecúmeno*. Essa, por sua vez, pode tanto referir-se ao mundo que não se conhece, quanto às terras de difícil acesso ao homem, expostas a intempéries de todo tipo, como os desertos, por exemplo.

O *horizonte geográfico* também aparece em alguns textos como forma de expressão de conhecimento geográfico. Geralmente, é utilizado como uma ideia de *ampliação* do mundo conhecido, conotando a noção de visão, que vai se ampliando aos poucos sobre o mundo. Nos estudos contemporâneos, notamos a utilização desse termo referindo-se às investigações da paisagem, onde o sujeito observa o meio em que está, utilizando de sua visão até o mais longínquo limite que olhos podem captar[55]. Horizonte incorpora, além do já dito, a dimensão temporal, denotando *perspectivas* ao futuro.

Moraes (1991, 2008) credencia a Humboldt o desenvolvimento do conceito de horizonte geográfico[56]; no entanto, a ideia e a discussão sobre o horizonte já apareciam no geógrafo e filósofo grego Anaximandro (610 – 547 a.C.) que, segundo Abbagnano (2007, p. 517), considerava o "Princípio (infinito ou *opeiron*) como aquilo que abarca todas as coisas e as dirige".

Para Abbagnano (2007), além de Anaximandro, Kant também desenvolveu reflexões referentes ao conceito de horizonte. Kant compreendia a ideia de horizonte como o limite ou uma forma de medida da extensão do

[55] A relação entre horizonte e paisagem em um tratamento mais aprofundado pode ser consultada no texto de Michel Collot; *Horizonte e estrutura de horizonte: entre o oriente e o ocidente / Horizon et structure d'horizon: entre Orient et Occident*, publicado na Revista GEOGRAFICIDADE v. 6, n. 2 (2016), p. 4-10.

[56] "Humboldt desenvolveu o conceito de "horizonte geográfico", recobrindo o espaço vivenciado e suas representações. No volume II do Cosmos ele rastreia a formação das concepções de mundo e de natureza em várias épocas e povos. A diversidade das culturas fica aí evidenciada" (MORAES, 1991, p. 27).

conhecimento, distinguindo um *horizonte lógico* atrelado ao cognoscível e o intelecto, o *horizonte estético* relacionado a gosto e ao sentimento e, por último, o *horizonte prático*, detendo-se ao útil em relação ao interesse da vontade.[57] Husserl tomou partes dessa reflexão, compreendendo o horizonte como limite temporal, entendo-o como presente ou *agora*.

Voltando à Geografia, ainda com Moraes (2008), os sujeitos possuem imagens de lugares derivados de experiências em viagens, muitas vezes, imagens de lugares que nunca estiveram presentes. A esse conjunto de imagens

> [...] dá-se o nome de "horizonte geográfico". [...] se refere exatamente a esse acervo de conhecimento geográfico que extrapola o espaço imediato da nossa vivência. Obviamente esse horizonte se forma no interior da mentalidade de cada época – e o conceito de mentalidade é rico para explicá-lo – e cada época (e cada sociedade) tem seu imaginário geográfico, que é passado aos indivíduos no seu processo de socialização através de sistemas formais e informais de educação – o próprio sistema escolar sendo o principal deles na atualidade – mas também cada vez mais através da mídia, que, juntos, vão compondo essa visão geográfica do mundo, que acaba sendo fundamental na conformação da nossa consciência do espaço (Ibid. p. 5).

O geógrafo Konrad Kretschmer (1930), em outra perspectiva, utiliza da noção de horizonte geográfico para narrar a história dessa ciência. Em sua narrativa, é possível identificarmos duas abordagens de tratamento. Em primeiro lugar, o horizonte geográfico se apresenta como as "descobertas" das terras, uma espécie de capítulo da história da Geografia atrelada aos descobrimentos e às explorações. Em segundo lugar, o horizonte geográfico reflete o desenvolvimento, o acúmulo e a sistematização de conhecimentos na Geografia em sua forma considerada científica, portanto, é um capítulo da Geografia enquanto ciência. Essas duas perspectivas de narrar a história da Geografia, ou seja, da história do mundo e dos indivíduos que a conheceram, sintetizam-se através da ideia de horizonte geográfico.

A primeira perspectiva que Kretschmer (1930) utiliza pode ser constatada na seguinte passagem: "La expansión colonial de los griegos sobre la cuenca oriental del Mediterráneo, así como el contacto con otros pueblos navegantes, trajeron la ampliación del horizonte geográfico" (KRESTSCHMER, 1930, p. 14). Além de Kretschmer, outro geógrafo que também utilizou-se de tal perspectiva foi George H. T. Kimble (2013 [1938]), em sua obra *A geografia na Idade Média*[58],

[57] Em geral, "o horizonte concerne ao juízo e à determinação daquilo que o homem *pode* saber, *consegue* saber e *deve* saber"; pode ser *objetivo*, sendo então histórico ou racional, ou *subjetivo*, sendo então universal ou absoluto, particular ou privado (ABBAGNANO, 2007, p. 517).
[58] *Geography in the middle ages*.

dividida em dez capítulos – dois são dedicados à *ampliação do horizonte geográfico*, a saber, capítulo 5: *Ampliando os horizontes – África*; e o capítulo 6: *Ampliando o horizonte – Ásia*.

No Brasil, encontramos a utilização dessa expressão em Aroldo de Azevedo (1965), em uma obra também de caráter narrativo da história da Geografia – *O mundo antigo: expansão geográfica e evolução da geografia*. Azevedo, na referida obra, ao que tudo indica, incorporou esse termo a partir da obra de Kretschmer (1930), a qual consta em sua bibliografia. Para Azevedo (1965, p. 3, grifo do autor):

> De um lado, é essencial acompanhar de perto a paulatina ampliação do *horizonte geográfico*, no tempo e no espaço, realizada através de contatos humanos, quer os de natureza meramente exploratória, quer os de caráter guerreiro, econômico ou cultural. Não será difícil compreender que no passado o problema diferia substancialmente da situação atual.

Azevedo elabora e indica um modo de como acompanhar e entender a "evolução" da Geografia, e a noção de horizonte geográfico, nesse caso, seria a estratégia metodológica para acompanhar esse caminho. Detendo-se apenas ao mundo antigo, Azevedo articula os pressupostos dos descobrimentos, dos contatos humanos, dos fatores econômicos e culturais juntamente com a Geografia ciência. Esses elementos são compreendidos sob as bases do horizonte geográfico, o qual, em síntese, é o acúmulo do conhecimento geográfico.

Além dessa compilação de aspectos formais e, de certo modo, históricos através dos quais o conhecimento geográfico se manifesta nos trabalhos dos geógrafos, ele não se esgota apenas nesses elementos. Tal como na filosofia, na Geografia é difícil afirmar que há um consenso sobre o conceito de conhecimento geográfico. Esse fato se justifica pela condição desse conhecimento ser diferente em cada espaço e tempo, ante também as diferentes sociedades e sujeitos. Para nos aproximarmos de uma razoável explicação do conceito de conhecimento geográfico, veremos rapidamente o que alguns geógrafos afirmam sobre o que esse conhecimento tem interesse, portanto seu objeto.

3.1.2 Seu objeto, como objeto e definições

Em uma obra relativamente recente, publicada por Paul Claval em 2010, *Terra dos Homens: a geografia*, há um questionamento muito oportuno, que diz:

"nós achávamos que conhecíamos a geografia" (CLAVAL, 2010, p. 7). O alerta de Claval consiste no fato de que pensamos durante muito tempo que a Geografia se reduzia apenas àquilo que os geógrafos dela o faziam. Claval, desse modo, infere que o *geográfico* é muito mais amplo, pertencendo a diversos sujeitos e a diferentes grupos sociais. Essa condição, contudo, relativiza ainda mais, bem como amplia, o nosso desafio de entender o conceito de conhecimento geográfico.

A respeito dessa ampliação da noção do conhecimento geográfico que não se circunscreve apenas ao ofício do geógrafo, Lencioni (2009) deixa cristalino ao afirmar que não se pode confundir Geografia com conhecimento geográfico, uma vez que o

> [...] conhecimento geográfico não pode ser reduzido ao momento de institucionalização da Geografia. Esse momento, ocorrido no século XIX, significou a sistematização científica do conhecimento geográfico que se desenvolveu no transcurso do processo civilizatório. Portanto, é necessário não confundir Geografia com conhecimento geográfico, pois este último não se prende às formas acadêmicas instituídas no século XIX. O conhecimento geográfico no que se refere ao conhecimento acerca do mundo está presente em qualquer civilização. E está presente porque significa conhecer o espaço circundante e produzir interpretações a partir das mais simples experiências (Ibid. p. 22).

Conhecer o espaço e, a partir daí, interpretá-lo e nele ter experiências são os fatores que dão vida ao conhecimento geográfico. O espaço, nesse sentido, quando em relação com o viver, dá ao conhecimento, a partir do que diz Lencioni, o fator geográfico ao conhecer[59].

A condição espacial do conhecimento geográfico também é compartilhada por Silva (1986) em seu sugestivo texto *As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico*, considerando que o

> [...] conjunto de categorias de uma ciência está relacionado ao objeto de conhecimento dessa ciência. As categorias fundamentais do conhecimento geográfico são, entre outras, espaço, lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população, que definem o objeto da Geografia em seu relacionamento.
> De todas a mais geral – e que inclui as outras – é o espaço (Ibid. p. 27-28).

Conhecer e pensar o espaço (e todas suas manifestações) é uma das condições apontadas por Silva; todavia, tal como em Lencioni (2009), não se esgota apenas nisso. É necessário considerar as relações, a dimensão temporal entre as

[59] *"Viver significa conhecer o espaço circundante e produzir interpretações a partir das mais simples experiências. Significa perceber o espaço circundante como ordem próxima e produzir interpretações sobre o mundo como ordem distante" (LENCIONI, 2009, p. 198).*

sociedades e sujeitos, ou seja, todas as correspondências entre o objeto e o sujeito. Silva, certamente, através dessas argumentações, vai em busca de entender o objeto da Geografia, bem como o geógrafo nesse realizar.

Mas se, por hora, o conhecimento geográfico constitui-se, basicamente, pela condição espacial, perguntemos: a que ele serve? No entendimento de Bottomore (2001, p. 261) "o conhecimento geográfico trata da descrição e análise da distribuição espacial das condições (criadas pelo homem ou existentes na natureza) que formam a base material para a reprodução da vida social". E além disso "procura compreender as relações entre essas condições e a qualidade de vida social sob um determinado modo de produção".

Assim como Lencioni (2009), Bottomore (2001) entende que o conhecimento geográfico[60] depende do contexto social – essa dependência faz com que cada sociedade, classe ou grupo disponha de um conhecimento geográfico que lhe é característico.

Se substituirmos a interrogação sobre *a que serve o conhecimento geográfico* pela questão do nosso real interesse neste texto, sobre *qual é o objeto* do conhecimento geográfico, podemos responder, através do que Bottomore (2001, p. 262) nos indica, que tal objeto pode ser, por exemplo, "as ideias do destino "geográfico" ou "manifesto", da "responsabilidade do homem branco" e da "missão civilizadora" da burguesia, amplamente difusas pelo pensamento geográfico" – nesse sentido, o conhecimento geográfico teria como objetivação servir ao mundo burguês. A partir disso, "a informação (os mapas, por exemplo) pode ser facilmente utilizada, ao mesmo tempo, para explorar os medos e promover a hostilidade entre os povos", procurando, desse modo, "justificar o imperialismo, a dominação neocolonial e a repressão interna (particularmente nas áreas urbanas)".[61] A visão de Bottomore não pretende reduzir o conhecimento geográfico aos objetivos do mundo burguês, mas alerta que esse conhecimento vem sendo usado há muito tempo por essa classe social.

Além desse conhecimento ser, através do que argumenta Bottomore, uma ferramenta utilizada pelo capital, sua materialização também recaí no ensino de Geografia em todos os níveis da escolaridade. Nesse aspecto, os geógrafos Vega e Rubio (2016), credenciando ao espaço o carácter geográfico do conhecimento, mencionam três formas de entendê-lo. Esses autores fazem menção ao

[60] No referido dicionário da edição brasileira, aparece a expressão "saber geográfico" em alguns momentos, porém pensamos que é utilizada como equivalente ao conhecimento geográfico, uma vez que conhecer e saber na língua inglesa têm o mesmo sentido sob o rótulo de *knowledge*.

[61] Ainda com Bottomore (2001, p. 261), "esse conhecimento pode ser usado na luta para dominar a natureza, bem como outras classes e povos. Também pode ser usado na luta para libertar os povos das chamadas catástrofes "naturais" e da opressão interna e externa".

conhecimento geográfico *cotidiano*, o *disciplinar* e, por último, o conhecimento geográfico *escolar*. Esse tripé, sem pretender ser hierárquico, compreende modos e momentos diferentes da manifestação do conhecimento geográfico.

A informação, os mapas, bem como todo o produto que surge do conhecimento geográfico, nos obrigam, novamente, a colocar em suspensão o questionamento sobre a quem serve o objeto do conhecimento geográfico, como alerta Bottomore, bem como compreender esse mesmo conhecimento como um objeto. A respeito dessa suspensão, é importante retomarmos, mais uma vez, a ideia de mundo conhecido e, sobretudo, o ecúmeno.

Durante uma reunião na Sociedade Americana de Geografia[62], ocorrida em 1946, o geógrafo John Kirtland Wright proferiu uma palestra[63] referente ao papel da imaginação em Geografia. Nessa palestra, Wright produziu e leu o texto *Terrae incognitae: O lugar da Imaginação geográfica*[64]. Nesse texto, Wright (2014 [1946], p. 6-7) faz alusão ao termo *terrae incognitae*, cujo significado "depende não menos do tipo de conhecimento que estamos considerando". Esse geógrafo nos lembra que as palavras *terrae incognitae* foram utilizadas "literalmente nos primeiros mapas europeus", as quais significam uma "terra desconhecida para o cartógrafo, depois que, presumivelmente, ele consultasse todas as fontes de informações disponíveis".

Terrae incognitae, ou *terras incógnitas*, nada mais é do que uma outra forma de falar sobre o *ecúmeno* e o *anecúmeno* também presente nos textos dos geógrafos. No entanto, Wright pretende e consegue ir além da formalidade que essas palavras denotam. Se, por um lado, a ciência diz que determinada parte da terra é conhecida ou desconhecida através de seus critérios sob o crivo da razão, não significa que o mundo ou pequenas partes assim o seja(m). Quando a ciência afirma, por exemplo, que a Amazônia brasileira necessita ser conhecida sem levar em conta os povos que lá estão e que possuem conhecimento sobre a mesma, a ciência apenas reflete um tenro juízo sobre o que é a Amazônia brasileira. Com uma linguagem mais clara, Wright descreve o seguinte exemplo:

> Quando dizemos "o mundo como conhecido para os gregos do tempo de Erastóstenes" ou "para os americanos em 1945 d.C." queremos dizer as áreas sobre as quais certos gregos e certos americanos estavam em posição de determinar algo sobre, sem ter que conduzir expedições exploratórias para o propósito. O mundo como realmente conhecido para a grande maioria dos gregos e americanos era menor. Aquilo que é *terrae incognita* para todos os propósitos práticos para uma comunidade isolada é mais vasto do que é *terrae incognitae* para os membros desta Associação.

[62] American Geographical Society.
[63] Contamos com a tradução dessa palestra realizada por Letícia Pádua, publicada na revista Geograficidade v.4, n.2, Inverno 2014.
[64] *Terrae Incognitae: the place of the imagination in Geography*.

> Consequentemente, dependendo no nosso ponto de vista, elas são *terrae incognitae* pessoais, da comunidade ou nacionais: elas são *terrae incognitae* para diferentes tradições culturais e civilizações; e também há a *terrae incognitae* para a ciência geográfica contemporânea (WRIGHT, 2014 [1946], p. 6).

Esse exemplo nos indica que o fato de conhecemos uma certa região, não necessariamente comprova que a conhecemos em suas particularidades e em todas suas manifestações. E é através desse ponto que Wrigth insere a ideia de imaginação geográfica. Cada pessoa ou comunidade detém e conhece o mundo a seu modo, de acordo com sua própria imaginação. Certamente, nesse caso, é importante não misturar o conhecimento científico com o conhecimento popular ou vernacular, visto que, como Wright afirmou, "depende não menos do tipo de conhecimento que estamos considerando". Para podermos dizer se determinado lugar ou região é desconhecida ou não, é necessário saber, assim, quem e de onde se emite o discurso de conhecimento e como o mesmo foi emitido. Nessa outra passagem, Wright nos esclarece este segundo ponto:

> Eu tenho um lugar de veraneio na costa do Maine. Vocês geógrafos não sabem nada sobre ele, exceto o que vocês podem razoavelmente inferir a partir de sua familiaridade geral com a região na qual ele está. Vocês podem inferir alguma coisa acerca de seu clima e podem também tirar algumas conclusões sobre o que ele não é, como fazemos sobre o interior da Antártica; mas sobre seu relevo, drenagem, solos, vegetação, casario, estradas e outros aspectos de sua geografia interna, nenhuma informação publicada está disponível. Vocês podem supor razoavelmente que a vegetação inclui abetos, pinheiros e lariços mas, por tudo o que é realmente conhecido para a ciência geográfica, minha terra pode não ter uma única árvore sobre ela. Se, portanto, a *terra incognita* for concebida como uma área dentro na qual nenhum fato observado foi registrado na literatura científica ou nos mapas, o interior do meu lugar no Maine, não menos que o interior da Antártica, é uma *terra incognita*, apesar de ser uma bem pequena. De fato, se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini *terrae incognitae*. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há *terra incognita* em sentido absoluto, não há também *terra* absolutamente *cognita* (Ibid. p. 7).

Wright, portanto, observando através de outro ângulo o conhecimento geográfico, traz uma contribuição inegável ao nosso rol de autores que comentamos nas linhas anteriores. A diferença de Wright para Silva (1986), Lencioni (2009) e Bottomore (2001) consiste no alto valor que é dado à subjetividade ou o que

denomina de imaginação geográfica. Quanto a Claval (2010), é notável uma maior proximidade quando consideramos a valorização da imaginação nos estudos geográficos. É importante destacar que Wright produziu seu texto em um momento muito anterior a esses autores e qualquer comparação *stricto sensu* será errônea.

Há um ponto que liga todos os autores que apresentamos até aqui com o pensamento de Wright. Esse ponto corresponde ao consenso em considerar o conhecimento geográfico como algo que não é um monopólio dos geógrafos – essas razões levaram Wright (2014 [1946], p. 16) a afirmar: "todas pessoas conhecem alguma geografia, e me aventuro a pensar que muitos animais também", e sobre o conhecimento geográfico, continua: "de um tipo ou de outro é universal entre os homens".

Entretanto, será com Dardel (2011 [1952]) que o *objeto* do conhecimento geográfico[65] aparece como tópico amplamente discutido. Nas palavras dele,

> A **geografia não é, de início, um conhecimento**; a realidade geográfica não é, então, um "objeto"; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com o colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre (Ibid. p. 33, grifo nosso).

Dardel, tal como Wright, pretende incorporar à Geografia a noção de conhecimentos vernaculares ou populares – é uma proposta de cunho humanista. Os comentadores da obra de Dardel, Jean-Marc Besse e Werther Holzer[66], mencionam os seguintes pontos a esse respeito:

Para Jean-Marc Besse (2011, p. 124):

> A geografia deve conduzir o homem a "compreender" a Terra: sua vocação é igualmente o conhecimento da consciência dos seus limites. O real do qual se ocupa a geografia não pode ser inteiramente objetivado, seu objeto se mantém em um sentido inacessível, diz Dardel.

Nas palavras de Werther Holzer (2011, p. 146):

> O conhecimento geográfico teria como objeto decifrar os signos ocultos da Terra, aqueles em que, nas palavras do autor "a Terra revela ao homem sobre a sua condição humana e seu destino". O resultado dessa relação do homem com a terra seria a *"geografiacidade"* do homem como modo de sua existência e de seu destino.

[65] Penso que não se deve confundi-lo, necessariamente, com o objeto *sui generis* da Geografia.
[66] Ambos realizaram uma leitura do pensamento de Dardel e publicaram na parte final do livro do próprio Dardel, utilizamos a edição brasileira do ano de 2011.

O tom humanista é o aspecto que dá viga às argumentações de Wright e Dardel referentes ao conhecimento. A originalidade de ambos deve ser destacada pelo momento em que esses textos foram produzidos, talvez em resposta a uma Geografia que confiava na razão, sob os auspícios do positivismo que caracterizava o espírito da época.

A geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2002), por outro lado, chama atenção para o papel que o capital exerce nas determinações que dão conteúdo ao conhecimento geográfico. Diferentemente de Bottomore (2001), mas em complementação ao exercício que o mesmo realizou, a autora destaca a inserção do Brasil na dinâmica internacional, ou "nova ordem mundial". Com essa inclusão, referindo-se à Geografia no Brasil, o conhecimento geográfico precisa "dar conta daquilo que está posto no horizonte: o capitalismo se desenvolveu e neste processo realizou o que era virtualidade, ganhou o mundo penetrando em todos cantos do planeta ligando espaços numa articulação profunda" (CARLOS, 2002, p. 171). Entendemos, assim, que o objeto do conhecimento geográfico, a partir dessa reflexão de Carlos, é compreender as novas articulações do capital e, consequentemente, seus desdobramentos no espaço.

Refletir sobre o conceito do conhecimento geográfico, almejando entender seu objeto e também enquanto objeto, pode nos conduzir a um desafio muito maior, secularmente empreendido pelos geógrafos, ou seja, o de procurar definir o objeto da Geografia bem como a própria definição de tal ciência. Entendemos que a definição do conhecimento geográfico pode aproximar alguns juízos do que é o objeto da Geografia, porém, segundo a própria bibliografia discutida acima, através de diferentes abordagens, o conhecimento geográfico se modifica e é diferente em cada tempo-espaço. Ou, como Lencioni (2009) afirmou, não podemos confundir Geografia com conhecimento geográfico – do mesmo modo em que Wright e Dardel valorizam a imaginação geográfica em detrimento do conhecimento objetivo que se produzia à época.

Em resumo, o conhecimento geográfico pode tanto ser produzido e sistematizado por geógrafos quanto por qualquer ser humano em sua relação com o espaço, conforme falam Wright (2014), Dardel (2011) e Claval (2010). O espaço, ao que parece, é o elemento que dá o tom geográfico ao conhecer, visão compartilhada por toda a bibliografia já discutida, sobretudo em Silva (1986) e em Lencioni (2009). Bottomore (2001) e Carlos (2002) destacam o papel desse conhecimento em sociedade, alertando para os processos do capital nesse movimento.

Afirmar que a relação do sujeito com o espaço é a condição para o surgimento de um conhecimento de perfil geográfico não é gratuito. É importante compreendermos como se dá esse elo entre o sujeito e o espaço. Pensamos que, nesse aspecto, o geógrafo Milton Santos trouxe uma contribuição célebre, isto é, o papel da técnica[67]. A obra desse geógrafo, *A Natureza do Espaço* (2006 [1996]), denomina um subtítulo do seguinte modo: *"A técnica, ela própria, é um meio"*. Compreendemos, assim, que a técnica é o elo, na interpretação de Santos, que estabelece as relações entre o sujeito e o espaço. A relação do sujeito com o espaço pode ser objeto de qualquer ciência. A inclusão da técnica como meio nos permite tratar "*geograficamente* os objetos encontrados", ou seja, o conhecimento como um produto dessa relação/condição.[68]

O *objeto* do conhecimento geográfico (leia-se utilização) também é variável nos sujeitos. Cada pessoa pode utilizá-lo como lhe convier. Contudo, como é sabido, essa utilização dependerá de cada grupo social e do tempo histórico ao qual pertencem. É necessário considerar, com isso, o papel do gênero, a questão racial e a divisão de classes do mundo de então. O conhecimento geográfico pode não ser acessível ou forçosamente restrito para determinados coletivos sociais. Pode, esse conhecimento, tanto deter uma função libertadora quanto de dominação, portanto.

Vejamos agora, com maior atenção, os estudos do conhecimento geográfico na condição de um objeto de estudo para os geógrafos.

3.2 Geografia do Conhecimento

Se o espaço é conteúdo e condição ao surgimento do conhecimento geográfico, então esse conhecimento também está e é produzido em algum lugar, região ou território. Essa condição permite, sob o olhar geográfico, que o investiguemos. A filosofia, muito antes, remontando ao mundo grego, ocupou-se da existência do conhecimento e de seus limites (Platão, Santo Agostinho, Francis Bacon, René Descartes, John Locke, Immanuel Kant etc.), desenhando programas de pesquisas cujos mais conhecidos são a teoria do conhecimento e a epistemologia. A sociologia, por outro lado, cunhou interesse sistemático pelo conhecimento em meados do século XX (Weber, Scheler, Mannheim etc.), desenhando a expressão sociologia do conhecimento. A história, recentemente, tem desenvolvido um programa de pesquisa (Brown, Ringer, Cohn)[69], mas coube

[67] "Só o fenômeno técnico na sua total abrangência permite alcançar a noção de espaço geográfico" (SANTOS, 2006, p. 21).
[68] SANTOS, 2006, p, 48.
[69] Brown, R.D. (1989). Knowledge is Power: The Diffusion of Information in Early America, 1700-1865. Nova York; Ringer, F.K. (Fields of Knowledge: French Academic in Comparative Perspective, 1890-1920. Cambridge. Cohn, B.S (1996). Colonialism and its Forms of Knowledge. Princeton, NJ (Consultar Burke (2012, p. 9).

ao historiador Peter Burke sintetizar e propor um história do conhecimento. Em suas publicações atuais, *Uma História Social do Conhecimento I: De Gutenbergue a Diderot*[70] (2003) e *Uma História Social do conhecimento II: Da Enciclopédia à Wikipédia* (2012), Burke insere a história nas outras referências que estudam o conhecimento.

Contudo, perguntemos, qual a função e a contribuição que a Geografia tem a dar às interpretações do conhecimento? Quem são os geógrafos que se dedicam a tal temática? Há uma história sobre o estudo do conhecimento na Geografia enquanto temática?

A espacialidade do conhecimento permite que pesquisas sejam realizadas considerando tal condição – a Geografia, por isso mesmo, é fundamental para essa empresa. O conhecimento, de um modo ou de outro, foi construído ou pesquisado na Geografia por diversos geógrafos através de uma perspectiva geográfica. Basta considerarmos o simples realizar das diversas investigações. Acontece, entretanto, que uma "geografia do conhecimento" tem objetivos diferentes do que, necessariamente, conhecer determinada região e cultura, assim como os processos econômicos e históricos ali estabelecidos.

Uma Geografia do conhecimento, além de se ocupar dos sentidos e significados do conhecimento, procura compreender sua manifestação e distribuição em relação com o espaço e em suas diversas expressões escalares. Se pensarmos na Geografia do conhecimento como uma temática de pesquisa a exemplo de uma Geografia urbana, climatologia, geomorfologia etc., teremos, em termos de história desse pretendente subcampo de estudo, esparsas noções aqui e acolá na história dessa disciplina. Uma Geografia do conhecimento não se detém apenas ao conhecimento geográfico ou científico, mas aos diversos gêneros que o mesmo se manifesta. Seja como for, demonstraremos como a compreendemos, evocando geógrafos e outros intelectuais que trataram do tema.

3.2.1 Breve histórico

O atributo que dá à Geografia do conhecimento diferença quanto ao tratamento efetuado pela biologia, filosofia, história e sociologia do conhecimento consiste no fator espacial que o determina, somando-se às outras variáveis que o influenciam. Burke (2012, p. 235) indica que o conhecimento "antes tido como universal, passou a ser entendido como situado não só na sociedade e no tempo, mas também no espaço. A pergunta "De onde você vem?" é cada vez mais frequente nos debates intelectuais".

70 Em língua inglesa, foi publicada em 2000. Contamos com a tradução portuguesa de 2003.

Burke (2012) indica que a clássica sociologia do conhecimento de meados do século XX, sobretudo na figura de Mannheim, era consistente em história, mas frágil em Geografia. A chamada "virada espacial" ou "virada geográfica" também contribuiu para essa atenção ao espaço.

Porém, anteriormente, a chamada virada espacial, ou *spatial turn*, existiram geógrafos e outros acadêmicos que chamaram atenção para o papel de uma Geografia preocupada com o conhecimento ou, pelo menos, o fator geográfico presente neste. Sem escavarmos muito sobre a presença dessa ocupação na história das reflexões geográficas, é notável a incidência de personagens de outras ciências que têm dado atenção, nas últimas cinco décadas, à interpretação do conhecimento e sua condição locacional.

Michel Foucault, personagem do qual Burke muito se utiliza, desenvolveu investigações muito ricas e interessantes à chamada Geografia do conhecimento. Esse filósofo, cujo foco de suas pesquisas era o local e o específico, tratou de temas que iam desde os microespaços até os "espaços de dispersão", detendo-se a igrejas, prisões, jardins e às relações de poder desses com o saber.

Soma-se a Foucault os empreendimentos de Clifford Geertz referentes ao conhecimento local, e também Edward Said com estudos da construção da ideia de oriente e ocidente e a noção de "teorias viajantes". Não poderíamos deixar de citar os estudos feministas de Donna Haraway, reconhecendo que as racionalidades são "situadas" e posicionadas, portando o conhecimento. Haraway (1991) chama atenção para a masculinidade abstrata de que se reveste a ciência – o conhecimento situado em uma perspectiva do feminismo trata, assim, da localização de quem o emite.

Bruno Latour, em suas investigações através da Teoria ator-rede (*Actor Network Theory*) detendo-se, em certa medida, à produção do conhecimento no laboratório, é outro personagem-chave desse movimento que valoriza a natureza situacional do conhecimento. Houve interesse também por parte do historiador da ciência Harold Dorn, que publicou a obra *The geography of Science* (1991). Dorn, durante os seis capítulos do referido livro, relaciona a ciência com a vida material, identificando o desenvolvimento da ciência em diversos lugares do mundo.

Quanto aos geógrafos, houve interesse preciso por parte de John K. Wright (2014 [1946]). Esse geógrafo que já comentamos nas considerações sobre os sentidos do conhecimento geográfico também lançou algumas noções sobre uma Geografia do conhecimento. Para ele, o "conhecimento humano pode ser submetido a dois tipos de pesquisa geográfica: podemos estudar a Geografia de

qualquer uma das formas de conhecimento ou podemos estudar o conhecimento geográfico de quaisquer pontos de vista" (WRIGHT, 2014, p. 14).

A Geografia do conhecimento

> [...] é o aspecto da geografia sistemática que lida potencialmente com o conhecimento e crenças de todos os tipos, seja religioso, científico, filosófico, estético, prático ou qualquer outro. As várias formas e manifestações de conhecimento são investigados à luz de sua distribuição e relações, precisamente como relevo, cidades, línguas, ou outras categorias de fenômenos terrestres que são investigados nos ramos da geografia. A atenção, no entanto, está concentrada nos resultados que o conhecimento produz na face da terra, mais do que com a natureza geográfica do conhecimento dele mesmo (Ibid. p. 14).

A consideração de que o conhecimento se expressa de diversos modos (religioso, científico, estético etc.), segundo Wright, faz com que o empreendimento da Geografia do conhecimento tenha uma ligação mais próxima com a Geografia cultural. Todavia, Wright (2014, p. 14) alerta que a "geografia do conhecimento difere desta última no mesmo sentido de que se difere da cultura".[71]

Wright detém-se ao estudo do conhecimento geográfico. Para tanto, cunha o termo geosofia, que teria como finalidade o "estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista. Sendo para a Geografia, o que a historiografia é para a história, ela lida com a natureza e a expressão do conhecimento geográfico tanto passado quanto presente" (WRIGTH, 2014, p. 15). Voltaremos a essas definições mais adiante.

Em menor grau que Wright, o geógrafo Oskar Spate, em *The Compass of Geography* (1966 [1953]),[72] desenvolveu relativas reflexões ligadas à Geografia do conhecimento científico. Porém, será especificadamente na década final do século XX que o interesse sobre a Geografia do conhecimento ganhará uma atenção maior, culminando com diversas obras até os dias de então.

Um expoente nessa empreitada é o geógrafo irlandês David Noel Livingstone. Conhecido por sua obra *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise* (1992), vem desenvolvendo pesquisas sistemáticas sobre a Geografia da ciência. Em 1995, publicou um artigo-chave: *The Spaces of Knowledge: Contributions towards a Historical Geography of* Science e, mais recentemente, o livro *Putting Science in its Place: Geographies of Scientific Knowledge* (2003). Podemos citar, também, o geógrafo Charles W. J. Withers, cujo

[71] "Conhecimento é mais fluido do que cultura, frequentemente se espalhando rapidamente de uma área cultural para a outra sem alterar fundamentalmente os padrões estabelecidos" (WRIGHT, 2014, p.14).
[72] Uma conferência de abertura derivada da Australian National University, 8 de setembro de 1953. Contamos com o livro *Let Me Enjoy: Essays, Partly Geographical* publicado em 1966, onde encontra-se uma série de artigos do referido autor.

foco reside em uma Geografia histórica do conhecimento geográfico, sobretudo na obra *Geography, Science and National Identity: Scotland scince 1520* (2001).

Poderíamos citar muitos outros exemplos, mas pensamos que este breve fundo histórico já nos dá um bom material para discussão. Termos como Geografia do conhecimento, Geografia da ciência, geosofia, Geografia histórica do conhecimento, abrem um leque de possibilidades de investigação. Vejamos, portanto, as diferenças desses programas.

3.2.2 Sobre alguns temas

É importante apresentarmos, ligeiramente, alguns temas em torno da temática *Geografia do conhecimento*. Se acompanharmos o pensamento de John K. Wright, há dois modos de se estudar o conhecimento humano. O *primeiro* consiste em estudar a *Geografia* de qualquer forma de conhecimento, seja religioso, científico, filosófico etc., isto é, uma Geografia do conhecimento. O *segundo* se dirige ao estudo do *conhecimento geográfico* de quaisquer pontos de vista, ou seja, a geosofia.[73]

Embora John K. Wright (2014, p.15) argumente que a geosofia "se estende muito além do núcleo da geografia, do conhecimento científico, ou da geografia do conhecimento", preferimos não encadear hierarquicamente essas noções. Optamos e utilizaremos a expressão "geografia do conhecimento" como temática que abrange todos os outros temas apenas para não nos perdermos no labirinto desta discussão.

Compreendemos, assim, que a Geografia do conhecimento desenha uma constelação onde se reunem diversos temas de investigação. Esse cabedal de temas distribui-se, principalmente, mas não se esgota apenas nestes, entre geosofia, Geografia da ciência e Geografia histórica do conhecimento (ou da ciência).

A geosofia, a mais ampla, compreende:

> [...] todo o domínio periférico, que cobre as ideias geográficas, tanto as verdadeiras quanto as falsas, de todo tipo de pessoa – não apenas geógrafos, mas fazendeiros, pescadores, executivos e poetas, romancistas e pintores, beduínos e hotentotes – e por esta razão ela necessariamente precisa lidar em alto grau com concepções subjetivas. De fato, mesmo partes dela que lidam com a geografia científica devem considerar os desejos humanos, motivações e preconceitos, porque a menos que eu esteja enganado, em nenhum lugar há geógrafos mais prováveis de serem influenciado pelo subjetivo do que nas discussões sobre o que deve ser a geografia científica (WRIGHT, 2014, p. 15).

[73] Já apresentamos o que este autor entende por conhecimento geográfico, o qual, recorrendo a Derwent Whittleset (1945, p. 1-38.), menciona o "sentido [terrestre] espacial do Homem" como condição do conhecimento geográfico.

No interior da geosofia, Wright (2014, p.15) aponta duas abordagens: uma cartográfica e outra histórica. A cartográfica teria como objetivo mapear a distribuição do conhecimento geográfico, mas alerta: "obviamente, todo mapa conta alguma coisa a este respeito; um mapa geosófico é desenhado especificamente para este propósito". A abordagem histórica:

> [...] da geosofia implica no estudo da história do conhecimento geográfico, ou o que costumeiramente chamamos "história da geografia". Esta temática é normalmente compreendida como aquela que lida com o registro do conhecimento geográfico adquirido através da exploração e do trabalho de campo, e como a disciplina foi criada e formalizada, e muito do trabalho que tem realmente sido feito está restrito ao campo do núcleo do conhecimento geográfico, excluindo sua área periférica (Ibid. p. 16).

Essas duas abordagens, no entanto, não esgotam o programa da geosofia. Wright as menciona como exemplos, deixando em aberto outras possibilidades. Quanto à Geografia da ciência, que, no caso, Wright praticamente não desenvolve profundamente, acreditamos que a mesma estaria ligada à primeira abordagem de seu programa, isto é, a Geografia do conhecimento.

A primeira obra propriamente dita cujo nome é Geografia da ciência, como já citamos, foi realizada pelo historiador da ciência Harold Dorn, em 1991. Mas é, principalmente, com o geógrafo David Livingstone que se conformará um programa investigativo efetivo, inclusive lançando críticas à proposta de Dorn. Para Livingstone (1995), referindo-se a Dorn:

> Ficamos com a impressionante impressão de que uma geografia da ciência é sinônimo de um construtivismo ecológico que prioriza o ambiente material sobre outros fatores. Quero me distanciar de tal leitura, pois irei argumentar que uma geografia histórica mais diversificada e completa da ciência tratará o conhecimento científico como "colocado" em uma gama mais diversificada de arenas espaciais do que aquelas identificadas no esboço fundamentalmente ambientalista de Dorn (LIVINGSTONE, 1995, p. 15, tradução nossa).[74]

Uma Geografia da ciência, nos termos de Livingstone (1995), considera desigual a distribuição das informações científicas, as relações de poder na transmissão desse saber, bem como os fatores institucionais e de policiamento dos locais onde se realiza a reprodução de culturas científicas. Esses objetivos

[74] "We are left with the overwhelming impression that a geography of science is synonymous with an ecological constructivism that prioritises material environment over other factors. I wish to distance myself from such a reading. For I will argue that a more nuanced and fully fledged historical geography of science will treat scientific knowledge as 'placed' in a more diverse range of spatial arenas than those identified in Dorn's fundamentally environmentalist sketch" (LIVINGSTONE, 1995, p. 15).

possibilitam compreender as características locais e nacionais da ciência. Com mais precisão, em sua obra *Putting Science in Its Place* (2003) ["Colocando a ciência no seu (devido) lugar"], menciona:

> O que desperta o meu interesse, portanto, é a tentativa de determinar, para a ciência, a importância dos locais onde os experimentos são conduzidos, os lugares onde o conhecimento é gerado, as localidades onde a investigação é realizada. A variedade de questões espaciais que podemos levantar é considerável. Será que o espaço onde a investigação científica está envolvida, por exemplo, tem alguma influência na aceitação ou recusa de uma asserção? Que peso deve ser atribuído aos locais onde as teorias científicas são encontradas? De que forma a circulação de ideias tem dependido da replicação de instrumentos e da padronização de métodos? Que estratégias tem sido concebidas para adquirir conhecimento sobre coisas que estão longe da observação direta? Minha suspeita é que ao longo do espectro de escalas a partir de determinados locais perpassando por configurações regionais até ambientes nacionais, o "onde?" da atividade científica tem considerável importância (LIVINGSTONE, 2003, p. 11, tradução nossa).[75]

A ciência que até então era vista e estudada como um produto "sem lugar", uma espécie de entidade transcendente, agora é investigada e considerada "no lugar". O exercício da Geografia da ciência, desse modo, é revelar como o conhecimento científico carrega a marca da sua localização, posicionando o local no centro das formas científicas de conhecer. Outra perspectiva no interior da Geografia da ciência para a qual Livingstone (2003) chama atenção é o da "geografia da racionalidade", cujo ofício pode ser descrito como uma "regionalização da razão".

A Geografia histórica do conhecimento (geográfico), por outro lado, segundo Charles E. J Withers (2001), em um estudo sobre a Escócia, aponta dois sentidos. O primeiro é a compreensão das formas pelas quais o conhecimento geográfico foi utilizado na constituição espacial e da ideia de Escócia. O segundo sentido dirige-se à recuperação dos locais e espaços sociais em que o conhecimento geográfico foi empreendido, identificando as conexões entre os locais de produção de conhecimento geográfico e seus públicos.

Além desses exemplos mais gerais da geosofia, Geografia da ciência e Geografia histórica do conhecimento, poderíamos ampliar ainda mais, mirando,

[75] What excites my interest, therefore, is the attempt to determine the significance for science of the sites where experiments are conduted, the places where knowledge is generated, the localities where investigation is carried out. The range of spatial questions we might pose is consideable. Does the space where scientific inquiry is engaged, for example, have any bearing on whether a claim is accepted or rejected? What weight is to be attached to the locations where scientific theories are encountered? In what ways has the circulation of ideas been dependent on the replication of instruments and the standardizing of methods? What strategies have been devised to acquire knowledge of things far away from direct observation? My suspicion is that along the spectrum of scales from particular sites through regional settings to national enviroments, the "where?" of scientific activity matters a good deal (LIVINGSTONE, 2003, p. 11).

por exemplo, uma geopolítica do conhecimento[76] e outros temas que, a partir da Geografia, podem ser objetos frutíferos de pesquisas.

Falar de uma Geografia do conhecimento sugere, em seguida, o esclarecimento da amplitude que pode se manifestar nesse tema enquanto objeto em uma determinada investigação. Pode-se, por exemplo, realizar um estudo da Geografia de determinada biblioteca, dos livros, da universidade, da ciência em um país e, até mesmo, projetos com ambições continentais. Temas como centro e periferia na produção do conhecimento, identificação de estilos científicos em cada país, o conhecimento gerado em universidades públicas e privadas e suas respectivas diferenças são tópicos também de interesse.

Pensar geograficamente sobre a ciência é considerar o movimento maior que da vida à ciência nos dias atuais, impulsionada pelos estudos pós-coloniais, bem como as recorrentes expressões "estudos subalternos", "vozes das margens", "epistemologias do sul" etc. Esses fatores também não deixam de lado os movimentos das ideias científicas e do conhecimento em geral entre as pessoas – o conhecimento não é estático, ele se movimenta. Ou, na expressão de Edward Said, ele "viaja". Contudo, não podemos pensar no conhecimento "sem lugar nenhum", suas migrações não impedem o seu mapeamento. O papel das categorias e conceitos da Geografia são essenciais para esses estudos. Um exemplo da incorporação locacional na interpretação das ideias no interior da Geografia produzida no Brasil pode ser constatado pelas reflexões de Fernandes (2009, 2013) referentes ao *território (i)material*, bem como Campos (2012) com a proposição metodológica dos *territórios paradigmáticos*.

[76] A expressão "geopolítica do conhecimento" é associada não a um especialista em geopolítica, mas a um professor de literatura, Walter Mignolo, enquanto as introduções à geopolítica pouco têm a acrescentar sobre o conhecimento, ainda que discutam temas como mapas e opinião pública (BURKE, 2015, p. 28).

3.3 Pensamento Geográfico

Ainda que o pensamento seja um tema controverso na filosofia, remetendo quase sempre ao mundo imaterial e abstrato, recebendo, incessantemente, diversas definições e significados, os indivíduos, ainda assim, pensam num ato próprio do seu existir. A ciência moderna, que se fragmenta continuamente, caracteriza e desenvolve diversas formas de ler o real. À Geografia, neste infinito jogo do saber, cabe entender o pensamento geográfico da qual a mesma faz parte.

Pierre Monbeig, em 1953, publicou o texto *Os modos de pensar na Geografia Humana* no Boletim Paulista de Geografia de número 15. Esse sugestivo texto traz uma série de elementos à discussão que estamos desenvolvendo. Monbeig estabelece uma reflexão que se diferencia dos modos contemporâneos de conceber um estudo do pensamento geográfico; isso não quer dizer, necessariamente, que esse era seu objetivo. Para Monbeig, à sua época, era importante desenvolver um programa de pesquisa no interior da Geografia Humana cujo foco consistiria na compreensão dos modos de pensar dos homens, denominando tal empreendimento de uma *Geografia das mentalidades*. Reconhece, entretanto, "que os geógrafos não se acham preparados para o estudo das mentalidades. Eles sabem disso e recusam-se a experiências audaciosas" (MONBEIG, 1953, p. 48). Uma *Geografia das mentalidades*, assim, teria como objetivo relacionar os modos de pensar com os gêneros de vida, menciona. De modo que o

> [...] o homem seja verdadeiramente considerado como outra coisa além de uma casa, de um trator ou de uma estatística. Se o homem, o homem em sociedade, constitui o centro da Geografia Humana, deve aparecer de maneira total, com seus modos de vida e com seus modos de pensar, que afinal se confundem. A limitada tarefa dos geógrafos deve consistir em explicar a parte dos **fatores geográficos na formação na evolução dos modos de pensar**, e das influências que eles exercem sobre os modos de vida e o peso que estes representam sobre aqueles. Dar mais atenção a estas pesquisas significará enriquecer a contribuição que a Geografia Humana pode ser capaz de trazer ao conhecimento social (Ibid. p. 50, grifo nosso).

Essas reflexões de Monbeig, na realidade, expressam um certo descontentamento da Geografia produzida à época de caráter eminentemente estatístico. A partir dessas breves considerações de Monbeig, podemos aproveitar dois elementos do nosso interesse. O primeiro consiste na consideração do pensar ou pensamento como um objeto de estudo. Estudar os modos de pensar de um

determinado grupo *através* da Geografia não é sinônimo de estudar um pensamento geográfico propriamente dito, entendendo, desse modo, que a proposição de Monbeig é mais ampla, abarcando qualquer manifestação de pensamento, que não apenas o geográfico. O outro elemento refere-se "aos fatores geográficos na evolução dos modos de pensar". O que seriam esses fatores geográficos senão o espaço? Com isso nos deparamos, novamente, com as mesmas considerações que estabelecemos a respeito do conhecimento geográfico, ou seja, o fator espacial. O pensamento, portanto, para deter a característica de perfil geográfico, necessita da relação mesmo que mínima com o espaço. Se não considerarmos os fatores espaciais como integrantes do pensamento, talvez dificilmente poderemos denominá-lo de geográfico.

Ao que tudo indica, o termo pensamento geográfico apresenta-se como mais abrangente que o conhecimento geográfico nos textos dos geógrafos. Por qual motivo? Para Antonio Carlos Robert Moraes (1991), o rótulo Geografia não abarca todo o campo referente à temática espacial – mesmo sendo uma ciência com uma formidável diversidade, deixa escapar outras manifestações do espacial. Essa problemática nutriu Moraes a cunhar um termo que abrangeria todo o turbilhão de realidades que o espaço se apresenta. Tal termo é o *pensamento geográfico*.

> Poder-se-ia cunhar uma expressão, com uma finalidade analítica, para abrigar toda esta gama de reflexões. Um conceito para unificar estes discursos dispersos, que tenha uma fundamentação ontológica. Isto é, o conjunto de seres e processos sobre os quais se exercitam estes saberes que qualificaria o agrupamento. Resguarda-se, assim, uma fidelidade ao real, e não a tradições ou cortes arbitrários. A este conjunto poder-se-ia denominar **pensamento geográfico**, tendo claro que a Geografia explicita recobre-lhe uma parte diminuta (MORAES, 1991, p. 31 - grifo nosso).

Mas o que, de fato, abrange o pensamento geográfico? Menciona:

> [...] os vários significados históricos do rótulo Geografia, suas fontes, as concepções atuais, e também as reflexões oriundas de outras disciplinas que numa ótica central ou marginal tocassem nos temas do conteúdo atualmente assumido. A definição do presente atuaria, desta forma, como um parâmetro aglutinador de outras formulações. Em certo sentido, ela qualificaria os saberes anteriores, abrindo-se também para o conhecimento popular-tradicional e a cultura de massas.
> Tem-se um conceito assumidamente vago para tentar captar um campo difuso. Na verdade trata-se de um resgate do termo "geográfico", numa visão que o expande com relação ao universo estrito da Geografia.

> O geográfico aqui qualifica um conjunto de temas, um rol de assuntos, um feixe de questões trabalhadas pela consciência do espaço. Observa-se que a rotulação é secundária, e que o critério estabelecido não é formal nem tradicional. O objeto do conhecimento circunscrito comanda a análise (Ibid. p. 31-32).

O pensamento geográfico é, portanto

> [...] um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. Nesse entendimento, os temas geográficos distribuem-se pelos variados quadrantes do universo da cultura. Eles emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na ensaística, na pesquisa científica etc. Em meio a estas múltiplas manifestações vão sedimentando-se certas visões, difundindo-se certos valores. Enfim, vai sendo gestado um senso comum a respeito do espaço. Uma mentalidade acerca de seus temas. Um *horizonte* espacial, coletivo (Ibid. p. 31-32, grifo do autor).

Moraes, ainda, indica que a palavra "geográfico", que faz par com o pensamento, exprime e detém diversos sentidos, sendo esses: a) a relação entre sociedade e a natureza, e a sociedade e o espaço, bem como a difusão de ideias deterministas; b) os discursos acerca da mobilidade populacional no espaço, os assentamentos e as migrações, a relação cidade-campo, a literatura; neste caso, surge como um vasto campo de estudos; c) obras de descrição de áreas, formação de identidades locais e regionais; d) escritos que tematizam o território, sua organização, gestão, contradições. Esses assuntos, assim, apontam para a construção e a representação do espaço e, nesse caso, Moraes (1991) chama atenção para o carácter coletivo de sua formação e imagem que deverão ser priorizados.

Com posicionamento semelhante ao de Moraes, Jorge Luiz Barcellos da Silva (1996) entende por pensamento geográfico

> [...] os discursos construídos em torno da temática espacial. Mais precisamente aqueles que estejam ligados à distribuição territorial dos fenômenos, pois eles refletem as concepções que cada sociedade considera, num determinado momento, de suas relações cotidianas (SILVA, 1996, p. 9).

Soma-se, ainda, ao entendimento de Elvio Rodrigues Martins (2016, p. 72, grifo do autor):

> Aí e aqui: espaço, aquilo que o pensamento tem para si, que é condição indiscernível sua, para que ele, pensamento, se realize. O pensamento é pensamento de algo que não é ele mesmo, uma vez que ele, pensamento, é um aqui e está pensando em um aí [...] o pensamento para se realizar, para ser pensamento de algo, tem que tomar as coisas espacialmente, ou seja, *o pensamento quando pensa, pensa espacialmente*.

Essas reflexões conduziram Martins (2016, p. 62) à afirmação de que "pensamento geográfico é geografia em pensamento, ou pensar geografia é ter para si a existência e a importância do geográfico presente na realidade".

O pensamento, aliás, como já dissemos, é uma expressão de significação múltipla (RICKEN, 2005), o que abrange ainda mais o desafio de sua compreensão. Em termos de Geografia, basta olharmos para a imensa e heterogênea bibliografia sobre o tema; embora quase todas detendo-se à história de escolas, correntes, matrizes, geógrafos em diversos lugares, por exemplo: *Il Pensiero geogràfico* de Osvaldo Baldacci, de 1975, referente à Geografia italiana; *Pensamiento geográfico* de Isbelia Sequera de Segnini, publicado em 1979, detendo-se à Geografia em Caracas, na Venezuela; o clássico livro de Josefina Gómez Mendoza *El Pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos: de Humboldt a las tendencias radicales*, de 1982; O volume II dos *Opúsculos Geográficos* de Orlando Ribeiro denominado O *Pensamento Geográfico*, de 1989, que abrange um conjunto de estudos biográficos incluindo geógrafos brasileiros como Aroldo de Azevedo; *Geographic thought: a critical introduction* de Tim Cresswell em 2012; *Geographical Thought*, de 2013, pelo indiano Ramesh Dutta Dikshit.

No Brasil, a diversidade (e a qualidade) de estudos não é menor. Podemos citar, a título de exemplo, Manoel Correia de Andrade e seu texto *O pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira*, de 1977, onde analisa e realiza um amplo levantamento bibliográfico da produção geográfica brasileira; Nilo Bernardes e o clássico texto *O Pensamento Geográfico Tradicional*, de 1982; Lia Osório Machado, com o texto *Origens do Pensamento Geográfico no Brasil. Meio Tropical, Espaços Vazios e a Ideia de Ordem* de 1995, numa investigação sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro entre 1870-1930; e Eliseu Savério Sposito, com a Tese de Livre-Docência intitulada *Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico*, defendida em 2000, posteriormente publicada em livro no ano de 2004.

Sposito (2004), a propósito, faz uma diferenciação entre o conhecimento e o pensamento, tomando como base o filósofo Hilton Japiassu (1990). Para esse geógrafo,

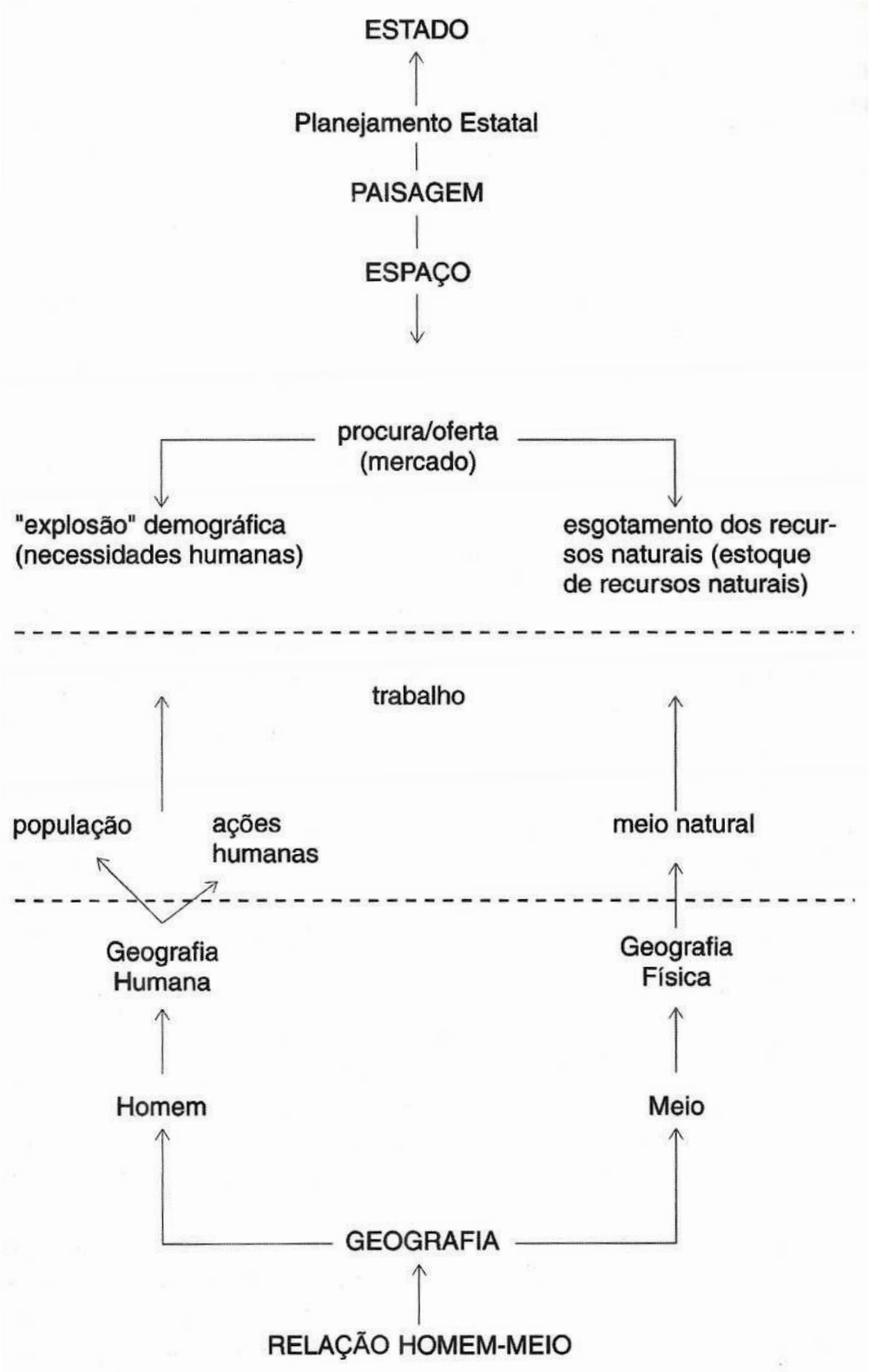
> [...] o conhecimento refere-se à produção intelectual dos geógrafos em suas mais diferentes investigações, na busca de realizar uma leitura da realidade objetiva. De maneira diferente, o pensamento é decorrente do trabalho epistemológico de discussão e reflexão daquilo que é acumulado pelas leituras da realidade, resultando em novos conhecimentos em níveis mais abstratos e mais profundos sobre aquilo que é produzido pelos geógrafos (SPOSITO, 2004, p. 15).

Sposito, diferente de Moraes (1991), detém-se a outro ângulo quando concebe o conhecimento e o pensamento. Refere-se aos estudos da produção bibliográfica dos geógrafos, denominando-as conhecimento. A reflexão, o estudo desse conhecimento, desdobra-se em um exercício do pensamento que, por sua vez, gera novos conhecimentos.

Outro personagem, talvez o brasileiro que mais se dedicou à compreensão do pensamento geográfico, é o geógrafo Ruy Moreira. Destacamos aqui cinco livros publicados por Moreira: *Para onde vai o Pensamento Geográfico?*, de 2006, criticando o tripé N-H-E (natureza-homem-economia); *Pensar e Ser em Geografia*, de 2007; e a trilogia *O Pensamento Geográfico Brasileiro*, publicada entre 2008, 2009 e 2010 – essa trilogia divide-se em estudos sobre os aspectos clássicos, de renovação e da Geografia brasileira propriamente dita.

Merece uma atenção especial o livro *Pensar e Ser em Geografia*. Nele, Moreira traz duas ilustrações como exemplos de modos de pensar na Geografia. Um é o modo histórico. O outro é o que surge a partir dos anos 1970. O primeiro modo Moreira chama de clássico, representado na Figura 3. O segundo de histórico-materialista, na Figura 4. Em ambos os modos de pensar estão presentes as categorias paisagem, território e espaço. Porém, "cada qual ilustra um modo distinto de representação, pelas diferentes maneiras de conceber cada uma daquelas três categorias e, sobretudo, a forma como juntas produzem a ideia e o conhecimento do mundo" (MOREIRA, 2013, p. 110).

Figura 3: Modo de pensar clássico.



Fonte: Moreira (2013, p.110).

Figura 4: Modo de pensar histórico-materialista.

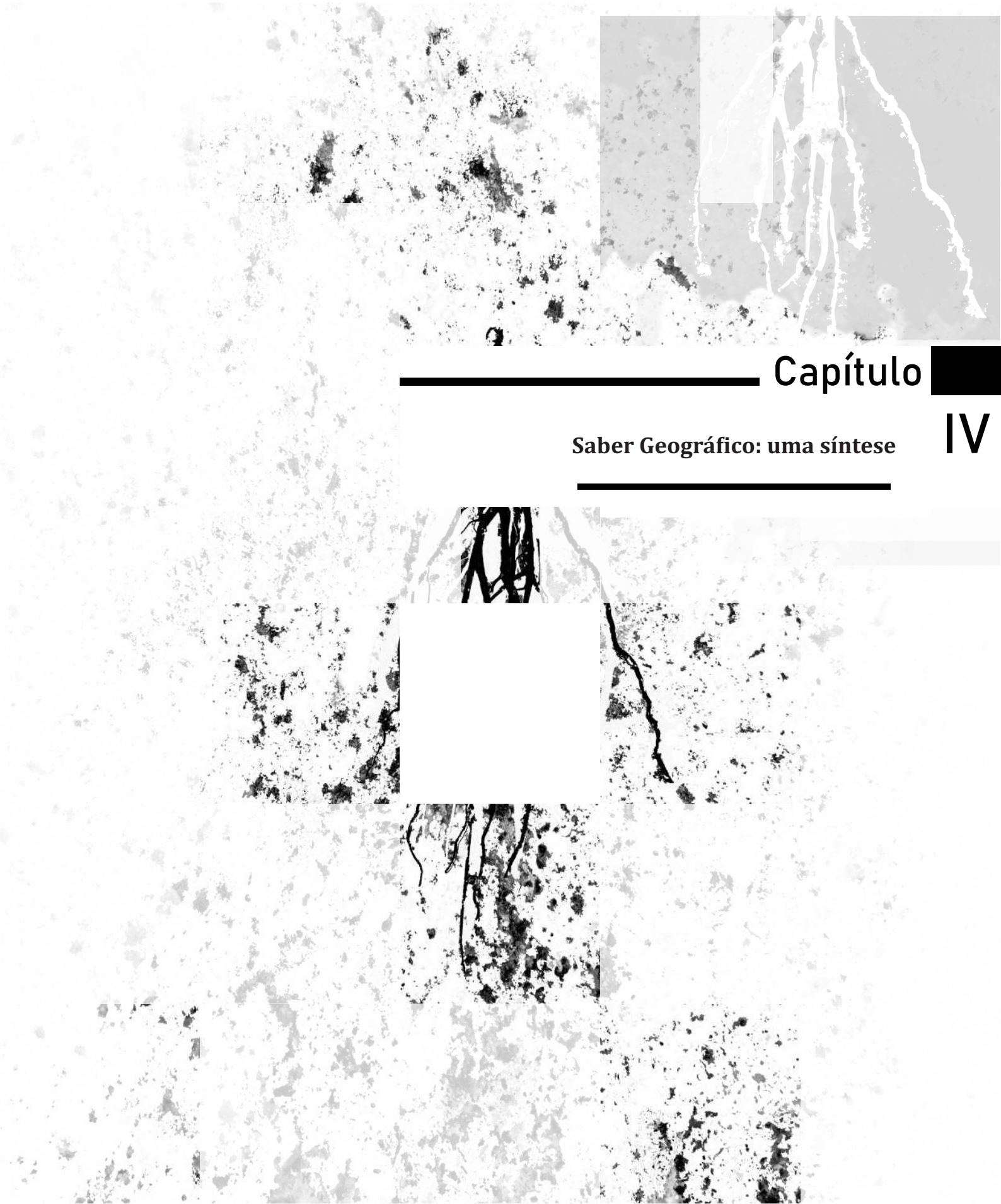
Fonte: Moreira (2013, p.113).

No primeiro modo de pensar, a Geografia detém as seguintes características: a) é o estudo da relação homem-meio, através da organização do homem pelo espaço; b) O homem e o meio são dicotomizados e o estudo do homem é visto como objeto da Geografia humana e o da natureza como objeto da Geografia física, de modo que a noção de relação homem-meio é abandonada no caminho (MOREIRA, 2013, p. 111).

O segundo modo de pensar que surge a partir de 1970 e tem com o marxismo sua marca. Para Moreira (2013, p.112), nesse segundo modo, a "representação dos fenômenos são concebidos em pares dialéticos, de forma que o esquema segue um movimento de mão dupla". Dessa forma, "como na concepção marxista de história cada sociedade tem sua forma própria de organizar seu espaço". É importante lembrar que Moreira apenas utilizou esses esquemas como exemplos de dois modos de pensar diferentes na Geografia. Pensamos ser fortuito apresentá-los para somarmos às outras maneiras de entender o pensamento geográfico, como brevemente demonstramos em Monbeig (1953) Moraes (1991), Silva (1996), Sposito (2004) e Martins (2016).

Monbeig, por um lado, demostrava um descontentamento da representação do humano na Geografia. Moraes, por outro, estava preocupado como papel ideológico do geográfico em sociedade. Silva construiu um amplo itinerário de temas geográficos. Já Sposito dedicou-se às formas de ensino do pensamento geográfico. E, por último, Martins realizou um balanço crítico da produção teórica e histórica da Geografia brasileira. Moreira caminha em uma diversidade de assuntos interessantes ao pensamento geográfico, cujo foco principal de sua obra *Pensar e Ser em Geografia* são a história, a epistemologia e a ontologia. São, de certo modo, objetivos distintos que movem esses autores, embora todos na mesma constelação, isto é, compreender e avançar o saber geográfico brasileiro e sua utilização em sociedade.

Os referidos autores, no entanto, não representam a totalidade de investigadores que se dedicam e que se dedicaram à compreensão do pensamento geográfico brasileiro e mundial. O leque é bem mais amplo. Utilizamos os supracitados devido à objetividade de suas obras quanto ao pensamento geográfico, que, de modo claro, fica expresso em seus títulos. Em resumo, o fator que dá a qualidade de geográfico ao pensamento são as diversas manifestações do espaço. Tal entendimento, no entanto, não se dá de modo semelhante nos respectivos autores; contudo, a presença do fator espacial é unânime.



Capítulo IV

Saber Geográfico: uma síntese

Pensamento e conhecimento são atividades complementares – em certa medida, a existência de uma pressupõe e condiciona o movimento da outra. A sobreposição de uma dessas faculdades, como produtos, que surgem nos textos dos geógrafos que buscam investigá-las como objetos, não é de todo errada. Há aqueles que preferem referir-se ao pensamento geográfico, outros ao conhecimento geográfico, em suas pesquisas como um fato, às vezes, simplesmente dado. Tais utilizações materializaram-se nos trabalhos que aqui analisaremos, ou seja, em dissertações e teses. Ora, se o pensamento e o conhecimento são atividades complementares, a opção por um em detrimento do outro supõe, a sua vez, a eliminação ou menor grau de importância ao seu par.

Mas em que medida tem essa discussão importância para o trabalho que estamos desenvolvendo? A resposta é muito simples, recorramos à outra interrogação: *o que é e como identificar um trabalho sobre o pensamento ou conhecimento geográfico como objetos*? Pensamos que, no mínimo, é necessário esclarecer ainda, de modo sumário, as noções desses termos – tal foi o exercício que acreditamos ter realizado no capítulo anterior. Neste estado de coisas, surge outra interrogação: *qual dos termos utilizar: Pensamento ou conhecimento?* Julgamos, neste concurso, que o termo saber é mais amplo, definindo-se como um conjunto de conhecimentos mediado e construído pelos sujeitos através do *pensar*. A escolha desse termo e sua noção serão discutidos neste capítulo.

4.1 A diferenciação arendtiana

Para alcançarmos a ideia integradora do saber, iremos, numa curta exposição, apresentar as diferenças fundamentais entre o pensamento e o conhecimento – exercício sobre o qual a filósofa Hannah Arendt, no livro *A vida do espírito*, discorreu amplamente. É a partir da diferenciação de Arendt que entendemos, de modo preciso, as noções de pensamento e conhecimento. Tão logo, indicaremos os limites e os problemas inerentes a essas faculdades quando investigadas separadamente, alimentando, assim, nossos argumentos pela escolha do saber.

4.1.1 Verdade e significado, conhecimento e pensamento

Hannah Arendt, durante o julgamento do nazista Adolf Eichmann, em Jerusalém, assistiu e, posteriormente, relatou em uma série de artigos o

desenrolar desse episódio, culminado, assim, com o livro *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*, de 1963. Contudo, em 1973, vem ao público a obra *A vida do Espírito*. Nesse livro, Arendt diferencia de modo conciso as faculdades de pensar e conhecer e, consequentemente, seus desdobramentos. O episódio de Eichmann foi a pedra de toque para a autora se ocupar de inextricável debate.

O pensamento, na abordagem arendtiana, é uma faculdade que não se assemelha ao raciocínio nem à lógica e tampouco à inteligência. Tal juízo permite Arendt afirmar que pode existir pessoas inteligentes, mas que, no entanto, não pensam. Argumenta tal constatação realizando um paralelo com as atrocidades cometidas pelo regime nazista – aqueles que foram capazes de aplicar e desenvolver conhecimentos e tecnologias não refletiram, nem pensaram, sobre o que estavam realizando, por isso, então, a importância da participação no julgamento de Eichmann (ALMEIDA, 2009).

Arendt julga, num exercício de distinção entre o conhecimento e o pensamento, que o primeiro almeja a busca da verdade, mesmo uma verdade constantemente mutável. Já o pensamento detém-se ao significado, "daí se depreende que o pensamento é como a teia de Penélope, desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior" (ARENDT, 2000, p. 69). Em uma linguagem mais clara, diferencia o conhecer do pensar do seguinte modo:

> Pois nosso desejo de conhecer, quer surja de perplexidades práticas ou puramente teóricas, é saciado quando atinge o objetivo prescrito; e enquanto a sede de conhecimento pode ser ela mesma inesgotável em virtude da imensidão do desconhecido, a própria atividade deixa atrás de si um tesouro crescente de conhecimento que é retido e armazenado por toda a civilização como parte integrante de seu mundo. O fracasso dessa acumulação e da especialização técnica necessária para conservá-la e aumentá-la tem como consequência o fim desse mundo particular. A atividade do pensamento, ao contrário, não deixa nada de tangível em seu rastro, e, portanto, a necessidade de pensar não pode nunca ser exaurida pelos insights dos "homens sábios" (Ibid. p. 49).

A inquietação de Arendt em distinguir o conhecer e o pensar está estritamente relacionada ao seu esforço em compreender o mundo moderno, "no qual o pensamento não instrumental é cada vez menos valorizado, já que ele não coaduna nem com a mentalidade do *homo faber*, nem com a do *animal laborans*". Já o conhecimento, diferentemente, ganhou uma posição elevada, ocasionando, todavia, na aplicação de "critérios próprios do conhecimento indistintamente

também à atividade do pensamento, de modo que se corre perigo de perder de vista a relevância peculiar dessa faculdade do espírito (ALMEIDA, 2009, p.133). Em resumo, o

> [...] conhecer busca resultados relativamente seguros e verificáveis, tanto no quadro da ciência como também no âmbito do senso comum. Isto é, mesmo na vida cotidiana precisamos ter certeza a respeito das informações e conhecimentos dos quais dependem as atividades que exercemos. O pensar, em oposição a isso, não produz nenhum resultado sólido, mas diz respeito ao sentido que estamos sempre procurando naquilo que nos ocorre. Não é possível nem razoável comprovar a veracidade do sentido.
> O conhecimento, por sua vez, deve ser verdadeiro, ou seja, sua validade depende da possibilidade de verificá-lo: ou ele é evidente por si mesmo, ou pode ser comprovado. De qualquer forma, não podemos discordar nem duvidar de sua validade, a não ser que possamos demonstrar ou evidenciar seu contrário. Já o pensar não produz resultados definitivos que, uma vez consolidados, possuam uma validade por si só, independentemente da atividade do pensar. Os "resultados" do pensar só continuarão válidos na medida em que forem repensados. Se o critério da veracidade é, portanto, essencial para o conhecer, o pensar a ele não se submete (Ibid. p.134).

Essa diferença entre o conhecimento e o pensamento é importante devido, como no nazismo, ao fato de o conhecimento instrumental poder apropriar-se do pensamento. Para Arendt, assim, o mundo ocidental vem privilegiando essa sobreposição do conhecimento em detrimento do pensamento. O pensamento, que sempre se refaz, pensando o já pensado, todos os dias, ininterruptamente, diverge da verdade. O pensamento, nesse sentido, supõe liberdade. O conhecer, assim, estaria no plano da cognição, e o pensamento no dos significados.

O pensamento, entretanto, não é descartável no fazer científico ou da busca da verdade propriamente dita. Seu papel, na acepção arendtiana, é como um meio em relação a um fim. A cognoscibilidade e a busca do conhecimento, desse modo, necessita, por parte do cientista, que o mesmo "pare para pensar". Arendt, no entanto, entende tal exercício como o que comumente chamamos de método.

Assim, a partir desta sonda das ideias arendtianas, é possível afirmar sem temeridade que o conhecimento busca a verdade e o pensamento os significados. Esta distinção, exposta por nós de maneira resumida, não nega a conectividade entre as significações que o pensamento busca e desenvolve, e o objetivo rumo à verdade que o conhecimento almeja. O humano, quando formula

questões, afirma-se, concomitantemente, como um ser que interroga. A verdade buscada pelo conhecimento através da cognição humana guarda interrogações de perfil irrespondível, que somente o pensamento pode se ocupar. A perda da habilidade de pensar, fruto do pensamento instrumental, conduz os indivíduos à perda da capacidade de criação de obras de arte, das utopias.

4.1.2 O diálogo com Kant

Quando Arendt distingue verdade de significado, o primeiro ao conhecer e o segundo ao pensar, busca em Kant suas fundamentações. Retorna à obra *Crítica da Razão Pura*, investigando a distinção que Kant realiza entre *Vernunft e Verstand* (razão e intelecto). Na leitura de Arendt, Kant realizou essa distinção devido à compreensão de que o conhecimento não é de todo confiável a respeito de questões que – o sujeito que conhece – não se pode impedir de pensar. Tais assuntos seriam aqueles os quais entendemos por Deus, a imortalidade e a liberdade. Kant

> [...] estava bastante consciente de que a "necessidade urgente" da razão não só é diferente, mas é "mais do que a mera busca e o desejo de conhecimento". Assim, a distinção entre as duas faculdades, razão e intelecto, coincide com a distinção entre duas atividades espirituais completamente diferentes: pensar e conhecer; e dois interesses inteiramente distintos: o significado, no primeiro caso, e a cognição, no segundo (ARENDT, 2000, p. 13).

Arendt, no entanto, discorda de Kant em outros aspectos. A razão, embora possa ocupar-se das questões últimas, não se limita a elas. O pensar, nesse sentido, diz respeito à reflexão sobre os sentidos de qualquer experiência ou coisa (ALMEIDA, 2009). A tradução alemã de *Wahrnehmung*[77] que Kant utiliza nos conduz a pensar que a verdade confirma-se a partir dos sentidos. Todavia, isso não ocorre, necessariamente, com o pensamento que busca o significado (ARENDT, 2000). Embora, ainda, tenha sido possível retirar esses elementos do pensamento kantiano, Arendt admite que o mesmo nunca desenvolveu de modo específico dedicação a essas duas faculdades, isto é, sua diferenciação. Afirma, inclusive, que, mesmo em toda história da filosofia, não há uma delimitação clara dessas duas faculdades.

[77] O que me é dado na percepção e deve ser verdadeiro [Wahr] (ARENDT, 2000, p. 45).

4.1.3 O "lugar nenhum" do pensamento

No capítulo 4 do já referido livro *A vida do espírito*, Arendt estabelece o seguinte questionamento: *Onde estamos quando pensamos?* Que lugar é esse, indaga Arendt, que nos localizamos na atividade do pensar? Na busca da resposta a essa interrogação, Arendt lança três pressupostos. O primeiro indica que o pensamento é uma atividade fora de ordem, modificando e sendo modificado pelas atividades ordinárias. Além de não deter uma ordem, o pensamento – o ego pensante – pode manifestar-se através de múltiplas e diversas experiências. Em terceiro e último lugar, o pensamento, geralmente, lida com ausências e deixa de lado o que está presente. Essas três características ou condições, segundo Arendt, indicam que tanto a existência quanto a realidade que acreditamos se manifestar apenas espaço/temporalmente podem ser, ainda que de modo temporário, suspensas.

Essa suspensão das coisas, da existência etc., através do pensamento, tem como produto extratos estes, a sua vez, não tão insignificantes. Os extratos representam aquilo que se torna significativo para o pensamento. Em uma outra linguagem, esses extratos podem ser interpretados como "essências". Estas últimas, para Arendt, não podem ser localizadas; o pensamento, nesse sentido, apropria-se delas em busca de significações. Em decorrência da busca dessas significações retiradas das "essências", o pensamento realiza uma atividade de generalização das particularidades do mundo.

A generalização, segundo a abordagem de Arendt, é intrínseca ao pensamento. Tal exercício de generalização dos particulares permite chegarmos à "essência" "que se aplica em toda parte, e esse "em toda parte", que confere ao pensamento seu peso específico, é, espacialmente falando, **um lugar nenhum**" (ARENDT, 2000, p. 151, grifo nosso). O "ego pensante, movendo-se entre universais e essenciais invisíveis, não se encontra, em sentido estrito, em lugar nenhum. Ele não tem lar, no sentido forte da expressão" (Ibid. p.151-152).

As expressões "em-toda-parte" e "lugar nenhum[78]" do pensamento não querem dizer, necessariamente, que o sujeito – o ego pensante – esteja fora de um mundo material, do espaço do ponto de vista geográfico. É importante, para além disso, considerar que os indivíduos não existem apenas no espaço, "existimos também no tempo, lembrando, coletando e recolhendo o que não está mais presente fora do "ventre da memória"[79], antecipando e planejando, na forma da vontade, o que ainda não é" (Ibid. p. 152). Em termos objetivos, quando questiona-se "onde estamos quando pensamos?", a resposta não pode, simplesmente, orientar-se pelo caráter ou condição espacial, mas, antes de tudo,

[78] "E uma vez que este lugar nenhum não é de modo algum idêntico ao duplo lugar nenhum de onde subitamente aparecemos ao nascer e no qual quase tão subitamente desaparecemos ao morrer, ele só pode ser concebido como o Vazio" (ARENDT, 2000, p. 151).
[79] Expressão de Santo Agostinho.

entendê-la como uma somatória.

4.1.4 Localizando o pensamento

O pensamento, para realizar-se como um ego-pensante, necessita, como já dissemos, suspender a realidade, rumo às essências, procurando nessas as significações. Essa atividade que o pensamento realiza, no entanto, localiza-se num choque entre o passado e o futuro. Entre as forças que fluem do passado e a do futuro está o humano, o Agora (presente) de que fala Arendt. Para exemplificar a luta dessas duas forças, Arendt utiliza-se de uma passagem de Nietzche em *Assim falou Zaratustra*. Vejamos.

> Dois caminhos aqui encontram-se; ninguém ainda os seguiu até o fim. Esse longo caminho estende-se uma eternidade para trás. E o outro longo caminho adiante – é outra eternidade. Eles se contradizem, estes caminhos; e se afrontam – e é aqui, ao pé desse pórtico, que eles se encontram. O nome do pórtico está escrito lá em cima: "Agora ("Augenlick")...Observem esse Agora! Para trás desse pórtico estende-se um caminho longo e eterno; atrás de nós já uma eternidade [e outro caminho conduz, adiante para um eterno futuro] (ARENDT, 2000, p. 154 apud NIETZSCHE, 1962).

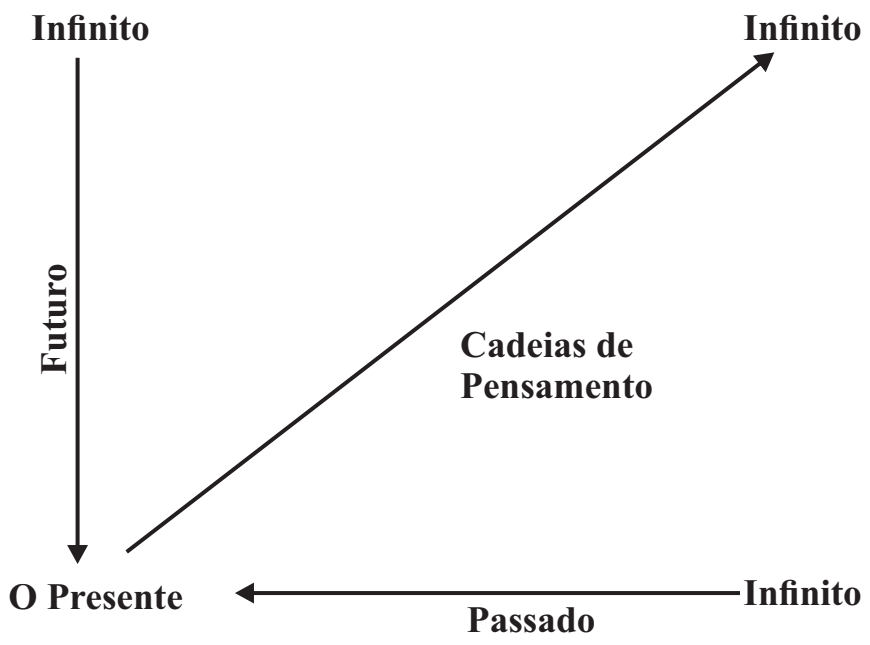
O sujeito, assim, estaria em meio a um fluxo contínuo e eterno na batalha dessas duas forças, lutando com e em tais direções. O produto dessa batalha é o Agora, entendido como um campo de luta. Esse espaço de batalha, em longos e sucessivos intervalos, é a vida do homem que é puxado, e às vezes amedrontado, pelo futuro e em guerra contra o patrimônio do passado.

Esse campo de batalha que produz a lacuna do Agora[80] – o presente – somente realiza-se através da reflexão, "cujo tema é aquilo mesmo que está ausente – ou porque já desapareceu ou porque ainda não apareceu. A reflexão traz essas "regiões" ausentes à presença do espírito; dessa perspectiva, atividade de pensar pode ser entendida como uma luta contra o próprio tempo" (ARENDT, 2000, p. 155).

Na figura abaixo, é representado o que dissemos. Segundo Arendt (2000, p. 157), "a localização do ego pensante no tempo seria o intervalo entre o passado e o futuro, ou seja, o presente, agora misterioso e fugidio, uma mera lacuna no tempo". Tal lacuna, "não obstante, passado e futuro se dirigem, à medida que indicam o que não é mais e o que ainda não é".

[80] "[...] o leitor tem que estar consciente de que o ego pensante não é o eu que aparece e se move no mundo, recordando o próprio passado biográfico como se "ele" estivesse à *la recherche du temps perdu* ou planejando o futuro. Porque o ego pensante não tem idade nem localização, o passado e o futuro podem tornar-se, como tais, manifestos para ele, esvaziados, por assim dizer, de seu conteúdo concreto e liberados de todas as categorias espaciais" (ARENDT, 2000, p. 157).

Figura 5: O pensamento para Arendt.



Fonte: Arendt (2000, p. 157).

O passado, na linha horizontal, traz consigo o infinito que antecede o homem. O futuro, na linha vertical, abre-se também ao infinito, ambas confluem dando vida à terceira linha em diagonal, o agora, o presente – o ego pensante. A origem tanto do passado quanto do futuro são indefinidas, uma vez que partem de um passado e de um futuro infinitos. No entanto, seu fim pode ser conhecido, isto é, o agora, onde se esbarram. A linha diagonal, entretanto, tem uma origem que é, justamente, a colisão das outras duas forças, mas caminharia rumo ao infinito. Com isso, menciona Arendt (2000, p. 157), "essa força diagonal, cuja origem é conhecida e cuja direção é determinada pelo passado e pelo futuro, mas que se exerce na direção de um fim indeterminado, como se pudesse estender-se ao infinito, parece-me uma metáfora perfeita para a atividade do pensamento".

A localização do pensamento, como não poderia deixar de ser, está, quando pensamos, entre o passado e o futuro, numa espécie de "árbitro" das duas forças. O agora, a rigor, apropriando-se de outra metáfora, seria a "região" do espírito, do nosso pensamento (Ibid. p. 158).

4.1.5 Limites e possibilidades do conhecimento e do pensamento como objetos no âmbito da Geografia

As reflexões de Arendt – uma das poucas pensadoras que de fato se dedicou a especificar, num exercício de diferenciação dessas duas atividades do espírito (o conhecer e o pensar) – possibilita ao presente trabalho a compreensão das possibilidades e, consequentemente, das inevitáveis limitações da escolha de uma ou de ambas as faculdades como objetos de investigação. De um lado, tem-se o pensamento, localizado entre a batalha das forças do passado e do futuro, orientado incessantemente à procura das significações, debulhando as essências através da generalização dos particulares. Esse mesmo pensamento, ainda, se refaz todo dia "como a teia de Penélope". Do outro lado, tem-se o conhecimento, na corrida incessante pela busca da verdade, mesmo esta estando em permanente mutação, tendo o papel, em termos arendtianos, de uma ferramenta de caráter instrumental, engolindo o pensamento na entrada e no caminhar da modernidade.

O conhecimento e o pensamento são, é bem verdade, atividades e produtos inerentes à atividade científica, bem como objetos desta. Nesse sentido, julgamos que ambas necessitam estar presentes nas investigações do que chamamos de aspectos *históricos e teórico-conceituais e propositivos* do saber geográfico. Tal presença, todavia, é inevitável à nossa presente proposta, uma vez que o panorama de trabalhos que reunimos congrega pesquisas que se detiveram a essas duas atividade: o conhecimento e o pensamento geográfico. E, agora, essas pesquisas estão no plano de objetos, em resumo: pensamentos e conhecimentos que estudaram outros conhecimentos e pensamentos – tonaram-se, pois, objetos.

A partir da consideração de que essas duas atividades são e estão relacionadas, não podemos priorizar uma em detrimento da outra. Como tentativa de resolução desse impasse, elegemos o termo *saber*. Desceremos agora aos sentidos, significados, e às relativas definições do saber, entendendo-o, repetimos, como uma síntese do conhecer e do pensar.

4.2 O saber

Posso conhecer as divisões políticas e regionais do país onde vivo, estudar sua geologia prevendo os movimentos das placas tectônicas, consultar sua formação histórica. Posso, inclusive, pensar em um país diferente onde não há desigualdades, sobreposições e barbárie entre as classes. Contudo, preciso

saber o que e como fazer com esses conhecimentos e pensamentos. É preciso *saber pensar o espaço*, como anunciou Yves Lacoste em março de 1976 em *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*.

O saber, *grosso modo*, constitui-se como um *conjunto* de conhecimentos, modificado e mediado pelo pensamento. Utilizando de uma metáfora como exemplo, poderíamos dizer que as raízes de uma árvore são os pensamentos; os galhos e as folhas, os conhecimentos; a árvore em seu todo, o saber. Em uma floresta, essa árvore seria um saber entre outras árvores – outros saberes, portanto. Nessa floresta, que é a vida, existem os saberes, uns de perfil científico, outros populares ou do senso comum, religiosos, árvores de toda sorte. É como se o pensar e o conhecer estivessem dentro do saber. O saber é um produto de uma coletividade, do qual os sujeitos se apropriam. Mergulhemos nessas especificidades.

4.2.1 Algumas noções

O saber, em muitas línguas, confunde-se com o conhecimento; mas este último é produto de relações objetivas e teóricas. Já o saber é produto de situações objetivas e subjetivas, práticas e teóricas. O relacionamento do sujeito com o objeto, quando é mediado apenas pelo processo cognitivo, pode ser chamado de conhecimento. Quando, por outro lado, a relação é cognitiva e experimental, temos um saber. O saber flui dos contextos espaciais/temporais; já o conhecimento flui do sujeito e sua relação, pessoal, de cognição[81] (MOTA, 2005, p. 48).

> O saber não se reduz ao conhecimento, e aí podemos caracterizar este último como científico, acadêmico, teórico, universal, institucionalizado, legitimo... o saber extrapola o caráter de universalidade do conhecimento quando confrontado com realidades diferenciadas e múltiplas, reinventando, construindo saberes que melhor atendam às necessidades imperiosas da práxis educativa.

É também

> [...] produto da operação de tratamento do conhecimento, que na aventura do sujeito professor, torna-se saber. Rompe-se epistemologicamente, por conta do contexto transcendendo uma teoria consolidada. E é nesse contexto que os professores produzem/constroem saberes outros, interagindo com outros sujeitos, com outras culturas no ambiente escolar (Ibid. p. 48-49).

[81] "O "sujeito do saber" põe seus conhecimentos em movimentos, em ação, agindo sobre o objeto de conhecimento a partir das singularidades de um determinado contexto de ação, possibilitando modificar esses conhecimentos à luz da realidade contextual, criando, construindo saberes" (MOTA, 2005, p. 30).

A prática dos professores, tomando aqui como exemplo o ofício do ensinar, é um processo de construção e transmissão de saberes. Do ponto de vista da história da filosofia, o saber aparece em Parménides, indicando que é um *discernir* as coisas, do ser e do que parece ser. Xavier Zubiri (1974), ademais, inclui que Platão seguiu essa mesma interpretação do sentido do saber, conquanto logrou adicionar que o saber é mais de que um discernir – o saber é um *definir*. Com isso, não apenas discernimos as coisas daquilo que elas talvez não sejam, mas as definimos, desenhando fronteiras e limites de onde uma coisa pode começar e terminar. Aristóteles, por fim, sustentou que o discernir e o definir ainda não sustentavam a potencialidade significativa do saber. Saber, para Aristóteles, além de discernir e definir, é *entender, demonstrar*. O saber, nesse sentido, é compreender algo com o todo.

Aproximando-se do nosso tempo, o filósofo Michael Foucault separa nitidamente o saber do conhecimento, este último correspondendo à construção de discursos sobre os objetos que se apreendem pela cognição (racionalização, identificação e classificação) e o primeiro, o saber, em processo quase inverso, define-se pelo processo de modificação do sujeito que agora não é fixo durante o ato cognitivo. O saber para Foucault é

> [...] aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico (o saber da psiquiatria, no século XIX, não é a soma do que se acreditava fosse verdadeiro; é o conjunto das condutas, das singularidades, dos desvios de que se pode falar no discurso psiquiátrico); um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso (neste sentido, o saber da medicina clínica é o conjunto das funções de observação, interrogação, decifração, registro, decisão, que podem ser exercidas pelo sujeito do discurso médico); um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam (neste nível, o saber da história natural, no século XVIII, não é a soma do que foi dito, mas sim o conjunto dos modos e das posições segundo os quais se pode integrar ao já dito qualquer enunciado novo); finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (assim, o saber da economia política, na época clássica, não é a tese das diferentes teses sustentadas, mas o conjunto de seus pontos de articulação com outros discursos ou outras práticas que não são discursivas). Há saberes que são independentes das ciências (que não são nem seu esboço histórico, nem o avesso vivido); mas não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma (FOUCAULT, 2008, p. 204-205).

Além da diferenciação que Foucault estabelece entre conhecimento e saber no âmbito do discurso, o saber também se diferencia do pensamento, mas com este relacionado. Quanto ao pensamento, José Babini (1957) o compreende como um ingrediente no processo do saber, agindo através das significações e dos signos. Desse modo, as significações refletem as modalidades do ser objetivado, através de conceitos, juízos e raciocínios, compondo, pois, a vertente lógica do processo do saber[82].

Babini (1957) menciona, ainda, que o saber possui sete vertentes em relacionamento. A primeira é a *psicológica*, que se manifesta através dos estados psíquicos do sujeito. Quando se considera esse sujeito em um meio social no interior das classes, instituições etc., o saber adquire o aspecto *sociológico*. Para que o saber tenha validade e vigência, é necessário que haja uma acumulação ao longo do tempo, ou seja, um património imaterial, e, nesse sentido, o saber adquire o aspecto *histórico*. Quando se consideram os objetos cognoscíveis como entes, com propriedades próprias, surge o aspecto *ontológico* do saber. Com a vinculação de juízos e conceitos em direção à objetivação do ser, tem-se o aspecto *lógico* do saber. O saber, ainda, pode ser expresso através de símbolos e, sobretudo, palavras – desse modo, o saber adquire, também, o aspecto *semântico*. E, por fim, a correlação intima entre sujeito-objeto oferece a dimensão *metafísica* do processo do saber. Babini, dessa forma, apresenta o potencial do termo saber numa complexa e ampla variedade de temas; não menciona, no entanto, o aspecto *espacial* deste.

Um saber já constituído não é um fato dado fora do tempo e do espaço. Acompanhando o que diz Japiassu (1992), antes do surgimento concreto de um saber, há um "pré-saber" que o antecede. Esse pré-saber pode ser entendido como um momento cultural que recobre à ciência ou qualquer outra forma de saber, constituído por erros, ideias preconcebidas e preconceitos. O saber é coextensivo à vida (LEVY, 2015).

4.2.2 O poder

Possuir o saber é deter poder – afirmação que Bacon já anunciava, embora utilizando-se do termo conhecimento: *"knowledge is power"* (conhecimento é poder!). Em um dos livros do *Antigo Testamento da Bíblia*, o livro de *Provérbios*, anuncia-se que *"O homem sábio é forte, e o homem de conhecimento consolida a força"* (24,5). O poder que o saber pressupõe

[82] "La estructura legal del saber subordina a la relación gnoseológica dos nuevas relaciones: la relación judicativa que se establece entre el juicio y su predicado; y la relación de verdad que se establece entre el juicio y la situación objetiva. Estas dos relaciones, a cargo respectivamente de las funciones lógicas: juzgar y verificar, se dan en el pensamiento, unidad, a la vez formal y mental, de todo el proceso del saber" (BABINI, 1957, p. 109).

possibilitar para quem o deter tentou Eva no Jardim do Éden, diante da Árvore do Conhecimento com seus frutos, o saber, então, superando a ordem de Deus.

Do ponto de vista prático, levando-se em conta que o saber é um conjunto de conhecimentos mais o menos sistematizados, saber de alguma coisa é apropriar-se de um pedaço do mundo, saber nele agir, um *savoir-vivre*[83] ou *savoir-faire*[84], como amplamente é discutido na língua francesa.

A relação do poder e de saber é tão íntima que o saber se torna o território de cada sujeito, dando poder para tal de determinar as coisas e os seres (MOURÃO, 1983). Distribuindo-se no sujeito coletivo, o saber se torna imanente a cada sujeito, minando suas práticas. Essa condição, se não formos muito longe, é possível de ser constatada em um pequeno grupo, ou uma só pessoa, que pode dominar um conjunto de conhecimentos, um saber. A riqueza das nações ou das empresas, por exemplo, depende de sua eficácia em agir no espaço do saber (LEVY, 2015).

Não há neutralidade no saber. É, antes de tudo, político. É, objetivamente, um ato recíproco, uma vez

> [...] que não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber. Assim, o hospital não é apenas local de cura, "máquina de curar", mas também instrumento de produção, acúmulo e transmissão do saber. Do mesmo modo, a escola está na origem da pedagogia, a prisão da criminalidade, o hospício da psiquiatria. E, em contrapartida, todo saber assegura o exercício de um poder (Ibid. p. 126).

Essa última passagem nos lança, novamente, ao pensamento de Michael Foucault, este que de modo mais amplo investigou a relação entre o saber e o poder. Revel (2005) indica que a disciplinarização do mundo através da criação de saberes de natureza local disciplinou, também, o poder. Foucault compreendeu, com isso, que para que o poder agisse nos micro-espaços, era necessária a produção de saberes de fácil circulação para que, assim, se pudesse adentrar na cotidianidade do social. O "poder não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber que os objetiva e antecipa toda experiência de subjetivação" (Ibid. p. 77).

O resultado dessa intrínseca e às vezes perversa relação entre saber e

[83] [...] um savoir-vivre ou um vivre-savoir [...] tem a ver com um espaço cosmopolita e sem fronteiras de relações e qualidades; um espaço de metamorfose das relações e do surgimento das maneiras de ser; um espaço em que se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos (LEVY, 2015, p. 119).

[84] [...] o *savoir-faire* humanos sempre estiveram no centro do funcionamento social [...] os *savoir-faire* e competências dos seres humanos estão prestes a ser reconhecidos como a fonte de todas as outras riquezas (LEVY, 2015, p. 22-23).

poder ocasiona um duplo movimento no social – o

> [...] poder de extrair dos indivíduos um saber, e de extrair um saber sobre esses indivíduos submetidos ao olhar e já controlados (Ibid. p. 77 apud FOUCAULT, 1999).

E,

> [...] por consequência, de analisar não somente a maneira pela qual acaba-se por exigir que os sujeitos produzam um discurso sobre si mesmo – sobre sua existência, sobre seu trabalho, sobre seus afetos, sobre sua sexualidade etc. – a fim de fazer da própria vida, tornada objetos de múltiplos saberes, como de aplicação de um biopoder (Ibid. p. 77-78).

O par saber e poder, portanto, é unívoco. A história do que entendemos por poder confunde-se com a do saber – as desgraças e erros cometidos por um acompanha o outro (MOURÃO, 1983). Esses elementos nos dão segurança em afirmar, em suma, que o saber não é sinônimo de felicidade, nem necessariamente de infelicidade, mas, seguramente, um instrumento que se move ao gosto do humano. O espaço, contudo, torna-se palco, conteúdo e a condição das relações entre o saber e o poder.

4.2.3 O espaço

Poderíamos fazer um paralelo entre o que se estuda atualmente nas ciências humanas através da "virada espacial", porém já realizamos tal exercício de modo sintético no tópico da Geografia do conhecimento. O papel do espaço no saber, sem muitas delongas, é praticamente o mesmo do que dizem sobre o conhecimento – o determina é determinado, coexistindo.

Embora hoje muitos intelectuais consideram o papel do espaço nas determinações do conhecimento, quem melhor realizou esse paralelo, em termos de saber, foi Michael Foucault, ao que chamou de "triedro do saber". Atualmente, além dos estudos realizados por Foucault, o filósofo e sociólogo Pierre Levy desenvolve pesquisas sobre o que vem denominando de "espaço do saber"[85].

Na epistemologia arqueológica de Foucault, quando então estudou o sistema das ciências humanas, desenvolveu a noção de triedro do saber – uma espécie de espaço epistemológico de três dimensões, dividindo-se em

[85] Outras reflexões podem ser citadas, por exemplo, o *Saber local* de que fala Clifford Geertz, e também a *Ecologia dos saberes* de Boaventura de Sousa Santos.

Matemáticas e Psicomatemáticas (ciências exatas); Ciências da vida (produção e linguagem); e, por último, Reflexão Filosófica. Essas três dimensões comporiam o espaço epistemológico do saber (JAPIASSU, 1992).

Quanto a Pierre Levy, notamos que há um distanciamento nos objetivos perseguidos em comparação ao que Foucault realizou. Levy, compreendendo a existência de três espaços – a Terra, o Território e o Espaço mercantil –, considera que o espaço do saber pode vir a comandar esses três últimos espaços. O espaço do saber, então, é uma espécie de projeção ao futuro, um horizonte comandado pela velocidade da evolução dos saberes e o surgimento e aperfeiçoamento do ciberespaço. O espaço do saber de Levy se constituirá através da *velocidade*, da *massa* e das *ferramentas*. A velocidade diz respeito à evolução das técnicas, recaindo no *savoir-faire* (saber-fazer), atingindo, consequentemente, a vida cotidiana. A massa refere-se à impossibilidade de reservar o conhecimento, bem como de acompanhar seu movimento. Já as ferramentas, considerando que a massa de conhecimentos e saberes é cada vez maior, precisam aprimorar-se para filtrar a ampla quantidade de informações (LEVY, 2015). O espaço do saber, assim, é um projeto. Arquitetar

> [...] o Espaço do saber seria, em especial, dotar-se dos instrumentos institucionais, técnicos e conceituais para tornar a informação "navegação", para que cada um possa orientar-se e reconhecer os outros em função dos interesses, competências, projetos, meios, identidades recíprocas no novo espaço. A instauração deliberada de um sistema de expressão do Espaço do saber permitiria pôr corretamente, e talvez resolver, inúmeros problemas crucias que já não encontram formulação adequada nos conceitos e ferramentas que os exprimiam nos espaços precedentes (Ibid. p. 23).

Essas interpretações, tanto em Foucault quanto em Levy, demonstram modos diferentes de compreender a relação entre o espaço e o saber. O tripé, para o qual aqui chamaríamos atenção, constitui-se como saber, poder e espaço. Outras categorias poderiam ser adicionadas à discussão, a exemplo do discurso. Acreditamos que as já mencionadas esclarecem a importância da noção do saber. Do ponto de vista prático, o termo saber, que até a década de 1950 praticamente era inexistente em publicações de artigos científicos em revistas e boletins, no começo da década de 1990, aparece mais de 300 vezes (QUERO, 2005, p.1 apud BEILLEROT, 1998), denotando, certamente, sua relevância sobretudo na prática pedagógica. O papel do espaço com o saber nada mais é do que a relação do sujeito com o mundo.

4.2.4 *O saber geográfico como relação e devir*

Não existe saber em si. As interpretações que os sujeitos realizam sobre as coisas que na aurora da vida constituem-se como saberes são, inextricavelmente, produto de relações. O saber geográfico, a partir desse pressuposto, não é um saber transcendente. É, antes, um tipo de saber que brota de uma relação específica do humano com o mundo, ou através da linguagem geográfica com o espaço.

Todo sujeito possui saber, relaciona-se com saberes. Sobreviver e viver – a vida – pressupõe saber. No entanto, o conceito de saber não pode ser congelado em religioso, científico, filosófico ou do senso comum, como saberes em si. Entendemos que o saber, seja ele científico ou de outro gênero, nada mais é do que uma *relação* específica do sujeito/os com o mundo (CHARLOT, 2000).

Não queremos dizer que a distinção de saberes, a exemplo do que realizou Gurvitch (1969), é incorreta, visto que não há o "saber", mas saberes em formas específicas. O problema, todavia, "consiste em acreditar que são as formas específicas de um objeto natural que se chamaria "saber", do qual poder-se-iam definir espécies e variedades, quando, na verdade, são formas específicas de relação com o mundo" (CHARLOT, 2000, p. 62).

Desse modo, o que nos faz acreditar que existem saberes teóricos e outros práticos é a *relação* que é teórica e prática com o saber; não o próprio saber. O saber geográfico, nesse sentido, muitas vezes, é compreendido através de setores da Geografia, como a Geografia rural, urbana, geomorfologia etc. – esses produzem saberes do mundo agrário, da dinâmica urbana e das formas do relevo. Todos são saberes geográficos, porém compreendidos e realizados por relações distintas do pesquisador com o mundo.

Essas relações, ao que indica Charlot (2000, p. 78, grifo do autor), comporta uma intimidade com o tempo através

> [...] da apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros – "o aprender" – requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é o de uma história: a da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito; da linguagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. [...] a relação com o saber é relação com o mundo, *relação consigo mesmo, relação com os outros*. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação *simbólica, ativa e temporal*. Essa análise concerne à relação com o saber que um sujeito singular inscreve num espaço social.

Em termos precisos:

> A relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantem com um objeto, um "conteúdo de pensamento", uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação coma linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação (Ibid. p. 81).

Quanto à Geografia, como apontamos no conhecimento geográfico, tal relação do sujeito com o saber, com o mundo, ou a própria relação sujeito e objeto etc., pode ser entendida pela presença da técnica nessa mediação, como argumenta Santos (2006). Assim, podemos fazer os seguintes apontamentos de como entendemos o saber: 1) Existe em perpétua relação com o poder; 2) É essencialmente espacial, visto que seu surgimento depende da relacionamento do sujeito com o mundo; 3) Não é um dado transcendente, senão produto de relações; 4) É um conjunto de conhecimentos em relação[86]; 5) O pensamento, para o saber, é como um meio, não um fim.

A Geografia, cabe lembrar, é um saber tão antigo quanto a própria humanidade. Todas as sociedades elaboraram uma cultura do espaço através da orientação, descrição, ordenação etc., um saber, também, sobre o espaço de carácter espontâneo. Lugares e territórios formam partes de representações mentais vividas e compartidas pelos sujeitos, um saber do espaço que se confunde com a natureza humana[87] (VALCÁRCEL, 2000).

O desenvolvimento da noção de saber geográfico em seu potencial pode ser encontrada em Yves Lacoste em seu clássico e já citado livro *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. A despeito das diversas críticas já direcionadas a essa obra de Lacoste, sua atualidade – e, com efeito, sua qualidade – é inquestionável. O saber geográfico, para Lacoste, é um saber estratégico, com íntima relação com o Estado e o militarismo. O saber, para Lacoste, ainda, é um saber político que muitas vezes se apresenta na prática pedagógica das escolas como um saber inofensivo. Também, aponta que, no universo acadêmico, muitos geógrafos pensam realizar um "saber pelo saber". Esses geógrafos acreditam – ou querem acreditar – que não cabe a discussão política no saber geográfico por eles produzido. Imaginam um saber puro, sem comprometimento político. Mas esse pensamento, contudo, é, por excelência, essencialmente político. Não existe, desse modo, um "saber pelo saber" que não seja político, segundo o que

[86] "Batizar o terreno e cobri-lo de nomes transforma o conhecimento dos lugares em saber coletivo, ainda que permaneça imperfeito" (CLAVAL, 2014, p. 34).

[87] "Este saber forma parte de la cultura universal en la medida en que se fundamenta en prácticas que acompañan el proceso de dominio sobre la Naturaleza y de construcción del espacio humano desde las más primitivas formas de organización social" (VALCÁRCEL, 2000, p. 30).

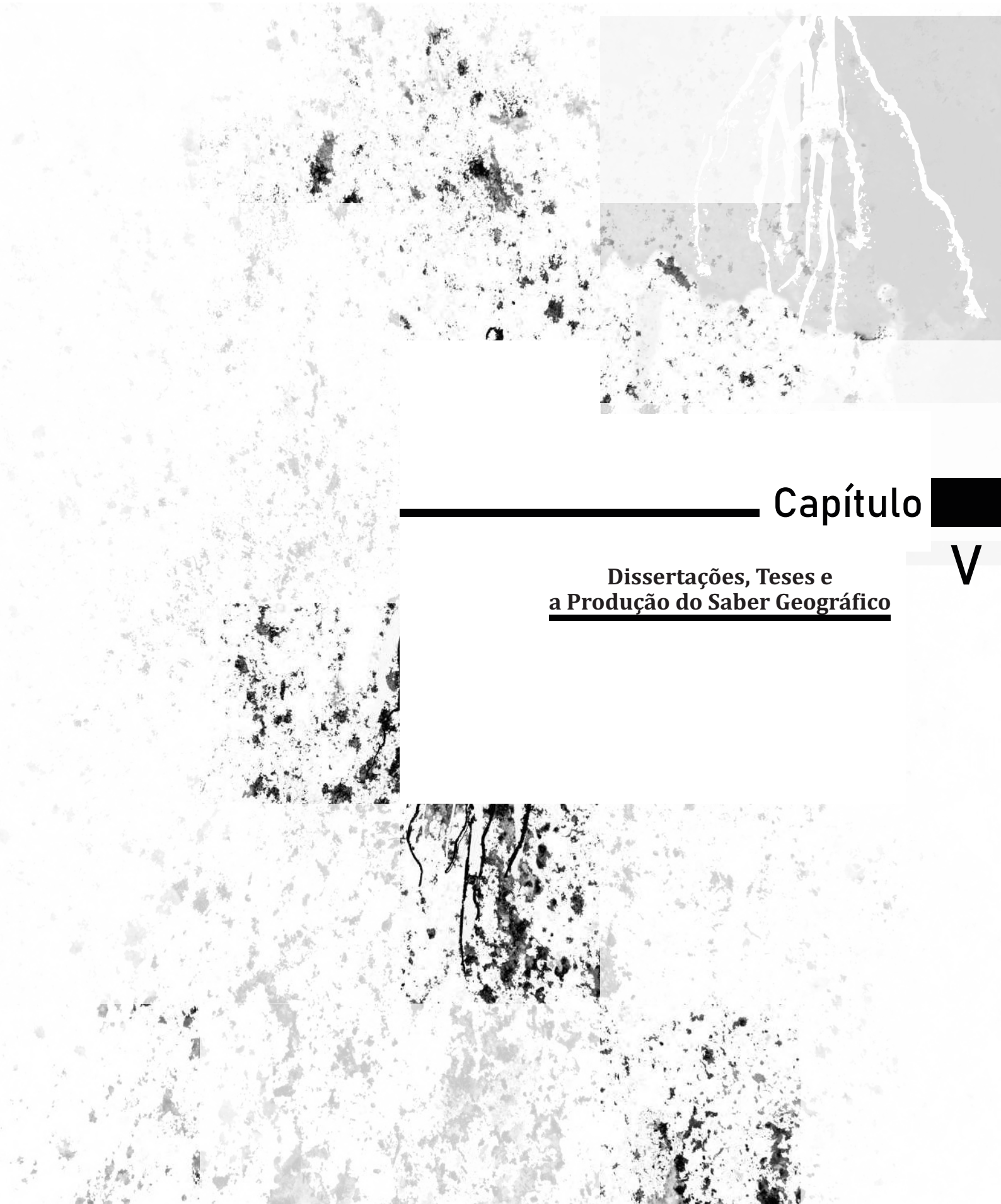
argumenta Lacoste, com quem concordamos.

Aos geógrafos, menciona Lacoste (1988, p. 110), cabe "saber pensar o espaço para que ali se possa agir mais eficazmente", necessitando, assim, "saber pensar o espaço em sua complexidade". Esse saber pensar o espaço e o saber pensar o tempo, durante séculos,

> [...] foram o apanágio de uma minoria dirigente, da mesma forma como o foram os saberes ler-escrever e contar, que foram, eles também, instrumentos de poder, antes de serem democratizados. O saber histórico é hoje bem mais amplamente difundido que outrora, e ele foi um importante fator de desenvolvimento para as forças democráticas. É preciso fazer com que aqueles que ensinam a geografia hoje tomem consciência de que o saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mas também a situação local na qual se encontra cada um de nós (ibid. p. 124).

Com efeito, entendemos que o saber, tal como aponta Japiassu (1992) e os geógrafos Lacoste (1988) e Valcárcel (2000) e Claval (2014), deve ser considerado como um processo, não um fato/dado para todo o sempre, substituindo-se, assim, o saber-estado, congelado, pelo saber-processo, com história, nunca terminado – um saber em devir.

Esse saber, que foi utilizado para diversos fins em sociedades em diferentes tempos, bem como foi e ainda é transmitido nas escolas, na mídia e sobretudo pelo Estado etc., é posto sobre a mesa da análise histórica e epistemológica. Um dos ambientes mais vivos dessa ocupação investigativa são as universidades, cristalizando-se em dissertações e teses, no âmbito da pós-graduação brasileira.



Capítulo V

Dissertações, Teses e a Produção do Saber Geográfico

DISSERTAÇÕES, TESES E A PRODUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

Este capítulo pretende, essencialmente, ser descritivo – uma etapa de nossa investigação –, pormenorizar, através de quadros, tabelas, gráficos e mapas, a produção acadêmica brasileira desde a primeira defesa, nos idos de 1940 até o final de 2014, objetivando construir uma base para, em seguida, expor as dissertações e teses dedicadas à compreensão do saber geográfico. Assim, distribuímos 381 dissertações e teses em diversos quadros analíticos, dos estudos históricos até aqueles que estamos chamando de teóricos-conceituais e propositivos. A totalidade da produção acadêmica brasileira, em dissertações e teses que, até o final de 2014, somando-se 11.521 trabalhos, foi o universo de onde retiramos os já referidos 381 trabalhos.

Nem por isso, ainda assim, é crível afirmar que atingimos a totalidade, visto que muitas bases de dados apresentaram incompletude nas informações. Mergulhamos em todas as bases possíveis, realizando levantamentos em cada um dos programas de pós-graduação em Geografia existentes no Brasil. Esse exercício desdobrou-se na presente exposição geral (dos números) dos já 75 anos de pós-graduação, partindo da primeira defesa em Geografia realizada no Brasil.

A distribuição dos trabalhos nos quadros não objetiva circunscrever os autores em classes e classificações demasiadamente rígidas, mas, apenas, demonstrar aos geógrafos que muito do que já foi produzido em quase 80 anos de pós-graduação detém semelhanças e similitudes em determinadas temáticas, de modo que, quando expostas, possibilitam ao leitor um produto sistematizado e panorâmico, auxiliando e abrindo outros modos e mundos de investigação.

Durante a trajetória acadêmica dos geógrafos brasileiros, alguns se voltaram à compreensão da história do saber geográfico; outros detiveram-se aos limites e possibilidades desse saber. Cristalizaram-se dissertações e teses. Em resumo, a maioria dos geógrafos ocupou-se de objetos de investigação de teor, quase sempre, empírico; outros, em número bem menor, à história, escrevendo e investigando a história do saber geográfico. Ao lado desses, estão aqueles que se dedicaram a conceitos, teorias, métodos e categorias *como objetos*.

Ante a esses elementos, buscou-se expor as dissertações e teses "no onde" foram feitas, "quando" defendidas e "por quem" foram confeccionadas, ou seja, *uma exposição das histórias e do estado do saber*.

5.1 A pós-graduação em Geografia no Brasil

Atualmente, no Brasil, há divisões entre os produtos das etapas acadêmicas concluídas por estudantes. Essas etapas, ou níveis, distribuem-se em graduação, mestrado e doutorado. Na primeira, tem-se como produto uma monografia; na segunda, uma dissertação; e na terceira, uma tese. Isso não descarta, entretanto, que não possa haver uma tese em um trabalho de mestrado ou o contrário. Os autores, em concordância com o regimento em vigor no momento de confecção de seus trabalhos, denominam a que tipo de "etapa" referem-se suas reflexões, ou seja, nomeiam-na de monografia, dissertação e, por último, de tese – fato esse registrado que se encontra tanto no corpo dos trabalhos quanto nos catálogos onde estão depositados.

Uma monografia é um tipo singular de trabalho científico caracterizado por dirigir-se a um único assunto, problema específico, em uma abordagem também específica. Já a dissertação e a tese, embora não deixem de ser um exercício monográfico, são consideradas diferentes de uma monografia propriamente dita. A dissertação procura ser demonstrativa, contudo, requer a demonstração de uma proposição. Quanto à tese, exige-se uma contribuição original sobre algum tema, devendo, desse modo, fazer crescer a ciência (SEVERINO, 2002).

Nosso material de estudo deteve-se exclusivamente a dissertações e a teses, deixando de lado monografias de conclusão de cursos de graduação. Com isso, num exercício de ordem lógica, iniciaremos cada exposição pelas dissertações e, posteriormente, falaremos sobre as teses. Dividimos o plano temporal em dois blocos: o primerio, desde a gênese até 1997, e o outro desde 1998 até o final de 2014.

5.1.1 Dissertações e teses (1944-1997)

5.1.2 Dissertações

O primeiro trabalho em Geografia no Brasil[88], cuja denominação é de uma dissertação de mestrado, foi concluído em 1965 nos auspícios da ditadura militar, no Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP). Essa dissertação foi realizada por Uivão Pegaia, denominada *A rede bancária da cidade de São Paulo: aspectos geográficos,* sob orientação de Aroldo Edgard de Azevedo. Vale esclarecer que o formato de pós-graduação atualmente vigente teve início em 1969, a partir, então, da criação promovida pelo Ministério da Educação – MEC dos cursos de pós-graduação. O curso de Geografia na USP, no entanto, já desenvolvia orientação e, consequentemente, defesas de doutorado e, posteriormente, de mestrado, anteriormente à criação dos cursos efetivados pelo MEC.

[88] A partir do que chamamos de pós-graduação.

Ainda na USP, porém, no que hoje é o Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, aconteceu a segunda defesa não pertencente ao que atualmente é o Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana dessa mesma universidade. Essa defesa ocorreu em 1970, pela geógrafa Yara Martins Vieira, com o trabalho intitulado *Evolução agrária na periferia de Buenos Aires no século XX*. Yara contou com a orientação do geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber.

Somente em 1975, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, ocorreram quatro defesas conjuntas, que não apenas na USP. São estas: Dieter Carl Ernst Heino, com o trabalho *Análise ambiental no sistema costeiro oriental do Estado do Rio de Janeiro*, sob orientação do geógrafo Jorge Xavier da Silva; Elmo da Silva Amador – *Estratigrafia e sedimentação na Bacia de Resende (RJ)*, sob orientação do geógrafo João José Bigarella; Marina Del Negro Coque Sant'Ana – Elaboração de um modelo de estrutura espacial para o sistema administrativo no novo Estado do Rio de Janeiro, sob orientação da geógrafa Lysia Bernardes; e, por último, a geógrafa Marlene Pereira de Vasconcelos Teixeira – *Padrões de ligações e sistema urbano – uma análise aplicada aos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro,* sob orientação do geógrafo Roberto Lobato Azevedo Corrêa, respectivamente.

Nos primeiros anos da década de 1980, a produção amplia-se à Universidade Estadual Paulista UNESP de Rio Claro e à Universidade de Federal de Pernambuco – UFPE. Em Rio Claro, houve duas defesas: Chisato Oka Fiori – *Contribuição ao Estudo das Formações Superficiais das Quadrículas de Piracicaba e São Pedro*, sob orientação do geógrafo Antônio Christofoletti; Vania Fonseca – *Manaus – Polo de Desenvolvimento Regional?,* sob orientação do geógrafo Juergen Richard Langenbuch. Em Pernambuco, foram três defesas: Maria Braga de Sá – *Os engenhos rapadureiros e a expansão da agroindústria açucareira no município de Areia, microrregião do brejo paraibano*; Maria Eunice Soares Penner – *A dialética da atividade pesqueira no Nordeste Amazônico*; Janete Lins Rodrigues – *Acumulação de capital e produção do espaço: O caso da Grande João Pessoa – Paraíba*, essas três dissertações tiveram como orientador o geógrafo Manuel Correia de Oliveira Andrade. Esse quadro permaneceu até o fim dessa mesma década, inaugurando as primeiras defesas na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Em Santa Catarina, foram cinco defesas em 1989, quais sejam: Nazareno José de Campos – *Terras Comunais e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina*, sob orientação do geógrafo Armen Mamigonian; Ricardo Wagner

ad-Vincula Veado – *Análise ambiental e a qualidade das aguas na bacia do Rio Urussanga*, sob orientação do geógrafo Odair Gercino da Silva; Ewerton Vieira Machado – *Aracaju: Paisagens & Fetiches – abordagens sobre seu crescimento urbano*, sob orientação do geógrafo Maurício de Almeida Abreu; Maria Lúcia de Paula Herrmann – *Aspectos Ambientais da Porção Central da Ilha de Santa Catarina*, sob orientação do geógrafo João José Bigarella; e, por último, Dalton da Silva – *Os esgotos sanitários em Florianópolis: Uma contribuição geográfica ao estudo do problema na capital do estado de Santa Catarina*, sob orientação, também, do geógrafo Odair Gercino da Silva.

Em 1990, precisamente em 1991, outro câmpus da Universidade Estadual Paulista – UNESP contou com defesas de dissertação de mestrado, somando-se, agora, a cidade de Presidente Prudente, ocorrendo, nesse ano (1991), apenas uma defesa da geógrafa Ruth Garcia de Oliveira Abib – *Sementes na Terra Roxa: A colônia rio-grandense – um caso de imigração alemã no Vale do Paranapanema*, sob orientação do geógrafo Olímpio Beleza Martins. Em 1992, na Universidade Federal Minas Gerais – UFMG, ocorreram quatro defesas: Ceres Virginia Renno Moreira – *Fatores condicionantes das voçorocas na sub-bacia do Rio Santo Antônio, Bacia do Rio Grande, MG*; Victoria Tuyama Sollero – Condicionantes ambientais para o planejamento hidrelétrico em Minas Gerais: *Uma abordagem metodológica regional utilizando o método Delphi*; Silvana Maria Bernardes Caldeira – *Avaliação da degradação ambiental em áreas de confronto entre minerações e outras atividades antrópicas: uma aplicação à bacia do Ribeirão Piedade sw da rmbh*, ambas sob orientação do geógrafo Allaoua Saadi; Doralice Barros Pereira – *Açominas: uma paisagem industrial na percepção dos moradores de Ouro Branco*, sob orientação da geógrafa Lucy Marion Philadelfo Calderini Machado.

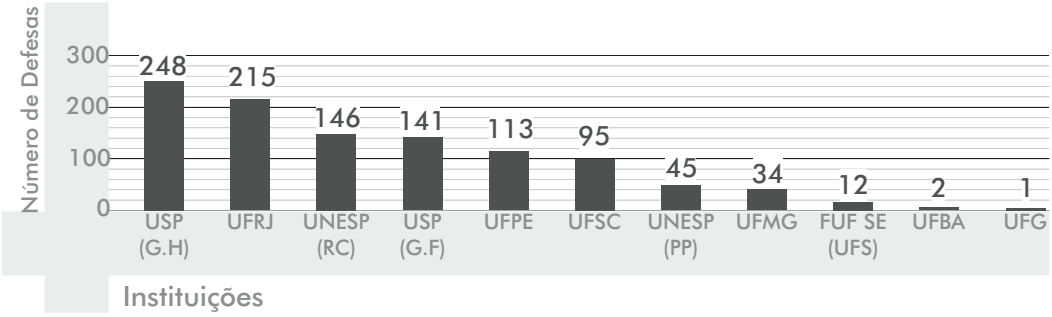
Em 1996, na Universidade Federal de Sergipe – UFS, foram defendidas nove dissertações; em 1997, mais duas na Universidade Federal da Bahia e uma na Universidade Federal de Goiás. Em 1997, somavam-se 11 programas de pós-graduação em Geografia no Brasil: UFBA, UFG, UFMG, UFPE, UFRJ, UFSC, FUFSE (UFS), UNESP (P.P.), UNESP (R.C.), USP (G.F.) e USP (G.H.), totalizando 1.052 dissertações de mestrado defendidas no país. A Geografia acadêmica brasileira já contava, então, com lugares distintos para conhecer e pensar o Brasi. Há, em termos precisos, um saber geográfico cristalizado em dissertações e teses.

Essa produção, todavia, não foi (e ainda não é!) equitativa entre os estados e regiões. Embora a Universidade de São Paulo tenha promovido a formação de

numerosos mestres, essa possibilidade – de formação – concentrou-se no eixo Rio-São Paulo até a década de 1980[89], quebrando-se com a criação, posteriormente, do Programa de Pós-Graduação em Pernambuco, no nordeste. No final dessa mesma década, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no sul, entrou no quadro dessas universidades. Com isso, no decorrer de toda a década de 1990, eram seis programas na região sudeste: UFMG, UFRJ, UNESP (P.P.), UNESP (R.C.), USP (G.F.) e USP (G.H.); três cursos no nordeste: UFPE, UFBA, FUFSE (UFS); um curso no sul: UFSC; e um na região centro-oeste: UFG.

Cabe destacar, ainda, que esse universo de dissertações e teses, em cada instituição, distribui-se desproporcionalmente. Até 1997, a região sudeste concentrou 78% da produção, com 829 trabalhos, sendo os cursos da USP os que apresentaram maior número. A região nordeste contou com 12% da produção, com 127 trabalhos, concentrando 113 na UFPE, 12 na UFS e dois na UFBA. No sul, a UFSC detinha 9% do total, com 95 trabalhos. No centro-oeste, apenas um trabalho na UFG, respectivamente. O detalhamento desses dados, ano após ano, pode ser consultado no Apêndice A. No Gráfico 1, representamos o que vimos dizendo até aqui A lógica do gráfico segue o programa mais antigo até o mais novo.

Gráfico 1: Total de dissertações defendidas nos programas de pós-praduação em Geografia no Brasil por instituição (1965-1997).



Fonte: (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

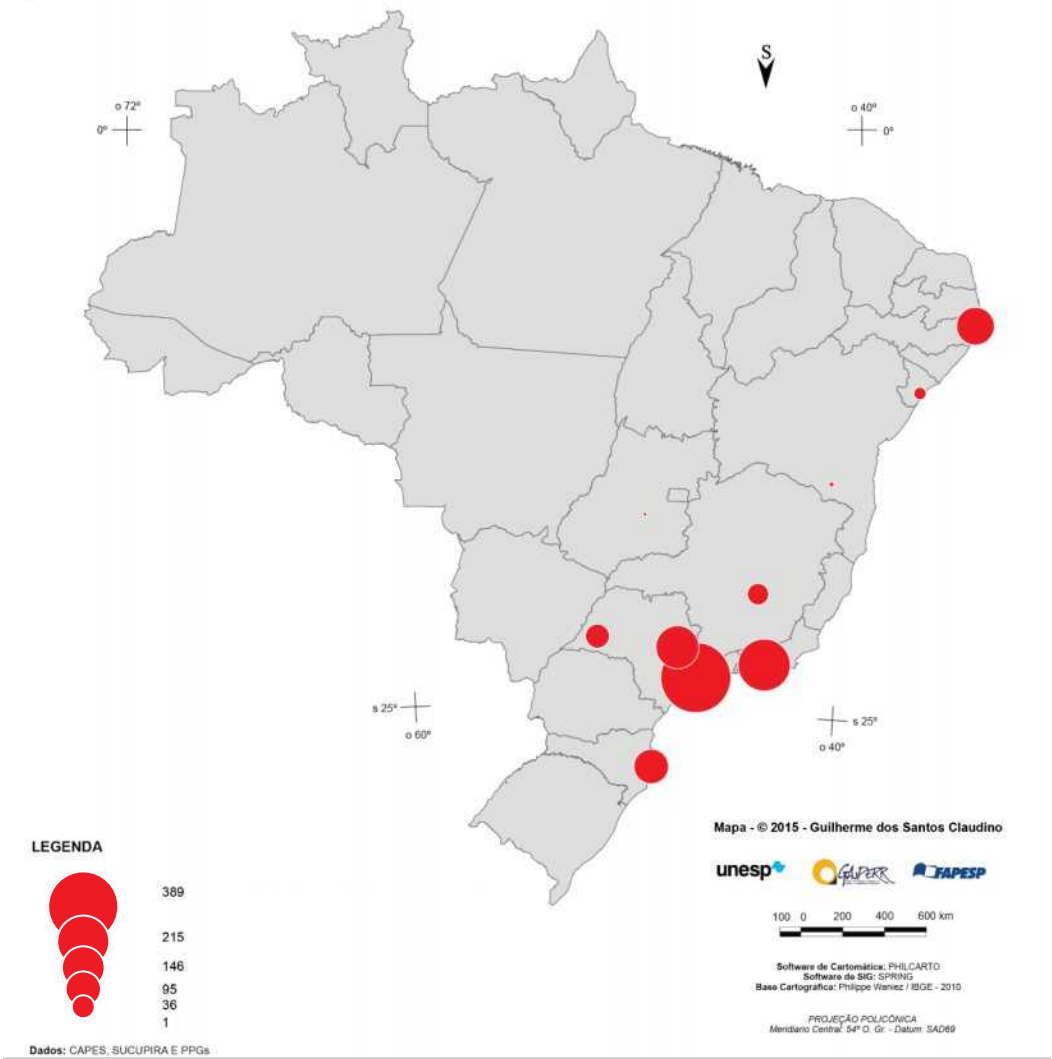
A distribuição desigual de dissertações entre as instituições e regiões do Brasil até 1997 é devido, como se sabe, à herança histórica do Brasil consubstanciada pelos movimentos políticos e econômicos que favoreceram as instituições do sudeste. Nesse contexto desigual, ainda assim, houve uma ampliação no número de mestres formados no Brasil desde de 1965. O tempo de existência de cada programa também determinou o desenho do gráfico

[89] Na excepcionalidade dos casos, há aqueles que tiveram formação em instituições estrangeiras.

apresentado. Há que se levar em conta, inclusive, precauções na comparação de um curso novo com outro mais antigo, uma vez que são contextos temporais e espaciais, muitas vezes, diferentes.

No plano cartográfico, a diferença entre a distribuição das defesas entre as regiões do Brasil possibilita que observemos com maior clareza a disparidade no território brasileiro, a exemplo da Figura 6.

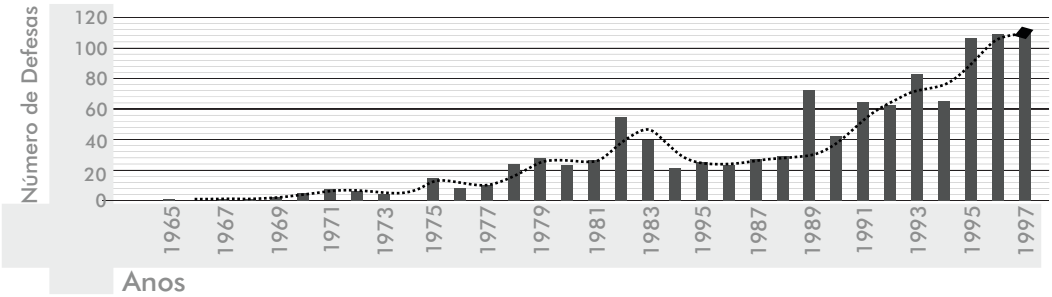
Figura 6: Mapa de dissertações defendidas entre 1965 e 1997.



Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

O eixo Rio-São Paulo concentra o maior número de defesas, sendo o estado de São Paulo o maior detentor. No decorrer desses 32 anos de formação de mestres, apenas no ano de 1966 e no de 1974 não houve defesas. O que se tem de concreto nessa somatória é a ampliação do número de mestres formados ano após ano.

Gráfico 2: Total de dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1965-1997).



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Esse aumento significativo (Gráfico 2) é notável nos três anos finais – 1995, 1996 e 1997 – que, por ano, formaram-se mais de cem mestres; visto que, até o final dos anos de 1980, não se chegava à casa dos 40. Se, como esses dados apresentaram, houve um crescimento considerável de mestres formados, necessário foi, assim, a criação de programas de doutorado, visando à formação de doutores. Vamos às teses.

5.1.3 Teses

Já mencionamos que a Pós-Graduação em Geografia, propriamente dita, surgiu apenas em 1969; no entanto, já havia um processo de iniciação à titulação de doutoramento na Universidade de São Paulo – USP a partir de 1930. Não havendo, necessariamente, a necessidade de um orientador, esse sistema permaneceu até a década de 1960.

As teses, através do sistema que vigorou até finais da década de 1950, foram defendidas anteriormente às dissertações que mencionamos acima, da década de 1960. Coube a Pierre Monbeig orientar os primeiros doutores em Geografia no Brasil nos anos de 1940. A primeira tese orientada por Monbeig, bem como a primeira tese defendida no Brasil, foi feita por Maria Conceição Vicente de Carvalho, em 1944, denominada *Santos e a Geografia Humana no Litoral Paulista*. Monbeig orientou também: Ary França – *Estudo sobre o clima da bacia de São Paulo* (1945); Nice Lecocq Muller – T*ipos de sitiantes em algumas regiões do Estado de São Paulo* (1946); João Dias da Silveira – *Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira* (1946); e Renato Silveira Mendes – Paisagens culturais da baixada santista (1948).

Com essas defesas, juntamente com a vinda de outros professores, como Pierre Gourou, inicia-se, pois, um quadro que, no futuro, irá estabelecer os programas atualmente existentes de pós-graduação em Geografia Humana e Geografia Física da Universidade de São Paulo – USP. Inicia-se, portanto, e germinação das primeiras sementes que irão cravar as raízes da Geografia brasileira acadêmica.

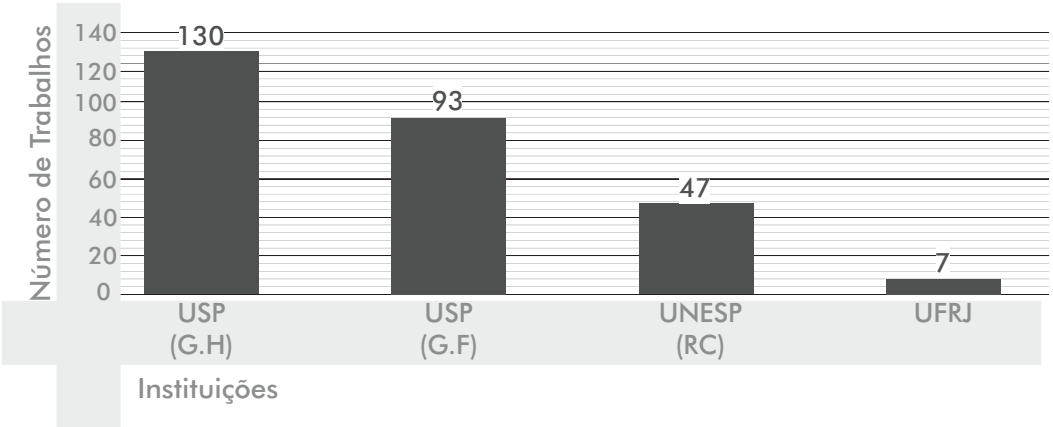
Com esse quadro, novamente, sai na frente a Universidade de São Paulo, com os programas de pós-graduação em Geografia Humana e Geografia Física. Se, com Maria da Conceição Vicente de Carvalho, em 1944, estabeleceu-se a primeira defesa do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, foi com João Dias da Silveira e Ary França que, em 1946, se estabeleceu a primeira defesa de Geografia Física, assim comumente chamada devido ao caráter desses trabalhos.

Com exceção desses dois programas, foi somente em 1987, 43 anos depois, na Universidade Estadual Paulista, câmpus de Rio Claro, que ocorreu outra defesa de tese que não na USP. A tese pertencia a Mauro Sergio Fernandes Argento – *A contribuição dos sistemas Cristalino e Barreira na Formação da Planície Deltaica do Paraíba do Sul*, sob orientação do geógrafo Antonio Christofolletti.

A USP e a UNESP (R.C.), na formação de doutores em Geografia no Brasil, permaneceram as únicas até 1995, quando então a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, já formadora de mestres, adentra ao prélio. Na UFRJ, os primeiros doutores formados em Geografia foram: Antônio Paulo de Faria – *Dinâmica e Fragilidade de Bacias Fluviais de Primeira Ordem*, sob orientação do geógrafo Jorge Soares Marques; e Carlos Hiroo Saito – C*ontribuições Metodológicas para o Planejamento Urbano nos Municípios de Pequeno e Médio Porte através de SGI e Banco de Dados Relacional*, sob orientação do geógrafo Jorge Xavier da Silva, ambas em 1996.

De 1944 até 1997, foram ao todo 277 doutores formados em apenas quatro programas de pós-graduação, o que corresponde, se partirmos da primeira defesa, 53 anos de pós-graduação em Geografia no Brasil.

Gráfico 3: Total de teses defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil por instituição (1944-1997).



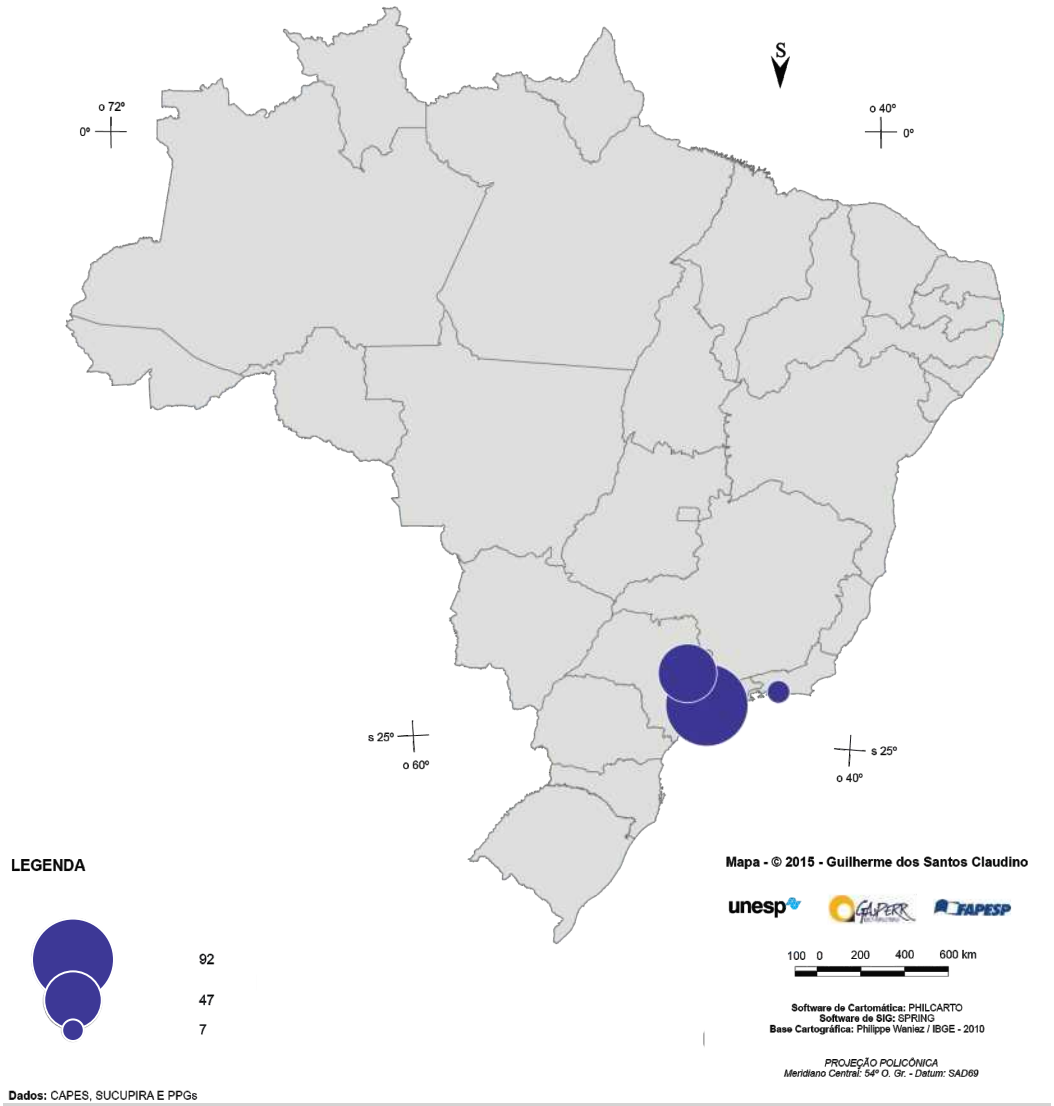
Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

O Programa de Geografia Humana da USP representa 46% de toda a produção, o de Geografia Física 33%, a UNESP (R.C.) 16% e a UFRJ 2,5%, respectivamente. Instalados na região sudeste no eixo Rio-São Paulo, esses programas concentraram, até 1997, toda a produção de teses e a formação de doutores em Geografia no Brasil. O estado de São Paulo, sozinho, abarca 97% de toda a produção[90].

Esse alicerce, no entanto, determinou, deveras, os pensamentos e os conhecimentos produzidos sobre o Brasil, ocasionando um menor número de estudos sobre outras regiões brasileiras. O papel dos financiamentos das agências de fomento destoou o equilíbrio da balança para intelectuais de outras regiões, os quais não receberam o mesmo apoio financeiro. Para compreender o estado do saber geográfico brasileiro produzido até o final do século XX, deve-se levar em conta esses fatos; do contrário, a leitura reflexiva será equivocada. Ainda que diversos intelectuais partiram de outras regiões buscando a titulação no sudeste, a quantidade é ínfima comparada à já pequena quantidade de doutores formados até 1997. A exemplo do que dissemos, cabe apresentar cartograficamente esses dados.

[90] Na Tabela 2 do Apêndice A é possível consultar esses dados com maiores detalhes.

Figura 7: Mapa de teses defendidas entre 1944 e 1997.



Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Do final do século XX até os dias atuais, mudanças substancias ocorreram nos cursos de pós-graduação no Brasil. A ampliação do número de universidades, e consequentemente do número de pós-graduações, é um fato latente. A circunscrição do pensamento e do conhecimento geográfico acadêmico, que ficou durante muito tempo amarrado à região sudeste, amplia-se a outros lugares. É importante que olhemos para essas novas configurações com maiores detalhes. Iniciaremos, portanto, a análise do segundo bloco, compreendendo a produção geográfica acadêmica de 1998 até o final de 2014.

5.2 Dissertações e teses (1998-2014)

5.2.1 Dissertações

Não faremos, como no primeiro bloco, referência às primeiras defesas (nome do autor, título do trabalho e orientador) de cada programa; apenas apontaremos a quantidade de defesas, visto a amplitude de programas que foram sendo criados juntamente com um número cada vez maior de defesas. No primeiro bloco, realizamos o exercício de mencionar os nomes dos autores, títulos dos trabalhos e os orientadores com o intuito de deixar claro quais foram as primeiras germinações de mestres em Geografia no Brasil. A realização desse exercício, nesse segundo bloco, que para nós poderia ser realizado sem nenhuma dificuldade, teria apenas o peso redundante de citar centenas de nomes sem um sentido minimamente lógico. De todo modo, no Apêndice A, a Tabela 3, pode auxiliar no rastreamento dessas informações em cada programa de pós-graduação em Geografia existente no Brasil até o final de 2014. Vale esclarecer, também, que sempre iremos nos referir aos anos que de fato ocorreram as primeiras defesas; não ao início das atividades nos programas de pós-graduação.

Este segundo bloco de análise, no qual partimos do ano de 1998[91], compreende uma produção de dissertações muito superior àquela que vinha sendo produzida até então. Nesse ano, dois programas de pós-graduação passaram a fazer parte do grupo composto por USP (G.H.), USP (G.F.), UFRJ, UFPE, UNESP (R.C.), UFSC, UNESP (P.P.), FUFSE (UFS), UFBA, UFMG e UFG. Em 1998, a Universidade Estadual do Ceará – UECE[92] e a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC (MG) inauguram as primeiras defesas de mestrado. Na UECE, foram cinco defesas e na PUC (MG), apenas uma.

No ano seguinte, 1999, na Universidade de Brasília – UNB, aconteceram quatro defesas. Nesse ano, essa universidade foi a única a compor o quadro de universidades já existentes. No ano de 2000, por outro lado, quatro universidades passaram a fazer parte da formação de mestres, quais sejam: Universidade Estadual de Maringá – UEM, com dez defesas; Universidade Federal de Uberlândia – UFU, com nove defesas; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, com seis defesas; Universidade Federal Fluminense – UFF, com quatro defesas; e a

[91] "A partir das mudanças políticas no Brasil, introduzidas com a promulgação da Constituição de 1988, a educação em geral passou por contínuas transformações, que se tornaram mais intensas a partir de 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394, das legislações específicas para as licenciaturas em 2001, assim como com a existência da política neoliberal e a estabilidade política e financeira do período que permitiram um avanço do Ensino Superior no Brasi". (FIORI, 2012, p. 76).

[92] Interessante destacar o papel ímpar dos geógrafos que auxiliaram na criação de cursos de pós-graduação no Brasil. Na UECE, por exemplo, o curso contou com a participação de geógrafos como Manuel Corria de Andrade, Milton Santos e Antonio Christofoletti, entre outros. É um fato curioso e, de certo modo, inevitável, visto que tal prática acontece desde a criação do curso de Geografia na USP com a vinda dos geógrafos franceses. Longe de qualquer determinismo, seria interessante ver em que medida esses cursos, seja de graduação ou pós-graduação, criados ou auxiliados por geógrafos de outras instituições, guardam em seus seios heranças desses geógrafos nas linhas de pesquisa, objetos, temas etc.

UFF, com quatro defesas; e a Universidade Federal do Paraná – UFPR, com uma defesa. Esses cursos, agora 19, em termos de defesas concretizadas, permaneceram até o ano de 2001. O número de dissertações defendidas, em 2000, foi 195; em 2001, saltou para 295 dissertações.[93]

Em 2002, foi a vez da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN compor o quadro de programas de pós-graduação com dissertações concretizadas. Nesse ano, houve apenas uma defesa nessa universidade. Em 2003, a Universidade Estadual de Londrina – UEL passou, também, a fazer parte, formando dez mestres. O ano de 2004 conta com mais duas universidades: a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, com duas defesas, e a Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, câmpus de Cuiabá, com cinco defesas. Já em 2005, três novos programas passaram a compor o grupo de programas com dissertações defendidas, nas seguintes instituições: Universidade Federal do Ceará – UFC, com uma defesa; Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ (RJ), com doze defesas; e a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, com quatro defesas. Assim, nesse ano, a Geografia brasileira já contava com 26 programas de pós-graduação em funcionamento, com 433 defesas registradas até então.

No ano seguinte, 2006, na Universidade Federal do Pará – UFPA, aconteceram seis defesas. Nesse mesmo ano, a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em João Pessoa, contou com doze defesas. O ano de 2007 também teve defesas em mais duas universidades: a Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, com uma defesa; e a Universidade Federal de Rondônia – UNIR, com duas defesas. Em 2008, continuando a tendência de 2006 e 2007, mais dois programas concretizam defesas: a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, com uma defesa; e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC (SP), com cinco.

Cabe destacar que os números para o ano de 2008, neste segundo bloco de análise, representam o cumulativo de dez anos, se partirmos de 1998. Em 1998, havia 13 programas de pós-graduação em atividade; em 2008, esse número sobe para 32 programas, alcançando 3.769 dissertações defendidas ao longo desses dez anos. O Sudeste comportava 12 programas. Em segundo, vêm empatados o Sul e o Nordeste, com sete programas cada, seguidos do Centro-Oeste, com quadro programas e, finalmente, o Norte, com dois programas.

Nesses dez anos, só no Sudeste foram produzidas 1.863 dissertações, o que representa 49% da produção brasileira nesse período. Lembremos que até 1997 o

[93] Como já dissemos, o detalhamento dessas informações pode ser consultado na tabela do apêndice A.

sudeste representou 78% do total produzido. O estado de São Paulo, todavia, com seis programas, representava 52% da produção dessa região, com 929 dissertações. Nesse universo, a USP (G.H.) detinha 34%, com 320 dissertações; em seguida, a UNESP (P.P.), com 24% (232 dissertações); a UNESP (R.C.), 18% (173 dissertações); a USP (G.F.), 12% (116 dissertações); a UNICAMP, 9% (83 dissertações); e a PUC-SP, 0,5% (5 dissertações), respectivamente.

O estado de Minas Gerais vem em segundo lugar, com 558 dissertações, representando 29% da produção sudestiana. São, nesse período, três programas em Minas Gerais: o da UFMG, mais antigo, compondo 39% (221 dissertações) seguido e superado pela UFU, com 42% (239 dissertações), por último, a PUC-MG, com 17% (98 dissertações).

O estado do Rio de Janeiro é, no Sudeste, o estado com o menor número de dissertações defendidas nos programas em funcionamento. A UFRJ, programa mais antigo, compreende 52% (197 dissertações), a UFF 31% (117 dissertações) e a UERJ (R.J.) 16% (62 dissertações).

O Sul detém 22% da produção brasileira, com sete universidades distribuídas em três estados. O Paraná, com quatro programas, abrange 46% da produção nessa região, sendo a UEM responsável por 19% (165 dissertações) da produção do estado; seguida pela UFPR, com 18% (156 dissertações); a UEL, com 8% (70 dissertações); e a Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, com 1% (14 dissertações). O estado de Santa Catarina compreende 28% do total da região, concentrado na UFSC, com 235 dissertações concluídas. Os outros 22% pertencem ao estado do Rio Grande do Sul, com duas universidades: a UFRGS, que abarca maior número de defesas, com 17% (149 dissertações) e, em segundo, a Universidade Federal de Santa Maria – UFMS, com 5% (42 dissertações).

O Nordeste vem como a terceira região mais produtora em dissertações nesses dez anos, abarcando 17% da produção nacional, com 646 dissertações publicadas. É possível afirmar que há um relativo equilíbrio entre os estados do Nordeste na produção de dissertações. Quatro dos seis estados que compõem essa região detêm uma margem percentual muito próxima. O Ceará aparece com 22%, o Sergipe com 20%, a Bahia com 19% e Pernambuco com 17%; os outros dois estados com programas novos: Rio Grande do Norte com 13% e a Paraíba com 5%. Diferentemente do Sudeste, o Nordeste tem apenas um programa por estado, sendo a única exceção o Ceará, com a UECE e a UFC, até o ano de 2008. Mergulhando nos detalhes em Sergipe, a UFS representa 20% (com 133 dissertações); na Bahia, a UFBA 19% (113 dissertações); em Pernambuco, a UFPE

17% (113 dissertações); no Ceará, a UECE 17% (112 dissertações) e a UFC 5% (35 dissertações); no Rio Grande do Norte 13% (88 dissertações); e na Paraíba, a UFPB (J.P) 5% (36 dissertações).

O Centro-Oeste concentrou, até 2008, 9% da produção nacional e o estado de Goiás (e aqui incluímos a UNB) representa 78% da produção dessa região, que se distribuí entre a UFG, com 49% (185 dissertações), e a UNB, com 29% (109 dissertações). O estado do Mato Grosso vem com 21% (80 dissertações), representado pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. E, com apenas uma defesa, há o Mato Grosso do Sul, com o curso mais novo da região, representado pela UFGD.

A região Norte detém apenas 1% da produção brasileira. Um dos motivos é que os cursos são novos. O que até então era inexistente, agora conta com duas universidades com pós-graduação em Geografia. São dois os estados que compõem o quadro de defesas. O Pará, com 57% (31 dissertações), concentrados na UFPA, e Rondônia, com 43% (23 dissertações), na UNIR.

Em suma, de 1997 até o ano de 2000, a dinâmica do saber geográfico brasileiro acadêmico começa a fluir de diversos lugares. É um fato, contudo, que já ocorria em anos anteriores; no entanto, a velocidade era muito menor do que a assistida de 1998 em diante. O número de universidades formadoras de mestres mais do que duplicou, possibilitando, indiscutivelmente, uma democratização a este gênero de saber: o acadêmico. O acesso à universidade por diversos sujeitos, sobretudo à pós-graduação, possibilitou que diversidades e pluralidades de saberes cruzassem o ambiente acadêmico, o que, durante muito tempo mostrou-se restrito. Isso não significa, é sabido, que o simples acesso contemple os requisitos básicos de uma universidade inclusiva. O acesso, que se amplia ainda mais entre 2009 e 2014, não configura tampouco representa as necessidades de um país com a dimensão do Brasil.

Em 2009, a tendência continua como a dos anos anteriores – mais quatro programas de pós-graduação concretizam dissertações de mestrado: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, com 14 defesas; Universidade Estadual do Oeste do Parará – UNIOESTE, câmpus de Francisco Beltrão, com dez defesas; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RIO, com seis defesas; e Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com 12 defesas. No ano seguinte, 2010, somam-se dois cursos ao rol: Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, com doze defesas; e a UFG, com mais um câmpus, agora em Catalão, com 13 defesas. O ano de 2010 registrou uma média de 641 dissertações concretizadas em todo o Brasil.

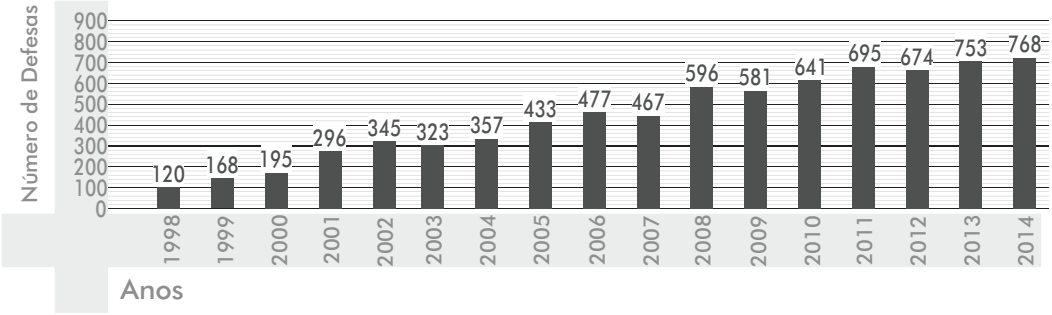
O ano de 2011 inaugura três novos cursos com dissertações finalizadas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul câmpus de Três Lagoas – UFMS, com 12 defesas; Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, com sete defesas; Universidade Federal de Goiás – UFG, câmpus de Jataí, com oito defesas. Em 2012, não foi constatado nenhum novo curso com dissertações defendidas, dado que a produção nacional, naquele ano, foi de 674 dissertações – um pouco menor do que em 2011, que chegou a 695 dissertações. No ano seguinte, 2013, por outro lado, seis novos cursos efetivaram a conclusão de dissertações: Universidade Estadual Paulista – UNESP (Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe), com três defesas; Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, com sete defesas; Universidade Federal do Tocantins – UFT, com nove defesas; Universidade Federal do Piauí – UFPI, com dez defesas; Universidade Federal de Roraima – UFRR, com seis defesas; e Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, câmpus de Marechal Cândido Rondon, com oito defesas. Em 2013, a produção brasileira chega a 753 dissertações concluídas, superando o total do ano anterior.

E, por fim, temos o ano de 2014, com três novos programas, sendo esses: Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, câmpus de São Gonçalo, com quatro defesas; Universidade Federal e Pelotas – UFPEL, com três defesas; e Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, com uma defesa.

Assim, o ano de 2014, nosso ponto de chegada, abrange 16 anos de produção de dissertações no Brasil desde 1998, totalizando 7.889 dissertações defendidas. Lembremos, rapidamente, que de 1965 até 1997 foram produzidas 1.054 dissertações em 11 programas de pós-graduação. O ano de 2014, contudo, conta com 50 programas com dissertações concluídas.

O crescimento da produção de dissertações pode ser constatado com maiores detalhes no Gráfico 4, onde se destaca a quantidade produzida ano a ano.

Gráfico 4: Dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia do Brasil (1998-2014).



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

De 1998 até 2014, a produção anual aumentou sete vezes, alcançando o número de 768 defesas no ano de 2014. O Sudeste, que até 1997 concentrava 78% da produção nacional e 48 % em 2008, conta agora com 43%, agrupando 3.400 dissertações concluídas entre 1998 e 2014. O Sul, que até 1997 detinha 9%, subiu para 22% em 2008, porém praticamente permaneu com a mesma porcentagem em 2014, com 23%, toalizando 1.832 dissertações. O Nordeste também apresentou crescimento na média nacional – antes de 1998, detinha 12% da produção, agora representa 17%, com 1.371 dissertações. Já o Centro-Oeste, que detinha apenas uma defesa em 1997, na UFG, agora conta com 12% (989 dissertações) da produção nacional nesse quadro de 16 anos. No Norte, a situação é curiosa porque no primeiro bloco de análise (até 1997) não havia programas de pós-graduação na região. Em 2014, com cinco programas de pós-graduação, o Norte representa 3% da produção brasileira, com 297 dissertações concluídas.

É importante lembrar que, nesses 50 programas, 31 são universidades federais, 16 estaduais e três particulares. No Sudeste, são oito estaduais concentradas no eixo Rio-São Paulo[94], além de seis federais[95] e três particulares[96] distribuídas entre São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e o Espírito Santo. No Sul, são seis universidades estaduais[97], todas no estado do Paraná, e seis universidades federais[98] nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e do Paraná. O Nordeste conta com duas estaduais[99] no Ceará e sete federais[100] nos estados de Sergipe, Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba. No Centro-Oeste, são sete federais[101]. No Norte, assim

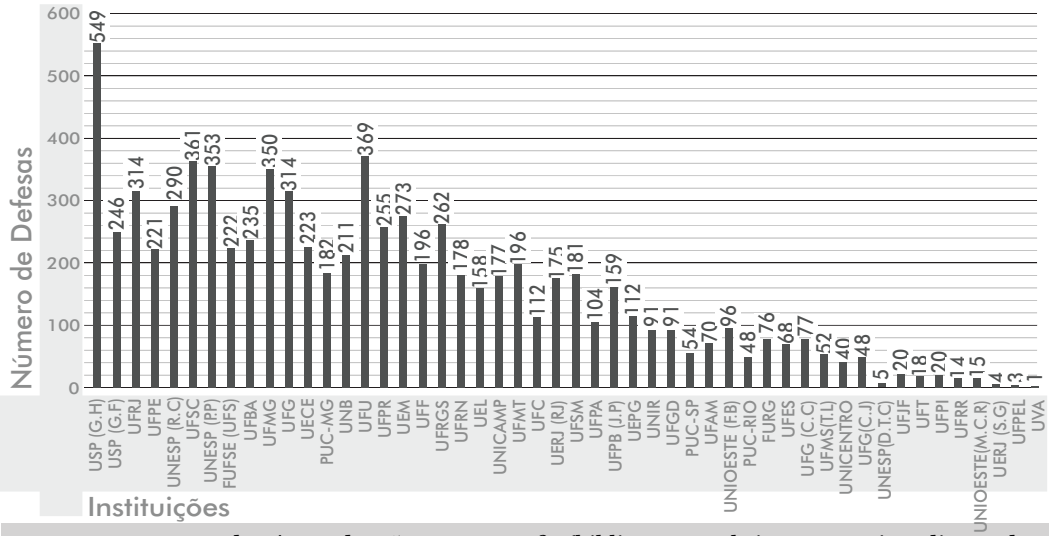
[94] USP (G.H.), USP (G.F.), UNESP (R.C.), UNESP (P.P.), UNICAMP, UERJ (R.J.), UNESP (D.T.C.), UERJ (S.G.).
[95] UFRJ, UFMG, UFU, UFF, UFES, UFJF.
[96] PUC-MG, PUC-SP, PUC-RIO.
[97] UNIOESTE (F.B.), UNICENTRO, UNIOESTE (M.C.R.), UEM, UEL, UEPG.
[98] UFSC, UFRGS, UFSM, FURG, UFPEL, UFPR.
[99] UECE, UVA.
[100] FUFSE (UFS), UFBA, UFC, UFPE, UFRN, UFPB (J.P), UFPI.
[101] UFG, UNB, UFMT, UFGD, UFG (C.C.), UFMS (T.L.), UFG (C.J.).

como no Centro–Oeste, não há universidades estaduais com dissertações defendidas até 2014; constatou-se que há cinco[102] universidades federais nessa região.

Até 1997, eram apenas sete universidades federais em todo o Brasil. Até 2014, esse número aumentou quatro vezes. As estaduais, que eram todas concentradas em São Paulo, saltaram de quatro instituições para 16. Já as particulares restringem-se, exclusivamente, à Pontifícia Universidade Católica (SP, RJ e MG). Esses dados são importantes porque esclarecem, em parte, as novas configurações do ensino superior brasileiro, consequentemente das dissertações e das teses.

Observemos, no Gráfico 5, o número (total) de dissertações em cada programa entre 1997 e 2014. O gráfico segue a lógica dos anteriores, respeitando o momento de criação de cada programa e das respectivas defesas de dissertações. É notavel que os mais antigos programas, como a USP (G.H.), detêm um número maior de defesas, mas nem por isso é uma regra, haja vista que há programas mais jovens que apresentam um número elevado de dissertações concluídas, superando programas mais antigos. Entretanto, independentemente do número elevado ou baixo de dissertações, a qualidade do programa não pode ser medida por meio, simplesmente, da quantidade de dissertações. Ressaltamos, também, que esse exercício (o de contar e mapear as produções) é indispensável para uma análise sólida da pós-graduação brasileira.

Gráfico 5: Total de dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, por instituição (1998 -2014).



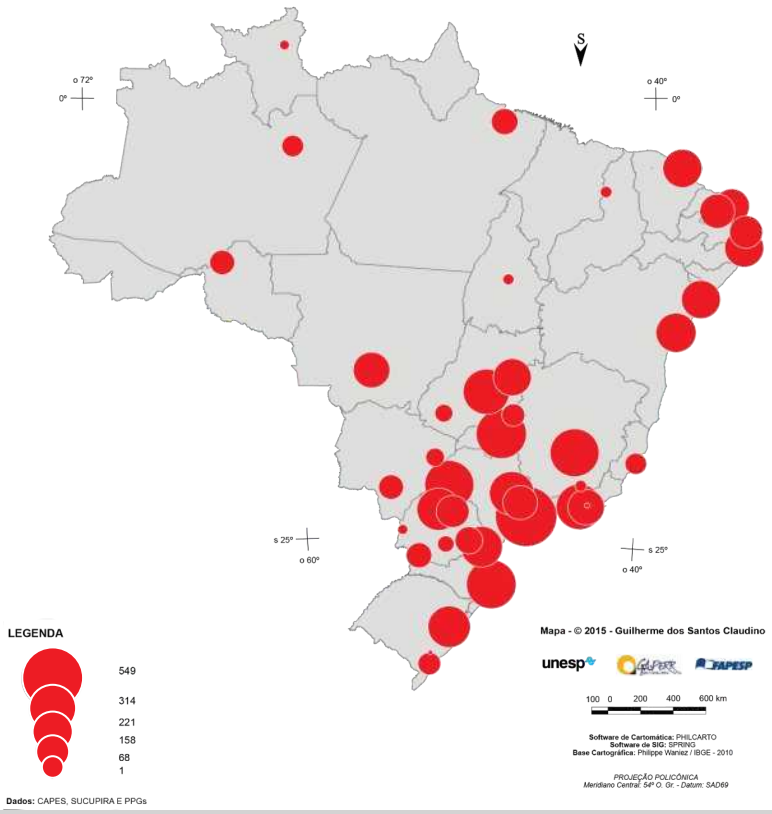
Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

[102] UFPA, UNIR, UFAM, UFT, UFRR.

Em termos numéricos, como já arrolado, o programa da USP (G.H.) detém o maior número de defesas de dissertações (569); mas há programas mais novos, como a UFU, onde, em 2000, ocorreram as primeiras defesas já conta com uma considerável produção (369), superando todos os programas anteriormente criados, atrás apenas da USP (G.H.). Com isso, podemos afirmar que o fato de alguns programas serem mais velhos não necessariamente indica que terão um maior número de defesas do que os mais novos. Dependerá, também, dos critérios utilizados nas comparações, uma vez que colocar na mesma equação um programa recém criado com outro de 17 anos de existência levará a análise a um grande erro.

Os programas de pós-graduação em Geografia espalharam-se no território brasileiro. Houve, certamente, uma relativa interiorização da pós-graduação rumo ao norte, em espaços antes não detentores de programas; no entanto, o expressivo aumento continua no leste do Brasil, sobretudo na franja litorânea. As regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul concentram a maior parte dos programas e, consequentemente, o maior número de defesas, como podemos observar detalhadamente no mapa que segue.

Figura 8: Mapa de dissertações defendidas entre 1998-2014.



Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

A formação de mestres em Geografia mais do que dobrou. Regiões que, até então, não detinham centros universitários capacitados para pesquisas, agora já contam com um aumento significativo de meios materiais para a realização de investigações, conquistando, pois, autonomia acadêmica frente a outros estados e regiões do Brasil. Esse aumento, no entanto, não apenas na Geografia como também em outras ciências, arranha o básico, mas não o ideal. O corolário da formação de mestres desemboca na inevitabilidade de ampliação do acesso ao doutoramento. Vejamos, então, o papel do doutorado – as teses – entre 1998 e 2014.

5.2.2 *Teses*

Este segundo bloco compreende o período entre 1998 e 2014, no qual ocorreram mudanças substâncias na configuração da pós-graduação brasileira e na formação de doutores em Geografia. Com menos força do que a criação de mestrados, os doutorados caminharam em passos tímidos. Por um lado, essa timidez justifica-se pela dependência da existência de programas que contenham o mestrado, isto é: é necessário, antes, existir mestrandos, para, em seguida, doutorandos. Por outro lado, a aprovação de um programa de doutorado exige um conjunto de critérios mais complexos do que apenas a existência de um programa de mestrado. Essas exigências, muitas vezes necessárias, outras, por vezes, dispensáveis, influenciaram deterministicamente a caricatura dos doutorados em Geografia nesse recorte temporal e espacial no Brasil, que aqui analisaremos.

Acompanhando esses critérios e exigências, relaciona-se à política e ao governo vigente, crescimento e crises econômicas etc. Tal qual com as dissertações, houve aumento na produção de teses. Iremos, como já vimos realizando, descrever ano após ano a dinâmica do doutorado em Geografia no Brasil, atentando-nos às teses. Diferentemente das dissertações que representam um número superior ao de teses, referenciaremos o nome do autor, título do trabalho e orientador das primeiras teses concluídas de cada novo programa que foi sendo criado ao longo dos anos.

Até 1997, quatro programas, como já dissemos, formavam doutores em Geografia: USP (G.H.), USP (G.F.), UNESP (R.C.) e UFRJ. Em 1998, esse quarteto permanece como os únicos programas com teses concluídas.[103] Em 1999, a UNESP (P.P.) passou a fazer parte desse grupo, concluindo uma tese, qual seja: a de Gilda Maria Cabral Benaduce, intitulada *Intensificação das redes de informações e*

[103] USP (G.H.), 18 teses; USP (G.F.) 9 teses; UNESP (R.C.), 11 teses; UFRJ, 9 teses.

novas espacialidades no Paraná, sob orientação da geógrafa Maria Encarnação Beltrão Sposito[104]. Entre 2000, 2001 e 2002, esse quinteto representou os únicos programas com teses concluídas.

Em 2003, a UFSC concluiu quatro defesas: Jordan Paulo Wallauer – *Geografia da gestão de fauna no Brasil: em busca de alternativas*, sob orientação do geógrafo Alceu Ranzi e co-orientação de Josel Machado Correa; Elpídio Beltrame – *Seleção de sítios e planejamento da atividade de cultivo de camarões Marinhos com base em geotecnologias*, sob orientação do geógrafo Jarbas Bonetti Filho; Cleto Batista Barbosa – *Diversidade vegetal em florestas do estado do Acre: aplicação de modelos ecológicos e do conhecimento tradicional*, sob orientação do geógrafo Alceu Ranzi; Alexander Christian Vibrans – *A cobertura Florestal da Bacia do Rio Itajaí – Elementos para uma análise histórica*, sob orientação do geógrafo Joel Robert Georges Marcel Pellerin. Um ponto que merece destaque é o fato do referido programa de pós-graduação ser o primeiro a não fazer parte do eixo Rio-São Paulo, bem como do Sudeste. Outra curiosidade reside no perfil das teses. Embora o programa, em 2003, não se qualificasse necessariamente como de Geografia Física, caracteriza-se por temáticas ligadas a esse tipo de investigação em todas as teses defendidas no ano em questão, como apresentadas acima.

No ano de 2004, dois programas concluíram teses: a UFS e a PUC – MG, ambas com uma defesa. Primeiramente, foi a geógrafa Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano, com a tese *Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas*, sob orientação do geógrafo Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva. Em seguida, a defesa realizada foi a de Dimas Felipe de Miranda – *Modelos de Análise Têmporo - Espacial: Explorações Metodológicas em Janelle, Hägerstrand e Wilson*, sob orientação do geógrafo João Francisco de Abreu. Assim, amplia-se a formação de doutores ao Nordeste e, ainda no Sudeste, no estado de Minas Gerais.

Em 2005, apenas um programa novo concluiu teses. Foi a UFF, com um número, inclusive, relativamente alto, uma vez que esse programa teve suas primeiras dissertações concluídas em 2000[105]. Foram oito teses finalizadas na UFF: Tadeu Pereira Alencar Arrais – *Região como arena Política: A produção da região urbana centro-goiano*, sob orientação do geógrafo Rogério Haesbaert da Costa; Luiz Renato Vallejo – P*olíticas públicas e conservação ambiental: territorialidades em conflito nos parques estaduais da Ilha Grande, da Serra da Tiririca e do Desengão (RJ)*, sob orientação do geógrafo Carlos Alberto Franco da

[104] Interessante ressaltar que essa primeira defesa, cujo tom é de Geografia urbana, pouco poderia prever que, passados 17 anos, esse câmpus da UNESP se tornaria tradicional em estudos nesta temática de investigação: a do espaço urbano.
[105] O curso de graduação em Geografia, no entanto, está em funcionamento desde 1968.

Silva; Gilberto Pessanha Ribeiro – *Tecnologias digitais de geoprocessamento no suporte à análise espaço-temporal em ambiente costeiro*, sob orientação do geógrafo Reiner Olíbano Rosas; Claudio Ubiratan Gonçalves – *Ética, diferenciação interna do trabalho e políticas públicas no Cariri cearense: solidariedade e conflito*, sob orientação do geógrafo Jacob Binsztok; Regina Célia de Mattos – *Desvendando o íntimo espaço da moda*, sob orientação da arquiteta Ester Limonad; Dinalva Donizete Ribeiro – *A agricultura "caificada" no sudoeste de Goiás: do bônus econômico ao ônus sócio-ambiental*, sob orientação do geógrafo Jacob Binsztok; José Carlos Milléo de Paula – *A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica*, sob orientação do geógrafo Ruy Moreira; Ivaldo Gonçalves de Lima – *Redes políticas e recomposição do território*, sob orientação do geógrafo Márcio Piñon de Oliveira.

Já em 2006, dois programas concluíram defesas: a UFU, com duas teses e a UNICAMP, com uma. Na UFU, foram as seguintes: Aguinaldo Alemar – *Geopolítica das águas: O Brasil e o direito internacional fluvial*, sob orientação do geógrafo Samuel do Carmo Lima; Roberto Barboza Castanho – *Uso do geoprocessamento no estudo da produção agropecuária da microrregião geográfica de Carazinho (RS)*, sob orientação do geógrafo Roberto Rosa. A UNICAMP, que teve sua primeira dissertação em 2004, finalizou a primeira tese dois anos depois[106], por Charlei Aparecido da Silva – *Análise sistêmica, turismo de natureza e planejamento ambiental de Brotas: proposta metodológica*, sob orientação do geógrafo Archimedes Perez Filho.

Em 2007, a UFMG conclui suas primeiras teses – três, no total. Esse programa, que teve sua primeira defesa de mestrado em 1992, concretiza a primeira tese 15 anos depois. São essas: Vanderlei de Oliveira Ferreira – *Paisagem, recursos hídricos e desenvolvimento econômico na bacia do rio Jequitinhonha*, em Minas Gerais, sob orientação do geógrafo Allaoua Saadi; Leandro Cardoso – *Transporte Público, Acessibilidade Urbana e Desigualdades Socioespaciais na Região Metropolitana de Belo Horizonte*, sob orientação de Ralfo Edmundo da Silva Matos; Maria Luiza Grossi Araújo – *Ciência, Fenomenologia e hermenêutica: diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios*, sob orientação do geógrafo Cassio Eduardo Viana Hissa.

Entre 2005 e 2007, os novos programas com teses de doutorado concluídas foram todos do Sudeste, entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. No ano de 2008, dois programas concluem teses, sendo um no Nordeste e outro no Sul. No Nordeste, foi a UFPE, com três teses: Maria Betânia

[106] Na UNICAMP a graduação em Geografia foi iniciada entre 1997 e 1998, ou seja, um curso relativamente novo, mas que teve uma implantação tanto do mestrado quanto do doutorado em uma velocidade considerável, sobretudo quando observamos o processo de desenvolvimento dos demais programas.

Moreira Amador – *A visão sistêmica e sua contribuição ao estudo do espaço pecuário de Venturosa e Pedra do agreste de Pernambuco*, sob orientação do geógrafo Antonio Carlos de Barros Correa; Sérgio Luis Malta de Azevedo – *Produção do espaço-regional na área das hidroelétricas do submédio São Francisco*, sob orientação do geógrafo Nilson Cortez Crócia; e André Luiz da Silva Santos – *Interação de comunidades rurais com recursos vegetais: o caso dos remanescentes de floresta estacional do município de Junqueira (AL – Brasil)*, sob orientação da geógrafa Eugenia Cristina Goncalves Pereira. A UFPE, que em 1980 já detinha dissertações defendidas, somente 28 anos depois é que se concluem as primeiras teses.

E no Sul, tem-se a UFRGS, com quatro teses: Benhur Pinós da Costa – *Por uma geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade*, sob orientação do geógrafo Álvaro Luiz Heidrich; Bartolomeu Israel de Souza – *Cariri paraibano: do silêncio do lugar à desertificação*, sob orientação da geógrafa Dirce Maria Antunes Suertegaray; Rodrigo Pereira Lersch – *Introdução de dados auxiliares na classificação de imagens digitais de sensoriamento remoto aplicando conceitos da teoria da evidência*, sob orientação do engenheiro Vitor Francisco de Araújo Haertel; Jones Muradás – *A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil*, sob orientação do geógrafo Gervásio Rodrigo Neves. A UFRGS, que no ano de 2000 concluiu as primeiras dissertações e implantou em 2004 o doutorado, é um programa que apresentou um desenvolvimento salutar em um período pequeno de tempo.

Até 2008, passados dez anos, estiveram em funcionamento 14 programas de pós-graduação, alcançando uma média anual de 136 teses defendidas no Brasil em 2008, lembrando que em 1997 a média foi de 43 teses concluídas em quatro programas. Nesses dez anos, houve algumas oscilações entre os totais anuais[107]; todavia, o crescimento do número de teses concluídas nesses dez anos é um fato. Somando-se à totalidade de defesas desse período, tem-se um total de 953 teses concretizadas.

Em 2009, dois novos programas passam a fazer parte dos que concluíram teses: a UFPR[108], com quatro teses, e a UFG, com três. Na UFPR, foram as seguintes: Sonia Maria Cipriano Bakonyi – *Fatores Socioeconômicos e Ambientais e Doenças Respiratória em Curitiba/PR*, sob orientação da geógrafa Ines Moresco Danni-Oliveira; Rosa Moura – *Arranjos Urbano-Regionais no Brasil: Uma*

[107] 1998 (47 teses), 1999 (54 teses), 2000 (78 teses), 2001 (58 teses, houve, aqui, uma primeira oscilação no número de defesas em comparação ao ano anterior), 2002 (92 teses, retorna o crescimento em comparação a 2001), 2003 (75 teses), 2004 (75 teses nesses dois anos; outra oscilação de diminuição a 2002), 2005 (86 teses) 2006 (98 teses, recupera-se o crescimento), 2007 (154 teses) e 2008 (136 teses), respectivamente.

[108] A primeira dissertação concluída foi em 2000; contudo, o curso de graduação é um dos mais velhos do Brasil, criado em 1938 junto ao curso de História.

análise com foco em Curitiba, sob orientação da geógrafa Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski; Fernando Rosseto Gallego Campos – *Uma Geografia do Futebol amador: Espaços de representação do futebol amazonense a partir do "peladão"*, sob orientação do geógrafo Sylvio Fausto Gil Filho; Rúbia Gisele Tramontin Mascarenhas – A *diversidade gastronômica como atrativo turístico na Região dos Campos Gerais do Paraná: um estudo de caso no município de Castro*, sob orientação do turismólogo José Manoel Gonçalves Gândara.

Na UFG, que desde 1997 já estava com o mestrado em funcionamento com dissertações concluídas, em 2009 finalizou as respectivas teses: Marcelo de Mello - *Brasília e Águas Lindas de Goiás: a razão e a loucura no processo de produção de um território fragmentado*, sob orientação da geógrafa Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira; Márcio Rodrigues Silva – *Desvelando a cidade: segregação socioespacial em Jataí – GO*, sob orientação do geógrafo João Batista de Deus; Vanilton Camilo de Souza – *O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores*, sob orientação da geógrafa Lana de Souza Cavalcanti.

Em 2010, não há registro de nenhum novo programa com defesas. Já em 2011, houve apenas um programa novo com tese finalizada. Trata-se do programa da UFC, o qual concluiu uma defesa: Rodrigo Guimarães de Carvalho – *Análise de sistemas ambientais aplicada ao planejamento: estudo em macro e mesoescala na região da bacia hidrográfica do rio Apodi-Mossoró, RN*, sob orientação da geógrafa Fátima Maria Soares Kelting. O referido programa foi implantado em 2004, juntamente como o mestrado, porém foi aprovado somente em 2008.

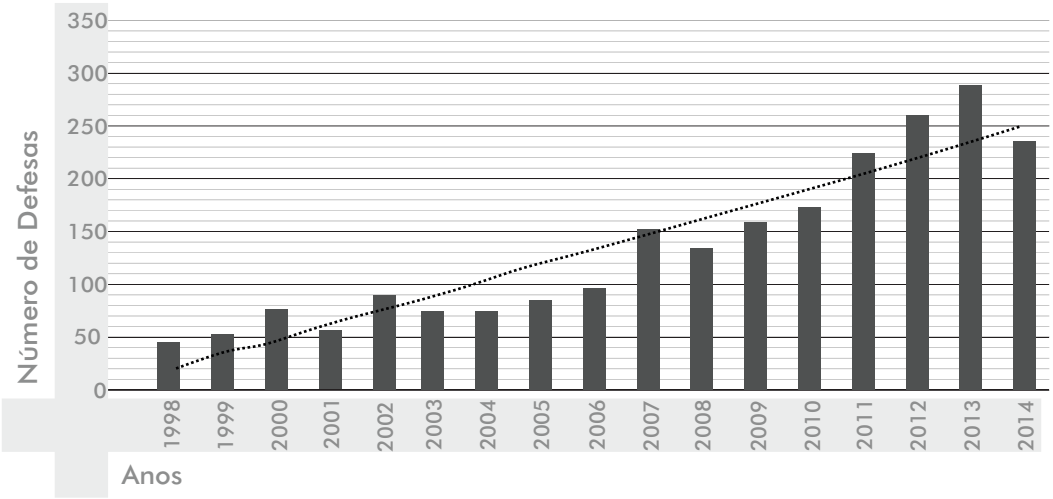
Ainda em 2011, a produção nacional de teses chegou ao número de 225 defesas. Em 2012, dois novos programas passam a fazer parte do quadro de formação de doutores com teses concluídas: a UEM, com seis teses e a UECE com uma. Na primeira, foram as seguintes teses: Altair Aparecido Galvão – *Políticas públicas urbanas, espaço público e segregação em Maringá- PR*, sob orientação da socióloga Celene Tonella; Edinéia Vilanova Grizio-Orita – *Os efeitos da ocupação antrópica sobre o sistema fluvial do Rio Paraguai superior*, sob orientação do geólogo Edvard Elias de Souza Filho; Márcio Roberto Ghizzo – *A mobilidade do consumo e a produção do espaço no aglomerado urbano de Maringá – PR*, sob orientação do geógrafo Márcio Mendes Rocha; Fernando César Manosso – *Potencialidades da paisagem na região da serra do Cadeado – PR: abordagem metodológica das relações entre a estrutura geoecológica, a geodiversidade e o geoturismo*, sob orientação da geógrafa Maria Teresa de

Nóbrega; Jaqueline Telma Vercezi – *O Meio-Técnico-Científico-Informacional e o espaço relativizado da região metropolitana de Maringá*, sob orientação do geógrafo Cesar Miranda Mendes; Osmar Rigon – *As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da bacia hidrográfico do Rio Pirapó – PR* (1970-2010), sob orientação Messias Modesto dos Passos.

Em 2013, somente um programa passou a fazer parte do coletivo de programas com doutorado: a UNB, com a tese *Dinâmica da produção de ovinos naturalizados no Brasil*, de Potira Meirelles Hermuche, sob orientação de Renato Fontes Guimarães. E, em 2014, último ano de referência da presente pesquisa, também somente um programa adentrou ao quadro com uma defesa: o da UEL, com a tese *Dinâmica de um processo associativista: cooperativa de consumo dos servidores da UEL – SERVICOOP*, de Luís Fernando Pinto Dias, sob orientação da geógrafa Alice Yatiyo Asari. Assim, de 1998 a 2014, foram 16 anos de produção de teses, alcançando o número de 2.301 defesas em todo o Brasil.[109]

No Gráfico 6, ilustramos a ampliação do número de teses concluídas no Brasil, evidenciando a tendência ao crescimento, ao mesmo tempo em que apresenta oscilações de diminuição em alguns anos.

Gráfico 6: Teses defendidas anualmente em geografia no Brasil (1998-2014).



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES / Plataforma Sucupira (2013-2014)

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

[109] Na tabela 4 do Apêndice A, esses números são pormenorizados em cada programa.

As oscilações entre os anos justificam-se, por um lado, pelas especificidades de cada programa (número de ingressantes, bolsas de apoio etc.). No doutorado, geralmente, o tempo mínimo para finalização de uma tese (referimo-nos às ciências humanas) gira em torno de três anos e meio a quatro anos. Desse modo, uma pós-graduação com doutorado arquiteta projetos para, em média, quatro anos. Nesse tempo decorrido, haverá anos com maior número de defesas e outros com menores índices de conclusões. Mas essa regra nem sempre foi a mesma – o teto estabelecido para as defesas variou na história da pós-graduação brasileira. A rigor, esse teto, que agora assistimos, de quatro anos, está condicionado ao tempo de bolsa das agências de fomento, como a CAPES e o CNPq, por exemplo. Em décadas anteriores, o tempo de bolsa era maior o que possibilitava um período mais extenso para a conclusão dos trabalhos acadêmicos. Não há como negar que a diminuição do tempo para a conclusão de uma tese seja temerário à atividade científica. Contudo, não temos como, e nem é o objetivo de nosso estudo, dizer se as teses realizadas em décadas anteriores são melhores que as de hoje. O que há, certamente, como os números demonstram, é um crescimento de doutores formados em Geografia.

Olhemos agora para o mapa da Figura 6. O destaque, mais uma vez, é no Sudeste. Essa região foi portadora, até 2014, de dez programas com teses concluídas – cinco desses programas no estado de São Paulo[110], dois no Rio de Janeiro[111] e três em Minas Gerais[112], totalizando 1.749 teses, ou seja, 76% da produção nacional.

O Sul, em segundo lugar, produziu 286 teses, alcançando 12% do total da produção brasileira com cinco programas – três no Paraná[113], um em Santa Catarina[114] e um no Rio Grande do Sul[115]. O Nordeste vem logo depois, com 203 dissertações, 9% do total, com quatro programas – dois no Ceará[116], um em Pernambuco[117] e um em Sergipe[118].

A região Centro-Oeste, com apenas dois programas[119], representa 3% da produção nacional. O Norte, até 2014, não detinha nenhum programa com doutorado com teses concluídas.

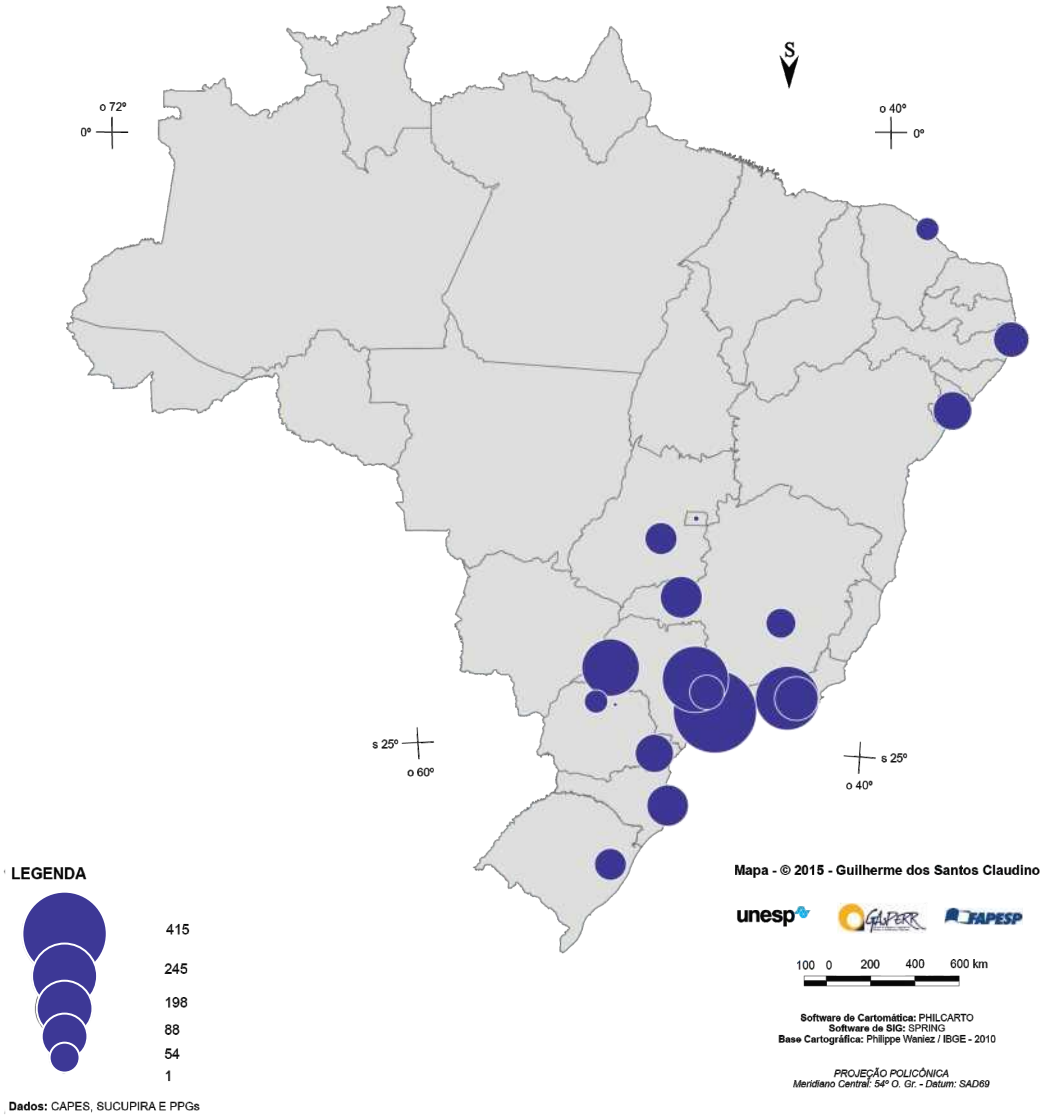
A disparidade entre as regiões e os estados, tal como nos mestrados e dissertações, é, em grau mais elevado, no doutorado. A região Norte, que nesse

[110] USP (G.H.), USP (G.F.), UNESP (R.C.), UNESP (P.P.) e UNICAMP.
[111] UFRJ e UFF.
[112] UFMG, PUC-MG e UFU.
[113] UFPR, UEM e UEL.
[114] UFSC.
[115] UFRGS.
[116] UFC e UECE.
[117] UFPE.
[118] UFS.
[119] UFG e UNB.

recorte temporal não deteve um programa de doutorado, aprovou em 2015 o primeiro programa de doutorado em Geografia na região. A Universidade Federal de Rondônia – UNIR, que já detinha o curso de mestrado em funcionamento, com dissertações concluídas desde 2007, foi a universidade que teve aprovação da CAPES para iniciar as atividades de doutoramento em Geografia.

A descentralização da atividade acadêmica, mais do que urgente em um país como o Brasil, parece, ainda lentamente, acontecer.

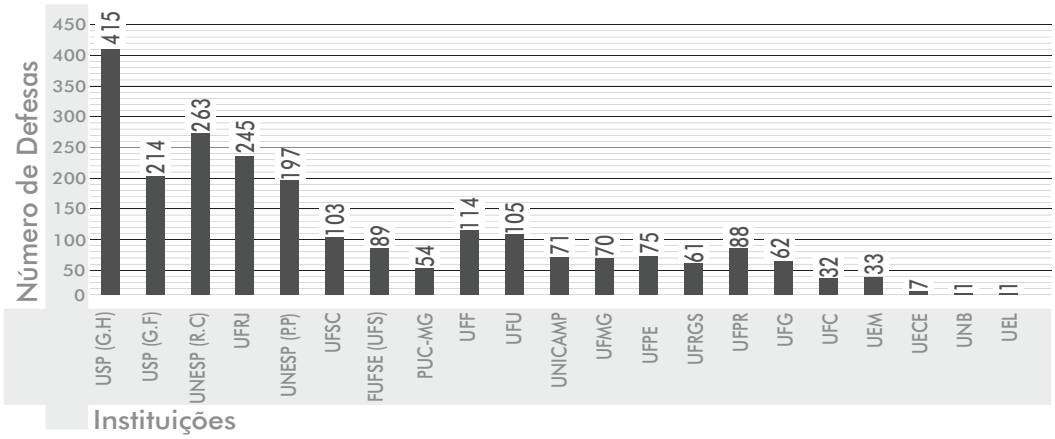
Figura 9: Mapa de dissertações defendidas entre 1998-2014.



Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Em detalhes, o Gráfico 7 demonstra a produção de cada programa de pós-graduação em Geografia no Brasil – já expusemos resumidamente alguns elementos no decorrer das páginas anteriores. No Sudeste, a USP (G.H.), assim como nas dissertações, lidera o número de doutores formados nesses 16 anos, com 415 teses, concentrando 23% das teses dessa região. No estado de São Paulo, em específico, a USP (G.H.) concentra 35% das teses, a UNESP (R.C.) aparece em segundo, com 263 teses, 22% no estado. Em seguida, vem a USP (G.F.), com 214 eses (18%) e a UNESP (P.P.), com 198 teses (17%). Por fim, vem a UNICAMP, contando com 71 teses (6%).

Gráfico 7: Total de teses defendidas nos programas de pós-graduação no Brasil (1998-2014).



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da CAPES / Plataforma Sucupira (2013-2014)
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

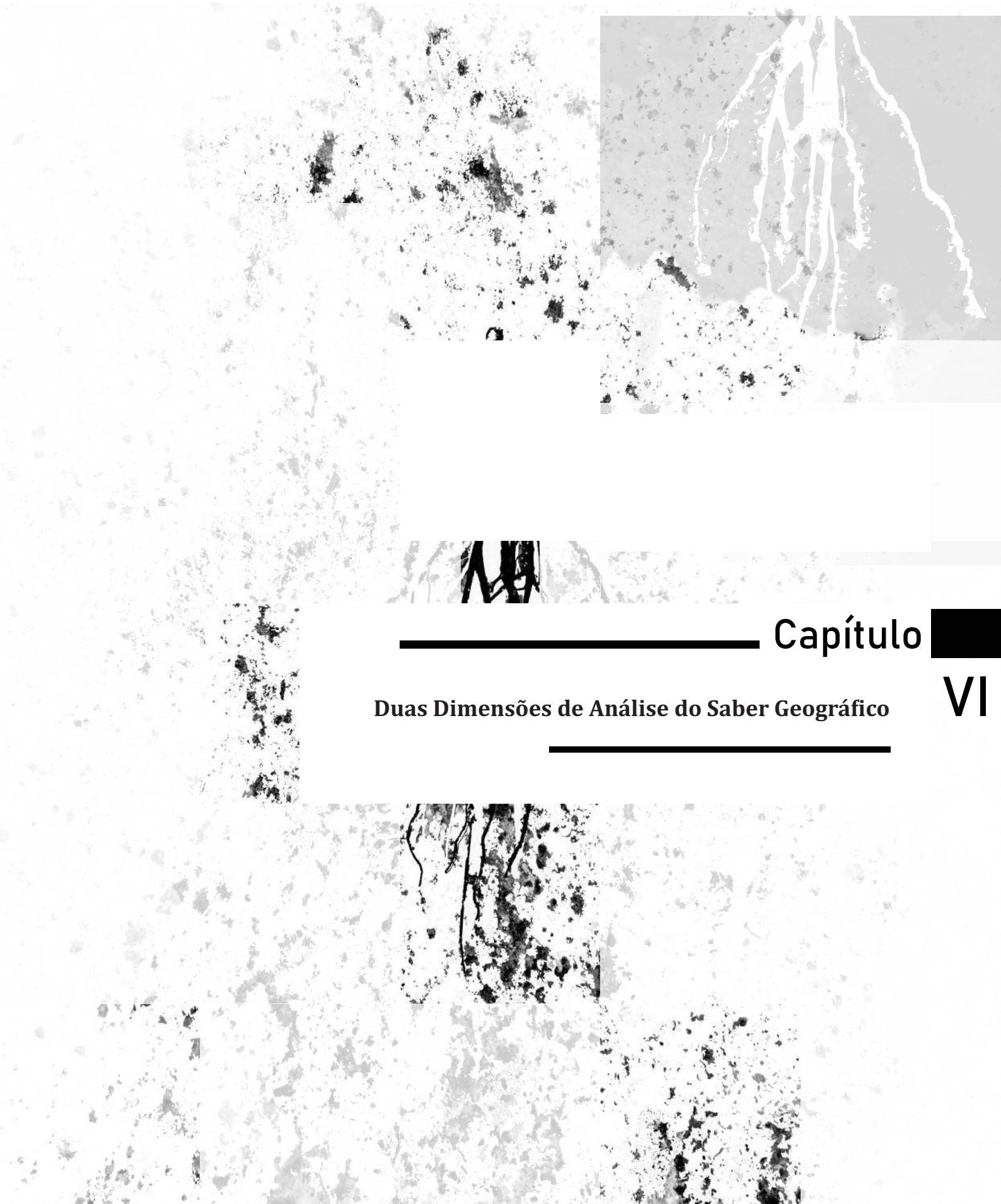
No Rio de Janeiro, a UFRJ e a UFF agregam a totalidade das teses do estado. A UFRJ, com 68% (245 teses) e a UFF, com 32% (114 teses). No estado de Minas Gerais, com três programas, as teses são distribuídas entre a UFU, 46% (105 teses); a UFMG, 31% (70 teses); e a PUC-MG, 23% (54 teses).

No Sul, as teses são distribuídas em três estados – o que contém o maior número de programas é o Paraná: UFPR, UEM e UEL – a primeira detém 72% (88 teses), a segunda 27% (33 teses) e a terceira teve apenas uma defesa em 2014, respectivamente. Em Santa Catarina, a UFSC é a única existente; no entanto, em termos da região Sul, essa universidade concentra 36% (103 teses) da produção. O Rio Grande do Sul, representado apenas pela UFRGS, produziu 61 teses, o que corresponde a 21% das teses.

No Nordeste, as teses se concentram em três estados: Pernambuco, Sergipe e Ceará. Pernambuco, através da UFPE, concluiu 75 teses, abrangendo 36% das teses do Nordeste. A UFS, com 89 teses, concentra 43% da produção dessa região. E, por último, o Ceará, com dois programas, representando 18% da produção nordestina, distribuído entre a UFC, com 15% (32 teses), e a UECE, com 3% (7 teses).

O Centro-Oeste conta apenas com duas instituições: a UFG, abarcando quase toda a produção da região, com 97% (62 teses), e a UNB, com duas teses, representadno 3% da região (uma tese). O Norte, como já apontamos, não detinha universidades com programas de doutorado com teses concluídas até o final de 2014.

Esses saberes geográficos, expressos em teses e dissertações, muitos dos quais diferentes, outros, mais ainda, distantes daqueles com mais tempo de existência desses, agora jovens, permitiram uma heterogeneidade entre as temáticas pesquisadas. São dissertações e teses realizadas em lugares, tempos e mentes diferentes, cuja conexão dá-se pela Geografia, seja na reafirmação de ideias, destruição ou criação de outras baseadas nas existentes.



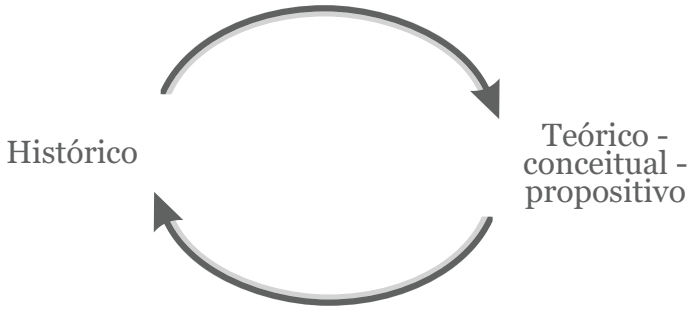
Capítulo VI

Duas Dimensões de Análise do Saber Geográfico

DUAS DIMENSÕES DE ANÁLISE DO SABER GEOGRÁFICO

Neste capítulo, esclareceremos nossos procedimentos metodológicos de busca, classificação e distribuição das respectivas dissertações e teses, considerando o saber geográfico como objeto. A expressão *saber geográfico* como objeto, além de integrar os termos conhecimento e pensamento, como já dissemos, agrega dois universos de investigação altamente relacionados, mas com objetivos diferentes. O primeiro universo é o *histórico*, compreendendo toda possibilidade de análise histórica do geográfico no tempo. O segundo universo é constituído por três elementos, é *teórico-conceitual e propositivo*. Este segundo, mais movediço, não se ocupa unicamente do estudo de conceitos e categorias da Geografia; dedica-se, ainda, aos modos de estudá-los, do *papel* e *limites* tal como a *origem* do saber geográfico, detendo-se às relações da Geografia com a arte e o senso comum, da Geografia no rol das outras ciências e do papel político desse gênero do saber em sociedade – papel que cabe, entre outros, à sociologia do conhecimento, epistemologia, ontologia, gnosiologia/teoria do conhecimento etc. O termo *propositivo* representa aqueles estudos, mais raros, que propõem teorias, conceitos etc. Em resumo, o saber geográfico como objeto, no nosso entender, é investigado nessas duas dimensões: a *histórica* e a *teórico-conceitual-propositiva*. Cabe apenas lembrar, novamente, que esses dois universos se relacionam nas pesquisas, mas que, geralmente, um se sobressai em relação ao outro. Na Figura 10, representamos, sinteticamente, esse raciocínio.

Figura 10: Duas dimensões de investigação.



Organização: Guilherme dos Santos Claudino.

É importante esclarecer que a diferença fundamental entre a atividade de historiar e a atividade epistemológica consiste em que a primeira parte do pressuposto de que as ideias são fatos, enquanto que a segunda, por sua vez, compreende os fatos como ideias. Em termos objetivos, a história tende a proceder

das origens em direção ao presente; já o exercício epistemológico parte do agora para o passado (JAPIASSU, 1992). Iniciaremos pelos estudos históricos e depois exporemos os teórico-conceituais-propositivos.

6.1 Os estudos de perfil histórico

O avanço dos estudos históricos na Geografia brasileira vem suprimindo a ideia de uma história da Geografia, dando lugar a *histórias*. A valorização do plural na interpretação dos acontecimentos desde campo do saber explica a diversidade de temas, caminhos e períodos diversos do tempo que vêm sendo investigados, bem como procedimentos metodológicos distintos em cada investigação. Do ponto de vista da Geografia moderna, os estudos da história da Geografia remontam à metade do século XIX, com investigações minimamente sistematizadas da história da Geografia, enquanto campo do saber, ou mesmo um hibridismo com Geografia histórica. Se acompanharmos o pensamento de Wright (1926) referente a esse assunto, poderemos considerar o geógrafo alemão Oscar Ferdinand Peschel como um dos primeiros a escrever uma obra direcionada à história da Geografia. Esse geógrafo, em 1865, publicou a *Geschichte der Erdkunde: bis auf Alexander von Humboldt und Carl Ritter* (História da Geografia até Alexander von Humboldt e Carl Ritter), posteriormente republicada em uma segunda edição no ano de 1877. Outra obra que também vai até Humboldt foi escrita pelo geógrafo francês Louis Vivien de Saint-Martin em 1973, *Histoire de la géographie et des découvertes géographiques depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours* (História da Geografia e das descobertas geográficas desde os primeiros tempos até o presente). A obra *Cosmos* de Humboldt, inclusive, detém uma ampla reflexão da história da ideia de universo, portanto interessante à história da Geografia.

Certamente, outras reflexões históricas antecederam essas obras, sobretudo aquelas cujo propósito foi a representação dos descobrimentos, bem como as histórias dos mapas, que, de fato, detêm um perfil geográfico interessante e rico para a história da Geografia[120]. Caminhando rumo ao final do século XIX, notamos que outros geógrafos desenvolveram um conjunto de reflexões sobre a história do saber geográfico posteriormente a Peschel e Vivien de Saint-Martin. Destacamos, apenas como medida de exemplo, o trabalho de Edward Herbert Bunbury *A History of Ancient Geography among the Greeks and Romans from the Earliest Ages till the Fall of the Roman Empire* (A História da Geografia antiga entre os gregos e romanos até a queda do Império Romano), de 1879, e a tese de

[120] Antes do século XIX, o exame da história da geografia consistia quase exclusivamente nas fases regionais do tema: Viagens e explorações; E de fato, em todos os tempos, esta foi, de longe, a parte mais intensamente cultivada do campo" (WRIGTH, 1926, p. 480).

Konrad Kretschmer *Einleitung in die Geschichte der physischen Erdkunde im christlichen Mittelalter* (Introdução à História da Geografia Física na Idade Média Cristã), de 1989. Este último publicou, posteriormente, *Geschichte der Geographie* (História da Geografia), em 1912, republicado também em outras línguas – essa obra pode ser considerada uma das primeiras obras sobre história da Geografia do século XX.

Ainda no final do século XIX, houve reflexões importantes de geógrafos franceses, como Lucien Louis Joseph Gallois com *Les géographes allemands de la Renaissance* (Geógrafos alemães da Renascença), de 1890, e Marcel Dubois, com *Examen de la géographie de Strabon: étude critique de la méthode et des sources* (Exame da Geografia de Estrabão: estudo crítico da metodologia e das fontes), de 1891. Outras obras interessantes que datam do final do século XIX foram realizadas por Joseph Partsch, Ernst Hugo Berger e Henry Fanshawe Tozer, para citar alguns.

O Brasil, cuja produção nesse tema inicia-se basicamente a partir do século XX, tem com Capistrano de Abreu um dos primeiros trabalhos na temática, com o famoso texto *Geografia do Brasil*, publicado em 1901 e republicado em 1904, no Almanaque Brasileiro Garnier. Além de Capistrano de Abreu, o historiador Alcides Bezerra, em 1932, publica *A geografia do Brasil*, na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia. Além desses personagens, houve publicações nos anos decorrentes por Delgado de Carvalho, José Veríssimo da Costa Pereira, Fábio Guimarães Macedo de Soares, Nilo Bernardes e Aroldo de Azevedo. As produções em história da Geografia em nível mundial, concentradas primeiramente na Alemanha e França e depois expandindo-se para a Inglaterra e os Estados Unidos, merecem um detalhamento investigativo mais acurado no que se refere às abordagens e aos temas pesquisados. No Brasil, no entanto, a maior parte dessas reflexões está nas revistas e boletins, muitas das quais traduzidas dos países já citados. A partir da metade do século XX, muitas obras, sobretudo francesas, a exemplo da obra *Essai sur l'évolution de la Géographie Humaine (Ensaios da evolução da Geografia Humana)* de Paul Claval, chegaram ao Brasil. Entretanto, cabe lembrar, os geógrafos brasileiros já tinham entrado em contato com a bibliografia estrangeira, dado que pode ser constatado na bibliografia de seus artigos.

Do final do século passado até os dias atuais, a produção bibliográfica brasileira diversificou-se não só em termos do tipo do material produzido, que basicamente concentrava-se em artigos – a expansão da pós-graduação, bem como a criação de grupos de pesquisa, fomentou a produção de livros e, do mesmo modo,

de dissertações e teses. Praticamente, até meados dos anos 1990, os livros-chave para a compreensão e o ensino da história da Geografia no Brasil tinham com as publicações de Aziz Ab'Saber, Manoel Correia de Andrade, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Antonio Christofoletti, Roberto Lobato Corrêa, Oswaldo Bueno Amorim Filho e o historiador Nelson Werneck Sodré seu ponto de partida. Não podemos deixar de citar, todavia, as publicações de Milton Santos, Armando Correia da Silva, bem como o clássico livro *Geografia pequena História Crítica* de Antônio Carlos Robert Moraes.

Esses trabalhos e investigadores, e muitos outros não mencionados, desenham e representam um patrimônio um tanto quanto diverso de investigações do histórico da Geografia brasileira e mundial. Chamamos atenção, entre todos esses estudos nacionais e internacionais, às reflexões, mais uma vez, do geógrafo John Kirtland Wright. Além da importante contribuição que esse geógrafo realizou sobre o sentido do conhecimento geográfico, suas publicações sobre a história da Geografia merecem ser citadas.

Wright (1925, 1926) diferenciou, antes, o programa da Geografia histórica e a história da Geografia durante a década de 1920, lançando proposituras metodológicas e limites do que seria o objeto desses dois campos, o que corresponde, portanto, a um certo amadurecimento comparado com seus contemporâneos e antecessores no modo de compreender a história da Geografia. À Geografia histórica, para o referido geógrafo, caberia o estudo dos fatos do passado, numa tentativa de reconstrução das rotas comerciais, delimitação e transformação de fronteiras etc.; à história da Geografia caberia o estudo das ideias geográficas. Wright, inclusive, menciona que o estudo da história da Geografia precisa considerar o "estudo geográfico da história da Geografia", o que quer dizer que uma investigação da história da Geografia necessita ser "geográfica" e justifica tal argumentação afirmando que a história da Geografia geralmente é uma coleção de mapas antigos, ou um mero capítulo nos livros de história da ciência. Assim, *"o estudo geográfico da história da geografia, por outro lado, é o estudo da história das ideias geograficamente vistas como fenômenos geográficos"* (WRIGHT, 1925, p. 194). Há, desse modo, três programas distintos: Geografia histórica, história da Geografia, e Geografia da história – este último, segundo Wright, foi um termo criado por Jean Brunhes.

Para Wright (1925, p. 201), assim, a história da Geografia é a "história das imagens do ambiente geográfico que se refletiram nas mentes dos homens através dos tempos", podendo ser definida

> [...] como a história das interpretações intelectuais conscientemente expressas do homem e de seu ambiente terrestre; ou, simplesmente, como a história das ideias geográficas como elas encontram expressão falada, gráfica ou escrita. Não é preciso que todas essas ideias sejam precisas, sistemáticas, lógicas ou racionais; pois não é a história do erro, da loucura e da emoção muitas vezes tão esclarecedora quanto a história da sabedoria? (WRIGTH, 1926, p. 428, tradução nossa).

Essas considerações de Wrigth, no entanto, embora sejam riquíssimas para nós, considerando o momento em que foram lançadas, dividem espaço com o profícuo diálogo com a história e que vem sendo realizado pelos geógrafos nas últimas décadas, cuja incorporação de teorias da história vem sendo cada vez maior.

Além disso, atualmente, no Brasil, constatam-se novas frentes de pesquisa em desenvolvimento, a exemplo da história da geomorfologia empreendida por Antonio Carlos Vitte; João Lima Sant'Anna Neto, com a história da climatologia; Ruy Moreira, com quadros gerais da história da Geografia brasileira; Manoel Fernandes de Souza Neto, numa linha semelhante à de Antonio Carlos Robert Moraes, diversificando investigações entre história da Geografia, história territorial e Geografia histórica; Alexandrina Luz Conceição, com pesquisas com um perfil mais ligado à história, teoria e método da Geografia agrária; Bernando Mançano Fernandes, com os paradigmas e estilos de pensamento, mirando, mais detidamente, à produção da Geografia agrária no presente.

Considerando a expressividade de manifestações de estudos da história da Geografia em diferentes meios, concentraremos nossa atenção a dissertações e teses, as quais, de forma direta ou indiretamente, investigaram a história da Geografia.

6.1.2 *Dissertações e Teses*

Apresentaremos, resumida e sinteticamente, descrições e balanços de dez variáveis que julgamos (baseando-nos, também, nas palavras-chave dos trabalhos) mais recorrentes nas investigações históricas do saber geográfico na Geografia brasileira, sendo essas:

- Estudos biográficos e bibliográficos (geógrafos);
- Estudos biográficos e bibliográficos (historiadores, economistas e filósofos...);
- Instituições;
- Revistas, periódicos e boletins;
- Geografia acadêmica (geral e específica);
- Campos e domínios disciplinares;
- Correntes, escolas, matrizes, paradigmas e tradições;
- Geografia escolar (geral e específica);
- Cartografia;
- Literatura.

Cada uma dessas vaiáveis congrega uma série de temas e caminhos diferentes. É importante destacar, todavia, que um trabalho pode estar presente em mais de uma variável – geralmente são pesquisas que agregam mais de um objetivo geral como proposta investigativa, o que ocasiona o surgimento de mais de um objeto no corpo do trabalho. Essa presença, por vezes híbrida, levou-nos a incluir alguns trabalhos em mais de uma variável; isso talvez se justifica pela limitação, justamente, dessas variáveis por nós selecionadas que, infelizmente, não alcança todas as especificidades dos trabalhos.

No interior dessas temáticas, distribui-se um total de 250 dissertações e teses. Seguiremos a exposição na ordem acima expressa, iniciando a partir dos estudos biográficos e terminando nos literários. No apêndice, é possível consultar os quadros com os nomes dos autores, títulos dos trabalhos e os anos das defesas.

6.1.2.1 Estudos biográficos e bibliográficos (Geógrafos)

Em síntese, um estudo biográfico consiste na compreensão de determinado indivíduo, através da investigação de documentos escritos, depoimentos etc. Um estudo bibliográfico, em consonância, concentra-se, basicamente, na sistematização da produção bibliográfica de determinado autor. Além desses elementos inseparáveis, os estudos biográficos e bibliográficos, no caso das dissertações e teses, nem sempre se direcionam a um único autor,

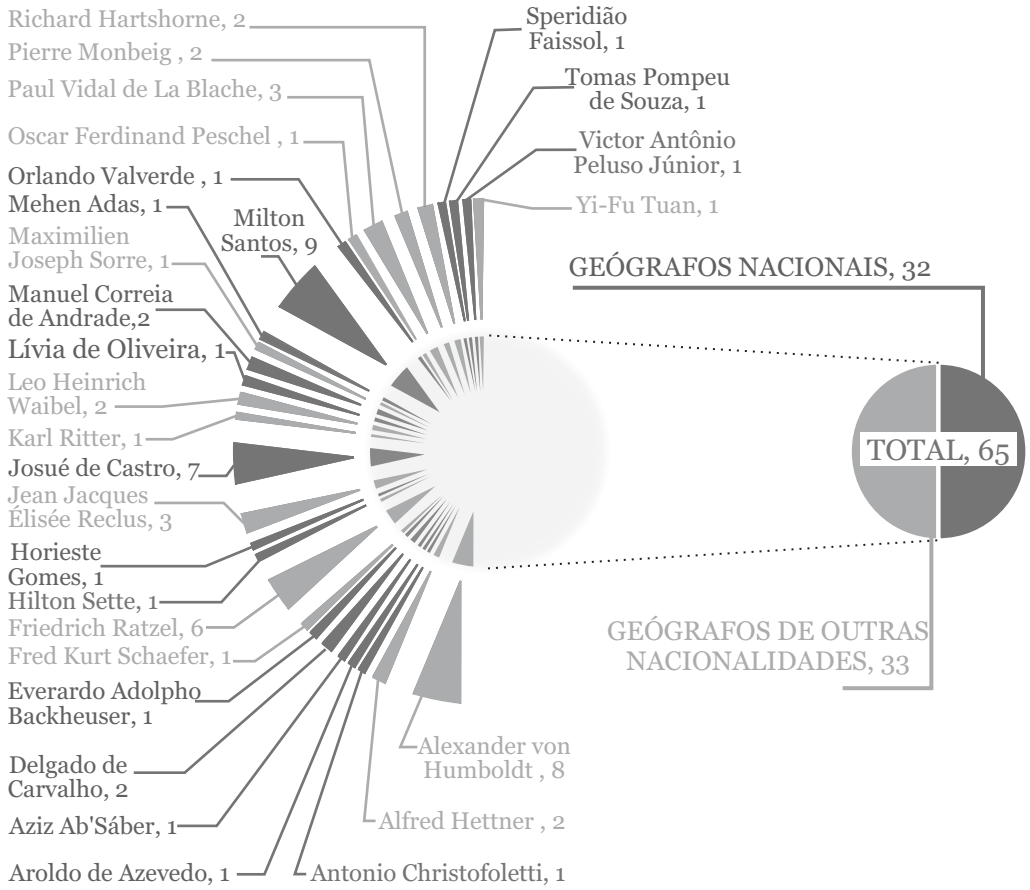
podendo ser um conjunto de indivíduos.

As dissertações e teses biográficas e bibliográficas somam um total de 57 trabalhos – desses 34 são dissertações e 23 são teses. A primeira dissertação foi realizada por Antonio Carlos Robert Moraes – *Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*, defendida no ano de 1983, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva. Já a primeira tese foi realizada por Januário Francisco Megale – *Geografia e Sociologia: Introdução ao Estudo de Max Sorre,* em 1979, sob orientação de José Ribeiro de Araújo Filho. Esses dois pioneiros trabalhos são exemplos do que dissemos acima, um estudo biográfico pode tanto concentrar-se em um único indivíduo quanto em um número maior.

Posteriormente a esses dois geógrafos, houve um contínuo e crescente número de pesquisas com essas características, variando, evidentemente, com o indivíduo na condição de objeto. Tal é a ampliação que, somente sobre o geógrafo Milton Santos, foram nove trabalhos – sete dissertações e duas teses. Esses estudos foram do conceito de espaço, passando pela noção de Estado até a questão racial presentes em Milton Santos. O segundo geógrafo brasileiro sobre quem houve um número significativo de estudos foi Josué de Castro, com sete trabalhos – quatro dissertações e três teses, prevalecendo nesses o tema da fome. Os outros trabalhos direcionados a geógrafos brasileiros variaram entre uma e duas pesquisas.

Quanto aos geógrafos estrangeiros, Humboldt desponta com oito trabalhos, sendo quatro dissertações e quatro teses. Temas como o romantismo, a filosofia kantiana e conceito de paisagem prevalecem nas pesquisas direcionadas ao mesmo. Desses oito trabalhos, o geógrafo Antonio Carlos Vitte orientou quatro, sendo duas dissertações e duas teses. Em seguida, vem Friedrich Ratzel, com seis trabalhos, em sua maior parte dissertações, contanto apenas com uma tese. No Gráfico 8, de modo resumido, é representado o que dissemos. No Quadro 1 dos apêndices, é possível consultar detalhadamente as dissertações e teses e seus autores.

Gráfico 8: Distribuição das dissertações e teses biográficas (geógrafos brasileiros e estrangeiros).



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

O gráfico acima representa os geógrafos pesquisados na Geografia brasileira. Através dessa informação, é possível saber quais são os outros geógrafos que merecem mas que sobre os quais ainda não existem pesquisas. Do mesmo modo, é possível identificar a prevalência de determinados geógrafos, como Milton Santos e Humboldt. Em sua maior parte, essas pesquisas foram realizadas a partir do ano 2000, em consequência, entre outros motivos, da ampliação de programas de pós-graduação.

Os estudos biográficos e bibliográficos de geógrafos brasileiros e estrangeiros representam um campo um tanto quanto profícuo, sendo uma das variáveis de pesquisa mais comuns em investigações da história da Geografia.

6.1.2.2 *Estudos biográficos e bibliográficos (historiadores, economistas e filósofos...)*

Separamos, como procedimento didático e de comparação, indivíduos cuja formação acadêmica não fosse em Geografia. Isso não pretende, necessariamente, dizer *quem é e quem não é* geógrafo, até porque tais distinções não nos levariam a nenhum resultado satisfatório, implicando, inclusive, na adaptação de procedimentos subjetivos para decidir *quem é o que*. Identificar indivíduos de outros campos do conhecimento que porventura vieram a ser objetos na Geografia é um dado interessante no sentido em que podemos compreender as manifestações do conhecer e do pensar geográfico em outros domínios do saber.

Em seu total, são 48 trabalhos – 34 dissertações e 14 teses. Nesta variável, a primeira dissertação foi realizada por Fadel David Antonio Tuma Filho – *O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha: Uma avaliação, em 1990*, sob orientação do geógrafo Silvio Carlos Bray[121]. A primeira tese foi realizada por Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira – *A Geografia e as Bases da Formação Nacional Brasileira: uma Interpretação Fundamentada nas Ideias de Ignácio Rangel* em 1997, sob orientação do geógrafo Armen Mamigonian[122].

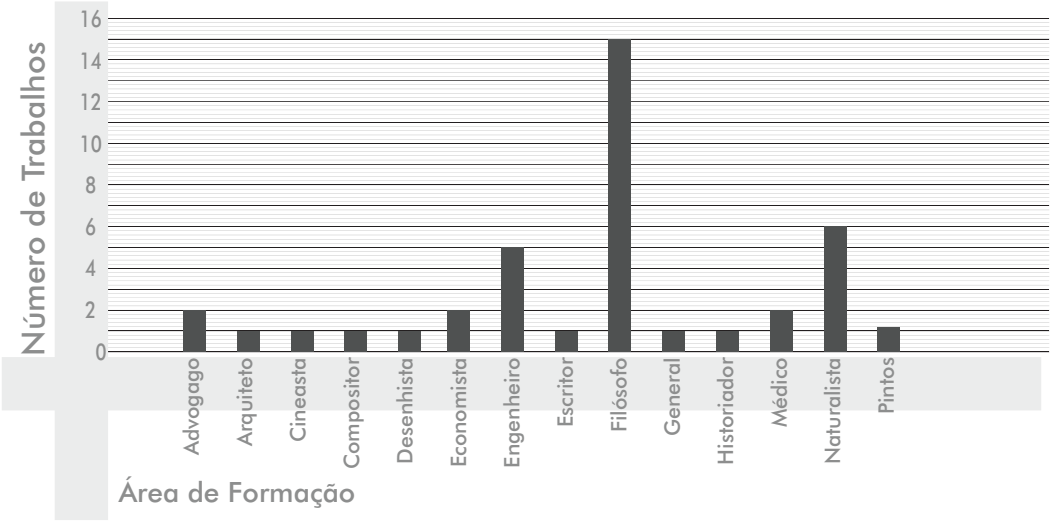
Em seu conjunto, esses 48 trabalhos agregam advogados, arquitetos, compositores, cineastas, desenhistas, engenheiros, escritores (e romancistas), filósofos, generais, geólogos, historiadores, médicos, naturalistas, viajantes e pintores. De todos esses, os filósofos se destacam depois dos geógrafos, com um total de 15 trabalhos. Desses, quatro são sobre Kant, despontando como o filósofo mais estudado, depois Russeau e Jurgen Habermas, com dois trabalhos. Do restante, há apenas um trabalho por filósofo (Althurser, Francis Bacon, Henri Lefebvre, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e Merleau-Ponty). O único filósofo brasileiro estudado foi Tobias Barreto (1838-1889), investigado pela geógrafa Alexandrina Luz Conceição em sua tese de doutorado – *Às Margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia*, em 2001, sob orientação do geógrafo Heinz Dieter Heidemann[123].

É essencial mencionar que, depois dos filósofos, os historiadores vêm em segundo lugar, junto com os naturalistas, com seis trabalhos. Destacamos os historiadores, com especial atenção ao historiador Fernand Braudel (1902 -1985),

[121] Contou, ainda, com a presença dos geógrafos Beatriz Maria Soares Pontes e Manoel Fernando Gonçalves Seabra na banca de avaliação.
[122] Na banca de avaliação, estiveram presentes Manoel Correia de Andrade, Milton Meira do Nascimento, Pedro Pinchas Geiger e Fernando Antonio Novais.
[123] Estiveram presentes na banca os geógrafos Antonio Carlos Robert Moraes, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Silvio Carlos Bray e Lia Osório Machado.

com dois trabalhos dedicados à sua compreensão[124]. Os demais distribuem-se entre Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior, Oliveira Viana e Eric Hobsbawm. No Gráfico 9, esses dados são representados com maiores detalhes.

Gráfico 9: Tipologia de formação dos sujeitos pesquisados.



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor)e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

É difícil precisar os motivos pelos quais os filósofos foram os que mais receberam atenção. A contribuição kantiana à Geografia talvez dê pistas para responder sensivelmente essa questão[125]; contudo, ainda cabe um estudo mais detido desses trabalhos, buscando a compreensão de seus objetivos.

6.1.2.3 Instituições

O conceito de instituição, embora seja controverso nas definições sociológicas e filosóficas, tem, para nós, o sentido de organismo portador e promovedor de saber e poder, podendo ser uma existência tanto física quanto imaginária, considerando, assim, uma efetividade prática nos coletivos sociais. Com isso, compreendemos como uma instituição o Estado (e consequentemente seus regimes), institutos (IBGE), associações (AGB) etc.

[124] Consultar Poblet (2011) e Ribeiro (2008).
[125] Consultar as dissertações e teses Silveira (2008), Silva (2009), Paes (2010) e Ribas (2011).

As dissertações e teses nessa temática não procuraram, absolutamente, entender as instituições como criadoras e determinantes da vida social a partir de um ponto de vista geográfico; mas, sobretudo, entendê-las como um fenômeno de natureza geográfica, portador, em outras palavras, de ideologias geográficas.

Nesta variável, chegamos ao número de 12 trabalhos – sete dissertações e cinco teses. A primeira dissertação foi realizada por Eli Alves Penha – *A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado novo*, em 1992, sob orientação da geógrafa Bertha Koiffmann Becker[126]. A primeira tese foi realizada por Roberto Schmidt de Almeida – *A Geografia e os Geógrafos do IBGE no período 1938-1998: Uma Relação entre Documento e Memória*, em 2000, sob a orientação da geógrafa Lia Osório Machado[127].

Além do IBGE, as Sociedades de Geografia também obtiveram atenção, com três estudos[128]; e a AGB, com apenas um[129], para citarmos alguns. Os estudos das instituições, cuja relação com a geopolítica é quase inevitável, ocupam um espaço importante nas dissertações e teses. Porém, é importante destacar que é um número muito reduzido para um tema tão efetivo em termos de concreção de políticas no território por parte de algumas dessas instituições, uma vez que o papel ideológico é altamente eficaz.

O fato da AGB – uma das associações mais importantes para a Geografia brasileira, responsável por um dos maiores eventos de ciências humanas do Brasil, o ENG (Encontro Nacional de Geógrafos) – deter apenas um estudo é algo a ser repensado e, efetivamente, receber mais estudos. Isso vale, inclusive, para as outras instituições, como a ANPEGE, que até então não detém nenhum estudo.

6.1.2.4 *Revistas, periódicos, anais e boletins*

Dissertações e teses dessa natureza buscam, essencialmente em meios de divulgação material, o objeto para análise. Nesse grupo, as revistas se destacam, embora existam trabalhos que miraram em boletins informativos. Há, também, um exercício de "estado da arte" ou "do conhecimento" em determinadas temáticas, por exemplo, o estudo de Marcos Barros de Souza – *Geografia física: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil*, de 2006, ou o trabalho de Karina Fernanda Neves – *Relação cidade-campo: um estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA)*, de 2010.

[126] Estiveram presentes na banca os geógrafos Lia Osório Machado e Pedro Pinchas Geiger.
[127] Estiveram presentes na banca os geógrafos Paulo César da Costa Gomes e Maria do Carmo Corrêa Galvão, a historiadora Marieta de Moraes Ferreira e a socióloga Lucia Maria Lippi Oliveira.
[128] Consultar os trabalhos de Zusman (1996) e Pereira (1997, 2003).
[129] Consultar Antunes (2008).

Enquanto variável, esses estudos detêm um total de 16 trabalhos, sendo 12 dissertações e quatro teses. O primeira dissertação pertence à Altiva Barbosa da Silva – *Do povo sem espaço ao espaço sem povo: análise da Revista de Geopolítica (ZFG) 1924-1944*, defendida em 1996, sob a orientação do geógrafo Heinz Dieter Heidemann[130]. Já a primeira tese foi realizada pela geógrafa Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira – O *Mundo rural sob o ponto de vista geográfico: A geografia Agrária Brasileira da década de 20 a de 90*, em 1998, com orientação da geógrafa Lucia Helena de Oliveira Girardi[131].

Além da exímia importância da Revista Brasileira de Geografia, dos Boletins e também dos incontáveis anais dos eventos científicos realizados pelos geógrafos ao longo da história da Geografia brasileira, o surgimento das revistas científicas nos últimos 16 anos ampliou-se de tal modo que é possível encontrá-las em cada departamento de Geografia, muitas vezes com mais de uma revista. O periodismo de publicações de artigos em escala nacional através dessas revistas necessita, também, de um estudo detalhado e rigoroso. As avaliações efetuadas pela CAPES, buscando identificar o nível de excelência dos periódicos, pouco nos dizem do que, *objetivamente*, se produz na Geografia brasileira. Um mapeamento das temáticas, bem como das origens e do destino dos autores dos artigos, é um tópico que merece atenção.

Esta variável, portanto, é um tipo de objeto que constantemente merece ser rastreado, uma vez que o saber geográfico migra rapidamente através desses meios, tendo mais acessos, inclusive, do que dissertações e teses, justamente pela sua compressão, que é menor, e, geralmente, sua linguagem mais acessível, configurando-se basicamente como uma síntese das investigações realizadas no interior das universidades.

6.1.2.5 *Geografia acadêmica (geral e específica)*

Os estudos da Geografia acadêmica poderiam estar na variável instituições, porém esses trabalhos focaram mais na produção acadêmica de determinadas universidades do que, necessariamente, no papel ideológico do seu saber produzido e, consequentemente, de sua condição enquanto instituição. Utilizamos da terminologia geral e específica porque há trabalhos que estudaram a produção de quase todas as universidades em nível de Brasil, ou seja, uma escala mais geral; e outros dedicaram-se apenas a uma instituição. Podemos utilizar como exemplo a tese de Antonio Carlos Pinheiro – *Trajetória da pesquisa acadêmica*

[130] Participaram da banca os geógrafos Mario Antonio Eufrásio e Wanderley Messias da Costa.
[131] Participaram da banca os geógrafos Silvio Carlos Bray, Manuel Correia de Andrade, Antonio Olívio Ceron e Dalton Áureo Moro.

sobre o ensino de Geografia no Brasil 1972-2000, de 2003. Um estudo de uma única instituição, por outro lado, foi realizado por Jane Lúcia Rodrigues – *Uma Geografia que se constrói: O curso de Pós-Graduação em Geografia de Presidente Prudente*, de 1996.

Estudos com essas características são bem menos recorrentes do que aqueles com as variáveis anteriores, visto que estes, em conjunto, somam 11 trabalhos – sete dissertações e quatro teses. A primeira dissertação, como já mencionamos, pertence à geógrafa Jane Lúcia Rodrigues, sob orientação do geógrafo Eliseu Savério Sposito[132]. A primeira tese foi realizada por Mônica Sampaio Machado – *A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira*, em 2002, sob a orientação do geógrafo André Roberto Martin[133].

Em resumo, esses estudos focalizaram na produção de dissertações e teses na pós-graduação brasileira. Assemelham-se, em certo sentido, ao exercício de "estado da arte", como nos estudos das revistas.

Alguns trabalhos se arriscaram à análise nacional, outros a um único estado da federação[134]. Tendo hoje mais de 50 programas de pós-graduação em Geografia espalhados pelo Brasil, esse tipo de estudo, embora muito diminuto em número de dissertações e teses, torna-se emergente, não só dos programas de Geografia, mas, sobretudo, na pós-graduação brasileira em geral, merecendo um estudo através da perspectiva geográfica, buscando, assim, construir um quadro da produção científica brasileira pela Geografia.

6.1.2.6 *Campos e domínios disciplinares*

Burke (2003) indica que o termo "campo" é uma metáfora reveladora para o conhecimento, que remonta, na cultura ocidental, pelo menos até Cicero. No verbete da *Enciclopédia*, os *gens de lettres* são aconselhados a se envolver em diferentes campos, mesmo se não puderem cultivar todos. O termo empregado, *terrain*, evoca a imagem de estudiosos-camponeses defendendo seu território intelectual da invasão de seus vizinhos disciplinares. O "imperativo territorial" era – e continua a ser – importante no mundo intelectual, tanto quanto nos domínios da política e da economia. Quem conseguiu ir mais além foi o sociólogo Pierre Bourdieu que, numa busca pela superação da ideia de "comunidade científica", teorizou sobre o conceito de campo, entendendo-o como um mundo social, de

[132] A banca contou com a participação do geógrafo Armando Corrêa da Silva e do pedagogo Celestino Alves da Silva Júnior.
[133] Participaram da banca os geógrafos Antonio Carlos Robert Moraes e Ruy Moreira, o historiador Shozo Montoyama e o sociólogo Milton Lahuerta.
[134] Consultar Nunes (2000).

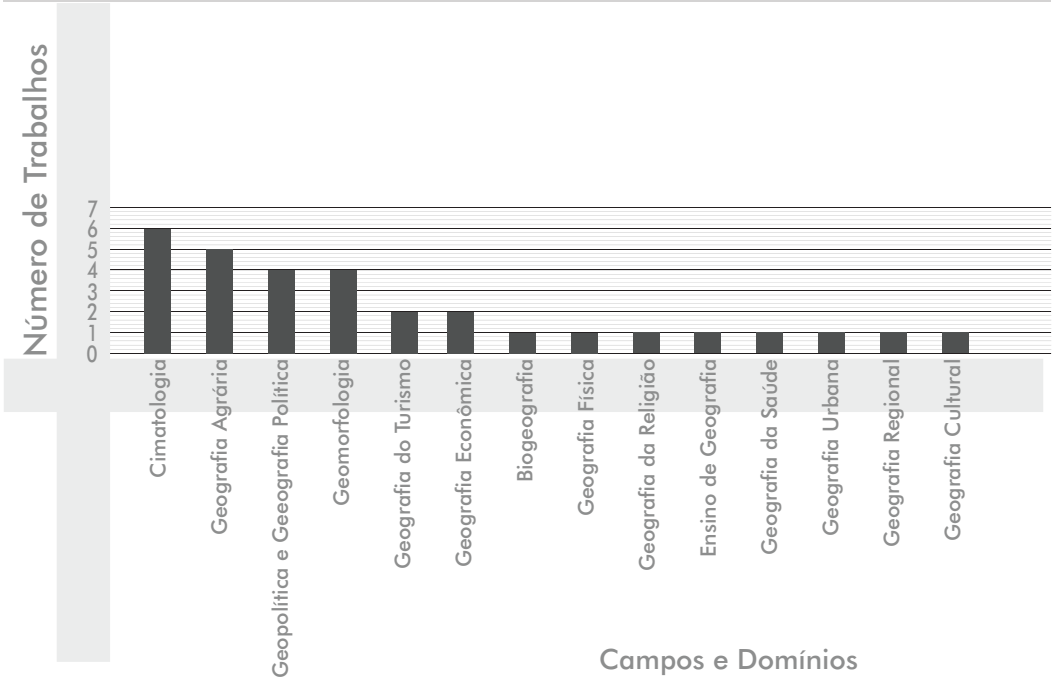
lutas, estratégias, de prestígio e autoridade científica.

Aqui, compreendemos a noção de campo e domínio como subuniversos de investigação da Geografia ou "disciplinas" (biogeografia, geomorfologia, geografia agrária, geografia política etc). Com isso, queremos dizer que algumas dissertações e teses investigaram, portanto, os "domínios" da Geografia.

A representatividade desses estudos é considerável, chegando ao número de 32 trabalhos – 13 dissertações e 19 teses. A primeira dissertação foi realizada por Flaviana Gasparotti Nunes – *A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998)*, em 2000, sob a orientação do geógrafo Eliseu Savério Sposito[135]. A primeira tese foi realizada por Wanderley Messias da Costa – *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder, em 1991*, sob orientação do geógrafo do geógrafo Armando Corrêa da Silva[136].

No Gráfico 10, são detalhado os campos que mais tiveram investigações, bem como aqueles com menos trabalhos.

Gráfico 10: Pesquisas em campos e domínios.



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor)e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

[135] A banca contou com os geógrafos Ariovaldo Umbelino de Oliveira e Jose Gilberto de Souza.
[136] A banca contou com as geógrafas Lia Osório Machado e Maria Adélia parecida de Souza, o sociólogo Gabriel Cohn e o jurista Dalmo de Abreu Dallari.

A climatologia é o domínio que se destaca nesta variável. Ao todo, são seis trabalhos – uma dissertação[137] e cinco teses[138]. Logo em seguida, vêm os estudos da Geografia agrária, com cinco trabalhos – uma dissertação[139] e quatro teses[140]. Em consonância, a Geografia política e a geomorfologia detêm quatro trabalhos e as áreas restantes agregam entre duas e uma investigação. É importante destacar que há outros domínios de estudos da Geografia que nem mesmo foram investigados, como a geocartografia.

Esses domínios selecionados não foram por nós elegidos. Agrupamos os trabalhos através do que declararam em seus títulos, resumos e palavras-chave. Esta ponderação é necessária devido às considerações divergentes entre os geógrafos sobre essas "subdisciplinas".

6.1.2.7 Correntes, escolas, matrizes, paradigmas e tradições

Um dos erros mais recorrentes em análises da história da Geografia é considerar um campo, domínio ou subdisciplina como uma corrente de pensamento, escola ou mesmo uma matriz. Alguns geógrafos, por exemplo, acreditam que a Geografia cultural tornou-se uma corrente de pensamento na Geografia brasileira, o que é um erro. A Geografia cultural nada mais é do que um campo de estudo, que tanto pode ser investigado por marxistas quanto por positivistas. Clarifiquemos melhor esses termos.

As palavras corrente, escola, matriz, movimentos, paradigmas e tradição, hora ou outra, aparecem nos textos sobre história da Geografia, muitas vezes, gerando uma confusão sobre o real significado de cada uma dessas palavras. Corrente e escola, mais do que as outras expressões, são entendidas como sinônimos.

Uma escola de pensamento, no entanto, detém características distintas do que, necessariamente, uma corrente ou os outros termos mencionados. Escola supõe um determinado padrão e/ou programa de atividades realizadas por um coletivo de indivíduos, promovedores, assim, de conhecimento. É necessário, também, a troca de informação entre esses indivíduos e, sobretudo, uma identificação em comum (BARROS, 2011). A ideia de escola de pensamento incorpora, quase sempre, uma certa espacialidade identitária, por exemplo, a "escola francesa de Geografia", "alemã" e "americana".

Em sentido lato, para que exista uma escola,

[137] Consultar Araújo (2005).
[138] Consultar Jesus (1995), Sant'Anna Neto (2001), Zavattini (2002), Ely (2006) e Caracristi (2007).
[139] Consultar Junior (2003).
[140] Ferreira (1998), Junior (2008), Alves (2010) e Vinha (2012).

> [...] é preciso, desta maneira, que haja um certo padrão ou linguagem comum entre seus participantes, ou outro elemento qualquer que seja forte o suficiente para estabelecer uma unidade – o que pode se dar através do Método, de uma determinada perspectiva teórica, de uma certa maneira de entender a História, ou do pertencimento a determinado paradigma [...] (Ibid. p. 168).

Uma escola, por fim, depois de tornada conhecida, "não raramente surgem os herdeiros, os que postulam como continuadores da escola em questão, mesmo que já tenham se distanciado dos aspectos que unificavam a escola em sua origem" (Ibid. p. 169).

Para se compreender o sentido e significado de correntes de pensamento, é preciso entender o conceito de paradigma. De acordo com Sposito (2001), um paradigma, de um modo geral, define-se como uma constelação de teorias, doutrinas e ideias, edificadas e sob mediação do método. Uma corrente, assim, de acordo com Barros (2011, p. 189), estaria no interior dos paradigmas. "Seria o caso, apenas para lembrar um exemplo, de pensar nas inúmeras correntes teóricas que povoam o paradigma do Materialismo Histórico ou paradigma Historicista". Muitas vezes, "algumas dessas correntes confrontam-se umas com as outras na sua discordância com relação ao uso de determinados conceitos". As correntes seriam, nesse sentido, os diversos caminhos e pontos de vista em um determinado paradigma.

Quanto ao termo matriz, que vem do latim *Matrix*, denotando origem, mãe e útero, pode-ser entendido como algo que gera ou detém a função de determinar um movimento, em nosso caso, de ideias. Em termos científicos, comumente – além da utilização nas matemáticas – utiliza-se da ideia de matriz disciplinar correspondendo,

> [...] antes de mais nada, a um universo mais amplo de valores que dificilmente seriam colocadas em questionamento pela ampla maioria [...] Estas e outras "singularidades" – que, para cada caso, correspondem àquele conjunto irredutível de dimensões, princípios e postulados aceitos por todos ou quase todos os praticantes de um determinado campo disciplinar, e que, de certo modo, é o que marca a identidade do campo em relação a outras áreas do saber – constituem, por assim dizer [...] (Ibidem, p. 185).

Uma matriz disciplinar, portanto, é mais ampla do que as correntes e, por consequência, dos paradigmas – esses estariam, de acordo com Barros (2011, p. 188), no interior da matriz disciplinar: "ela tem o seu "núcleo duro", pelos aspectos

incontestes do campo, e também uma certa constelação habitada por exemplares e elementos disponíveis para todos os praticantes, independentemente de suas filiações teóricas mais específicas".

Na Geografia brasileira, a noção de matriz já está presente em alguns geógrafos. Ruy Moreira é um exemplo dos estudos recentes na utilização da noção de matriz. Moreira (2008, p.47) assim a define:

> Matrizes são as formas de pensamento que partem de um núcleo racional por meio do qual uma estrutura global emerge como discurso de mundo, uma estrutura matricial se distinguindo da outra justamente pela maneira como o intelectual vê e integraliza o mundo. O conceito de matriz do pensamento supõe, então, o clareamento do campo epistemológico dos pensadores. Isto é, o fundamento conceitual ideológico de onde eles partem como raiz de base e o quadro das mediações que utilizam para organizar esse fundamento num formato discursivamente localizado. No caso, a Geografia. A individualidade e episteme, pois, são as referências de definição.

Moreira (2008), através de tal definição, identifica que a matriz francesa é a originária da Geografia brasileira propriamente dita, sobretudo com a chegada dos geógrafos que vieram para fundar os cursos de Geografia da USP e da UDF no Rio de Janeiro. Esses geógrafos foram Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines e Francis Ruellan, e trouxeram consigo a Geografia de La Blache, Brunhes, Reclus e, posteriormente, de Sorre, George, Tricart e Hartshorne.

O geógrafo João Lima Sant'Anna Neto (2015) identifica as matrizes da climatologia geográfica brasileira[141], bem como as matrizes monterianas[142]. Em uma outra perspectiva, Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa (2001) identificam as matrizes da Geografia cultural. A utilização, por parte desses geógrafos, da noção de matriz não significa, todavia, que partem do pressuposto que Barros (2011) anuncia. Cabe apenas ponderar que Ruy Moreira, Sant'Anna Neto e Rosendahl & Correa realizam um exercício de rastreamento das origens dos temas por eles elegidos, caracterizando, pois, o princípio fundamental do conceito de matriz, que é, por assim dizer, o sentido de mãe, daquilo que gera.

Nesse mostruário de conceitos, o termo tradição, juntamente com paradigma, talvez seja um dos mais discutidos e controversos nas ciências humanas. Seu sentido originário remete à prática religiosa, na personificação de doutrinas transmitidas através das eras. Amiúde, sua definição mais rasa atrela-se a um patrimônio do passado que é preservado e chega ao presente, ainda vivo. Silva e Silva (2009), acompanhando essa primeira definição, indicam que a tradição é

[141] Consultar o Capítulo 1: As Matrizes da Construção da Climatologia Geográfica Brasileira.
[142] Referindo-se ao geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

também um conjunto de práticas e, consequentemente, de valores dos coletivos sociais – dessa forma, o conceito de tradição imbrica-se com as noções de cultura e folclore.

Além dessa primeira e resumida definição, Silva e Silva (2009) indicam, ainda, outras perspectivas: uma relacionada à ideia, às vezes contraditória, entre tradição e modernidade – a primeira do atrasado e a segunda do novo. Indica, também, o conceito utilizado por Eric Hobsbawm de *tradições inventadas*, conceito este que procura denominar as práticas de ordem ritual e simbólica. Em síntese, a ideia de tradição

> [...] possui muitos significados: pode estar atrelada ao conservadorismo e ao resgate de periódicos passados considerados gloriosos; pode ser inventada para legitimar novas práticas apresentadas como antigas. Muitas vezes é pensada como imóvel, mas hoje cada vez mais estudiosos percebem suas ligações com as mudanças. Está ligada ao folclore, à cultura popular e à formação de identidades (Ibid. p. 408).

Na Geografia, uma das utilizações mais conhecidas e debatidas foi realizada pelo geógrafo David Livingstone em *The Geographical Tradition: Episodes in the History of a Contested Enterprise*, de 1992. Na Geografia brasileira, a geógrafa Rosana Figueiredo Salvi (2013) se destaca, estabelecendo um diálogo mais próximo com a filosofia da ciência e do filósofo Larry Laudan. Apropriar-se do conceito de tradição para buscar compreender "tradições" na Geografia, ou uma "tradição geográfica" na sociedade é tão complexo quanto o próprio conceito de tradição[143].

Escolas, correntes, matrizes, paradigmas e tradições são apenas alguns dos termos utilizados pelos geógrafos para ler e, às vezes, cristalizar o saber geográfico no tempo. Outros termos aqui deixaram de ser mencionados que, com frequência, vêm aparecendo nos textos nos últimos anos, a exemplo dos conceitos de *estilos e coletivos de pensamento*, do médico polonês Ludwik Fleck (1896-1961)[144], das comunidades científicas[145]. Aparecem, ainda, outros termos menos debatidos conceitualmente, mas que, na teoria da história, são motivo de calorosos debates – são esses os termos: *etapas*[146]*, fases e momentos*. Poderíamos ir além e traçar as estratégias que remetem ao futuro, como *perspectivas e tendências*, bem como os procedimentos de compreensão de determinado saber, como o contexto

[143] Um debate ainda mais intrigante do ponto de vista da filosofia e da sociologia da ciência foi realizado por Larry Laudan em *O progresso e seus problemas*. Laudan (2010 [1978], p.113) acrescenta que "uma tradição de pesquisa é, então, um conjunto de afirmações e negações ontológicas e metodológicas".
[144] Consultar Fernandes (2009, 2013) e Campos (2012).
[145] O geógrafo Horácio Capel detém uma ampla bibliografia com utilização da noção de comunidade científica.
[146] Por exemplo, em René Clozier: *Les étapes de la Géographie*, Paris, PUF, 1942; Trad. Cast.: *Las etapas de la Geografia*, Barcelona, Editorial Surco, 1945.

ou a *abordagem contextual* do geógrafo Vincent Berdoulay. Merece atenção, por fim, um estudo do conceito de *influência* que geralmente aparece, referindo-se *"às influências que determinaram o pensamento de tal geógrafo"*, e das abordagens, buscando substituir, de um modo mais modesto, os termos escola, corrente e paradigma.

E quanto ao papel das dissertações e teses nesta discussão?

Algumas dissertações e teses, de modos distintos, ocuparam-se desses "movimentos" das ideias, por exemplo, o humanismo, a geografia quantitativa etc. Os trabalhos por nós agrupados somam um total de 17 – sete dissertações e dez teses. A primeira dissertação dessa natureza foi elaborada por Werther Holzer – *A Geografia Humanista – Sua Trajetória de 1950 a 1990,* de 1992, sob orientação do geógrafo Maurício de Almeida Abreu[147]. Consideramos como a primeira tese o estudo de Élvio Rodrigues Martins – *Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico*, de 1997, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva[148], que trata, entre outros temas, dos fundamentos lógicos da Geografia, buscando romper a herança lógico-metodológica.

Além desses temas, há trabalhos sobre o movimento de renovação[149], da Geografia quantitativa[150], entre outros temas. Trabalhos desse gênero, que buscam a compreensão do movimento das ideias, são de difícil classificação, considerando os critérios por nós estabelecidos. Acreditamos, no entanto, que a tentativa de reuni-los já é um primeiro passo rumo ao mapeamento desses pesquisadores.

6.1.2.8 Geografia escolar (geral e específica)

Nesta seção, diferentemente da seção de Geografia acadêmica, reunimos trabalhos que se detiveram ao ensino de Geografia do ponto de vista da escola, bem como do papel dos livros didáticos, ou seja, a Geografia no ambiente escolar. Do mesmo modo que na seção da Geografia acadêmica, houve estudos específicos e outros de abrangência nacional.

O número de dissertações e teses nesta variável compõe uma quantidade um tanto quanto diminuta. Foram apenas 11 trabalhos – as dissertações representam a maioria, com oito investigações, e as teses com apenas três estudos. A primeira dissertação foi realizada em 1990, por Diamantino Alves Correia Pereira

[147] Participaram da banca os geógrafos Maria do Carmo Corrêa Galvão, Lia Osório Machado, Roberto Lobato Corrêa e Milton Santos.
[148] Participaram da banca os geógrafos Maria Encarnação Beltrão Sposito, Ruy Moreira, Odette Carvalho de Lima Seabra e Heinz Dieter Heidemann.
[149] Consultar Scarim (2001) e Pedrosa (2013).
[150] Consultar Lamego (2006; 2010).

– *Origens e consolidação da tradição didática da Geografia Escolar Brasileira*, sob orientação do geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira. A primeira tese foi elaborada por Levon Boligian – A *cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil*, de 2010, sob orientação da geógrafa Rosângela Doin de Almeida[151].

Esses estudos distribuem-se entre a trajetória da disciplina através dos currículos[152], de educadoras específicas[153], teorias geográficas no currículo escolar[154] etc. A Geografia escolar, nesse sentido, é um dos campos mais promissores para se compreender a história da Geografia, uma vez que há uma íntima relação com a história da educação brasileira, e a Geografia como visão de mundo teve protagonismo ímpar.

6.1.2.9 Cartografia

A representação do mundo através de diferentes dimensões e escalas, sobre diferentes temas e modos de olhar: eis uns dos mecanismos mais antigos de representar a Terra – a cartografia. De mãos dadas com a Geografia, considerada nos dias atuais como um campo autônomo do saber, a cartografia é também objeto de estudos por parte dos geógrafos historiadores da Geografia.

A expressividade dos procedimentos cartográficos na Geografia alcança, hoje, praticamente todos os tipos de investigações elaboradas pelos geógrafos, o que é de fato curioso, uma vez que tal procedimento – o de mapear – remonta às origens do que entendemos, *grosso modo*, como atividade científica de ordem geográfica.

Desde os mapas rupestres, passando pelas cartas náuticas até às sofisticadas tecnologias que hoje conhecemos como SIG (Sistemas de Informação Geográfica), é possível notar o peso da cartografia na análise e construção de mundo na e através da Geografia. Esses temas, e muitos outros, não passaram despercebidos pelos investigadores da história da Geografia. Tamanha foi a atenção dada a esse seguimento que muitas das primeiras histórias da Geografia entendiam o passado desta em associação, exclusivamente, com os descobrimentos, e estes por meio da representação através dos mapas. Esse tipo de história da Geografia, que de fato caracterizou-se como o mais recorrente até metade do século XX, recebeu diversas críticas. Mas, na história da Geografia, que vem se especializando em

[151] Participaram da banca as geógrafas Sonia Maria Vanzella Castellar e Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza, a socióloga Conceição Aparecida Cabrini e a cartógrafa Maria Isabel Castreghini de Freitas.
[152] Consultar Rocha (1996).
[153] Consultar Oliveira (2008) e Souza (2011).
[154] Consultar Carvalho (1999).

determinados temas, há de se reconsiderar o papel da cartografia no interior do saber geográfico enquanto escultora do mundo, possivelmente em perspectivas mais contextuais do que aquelas dos primeiros geógrafos que mergulharam nesse domínio.

As dissertações e teses produzidas no Brasil que focaram nessa temática somam 11 trabalhos – cinco dissertações e seis teses. A primeira dissertação foi realizada por Luis Cavalcanti da Cunha Bahiana – *Contribuições ao estudo da questão da escala na geografia: escalas em geografia urbana*, de 1986, sob orientação de Olga Maria Buarque de Fredresh[155]. A primeira tese foi concluída em 2000, por Rosely Sampaio Archela *Análise da Cartografia Brasileira – bibliografia da cartografia na geografia no período de 1935-1997*, sob orientação da geógrafa Maria Elena Ramos Simielli[156].

Os termos-chave que resumem as dissertação e teses nesta variável, distribuem-se entre a produção do papel e sua importância na produção dos mapas, a questão das escalas de representação dos fenômenos, as representações das fronteiras e, por fim, os Sistemas de Informação Geográfica – SIG.

6.1.2.10 Literatura

A poesia, os romances, a música e todas as manifestações do que entendemos por arte, estão presentes em todas as instâncias da vida – a relação dialógica entre ambas não isenta a Geografia, ou seja, o saber geográfico é parte e, muitas vezes, condutor do poder de criação dos homens. A imaginação telúrica, bem como a criação e representação de mundos quiméricos, foi durante muito tempo um recurso que o saber geográfico, de maneira fluida, conseguiu materializar na visão de mundo do humano. O mito, o folclore, a criação de deuses, a denúncia e a militância, preconceitos, o subjetivo e o hipotético, bem como, e além disso, o inventado e as metáforas minam da relação entre o saber geográfico e a literatura – da Geografia e da Arte.

O recrudescimento dos estudos que valorizam a relação entre a literatura e a Geografia atualmente, do ponto de vista da imaginação, já estava presente em Dardel e Wright. No Brasil, por exemplo, os geógrafos Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Lívia de Oliveira são alguns dos nomes desses estudiosos que relacionam a Geografia e a literatura. Na produção de dissertações e teses, esses estudos detêm uma expressividade considerável. No nosso caso, *do saber geográfico como objeto em uma perspectiva histórica,* essas dissertações e teses

[155] Participaram da banca o geógrafo Roberto Lobato Corrêa e a socióloga Ana Clara Torres Ribeiro.
[156] Participaram da banca os geógrafos Miguel Cesar Sanches, Ana Maria Marques de Camargo Marangoni, Ruth Youko Tsukamoto e Sonia Maria Vanzella Castellar.

compreendem um total de 38 investigações – 32 dissertações e seis teses.

Praticamente na integralidade dessas dissertações e teses, os autores buscam as categorias analíticas da Geografia em obras clássicas da literatura nacional. A paisagem, o lugar e sobretudo o espaço são os objetos que esses investigadores procuram identificar em diversos romances. Um outro caminho, também presente nesses trabalhos, é a busca da regionalização de determinados lugares, como o Sertão, as Minas Gerais, tendo a literatura desempenhado grande papel para legitimar essas imagens regionais.

A primeira dissertação com essas características foi realizada por Solange Terezinha de Lima Guimarães – *A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas*, de 1990, sob orientação da geógrafa Lívia de Oliveira[157]. A primeira tese foi realizada em 1997, por Vernaide Medeiros Wanderley – *A Pedra do Reino: Sertão vivido de Ariano Suassuna*, também, sob orientação da geógrafa Lívia de Oliveira[158].

Os autores mais estudados foram João Guimarães Rosa, com quatro, seguido por João Cabral de Melo Neto, com três. Demais personagens, como Ariano Suassuna, Machado de Assis, Chico Buarque e Monteiro Lobato detiveram dois estudos cada. No Gráfico 11, é possível consultar esses dados com detalhes.

Gráfico 11:Número de personagens de outras formações pesquisados

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor)e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).**Organização e elaboração:** Guilherme dos Santos Claudino.

De um modo geral, as dissertações e teses, em sua maioria, dialogaram com os romances; porém, isso não significa que não possa haver a busca do geográfico em outras manifestações, como na música e nas esculturas. Geografia e

[157] Participaram da banca os geógrafos Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado e Oswaldo Bueno de Amorim Filho.

[158] Participaram da banca os geógrafos Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Solange Terezinha de Lima e Lineu Bley, e o sociólogo Paulo Henrique Novaes Martins de Albuquerque.

arte compõem um campo amplo, os estudos do ponto de vista histórico dessa relação só vêm a enriquecer o patrimônio da história da Geografia brasileira.

6.2 Os estudos de perfil teórico-conceitual e propositivo

Um saber, na condição de objeto, não apenas pode ser investigado em seu aspecto histórico, mas também, e em complemento a este último, pode ser estudado através da epistemologia, gnosiologia, da ontologia e da lógica. O título desta seção tem um objetivo muito claro referente às dissertações e teses:

É teórico porque estabeleceu uma discussão sobre uma(s) teoria(s).

É conceitual porque estabeleceu uma discussão sobre algum(ns) conceito(s) ou categorias.

É propositivo porque *propôs* métodos e/ou modelos de análise.

Esse caudal, no entanto, pode estar presente em um estudo de perfil histórico. Contudo, como já desenvolvemos, seus objetivos e ênfases direcionam-se à investigação histórica; por isso, então, a denominação história da Geografia ou história do pensamento geográfico. Já os estudos dessa dimensão estão mais próximos da atividade filosófica; mas não se reduzem, todavia, apenas à especulação, direcionam-se, também, à sociologia.

O exercício conceitual, teórico e propositivo acompanha o saber geográfico desde o início da Geografia enquanto um campo autônomo do saber, talvez até antes. A preocupação, por exemplo, do objeto dessa ciência, sobre o *que é* a Geografia, onde *começa e termina* o conhecimento geográfico, são algumas das questões que orientam e que orientaram tais estudos.

6.2.1 Dissertações e Teses

Como nas dissertações e teses de perfil histórico, iremos de maneira sintética e resumida apresentar as investigações que giraram em torno de teorias, conceitos, categorias e, também, de proposições metodológicas. Para alcançar esse objetivo, caminhamos através das seguintes variáveis no interior desta segunda dimensão.

- Teorias.
- Conceitos e categorias.
  - Espaço.
  - Lugar.
  - Paisagem.
  - Região.
  - Território.
- Outros.
  - Natureza.
  - Ensino.
- Métodos.
- Epistemologia.
- Ontologia.

A expressividade dos estudos nesta segunda dimensão é menor. Todas essas variáveis agregam um conjunto de 108 dissertações e teses. Seguiremos com a exposição, na mesma ordem em que se apresenta o encadeamento dessas variáveis. A variável *conceitos* e *categorias* desdobra-se em outras cinco (espaço, lugar, paisagem, região e território), bem como em outros (cujo conceito de natureza e ensino são analisados separadamente). Assim como nos estudos de perfil histórico, nesta dimensão é possível que uma dissertação ou tese esteja em mais de uma variável. Nos apêndices, é possível consultar em detalhes cada dissertação e tese de cada variável.

6.2.1.1 Teorias

O significado de teoria, em seu sentido mais antigo, denota especulação de natureza abstrata – um tipo de conhecimento que se retira do concreto e da experiência sensível. Essa definição remonta à figura de Aristóteles, na antiga Grécia (JAPIASSU, 1990; ABBAGNANO, 2007). O sentido de teoria que recorreremos é diferente dessa primeira definição, embora tenha relação com ela.

A definição de teoria, no sentido que aqui será aplicado, levou em conta o modo como foi compreendida pelas dissertações e teses que se voltaram a esse tema. Entendemos por teoria "um modelo explicativo de um fenômeno ou conjunto

de fenômenos", assim como um "conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas que pretende, através de sua verificação, confirmação, ou correção, explicar uma realidade determinada" (JAPIASSU, 1990, p.183).

Na Geografia, muitas teorias foram utilizadas de outras ciências, tornando-se, desse modo, difícil precisar quais foram e quando surgiram as teorias da Geografia. Entretanto, uma teoria, através da resumida definição que apresentamos, pode não compreender as diversas manifestações de entendimento pelos geógrafos. Sposito (2004), por exemplo, num exercício de ordem didática e pedagógica, selecionou três teorias: o *ciclo de erosão*, elaborado por William Davis (1850 -1934); *as localidades centrais*, de Walter Christaller (1893-1969); e *os dois circuitos da economia urbana*, de Milton Santos, procurando exemplificar a utilização e a criação de teorias na Geografia.

As dissertações e teses que se ocuparam à compreensão de teorias somam um total de nove trabalhos, contando com cinco dissertações e quatro teses. A primeira dissertação foi realizada por Olindina Vianna Mesquita – *O estado Isolado de Von Thunen*, sob orientação do geógrafo Pasquale Petrone[159]. Esses dois estudos podem ser considerados os primeiros a analisar uma teoria cujo foco principal é o mundo rural; os dois autores, no entanto, trilham caminhos opostos com respeito à análise da proposta thuniana.

A tese que inaugura a incorporação da discussão sobre teoria foi realizada pelo geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, com o trabalho intitulado *Teoria e Clima Urbano*[160], de 1975. Monteiro, em resumo, dá à análise climática o olhar geográfico, constituindo-se, assim, a Climatologia Geográfica (SANT'ANNA NETO, 2001).

A Teoria dos Lugares Centrais de Chistaller também foi objeto de estudo através da dissertação de Mario Antonio de Eufrásio, em 1982, intitulada *A Estrutura da Teoria dos Lugares Centrais de W. Christaller*, sob orientação do geógrafo Manoel Fernando Gonçalves Seabra. Uma tese que também dirigiu-se à proposta de Christaller foi realizada por Luiz Augusto Ablas, denominada *Teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas: estudo de caso de São Paulo*, concluída em 1978, sob orientação da geógrafa Nice Lecocq Müller. Outros estudos ligados ao urbano também foram realizados no que diz respeito às teorias das cidades mundiais[161] e das localizações industriais[162]. Quanto às novas tecnologias de análise geográfica, chegamos apenas ao trabalho de Lindon Fonseca Matias – *Sistema de Informações Geográficas (SIG: Teoria e Método para representação do espaço Geográfico*, de 2001, através da orientação do geógrafo

[159] Mesquita defendeu a dissertação em março de 1978; já Oliveira, no mês de novembro.
[160] Tese de Livre-Docência.
[161] Consultar Sousa (2008).
[162] Consultar Araújo (2001).

Marcello Martinelli[163].

Os estudos propriamente ditos 'de teorias' ainda são rudimentares na Geografia brasileira do ponto de vista de dissertações e teses. Questionemos: A que se deve tal fato? À falta de teorias? À complexidade do tema? Ao pouco incentivo para estudos de natureza teórica? Não sabemos. Cabe um estudo específico para essas questões.

6.2.1.2 Conceitos e Categorias

Nesta seção, discutiremos os conceitos e as categorias presentes em dissertações e teses como objeto de análise. Deixamos conceitos e categorias no mesmo espaço devido ao não consenso entre os geógrafos sobre *o que é* e *o que não é* conceito e categoria na Geografia. Isto posto, elegemos quatro termos-chave[164], sendo estes: espaço, lugar, paisagem, região e território. Outros termos, como meio, ambiente e natureza, alocamos para uma variável específica, a qual denominamos de *outros*.

Dada essas primeiras informações, perguntemos: o que é um conceito e/ou uma categoria?

Um conceito, em geral, "é todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis", podendo "incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual" (ABBAGNANO, 2007, p. 164).

A categoria, segundo Japiassu (1990), geralmente vem sendo utilizada como sinônimo de noção ou de conceito; no entanto, o autor alerta que o modo adequado de concebê-la é como uma unidade de significação de um discurso epistemológico. Abbagnano (2007), adiciona, ainda, que categoria é uma expressão que pretende servir como uma espécie de regra de investigação para qualquer campo, por exemplo, o espaço e o tempo.

Em qualquer ciência, e a Geografia não escapa à regra, utiliza-se de conceitos e categorias para sustentar e fazer avançar o saber, seja através da "apropriação" de outras ciências e da filosofia, ou, simplesmente, pela "criação", através da história, da própria disciplina pelos indivíduos que a praticam.

A eleição das noções de espaço, lugar, paisagem, região e território como conceitos e categorias é uma espécie de recorte que realizamos no universo das dissertações e teses produzidas no Brasil. Talvez, outros conceitos e categorias

[164] Utilizamos, como recurso, a palavra termo para que não sobrepusesse à ideia de conceito ou categoria, uma em detrimento a outra. Que fique claro que estamos, ao mesmo tempo, referindo-nos a conceitos e categorias.

estejam no interior dessa produção, configurando-se, desse modo, um trabalho de característica mais ampla. Julgo, contudo, que esses conceitos e categorias eleitos compõem um bom material para compreendermos o que vem sendo investigado no assunto.

6.2.1.3 Espaço

O espaço talvez seja um dos assuntos mais debatidos do ponto de vista teórico e conceitual na Geografia brasileira. Há praticamente um consenso entre os geógrafos de que o espaço é o objeto da Geografia. Seja em negação ou aceitação do espaço como objeto dessa ciência, ele sempre está presente nos assuntos direcionados ao saber geográfico em sociedade.

Dissertações e teses são uma pequena fração de arriscadas reflexões sobre o espaço no universo que é a Geografia brasileira. Se o leitor, nesse ponto do trabalho, ainda não compreendeu o que estamos entendendo por um *saber como objeto e que esse saber tratado como tal é investigado através de diversos modos*, não poderá acompanhar o raciocínio que estamos desenvolvendo. O espaço, como um conteúdo ou uma condição, está presente – e não temos dúvida quanto a isso – em todas as dissertações e teses, de certo modo, como um objeto. No entanto, do ponto de vista *teórico-conceitual e propositivo*, poucos trabalhos se detiveram ao mesmo.

Nove trabalhos compõem esta variável – cinco dissertações e quatro teses. A primeira dissertação foi realizada por Ana Fani Alessandri Carlos – *Reflexões sobre o Espaço Geográfico*, de 1979, sob orientação da geógrafa Nice Lecoq Muller. A primeira tese foi realizada por Ruy Moreira – *Espaço, corpo do tempo: a construção geográfica das sociedades*, em 1994, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva.

Além desses primeiros estudos, houve investigações do espaço e sua presença em Milton Santos[165], do ciberespaço como categoria geográfica[166], do espaço e do imaginário[167], assim como uma teoria do espaço sagrado[168].

Investigações dessa natureza voltaram-se para outros conceitos e categorias, como lugar, paisagem, região e território. É o que desenvolveremos a seguir.

[165] Consultar Silva (1994).
[166] Consultar Silva (2013).
[167] Consultar Menezes (2010).
[168] Consultar Pereira (2014).

6.2.1.4 *Lugar*

A noção de lugar na Geografia ganhou expressividade nas últimas décadas. Em geral, o lugar refere-se ao mundo do cotidiano das pessoas, uma espécie de escala menor para representar e compreender os fenômenos sociais do ponto de vista geográfico. Associado, com demasiado exagero, à Geografia humanista e à fenomenologia, o lugar aparece também em outras perspectivas teóricas. Cabe ponderar, contudo, que a importância e a atenção que os geógrafos humanistas e fenomenológicos dão ao lugar são maiores do que recebem as outras perspectivas. Isso não significa, pois, que o lugar, assim como qualquer outro conceito ou categoria, seja uma espécie de propriedade de um conjunto de praticantes de ciência.

Quanto às dissertações e teses, a expressividade de estudos é pequena, assim como demonstramos a respeito do espaço. No total, são sete trabalhos, somente dissertações. A primeira foi realizada por Iole Iliada Lopes – *O Lugar da Razão e a Razão do Lugar: Uma Aproximação Preliminar entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Geografia*, de 1997, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva. Sete anos depois, haverá outra, elaborada por Rosana Rios Corgosinho – *O lugar no mundo contemporâneo*, sob orientação do geógrafo Cássio Eduardo Viana Hissa[169]. Duas dissertações merecem ser citadas: a de Giovane da Silva Mota – *Contribuições para uma Teoria Geográfica do Lugar*, de 2006, sob orientação da geógrafa Janete Marilia Gentil Coimbra de Oliveira e coorientação do geógrafo Ruy Moreira; e também a de Shanti Nitya Marengo – *A espessura do lugar: leitura sobre o lugar nos Simpósios nacionais de geografia urbana*, de 2010, sob orientação do geógrafo Wendel Henrique[170].

Os trabalhos restantes relacionaram mais de um conceito na respectiva investigação, a exemplo da proposta de Matusalém Duarte (2006) e Mariane Fernandes (2013), estudando o lugar e o território, e de Werther Holzer (1998), entre a paisagem e o lugar.

6.2.1.5 *Paisagem*

Paisagem, noção que divide espaço entre a ciência e a arte, tem na Geografia um lugar ímpar. O eclipse da junção entre arte, ciência e Geografia provavelmente tenha se dado em Humboldt, cujo romantismo alemão também teve papel fundamental em sua Geografia.

[169] Participaram da banca os geógrafos Geraldo Magela Costa e Ralfo Edmundo da Silva Matos.
[170] Participaram da banca os geógrafos Pedro Almeida Vasconcelos e Nelba Azevedo Penha.

As dissertações e teses deste eixo, em sua maior parte, detiveram-se à paisagem com o campo visual e com a Geografia humboldtiana. Esses trabalhos compreendem um total de sete investigações – três dissertações e quatro teses. A primeira dissertação foi realizada por Herbe Xavier – *A observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico*, de 1990, sob orientação da geógrafa Lívia de Oliveira[171]. A primeira tese foi realizada por Cláudio Benito de Oliveira Ferraz – *Geografia e paisagem: entre o olhar e o pensar, de 2001*, sob orientação do geógrafo Heinz Dieter Heidemann[172].

Houve, ainda, estudos da relação entre a paisagem e a cultura por Yanci Maria (2010), do conceito jurídico de paisagem no Brasil por Maraluce Custodio (2012) e da paisagem vista sobre a ótica das proposituras por Merleau-Ponty de Ulisses Fernandes (2009). Quanto à paisagem em Humboldt, a dissertação de Josevan Santos (2012) centra-se, basicamente, na relação entre Kant, Goethe e Schopenhauer como possíveis influências do conceito de forma-paisagem em Humboldt. Outro trabalho foi a tese do geógrafo Roberison Silveira (2012) articulando filosofia, arte e ciência para o entendimento da paisagem na obra de Humboldt.

Assim como as noções de espaço e lugar, a paisagem também recebeu poucas investigações. Isso não significa que esses conceitos e categorias não estejam sendo utilizados nas pesquisas de perfil empírico.

6.2.1.6 Região

A palavra região denota um conjunto variável de significados. Aparece através de metáforas, às vezes, como recurso majoritariamente ideológico, cuja utilização é feita para a construção de fronteiras, muitas vezes, imaginárias, tornando-se assim um aporte político. Tão antiga quanto a própria Geografia, a palavra região remonta à Antiguidade, na figura dos gregos (LENCIONE, 2009).

Na pós-graduação brasileira, esses estudos representam uma quantidade pequena. Em conjunto, são oito trabalhos – três dissertações e cinco teses. Diferentemente das investigações sobre o espaço, o lugar e a paisagem, aquelas sobre a noção de região são mais precisas, com pouca dispersão entre outros temas no interior das dissertações e das teses. A primeira dissertação foi realizada por Marilourdes Lopes Ferreira – *Problemas conceituais e metodológicos na Geografia: o conceito regional*, em 1978, sob orientação do geógrafo Speridião Faissol. A primeira tese, todavia, remonta à década de 1960, com a Tese de Livre-

[171] Participaram da banca Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado e Oswaldo Bueno Amorim Filho.

[172] Participaram da banca os geógrafos Silvio Carlos Bray, Antonio Thomaz Júnior, Sonia Maria Vanzella Castellar e Gil Sodero de Toledo.

Docência de Milton Santos – *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia*, realizada na hoje Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Merecem destaque, ainda, as dissertações de: Paulo César da Costa Gomes – *As razões da região*, de 1988, sob orientação da geógrafa Bertha Koiffman Becker[173]; Mauro Luiz Peron – *O Conceito de Região em Geografia: um estudo preliminar*, de 1997, sob orientação do geógrafo Heinz Dieter Heidemann; Thiago Macedo Alves de Brito – *Região: leituras possíveis de Milton Santos*, de 2007, sob a orientação do geógrafo Cássio Eduardo Viana Hissa[174].

Quantos às teses, destacamos as dos seguintes geógrafos: Meri Lourdes Bezzi – *Região: Uma (RE) Visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas*, de 1997, sob a orientação da geógrafa Lucia Helena de Oliveira Girardi[175]; Sandra Lencioni, com a Tese de Livre-Docência – *Região e Geografia: uma introdução ao estudo da noção de região*, de 1997; Paulo Roberto Teixeira de Godoy – *A (des) Construção do Espaço Regional*, de 2002, sob orientação do geógrafo Silvio Carlos Bray[176]; Celio Augusto da Cunha Horta – *Geografia Regional: Um resgate Teórico Macro-Escalar*, de 2011, sob a orientação da geógrafa Ester Limonad[177].

Vamos agora ao *território* que, nos últimos anos, tornou-se um dos temas mais discutidos e utilizados nas investigações dos geógrafos brasileiros.

6.2.1.7 Território

O território aparece em diversas disciplinas sociais, mas é na Geografia que sua utilização e atenção têm maior expressividade (CAPEL, 2016). Tal utilização, inclusive, levou muitos geógrafos a um emprego exagerado para diversos fenômenos, que nem sempre cabem na ideia de território (TURRA NETO, 2015).

Com um rápido levantamento no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, é possível identificar a presença do território nos títulos ou nas palavras-chave dos trabalhos, revelando um extraordinário número de investigações que o empregaram. Aos objetivos do nosso trabalho, e considerando os critérios por nós adotados, o número de investigações, do ponto de vista teórico e conceitual a respeito do território, é irrisório.

No total, compreendem, apenas, quatro trabalhos, sendo duas

[173] Participaram da banca os geógrafos Maurício de Almeida Abreu e Roberto Lobato Corrêa.
[174] Participaram da banca o geógrafo Geraldo Magela da Costa e o sociólogo José Geraldo Pedrosa.
[175] Participaram da banca os geógrafos Silvio Carlos Bray, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Vera Maria Favila Miorin e Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva.
[176] Participaram da banca os geógrafos João Cleps Junior, Sandra Lencioni, Pompeu Figueiredo de Carvalho e Fátima Rotundo da Silveira.
[177] Participaram da banca os geógrafos Cláudio Antônio Gonçalves Egler, Jan Bitoun, Ruy Moreira e Jorge Luis Barbosa.

dissertações e duas teses. A primeira dissertação foi elaborada por Elias Coimbra da Silva – *O texto enquanto território-processo de territorialização na redefinição do pensar: Uma contribuição a partir de mil platôs*, de 2010, sob orientação do geógrafo Jones Dari Goettert[178]. A primeira tese foi realizada por Iole Iliada Lopes – *O Território e os Estados Pós-Nacionais: uma abordagem Geográfica das Teorias recentes de Jürgen Habermas*, de 2005, sob orientação do geógrafo Antonio Carlos Robert Moraes[179].

Após esses dois primeiros trabalhos, só restam mais dois: a dissertação de Mariane de Oliveira Fernandes – *Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: A produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia 2001-2011*, de 2013, sob a orientação da geógrafa Vera Maria Favila Miorin[180] e a tese da geógrafa Ana Cristina da Silva – *O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias*, de 2010, sob orientação da historiadora Eda Maria Góes[181].

Essa pequena expressividade de dissertações e teses não representa, todavia, que o território, do ponto de vista teórico, não tenha pesquisas. Exemplo disso são as investigações realizadas pelos geógrafos Bernardo Mançano Fernandes, Marcelo Lopes Souza, Marcos Aurélio Saquet e Rogério Haesbaert, entre outros autores, as quais representam avanços significativos no que se refere ao território enquanto conceito ou categoria.

6.2.1.8 Outros

Geralmente, a palavra "outros" aparece como um lugar onde são alocados um conjunto de objetos não classificáveis através das categorias então previamente elegidas. Justamente, em nosso caso, não foi diferente. Há dissertações e teses que trataram de conceitos e categorias, porém não foi possível inseri-las nos eixos previamente elaborados. Isso não significa, no entanto, que consideramos tais trabalhos como menos importantes. Muito pelo contrário, a condição da impossibilidade de classificá-los representa e revela a fragilidade dos eixos aqui elegidos, isto é, nossos procedimentos. Burke (2003), a propósito desse assunto, diz que é preciso dar atenção aos "outros" para procurar entender a resistência dos mesmos aos sistemas de classificação.

As dissertações e teses que estão neste eixo somam um conjunto de nove trabalhos – cinco dissertações e quatro teses. A primeira dissertação foi elaborada

[179] Participaram da banca os geógrafos Marcos Bernardino de Carvalho e Ricardo Abid Catillo, o filósofo Gildo Marcal Bezerra Brandão e o economista e historiador Jorge Luis da Silva Grespan.
[180] Participaram da banca as geógrafas Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira e Gilda Maria Cabral Benaduce.
[181] Participaram da banca os geógrafos Eliseu Savério Sposito, Mária Mónica Arroyo, José Borzacchielo da Silva e o filósofo Ildeu Coelho da Silva.

por Alexandrina Luz Conceição – *A Questão Camponesa: olhar sob o signo dialético*, em 1991, sob orientação do geógrafo Heinz Dieter Heidemann. A primeira tese foi realizada por Nelson Rodrigo Pedon – *Movimentos Socioterritorias: uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica*, em 2009, sob orientação do geógrafo Bernardo Mançano Fernandes[182].

Além desses, há estudos sobre o conceito de meio na Geografia por Carlos Geraldino (2010), o conceito de América Latina por Pedro Quental (2010), o conceito de agronegócio por Maria Mendonça (2013) e o conceito de ambiente discutido por Alcindo Neckel (2014).

Esses estudos, assim, não se amoldaram nos eixos apresentados anteriormente no interior da variável conceito e categoria, por isso, então, os agrupamos separadamente. Nesse mesmo âmbito, os estudos sobre a noção de natureza e ensino destacaram-se por um maior número de dissertações e teses do que os demais e, por isso, resolvemos analisá-los separadamente.

6.2.1.8.1 Natureza

A natureza é um assunto não somente da Geografia, mas da ciência em geral e também da filosofia. O modo como a natureza é compreendida nesses âmbitos do saber detém histórias particulares, mas ao mesmo tempo mantém relação com o desenvolvimento efetuado na Geografia, uma vez que a compartimentação do saber não é desligada do movimento próprio da sociedade na história.

Abbagnano (2007) indica três pontos gerais sobre a significação da natureza. O primeiro é que a natureza se associa à ideia de movimento ou substância, o segundo à uma ordem necessária ou uma conexão causal e, por último, a natureza aparece como uma exterioridade, em contraposição à interioridade da consciência. Na Geografia, a natureza é motivo de calorosos debates, de tal modo que no interior da comunidade de geógrafos, e sobretudo nos departamentos, é fácil encontrar aqueles que se denominam geógrafos físicos e outros que se intitulam geógrafos humanos, associando à dimensão física do mundo como um atributo que qualifica e dá identidade a determinados geógrafos, da mesma forma com os assim chamados humanos.

A natureza enquanto conceito ou categoria não passou despercebida e, tal como as outras noções, tornou-se objeto teórico e conceitual, materializando

[182]Participaram da banca os geógrafos Eliseu Savério Sposito, Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, João Cleps Junior e Marcelo Rodrigues Mendonça.

reflexões em um conjunto de trabalhos. As dissertações e teses contam com um total de sete estudos – seis dissertações e uma tese.

A primeira dissertação neste eixo foi elaborada por Marcos Bernardino de Carvalho – *Uma Geografia do discurso sobre a natureza*, em 1992, sob orientação do geógrafo José William Vesentini[183]. A primeira e única tese foi elaborada por Thiago Macedo Alves de Brito – A *Natureza do Método e o Método da Natureza: exposição e crítica na formação do pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX*, de 2014, sob orientação do geógrafo Sérgio Manuel Merêncio Martins[184].

Além desses dois primeiros estudos, outros merecem ser citados, a saber: Gislene Santos (1998) buscou a ideia de natureza no filósofo Jean-Jacques Rousseau; Eliana Morais (2000) na prática cotidiana; Kalina Springer (2008) investigou as concepções de natureza na produção científica do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR; Leonardo Arantes da Silva (2009) buscou no filósofo Immanuel Kant indícios de uma Geografia da natureza, bem como da natureza da Geografia; e, por fim, Bianchi Gobbo (2012), relacionou o conceito de natureza no pantanal com a filosofia de Friedrich Nietzche.

6.2.1.8.2 Ensino (conceitos e categorias)

Os conceitos e categorias não apenas são objetos através de metanálises da ciência e do discurso propriamente filosófico. Os conceitos e categorias também podem ser analisados no ensino de Geografia e, assim, na prática do ensinar. Os livros didáticos, desse modo, tonam-se a fonte mais comum de análise e de busca de conceitos e categorias.

A expressividade dessa tipologia de investigação nos conduziu a elaborar um eixo no interior do "outros", cujo intuito é analisar com mais atenção essas investigações que, de certo modo, fogem ao padrão dos eixos anteriores. A diferença deste eixo com respeito aos demais consiste no alto teor de importância dada à análise de conceitos, categorias e noções chaves nos livros didáticos e/ou escolares. Ainda que nem todas as dissertações e teses deste eixo sigam tal regra, não é exagerado afirmar que a maior parte caminhe nessa direção.

No total, são 26 trabalhos –20 dissertações e seis teses. A primeira dissertação foi elaborada em 1993, por Denise Rockenbach – *A geografia urbana no livro didático*, sob orientação da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos. A primeira tese data de 1974, realizada pelo geógrafo e historiador Bernardo Issler,

[183] Participaram da banca a geógrafa Odette Carvalho de Lima Seabra e o sociólogo Edgard de Assis Carvalho.
[184] Participaram da banca os geógrafos Douglas Santos, Amélia Luísa Damiani, Claudinei Lourenço e o filósofo Antônio José Lopes Alves.

intitulada *A geografia e os estudos sociais*[185].

Estudos da cidade, do urbano e da urbanização no livro didático foram realizados por Marilene Matos (1995) e Nataly Cisternas (2012), e do conceito de natureza, tanto nos livros didáticos quanto nas propostas curriculares, por Claudinei Lourenço (1996), Túlio Barbosa (2006), Bianchi Gobbo (2012), David Santos (2012).

O conceito de paisagem também recebeu estudos, com Maria Cardoso (1999) e Marcelo Fontanive (2011); de região, com Lucineide Lopes (2009), Dulcimara Marinheiro (2009) e Reginaldo Abreu (2011); de território, com Clodoaldo Alencar (2009) e Joana Sampaio (2012); e de lugar, com Luan Silva (2014).

Apresentamos, resumidamente, alguns temas mais recorrentes. Esses trabalhos concluem a variável conceitos e categorias e nos permitem adentrar à próxima variável: métodos.

6.3 Métodos

Método, basicamente, detém dois princípios essenciais. É uma orientação de pesquisa e uma técnica de pesquisa. Quanto ao primeiro sentido, Abbagnano (2007) indica que não há uma clara distinção entre investigação e doutrina e, ao segundo, o entende como um procedimento de investigação. Esta segunda definição direciona-se, detidamente, à ciência, de modo que Japiassu (1990, p. 166) a compreende como um "conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras que visam atingir um objetivo determinado. Por exemplo, na ciência, o estabelecimento e a demonstração de uma verdade científica".

Seguindo a orientação de Japiassu, Sposito (2004) considera os métodos hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico os mais presentes na Geografia. Chama atenção, ainda, ao fato de que nos

> [...] manuais *The Dictionary of Human Geography*, de Johnston (1994), *Dicionário de Geografia*, da Editora Melhoramentos (1996), *Dicionário geológico-geomorfológico*, de Guerra & Guerra (1997), ou nos três volumes da *Encyclopédie de Géographie*, de Bailly (1993), não há nenhuma referência à palavra método. Apesar de serem apenas obras de referência, podemos deduzir que não há tradição de se discutir esse tema na Geografia e de que a aproximação dessa ciência com a Filosofia tem pouca significação no universo acadêmico (Ibid. p. 27-28).

[185] Nesta tese, no entanto, não foi possível identificar o nome do orientador no corpo do trabalho.

Sposito, assim, identifica uma negligência por parte dos geógrafos, no que diz respeito a obras, bem como a dicionários, de uma discussão mais centrada nos métodos. O método, para esse geógrafo

> [...] não existe como uma entidade simples e desconectada da realidade científica. Ele comporta, ao ser internalizado e utilizado pelo pesquisador, outros elementos. Esses elementos são, sem nenhuma preocupação de comparar suas importâncias, a doutrina, a teoria, as leis, os conceitos e as categorias (Ibid. p. 55).

Reflexões sobre o método na Geografia, em outras abordagens e enfoques, podem ser constatadas nas obras de Pierre Monbeig, *Os Métodos da Geografia*, de 1972, e em Milton Santos, *Espaço e Método*, de 1985.

Com este pequeno e breve panorama do método como objeto na Geografia, podemos passar às dissertações e às teses. Com um número muito pequeno de reflexões (o menor de todas as variáveis), tem-se apenas três trabalhos – uma dissertação e duas teses. A primeira e única dissertação foi realizada por Rosana Figueiredo Salvi – *O Tempo na Geografia Humana Brasileira como uma Categoria do Método*, de 1992, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva. A primeira tese foi o trabalho de Livre-Docência do geógrafo Eliseu Savério Sposito – *Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico*, em 2000.

Além desses dois estudos, é importante citar a tese de Júlio Cézar Ribeiro – *A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico*, de 2006, sob orientação do geógrafo Ruy Moreira[186].

A discussão do método, entendido como um caminho do pensamento ou um simples procedimento, certamente merece mais atenção. Contudo, em termos de dissertações e teses, dificilmente haverá um número considerável de trabalhos dessa natureza, visto que tal questão, sem nenhuma dúvida, é uma das mais complexas não só na Geografia, mas no próprio campo filosófico. Agrega-se a isso, também, a desenfreada especialização do exercício científico e, cada vez mais, diminui-se o tempo das etapas acadêmicas (mestrado e doutorado) – tais elementos, naturalmente, impedem investigações referentes ao método.

[186] Participaram da banca os geógrafos Paulo Roberto Raposo Alentejano, Jacob Binsztok, Marcos Antônio Campos Couto e Márcio Piñon de Oliveira

6.4 Epistemologia

Epistemologia nada mais é, em seu sentido mais geral, do que o estudo do saber. Japiassu (1990), de modo conciso, considera a epistemologia como uma disciplina que, de forma metódica e reflexiva, estuda o saber desde sua organização e formação até seu desenvolvimento e funcionamento como um produto da razão. Menciona, além disso, que a epistemologia pode ser compreendida através de três perspectivas. A primeira seria uma epistemologia global ou geral, quando o saber é considerado em seus aspectos de conjunto, ou seja, saberes tanto de ordem científica quanto de especulação. A segunda é a epistemologia particular que, diferentemente da epistemologia global que trata do saber em geral, centra-se em um campo do saber particular, sendo este tanto científico quanto especulativo. A terceira e última é a epistemologia específica, quando se centra apenas em uma disciplina, buscando estudá-la de forma detalhada e técnica, almejando, assim, mostrar sua organização e funcionamento.

A epistemologia enquanto um modo de estudar a Geografia, tal como a compreensão de saberes geográficos que fogem à condição disciplinaria, direciona-se a diversos caminhos de análise na pós-graduação brasileira. As dissertações e teses que, em seus títulos, resumos e palavras-chave, mencionaram a palavra epistemologia somam um total dez trabalhos. São, ao todo, cinco teses e cinco dissertações.

A primeira dissertação que se direcionou à epistemologia data de 2004, realizada por Dilermando Cattaneo – *Identidade Territorial em unidades de conservação: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental*, sob orientação da geógrafa Dirce Maria Antunes Suertegaray[187]. Já a primeira tese foi realizada por Élvio Rodrigues Martins – *Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico*, em 1997, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva[188].

Entre os trabalhos, podem ser consultados temas tais como a epistemologia do direito ambiental, pesquisado por Tony Carneiro (2008); a epistemologia da questão pós-moderna na Geografia humana, por Rosana Salvi (2000); o determinismo e influências ambientais, por Ilton Junior (2011), do ciberespaço e da cibergeografia, por Antonio Bernandes (2012); a teoria dos geossistemas e das sínteses naturalistas, por Lucas Cavalcanti (2013); e, também, a hidrogeografia, por Jose Pimenta (2014).

A epistemologia configurou-se, durante muito tempo, como um exercício de investigação do saber científico, sobretudo da ciência ocidental dos países majoritariamente do "norte". Atualmente, a epistemologia, sobretudo a produzida

[187] Participaram da banca os geógrafos Carlos Walter Porto Gonçalves, Roberto Verdum e Nelson Rego.
[188] Participaram da os geógrafos Ruy Moreira, Odette Lima Gonçalves Seabra, Maria Encarnação Beltrão Sposito e Heinz Dieter Heidemann.

pelos pesquisadores dos países do "sul", mira em outras direções, valorizando saberes de diversas ordens. Essa valorização de saberes produzidos nos países tidos como "subdesenvolvidos", ou do "sul", moveu alguns pesquisadores, como o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, a desenvolver conceitos como "epistemologias do sul" e "epistemicídio".

6.5 Ontologia

A ontologia é um tema que tem, essencialmente, uma ligação mais próxima com a filosofia, sobretudo, às vezes, como sinônimo de metafísica. A ontologia, em termos gerais, trata do ser e de suas características fundamentais. A ontologia, além do mais, lida com a essência do real (JAPIASSU, 1990; ABBAGNANO, 2007).

Na Geografia brasileira, basicamente, os estudos da ontologia dirigem-se à existência ou não do espaço (e do geográfico). Geógrafos como Armando Corrêa da Silva, Milton Santos, Antonio Carlos Robert Moraes e Ruy Moreira despontam como os, por assim dizer, primeiros geógrafos a introduzir, de modo sistemático, essa discussão no Brasil (MARTINS, 2007).

Na pós-graduação, esses estudos representam um total de nove trabalhos – quatro dissertações e cinco teses. A primeira dissertação foi realizada por Mariane de Oliveira Biteti – *Uma Reflexão sobre o Tema da Ontologia na Geografia*, de 2007, sob orientação do geógrafo Ruy Moreira[189]. A primeira tese foi realizada por Adilson Rodrigues Camacho – *A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento*, em 2008, sob orientação da geógrafa Amália Inês Geraiges de Lemos[190].

Além desses estudos, cabe citar as investigação de Humberto Guimarães (2010), analisando a existência espacial humana na Geografia científica; Samarone Marinho (2010), relacionando o homem, o lugar e uma Geografia da vida; Antonio Bernandes (2012), buscando a natureza do internauta através das perspectivas ontológicas; Reginaldo Calçavara (2013), investigando a Geografia crítica e o sentido da ontologia do espaço através do pensamento do filósofo Martin Heidegger; Danilo Souza (2014), realizando um balanço crítico da Geografia através da ontologia; Mariane Biteti (2014), que já havia desenvolvido a primeira dissertação nesse tema, avançou em direção ao ôntico e ontológico como dimensões do ser geográfico; e, por fim, Rodrigo Martoni (2014), direcionando-se para a relação entre a ontologia e o espaço turístico.

[189] Participaram da banca os geógrafos Carlos Walter Porto-Gonçalves e Élvio Rodrigues Martins.
[190] Participaram da banca os geógrafos Eliseu Savério Sposito, Élvio Rodrigues Martins, Francisco Capuano Scarlato e Eduardo Antonio Simões Geraldes.

O tema da ontologia na Geografia, cuja especificidade aqui é a pós-graduação, demonstra uma pequena produção de dissertações e teses, mesmo, ainda, distribuídas em temáticas diversas – assuntos como a ontologia do espaço, existência, homem, ser, estão presentes em todos os trabalhos.

6.6 Temas híbridos e difusos

Este eixo, diferentemente dos anteriores, poderia ser classificado como "outros". Porém, os estudos que consideramos atrás como "outros" trataram de conceitos, os mais diversos. Os "híbridos" ou "difusos", todavia, tratam de mais de um tema no interior da investigação e, além de não se deterem a conceitos ou categorias específicas, não pertencem às variáveis anteriores. São estudos que julgamos pertencentes à compreensão do saber geográfico, mas que são de difícil classificação. Para não descartá-las ao esquecimento, falaremos um pouco, em exposição, dessas dissertações e teses.

Estes estudos representam um total de 22 investigações – sete dissertações e 15 teses. A primeira dissertação foi realizada por Douglas Santos – *Imperialismo e Estado: reflexões sobre a Geografia contemporânea*, de 1991, sob orientação do geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira. A primeira tese foi elaborada por Antonio Carlos Robert de Moraes – *Bases da Formação Territorial do Brasil: O território Colonial Brasileiro no longo século XVI*[191], de 1991, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva[192].

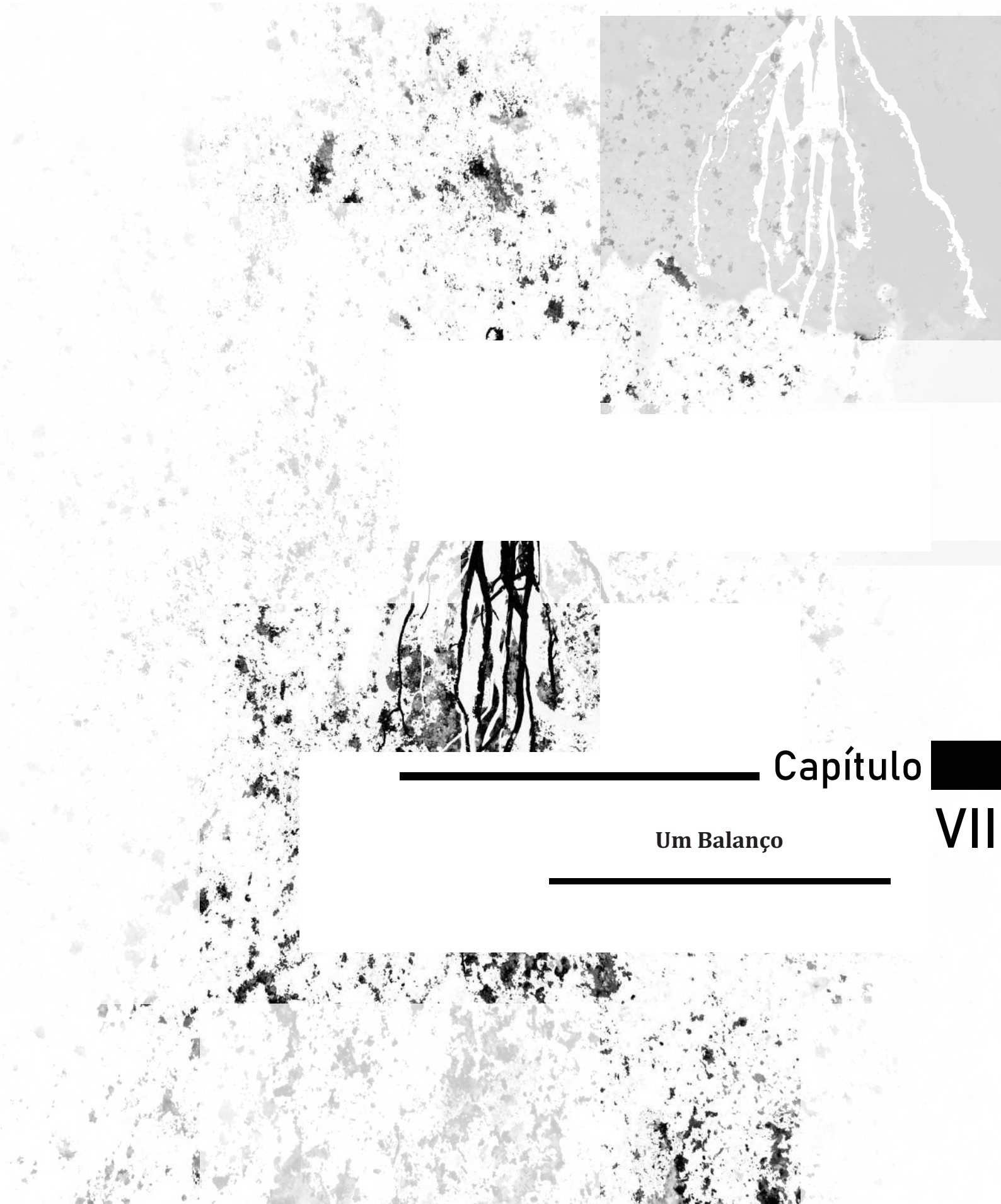
Os temas estudados são diversos. Além dos primeiros estudos neste eixo, o qual já citamos, outros caminhos seguidos merecem menção, a exemplo das investigações realizadas por Inês Freitas (1992) sobre a Geografia dos jesuítas; Fadel Tuma Filho (1996), referente à visão da Amazônia de e através do pensamento geográfico entre 1900 e 1940; Leonardo Civale (2009), relacionando o pensamento geográfico e o saber médico na segunda metade do século XIX; Munir Jorge Felício (2011) e o debate paradigmático entre o paradigma da questão agrária e o paradigma do capitalismo agrário.

Há pesquisas, ainda, sobre a noção de sujeito na Geografia, por Elias Lopes de Lima (2007); o estrangeiro na Geografia, por Ângela Katuta (2004); o espaço rural visto pela Geografia, por Ivanir Gomes (2008); e também a relação cidade-campo e urbano-rural, por Maria Araújo (2007).

Esses estudos de difícil classificação são importantes por estudarem o saber geográfico através de perspectivas distintas daquelas utilizadas na maior

[191] Uma tese relacionada à Geografia histórica, ao território e àformação do pensamento geográfico brasileiro.
[192] Participaram da banca os historiadores Carlos Guilherme da Mota e Fernando Antônio Novais, o economista João Manoel de Melo e o geógrafo Milton Santos.

parte das outras investigações. Demonstram, inclusive, até onde se pode chegar – i.e. o alcance – em uma análise histórica ou teórica, conceitual e propositiva do saber geográfico



Capítulo VII

Um Balanço

UM BALANÇO

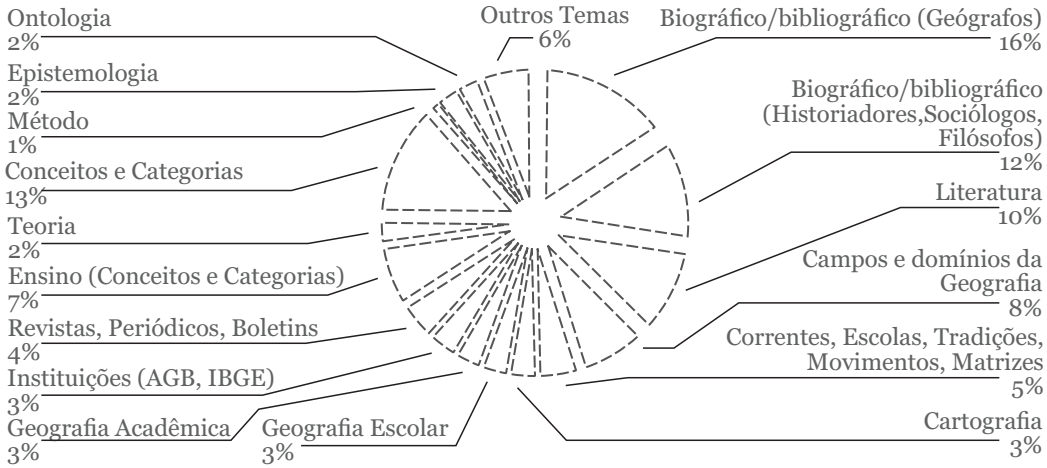
As *variáveis* analíticas que resumidamente apresentamos e, respectivamente, o desdobramento de alguns *eixos*, estão no interior das *duas dimensões* mais amplas: a *histórica* e a *teórica*, *conceitual* e *propositiva*. Essas duas dimensões são caminhos de compreender o saber geográfico ou o saber do ponto de vista geográfico – esse saber que é, como já dissemos, uma síntese do conhecer e do pensar, posto como um objeto.

Esse modo de compreender a fração de dissertações e teses que selecionamos é uma tentativa de decifrar, de forma sistemática, o que se produz na Geografia acadêmica brasileira, cujo objetivo nada mais é do que uma exposição panorâmica. Para concluirmos este capítulo, é necessário caminharmos um pouco mais através de três tópicos essenciais para, assim, chegarmos à finalização da imagem que nos propusemos a esculpir.

Os estudos biográficos e bibliográficos sobre geógrafos são os mais expressivos em termos numéricos, alcançando 16 % da produção; em seguida, vêm as investigações sobre conceitos e categorias, com 13%. Os estudos biográficos e bibliográficos sobre outros intelectuais, que não geógrafos, aparecem em terceiro lugar, com 12%.

Todavia, se, por um lado, considerarmos em um mesmo quadro os estudos biográficos de geógrafos e os de outros intelectuais, poderemos dizer que 28% das dissertações e teses são dessa tipologia, bem como se unirmos os estudos de conceitos e categorias no ensino com os conceitos e categorias gerais, teremos 20% da produção, como é possível constatar no Gráfico 12.

Gráfico 12: Porcentagem das dissertações e teses por temática



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Sumariamente, a maior parte desses estudos está na dimensão histórica. Embora tenhamos classificado esses trabalhos através de variáveis gerais, é possível apontarmos algumas conclusões.

Investigações sobre o método propriamente dito são praticamente inexistentes. Tal debilidade também vale para estudos de teorias. Os estudos cuja relação com a literatura parecem pertencer a um campo em crescimento, superando, inclusive, estudos das instituições como AGB e IBGE. A única variável que foi contínua diz respeito às investigações biográficas, que, desde as primeiras defesas até as recentes, apresentou-se como recorrente.

Descreveremos, brevemente e de modo geral, o papel dos orientadores e das bancas nas dissertações e teses, rastreando e expondo, também, o momento das defesas e o local onde foram confeccionadas.

7.1 Orientadores

Através do levantamento das dissertações e teses (nome do autor, palavras-chave, título, instituição e ano de defesa), colhemos, em conjunto, os respectivos orientadores dos trabalhos. Esse dado foi importante, pois revelou outras nuances à interpretação dessa produção. Os orientadores não apenas exercem a função de conduzir o caminho dos então orientandos, eles também fazem parte do produto e, portando, do resultado final da investigação, seja em concordância ou negação. Lembramos que estamos referindo-nos apenas às orientações que compõem nossa análise.

Quando um discente adentra e inicia determinada pesquisa em um programa de pós-graduação, consequentemente, necessita de um vínculo com um orientador para conduzir a investigação. Quando apresentamos as dissertações e teses nas diversas variáveis e suas incontáveis temáticas, os orientadores apenas apareceram em segundo plano, uma vez, também, que demos preferência aos primeiros trabalhos concluídos em cada variável.

Muitos orientadores não desenvolveram, durante sua formação acadêmica, uma pesquisa de natureza histórica e/ou teórico-conceitual-propositiva, mas orientaram uma quantidade expressiva de investigadores que os destacam como sujeitos importantes na tradição e na história da investigação do saber geográfico no Brasil.

O total de orientadores é de 194 (não consideramos as coorientações). Faremos alguns comentários apenas aos dez primeiros nomes que compõem nosso

quadro; os demais podendo ser consultados em detalhes nos apêndices.

O geógrafo Ruy Moreira foi quem mais orientou, com um total de 14 trabalhos – nove dissertações e cinco teses. Moreira, que concluiu a graduação em Geografia em 1970, o mestrado em 1984, estudando o movimento operário no Brasil, sob orientação do geógrafo Maurício de Almeida Abreu, em 1994 finaliza o doutorado, investigando o espaço, já nesse trabalho. Sua tese apresenta um estudo essencialmente de natureza teórica, contando, então, com a orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva (este que é o quarto que mais orientou).

Com Ruy Moreira, três orientandos realizaram não só o mestrado, mas também o doutorado até 2014, são estes: Charlles da França Antunes (2001-2008), estudando o movimento estudantil na Geografia e a AGB; Mariane de Oliveira Biteti (2007-2014), detendo-se ao tema de ontologia na Geografia; e Elias Lopes de Lima (2007-2013), abordando a noção de sujeito nos estudos geográficos. Além desses geógrafos que realizaram o mestrado e continuaram o doutorado, Ruy Moreira ainda orientou Guilherme da Silva Ribeiro (2004), que investigou o pensamento do historiador Eric Hobsbawm. Citamos, ainda, Adriana Carvalho Silva (2005), Natallye Lopes Santos Oliveira (2008), Astrogildo Luiz de França Filho (2009) e Leonardo Arantes Ventura da Silva (2009). Quanto a outros doutorados, Ruy Moreira também orientou José Carlos Milléo (2005) e Júlio César Ribeiro (2006).

O segundo geógrafo que se destaca, em quantidade de orientações, é Heinz Dieter Heidemann. Graduado na Alemanha em 1975, concluindo o doutorado em 1980, sob orientação do geógrafo Günter Mertins, Heidemann investigou a divisão do trabalho e a mobilidade regional no Nordeste do Brasil. Orientou 13 trabalhos – sete dissertações e seis teses. Os dois primeiros orientandos foram: Alexandrina Luz Conceição (1991-2001), que realizou tanto o mestrado quanto o doutorado estudando o conceito de camponês e posteriormente o pensamento de Tobias Barreto; e João Phelipe Santiago (1991), que apenas realizou o mestrado, investigando a produção bibliográfica e biográfica do geógrafo Manoel Correia de Oliveira Andrade.

Heidemman orientou, no mestrado, além desses dois primeiros geógrafos, Aldo Aloisio Dantas da Silva (1994), Altiva Barbosa da Silva (1996), Mauro Luiz Peron (1997), Suelen Rosa Pelissaro (2011) e Renata Santos Rente (2013). No doutorado, orientou Claudio Benito de Oliveira Ferraz (2001), Maria de Fátima Ferreira Rodrigues (2001), Claudinei Lourenço (2003) e Claudio Roberto Duarte (2010).

Em terceiro, vem o geógrafo Antonio Carlos Robert Moraes, com 12 orientações – sete dissertações e cinco teses. Graduado em 1977, mestre em 1983 e doutor em 1991, Moraes transitou entre estudos da história da Geografia e Geografia histórica, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva. Quanto a seus orientandos que realizaram tanto o mestrado quanto o doutorado, foram dois: Manoel Fernandes de Sousa Neto (1997/2004), relacionando história da Geografia, Geografia histórica e Geografia política; e Paulo Roberto de Almeida Bomfim (2001/2007), investigando geopolítica, pensamento geográfico e ideologias geográficas.

Além desses dois geógrafos, Moraes orientou a elaboração das dissertações dos geógrafos: Vagner de Carvalho Bessa (1990), Luiz Lopes Diniz Filho (1994), Perla Brígida Zusman (1996), Gunther Rudizt (1997) e Silvia Lopes Raimundo (2002). No doutorado, orientou Iole Iliada Lopes (2005), Sergio Adas (2007) e Carlos Eugênio Nogueira (2013).

Depois de Moraes, e em quarto lugar, o geógrafo Armando Corrêa da Silva é o que mais orientou. Esse geógrafo, contudo, foi o orientador tanto de Moraes quanto de Ruy Moreira. Silva graduou-se em sociologia, obtendo, posteriormente, o doutorado em Geografia, em 1975, sob orientação de Dirceu Lino de Mattos, através do estudo do litoral norte do estado de São Paulo.

A primeira orientação de Silva, na temática por nós abordada, foi a do geógrafo Antonio Carlos Robert Moraes (1983), com o estudo do pensamento de Humboldt, Ritter e Ratzel. Posteriormente, orientou Wanderley Messias da Costa (1991), com a tese sobre Geografia política e geopolítica. Orientou também Rosana Figueiredo Salvi (1992/2000), que ateve-se à noção de tempo e à questão pós-moderna na Geografia.

Silva, ainda, como dissemos, orientou Ruy Moreira (1994), com uma tese sobre o conceito de espaço; Élvio Rodrigues Martins (1997), com a tese intitulada *Da Geografia à ciência geográfica e o discurso lógico*; Iole Iliada Lopes, relacionando o pensamento de Habermas para compreender o lugar na Geografia; e Werther Holzer (1998), investigando os viajantes no século XVI, bem como as noções de lugar e paisagem.

O quinto geógrafo com expressividade de orientações é Cássio Eduardo Viana Hissa. Graduado em 1982, mestre em 1990 e doutor em 1999, detém dez orientações – sete dissertações e três teses. Em sua tese, sob orientação da geógrafa Lúcia Helena de Oliveira Girardi, estudou as tradições das fronteiras.

As primeiras orientações de Hissa incluem a tese das geógrafas Rosângela

Nasser Ganimi (2003), que investigou o pensamento do geógrafo de Friedrich Ratzel e Mariana Guedes Raggi (2003), que ateve-se a Os Sertões, de Euclides da Cunha. Posteriormente a essas primeiras orientações, orientou mais oito trabalhos, quais sejam: Rosana Rios Cargosinho (2004), estudando o lugar; Adriana Ferreira de Melo (2006/2001), tanto no mestrado quanto no doutorado, estudando a ideia de Sertão a partir do ponto de vista epistemológico; Thiago Macedo Alves de Brito (2007), investigando a noção de região em Milton Santos; Maria Luiza Grossi Araújo (2009), no doutorado, analisando a Geografia e os saberes emancipatórios; André Velloso Batista Ferreira (2009), no doutorado, discutindo a reinvenção da Geografia; Flora Sousa Pidner (2010), relacionando ciência e saberes locais; e Maria Del Mar Ferrer Jordá Poblet, investigando o pensamento do historiador Ferdand Braudel.

O sexto geógrafo é Antonio Carlos Vitte graduado em 1989, concluiu o doutorado em 1998, sob orientação do geógrafo Adilson Avansi de Abreu, investigando a etchplanação em Juquiá (SP). Orientou um total de nove trabalhos – cinco dissertações e quatro teses.

A primeira orientação foi para o geógrafo Roberison Wittgenstein Dias da Silveira (2008/2012), no mestrado, estudando a influência da filosofia kantiana no início da Geografia moderna e, no doutorado, centrando-se na relação entre filosofia, arte e ciência na Geografia humboldtiana. Vitte orientou, ainda: Rodrigo Dutra Gomes (2010), no doutorado, articulando Geografia e complexidade; Alexandre Domingues Ribas (2011), no doutorado, compreendendo a cosmologia e a Geografia física em Kant; Ricardo Devides Oliveira (2012), estudando o positivismo, darwinismo e imperialismo na Geografia moderna; Josevan Dutra dos Santos (2012), discutindo a filogênese de Kant, Goethe e Shopenhauer no conceito de forma-paisagem; Kalina Salaib Springer (2013), no doutorado, numa investigação das concepções de natureza, ciência e arte em Humboldt; Maíra Kahl Ferraz (2014), compreendendo o desenvolvimento da geomorfologia nos USA; e Vonei Ricardo Cene (2014), estudando e relacionando o pensamento de Johann Rugendas à Geografia.

O sétimo geógrafo é Eliseu Savério Sposito. Graduou-se em Geografia em 1974, mestre em 1983 e doutor em 1990. No mestrado, contou com a orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva, dissertando sobre a migração e permanência das pessoas em cidades pequenas. Já no doutorado, contou com a orientação do geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira, estudando a produção e apropriação fundiária em Presidente Prudente (SP).

Sposito orientou oito trabalhos – quatro dissertações e quatro teses. Sua primeira orientação foi para a geógrafa Jane Lucia Rodrigues (1996), investigando o curso de pós-graduação em Geografia de Presidente Prudente (SP). A segunda orientação foi para a geógrafa Flaviana Gasparotti Nunes (2000/2004), tanto no mestrado quanto no doutorado, cuja investigação ateve-se às influências do pensamento econômico na produção geográfica.

Posteriormente a essas duas geógrafas, Sposito orientou Fabrício Pedroso Bauab (2005), que se dedicou à compreensão da Geografia medieval, realizando relações entre as noções de natureza, espaço e tempo; Tulio Barbosa (2006), analisando o conceito de natureza nos livros didáticos de Geografia; Antonio Elísio Garcia Sobreira (2009), investigando a relação entre a pedagogia anarquista e o ensino de Geografia; e Antonio Henrique Bernardes (2012), estudando ontologia, epistemologia e ciberespaço.

Em oitavo lugar, vem o geógrafo Silvio Carlos Bray. Graduou-se em 1970, mestre em 1975 e doutor em 1980. Tanto no mestrado quanto no doutorado, foi orientado pelo geógrafo José Ribeiro de Araújo Filho. No mestrado, pesquisou a utilização da terra em Bebedouro (SP) e, no doutorado, a cana-de-açúcar no Vale do Paranapanema.

Bray orientou sete trabalhos – três dissertações e quatro teses. A primeira orientação foi para o geógrafo Wilson dos Santos (1984), que estudou a obra de Aroldo de Azevedo. A segunda orientação foi para o geógrafo Fadel David Antonio Filho (1990/1996), tanto no mestrado quanto no doutorado. Durante o mestrado, estudou o pensamento de Euclides da Cunha e, no doutorado, a visão da Amazônia brasileira através do pensamento geográfico.

Depois desses dois geógrafos, Bray orientou Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo (1995/2000), que, no mestrado, investigou o pensamento de Oliveira Vianna e, no doutorado, o de Everaldo Adolpho Backheuser; Terezinha Alves de Oliva (1999), que analisou o pensamento de Manoel Bomfim; e Paulo Roberto Teixeira de Godoy (2002), que estudou a (des)construção da noção de espaço regional.

O nono geógrafo é Elvio Rodrigues Martins. Graduou-se em 1986 e obteve o título de doutor em 1997, sob orientação do geógrafo Armando Corrêa da Silva. Martins orientou seis dissertações: Rosangela Silva Sousa (2008) – *Uma investigação sobre as Teorias de Cidades Mundial/Global/Pós-moderna*; Fabiana Machado Leal (2010) – *Coordenadas geográficas: ser-no-mundo*; Carlos Francisco Gerenzsez Geraldino (2010) – *O Conceito de Meio na Geografia*; Yanci Ladeira Maria (2010) – *Paisagem: entre o sensível e o factual – uma abordagem a*

partir da geografia cultural; Everaldo Macena de Lima Neto (2012) – *O debate Schaefer-Hartshorne*; Danilo Amorim de Souza (2014) – *Geografia e Individuação: Apontamentos para uma crítica ontológica da ciência geográfica*.

O último geógrafo que destacamos, em número de orientações, é Manoel Fernandes de Sousa Neto. Graduado em 1993, mestre em 1997 e doutor em 2004, Fernandes foi orientando do geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes, investigando, no mestrado, o Senador Pompeu e, no doutorado, os planos de viação do Segundo Reinado entre 1869 e 1889.

Fernandes orientou seis trabalhos – cinco dissertações e uma tese. A primeira dissertação foi elaborada por David Alejandro Ramírez Palacios (2010), num estudo sobre Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia; a segunda foi realizada foi por Marcelo Augusto Mitahiro (2011), investigando o Brasil de Élisée Reclus. Além desses, orientou, no mestrado, Rildo Borges Duarte (2011) – *Incognitas Geográficas: Francisco Bhering e as Questões Territoriais no início do Século XX*; Larissa Alves de Lira (2012) – *O Primeiro Esboço do Método Geográfico de Vidal de La Blache a partir dos Estudos do Mediterrâneo: permanências e rupturas no contexto da institucionalização da Geografia (1872-1918)*; Maria Edney Ferreira da Silva (2012) – *O Nordeste nos Livros Didáticos de Geografia* (1905-1950); e, no doutorado, orientou Eduardo Karol (2014) – *Geografia Política e Geopolítica no Brasil* (1982-2012).

Esses dez geógrafos, que apresentaram o maior número de orientações em dissertações e teses históricas e teórico-conceituais-propositivas do saber geográfico, orientaram um total de 95 trabalhos, correspondendo a 31 % do universo das dissertações e teses por nós selecionadas. Esses geógrafos, todavia, são apenas 5 % dos 194 geógrafos que conduziram alguma orientação no respectivo tema. Todos pertencem à região Sudeste do Brasil: Ruy Moreira, junto à Universidade Federal Fluminense – UFF; Heinz Dieter Heidmann, Antônio Carlos Robert Moraes, Armando Corrêa da Silva, Élvio Rodrigues Martins e Manoel Fernandes de Sousa Neto, na Universidade de São Paulo – USP; Cássio Eduardo Viana Hissa, na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Antonio Carlos Vitte, na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; e Eliseu Savério Sposito, na Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Ainda que as orientações nos traduzam alguns indícios do estado das pesquisas nesse tema no Brasil, elas pouco nos dizem sobre um detalhe muito importante da efetivação das defesas de dissertações e teses, isto é, da composição das bancas.

7.2 Bancas

A banca eleita para compor a leitura e concomitantemente a defesa de determinada dissertação ou tese pode ser considerada como uma das últimas etapas na finalização de um curso de mestrado ou doutorado. Entende-se, basicamente, que cabe à banca avaliar o texto dissertativo ou a tese apresentada. Tal procedimento justifica a significância dos sujeitos presentes em uma banca.

Esses sujeitos que compõem a comissão avaliadora podem ser determinantes ou pouco influentes no produto final. De qualquer forma, entendemos que a exposição desses indivíduos acrescenta mais elementos para compreendermos o estado das pesquisas no objeto ora proposto.

Como realizamos nas orientações, falaremos, de modo resumido e expositivo, sobre os dez indivíduos que mais participaram em bancas. Cabe apenas ponderar que um total de 533 intelectuais de diferentes formações participaram do nosso universo de dissertações como banca avaliadora. Essa lista encontra-se nos apêndices, onde pode ser consultada em sua integralidade.

Nem todas as pessoas que fizeram parte das bancas puderam ser indentificadas. Dissertações e teses que datam da década de 1960 até meados da década de 1990, em muitos casos, não indicaram nas folhas de rosto os nomes desses sujeitos. Em contrapartida, do ano 2000 até 2014, rastreamos as bancas, em cada trabalho, praticamente em sua completude. Tais informações também podem ser consultadas nas listas que compõem os apêndices.

Se compararmos os nomes dos dez que mais orientaram com os dez que mais participaram em bancas, detectaremos algumas mudanças e permanências. Como permanência, citamos a presença dos geógrafos Ruy Moreira e Antonio Carlos Vitte, que estão, ambos, empatados, com 18 participações. Logo em seguida, vem Antonio Carlos Robert Moraes, com 17 participações. Além desses geógrafos, permaneceram Élvio Rodrigues Martins, com 12 participações, em quinto lugar; Eliseu Savério Sposito, com 11, em sexto lugar; e Manoel Fernandes de Sousa Neto, com nove, em décimo lugar.

Entre aqueles que não estavam entre os dez que mais orientaram, mas que agora fazem parte, estão: a geógrafa Lia de Osório Machado, em quarto lugar, com 14 participações; e os geógrafos Jorge Luiz Barbosa (11), Adilson Avansi de Abreu (9) e Carlos Walter Porto Gonçalves (9), em sétimo, oitavo e nono lugares, respectivamente.

Tal como nas orientações, as bancas concentraram-se na região Sudeste,

distribuídas entre Rio de Janeiro e São Paulo – entre as universidades, a USP, UFRJ, UFF, UNESP e UNICAMP foram majoritárias. Vamos agora ao tempo, numa tentativa de compreender o momento que essas defesas foram realizadas.

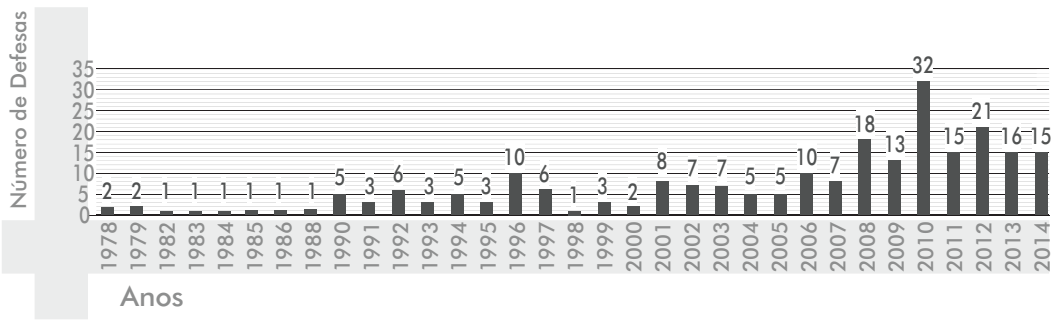
7.3 Quando?

A produção dos estudos históricos e teórico-conceituais-propositivos do saber geográfico acompanha a história da produção da pós-graduação brasileira. Em nossa temática, houve aumento na produção de dissertações e teses cujos motivos e determinações foram resumidamente mencionados no capítulo anterior.

No ano de 1978, aconteceram duas defesas de dissertação, as quais podemos caracterizar como sendo as primeiras. Uma foi elaborada por Olindina Vianna Mesquita – *O Estado Isolado de Von Thünen: uma discussão*; e a outra por Marilourdes Lopes Ferreira – *Problemas conceituais e metodológicos na Geografia: o conceito regional e métodos de delimitação*. Até o final dos anos de 1980, ocorreu apenas uma defesa por ano. Já no período que cobre 1990 e 2000, houve um relativo aumento, com destaque para o ano de 1996, com dez defesas.

Do ano 2000 até 2005, manteve-se um equilíbrio em relação aos cinco anos anteriores, dado que, de 2006 em diante, a média de defesas por ano chegou a 15 dissertações. Destacamos o ano de 2010, com 32 dissertações, representando o ano com maior número de defesas dessa série histórica.

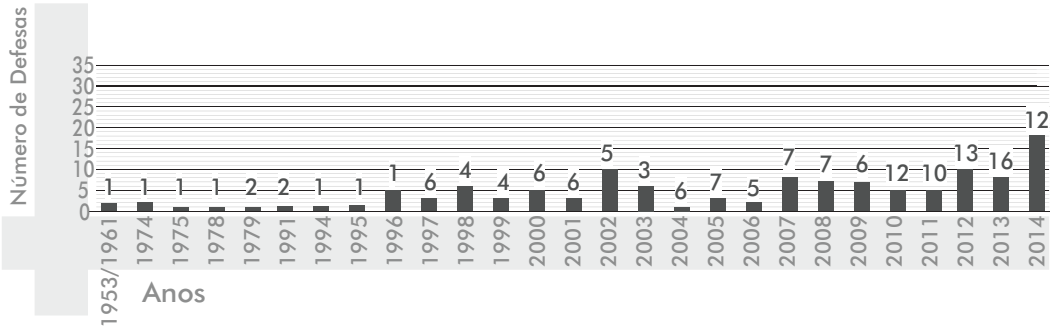
Gráfico 13: Total de dissertações defendidas (1978-2014): o saber geográfico como objeto.



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização: Guilherme dos Santos Claudino.

No Gráfico 13, é possível acompanharmos a evolução dessa produção e o notável aumento de estudos dessa natureza. Quanto às teses, que remontam ao ano de 1953, com a tese de Milton Santos – *Os estudos regionais e o futuro da geografia*, acompanharam praticamente o mesmo ritmo das dissertações, com a ressalva de que são em número menor. Depois de Milton Santos, somente em 1974, com Bernardo Issler – *A geografia e os estudos sociais*, é que ocorreu outra. Entre 1974 até 1996, houve, em média, uma defesa por ano. A partir de 1997 até 2009, a média anual se modificou, alcançando entre seis e sete defesas. De 2010 a 2014, ocorreu outro salto: a média passou a ser de 12 defesas por ano, com destaque para o ano de 2013, com 16 dissertações.

Gráfico 14: Total de teses defendidas (1953 -2014): o saber geográfico como objeto.



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

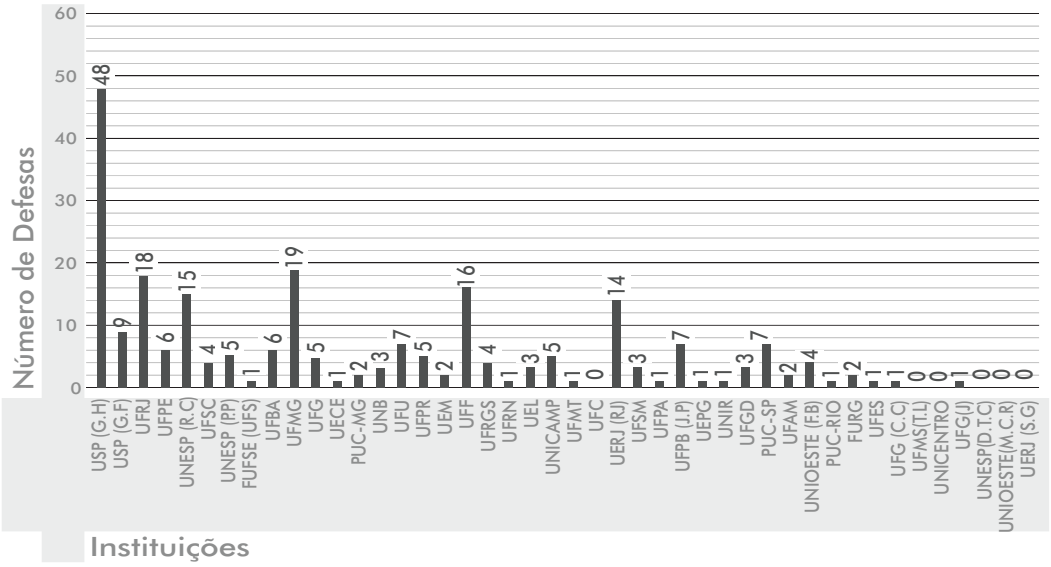
Do mesmo modo que nas dissertações, podemos identificar, no Gráfico 14, que as teses aumentaram exponencialmente nos últimos 18 anos. Importante agora é olharmos um pouco para o lugar onde essas dissertações e teses foram produzidas.

7.4 Onde?

Já comentamos as temáticas mais recorrentes nas dissertações e teses, dos orientadores com maior expressividade de orientações, das bancas e do momento quando as defesas foram realizadas. Neste momento, iremos dirigir alguns comentários ao lugar em que esses trabalhos foram confeccionados.

A USP (G.H.), igualmente em termos de produção geral em Geografia em nível nacional, é a instituição que agrega o maior número de dissertações, somando um total de 48. Depois dessa instituição, destacam-se a UFRJ, com 18; a UNESP (R.C.), com 15; a UFMG, com 19; a UFF, com 16; e a UERJ (R.J.), com 14. As demais instituições obtiveram um número de defesas abaixo de dez. No Gráfico 15, seguimos a ordem cronológica de criação dos cursos, onde é possível observar com detalhes o número de dissertações.

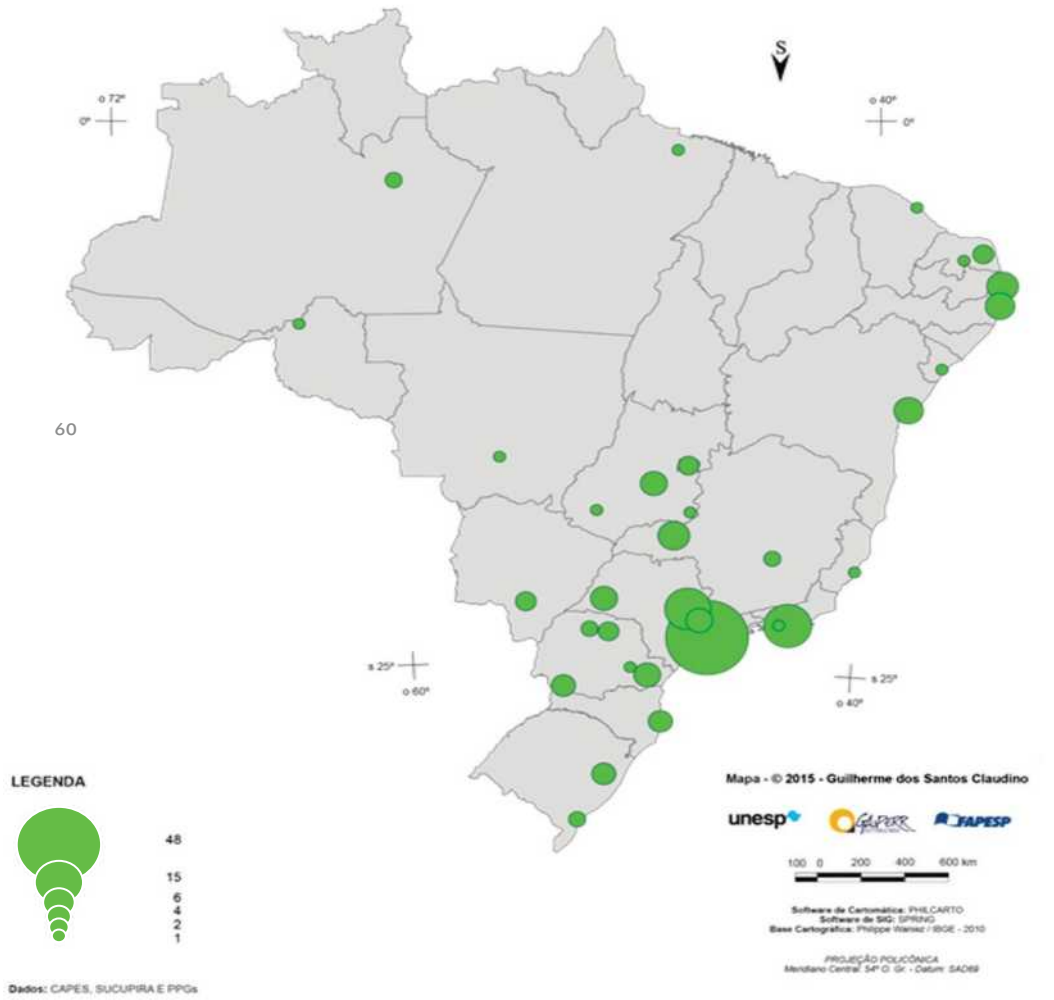
Gráfico 15: Número de dissertações por instituição (1978-2014): o saber geográfico como objeto.



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

A região Sudeste do Brasil abarca a maior parte da produção, cujo estado majoritário é São Paulo. Destacamos os estados do Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Pará e o Ceará, que embora tenham apenas entre duas e uma defesa, já caracterizam a expansão do acesso do ensino superior promovido nos últimos 12 anos. A Figura 11 apresenta espacialmente a distribuição de dissertações no território brasileiro.

Figura 11: Distribuição das dissertações: *o saber geográfico como objeto*.



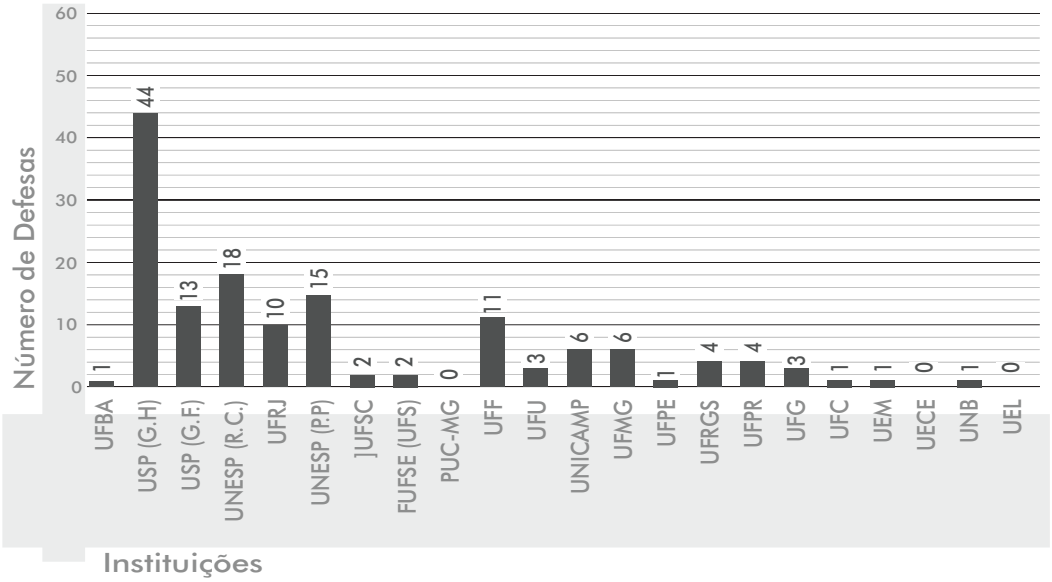
Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997) e Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Essa distribuição pouco equitativa entre as universidades, estados e regiões repercute, de modo preciso, nos outros temas por nós já discutidos, como

bancas e orientações. As teses refletem essa deficiente distribuição da produção do conhecimento com maior grau que as dissertações.

A USP (G.H.) sozinha abarca 44 teses em estudos do saber geográfico como objeto, o que corresponde a 30% da produção entre os programas de pós-graduação em Geografia no Brasil. Os programas subsequentes que lideram a produção de teses são também do Sudeste brasileiro, com os programas da UNESP (R.C.), UNESP (P.P.), USP (G.F.), UFF e UFRJ. Rio de Janeiro e São Paulo, mais uma vez, são os estados com maior concentração de teses nessa temática.

Gráfico 16: Número de teses por instituição (1953 – 2014): o saber geográfico como objeto.

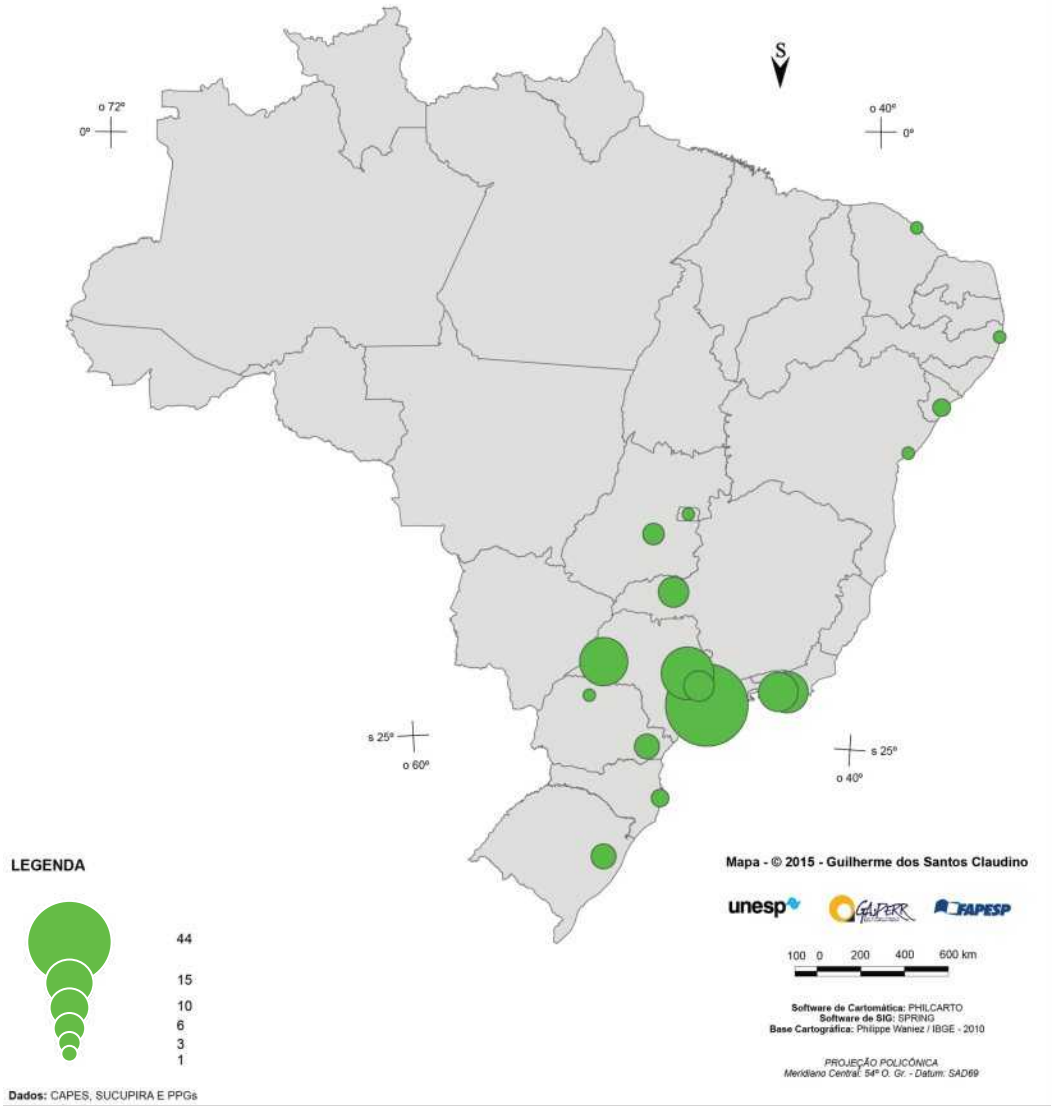


Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Evidentemente, essa maior concentração de teses em determinadas universidades deve-se à história de cada instituição. Comparar um recente programa com outro de oito décadas de existência é, certamente, um grande anacronismo. É importante, contudo, dirigirmos estudos mais específicos, bem como realizarmos comparações nas tipologias das temáticas estudas em cada programa de pós-graduação, não só no tema que aqui elegemos mas, talvez, na produção geográfica brasileira como um todo, numa tentativa de conhecer, fatidicamente, as reflexões geográficas produzidas no Brasil.

Na Figura 12, são demonstrados os pontos do território onde se concentram as teses. A região Norte, por exemplo, não detém tese produzida na temática. No Nordeste, somente os estados do Ceará, Pernambuco, Sergipe e Bahia detiveram algum trabalho concluído. Embora a região Sul detenha, nos três estados, teses concluídas, a quantidade é pequena se compararmos com São Paulo e Rio de Janeiro.

Figura 12: Distribuição de teses: *o saber geográfico como objeto.*



Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997) e Plataforma Sucupira (2013-2014).
Organização e Elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

A produção de saberes de perfil acadêmico é, em termos locacionais, um tipo de atividade com uma disparidade pulsante no território brasileiro. Já dissemos que nos últimos anos essa problemática timidamente foi sendo superada, recebendo um considerável avanço nos últimos governos dos presidentes Lula e Dilma, ampliando-se, conjuntamente, à criação de institutos federais.

O papel da ciência no Brasil e, consequentemente, do saber na materialização da vida cotidiana das pessoas é de difícil cálculo, dado que esse saber, que julgamos de perfil e de relação acadêmica, divide espaço com saberes de ordem religiosa e com saberes que corajosamente resistem a essas duas forças, isto é, os saberes tradicionais das comunidades quilombolas, dos indígenas, ribeirinhos etc.

Pudera que a relação, ainda que às vezes bélica, entre esses saberes fosse apenas de uns contra os outros. O *modus operandi* do capital milimetricamente modifica, a seu gosto, esse tipo de patrimônio que a história humana nos trouxe arduamente até o momento de então, não deixando escapar nenhum tipo de sabedoria que lhe dê potência de ampliar-se.

Essas dissertações e teses que, de modos distintos, buscaram compreender o saber geográfico, ou o saber do ponto de vista geográfico, são fundamentais para compreendermos o movimento das ideias sobre as coisas que acontecem sobre o espaço, tanto no agora quanto alhures.

Assim como as ideias, os respectivos autores das dissertações e teses que longamente falamos não estão fora do tempo e do espaço. Como portadores e como sujeitos em sociedade, são produtos de um patrimônio histórico que os antecede – pois há o que chamamos de *raízes* – do qual são inextricavelmente herdeiros. Essas raízes, todavia, não respondem e tampouco nos permitem decifrar o atual estado da Geografia brasileira. No entanto, foram propulsoras para o nascimento de *constelações* de geógrafos que têm como identidade um tema de pesquisa em comum: o saber geográfico como objeto.

Nos próximos capítulos que encerram o caminho perseguido neste trabalho, falaremos das raízes (ou processos) que impulsionaram uma extensa comunidade de geógrafos ao estudo do saber. Essas *raízes* deixaram, a seu ritmo, linhas escritas no tempo. Reconstituímos essas linhas e desenhamos o que estamos chamando de *constelações* de saberes e de geógrafos, animados por diferentes *nervuras*. A seguir, representamos um organograma enquanto síntese do que desenvolvemos nos capítulos anteriores.

1º Relação Geral:
pensamento e conhecimento

PENSAMENTO / CONHECIMENTO
GEOGRÁFICO

2°Pensamento e conhecimento:
As fontes

FONTE ≠ OBJETO DE PESQUISA
A fonte da pesquisa nem sempre é igual ao objeto

3°O saber geográfico:
As fontes

PENSAMENTO **CONHECIMENTO**

ESPAÇO

SABER GEOGRÁFICO

- É anterior à Geografia como ciência.
- Pensar Geograficamente não é uma atividade exclusiva dos geógrafos, portanto é possível encontrá-lo, grosso modo, em qualquer elaboração/formação de signos sobre o espaço em geral.
- Conhecimento e Pensamento (conhecer e pensar) são atividades indissociáveis, um livro, por exemplo, pode ser classificado como a materialização de conhecimentos do autor que o escreveu, do mesmo modo que poderíamos inferir que o livro é a expressão do pensamento do autor. Com esta natureza, optamos, neste esquema da etapa presente, pelo termo *Saber*, visto que este é a síntese destes dois termos.

4°As ferramentas de captura/compreenção:

Ciências:

- Sociologia (da cência/conhecimento)
- História (da ciência/política/ideias/mentalidade s/conhecimento/econômica, história oral e social etc.)
- Antropologia (da ciência/conhecimento)
- Biologia, Física, Psicologia, Matemática do conhecimento etc....

↑ ↓

Filosofia: Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência, Filosofia da Mente, Lógica, Ontologia e Epistemologia.

↑ ↓

Ciências Cognitivas*:

Science studies*:

Karl Mannheim,
Mikhail Bakhtin,
Thomas Kuhn,
Karl Popper,
Karl Marx,
Gaston Bachelard,
Rudolf Carnap,
Paul Feyerabend,
Imre Lakatos,
Larry Laudan,
Edgar Morin,
Alexandre Koyré,
David Bloor,
Bruno Latour,
Pierre Félix Bourdieu,
Ludwik Fleck,
Michel Foucault,
Peter Burke, etc....

5° As nomenclaturas:

Tradições, Paradigmas, Fases, Tendências, Correntes, Matrizes, Coletivos e Estilos, Escolas, Redes, Campos, Círculos, Fases, Etapas, Clássico, Tradicional, Novo, Momentos, Movimentos, Vertentes, Linhas.

- Recortes Temporais e Espaciais.
- Há que se levar em consideração que estas nomenclaturas (conceitos) muitas vezes não aparecem isolados. Há trabalhos que utilizam vários ao mesmo tempo. Paradigmas definindo eorientando correntes, assim como paradigmas que são considerados correntes. Tradições científicas que são denominadas de escolas. Há, também, a junção de dois a três configurando um único conceito.

DUAS DIMENÇÕES DE ANÁLISE

6º As Abordagens de Pesquisa (Histórica):

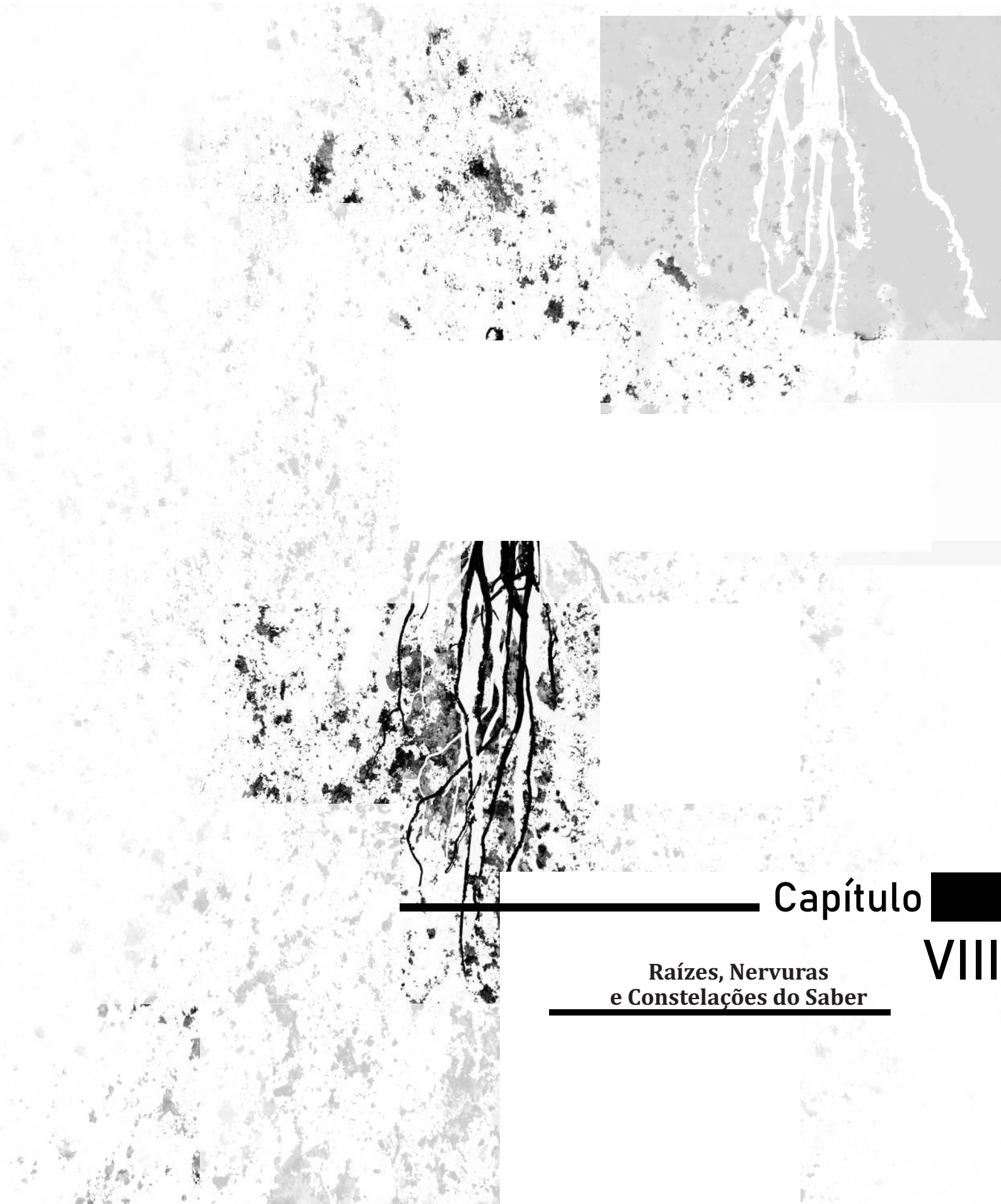
História da Geografia Escolar (Geral e Específicas).
História da Geografia Acadêmica (Geral e Específica).
História da Cartografia.
História das Instituições.
História Biográfica, Bibliográfica e Contextual (Geógrafos) e
Historiadores, Economistas, Filósofos, Romancistas, Poetas, Músicos etc., (de um ponto de vista da história poderíamos, também, denominar de história das mentalidades).
História da Literatura (abordagens geográficas).
História das Revistas, Periódicos e Boletins.
História dos Campos e Domínios disciplinares da Geografia.
História: Conceitos, Metodologias, Teorias e Métodos (pode-seincluir o que os historiadores chamam de história das ideias).
Histórias que se cruzam, isto é: dois ou mais temas tratados em um mesmo trabalho.

- Tradição didática, trajetória da disciplina, bibliografia didática, trajetória de educadores, produção acadêmica (teses, dissertações), periódicos, revistas, trajetória da geografia universitária, IBGE, AGB, Exército Brasileiro, Sociedades de Geografia, Ministérios, trajetórias de geógrafos e outros intelectuais, romances (ex: Os Sertões), história de conceitos (ex: paisagem, lugar), movimentos (ex: darwinismo, romantismo, idealismo) trajetória de campos disciplinares da geografia (ex: geografia agrária, economica, física etc.)

6.1º As abordagens de pesquisa (Conceituais, Ontológicas, Epistêmicas, Propositivas)

Ontologia:
Epistemologia:
Método:
Teoria:
Lógica:
Conceitos:
Gnosiológicos (ou Teoria do conhecimento):
Categorias:
Metodologias e procedimentos técnicos:
Arte:
Senso Comum:

- Os estudos do *pensar e do conhecer geográfico, portanto de um saber* , não se centram, unicamente, em seus aspectos históricos, voltam-se, também, a proposituras teórico-metodoógicas. Isso não significa (e não é isto que queremos dizer) que os estudos históricos do saber geográfico não dialogam com o presente, tão pouco afirmar que os estudos que relacionam diretamente o saber geográfico com a filosofia não se utilizam da história. O que queremos dizer, e que fique claro, é que os objetivos e enfoques são distintos em suas respectivas análises.
- As relações do saber geográfico com a filosofia, direciona análises aos problemas do ser em geral (ontologia), dos limites e possilidades, validade, origens do conhecimento geográfico (epistemologia, teoria do conhecimento.gnosiologia), dos caminhos nas pesquisas (método), das hipóteses, leis, regras (teorias), das representações e linguagens (conceitos), espaço, tempo (categorias), técnicas de pesquisa, software e tecnologias em geral interessantes aos geógrafos e trabalhos de campo (Metodologias).
- Relações entre a Geografia e a Arte em geral.
- Relações do saber geográfico e o senso comum.



Capítulo VIII

Raízes, Nervuras e Constelações do Saber

RAÍZES, NERVURAS E CONSTELAÇÕES DO SABER

Nossa primeira problemática constituiu em decifrar os significados do conhecimento e do pensamento geográfico e, logo em seguida, entendê-los como um objeto. Concluímos que o pensar e o conhecer, na verdade, estão numa relação cuja síntese, em termos de ciência, seria o saber. Na Geografia, esse saber foi investigado através de duas dimensões, as quais chamamos de histórica e de teórica-conceitual-propositiva. Através dessas dimensões, identificamos diversos caminhos de investigação em torno do saber como objeto. Também, percorremos os números da produção de dissertações e teses no Brasil, numa descrição quase literal. A magnitude de informações é tamanha que outros estudos mais específicos poderão revelar nuances mais interessantes e com conclusões mais palpáveis em relação às que expusemos neste texto. A ausência de um estudo mais profundo nos conduziu a tal exercício, que se mostrou, com efeito, imprescindível ao caminho percorrido.

Nesse mergulho em conceitos e números, os sujeitos-geógrafos, orientandos e orientadores estiveram praticamente estáticos em nosso estudo, imersos num turbilhão de coisas que tudo arrasta. Neste momento do trabalho, iremos percorrer caminhos esguios, que denominamos de *raízes* e *constelações*. Entendemos que o exercício investigativo dos saberes construídos pelos geógrafos, atualmente, necessita realizar um diálogo com as suas raízes profundas; do mesmo modo, julgamos que as ideias de escolas e correntes são frágeis à diversidade de saberes na qual se encontra a Geografia; por isso, então, é deficitário entender a Geografia evocando poucos nomes, pois a multiplicidade de geógrafos e a heterogeneidade de saberes nos permitem chamá-las de constelações; *não mais de estrelas isoladas*.

As raízes por nós elegidas não se configuram como um fim em si mesmo, onde os frutos do presente, através de uma genética inviolável, seriam herdeiros. A ideia de raízes, no plural, procura indicar que existem muitas perspectivas que podem ser adotadas no trato com o passado. O que elegemos como raízes apenas reflete um modo de olhar para as origens dos estudos na pós-graduação em Geografia no Brasil. Basta um aprofundamento no tempo, de forma mais acentuada do que aqui realizamos, que o leitor logo perceberá que a noção de raízes pode ir mais longe do que se imagina. Evidentemente, tal aprofundamento deve considerar o objeto ora em questão, pois a história não necessariamente é uma cadeia de fatos e, quanto mais profundo cavamos, mais distante o fenômeno se apresenta aos nossos sentidos.

As raízes que identificamos permitiram desenhar constelações dos

geógrafos. Cabe lembrar que essas constelações e raízes são referentes ao saber geográfico como objeto, fato que já indicamos anteriormente. Continuaremos com a mesma questão; agora, contudo, mirando em suas relações e tensões. Dessas raízes e constelações, falaremos daquilo que lhes dão vida: as *nervuras*.

8.1 Origens e Inicios / Tempos e Espaços: A questão do nascimento de um saber sobre o espaço.

O nascimento do saber geográfico, comumente confundido com o nascer da Geografia, foi credenciado a determinados homens e lugares, e o fazer científico, nesse sentido, tornou-se a orientação e condição primária de tal legitimação. De fato, situar espaço-temporalmente a prática de um saber responde a determinados objetivos, sobretudo àqueles direcionados à concreção política (legitimação e existência) de um campo do saber no rol infinito da fragmentação da Ciência Moderna. O saber, no entanto, quando despido da aura científica que o circunda, passa a fluir de diferentes direções, não portando um início e lugar propriamente definido. Essa perspectiva enriquece e reconhece o papel e o potencial do geográfico em diversas instâncias da vida individual e em sociedade, que não apenas a metodização do pensar no cilindro acadêmico.

As atividades de pensar e conhecer preexistem à ciência propriamente dita. A articulação e sistematização de ambas – de um saber sobre o mundo – são independentes da metodização das atividades ordinárias do intelecto humano. Com isso, não pretendemos repelir a razão científica, numa espécie de depreciação do seu papel na vida humana. Reconhecemos, inelutavelmente, seu cariz ímpar. Apreciamos, contudo, que o saber, e o saber geográfico em específico, jaz, concomitantemente, em outros espaços e sujeitos. Assim, essas outras direções e lugares não pretendem eliminar o que se concebe como razão científica, mas adicionar a esta última outras razões que vêm animando a vida na história.

Compreendemos que o saber geográfico brasileiro (e não estamos pensando apenas no acadêmico) comporta mais de uma origem e, assim, flui de diversos sujeitos e grupos. Isso não significa – o que também não deixa de ser – que a razão científica seja falha. Apenas, e somente isso, julgamos que o saber geográfico "nasceu" em diversos lugares. Nesse sentido, a origem científica não pode ser totalizadora, suprimindo outros "nascedouros".

A corporificação das duas dimensões de investigação que longamente falamos – a história e a teórica-conceitual-propositiva – não pode centrar suas

atenções, unicamente, aos ofícios e produtos da razão científica ou aos produtos da vida "culta" da tradicional "elite" letrada, ou, ainda, da *intelligentsia*, nos termos de Karl Mannheim (1968). Se acreditamos que um programa de pesquisa existe e detém um papel em sociedade, este, também, precisa acompanhá-la. O "objeto Brasil" não mais sustentará a condição de ser imagem e semelhança do Velho Mundo na ordem rítmica que rege o norte do planeta. Por mais eficaz que seja o modo com que a ideologia totalizadora se distribui nos interstícios do cotidiano, as sabedorias – e, portanto, um pensar e um conhecer autônomos – mostraram-se capazes de resistir no correr dos tempos, ainda que a duras penas, e, agora, reclamam reconhecimento. O perspectivismo ameríndio e a cosmogonia africana enquanto saberes, a citar exemplos, são dados que o tempo totalizador ainda não eliminou, *vide*, inclusive, as práticas tradicionais de agricultura – saberes esses que chamamos de conhecimentos camponeses.

Quando falamos em Ciência e Brasil, o segundo e seus povos não podem ser, unicamente, sinônimos da primeira. A origem ou o nascimento de um saber sobre o espaço brasileiro também brota de outras matrizes. A Geografia euroacadêmica e, também, os investigadores da história e epistemologia do saber geográfico, necessitam estabelecer um diálogo com as antecedidas *condições do possível* nas terras brasileiras.

As *condições do possível* ou os *mundos possíveis* vêm fazendo, com grande efeito, parte do discurso acadêmico. A incompreensão desses condutos vem condicionando muitos intelectuais à pré-conceituação do diferente sob o rótulo de pós-modernismo – uma espécie de classificação onde a razão, nos moldes tradicionais, estaria ausente. Tem-se, efetivamente, um novo tipo de relação classificatória entre o "nós" e o "outros" e a razão, não mais seria a cor, gênero ou classe a cordilheira que os separa. Essas intepretações flutuantes, na verdade, incorporam todo tipo de herança que vem regendo o controlo científico nos últimos séculos, ao que compreendemos como ciência.

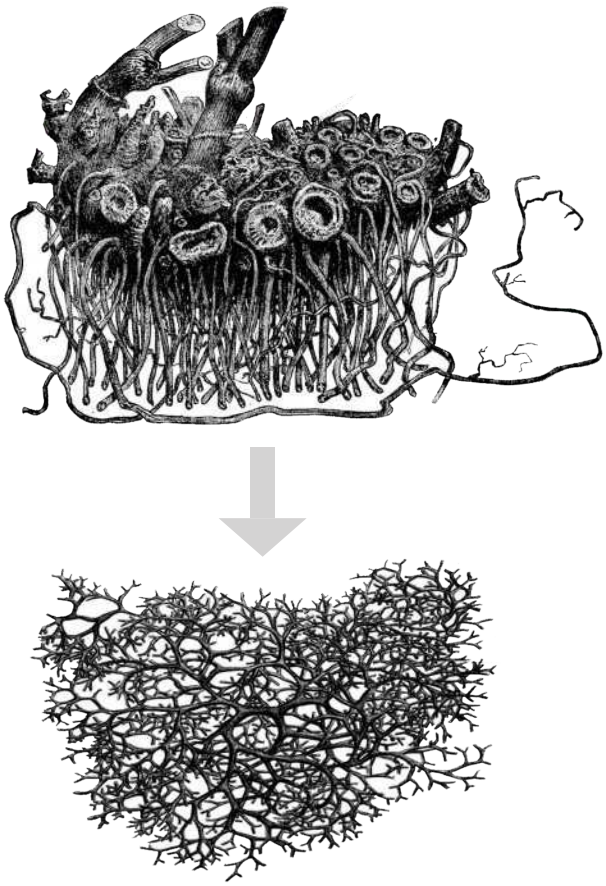
O que entendemos como início, origem e nascimento, nesse sentido, deve ser compreendido como um *meio* – e – que, por sua própria multiplicidade, varia com o gosto do intelectual que seleciona os dados na história, numa composição alquimística dos fatos do tempo humano. Sendo o saber inerente à vida, dificilmente chegaríamos ao "início" ou "origem" do saber geográfico, numa busca genealógica infinita do "pai" ou "mãe" onipotentes desse saber. Nesse sentido, parece que um certo relativismo histórico vem à superfície, mas não se trata, necessariamente, de relativizar os acontecimentos do tempo de outrora.

Parte-se de um reconhecimento de diferentes e variadas expressões do saber geográfico, que não apenas o científico. Entendemos que os fatos científicos, e até mesmo políticos e culturais de preciosa relevância nas determinações dos coletivos sociais, não perdem a polivalência como alavancas do social; não podem ser, contudo, as únicas manifestações genitoras do saber.

Conduzimos o tripé "início, origem e nascimento" ao termo *raiz*. Em outras palavras, entendemos as determinações históricas (ou determinados sujeitos) como *raízes*, cabendo a cada investigador selecionar as que melhor respondem ao objeto ora elegido, levando-se em conta as próprias condições técnicas de que dispõe.

Aproximadamente, a condição gramínea ou rizomática de Deleuze e Guatarri (2009) exemplifica, de modo representacional, a forma de como compreendemos as noções de "início, origem e nascimento" do saber geográfico, através da noção de rizoma, na Figura 13.

Figura 13: Raízes Rizomáticas.



Fonte: rizomasite.wordpress.com

Um dos princípios mais determinantes do rizoma são as diversas e múltiplas entradas. Como num efeito labiríntico, teríamos, em vez de uma entrada, diversas portas e, do mesmo modo, saídas. A condição rizomática, ainda, representa diversas dimensões da coisa em questão, apontando caminhos movediços; não se configurando, portanto, como um "início" ou "fim" determinado. O rizoma, em síntese, é um *meio* entre as coisas, sempre aberto a linhas de fuga (DELEUZE e GUATARRI, 2009). Assim entendemos as noções de origem, início e/ou nascimento. Ainda que a ideia de raiz seja criticada por Deleuze e Guatarri pelo seu carácter arborescente, compreendemo-la, todavia, como um meio, que é antecedido por um chão. As raízes, como aqui entendemos, são reflexos e produtos da história, abertas a futuro incerto, rumo a diversos direcionamentos – a constelações.

8.2 Raízes

A busca da *origem* das coisas vem tentando a espécie humana desde o urgir dos tempos – sincronicamente, foi articulando-se a caçada infinita pelo *sentido* do existir e do morrer. Toda raiz – ou o que também chamamos de *início* – está cravada sobre um chão que, invariavelmente, o antecede. O existir, nesse sentido, corporifica-se junto ao morrer pela própria história, que lhe é inerente. Esses traços de reflexões pressupõem um problema ontológico, mas também (e não menos) gnosiológico, uma vez que o morrer (aquilo que se julga como não estar mais entre os vivos) manifesta-se no presente como um dado político. A escolha dos nomes nos corredores dos cemitérios desenhará as correntes que terão de resistir as turbulentas ventanias do presente, onde o jogo jamais termina, uma vez que o "morto pode ou não retornar, mas sua voz ganha vida, paradoxalmente nunca pela mera imitação, e sim pela agônica apropriação cometida contra poderosos precursores apenas pelos seus sucessores mais talentosos" (BLOOM, 1997, p. 24). Este trecho de Bloom personifica aquilo que Nietzche, em *Genealogia da Moral*, mencionou em relação aos "mortos e vivos", num sentido um tanto quanto intrigante

> [...] na relação entre *os vivos e seus antepassados*. Na originária comunidade tribal – falo dos primórdios – a geração que vive sempre reconhece para com a anterior, e em especial para com a primeira, fundadora da estirpe, uma obrigação jurídica (e não um mero vínculo de sentimento: seria lícito inclusive contestar a existência deste último durante o mais longo período da espécie humana). A convicção prevalece

> de que a comunidade subsiste apenas graças aos sacrifícios e às realizações dos antepassados – e de que é preciso lhes pagar isso com sacrifícios e realizações: reconhece-se uma dívida *[Schuld]*, que cresce permanentemente, pelo fato de que os antepassados não cessam, em sua sobrevida com espíritos poderosos, de conceder à estirpe novas vantagens e adiantamentos a partir de sua força (NIETZSCHE, 1998, p. 33).

Nossa escolha por determinadas *raízes* não deixa de ser um ato político e lógico; mas nem por isso uma ação imprudente. Nos cemitérios sempre haverá nomes a serem revividos – e entre os vivos aqueles que serão jogados ao fosso do esquecimento – assim comporta a história – como uma espécie de *arte da guerra*, como bem assinala Onfray (2008) referindo-se às sabedorias antigas que foram soterradas pelo que se denomina de história dos vencedores. Para Bloom (1997, p. 192), "os mortos poderosos retornam, mas retornam com nossas cores, e falando nossas vozes, pelo menos em parte, pelo menos por momentos, momentos que atestam nossa persistência, e não a deles". Na história do pensar ou conhecer geográfico, não é muito diferente. A impressão que temos é a de que a elaboração de uma construção intelectual do mundo, que leve em conta o fator espacial, circunscreve-se a uma origem geográfica literalmente situada em determinados países, na personificação de determinados sujeitos. A geografia, assim, vai costurando separações e edificando mundos da sabedoria e da razão e outros universos do irracionalismo, à condição de selvageria (MUDIMBE, 2014). Os seres "não pensantes" – "sujeitos-animais" – têm uma história construída à vontade das elites, ou, como nos indica Galeano (1996, p. 286), "estuda-se a história como se visita um museu; e esta coleção de múmias é uma fraude [...] obriga-se o oprimido a fazer a sua, uma memória fabricada pelo opressor: estranha, dissecada, estéril. Assim, ele se resignará a viver uma vida que não é a sua, como se fosse a única possível".

A ideia de raiz, nesse jogo, pode ter uma dupla interpretação. Por um lado, refere-se a sujeitos que "iniciaram" um tipo de estudo, sendo alçados ao nível de "pais". Por outro, as raízes podem se referir ao saber que existe antes de sua "descoberta", que, quando sistematizado como "um dado objeto" no âmbito científico, perde seu início original. As raízes mais profundas do saber espacial brasileiro podem remontar aos primeiros indivíduos que nesse curioso território se instalaram.

Quais seriam, então, as raízes do saber geográfico, e em quais parâmetros estariam as adjetivações rizomáticas?

A metáfora das raízes já foi utilizada por diferentes intelectuais, como Holanda (2004 [1936]), em *Raízes do Brasil*, revelando o caráter colonialista que edificou o Brasil. O dado colonial é importantíssimo para pensarmos as raízes em uma perspectiva rizomática. O colonial, para além da materialidade mercadológica que regia em primeiro lugar sua função, marcava através da grande propriedade, do trabalho escravo e da monocultura o sistema econômico e político brasileiro. O sistema colonial, contudo, não apenas firmou sua lógica na produção mercantil e nas relações de trabalho, mas também na razão de ser de negros que foram escravizados, indígenas, mulheres e sujeitos que não participavam da mesa das elites. Nesse ínterim, a ciência vinha sendo feita e, como tal, refletia o mundo pelo qual veio a existir. É essa ciência, a serviço da burguesia, que marca o "nascimento" da geografia moderna (PORTO-GONÇALVES, 1982; MOREIRA, 2008).

A ordem regente do mundo colonial não conseguiu eliminar totalmente os saberes manifestos às condições adversas ao sistema. Vejamos, brevemente, as manifestações do saber em duas perspectivas: a indígena e a africana.

***

Em verdade, poderíamos elaborar um capítulo sobre o saber na América Latina e na África, mas isso apenas ampliaria nosso trabalho, recaindo em reducionismos de toda natureza. A América Latina, nas palavras de Galeano (1996), "é uma caixa de surpresas; não se esgotará nunca a capacidade de assombro desta região torturada do mundo", adicionaríamos, aqui, também, África. Iniciemos, todavia, pelo que nos indica Viveiros de Castro (2015, p, 25):

> O xamanismo é um modo de agir que implica um modo de conhecer, ou antes, um certo ideal de conhecimento. Tal ideal está, sob certos aspectos, nas antípodas da epistemologia objetivista favorecida pela modernidade ocidental. Nesta última, a categoria do objeto fornece o telos: conhecer é "objetivar"; é poder distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence ao sujeito cognoscente, e que, como tal, foi indevida e/ou inevitavelmente projetado no objeto. Conhecer, assim, é dessubjetivar, explicitar a parte do sujeito presente no objeto, de modo a reduzi-la a um mínimo ideal (ou a ampliá-la demonstrativamente em vista da obtenção de efeitos críticos espetaculares). Os sujeitos, tanto quanto objetos, são concebidos como resultantes de processos de objetivação: o sujeito se constitui ou reconhece a si mesmo nos objetos que produz, e se conhece objetivamente quando consegue se ver "de fora", como um "isso". Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. A forma do Outro é a coisa. O xamanismo

> ameríndio é guiado pelo ideal inverso: **conhecer é "personificar", tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido**. Ou antes, daquele; pois a questão é a de saber "o quem das coisas" (Guimarães Rosa), saber indispensável para responder com inteligência à questão do "por que". (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 50, grifo nosso).

A relação com o mundo, com a disposição ao saber, é diferente. São relações que diferem das concepções que regem a ciência moderna. A construção do saber, no perspectivismo indígena, deriva-se de práticas empíricas, simbólicas, ideais e materiais. O saber, assim, é o encontro entre esses elementos (o simbólico, o imaginário e o real), efetivando um "lugar de encontro entre significações e ações, espaço onde conflui a coevolução da biologia e da cultura e onde se geram novas utopias e projetos históricos que reintegram a ordem social dentro da natureza" (LEFF, 2002, p. 281).

Esse saber sobre o mundo, circunscrito ao próprio universo da comunidade, é uma primeira porta às nossas raízes rizomáticas. Um *saber sobre o mundo*, através do perspectivismo indígena, é um *saber sobre o espaço*. É um saber que detém e determina ações, de interação e leituras do real. Para Leff (2002), esse saber ainda vem sendo objeto de interesse do poder econômico, sobretudo da bioprospecção (valor potencial dos recursos genéticos) e da etnobioprospecção (apropriação dos saberes indígenas sobre o uso das espécies vegetais) – empresas de biotecnologia são as maiores interessadas nos recursos bióticos.

Chamamos atenção ao fato de que esse saber – essa relação com o mundo (espaço) – corresponde a uma orientação de ações e sentidos sobre o lugar/território/paisagem, em outros termos: há geografias sendo construídas sobre o real – um *saber geográfico*, portanto. Esse saber geográfico, muitas vezes na condição de objeto de estudos pela ciência, corresponde a uma das raízes do saber geográfico sobre o Brasil. Poderíamos ampliar a propositura de Santos (2002) com sua sociologia das ausências. Contudo, interessa-nos, apenas, a lembrança histórica de saberes que circularam, e ainda circulam, antes de uma institucionalização científica de um dado campo do conhecimento nos moldes que então conhecemos dos centros científicos.

Além das raízes do saber geográfico que fluíram/fluem do perspectivismo indígena, a dimensão racial na personificação dos Negros, forçosamente instalados nesse território, trouxeram e construíram cosmovisões do mundo. O Negro, em termos de ciência, todavia, é "aquele que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender" (MBEMBE, 2014).

O Negro, na ordem da Modernidade, sempre ocupou o lugar de objeto. No plano do humano, sua carne foi transformada em coisa e a alma em mercadoria, tornando-se, nos termos de Mbembe (2014), a cripta viva do capital. A geografia, seja como um instrumento de capitalização no mundo colonial, ou imanência – geográfico/geograficidade do ser –, tem uma relação muito intima com o Negro. A geografia, do ponto de vista colonial, definiu a ordem hierárquica aos africanos com o rótulo de "selvagens" e aos europeus o de "civilizados" – esta ciência também operou na distribuição espacial, o que conhecemos como Diáspora Africana. A geografia, ainda, lançou as bases do determinismo ambiental e racial à edificação da categoria nação no Brasil de outrora. O saber geográfico transposto do Velho Mundo operou através das categorias raça e meio à construção da ideia de Brasil (CIRQUEIRA, 2015). A racialidade

> [...] compôs as discussões que envolveram o "nascimento" da Geografia dita moderna, inclusive no Brasil. Contudo, por conta de uma história que envolveu mudanças na forma de interpretar o étnico-racial e a nação, bem como, a ocorrência de giros epistemológicos na própria Geografia, esse tema, compreendido como maldito, foi soterrado na "memória" profunda da disciplina; ainda assim, continua informando e influenciando o discurso geográfico que se produz (CIRQUEIRA, 2015, p. 18).

E, com essa geografia,

> [...] foi conformada uma regionalização racializada e hierarquizada do mundo, no qual estavam integrados homem e meio, ou sociedade e natureza. Os clássicos fundadores da Geografia (colonial) moderna tomaram parte dessas abordagens [...] Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal La Blache (1845-1918) (CIRQUEIRA, 2015, p. 59).

As relações entre saber, geografia e raça são mais intrínsecas do que soam à primeira vista. Se formos à etimologia do termo *saber*, teremos uma primeira tensão, como assinala Obenga (2004). Supostamente, o amor à sabedoria teria nascido na Grécia, mas o *saber*, tal relação do humano, também é identificado no Antigo Egito através da palavra *rekh* (significando saber ou ciente, apreender, ciência e conhecimento preciso). O próprio entendimento do saber, nesse sentido, teria outras origens, que não apenas a geografia situada grega.

Atualmente, a relação entre raça e saber, na visão de Mbembe, ganhou contornos que lhe permitiram denominá-la *Razão Negra*. "Por este termo ambíguo e polêmico, designamos várias coisas ao mesmo tempo: **imagens do**

saber, um modelo de exploração e depredação; um paradigma da submissão e das modalidades da sua superação, e, por fim, um complexo psiconírico" (MBEMBE, 2014. p. 25, grifo nosso).

O Negro, no Brasil, ainda que na condição de escravo, produziu obras intelectuais, progenituras etc. Ao mesmo tempo, não é considerado autor e produtor de obras, literaturas – do saber. Por isso, é necessário considerar as *condições do possível*, numa espécie de recuperação "das fontes dos rios que estão perdidas" (MBEMBE, 2014. p. 80).

Em termos de saber – um modo de ser e ver o mundo –, a cosmovisão africana é um exemplo, caracterizado pela devoção à ancestralidade (fonte de saber e respeito), articulando o universo, a palavra, a pessoa, o tempo, processos de socialização, o poder e a produção. Na cosmovisão africana, os elementos do mundo não são isolados, "tudo está em tudo". Contudo, existe o culto à diversidade em contraposição a modelos únicos (OLIVEIRA, 2003). Da cosmovisão de

> [...] matriz africana nasce a filosofia de matiz africana. Pensamento que se re-pensa, é certo, mas também vai além de seus domínios. Transborda as fronteiras do Si-Mesmo para encontrar a Alteridade. Reconhece que a filosofia é antes de tudo uma atitude. Uma Ética. **Uma atitude ética baseada na sabedoria dos ancestrais**. Por isso mescla racionalidade com encantamento; logos com mito; magia com ciência. A filosofia de matizes africanas é driativa e dinâmica. Cria seus próprios princípios e dinamiza sua experiência civilizatória para além do eterno retorno da tradição, para manter, atualizar e re-inventar sua forma cultural, para implementar seus projetos políticos (OLIVEIRA, 2003, p. 104, grifo nosso).

No Brasil,

> [...] a partir - e sobretudo -, das organizações religiosas, os negros africanos e seus descendentes recomporam as estruturas e princípios tributários de uma cosmovisão de matriz africana e, em solo brasileiro, reconstituíram seu universo cultural-religioso preservando, não sem rupturas e alterações, os princípios fundamentais de sua tradição, fonte suprema de sua identidade cultural (OLIVEIRA, 2003, p. 41).

A cosmovisão, que aqui utilizamos como exemplo, representa um modo de lidar, ser e ver o mundo. Em síntese, um saber. Esse saber direciona-se ao ambiente que o circunda – o espaço. É um saber, assim, com elementos do geográfico em sua essência. Esse saber, transposto ao Brasil através do tráfico negreiro, passou a fazer parte do rol das sabedorias menosprezadas, conduzidas ao plano do irracional e do

primitivo. Tal sabedoria, viva nos terreiros e quilombos, detém uma leitura singular sobre o espaço, o que nos permite afirmá-la como uma outra porta às raízes rizomáticas das origens do saber geográfico brasileiro.

A exclusão, o extermínio, a razão científica, o perspectivismo indígena e a cosmovisão africana, para nós, fazem parte, em resumo, de um todo heteróclito de diversas portas. Ao mesmo tempo em que consideramos os saberes indígenas, africanos e da própria ciência como promovedores da genitura do saber geográfico brasileiro, a estrutura dos acontecimentos também pode assim ser classificada; o meio e a raça como princípios de classificação, o colonialismo etc. Tudo isso são as raízes do saber geográfico brasileiro – a história e a geografia dos acontecimentos em sua plenitude.

Essas adjetivações rizomáticas das raízes não param por aqui. Se mergulharmos no interior do fazer científico de perfil geográfico, poderemos apontar, num curto resumo, interstícios pouco discutidos. No curso das coisas, certos fatos ganham maior exposição que outros; assim também o é com as raízes fundas da geografia. Além dos exemplos que apontamos (perspectivismo indígena e cosmovisão africana), podemos somar a estes a frágil e pequena exposição de mulheres geógrafas na história desse saber. Apenas como medida de exemplo, lembro da geógrafa Mary Fairfax Somerville. Esta polímata escocesa, nascida em 1780, em Jedburgh, contemporânea de Humboldt e Ritter, dedicou-se à geografia, à matemática e à astronomia. Publicou seis livros, dos quais destacamos dois: *On The Connection of the Physical Sciences (Sobre a conexão das Ciências Físicas)*, de 1834, e P*hysical Geography* (Geografia Física), de 1848. Esta última obra (contando com sete edições), segundo Ferreira (2011), lhe confere o "título" de pioneira da Geografia Moderna. Além de Smerville, outras geógrafas também se destacam, como Clémence Augustine Rover (1830-1902), Ellen Churchill Semple (1863-1932), Martha Krug-Genthe (1871-1945) e Millicent Todd Brigham (1880-1968).

Igualmente, lembramos o exercício que Bauab (2005) realizou. Ele foi até a Geografia Medieval para explicar as origens da Geografia Moderna, assim como fizeram Fernandes (2002) e Machado (2006) recuperando elementos da formação do saber geográfico antes da institucionalização universitária de 1930 no Brasil. Todos esses fatos são, a nosso julgar, raízes de adjetivação rizomática. O conhecer, pensar – o saber geográfico – quando compreendido como uma inerência do humano, para além do científico, manifesta-se de diferentes formas e em diversos lugares.

As raízes desta pesquisa personificam-se em determinados geógrafos. A escolha de cada qual guarda dois princípios que julgamos fundamentais. O primeiro é dado histórico, sem pretender uma genealogia rígida, de donde os produtos de uma árvore remontariam; a função histórica auxiliou-nos à leitura da condição constelatória dos geógrafos brasileiros nos dias de então. A aparente dispersão de geógrafos na infinidade de instituições de ensino no Brasil pode ser mapeada e compreendida. As frações de investigações que cada geógrafo se dedica a entender são pedaços do real materializado em cada ponto das bibliotecas que guardam, para além da esfera do olhar, ligações subjetivas, ora de compactação, ora de confrontos. A negação de outrem não deixa de ser um ato de relação, remetendo, inevitavelmente, a um fator político ou do próprio campo de disputa, como lembra Pierre Bourdieu (1983). Negar é uma espécie de inclusão no rol dos excluídos. A imaginação daquele pensador, filho de si mesmo, é falha; as relações entre o que se concebe como orientador e como orientando precisam ser reveladas.

O papel da história – daqueles sujeitos que nos antecedem – qualifica uma simetria que liga cada mente no conjunto total de pessoas movidas à compreensão do mundo através do saber geográfico. Tem-se, efetivamente, uma constelação de intelectos num universo conhecido como Geografia.

O segundo princípio remete à circunscrição objetiva do nosso objeto. O alvo que pretendemos atingir é a produção de dissertações e teses nos programas de pós-graduação do Brasil num dado tema. Tivemos, assim, que ir até o "início" dessa produção, procurando as "origens" dos mestres e doutores e o "nascimento" dos primeiros "filhos", a partir, notadamente, do que entendemos como pós-graduação.

8.3 Nervuras

Das raízes às constelações, há um ambiente em tensão, um chão, o que chamamos de *nervuras*. Esse termo, cujo sentido guarda uma certa polissemia, é de significativa importância para a nossa reflexão. Como nervos que latejam e percorrem as partes do corpo, as nervuras sustentam uma determinada totalidade.

Na literatura filosófica, Maurice Merleau-Ponty é um dos nomes que utilizam esse termo. A nervura aparece em algumas de suas obras, sem um aprofundamento da terminologia propriamente dita, entendendo-a, então, como uma espécie de sustentação ou estrutura. Na obra *Signos*, de 1960, ele menciona que "há entre os homens e em cada um deles uma incrível vegetação de palavras cuja nervura são os "pensamentos" (MERLEAU-PONTY, 1991 [1960], p. 17). Em uma outra passagem, no livro *O visível e o invisível*, de 1964, revela que "do mesmo modo que nervura sustém a folha por dentro, do fundo de sua carne, as ideias são a textura da experiência" (MERLEAU-PONTY, 2003 [1964], p. 118). Ainda, destaca que "a estrutura invisível não pode ser compreendida sem a relação com o *logos*, a palavra – o sentido invisível é a nervura da palavra" (MERLEAU-PONTY, 2003 [1964], p. 206-207). Para Merleau-Ponty, portanto, os pensamentos seriam os veios [nervuras] das folhas [palavras].

Com origens em Merleau-Ponty, Chauí chega às seguintes conclusões, num estudo referente à liberdade e imanência em Espinosa:

> [...] nervura do real pretende assinalar, desde o começo, que estamos numa filosofia que não trabalha com a cisão sujeito-objeto, não considera, à maneira cartesiana, que a consciência seja um princípio da filosofia, e não admite, à maneira kantiana, que o real seria a multiplicidade bruta a ser organizada e ordenada como fenômeno pelo sujeito do conhecimento. Nervura do real e imanência significam a realidade auto-ordenada e auto-estruturada por um princípio inteligível que é sua própria ação e sua própria existência. Essa inteligibilidade plena do real é afirmada pela primeira definição da "Ética", a da "causa de si" (CHAUÍ, 1999, sem pág.).

A *nervura do real* de que fala Chauí é uma especie de "estrutura" autoordenada. A expressão "nervura do real" é o título de sua Livre-Docência de 1977. Nesse sentido, a ideia de nervura, em seu estudo, refere-se a uma causalidade imanente, uma vez que

> [...] Spinoza explica que existe no universo uma única substância. Essa substância única, ela é de uma complexidade infinita, constituída de qualidades infinitas, que são ações que produzem todas as coisas. Na tradição filosófica e na tradição religiosa, uma substância infinita é Deus. Spinoza diz: é Deus. Só que, na tradição filosófica e na tradição religiosa,

> Deus com Estado é transcendente, isto é, ele está fora, separado do universo que ele criou ou que ele contempla. Na filosofia antiga, ele contemplava... na filosofia judaica ou cristã, ele cria esse mundo por um ato contingente da sua vontade, mas ele está fora e separado. Então ele governa o mundo, ele se revela, ele pune, ele é monarca, ele é juiz, mas ele está fora. O Deus de Spinoza está dentro, ele é imanente ao universo. Cada um de nós e todas as coisas são expressões particulares, expressões singulares, expressões individuais dessa única substância infinita. Ela age produzindo tudo isso sem se separar dos seus efeitos. Ela é uma causa imanente. Essa causa imanente que garante a existência de cada um dos seres singulares. E as articulações e unidade de todos eles na natureza e que forma a unidade complexa do universo, **essa causalidade imanente é a nervura que prende todas as partes da realidade.** Então, a causalidade imanente de Deus é um Deus que produz sem se separar das coisas por ele produzidas, é a **nervura da realidade**. (CHAUÍ, 1999b, p. 11, grifo nosso).

Caso percorramos, por outro lado, o significado de nervura na ciência, poderemos chegar às seguintes conclusões:

> [...] "nervura" se refere aos filamentos compostos por feixes de fibras que transportam os impulsos dos órgãos sensoriais ao sistema nervoso central e vice-versa, possibilitando movimento e sensibilidade. Na botânica, a palavra "nervura" quer dizer filamento ou veio de folhas e pétalas por onde é transportada a seiva. Na zoologia, "nervura" se refere ao tubo córneo que, ramificado, sustenta a membrana das asas dos insetos. Na tipografia, "nervura" se refere à saliência transversal das lombadas dos livros encadernados. E, na arquitetura, "nervura" é o termo que designa a linha ou a moldura saliente que separa as arestas de uma abóbada, os lados das ranhuras ou os ângulos das pedras (FABIÃO, 2010, p. 324).

A nervura, como descrito nas citações, apresenta-se com distinções na botânica, zoologia, topografia, arquitetura e na filosofia. Essas manifestações guardam, contudo, um elemento em comum. A nervura seria uma espécie de sustentação que segura uma certa totalidade: um livro, um pássaro, sistema nervoso, veio das folhas e, como Chauí destacou, "um princípio inteligível que é sua própria ação e existência", sendo, pois, uma espécie de contingente-conteúdo. Para nós, a nervura é uma espécie de tear no seu mais amplo sentido – a geografia teria diversos teares, cabendo a nós identificá-los. Em última instância, a nervura é a característica/tema de um conjunto de intelectuais em torno de objetos semelhantes de pesquisa na latência das tensões.

Destacamos, contudo, que a presença da nervura em Merleau-Ponty e em Chauí, como demonstramos, procurou apenas apresentar alguns exercícios que ambos adotaram. Não podemos afirmar com toda clareza o *peso* desse termo na

obra desses filósofos, assim como suas respectivas limitações. Estamos seguros, porém, de que a nervura ainda não alcançou o nível de conceito, tanto na filosofia quanto na ciência. Estudos futuros podem provar ou contestar este nosso juízo, embora estejamos convencidos de tal constatação, cuja confirmação se revelou na falta de bibliografia e de materiais que utilizassem a semântica de "nervura". Também não pretendemos operacionalizar a nervura como um conceito, apenas a utilizaremos como um termo que responde aos anseios do presente texto.

As nervuras, como aqui utilizaremos, representam momentos, lugares e/ou sujeitos em pulsão, escolhidos (mediante critérios políticos e/ou científicos) por observadores que, muitas vezes, estão no exterior do fenômeno, configurando-se como uma base de sustentação. Em outras palavras, as nervuras são as escolhas (objetos) realizadas pelos intelectuais em suas investigações. Nesse sentido, nervuras – o produto das raízes rizomáticas (história) – são construídas e/ou encontradas pelos próprios sujeitos no realizar do investigar. Em termos de Geografia, por exemplo, poderíamos citar o ENG de 1978 como uma nervura na história das relações entre os geógrafos brasileiros. Uma nervura, desse ponto de vista, é o embate entre os grupos de pesquisa, a luta incessante pela apropriação do saber, pela validade do que acreditam ser o potencial do real. A nervura pode ser a quebra entre orientando e orientador, o rompimento entre os filhos e os pais – uma criação de novas famílias. Uma nervura ganha o foro, ainda, das tentativas epistemicídicas dos novos ante a seus antecessores, bem como dos vivos que lutam entre si, ou, nos termos de Bloom (1997, p. 61), "a batalha entre iguais fortes, pais e filhos como poderosos opostos".

Entendemos as nervuras, portanto, como um conceito mais modesto do que as "permanências e rupturas", ou mesmo os "paradigmas". De certa forma, a noção de nervura pode se aproximar daquilo que Kuhn chama de "tensão essencial"[193] na atividade científica. Em síntese, a nervura é um ambiente/tema/objeto/sujeito em/de tensão, podendo ser real ou criado. Dentro das constelações, procuraremos identificar e apresentar as nervuras que as sustentam além do conhecer e do pensar enquanto saber.

[193] Esta expressão marca o título de uma de Thomas Kuhn de 1977. A edição brasileira é de 2011, *A Tensão Essencial:* estudos selecionados sobre tradição e mudança científica. São Paulo: Ed. UNESP.

8.4 Constelações

A constelação é um termo que remonta à astrologia através do termo latim *constellatio*, representando um conjunto de entes numa área definida. O geógrafo Ptolomeu identificou 48 constelações, figuradas na sua obra *Almagesto*. Há datações que remontam ao Antigo Oriente e outras à China Clássica – atualmente, segundo a União Astronômica Internacional (UAI), são conhecidas 88 constelações.

Nas constelações, os antigos liam o futuro e as estrelas exerciam papel de guias às navegações. Havia, então, uma função preditiva através do presente, constituída pelo passado na imagem de estrelas dispostas. Sabemos que muitas estrelas que vemos hoje podem não mais existir – restando-nos apenas seu brilho que chega à velocidade da luz aos nossos olhos. Nos céus, é possível observar diversas constelações, cuja posição geográfica, temporal (e cultural) do observador determinará a pretensa imagem. Nos céus das estrelas, portanto, há diversos mundos possíveis; basta atentarmo-nos às diferentes perspectivas das constelações observadas pelos hindus e pelos aborígenes australianos.

Esses aspectos tonaram-se centrais à filosofia, sobretudo na figura dos filósofos Walter Benjamin e Theodor Adorno. Esses dois filósofos deram as bases onto-epistemológica à ideia de constelação. Em Benjamin, a constelação aparece em sua Tese de Livre-Docência, de 1924, denominada *Origem do drama Barroco Alemão*. A constelação tem a conotação de metáfora, menciona: "As ideias se relacionam com as coisas como as constelações com as estrelas [...] As ideias são constelações intemporais, e na medida em que os elementos são apreendidos como pontos nessas constelações, os fenômenos são ao mesmo tempo divididos e salvos" (BENJAMIN, 1984, p. 56-57).

Benjamin procura inverter o pensamento de Platão sobre a teoria das ideias, defendendo que os fatores particulares e mutáveis são a essência das mesmas (BORTOLINI, 2015). Para Buck Morss (1998), o entendimento da constelação em Benjamin precisa considerar as estrelas como elementos empíricos, numa espécie de pedaços do passado; esses pedaços seriam ilimitados, cabendo ao acadêmico descobri-los e reuni-los no presente – em constelações – indicando que a verdade é fluida e variante. Assim, segundo Buck Morss (1998, p. 51):

> Numa sociedade ideal, conta-nos Benjamin, todas as estrelas seriam incluídas, e toda constelação seria legível. Mas na nossa isso é impossível. O poder distorce a visão dos céus, impondo seus pesados telescópios sobre certas áreas, de modo que sua importância se amplia, obstruindo outras de forma tão avassaladora, que ficam completamente invisíveis.

Benjamin, dessa forma, lança as bases necessárias à noção de constelação (ainda como metáfora) no âmbito científico e filosófico, mas caberá a Theodor Adorno elevá-la ao nível de uma categoria. Adorno, sob forte influência de Benjamin, apropria-se da noção de constelação de tal modo que, em toda sua obra filosófica, é possível identificar a presença da constelação, remetendo a diversos sentidos, desde "conjunto", "grupo", "constelação de conceitos", "constelação de teorias", "constelação de objetos", "constelação de fenômenos" e mesmo "constelações de autores" (SILVA, 2006). Entre suas obras, a constelação ganha maior centralidade na *Dialética Negativa* de 1966. Outros autores poderiam aqui ser citados, como Karl Mannheim, em sua *Sociologia do Conhecimento* (1925)[194]; György Lukács, em *Ontologia do Ser Social I e II*[195]; Max Weber e a "constelação de interesses"[196]; Deleuze e Guatarri, em *O que é Filosofia?*[197], referindo-se aos conceitos. Também fazendo referência a conceitos, o geógrafo Rogério Haesbaert (2010, 2014) chama atenção a uma "constelação de conceitos" e à "região numa constelação de conceitos"[198]. A despeito de todas essas manifestações, em geral de modo metafórico, dialogaremos com o pensamento de Theodor Adorno, sob o qual esse termo ganha foros de categoria.

[194] "O termo "constelação" vem da astrologia e se refere à posição e relação mútuas das estrelas na hora do nascimento de um homem. Investigam-se essas relações pela crença de que o destino da criança recém-nascida é determinado por essa "constelação". Em um sentido mais amplo, o termo "constelação" pode designar a combinação específica de certos fatores em um momento dado; e isso deverá ser observado quando tivermos certeza de que a presença simultânea de vários fatores é responsável ela configuração assumida por um fator no qual estivermos interessados. Para nós, a astrologia não tem nenhum sentido ou realidade além do exposto. A categoria de constelação, no entanto, foi aduzida do contexto descritivo e teórico da astrologia e, tendo sido incorporada em um novo contexto weltanschauung, representa, agora, uma das categorias mais importantes que usamos para interpretar o mundo e a mente humana". (MANNHEIM, 1925 [1965], p. 14).

[195] Lukács faz referência a diferentes noções de constelação, a saber: constelação categorial, constelação vital, constelação de circunstâncias do ser, constelação ontológica, constelação sócio-ontológica concreta e constelação ideológica.

[196] [...] Weber adota o termo "constelação" (Konstellation), conferindo-lhe, entretanto, um sentido adequado à sua perspectiva epistemológica. Por constelação, passa a designar a conjunção não-essencial de elementos que formam os objetos do saber científico, isto é, uma conjunção significativa, que se sustenta unicamente no movimento subjetivo de aplicar um interesse particular à pesquisa da realidade. A ciência que se orienta nesses termos é um conhecimento da realidade histórica, do fenômeno que, não por essência, mas por intervenção do sujeito que conhece, é basicamente particular. (CAMPOS, 2011, p. 154).

[197] O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de cria-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna" (DELEUZE e GUATARRI, 1992, p. 46).

[198] Consultar os seguintes livros: HAESBAERT, Rogério. Viver no limite: território multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. RJ: Bertrand, 2014. HAESBAERT, Rogério. Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. RJ: Bertrand, 2010.

8.4.1 A insuficiência do conceito

A razão foi capaz de construir mundos, destituiu da igreja a onipotência do controlo sobre o real. A ciência, nas mãos de um Newton e Darwin, e mesmo Einstein, tornou-se a nova ferramenta à força humana, instituindo uma nova forma de explorar o encanto da vida. Com Marx, e talvez depois Freud, as ciências humanas e a filosofia viram-se elétricas diante da titânica contribuição desses dois personagens. Adorno, contudo, vê uma soberania da razão em seu tempo; o pensamento racional aparecia-lhe como o conduto que determinava a realidade e, aos objetos, caberia curvar-se diante da mesma. Essa condição, para Adorno, seria um *imbroglio* problemático.

Adorno enxergava, assim, que a razão não poderia abarcar todo o real, e os conceitos guardavam em si uma insuficiência de que lhes é intrínseca. O conceito seria incapaz de abarcar toda a realidade, deixando "restos", dados que ele não conseguiria atingir em sua pretensão de totalidade.

A insuficiência do conceito (ou da razão) deveria ser resolvida através da ideia de constelação. As limitações da razão já haviam sido alvo de Adorno em *Dialética do Esclarecimen*to (1944), mas é na *Dialética Negativa* que Adorno

> [...] se dedica a mostrar como todo pensamento identitário termina por cair numa espécie de lógica da dominação, colocando o sujeito como fundamento do conhecimento objetivo. Desta forma, o pensamento identitário, por um lado, não alcança de fato o objeto, estabelecendo uma (auto) limitação tautológica da filosofia e um domínio do conceito sobre a coisa conceituada e, por outro, termina por objetificar o sujeito de conhecimento, promovendo uma reificação da consciência. (OLIVEIRA, 2014, p. 51).

O pensamento identitário é o movimento que reduz o objeto à cognição do sujeito. A identidade seria o vínculo completo entre o pensamento e o real. Adorno, então, critica o sistema idealista que estabelece uma relação (de identidade) entre a razão e o real (objeto) na figura de Hegel e, depois, Marx, onde a prática seria o elo da identidade (OLIVEIRA, 2014). O pensamento, então, deveria considerar aquilo que ele deixa fugir pela sua insuficiência, o que lhe foge à identidade, o não idêntico ("restos") (SILVA, 2006). Essa atividade só poderia ser realizada através da constelação que reconhece a limitação do sujeito diante da captura do real. O pensamento constelar, portanto, reconhece a insuficiência dos conceitos e não os abomina, mas os articula em uma tentativa de manter presentes as contradições do fenômeno em questão. O

> [...] esforço do conceito de superar a sua própria 'insuficiência inevitável' chama-se constelação" e "a 'constelação' é categoria que não apenas não admite definição como também é refratária a qualquer tratamento teórico que pretenda isolá-la de suas configurações concretas" (NOBRE, 1998 apud SILVA, p. 85-86).

A constelação está preocupada com o heterogêneo. Adorno, reconhecendo a insuficiência do conceito, pela rapidez e brevidade da realidade, observa o objeto para além de seu estado no presente e de seu carácter histórico, e sim seu *devir*, que é indefinido e misterioso. O reconhecimento das limitações da razão faz da constelação um termo de difícil definição, uma vez que ela trabalha com aquilo que ainda não veio a acontecer, através da presença do porvir e da limitação do conceito na tentativa de decifração do real, que deixa de lado o não idêntico, frações da realidade, as quais o conceito não consegue explicar.

Conquanto a constelação guarde em si sua própria limitação, no seu exercício de lidar com o heterogêneo e o porvir, sua utilização, do ponto de vista científico ou filosófico, se encontra em uma encruzilhada. Questionemos:

A constelação teria a função de procedimento, método, conceito ou uma categoria?

As constelações são a imagem que se pretende totalizadora dos acontecimentos num devir contínuo. Constelação, todavia, não é sinônimo de harmonia entre determinados elementos. É, por outro lado, um conjunto de dados dispostos numa dada imagem. Caracteriza-se, dessa forma, por fatores justapostos, cuja visão exterior ganha foro pelo cultural ou político, onde fluem como determinantes do olhar. A constelação, portanto, é um dado histórico e social.

A ideia de constelação pretende representar uma imagem em devir, cuja "origem" formal[199] estaria ligada ao início das atividades dos cursos de pós-graduação em Geografia, remontando, portanto, a determinados geógrafos (raízes) que iniciaram o processo de orientação de dissertações e teses num dado tema.

Do ponto de vista processual, a constelação agrega um conjunto de elementos fragmentários empíricos (geógrafos), e nosso papel seria o de agregação e vinculação, procurando construir uma imagem (BENJAMIN, 1984), não se tratando, necessariamente, de criar uma nova ordem, mas de juntar fragmentos como um trabalho de restauração (OTTE e VOLPE, 2015).

Além da abordagem processual, a constelação pode ser interpretada e utilizada por meio de três outros elementos. Por um lado, como um princípio de

[199] "Origem formal" pretende indicar o carácter inevitável do vínculo entre um orientador e um orientando, visto que é um requisito básico de ingresso a um curso de pós-graduação stricto-sensu, através do modelo implementado pelo MEC nos anos de 1960 do qual hoje somos herdeiros.

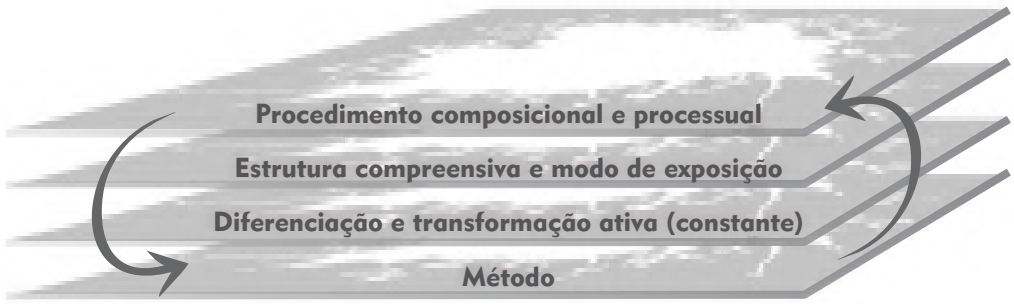
composição, que teria como objetivo fazer uma exposição constelatória, "na qual os conceitos passam a guardar, num esforço compreendido como retórico, aquilo que buscam interpretar" (SILVA, 2006, p. 83). Por outro ângulo, a constelação aparece, ainda, como um método na *Dialética Negativa* de Adorno. Zuidervaart (1991, p. 62), interpretando a proposta adorniana, indica que nós "devemos construir uma constelação de conceitos para iluminar os contornos cambiantes de um fenômeno que se desdobra continuamente". Nas palavras do próprio Adorno,

> [...] a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ele [o objeto] porta em si enquanto algo que veio a ser [...] somente um saber que tem presente o valor histórico conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto; atualização e concentração de algo já sabido que transforma o saber. O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica (ADORNO, 2009, p. 141-142).

Dessa forma, entendemos que o pensamento (método) constelar, em nossa proposta de trabalho, precisa dialogar com o interior (geógrafos) e exterior (contexto) da constelação de geógrafos e instituições da Geografia brasileira, procurando revelar sua constituição e conteúdos, bem como as determinações exteriores. Se a constelação surge para pensar e interpretar o heterogêneo, a leitura das constelações de geógrafos deve ser pensada pela sua transitoriedade mais do que, então, pelo seu estado estático, evitando, portanto, uma interpretação violenta desses sujeitos. A constelação, assim, agrega dados diferentes no seu interior, num estado de transformação permanente.

Em resumo, a ideia de constelação pode ser expressa da seguinte forma:

Figura 14: Constelação como procedimento e como método



Org. : Guilherme Claudino, baseado em SILVA (2006).

Acompanhando o pensamento de Silva (2006, p. 76), é possível explicar como cada modo da constelação se apresenta:

> 1) "constelação" descreve uma propriedade teórica ou um modo de ser do pensamento, aproximando-se bastante do que vimos ser o sentido dos modelos; 2) "constelação" é um aspecto concreto ou modo de ser da coisa, o que nos remete ao enigma que o objeto representa para o pensamento identificante; 3) "constelação" é uma forma que desafia a intenção sistemática da teoria, princípio de composição que dá visibilidade ao anti-sistema.

Entendemos que a constelação, em nosso caso, apresenta-se de diversos modos. Enquanto *procedimento*, ela nos auxiliou à agregação dos geógrafos numa espécie de organograma. Cada geógrafo representado nos organogramas (constelações) seria uma espécie de estrela em conjunto com as demais. Na condição de *estrutura compreensiva e modo de exposição*, ela, em seu todo, é uma constelação de intelectuais ligados através de um tema de pesquisa em comum e do vínculo de orientador-orientando. A *diferenciação e transformação ativa (constante)* se explica pela heterogeneidade dos caminhos seguidos por cada geógrafo. Embora estejam ligados pelo mesmo tema de investigação, esses geógrafos diferenciam-se nos métodos empregados, nos blocos do tempo investigados e mesmo no aspecto político adotado. Outras diferenças poderiam aqui ser citadas, como o momento de conclusão de cada trabalho, instituição de formação, gênero textual etc. A transformação constante é claramente identificável no desenrolar de cada geração. Algumas constelações que remontam à década de 1950, com raízes em Aroldo de Azevedo e Aziz Ab'Sáber, modificaram os objetos de pesquisa, contestaram seus antecessores e lançaram edifícios a novas propostas

teórico-metodológicas. Cabe lembrar, ainda, que "fragmentos trazidos do passado entram em novas constelações com o presente" (BUCK MORSS, 1998, p. 52).

Em termos da constelação como conceito ou categoria, ponderamos as seguintes conclusões baseando-nos em Silva (2006):

> Em vista dos últimos passos, cabe explicitar por que tomamos a constelação como categoria e não como conceito. Em primeiro lugar, como ressaltam Többicke e Nobre, a constelação mantém uma relação problemática com a definição e, nessa exata medida, se abre para além do conceito (p. 85-86).
> [...] se aceitarmos que a constelação é simultaneamente procedimento e composição, então ela rigorosamente transcende o domínio da univocidade do conceito para se constituir como o espaço lógico que os coordena e expõe (p. 86).
> [...] tomarmos a categoria de constelação em toda a sua complexidade, ou seja, se evitarmos sua definição estrita e a apresentarmos segundo seus diferentes modos – procedimento metódico que gera a análise modelar, estrutura compreensiva que resguarda a configuração particular dos diagnósticos e permite a descoberta do contraditório e a decifração do aparente, princípio que coordena o processo de composição dos conceitos a partir da evidência e se resolve em um modo de exposição do pensamento que dá expressão à utopia do pensamento na forma do anti-sistema, e, finalmente, seguindo a proposta de König, processo cifrado e estrutura simbólica da obra de arte [...] (p. 102-103).

A constelação, portanto, pode ser interpretada de diversos modos, sendo a nós imprescindível para pensarmos a Geografia brasileira (passado [raízes], presente e o futuro [devir]) na sua heterogeneidade. Os "três" tempos entram em uma dança na qual os sujeitos constroem a melodia em diversas universidades do Brasil. Há, dessa maneira, um saber localizável e transitável, múltiplo e diverso, que reclama uma metodologia que lhe compreenda.

A ideia de raízes e constelações pretende, em linhas gerais, compreender uma fração de pesquisas em nível nacional, uma vez que há a necessidade de pesquisas de cunho geográfico com maior escala de análise. Como já mapeamos e recenseamos a produção acadêmica geral e a específica (nosso recorte) e constatamos determinadas similitudes em temáticas de estudos no interior de um tema maior, é necessário avançarmos nas relações entre os pesquisadores e as universidades – raízes, constelações e nervuras nos permitem olhar o passado e acompanhar rompimentos e heranças no presente, bem como as ramificações e a ampliação da pesquisa científica brasileira em Geografia em direção ao futuro.

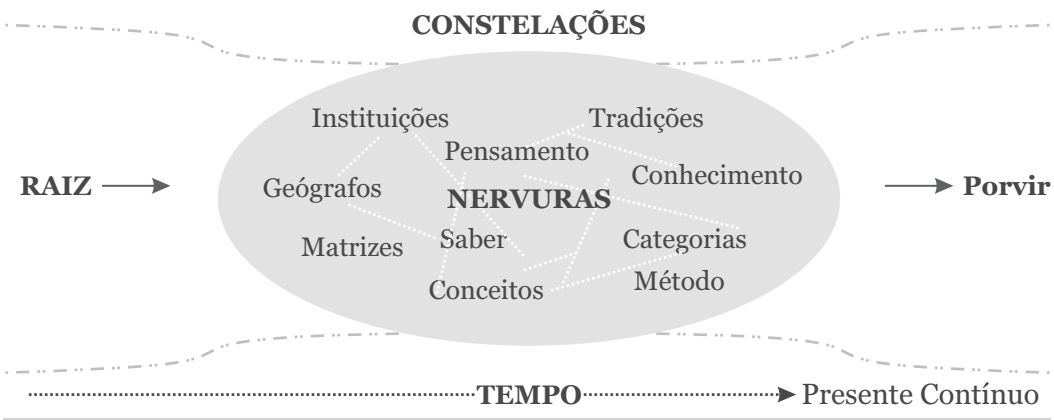
A constelação é um modo de existência e de ver as coisas, numa espécie de

composição. O ontem e o hoje se tornam um contínuo aberto ao devir. Peguemos como exemplo uma pequena fração da letra da canção *Não tenho medo da Morte*, de Gilberto Gil:

> O derradeiro ato meu
> E eu terei de estar presente
> Assim como um presidente
> Dando posse ao sucessor
> Terei que morrer vivendo
> Sabendo que já me vou
> (Gilberto Gil, Não tenho medo da morte).

Se retornarmos às noções de raízes (da história), conseguiremos acompanhar um dos sentidos que o pequeno pedaço da canção nos estimula a pensar e a entender o que estamos chamando de constelação. "O derradeiro ato meu/ E eu terei de estar presente" corresponde à presença pós-morte, seja na condição de ideias transmitidas ou no delicado impulso dado à ciência, pois "Assim como um presidente/Dando posse ao sucessor", o vínculo entre orientador e orientando é efetivado, o bastão passado adiante. E, por fim, "Terei que morrer vivendo/Sabendo que já me vou". O "morrer vivendo" pode corresponder, basicamente, a duas direções. Num primeiro sentido, representa a dinâmica descartável da universidade com seus intelectuais. Estes, na escalada alta da idade, vão sendo, aos poucos, eliminados e substituídos pelo "novo". A consciência desse sair, aliado ao que se corporifica como novo, qualifica o segundo sentido. É, portanto, "saber que já me vou". A coexistência desses tempos nos sujeitos – dos geógrafos, no correr das gerações – dinamifica o que entendemos como constelação.

Figura 15: Constelações.



Org. : Guilherme dos Santos Claudino.

O presente contínuo representa uma ação, um conjunto de coisas em processo. Os geógrafos ativos na constelação que estão **vivos** no *presente contínuo* estarão sujeitos, no *porvir*, à saída do jogo. Esses geógrafos, compositores da melodia que anima as constelações da Geografia brasileira, deixarão, inevitavelmente, de participar do presente contínuo, tornando-se, no futuro, objetos em constelações. A Figura 15 representa um exemplo de como estamos compreendendo as noções de raízes, nervuras e constelações. No conjunto da constelação, mencionamos alguns elementos (pensamentos, tradições, geógrafos etc.) para demonstrar, resumidamente, o nosso pensamento diante do problema ora posto; outros elementos podem ser elencados, como os paradigmas, escolas, correntes etc. Entendemos que tudo isso, e muito mais, faz parte das constelações; a imagem, portanto, é apenas representativa.

***

Em função da historicidade do presente, o processo pode cumprir uma determinação na forma. Certamente a determina. O problema consiste em decifrar o *grau* dessa determinação. *Pesá-la* é a peça que concluí uma parte do quebra-cabeça, mas não o soluciona por completo. Compreender a ordem dos fatos, e como essa sincronia dá existência ao agora, é o exercício que os estudiosos de um saber procuram decifrar. A noção de raízes pode, assim, conduzir a uma interpretação causal, o processo sobrepondo-se à forma. Vemo-nos, nesse sentido, diante do emblema do tempo e espaço, e da dança que ambos exercem na configuração do real e do imaginário. As "determinações" ou os "processos" podem ser substituídos, nos termos desta tese, por *influências*. Talvez fosse necessário elaborar um capítulo sobre o conceito de *influência*; contudo, julgamos que uma breve reflexão pode nos ajudar sem necessariamente migrarmos ao plano de uma outra discussão. Parece-nos, ainda, que tal palavra é pouco trabalhada nas obras sobre história do pensamento geográfico, ao mesmo tempo em que reconhecemos que o exercício *em si* de investigar a história subentende-se lidar com *influências*. A influência como sinônimo de processos pode, assim, confundir-se com a própria noção de tempo. Estaríamos, portanto, diante do enigma da categoria dos historiadores – o que, no entanto, não faz parte do nosso interesse.

Embora a compreensão do conceito de influência seja praticamente intrínseca ao exercício historiográfico e, portanto, da história do pensamento geográfico, os estudiosos desse conceito se concentraram na literatura, cuja

especificidade é a teoria literária e a literatura comparada. A noção de influência pode remontar às primeiras observações dos astros, cuja dinâmica guiava e determinava o futuro e as características dos homens através do *influxo* das estrelas. Shakespeare, por exemplo, entendia a influência como uma "inspiração". A influência, em termos de conceito, todavia, é um assunto movediço na filosofia e nas ciências; muitas vezes, a palavra é utilizada com o sentido de "determinar outra mente" (BLOOM, 1997).

A influência de uma mente sobre outra, de um mundo que antecede um intelectual, confere aos investigadores dos saberes a utilização de estratégias metodológicas para captar as influências que recaem na construção de obras e, sobretudo, de um saber geográfico. É interessante ressaltar que a influência não é sinônimo apenas de ganho, mas também de perda. Um livro lido pode tanto ajudar em uma investigação como também atrapalhá-la. Pode ser um ganho ou uma perda, portanto. Bloom (1997, p. 84) vai mais além e questiona: "em que medida a mente é senhor e amo" no contato com o mundo?

Para Aldridge (1963, p. 144), a influência nada mais é do que "algo que existe na obra de um autor que não poderia ter existido se ele não tivesse lido a obra de um autor que o precedeu". Alexandru Ciorănescu (1964), por exemplo, compreende a influência através de dois caminhos: o primeiro é aquele que representa a somatória dos contatos que se realiza entre uma obra e o leitor; e o outro caracteriza-se pela relação de contato (autônomo) de conhecimento entre um determinado autor e as respectivas fontes.

A influência, nesse sentido, é quase sinônimo de "empréstimo", num movimento cuja "originalidade" dos autores estaria dependente do autor que o antecedeu. Esse tipo leitura causal foi contestado por Paul Valéry (1960), cuja interpretação do processo de influência para este não apenas transporta elementos de natureza imitativa, mas é um fator de propulsão para a criação e, logo, de originalidade. De acordo com Nitrini (1997, p. 133), Valéry entendia

> [...] a influência recebida, que consiste no contato misterioso de dois espíritos ou na dívida de um autor para com outro, isto é, a influência propriamente dita, que ocupa o centro dos estudos comparatistas e que ele chamou de "modificação progressiva de um espírito pela obra de um outro"; a influência exercida sobre a posteridade, que determina, em grande parte, o valor da própria obra emissora; a influência que o autor exerce sobre si mesmo; e, finalmente, a influência por reação, ou seja, a recusa da influência.

Paul Valéry reconhece que a vontade de originalidade entre os intelectuais pode ser o caminho das maiores imitações, uma vez que "nos domínios da criação, que são também os domínios do orgulho, a necessidade de se distinguir é indissociável da própria existência" (VALÉRY, 1974, p. 136 *apud* NITRINI, 1997).

Nessa esteira de reflexões, é interessante ressaltar o papel de Harold Bloom com suas obras *The Anxiety of lnfluence (A Angústia da Influência)*, de 1973, e *The Anatomy of Influence: Literature as a Way of Life (A Anatomia da Influência: Literatura como Modo de Vida)*, de 2011. Quando Bloom (1997) menciona "angústia da influência", refere-se à "angústia em expectativa de *ser inundado"*. Neste sentido, "influência é *influenza*[200] – doença astral". Em termos objetivos:

> A **angústia** é uma questão de identidade tanto pessoal quanto literária. O que é o eu e o que é o não eu? Onde terminam as outras vozes e começa a minha? O sublime transmite ao mesmo tempo poder e fraqueza imaginativos. Transporta-nos para além de nós mesmo, desencadeando o estranho reconhecimento de que nunca se é plenamente o autor de sua própria obra ou de seu próprio eu (BLOOM, 2013, p.34-35, grifo nosso).

No trecho acima, evidencia-se a escalada de Haroldo Bloom quanto à "angústia da influência". Em outros termos, poderíamos chamar esse processo de a *autonomia* ameaçada entre os intelectuais "herdeiros e descendentes" dos precursores que antecederam na construção de um determinado campo do conhecimento. No plano desta tese, é como se a raiz fosse o princípio da árvore, sendo os galhos e troncos partes sem identidade de "ser", uma espécie de "imagem e semelhança" daquilo que supostamente os gerou. A dependência é inevitável, o *influxo* da história é inegável. No entanto, nos termos de Bloom (1997, 2013), a *inundação* do sujeito (na condição de objeto) pelas influências no ato de interpretar do investigador pode acarretar a "morte" enquanto sujeito (objeto da investigação) criador. Nesse sentido, há que se tomar cuidado com o *peso* que damos à ordem causal dos fatos e, sobretudo, aos processos sobre o domínio da produção do conhecimento enquanto um ato de criação.

Essas reflexões parecem nos lançar à dimensão social da produção do saber e aos infindáveis debates sobre os processos de internalismo e externalismo como propulsores da produção do conhecimento. Todavia, a questão em pauta é a autonomia do exercício intelectual diante das adversidades do próprio mundo. A ênfase exagerada nos processos infinitos de influências pode acarretar a morte do

[199] "A influência persegue a todos nós como o vírus da gripe, o *Influenza,* e podemos sofrer uma angústia de contaminação quer compartilhemos da influência ou sejamos vítimas do *Influenza*" (BLOOM, 2013, p. 26).

"sujeito criador", e mais do que isso: a própria existência de raízes e matrizes, uma vez que elas, também, são produtos de outras influências que as antecedem. Essas questões latejavam em nossa mente na elaboração desta tese, uma vez que a escolha de determinadas raízes pode nos elevar a uma interpretação *causal*. Quando buscamos adjetivar e *pluralizar* a ideia de raiz através da concepção de rizoma nos tópicos anteriores, a intenção é fugir dessa armadilha, entendendo, assim, as influências, tal como as raízes, como uma dinâmica que se dá num efeito labiríntico. Sempre e nunca diferente, dependerá das escolhas daquele que seleciona e interpreta.

Destacamos, ainda, que Bloom (1997) seleciona seis processos que os intelectuais realizam para se "desviar" de outros, a saber: *clinamen, tessera, kenosis, demonização, askesis e apophrates*. O *clinamen* é uma espécie de *desvio corretor* da obra precursora. O *tessera* é uma estratégia *revisionária* – o intelectual descendente mantém os elementos do precursor, mas modifica as ideias deste, dando novos sentidos e demonstrando que seu antecessor não foi tão longe. O *kenosis* representa a *descontinuidade* com o precursor, que, de acordo com Nitrini (1997, p. 151), "neste ato revisionário, ocorre no poema novo um 'esvaziamento', ou 'vazante' com relação ao precursor", ocorrendo, então "uma descontinuidade que, no fundo, é libertadora: possibilita um tipo de poema que jamais existiria se o poeta novo repetisse a qualidade divina de seu precursor".

O quarto processo é o de demonização, pelo qual ocorre uma espécie de *batalha entre os orgulhos*, vencendo, então, o potencial do novo. Assim, o

> [...] poeta posterior percebe que aquilo que considerava "uma potência no poema-ascendente" não é exclusividade deste, mas pertence "a uma extensão ôntica imediatamente além do precursor". A partir disso, faz uma leitura extremamente generalizada do poema-anterior, desprezando todos os aspectos peculiares do trabalho do poeta-pai. (NITRINI, 1997, p. 152).

Além da *demonização* que considera a *batalha* no processo de desvio e influência entre os precursores e os descendentes, o quinto termo para o qual Bloom chama atenção é o *askesis*. É justamente nesse processo que ocorre a *luta* propriamente dita. Assim, "o poeta forte só tem consciência de si mesmo e daquele Outro que deve, afinal, destruir: seu precursor..."; nesse sentido, ocorre "um embate propriamente dito, uma **luta-até-a-morte** com os mortos" (BLOOM, 1991, p. 163 *apud* NITRINI, 1997, p. 153, grifo nosso).

O último processo é o *apophrades*, que pode ser entendido como a *volta dos mortos*. Nesse movimento, os "mortos voltam, mas voltam com as cores e as vozes dos poetas posteriores", a partir deste retorno "decorre o efeito estranhíssimo, segundo o qual o sucesso do novo poema é creditado ao fato de o segundo poeta ter escrito a obra característica de ser precursor" (NITRINI, 1997, p. 155).

De todos esses movimentos descritos e apontados por Bloom *(clinamen, tessera, kenosis, demonização, askesis e apophrates)*, enfatizamos um ingrediente descrito nos diversos elementos apontados: *o conflito* – que pode ser traduzido em *lutas* ou *disputas*, que em Bloom é chamado de *Agon (γών)*, um termo cuja origem é grega, representando a competição pelo poder; geralmente, se direcionava aos combates verbais em disputas solenes. Bloom compreende que as grandes obras de literatura surgem através de intensas lutas, um dado que foi ampliado em sua obra mais recente *A Anatomia da Influência*, destacando o papel das "lutas ferozes" dos precursores v. descendentes e descendentes v. descendentes etc. A disputa e o conflito na produção do saber também é apontado por Bourdieu com seu *campo científico*. Na Geografia encontramos a proposição metodológica de Bernardo Mançano Fernandes, com a *disputa paradigmática e os territórios imateriais*, cuja materialização propriamente dita se deu com a tese de sua orientanda Janaína Francisca de Souza Campos, em uma análise dos grupos de pesquisa em Geografia agrária no estado de São Paulo. Tanto Fernandes quanto Campos enfatizam, em seus estudos, a *conflitualidade* como propulsão da produção do saber geográfico em Geografia agrária. Optamos, contudo, por *nervuras* para representar esse tipo de tensão inerente ao saber.

Atualmente, as discussões sobre as influências ganharam um impulso através da proposição de *intertextualidade*, cuja intenção é relacionar o inconsciente e a ideologia através da semiologia. A filósofa e psicanalista búlgara Julia Kristeva é um dos nomes que se destacam nesse assunto, buscando em Mikhail Bakhtin seus fundamentos. É importante lembrar, pois, que a geógrafa Alexandrina Luz Conceição já trabalha com Bakhtin há alguns anos, num exercício polifônico de interpretação do saber geográfico brasileiro através da análise do discurso.

***

Todos esses exemplos e caminhos que conduzimos tiveram como objetivo explicar quatro palavras que estruturam esta tese e que serão utilizadas com maior intensidade nos capítulos seguintes. Essas palavras são: *saber, raiz, constelação e nervura*. Do primeiro capítulo até o oitavo, tentamos problematizar esses quatro termos, apontando suas possibilidades e limitações, cada qual conduzindo a um universo específico que nos auxiliará na interpretação de uma faceta da produção acadêmica brasileira. As gerações dos geógrafos vão se sucedendo ininterruptamente, já tornando esta pesquisa pretérita neste momento, onde outras produções vêm ocorrendo em diversas universidades de forma incansável. Ainda que o futuro escape da análise presente, as raízes permanecem as mesmas e as constelações nos indicam as trajetórias e tendências das orientações em relação ao porvir.

Nove são as constelações. Denominamo-las a partir dos nomes das respectivas raízes: Aziz Nacib Ab'Sáber, Pasquale Petrone, Lívia de Oliveira, Bertha Koiffmann Becker, Maurício de Almeida Abreu, Lucia Helena de Oliveira Gerardi, Armando Corrêa da Silva, José Ribeiro de Araújo Filho e Heinz Dieter Heidemann. Essas raízes não foram escolhidas aleatoriamente, pois apenas reconstruímos a "árvore" das orientações cujo "chão" de raízes é formado pelos espectivos nomes. Cada uma dessas raízes guarda uma particularidade de existência e de pesquisa muito própria, assim também o foi com suas orientações que completam a "árvore" em sua totalidade em devir, o que chamamos de constelação. Dessas nove raízes constelatórias, tivemos condições de dialogar com apenas quatro: Aziz Nacib Ab'Sáber, Pasquale Petrone, Lívia de Oliveira e Armando Corrêa da Silva. O exercício mostrou-se mais amplo do que suspeitávamos inicialmente. Julgamos, contudo, que as quatro raízes constelatórias analisadas respondem à proposta da tese. A ordem de exposição segue essa mesma disposição, dado que a raiz Ab'Saber é a mais antiga e a de Armando uma relativamente mais jovem.

Cada raiz exigiu uma estratégia de exposição de modo diferente em termos de técnica e de forma. Em relação à compreensão e interpretação, todas seguiram o mesmo método – *raízes, constelação e nervuras* –, pois todo intelectual têm raízes que o transcendem historiamente, o qual, também, não está só, pois seu *existir* pressupõe *coexistir* com outras mentes – em constelação – em um devir ininterrupto. Trata-se da *coexistência* que tem um *fio* que conecta e perdura em qualquer tempo, isto é: o conhecimento mediado pelo pensar que gera o saber – as nervuras – que alimenta a atividade intelectual em todas as eras. As nervuras principais de cada raíz constelatória analisada neste trabalho foram: *forma, clima,*

terra, psique e o método. São, pois, pequenos recortes enquanto subtotalidades de cada constelação, palavras que guiaram um conjunto de pesquisas históricas e teórico-conceituais-propositivas do saber geográfico. Vejamo-las.

Capítulo IX

Raízes Constelatórias

9.1 Raiz Constelatória Aziz Ab'Sáber

O geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber (1924-2012) é nossa primeira raiz. Poderíamos ter elegido o geógrafo Aroldo de Azevedo (1910-1974), orientador de Ab'Sáber, como uma raiz de natureza originária; ou mais, Pierre Monbeig (1908-1987) e Pierre Gourou (1900-1999) seguindo, infinitamente, no tempo. Ab'Sáber, como aqui entendemos, é um *meio* antecedido, evidentemente, por outros geógrafos e sucedido, inevitavelmente, pela lei do tempo que rege o presente contínuo. Na condição de meio, Ab'Sáber cumpriu o papel de uma ponte que ainda resiste na travessia do saber geográfico brasileiro, exercendo o papel de orientador e de produtor de saber, no qual formou, na academia brasileira, um conjunto de mestres e doutores em Geografia, passando o *saber* adiante, avançando-o.

Essas características não deixam de existir em seus antecessores, pois todos, direta ou indiretamente, sacudiram a estabilidade do saber. Ab'Sáber, no entanto, formou um conjunto expressivo de pesquisadores que edificaram pilares em determinados seguimentos da Geografia brasileira. Entre esses pilares, encontram-se as pesquisas históricas e teórico-conceituais-propositivas do saber geográfico. Nesse quadro, o ângulo que tem preponderância é a quantidade de orientados, não sendo necessariamente o seguimento da ideia. A continuação de um pensamento não é o critério que julgamos singular, mas o potencial íntegro da relação de orientação, suportando, assim, o confronto com aquele que supostamente o gerou.

Ab'Sáber, assim, cumpre dois elementos que julgamos fundantes nesse ínterim. O primeiro consiste em seus descendestes (orientados) que, de diversas formas, conduziram os estudos no âmbito da Geografia física em diversas instituições no Brasil, como Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que atuou tanto na USP quanto na UFSC, e mesmo Antonio Christofoletti, na UNESP de Rio Claro, para lembrarmos alguns. O segundo princípio consiste em suas proposições metodológicas. Ab'Sáber, enquanto geógrafo, foi a "mente e a propulsão", a "âncora e o motor" da geomorfologia brasileira, para utilizar os termos de Adilson Avansi de Abreu (2010, 2012), ou, ainda, de acordo com Vitte (2010), o construtor de um *paradigma* da geomorfologia brasileira e, mesmo em Moreira (2010), como uma *matriz* em busca de uma teoria geral. Evidentemente, Ab'Sáber sozinho não edificou os estudos em geomorfologia no Brasil. Quando olhamos para as décadas de 1950 e 1960, por exemplo, nomes como João José Bigarella, Fernando Marques de Almeida e Maria Regina Mousinho podem provar isso. Ab'Sáber, no entanto, reuniu em uma só melodia o canto da interpretação do relevo brasileiro.

De forma ainda que sumária, destacamos quatro edificações que

representam a importância de Aziz Ab'Sáber aos estudos geográficos no Brasil, sendo elas: a) trinômio de análise geomorfológica; b) os estudos do Quaternário; c) a chamada Teoria dos Refúgios, ou dos Redutos; d) os Domínios da Natureza e/ou Morfoclimáticos. Cada um desses edifícios não reduz a contribuição de Ab'Sáber, mas apenas representa uma pequena parcela de suas produções que julgamos interessante destacar. A dimensão empírica dos estudos de Ab'Sáber, por exemplo, pode ser considerada uma das maiores elaboradas por um geógrafo brasileiro – os infindáveis trabalhos de campo realizados por este geógrafo no território brasileiro, assim, respondem tal dúvida. O tom do clima e dos sistemas que foram utilizados em suas pesquisas também não deixam dúvidas sobre seu pensamento elétrico e dinâmico – *aquele da busca da renovação* – no universo das ciências da natureza e, sobretudo, da Geografia.

O primeiro edifício que destacamos é o *trinômio de análise geomorfológica*, que faz parte do segundo – *o estudo do Quaternário*. As raízes dessas proposições remontam à sua tese de doutorado, de 1957, denominada *Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo* e, também, à sua Livre-Docência, de 1965, *Da participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do Planalto Brasileiro*. A consolidação propriamente dita, todavia, se dará em sua Tese de Cátedra, de 1968, então intitulada *Bases geomorfológicas para o estudo do Quaternário no estado de São Paulo*.

Foi em sua Tese de Cátedra que Ab'Sáber consolidou uma das maiores contribuições à metodologia dos estudos em geomorfologia no Brasil. De acordo com Abreu (2012), parte da tese foi publicada na série Geomorfologia do Instituto de Geografia da USP, no Número 18. Ab'Sáber denomina o referido texto de *Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário*, publicando-o em 1969. Os objetivos de Ab'Sáber com esse texto foi "estabelecer bases geomorfológicas para servirem de diretrizes para o estudo do Quaternário do território intertropical brasileiro" (AB'SÁBER, 1969, p. 1).

Para realizar o estudo do Quaternário, do ponto de vista da geomorfologia, seria necessário percorrer três níveis de tratamento ou um tripé de análise geomorfológica. O primeiro nível consistiria na compartimentação da topografia regional, objetivando caracterizar e descrever as formas de relevo. O segundo nível teria como foco obter conhecimento sobre a estrutura superficial da paisagem, considerando sua forma e compartimentação. O terceiro e último nível centraria-se nos condicionamentos de natureza morfoclimática e pedogênica. Esses três níveis de tratamento formam o trinômio de análise geomorfológica proposto por

Ab'Sáber, marcando uma metodologia altamente interdisciplinar na leitura de Modenesi Gautttieri (2010), apontando, inclusive, o carácter essencialmente geográfico da proposição quando considera o seguimento: 1. Forma e Compartimentação, 2. Estrutura, e 3. Fisiologia da paisagem.

O estudo do Quaternário, para Ab'Sáber, teria a função de analisar a dimensão superficial da paisagem, detectando, concomitantemente, a evolução das formas, cujo resultado seria a compreensão das feições geomorfológicas que edificam a respectiva paisagem. É importante destacar que Ab'Sáber acaba aproximando-se da abordagem germânica quando, então, e sobre as respectivas bases, constrói a referida proposição metodológica, distanciando-se, inclusive, das proposições de Jean Tricart com sua taxonomia do relevo (ABREU, 1982; VITTE, 2011), presentes, notadamente, na sua importante obra *Principes et Methodes de la Geomorphologie*, de 1965. Para Vitte (2010), essa proposição ainda exerce forte influência nos estudos geomorfológicos no Brasil. Essa *influência*, de acordo com esse autor, tornou-se um problema, uma vez que, posteriormente a ela, não houve um avanço substancial de natureza metodológica que a superasse.

O terceiro edifício é a então conhecida *Teoria dos Refúgios*. Um tanto quanto polêmica, essa teoria surge como uma *nervura* entre as ciências da natureza e Ab'Sáber protagonizou, como geógrafo, um lado dessa intensa e ainda não resolvida polêmica. Um primeiro elemento que inaugura essa tensão gira em torno de sua origem. Para alguns pesquisadores, como Eduardo Geraque (2012) e Warren Dean (2004 [1996]), essa teoria foi elaborada pelo geólogo Jürgen Haffer e, posteriormente, pelo zoólogo Paulo Vanzolini nos finais dos anos de 1960; para outros, como o geógrafo Adler Viadana (2002), essa teoria pode remontar a outros três estudiosos, como Moureau (1933)[201], Reinig (1935)[202] e Gentilli (1949)[203], e até mesmo a Darwin, em sua *Origem das Espécies*[204]. Viadana (2010), todavia, explica que Ab'Sáber, em sua Tese de Livre-Docência e na Tese de Cátedra, antecipava a Teoria dos Refúgios Florestais que costumeiramente se vincula a Haffer e Vanzolini. Ab'Sáber, contudo, tem um posicionamento muito claro quanto a essa suposta polêmica: "ele sempre insistiu em dizer que a Teoria dos Redutos é dele e a Teoria dos Refúgios é de Vanzolini. Acredita que se no futuro for reconhecido como geógrafo, será pelo seu trabalho com as linhas de pedra e os redutos" (MODENESI-GAUTTIERI. BARTORELLI; MANTESSO-NETO; CARNEIRO, 2010, p. 19).

[201] MOUREAU, R. E. Pleistocene climatic changes and their distribution of life in East Africa. **Journal Ecologic**, Londres, n. 21, 1933.
[202] REINIG, W. F. **Uber die Bedeutung der individuallen variabilitat fur die Entstehung Geographischer Rasse**. S. B. Naturfrennd, Berlim, 1935.
[203] GENTILLI, J. Foundations of Australian Bird Geography. **M.E.U.**, N. 49, 1949.
[204] Notadamente em seu capítulo XI.

É nos *Domínios da Natureza ou Morfoclimáticos* que Ab'Sáber operacionalizou sua *Teoria dos Redutos* baseada, então, no período *Quaternário*. Por domínio, Ab'Sáber entende "um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial – de centenas de milhares a milhões de quilômetros quadrados de área – onde haja um coerente de feições de relevo, tipos de solos, formas de vegetação e condições climático-hidrologicas" (AB'SÁBER, 2003, p. 11-12). O termo *domínio* não é utilizado ao acaso. Ab'Sáber tinha consigo que era necessário um rigor conceitual diante da análise geográfica, uma vez que o conceito de região poderia ser inadequado, dado que o homem deveria estar presente (MONTEIRO, 2010).

Há, no Brasil, de acordo com Ab'Sáber (2003), seis domínios: quatro são intertropicais e os outros dois subtropicais, contando, ainda, com as áreas de transição que correspondem, aproximadamente, a um milhão de quilômetros. Os domínios podem ser divididos do seguinte modo: a) das terras baixas florestadas da Amazônia; b) dos chapadões centrais recobertos por cerrados, cerradões e campestres; c) das depressões interplanálticas semiáridas do Nordeste; d) dos "mares de morros" florestados; e) dos planaltos de araucárias; e f) do domínio das pradarias.

Esses quatro elementos que apontamos, de modo resumido, representaram um avanço nos estudos da Geografia física brasileira, alcançando, notadamente, repercussões em todo o mundo. Tudo isso nos autoriza chamá-lo de raiz. Além da contribuição seminal de Ab'Sáber que apontamos, a sua posição de raiz em nosso estudo se dá (e soma-se) pela iniciação ao processo de orientação de mestres e doutores no Brasil.

O avanço científico dado à Geografia, coordenado por Ab'Sáber, também não escapou às críticas, pois seus domínios e classificações foram contestados em diversas ordens, ora por cientistas de outras ciências, ora por geógrafos que foram seus orientados e outros descendentes destes. A revisão do conhecimento estabelecido é um movimento próprio da ciência. O papel de Ab'Sáber é inegável; contudo, a Geografia brasileira não se explica somente pelas raízes, mas também e, sobretudo, pelas novas configurações de outras raízes que vão nascendo e florindo em diversos espaços.

Vamos agora adentrar o universo de seus descendentes, rastreando gerações que redesenharam e avançaram os estudos geográficos. Adiante é representada a raiz constelatória de Ab'Sáber e, partir dela, iremos construir uma leitura das nervuras que a sustenta. Para tanto, selecionamos duas nervuras principais: a primeira é a geomorfologia a qual denominamos apenas *Forma*; a

segunda compreende a climatologia, a qual chamamos de *Clima*. Nesse sentido, os estudos da *Forma* e do *Clima* como um fenômeno geográfico constituem os elementos principais que escolhemos para analisar a constelação compreendida pela raiz Aziz Ab'Sáber. Essas duas nervuras não representam a totalidade dos elementos constituintes desta constelação, mas, repetimos, é apenas uma maneira de lê-la, que também pode ser entendida como um recorte analítico. Há, todavia, que se fazer justiça aos estudos da biogeografia, que poderiam figurar como uma terceira nervura – *biota*; porém, a quantidade de estudos é pequena, contando apenas com os estudos de Camargo (1998) e Galina (2006) e, mais recentemente, o estudo de Geraldino (2016), com o pensamento de Darwin. A biogeografia na história do pensamento humano é recheada de nervuras, basta mergulharmos nos diferentes modos em que as teorias criacionistas e tradicionalistas se embatem.

Forma e *Clima* são termos de raiz grega, que representam dimensões da enigmática *physis*, uma vez que tal termo compreenderia até mesmo o extranatural. Gerd Bornheim (2001, p. 14), por exemplo, referindo-se aos filósofos pré-socráticos, compreende que pertence à *physis*: "o céu e a terra, a pedra, a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses e, sobretudo, pertencem à *physis* os próprios deuses". Em termos da Ciência Moderna a expressão que ganha espaço, notadamente, é o de natureza que representará, de um modo geral, "a totalidade de tudo que existe" (MUTSCHLER, 2008).

A natureza representará, nos estudos geográficos, um objeto e uma questão à Geografia física[205]. E é justamente a Geografia física, enquanto campo de investigação, que corresponderá ao perfil desta constelação. Nesse particular, é essencial apontarmos que o termo "geografia física" pode remontar, pelo menos, ao tempo de Bernhardus Varenius, cuja materialização propriamente dita tenha se dado com Emmanuel Kant, com seus cursos de Geografia física e com Humboldt, em seu esforço de desvendar a "física do globo" (ou da terra) e, posteriormente, a "física do mundo". Richard Hartshorne (1978 [1959], p. 73), num exercício de rastreamento do desenvolvimento do termo "geografia física", observou que, "no transcurso das décadas [refere-se ao período posterior a Humboldt], os livros intitulados 'Geografia Física' geralmente seguiam Humboldt"; já nas primeiras décadas do século XX, "pode-se observar mais uma restrição, a saber, a limitação do 'físico' ao mundo orgânico, e o reconhecimento de uma Biogeografia, a geografia dos seres vivos".

Algumas leituras mais recentes compreendem a Geografia física como um campo de investigação nos alicerces concebidos por Pierre Bourdieu. Como um

[205] E, também, à geografia humana.

campo temático, a Geografia física teria como função a problematização das relações entre a sociedade e a natureza, cujo tom se daria, efetivamente, pela leitura geográfica. A consolidação desse campo teria como origem e fundamento a metafísica da natureza dos séculos XVII e XVIII, efetivando-se, então, com a figura já comentada de Emmanuel Kant apoiada na sua obra *Crítica da Faculdade de Juízo*. A Geografia e a Geografia física, em específico, teriam como início, no conjunto do mundo moderno, a conformação de uma teologia da natureza e da estética, consolidada pelas proposições kantianas. Para Kant, então, a Geografia física era concebida como um sistema empírico, interessada em construir uma ordem hierárquica do mundo natural (VITTE, 2007; 2008a).

Na ordem dos acontecimentos, outros geógrafos tentaram elaborar sínteses da Geografia física, como Emmanuel de Martonne, em seu *Traité de Géographie Physique*, de 1909. Em termos de estudos históricos do desenvolvimento da Geografia física, ou mesmo da relação natureza-homem, cabe citar uma grande obra – se não a maior – de história do pensamento geográfico que se dedicou a essa temática, elaborada pelo geógrafo americano Clarence James Glacken: *Traces on the Rhodian Shore: Nature and Culture in Western Thought from Ancient Times to the End of the Eighteenth Century,* publicada em 1967, que, inclusive, já ganhou traduções para o espanhol e o francês; ainda não chegando à tradução em língua portuguesa.

A Geografia física, portanto, é um produto do choque de influências de outras ciências, como a biologia, geologia, meteorologia etc., também da geografia humana que, direta e indiretamente, vai conduzindo os caminhos seguidos por esse campo de investigação, como bem detectou Gregory (1992) em sua singular análise.

RAIZ CONSTELATÓRIA

Aziz Nacib Ab'Saber

1956 - Doutorado* - USP

Aroldo Edgard de Azevedo

1967

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
(1979) - Doutorado/Livre Docente - USP

Adilson Avanci de Abreu
(1973) - Doutorado - USP

Jurandyr Luciano Sanches Ross
(1982-1987) - Mestrado/Doutorado* - USP (GF)

Bernardo Sayão Penna e Souza
(1983) - Doutorado* - USP (GF)

Renata Huber
(2010) - Mestrado - UFSM

Valter Casseti
(1983) - Doutorado* - USP (GF)

Eliana Marta Barbosa Morais
(2000) - Mestrado - UFG

Dirce Suertegaray
(1988) - Doutorado* - USP (GF)

Dilermando Cattaneo
(2004) - Mestrado - UFRGS

Fernando Frederico Bernardes
(2010) - Mestrado - UFRGS

Evelin Cunha Biondo
(2012) - Mestrado - UFRGS

Alcino Neckelpic
(2014) - Doutorado - UFRGS

Cleder Fontana
(2014) - Doutorado - UFRGS

Iandara Alves Mendes
(1993) - Doutorado* - USP (GF)

Wendel Henrique Baumgartner
(2009) - Mestrado - UNESP-RC

Shanti Nitya Marengo
(2010) - Mestrado - UFBA

Antonio Carlos Vitte
(1998) - Doutorado* - USP (GF)

Roberison Wittgenstein Dias da Silveira
(2008-2012) - Mestrado/Doutoado - UNICAMP

Rodrigo Dutra Gomes
(2010) - Doutorado - UNICAMP

Alexandre Domingues Ribas
(2011) - Doutorado - UNICAMP

Ricardo Devides Oliveira
(2012) - Mestrado - UNICAMP

Josevan Dutra dos Santos
(2012) - Mestrado - UNICAMP

Vonci Ricardo Cene
(2014) - Mestrado - UNICAMP

Carlos Magni
(2009) - Doutorado - USP (GF)

Rodrigo Luvizotto
(2012) - Doutorado - USP

Antonio Christofoletti
(1968) - Doutorado* - USP

1968

José Carlos Godoy Camargo
(1981) - Mestrado*/Livre Docência - UNESP (RC)

Dante Flávio da Costa Reis Júnior
(2003) - Mestrado - UNESP (RC)

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo
(2013) - Mestrado - UNB

Patricia Laundy Mollo Vieira
(2014) - Doutorado - UNB

Dirce Suertegaray
(1981) - Mestrado* - USP (GF)

Dilermando Cattaneo
(2004) - Mestrado - UFRGS

Fernando Frederico Bernardes
(2010) - Mestrado - UFRGS

Evelin Cunha Biondo
(2012) - Mestrado - UFRGS

Alcino Neckelpic
(2014) - Doutorado - UFRGS

Cleder Fontana
(2014) - Doutorado - UFRGS

Archimedes Perez Filho
(1987) - Doutorado* - USP (GF)

Antonio Carlos Pinheiro
(2003) - Doutorado - UNICAMP

Dante Flávio da Costa Reis Júnior
(2007) - Doutorado - UNICAMP

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo
(2013) - Mestrado - UNB

Patrícia Laundy Mollo Vieira
(2014) - Mestrado - UNB

Danilo Piccoli Neto
(2013) - Doutorado - UNESP (RC)

1972

Olga Cruz
(1972) - Doutorado* - USP

Lucy Marion Calderini Piladelpho Machado
(1980) - Mestrado* - USP (GF)

Doralice Barros Pereira
(1992) - Mestrado* - UFMG

Matusalém de Brito Duarte
(2006) - Mestrado - UFMG

Naiemer Ribeiro de Carvalho
(2012) - Mestrado - UFMG

Antonio Carlos Colangelo
(1990) - Mestrado - USP (GF)

Luiz Gustavo Meira Barros
(2014) - Mestrado - USP (GF)

1973

Gil Sodero de Toledo
(1973) - Doutorado* - USP (GF)

Salete Kozel Teixeira
(1994) - Mestrado* - USP (GF)

Altair Gomes Brito
(2008) - Mestrado - UFPR

Cladinei Lourenço
(1996) - Mestrado - USP (GF)

Maria Adailza M. de Albuquerque
(1998) - Mestrado* - USP (GF)

Lucineide Fabia Rodrigues Lopes
(2009) - Mestrado - UFPB

Aldo Gonçalves de Oliveira
(2010) - Mestrado - UFPB

Leila Barbosa Costa
(2010) - Mestrado - UFPB

Joana Jakeline de Alcantara
(2012) - Mestrado - UFPB

Angelica Mara de Lima Dias
(2013) - Mestrado - UFPB

Maria Eduarda Garcia Cardoso
(1999) - Mestrado - USP (GF)

Andréa Lourdes Monteiro Scabello
(2004) - Doutorado - UFPB

Fernanda Padovesi Fonseca
(2012) - Mestrado - UFPB

José Bueno Conti
(1973) - Doutorado - USP

Maria Helena Ramos Simielli
(1987) - Doutorado* - USP (GF)

Sonia Maria Vanzella Castellar
(1996) - Doutorado*- USP (GF)

Nestor André Kaercher
(2005) - Doutoado - USP (GF)

Marcos Antonio Campos Couto
(2005) - Doutorado - USP (GF)

Wagner da Silva Dias
(2009) - Mestrado - USP (GF)

Rosenberg Lopes Ferracini
(2012) - Doutorado - USP (GF)

Rosely Sampaio Archela
(2000) - Doutoado - USP (GF)

Salete Kozel Teixeira
(2001) - Doutorado* - USP (GF)

Amélia Regina Batista Nogueira
(2001) - Doutorado - USP (GF)

Ângela Massumi Katuta
(2005) - Doutorado - USP (GF)

Francisco de Assis Mendonça
(1990-1995) - Mestrado/Doutorado - USP (GF)

Kalina Salaib Springer
(2008) - Mestrado - UFPR

Larissa Warnavin
(2010) - Mestrado - UFPR

Denecir de Almeida Dutra
(2011) - Doutorado - UFPR

Emanuel Fernando Reis de Jesus
(1995) - Doutorado - USP (GF)

Isorlanda Fernando Reis de Jesus
(1995) - Doutorado - USP (GF)

Maria Silvia França Padilha
(2003) - Mestrado - USP (GF)

Yuri Tavares Rocha
(2004) - Doutorado* - USP (GF)

Adriana Persiani
(2012) - Mestrado - USP

Augusto Humberto Vairo Titarelli
(1973) - Doutorado* - USP (GF)

João Afonso Zavattini
(1983-1990) - Mestrado/Doutorado*/Livre Docência - USP

Regina Araújo de Almeida
(1988) - Mestrado* - USP (GF)

Nair Aparecida Ribeiro de Castro
(2006) - Doutorado - USP (GF)

Antonio Carlos Colângelo
(1995) - Doutorado* - USP (GF)

Luiz Gustavo Meira Barros
(2014) - Mestrado - USP (GF)

Sueli Ângelo Furlan
(2000) - Doutorado* - USP (GF)

Marcos Barros de Souza
(2006) - Mestrado*- USP (GF)

Job Carvalho Bezerra
(2009) - Mestrado - USP (GF)

José Roberto Tarifa
(1972-1975) - Mestrado/Doutorado* - USP

Magda Adelaide Lombardo
(1984) - Doutorado* - USP (GF)

Maria Eugênia Moreira Costa Ferreira
(1996) - Doutorado - USP (GF)

Eulaia Maria Aparecida de Moraes
(2001) - Mestrado - UEM

João Lima Sant'Anna Neto
(1996) - Doutorado* - USP (GF)

João Osvaldo Rodrigues Nunes
(2012) - Doutorado* - UNESP - PP

Adriana Olivia Sposito Alves Oliveira
(2010) - Doutorado - UNESP-PP

Tulio Barbosa
(2011) - Doutorado - UNESP-PP

Deise Fabiana Ely
(2006) - Doutorado - UNESP - PP

Letícia Carolina Teixeira de Pádua
(2013) - Doutorado - USP (GF)

Sueli Ângelo Furlan
(1992) - Mestrado* - USP (GF)

Marcos Barros de Souza
(2006) - Mestrado - USP (GF)

Job Carvalho Bezerra
(2008) - Mestradorado - USP (GF)

Regina Araujo de Almeida
(1993) - Doutorado* - USP (GF)

Nair Apparecida Ribeiro de Castro
(2006) - Doutorado - USP (GF)

Tarik Rezende de Azevedo
(2001) - Doutorado* - USP (GF)

Romeu Antônio de Araújo
(2005) - Mestrado - USP (GF)

Henrique Lobo Pradella
(2014) - Mestrado - USP (GF)

Ilton Jardim de Carvalho Junior
(2011) - Doutorado - USP (GF)

RAIZ CONSTELATÓRIA

Aziz Nacib Ab'Saber

1/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

***

FORMA

Γης – geos – μορφή –morfé – λόγος – logos

***

9.1.1 Forma

Matéria e forma fazem parte de um emblemático debate no universo filosófico. Possivelmente, essas duas palavras são responsáveis por grande parte da discussão que inaugura a Geografia física enquanto campo de investigação. A morfologia, contudo, agrega ambas num só ritmo, procurando identificar a "forma da matéria", seja de um ser vivo ou mesmo a constituição das palavras. No universo da Geografia física, todavia, é a geomorfologia que se destaca nos estudos das formas, atendo-se, pois, às formas da superfície terrestre.

A morfologia e a geomorfologia nascem de um tronco muito próximo – são advindas da *naturphilosophie*, cristalizaram-se através das elaborações de Humboldt e da figura de Johann Goethe nas confluências do pensamento kantiano. Goethe desenvolverá a *ciência da morfologia* incumbida de compreender a composição do cosmos e é nessa mesma esteira que surgirá a *geomorfologia geográfica* (ABREU, 2003; VITTE, 2008b; 2009). O planeta terra seria, para Goethe, uma arte viva e em devir, cabendo aos artistas e cientistas representarem-na através, entre outros instrumentos, da pintura. A paisagem, assim, salta como um objeto a ser representado e desvendado através dos sentidos (notadamente do olhar), firmando-se, então, através da estética e da metafísica.

A forma, portanto, tornar-se-á uma questão à Geografia, e a geomorfologia como uma subdisciplina da geografia física será aquela que terá a função de investigá-la. Integra-se, nesse mesmo movimento, uma fricção que se tornará uma das maiores nervuras no âmbito dos estudos das formas da terra: o tempo. A questão temporal irradia nas ciências naturais de forma muito intensa, especialmente a ideia de *tempo profundo,* ou *deep time,* consolidada conceitualmente por James Hutton no âmbito da geologia. Além do tempo profundo, duas metáforas apresentam-se como teorias explicativas à compreensão da terra. Uma delas é a *seta do tempo*, conformando-se como uma das principais explicações da Bíblia. A outra é o *tempo cíclico*, remontando aos povos da Antiguidade (GOULD, 1991). No primeiro caso, o tempo é irreversível e irrepetível, indo sempre e inexoravelmente adiante. No segundo caso, as coisas podem se repetir através de um movimento circular que lembra muito os primórdios da teoria dos sistemas.

Essas duas metáforas conduziram, ainda que de formas distintas, as interpretações no interior da história do pensamento geológico referentes às leis, ao surgimento e aos fins da terra. Ambas as metáforas, todavia, "são apenas categorias de nossa invenção, idealizadas para facilitar a nossa percepção. Não se misturam, mas permanecem juntas em **tensão** e fecunda interação" (GOULD, 1991, p. 200, grifo nosso). Podem ser entendidas, portanto, como uma das primeiras nervuras que inauguram a interpretação do mundo físico através da geologia, migrando inevitavelmente à geomorfologia.

Em termos de geomorfologia, tal nervura colide com outras, travadas no decorrer do século XX. A interpretação das formas do relevo e da paisagem tornar-se-ão o palco de diferentes concepções interpretativas, herdando influências do *catastrofismo*, do *uniformitarismo* e, sobretudo, do *evolucionismo*, além das teorias que procuraram identificar a origem da crosta terrestre, a saber: Teoria da Isostasia, da Deriva Continental, das Correntes de Convecção, da Expansão da Terra, da Expansão do Assoalho Oceânico e a mais recente, conhecida como Tectônica de Placas (OLIVEIRA, 2010).

No decorrer do século XX, duas *linhagens* se afirmam, de acordo com Abreu (1982) e Casseti (2005), inaugurando as bases de uma geomorfologia essencialmente acadêmica. A primeira é a norte-americana, representada pela figura de Willian Morris Davis com seu *Geographical Cycle*, onde a estrutura geológica definia a morfologia. A segunda tem com Ferdinand von Richthofen e Albrecht Penck, na Alemanha, o referencial para a interpretação do relevo – esses autores partiam de concepções que remontavam a Goethe e a Humboldt, através de uma perspectiva empírico-naturalista. A linhagem alemã, ainda, ganhará com Walter Penck e Siegfried Passarge forte revigoramento em contraposição às formulações de Davis. Esses embates traduzem-se como nervuras no desenvolver da geomorfologia.

Essa nervura, inaugurada através dessas duas linhagens, desenhará um conjunto de outros embates e proposições. Da primeira linhagem, surgirá Lester Charles King, com a Teoria da Pediplanação, e também Arthur Newell Strahler, com sua análise morfométrica. Na linhagem alemã, Carl Troll aparecerá com a geoecologia e Julius Büdel com a climatogenética, apenas para citarmos algumas reminiscências das linhagens precursoras. Esses movimentos chegarão ao Brasil e a figura que se destacará é o já comentado Aziz Ab'Sáber, demonstrando maior vinculação com a linhagem germânica.

Com esse quadro, é salutar que entendamos não a *raiz* da geomorfologia, mas sim *raízes*, num efeito plural e rizomático. Desde Kant, Goethe e Humboldt, a história da Geografia física, e da geomorfologia em específico, demonstrou-se filha de diversos sujeitos e de diferentes lugares. Alemanha, Estados Unidos e mesmo a França serão os países que exportarão majoritariamente as formulações de interpretação do relevo. As figuras de Aziz Ab'Sáber e João José Bigarella, por exemplo, não serão meros intelectuais, mas cérebros com potencial criador e altruísta, que se revelará, então, em seus orientandos e outros geógrafos que simpatizassem com as proposições de ambos.

Foquemos, pois, nas descendências de Ab'Sáber. Entre seus orientados, cuja ligação está presente em nossa constelação[206], dois se destacam em termos de geomorfologia, sendo eles: Antonio Christofoletti e Olga Cruz. No caso de Christofoletti, a orientação se deu através de uma especialização realizada entre 1963 e 1966, em Geografia Física, na Universidade de São Paulo. Essa especialização de Christofoletti pode ser vista como uma espécie de mestrado. Sua tese de doutorado, defendida em 1968, teve com o geógrafo João Dias da Silveira a orientação (REIS JÚNIOR, 2007). Já Vitte (2010), todavia, aponta que a tese foi realizada sob orientação de Ab'Sáber. Em contato com a tese do autor, Christofolleti, identificamos que este dedica a tese a Ab'Sáber, contudo menciona que João Dias da Silveira foi o orientador.

Christofolletti, em sua tese, dedicou-se à compreensão do fenômeno morfogenético no então município de Campinas, utilizando-se das proposições de Ab'Sáber referentes aos estudos do Quaternário (VITTE, 2010). Já Olga Cruz pode ser considerada a primeira mulher orientanda de Ab'Sáber a defender uma tese, onde buscou entender a geomorfologia da serra do mar. Nesse estudo, Cruz aplicou o modelo (tripé) de Ab'Sáber, assim como (o que a torna paradigmática) o geossistema de Georges Bertrand, compreendendo escorregamentos de escarpa tropical. Essas articulações possibilitaram, a ela, criar um programa de pesquisa no interior da geomorfologia brasileira, agregando uma análise processual à erosão dos solos (CRUZ, 1972; VITTE, 2011; CONTI, 2014). Cruz, nesse sentido, ainda que partindo das formulações de Ab'Sáber, adiciona novos elementos à investigação em geomorfologia. Dos orientandos de Olga Cruz, destacamos Antônio Carlos Colângelo – geógrafo que, desde o mestrado até a Tese de Livre-Docência, dedicou-se à geomorfologia das vertentes e dos movimentos de massa (COLÂNGELO, 1990, 1995, 2007). A despeito de sua trajetória, destacamos o papel de ponte que o mesmo cumpre ao orientar o geógrafo Luiz Gustavo Meira Barros, em 2014.

[206] É importante lembrar que as constelações elaboradas foram construídas visando a reconstituição da história das orientações a partir das pesquisas referentes ao saber *geográfico como objeto*. Não por isso nos limitaremos às fronteiras da constelação, quando julgamos necessário evocar outras dissertações e teses que fossem do interesse da discussão.

Barros (2014) investigou as transformações da geomorfologia fluvial nas primeiras décadas do século XX, realizando um resgate histórico desse campo de estudos.

Quanto a Christofoletti, todavia, é preciso que nos pautemos no estudo que, de forma mais intensa, investigou suas obras e proposições. Referimo-nos à tese de doutorado de Dante Flávio da Costa Reis Júnior, defendida em maio de 2007. Reis Júnior, todavia, não é um ponto solto no universo dos geógrafos. Seus dois orientadores, José Carlos Godoy Camargo, no mestrado, e Archimedes Perez Filho, no doutorado, foram orientandos de Christofoletti, sendo ainda Perez Filho orientando de Olga Cruz, no mestrado – todos presentes na constelação com raiz em Ab'Sáber. Não vem ao caso afirmar se há alguma vinculação entre essas relações no trabalho de Reis Júnior, mas nem por isso deixa de ser interessante pontuar.

Para Reis Júnior (2007, p. 234), "qualquer descuidada hipótese de que ele [Christofoletti] tenha privilegiado uma dada classe de assuntos está destinada a tombar". Christofoletti caminha através de um conjunto de temas e assuntos, concentrando-os numa inumerabilidade de artigos e livros publicados, configurando-se como uma produção um tanto quanto heterogênea. Reis Júnior (2003), ainda durante sua dissertação de mestrado, estudou o (neo)positivismo em Speridião Faissol, continuando com esse tema em Christofoletti, adicionando ainda a discussão referente aos sistemas e geossitemas. O positivismo e o geossistema são temas em pulsão nas reflexões de Reis Júnior, particularmente nos trabalhos acima citados. Tanto Faissol quanto Christofoletti serão, entre outros geógrafos, aqueles que representarão com maior intensidade o debate em torno do positivismo na Geografia brasileira.

Reis Junior (2007) evoca um conjunto de passagens dos textos de Christofoletti que parecem respostas aos ataques direcionados aos estudos efetuados por Christofoletti, sob a insígnia de positivista. Nessas passagens, é possível detectar nervuras com pelo menos quatro geógrafos: Carlos W. P. Gonçalves, Horiestes Gomes, Lenyra Rique da Silva e Manuel Correia de Andrade. Vejamos cada uma delas.

> Há ausência [na obra de Carlos W. P. Gonçalves, *Os (des)caminhos do meio ambiente*, 1989] de focalização a respeito das concepções holísticas que perpassam pelas visões de mundo desenvolvidas com base no conhecimento da Física. A própria análise de sistemas ficou algo prejudicada [...] e ao analisar a função da Geografia deixa de considerar a visão relacionada com os geossistemas e sistemas sócio-econômicos, ambos integradores da organização espacial numa hierarquia mais complexa (CHRISTOFOLETTI, 1990, p. 152, apude REIS JÚNIOR, 2007, p. 241).

À Lenira Alves e Horieste Gomes:

> As três obras [*A produção do espaço geográfico no capitalismo, 1990, Reflexões sobre teoria e crítica em geografia*, 1991, ambos de Horieste Gomes, e *A natureza contraditória do espaço geográfico*, 1991, de Lenyra R. da Silva] pouco contribuem para esclarecer as características e o campo de ação da Geografia. Não absorvem o conhecimento geográfico existente [...] Utilizam de literatura ligada com a linhagem marxista, mas não visam salientar como essa abordagem contribui para a melhoria conceitual, analítica e interpretativa da Geografia, em comparação com outras abordagens. [...] A preocupação é construir uma imagem da Geografia que se ajuste aos propósitos e finalidades políticas e de ação, procurando distinguir e especificar os "inimigos" [...] (CHRISTOFOLETTI, 1993c, p. 159 *apud* REIS JÚNIOR, 2007, p. 246).

Quanto a Manuel Correia de Andrade:

> Deve-se [...] considerar com reservas vários de seus julgamentos [de Manuel C. de Andrade, em *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*, 1987] sobre as proposições positivistas e quantificação e modelização em Geografia. Nem confundir os enunciados e temáticas envolvidas no âmbito da Geografia Humana como sendo, por si mesmas, representativas da Geografia. (CHRISTOFOLETTI, 1989b, p. 157 *apud* REIS JÚNIOR, 2007, p. 247).

Embora essas nervuras apontadas aparentemente fujam um pouco do debate sobre a forma e a geomorfologia, elas na verdade são respostas às diversas críticas efetuadas aos estudos que compreendiam a Geografia física, os geossistemas, as técnicas e metodologias classificadas como positivistas, logo, da própria geomorfologia, que foi um dos campos aos quais Christofoletti mais se dedicou. Outros *fronts* também são detectados por Reis Júnior, referentes ao materialismo histórico e aos geógrafos marxistas. Nesse âmbito, segundo Christofoletti, "os geógrafos radicais têm-se esforçado em fazer uma crítica profunda e intensa sobre as perspectivas positivistas e funcionalistas imperantes na geografia. Mas não se usa a mesma preocupação e critérios para analisar a perspectiva marxista" (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 28 *apud* REIS JÚNIOR, 2007, p. 314-315).

Além desses elementos tensionais, Christofoletti também se destaca em relação à sua tentativa de rompimento com as proposições de Ab'Sáber e Bigarella quanto à compreensão da evolução do relevo. Outras tentativas foram anteriormente efetuadas por geólogos, como José Pereira de Queiroz Neto, em sua tese de doutorado de 1969[207] e, também, Fernando Flávio Marques de Almeida,

[207] QUEIROZ NETO, J. P. *Interpretação dos solos da Serra de Santana para fins de Classificação*. USP, Tese, 1969.

no âmbito do Instituto de Geociências – USP. Almeida, todavia, rompeu“epistemológica, metodológica e politicamente” com Ab'Sáber (VITTE, 2011).Chistofoletti será o geógrafo que proporá uma outra forma de análise do relevo, notadamente através de sua Tese de Livre-Docência, de 1973[208], onde relaciona a quantificação e a análise sistêmica. Para Vitte (2011, p. 104), essa tentativa de rompimento fracassou, uma vez que não conseguiu explicar a gênese do relevo, “ficando restritas a uma análise morfográfica e morfométrica do relevo por meio de fórmulas mirabolantes e gráficos pouco elucidativos”. Vemos, assim, que as relações entre orientando e orientador podem tomar caminhos dos mais distintos no correr do tempo.

Christofoletti também orientou a geógrafa Dirce Maria Antunes Suertegaray durante o mestrado, na década de 1980. Suertegaray (1981) estudou a atividade humana como processo geomorfológico, tendo como recorte o Rio Toropi, no Rio Grande do Sul. Esse estudo já demonstrava os caminhos teórico-conceituais que a geógrafa trilharia, onde a valorização do humano como agente modificador da natureza seria seu ponto-chave. Em seu trabalho, as determinações sociais são valorizadas amplamente para a compreensão da bacia do Rio Toropi – RS. Essa geógrafa já apresentava, então, uma não concordância com os pressupostos de Christofoletti na análise geomorfológica, dado que será intensificado em sua tese de doutorado, defendida em 1987, sob orientação do geógrafo Adilson Avansi de Abreu. O distanciamento de Suertegaray com Christofoletti se dará com os pressupostos sistêmicos que, neste último, ocorria grande valorização. Suertegaray será uma das geógrafas brasileiras que mais apontará as limitações da teoria dos sistemas, materializando nervuras no universo da Geografia física.

Suertegaray conclui a tese intitulada *A trajetória da natureza: um estudo geomorfológico dos areais de Guaraí/RS* em 1987 e “pela primeira vez uma geógrafa-geomorfóloga questionará sobre o seu objeto” (VITTE, 2010, p.106). Nesse trabalho, Suertegaray rebate a ideia de desertificação em Quarataí – RS, indicando que, na verdade, é um processo de arenização, contestando a ideia de que a “desertificação” é de origem antrópica.

O processo de arenização teria como gênese os processos naturais, e o antrópico (sobretudo a monocultura da soja) seria apenas mais um fator que intensifica esse fenômeno. Além de criar o conceito de arenização, Suertegaray (1987) busca em Marx e Engels seu método de análise, compreendendo a dialética, o processo histórico e a contradição à sua análise. Assim, afirma: “distanciei-me

[208] CHRISTOFOLETTI, A. *A estruturação hortoniana das bacias de drenagem no planalto de Poços de Caldas*. Tese de Livre-Docência, Rio claro, 1973.

também, embora tenha lido inúmeras vezes Bertrand (1972), de seu conceito de paisagem. Não conseguia aceitar como caminho metodológico aunidade da paisagem intermediária – o Geossistema"; neste sentido, "o método utilizado implicou em uma negação do sistema e suas formulações sobre Geossistema, em especial a perspectiva mais difundida no ambiente acadêmico à época – o Geossistema de Bertrand" (SUERTEGARAY, 2012, p. 28). Sua tese também contempla o trinômio de análise proposto por Ab'Sáber (1969). Nesta parte da constelação, as nervuras ganham um tom curioso com os pensamentos de Suertegaray nas confluências das elaborações de Christofoletti e da raiz Ab'Sáber.

Tal como Olga Cruz, Suertergaray será a criadora de um programa de pesquisa sobre arenização/desertificação no âmbito da UFRGS. Mas não somente nesse âmbito sua contribuição é ímpar. Tal como Christofoletti, Suertergaray se debruçará à pesquisa de ordem epistemológica e histórica do saber geográfico brasileiro. No universo de suas orientações, que se dedicaram aos estudos históricos e teórico-conceituais-propositivos do saber geográfico, todas se centraram na *questão ambiental*. Uns, como Dilermando Cattaneo (2004), relacionaram a identidade territorial com uma análise epistêmica da questão ambiental; outros, como Alcindo Neckel (2014), investigaram o conceito de ambiente nos cursos de graduação em Geografia no Brasil, numa articulação com a história do pensamento geográfico; ademais, Cleder Fontana (2014) debulhou as relações entre a fome e o ambiente através da obra de Josué de Castro. Esses caminhos fogem, em certo sentido, do carácter deste capítulo, que tem a geomorfologia como tom.

Ainda que Suertegaray demonstre romper (em termos de método) com Christofoletti, as relações e influências são inevitáveis. Mas, além de Christofoletti, o papel de seu orientador no doutorado é incontestável e, neste aspecto, é preciso que comentemos um pouco a respeito desse personagem. Referimo-nos a Adilson Avansi de Abreu. Esse geógrafo é um ponto estratégico na história das orientações em Geografia física no Brasil. Além de Suertegaray, passou por suas mãos Jurandyr Luciano Sanches Ross, Valter Casseti, Iandara Alves Mendes, Antônio Carlos Vitte, Carlos Magni e Rodrigo Luvizotto. Tais geógrafos fazem parte da constelação com raiz em Ab'Sáber, os quais tiveram, por meio de seus trabalhos (dissertação ou tese) ou através de seus orientandos, contato com pesquisas históricas e epistemológicas.

Abreu (1970), durante o mestrado, esteve ligado à dimensão da Geografia humana, estudando a colonização agrícola holandesa no estado de São Paulo,

sendo orientado por Renato Silveira Mendes e coorientado por Pasquale Petrone. Já no doutorado, voltou-se à Geografia física, dedicando-se à análise da paisagem e sua estruturação, sob orientação de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, em 1973. Sua razão de ser nesta constelação, além do conjunto de seus orientandos, se explica pela sua Tese de Livre-Docência, de 1982, na qual analisa a história da geomorfologia em nível de mundo e de Brasil. Esse estudo é um marco e, possivelmente, uma das primeiras investigações sobre a história da geomorfologia em termos de tese, ainda que se divida entre a análise das formas de relevo do Planalto de Diamantina.

Anteriormente a Suertergaray, Abreu orientará o geógrafo Jurandyr Ross, tanto no mestrado quanto no doutorado, durante os anos de 1982-87. A dissertação desse geógrafo esteve ligada à questão da água na cidade de São Paulo; o seu doutorado, por outro lado, investigou a geomorfologia de Serrana – MT. Sua tese será uma nervura diante das proposições de Ab'Sáber, pois colocará em questão o mapa geomorfológico do Brasil de Ab'Sáber. Ross tinha uma base empírica muito sofisticada devido à sua participação no projeto RADAMBRASIL, aliando, ainda, o lastro teórico advindo da tese de Abreu (1982), concatenando, inclusive, as reflexões dos alemães Demek, Mescerjakov e, também, de Gregoriev. Essa tese efetua duas reviravoltas na análise do revelo brasileiro: a primeira é uma inovadora maneira de compreender as origens do relevo brasileiro e a segunda é uma nova proposição de classificação geomorfológica do Brasil (ROSS, 1987, 1992; VITTE, 2010). Percebemos, assim, que passadas duas gerações, surgiu outra nervura no interior desta constelação.

Assim como Suertegaray, no período recente, Ross irá se destacar por estudos do ambiente, criando o conceito de *fragilidade ambiental*. Através desse conceito, Ross se agrupa junto a Olga Cruz e Suertegaray na criação de programas de pesquisa, em seu caso, voltados ao planejamento territorial. Outro destaque da figura Ross é sua Tese de Livre-Docência, defendida no ano de 2001. Com a noção de *ecogeografia*, que remonta pelo menos a Tricart, coloca em questão, novamente, a classificação morfoclimática de Ab'Sáber (ROSS, 2001, 2007; VITTE, 2010). A classificação do relevo brasileiro talvez seja uma das nervuras mais antigas e nunca finalizada, remontando a Manuel Aires de Casal e Orville Derby no século XIX, chegando, no XX, à figura de Delgado de Carvalho, entre outros autores, sendo retomada com intensidade por Aroldo de Azevedo, na década de 1940, com seus planaltos e planícies e, na década de 60 e 70, Ab'Sáber, com seus seis domínios morfoclimáticos, depois reconfigurados por Ross (1990) através das macro

compartimentações e suas 28 macro unidades geomorfológicas ou morfoesculturas.

Outro ponto no universo desta constelação é representado por Valter Casseti, também orientando de Adilson Abreu durante o doutorado em 1983. Casseti (1983) investigou a dinâmica pluvioerosiva do planalto de Goiânia – GO. Sua tese já demonstrava o interesse desse geógrafo às questões ambientais e da própria natureza. Casseti (1995, 1999), tal como Suertegaray (1987, 2012), caminhará em direção às reflexões advindas de Friedrich Engels, em especial as elaborações que dizem respeito à *natureza dialética e à dialética da natureza*. Através desses conceitos, Casseti (1999, 2002) realiza críticas à noção de natureza externalizada, que remonta pelo menos a Descartes, potencializando-se com a era do capitalismo e sua então reprodução ampliada, bem como a respectiva apropriação privada dos meios de produção (nesse caso, a apropriação da natureza).

Valter Casseti pode ser considerado como um dos geógrafos que mais se aprofundou nas análises da geomorfologia em uma perspectiva marxista; embora apareça em suas reflexões um conjunto diversificado de autores, a dialética é o tom caracterizador de seus pensamentos no âmbito compreendido pela Geografia física. Nesses termos, é possível afirmar que esse caminho trilhado por Casseti soma-se ao conjunto das outras nervuras apontadas no plano desta constelação, isto é, caminhos outros e diversos da raiz. Pode-se incluir, também, a recém Tese de Livre-Docência de João Oswaldo Rodrigues Nunes – *Práxis Geográfica e suas Conjunções*, de 2014. Esse estudo articula o materialismo dialético, a práxis e o pensamento complexo de Edgar Morin à leitura geomorfológica. As proposições de Nunes (2014) se aproximam mais do pensamento de Suertegaray do que Casseti, certamente pela influência de formação que essa geógrafa exerceu em sua trajetória como orientadora.

Ainda no tear de Adilson Abreu, encontra-se o geógrafo Antonio Carlos Vitte, peça paradigmática no curso dos intérpretes da história da Geografia brasileira. Vitte (1998) defende seu doutorado nos anos finais da década de 1990, tendo a área de Juquiá – SP como seu recorte de análise. Através desse recorte, realiza uma aplicação das concepções de Etchoplanação Dinâmica e também dos Sistemas de Transformações, mirando o entendimento das formas e a estrutura do solo e do relevo. A etchplanação pode ser entendida como uma teoria que tenta articular a geoquímica e a pedogênese como princípios do aplainamento da morfologia do relevo. No plano desta constelação,Vitte representa o ponto que mais publicou textos sobre a epistemologia e história da Geografia física, com

especial atenção à geomorfologia, confirmando-se uma tradição que remonta pelo menos a Ab'Sáber (1958a, 1958b), com um conjunto de textos históricos sobre o desenvolvimento da geociências e também da geomorfologia (1977, 2005), continuando, posteriormente com Abreu (1978, 1982, 1986, 2003, 2010, 2012) e chegando até Vitte (2007, 2008a, 2008b, 2009, 2011), que também já vem passando o bastão adiante num conjunto de orientandos (SILVEIRA, 2008, 2012; GOMES, 2010; RIBAS, 2011; OLIVEIRA, 2012; SANTOS, 2012; SPRINGER, 2013; FERRAZ, 2014; CENE, 2014). Ainda que nesse percurso tenhamos as contribuições de Monteiro (1980, 2000), estas serão tratadas na próxima parte que seguirá este capítulo.

O conjunto de orientandos de Vitte se distribui em temas que problematizam desde as origens da Geografia moderna (Kant, Humboldt, Romantismo, etc) até estudos do conhecimento geográfico do presente (complexidade, concepções de natureza etc.). Além de Vitte ser o sexto geógrafo brasileiro que mais orientou em estudos históricos e epistemológicos do saber geográfico brasileiro (até o final do ano de 2015), percebemos que Kant é o filósofo mais presente em suas publicações e também nas orientações. Vitte, nesse sentido, materializa um programa de pesquisa na Geografia brasileira, revisando e revisitando as estruturas que recobrem a Geografia física, ou seja, criando nervuras em um tema relativamente adormecido. Ainda que Vitte seja herdeiro de uma tradição que o antecede, já vem apresentando uma singularidade e, também, distinções com seus antecessores.

Em termos de *forma*, portanto, esta constelação tem com esses personagens seus intérpretes. De longe, não são os únicos. A ideia de constelação não pretende homogeneizar e cristalizar os pensamentos, mas, apenas, apresentar uma possibilidade de leitura de um *pequeno pedaço do universo*. A geomorfologia brasileira não se resume a esses poucos nomes por nós citados, embora tenhamos que convencionar que esses sujeitos deixaram marcas indeléveis – nervuras – no correr do saber. Muitos, ainda vivos, continuam incansavelmente revirando e redesenhando as bases, projetando futuros e constituindo o presente. A beleza da canção consiste justamente na diversidade dos caminhos seguidos por cada um desses geógrafos que os diferencia e ao mesmo tempo os liga através das tensionalidades e fervuras rumo à compreensão da constituição da imagem que a paisagem enquanto forma os incita. Ab'Sáber, Olga Cruz, Christofolleti, Adilson Abreu, Jurandyr Ross, Valter Casseti, Dirce Suertegaray, Antonio Carlos Vitte, bem como a imensidão dos seus orientandos e, também, aqueles que não mencionamos,

dão o cântico da interpretação da forma no âmbito da Geografia brasileira. Esses geógrafos não só tiveram o relevo como objeto, mas, acima de tudo, colocaram a própria maneira de interpretá-lo em questão (como um objeto), produzindo epistemologia e história do saber geográfico.

Assim, embora tenhamos associado esses geógrafos à dimensão da "geografia física" e da própria "geomorfologia" enquanto identidade intelectual, sabemos que a interdisciplinaridade é latente em todos, produzindo, todos eles, Geografia. Cabe, por fim, pontuar que as nervuras da interpretação da forma no âmbito da Geografia não se esgotam nos breves elementos que pontuamos. Questões como a morfogênese e a morfodinâmica não foram citadas, bem como uma certa diferença na forma e na metodologia de interpretar a história da geomorfologia. Mesmo que Vitte, por exemplo, parta de muitas reflexões advindas de Abreu para interpretar a história da geomorfologia no Brasil, apresenta diferenças quanto a este último no que concerne a utilização de outras ferramentas (os *obstáculos epistemológicos* de Bachelard, por exemplo), para citarmos alguns elementos.

A *raiz constelatória Aziz Ab Sáber*, todavia, não se resume apenas aos estudos da forma. Outros caminhos, que não o da geomorfologia, foram trilhados e, entre esses, o do *clima* como *um fenômeno geográfico*. A climatologia se constituirá como uma fração representativa nesta constelação. Cabe, portanto, entendermos como o clima foi compreendido e que nervuras saltam aos olhos daqueles que procuram investigá-lo.

***

Clima

Κλιμα- klima –κλιματος –klimatos- λογ α – estudo

***

9.1.2 Clima

Os céus e os ares representam dados emblemáticos na história do conhecimento humano, ora condutores da curiosidade e da imaginação, ora princípios para justificação dos mitos e, ainda, como objetos alcançados pelo *devir* cristão – o céu, assim, cumprindo o papel de espaço de destino pós-morte. Os céus e os ares fizeram parte, também, das ciências e da filosofia, como objetos sujeitos às mensurações e observações. Esses conceitos, portanto, representarão um certo objeto no plano científico, que se cristalizará, majoritariamente, no âmbito da astronomia e da cosmografia. Através da observação dos céus e dos ares, muitas ciências personificaram o seu sentido de ser e, nessa esteira, o *tempo* e o *clima* serão conceitos geradores de reflexões e da própria interpretação do funcionamento do que conhecemos como *atmosfera*.

A dinâmica da atmosfera será investigada por dois campos pertencentes ao universo das ciências atmosféricas. O primeiro, e com uma história mais consolidada, será a meteorologia, em que a figura de Aristóteles se destacará através da elaboração do tratado *Metereológica*, onde analisará não apenas os fenômenos atmosféricos, mas também a água e a terra numa perspectiva da física. Além desse tratado, destaca-se o *De Caelo* (Sobre o céu), texto que compõe o conjunto de seus tratados; neste, todavia, o *cosmos* ganha maior atenção. Ainda no mundo grego, o filósofo Teofrasto elaborará o *Livro dos Sinais*, onde demonstra oito formas de compreender a lógica do tempo, assim como sua respectiva previsão. Esse filósofo partia tanto das concepções do tratado de Aristóteles quanto dos conhecimentos dos babilônicos.

O período que vai de 400 a.C, remontando à climatologia médica de Hipócrates com seu tratado *Dos Ares, Águas e Lugares* até, aproximadamente, Arato di Soli em 270 a.C com seus "prognósticos meteorológicos" presentes na obra *Fenómenos*, representam os primeiros indícios de interpretações sobre o clima. Evidentemente, a observação do tempo e do clima pelo humano é muito mais remota do que o nascer do pensamento grego, podendo remontar aos primeiros hominídeos. Ainda que as origens sejam incertas e relativamente sistematizadas, consolidou-se na literatura científica o papel dos gregos, como aponta Jesus (1995) em um estudo sobre o espaço e o tempo em climatologia. As interpretações do

mundo grego podem ser caracterizas como metafísicas e, em muitos casos, místicas. A herança de informações que os gregos deixaram aliou-se, posteriormente, aos fundamentos religiosos, perpassando da Idade Média até os primórdios da Renascença a ideia de *Klima*; todavia, não detinha, necessariamente, o mesmo conceito que hoje concebemos – para os gregos, significava a inclinação e os movimentos da Terra em relação aos polos (JESUS, 1995; BURROUGHS, 1998; SANT'ANNA NETO, 2001; ELY, 2006). Assim, vieram somando-se, por exemplo, a criação do catavento mecânico por Leonardo da Vinci (1500), o termoscópico indicador de temperatura por Galileu (1597), o barômetro de mercúrio por Torricelli (1643), para mencionarmos alguns nomes e criações. Ainda que o papel desses sujeitos fossem ímpar, as concepções permaneciam no plano do metafísico e do místico em termos de análise atmosférica.

Na metade do século XVII, especificamente entre 1646-48, as figuras de Descartes, Pascal e Périer ampliarão a concepção de variação da pressão em detrimento da altitude, bem como as observações em Puy de Dôme, na França. Com esses sujeitos, inicia-se um tratamento mais analítico da atmosfera, dando-se maior cientificidade às abordagens metafísicas e místicas que então vigoravam. Posteriormente, com Dampier (1687) e as observações dos furacões, Farenheit (1714), com as escalas da temperatura, bem como Celcius (1742) e Wottman (1790), com o anemômetro, tal qual a criação da Societá Meteorológica Palatina, os dados de análise do tempo e seus fenômenos passam a ser armazenados.

Enfim, do século XVII em diante, as análises e cartografias do tempo vão pipocando em diversos segmentos das ciências, inclusive com Humboldt na Geografia, realizando a primeira cartografia climatológica (isoterma) nos Andes, em meados de 1817. Todo um movimento – romântico, criticismo kantiano e positivista – vai se consolidando no século XIX. As experimentações e construções de teorias vão ganhando destaque através dos pressupostos da termodinâmica. Será nesse século, também, que Koppen e Hann propiciarão novas proposições à meteorologia e à climatologia. Koppen com Van Bebber tornarão público, em 1878, o primeiro trabalho sobre a trajetória das tempestades. Já Hann, quatro anos depois, irá introduzir o primeiro conceito de clima, em 1882, publicando em 1883 a *Handbuck der Klimatologie*, uma espécie de manual de climatologia, embora já tivesse publicado o livro *Die Erde als Ganzes. Ihre Atmosphäre und Hydrosphäre* (A terra como um todo. Sua atmosfera e hidrosfera), em 1872.[209]

[209] Estamos citando apenas alguns nomes, sem a pretensão de fazer um panorama completo, o que seria, inclusive, inviável a este trabalho. O conjunto de pensadores é enorme neste período e as contribuições são diversas. Como medida de exemplo, poderíamos citar Carnot (1826) e os estudos sobre a radiação, Leverier (1854) e a introdução das cartas sinóticas, Ferrel (1856) e a Teoria da Circulação Geral, Hertz (1884) e as publicações sobre a termodinâmica da atmosfera, Helmotz (1888) e a circulação da atmosfera etc. Estudos mais específicos, como Jesus (1995), Burroughs (1998), Sant'Anna Neto (2001) e Ely (2006) exploram esses elementos com maior profundidade e podem ser consultados para um maior aprofundamento do leitor.

O segundo campo é a climatologia. Seu desenvolvimento se confunde com a própria meteorologia – as histórias e, portanto, as origens se superpõem e se intercruzam. Embora as narrativas históricas se confundam, os objetivos e propósitos desses dois campos são distintos. A climatologia, de um modo geral, perscrutará uma "cartografia do tempo", isto é, dos eventos, episódios e fenômenos da atmosfera. Em síntese, a climatologia busca compreender o tempo e suas sucessões em escalas mais longas, o que se chamará, portanto, de clima. Detendo-se à camada mais baixa da atmosfera – a troposfera –, a investigação de perfil geográfico procura relacionar os elementos da litosfera (notadamente, o superiores), da hidrosfera, os fatores biogeográficos e, notadamente, o fator antrópico (ou antroposfera). Já a meteorologia se voltará à momentaneidade do tempo atmosférico. Evidentemente, essa distinção já apresenta desgastes conceituais nos dias recentes, uma vez que o estudo tanto do tempo quanto do clima não pertencem, necessariamente, apenas a esses dois campos, sendo de interesse de outras ciências. Sendo assim, entretanto, o importante é assinalar que a distinção desses campos representará, talvez, uma das primeiras nervuras em termos de ciência. Meteorologistas e climatólogos vêm travando ao longo dos anos diversos embates, sejam eles conceituais, políticos, e mesmo existenciais, de suas ciências, conformando uma verdadeira batalha diante da produção do conhecimento científico. Mais adiante, mencionaremos alguns exemplos dessa nervura.

O clima, então, será o objeto que constituirá o fator existencial da climatologia como um campo no interior da Geografia física. Diferentemente da geomorfologia, que deteve uma consolidação com mais adeptos, a climatologia seguirá, até o século XIX, ainda muito próxima da meteorologia e pouco expressiva na então efetivação (institucional) da Geografia.

Em termos de Brasil, a situação é bem curiosa para ainda continuarmos nesse plano das "origens" e, em vista disso, é importante relatarmos o que Fernandes (1989) e Sant'Anna Neto (2001), em suas respectivas narrativas, anunciam. Ambos chamam atenção justamente para os indígenas que existiam no Brasil antes da materialização, propriamente dita, dos centros científicos. Os indígenas congregavam um conjunto de conhecimentos e práticas, "em termos do tempo e do clima, este conjunto de saberes, que pode ser denominado de *weather lore*, era suficiente para que pudessem estabelecer uma visão do tempo (cronológico e atmosférico)" (SANT'ANNA NETO, 2001, p. 14). Esses saberes "eram muito extensos, indo da especificação de fenômenos meteorológicos, e de

vários espécimes animais e vegetais e sua utilização até as tentativas de domínio mágico da natureza" (FERNANDES, 1989, p. 78). As observações e as regularidades dos indígenas diante dos fatores atmosféricos podem ser caracterizá-los como os primeiros a elaborarem informações sobre o clima no território brasileiro, ainda que, por outro lado, sua contribuição seja inferior às elaborações dos africanos e portugueses.

Essas raízes, por si sós, não explicam o surgimento da climatologia no Brasil em parâmetros científicos. As ciências naturais, juntamente com as elaborações de Humboldt, darão a tônica da efetivação desse campo de conhecimento, cuja identificação pode ser consultada, conforme assinala Sant'Anna Neto (2001), em Johann Baptist von Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius, Auguste de Saint-Hilaire e Georg Heinrich von Langsdorff nas viagens e expedições em diferentes lugares do Brasil, existindo, assim, fatores imperiais, coloniais e científicos andando lado a lado. A despeito da contribuição desses personagens com seus estudos, as contribuições mais solidificadas serão, efetivamente, advindas de Henrique Morize, Frederico Draenert e Delgado de Carvalho. Além do tom "pioneiro" das obras desses autores, todos realizam uma panorâmica do clima no território brasileiro, cobrindo quase toda a extensão do território. É importante mencionar que esses autores, todos eles, utilizaram das proposições de Koppen e Hann, estes que, junto com Humboldt, podem ser considerados o tripé das primeiras germinações sistematizadas da climatologia.

Morize, Draenert e Delgado de Carvalho darão o tino de uma nervura inacabada. Sabemos que o clima é, entre os diversos objetos da Geografia física, o mais plástico e "instável"; além de "invisível", sua compreensão exige um conjunto muito extenso de informações e de séries históricas – sua "regularidade" e "previsão" são, assim, um objetivo que percorre a história das observações dos céus. A singularidade desses três personagens se justifica pela tentativa de classificar o clima do Brasil, estabelecendo, pois, cristalizações do que seria o perfil climático brasileiro. Se a tentativa de classificar o clima brasileiro os liga, as diferenças e divergências de suas propostas os separam.

Draenert (1896), por exemplo, trazia uma proposição genética e dinâmica, através de duas zonas climáticas, a tórrida e temperada, predominando três regiões climáticas: continental, litorânea e subtropical. Já Morize (1922 [1889]) valorizava, entre outros aspectos, as relações entre clima-homem; sua primeira classificação para o Brasil compreendia três zonas: a tropical a subtropical e a temperada – essas três zonas davam ensejo a três regiões climáticas: equatorial, tropical continental e

tropical litorâneo. Na sua segunda classificação (correções da primeira), Morize (1992) define três zonas: a equatorial, tropical e a temperada[210]. Delgado de Carvalho (1916, 1917), numa visão altamente geográfica, onde a atmosfera e hidrosfera e a litosfera se correlacionam na escultura do clima, proporá três zonas: a equatorial e subtropical, a tropical e sub-tropical e, por fim, a temperada, na sua primeira proposta[211]. Carvalho (1926) realiza uma segunda proposta, muito próxima à de Morize (1922) (SANT'ANNA NETO, 2001, 2003).

A despeito das aparentes similaridades dessas propostas, ambas protagonizaram correções e inclusões em suas proposições, considerando o que o outro realizava. A classificação de Delgado de Carvalho, por exemplo, "apesar da aparente similaridade com aquela proposta de Morize, foi bastante **conflitante**, principalmente no que se refere aos limites entre os climas tropicais, subtropicais e temperados" (SANT'ANNA NETO, 2001, p. 88, grifo nosso). Ainda que esses três sujeitos tenham participado de um canônico concurso, veio somar-se o médico Afrânio Peixoto, com importante contribuição à climatologia médica. Peixoto (1938), contudo, propôs outra "classificação climática para o Brasil, considerava três tipos climático, assim como Morize e Delgado de Carvalho, porém, ao contrário dos outros dois, enfatizava o carácter de tropicalidade de nosso território" (SANT'ANNA NETO, 2001, p. 94)[212]. Expusemos esses sujeitos apenas para apontar, de forma muito breve, algumas nervuras que antecedem as raízes da nossa investigação.

Com esta tentativa de síntese que estamos tentando realizar, é importante apontarmos, num curto resumo, outras nervuras que acompanham o desenvolvimento da climatologia. Uma delas é representada justamente pelo método. Dois grandes troncos metodológicos prevaleceram na estrutura teórico-conceitual da climatologia. Um desses troncos é representado pelo denominado método analítico/separativo/estático e o outro é o método sintético/dinâmico (em alguns casos, com a incorporação dos sistemas). O primeiro, essencialmente quantitativo, busca as médias numa análise de perfil separativo das unidades que compõem a taxonomia do clima – esse método terá, com Julius Hann e Wladimir Koppen, mais uma vez, o título de precursores, sendo Hann o mais destacado pela sua definição inicial do conceito de clima.

A descrição é um dos pilares desse método e, por esse mesmo motivo, virão as críticas, sendo o geógrafo Maximilien Sorre um dos que as apontará.

[210] Que se desdobrarão em nove regiões climáticas: Super-úmido, Úmido continental, Semi-árido, Marítimo semi-árido, Semi-úmido de altitude, Semi-úmido continental, Super-úmido marítimo, Semi-úmido. Semi-úmido de altitude.

[211] As regiões climáticas, por sua vez, seriam as seguintes: Super-úmido, Semi-árido, Semi-úmido marítimo, Semi-úmido de altitude, Semi-úmido continental, Super-úmido marítimo, Semi-úmido das lat.méd., Semi-úmido de altitude.

[212] Além desses sujeitos, outros se destacam, como Belfort de Mattos e Sampaio Ferraz.

Além de Sorre, o também francês Pierre Pédelaborde e o brasileiro Ary França e, posteriormente, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro utilizaram as reflexões de Sorre, notadamente o conceito de ritmo. Esses geógrafos, embora tenham empregado algumas formulações de Sorre, percorreram caminhos distintos em função de suas proposições metodológicas. O importante a ser assinalado é que eles, e muitos outros, protagonizaram a efetivação do que se concebeu como método dinâmico, apresentando as limitações do método separativo/estático. Pédelaborde (1957, p. 340) dizia que o "método separativo é impróprio particularmente para as regiões temperadas, visto que todos os fenômenos nessas regiões são essencialmente variáveis e em outros casos a média inclui o valor menos frequente de toda série". Essa nervura pode ser detectada, de forma também enfática, em Monteiro (1962, p. 30-31, grifos nossos), conforme destacado:

> Se a finalidade precípua do **método** geográfico é a explicação do fenômeno climático, se essa compreensão só pode ser obtida pela da circulação atmosférica regional, regulada pelos centros de ação térmicos ou dinâmicos que, embora distribuídos, zonalmente, na superfície do globo, são células cuja circulação e **conflito**, sob a ação dos fatores geográficos, se definem na escala regional, esse objetivo só poderá ser alcançado pelo **método dinâmico**. Como, então, partir da análise separada dos elementos de um clima local, compreender uma gênese e, sobretudo, proceder a uma classificação? Esse problema, focalizado na orientação analítica tradicional, baseada em índices numéricos, em dados médios que, mascarando os valores máximos e mínimos, e mesmo aqueles menos ocasionais, que apesar disso existem e se sucedem segundo **uma pulsação** e um ritmo próprio, nos fornece, apenas, algo de descritivo.

Os elementos apontados por Monteiro são fundamentais para o nosso raciocínio. Além da crítica propriamente dita ao que chamou de "orientação analítica tradicional", Monteiro eleva a compreensão da dinâmica atmosférica a *pulsões, conflitos e ritmos*, o que, também, traduz-se como uma nervura. Embora o método dinâmico tenha surgido como uma proposta de superação de lacunas do método separativo, inclusive apontando abertamente as limitações do mesmo, eles não se excluem efetivamente. A característica altamente quantitativa do método separativo não deixa de ser importante ao método dinâmico, que valoriza mais o qualitativo. Geógrafos como Emanuel Jesus (1995), José Bueno Conti (2001) e sobretudo José Afonso Zavattini (2004) detêm uma ampla bibliografia sobre as similitudes, diferenças e coexistências desses métodos.

As nervuras que fluem da climatologia não se esgotam, meramente, no que dissemos. Assuntos como o do aquecimento global, por exemplo, inauguram

um conjunto de divergências e disputas no âmbito das ciências atmosféricas. Isto ocorre com os chamados "episódios extremos", onde tanto a mídia quanto o Estado se colocam como protagonistas interpretativos. Outro emblema, que na realidade envolve a ciência em geral, é a *escala*. Na climatologia, todavia, ganha um espaço interessante, uma vez que, ainda hoje, é difícil dimensionar com precisão a *lógica* do tempo e do clima, seja na macro, meso ou microescala, o que configura os conceitos de clima zonal, regional, local, e mesmo o topoclima. Compreender os padrões do tempo, tal qual a dinâmica da atmosfera, envolve, entre outros elementos, os fluxos do ar, a variabilidade dos fenômenos, a direção dos ventos etc. O alcance da interpretação e compreensão do clima, por si só, é uma nervura.

Para além da compreensão do clima, há uma nervura ainda mais complexa, isto é: *de sua existência*. Reproduzamos, pois, uma pergunta clássica: seria o clima uma construção teórica ou teria uma existência concreta na realidade objetiva? Essa nervura, de difícil resposta, se retroalimenta com as anteriores mencionadas. Adiante, demonstraremos algumas tentativas de respostas e outros caminhos trilhados, através de alguns geógrafos brasileiros presentes na constelação que compreende a raiz Ab'Sáber.

***

Podendo datar pelo menos a Leslie Curry (1963, p. 16), em um artigo publicado sobre a variação climática em alguns lugares da Nova Zelândia, colocava-se em suspensão a existência do clima, argumentando que o "clima não é um fato mas uma teoria, dela tirando proveito cada investigador para implementar uma dada experiência do tempo (meteorológico: weather) adequada a seus propósitos". Esse pensamento de Curry será recuperado pelo geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, orientando de Ab'Sáber, na sua obra *Clima e Excepcionalismo* de 1991. A procura pela existência do clima em Monteiro remonta a seus primeiros trabalhos (1962; 1963). Contrariamente a Curry (1963), Monteiro (1991, p. 26) acredita na existência *per se* do clima, ainda que tenha apenas perseguido "a 'existência' desta simples manifestação oculta" até sua saída do Laboratório de Climatologia do Instituto de Geografia da USP em 1982, "jamais foi abandonada a esperança".

A procura pela existência do clima, ou mesmo o "permanente da atmosfera", nas investigações de Monteiro, fará desse geógrafo um dos mais representativos da Geografia brasileira. É justamente por esse motivo que optamos

por iniciar com ele, até porque foi o primeiro orientando de Ab'Sáber a realizar um estudo climático na pós-graduação da USP em Geografia Física, em 1967. Além de Monteiro, destacaremos o papel de Gil Sodero de Toledo, também orientando de Ab'Sáber, em 1973.

Tanto Monteiro quanto Toledo serão fundamentais para o prosseguimento de pesquisas no Brasil, justamente, também, no objeto sobre qual estamos buscando compreensão, ou seja, o saber geográfico como objeto. Como estamos sujeitos a olhar apenas a constelação por nós construída, tivemos que deixar alguns sujeitos de fora de nossa análise, por exemplo, o geógrafo Ary França. Esse personagem, brevemente mencionando, elaborou uma das primeiras teses cujo conteúdo tratava-se de clima, então realizada por um geógrafo. Com orientação de Pierre Monbeig, em 1945, França conclui a tese intitulada *Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo*. Um dado fundamental de sua tese é a incorporação das concepções de Max Sorre (notadamente, a "ambiência atmosférica" e a "sucessão habitual"). Além de tudo, França (1945), de forma muito energética, contestou as interpretações de Sampaio Ferraz em seus estudos sobre o clima do Estado de São Paulo (MONTEIRO, 1980; SANT'ANNA NETO, 2001). Todo um envoltório antecede uma criação e não seria diferente nos estudos climáticos no Brasil.

O geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro detém um papel tão ímpar nos estudos da Geografia brasileira que talvez seja possível arriscar dizer que este tenha sido o único dos orientandos de Ab'Sáber a igualar-se a ele em termos de contribuição teórico-metodológica, ainda que não tenha seguido os estudos geomorfológicos. Tal importância é refletida na literatura produzida por alguns geógrafos; mas um geógrafo se destaca quando o assunto é a mente e a produção de Monteiro: referimo-nos a João Afonso Zavattini. Ainda que sua leitura da produção monteriana beire, às vezes, à paixão[213], a sistemática e quantidade de investigações realizadas sobre as proposições do Monteiro o coloca como uma das melhores fontes.

O dinamismo e heterogeneidade da produção de Monteiro demandaria um outro trabalho, mas alguns elementos se destacam e é importante que falemos deles para podermos, assim, compreender outros aconteceres no plano desta constelação. De acordo com Zavattini (2004, p. 14-15), sete pontos se sobressaem:

> 1. a adoção do conceito sorreano de clima e o advento do novo paradigma – o ritmo e, por consequência, suas derivações dinâmicas (as cadeias rítmicas, as sequências rítmicas, os encadeamentos rítmicos, a análise rítmica etc);

[213] "O exagerado valor que ele atribui a minha obra deve explicar-se, pelo menos em parte, pela estima que sempre tem demonstrado a minha pessoa. Às vezes, o coração supera a razão". (MONTEIRO, 2004, p. 6 *in prefácio* ZAVATTINI, 2004).

2. a mudança de enfoque – do método analítico-separativo, que enfatiza as "estatísticas" dos valores dos elementos do clima, ao método sintético, que privilegia a dinâmica das massas de ar e dos tipos de tempo;
3. o uso geográfico dos segmentos temporais – das normais climatológicas aos anos-padrão (habituais ou excepcionais);
4. a necessidade de se analisar os fatos climáticos em suas diversas escalas;
5. a importância da dinâmica atmosférica (os mecanismos dos fluxos de energia) na definição, na diversificação e na diferenciação dos espaços climáticos;
6. a abordagem meteorológica versus a abordagem geográfica (previsão do tempo X integração com demais constituintes da *ambience* sorreana);
7. o consagrado na Geografia (com base nas informações da "velha" meteorologia de Adalberto Serra) e as "descobertas" da moderna Meteorologia Brasileira (e de seu aparato tecnológico) sobre o fenômeno *El Niño*; além de outros aspectos fundamentais, com os quais passamos a nos reocupar.

Embora esses sete pontos estejam ligados à climatologia, Monteiro também caminhou por outras temáticas, como a literatura e a filosofia. O fato é que Monteiro inicia a primavera da climatologia geográfica brasileira através de seus trabalhos. Sua tese de doutorado intitulada *O ritmo hibernal da frente polar e as chuvas da sub-tropical atlântica do Brasil* (1967), por exemplo, direcionou-se ao entendimento do clima do Brasil Meridional através da articulação genética, dinâmica e rítmica (SANT'ANNA NETO, 2001; ZAVATTINI, 2004). Monteiro é um geógrafo que escreveu muitos textos sobre si, e isso é um fator que facilita uma historiografia de sua atividade como geógrafo, mas, ao mesmo tempo, coloca os historiadores em uma situação delicada quanto aos riscos de uma interpretação diversa daquela relatada. Monteiro não apenas deixou pistas sobre a história de si. Suas contribuições sobre a história da Geografia brasileira revelam também um geógrafo importante entre os estudiosos da história do pensamento geográfico, notadamente com a publicação de *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*, em 1978.

Três fases traduzem a trajetória de Monteiro. A primeira, iniciada em 1951, se dá com a publicação do seu primeiro artigo, que vai até 1968, quando passou a fazer parte da USP e a dirigir o Laboratório de Climatologia, realizando estudos sobre o Sudeste e o Brasil Meridional. A segunda fase compreende a orientação de alunos na pós-graduação em Geografia, tal qual a criação de um sofisticado programa de pesquisa conhecido como Sistema Clima Urbano, então materializado em sua Tese de Livre-Docência – *Teoria e Clima Urbano*; fase que irá até 1982, quando deixa o Laboratório de Climatologia. A terceira que vai de 1982 até 1987 e encerra-se com sua aposentadoria, embora tenha continuado com

algumas orientações na pós-graduação (MONTEIRO, 1991). Depois dessa fase, o interesse pela cultura, literatura e filosofia se acentua, ainda continuando com publicações referentes à climatologia.

Na dimensão do seu pensar, é possível identificar, num primeiro momento, a percepção das limitações das concepções de Hann, optando pelas propostas de Sorre. Uma segunda chave do seu pensamento é a adoção da Teoria Geral dos Sistemas com os pressupostos de Ludwig von Bertalanffy, quando então elabora sua proposta para o clima urbano, aproximando-se dos fundamentos de Popper e do neopositivismo, fatos declaradamente expostos em sua Tese de Livre-Docência. A terceira chave passa por Kuhn e pela adoção de seus paradigmas e modelos de interpretação da história da ciência. A utilização de Kuhn fez parte de seu estudo sobre a Geografia no Brasil (1980 [1978]), posteriormente optando pelo pluralismo metodológico de Paul Feyerabend. Sant'Anna Neto (2001) destaca o papel de Hilgard Sternberg, Kant e também do geógrafo Francis Ruellan como influências[214].

Toda a produção e o desenvolvimento da obra de Monteiro revelam uma ligação muito acentuada com a climatologia, embora caminhe por outros temas. Se pudéssemos arriscar em um termo que expressasse sinteticamente o saber produzido por Monteiro, este seria *análise rítmica*. Com os ritmos, Monteiro operacionalizou a análise climática como um *fenômeno geográfico*, constituindo um paradigma, segundo o próprio autor (MONTEIRO, 1999). Ainda que, na França, Pierre Pédélaborde incorporasse as propostas de Sorre, tal qual Monteiro, no Brasil, as diferenças entre ambos são latentes. A nervura entre ambos se expressa por um motivo muito simples – Pédélaborde ocupou-se da análise da totalidade dos tipos de tempo; Monteiro, contrariamente, enfatizava a sucessão, as sequências e o ritmo (TARIFA, 1975; MONTEIRO, 1991; SANT'ANNA NETO, 2001). Outro emblema protagonizado por Monteiro diz respeito às relações com os meteorologistas. Um fato que se destacava em sua trajetória era a hostilidade presente nos relatórios dos pareceristas da FAPESP[215] nas avaliações dos seus orientandos que pleiteavam financiamento. Notava-se que "embora coberto pelo sigilo não era difícil perceber (a terminologia da corporação acaba sempre traindo) que os pareceres eram exagerados por meteorologistas" (MONTEIRO, 1991, p. 2).

No caso do geógrafo Gil Sodero de Toledo, percebemos uma produção menos expressiva do que a de Monteiro, tanto em quantidade quanto na circulação

[214] "Na minha formação em Geografia e História na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil, tive um conjunto de professores, naturalmente heterogêneo em qualidade e, sobretudo, em grau de influência. Mas deles fizeram parte figuras proeminentes, como Josué de Castro (Geografia Humana), Arthur Ramos (Antropologia), Delgado de Carvalho (História Contemporânea). Mas a grande influência foi recebida do mestre francês Francis Ruellan, responsável pela minha reviravolta da História para a Geografia" (MONTEIRO, 1995, p. 142).

[215] Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

de ideias que percorrem as dissertações e teses no Brasil. Tal comparação não é justa, sabemos, até porque são trajetórias distintas. Toledo graduou-se na USP, onde também realizou especialização e, posteriormente, concluiu o doutorado com Ab'Sáber. Sua tese de doutorado, intitulada *Tipos de Tempo e Categorias Climáticas na Bacia do Alto Tietê – um ensaio metodológico*, foi defendida em 1973. Notamos, na bibliografia consultada sobre o desenvolvimento da climatologia, que a referida tese é pouco mencionada. De toda forma, ela tem um lugar na ordem de nossa constelação, tanto por seu conteúdo tensional quanto pelo papel de orientador que Toledo exercerá em alguns estudos interessantes ao saber geográfico como objeto.

Mesmo assim, é importante que destaquemos alguns elementos presentes nessa tese, que, à sua época, marcava-se por uma "ânsia muito grande de contribuição, de renovação de conceitos e de aplicação de técnicas pouco usuais", conforme assinala Zavattini (2004, p. 64) sobre a mesma. A busca por uma renovação no quadro dos estudos climatológicos efetuado por Toledo (1973) acabou por criar uma nervura entre o mesmo e outros geógrafos, inclusive com próprio Monteiro. Vejamo-la:

> As primeiras formulações para definição dos quadros climáticos do globo surgiram segundo o critério fundamental da dinâmica atmosférica. Neste caso se encontram os trabalhos de ALISSOV (1936/54) e seu continuador KHROMOV, de STRAHLER (1951), FEDOROV (1927), MEYNIER (1956), PÉDÉLABORDE (1956), FIGUEIREDO MONTEIRO (1962), FLOHN (1968), CRITCHFIELD (1964) e BLUTEGENS (1966).
> As tentativas de aplicá-las ao caso brasileiro se devem, sobretudo, a FIGUEIREDO MONTEIRO, OSÓRIO, NIMER, SANTOS e FRANÇA, entre outros.
> Entretanto, tais **"classificações"** mesmo a de FIGUEIREDO MONTEIRO, que tem procurado dimensioná-las a um nível escalar-regional, se **caracterizam por uma perspectiva muito genérica, ao nível dos sistemas de frequências, predominantes ou recessivas, das massas de ar e frentes. Identificamo-las, pois, sob o título de Classificação Dinâmica Genéricas** (TOLEDO, 1973, p. 8-9, grifo nosso).

Toledo (1973) estava insatisfeito com as noções de tipos de tempo que vigoravam à época. Referindo-se ao que chamou de "classificações dinâmicas genéricas", mencionava:

> [...] temos observado nas classificações dinâmicas genéricas razoável dificuldade não só da correção dos modelos obtidos para definição dos sistemas espaciais segundo o grau da participação das massas e frentes,

> como ainda em sua efetiva integração em escala climatológica nos diferentes "fáceis", de escala local e mesmo regional, de tempo meteorológico que aí se definam. Em outras palavras, ainda não foi obtida a integração entre os sistemas de circulação e os diferentes tipos de tempo que se desenrolam junto à superfície da terra, muitas vezes em áreas sob os mesmos sistemas de controle e muito próximos (TOLEDO, 1973, p. 9).

Como podemos observar, Toledo procura demonstrar as limitações e necessidades de mudanças na climatologia. Monteiro não apenas esteve em suas reflexões, como também fez parte da banca examinadora – certamente foi uma polêmica defesa de tese. As orientações de Toledo que fazem parte de nossa análise seguiram outros caminhos, que, por isso mesmo, é necessário demonstrá-las.[216]

Com todos esses meandros das trajetórias acadêmicas, é inelutável não reconhecer que a *Análise Rítmica e o Sistema Clima Urbano* semeados por Monteiro não tenham marcado as gerações posteriores. Por isso, é importante analisar como seus orientandos, e orientandos dos orientandos, foram adotando e contestando suas propostas, integrando-se em uma constelação.

***

Apesar da singular contribuição dos textos de Serebrenick (1940) e Ab'Sáber (1979)[217] que tratam do desenvolvimento da climatologia, um outro texto também será fundamental. Na tese de doutorado do geógrafo José Roberto Tarifa (1975), em um capítulo de revisão de literatura, é apresentada a linhagem que segue Max Sorre, Pierre Pédelaborde e Monteiro, explicando a sucessão, o ritmo e a análise rítmica, assim como as diferenças de cada um desses. Não só pela importância dessa revisão realizada, o referido geógrafo foi o primeiro orientando de Monteiro, concluindo a dissertação de mestrado em 1972, *intitulada Sucessão de tipos de tempo e variação do balanço hídrico no extremo oeste paulista (ensaio metodológico aplicado ao ano agrícola de 1968/1969)*. Tarifa segue os pressupostos de Monteiro nesse trabalho, notadamente a concepção de ritmo e tipos de tempo (TARIFA, 1972; AB'SÁBER, 1979; ZAVATTINI, 2004; CARACRISTI, 2007).

Tarifa será um dos geógrafos que mais se dedicará aos fluxos polares, estudo que remonta pelo menos a Adalberto Serra. Tarifa (1975), em sua tese de doutorado *Os fluxos polares e a chuvas da primavera-verão no Estado de São Paulo: uma análise quantitativa do processo genético,* teve como propósito

[216] Toledo, todavia, não se cristalizou na climatologia. Seus estudos também se diversificam entre o ensino de geografia, tal qual da geografia urbana.
[217] Nesta mesma obra, o geógrafo Antonio Christofoletti realiza um excelente quadro histórico da geomorfologia.

melhorar a compreensão geográfica do clima através de elementos quantitativos, bem como modelos matemáticos, que se ajustassem às análises rítmicas (TARIFA, 1975; ZAVATTINI, 2004)[218]. Esse geógrafo também viria a assumir o Laboratório de Climatologia, quando então da aposentadoria de Monteiro, em 1982.

Embora a dissertação e a tese de Tarifa sejam fundamentais para a compreensão de seu pensamento, julgamos mais interessante, a nossos objetivos, sua Tese de Livre-Docência – *Os climas nos Maciços litorâneos da Juréia-Itatins: um ensaio de ritmanálise*, de 2002. Nessa tese, Tarifa trouxe um elemento diferente aos métodos e metodologias que vigoravam na climatologia geográfica brasileira, isto é, a lógica dialética através das proposituras de Henri Lefebvre, utilizando-se, ainda, da noção de ritmo e, sobretudo, de ritmanálise, também presente nas obras de Lefebvre. Tarifa não desconsidera as concepções de ritmo advindas de Sorre e Monteiro, porém trilha um caminho diferente, não necessariamente os excluindo. Enfatiza que a "ritmanálise, definida como método e teoria, persegue este duro trabalho milenar de entender as polirritmias dos corpos (respiração, circulação, desejo, sono, alimentação) e do espaço (físico, biológico, humano e social) de modo sistemático e teórico" (TARIFA, 2002, p. 99)[219]. Tarifa, como o primeiro orientando de Monteiro em termos de pós-graduação, nos dá indícios de uma nervura entre o mesmo e seus antecessores quando o assunto é método.

Merece uma breve lembrança a tese de um de seus orientandos, a qual tratou de um conceito chamado *holorritmo*. Esse conceito foi formulado por Denise Maria Sette durante a elaboração da respectiva tese intitulada *O holorritmo e as interações trópico-extratrópico na gênese do clima e as paisagens de Mato Grosso,* em 2000. Tal qual Tarifa (2002), Sette (2000) partirá dos estudos Sorre (1951) e Monteiro (1969) e, também, das reflexões de Fritjof Capra com a abordagem sistêmica. Sette (2000, p. 6), menciona que "a "integração holística" através da Teoria Geral dos Sistemas deu origem ao holorritmo, que significa o ritmo global do planeta, que interage na paisagem nas várias ordens de grandeza e clima através do seu ritmo, integra-se o conjunto de relações". O holorritmo seria, portanto, *o ritmo global do planeta*, conforme destaca a autora. Compreendemos que Sette realiza um movimento muito semelhante ao que seu orientador realizaria dois anos depois com a ritmanálise, ou seja, o da proposição de diferentes formas de

[218] "Um dos pontos mais altos da tese de TARIFA é aquele da elaboração de um modelo quantitativo do mecanismo da circulação secundária de superfície segundo combinações rítmicas produzidas pelo fluxo polar para a primavera-verão no estado de São Paulo. Pode ele diagramar, para cada um dos quatro tipos de fluxo as cadeias de tipo de tempo a eles associadas, podendo-se perceber o condicionamento temporal das chuvas em diferentes graus de intensidade acima ou abaixo do habitual" (MONTEIRO, 1991, p. 50).

[219] Segundo Tarifa (2002, p. 99), o "conceito de ritmanálise já havia sido introduzido em 1931, por um médico homeopata (Lucio Alberto Pinheiro dos Santos), professor de filosofia da Universidade do Porto, na obra La Rythmanalyse".

pensar o clima em detrimento daquilo que vinha sendo feito. Mais recentemente, as propostas de ambos vêm se inter-relacionando com publicações em conjunto (TARIFA e SETTE, 2009, 2012).

A recepção dessas propostas, em específico o propugnado por Sette (2000) com o holorritmo, recebeu ardentes considerações por parte de João Afonso Zavattini (2004) em sua investigação sobre os estudos do clima no Brasil. Para Zavattini (2004, p. 309),

> [...] é um esforço muito grande, uma tentativa imensa de acrescentar um termo teoricamente novo – o holorritimo – ao arcabouço da Climatologia, especialmente da Climatologia Dinâmica. Porém, que novidade ele traz? A nosso ver, baseados na modesta experiência que acumulamos, poderíamos perfeitamente passar sem ele. Afinal, na noção de ritmo já estão implícitos – desde os tempos de Sorre e em toda produção de Monteiro – a escala global e os fenômenos que possuem manifestação de larga escala. Em outras palavras, a própria definição de clima nos moldes sorreanos e do Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro já traz, em seu bojo, o ritmo global (holorritmo) sugerido por Sette.

Zavattini, que faz parte desta constelação (o qual comentaremos mais adiante), analisou uma centena de dissertações e teses sobre a climatologia produzida no Brasil. No conjunto desses trabalhos, está a tese de Sette (2000). Não entraremos no mérito das críticas emitidas; apenas destacamos a nervura que, para nós, resume as relações entre esses pesquisadores, isto é, o *ritmo*. O ritmo, nesse sentido, seria uma das nervuras que vêm continuamente movimentando a climatologia, seja na contestação, na adoção ou mesmo nas reformulações.

Na continuidade das orientações de Tarifa, que compreende esta constelação, destacamos o papel de Magda Adelaide Lombardo. Essa geógrafa, que no mestrado desenvolveu pesquisas em Geografia agrária com Liliana Lagana Fernandes, migrou para as ilhas de calor no doutorado, investigando sua incidência na metrópole paulista, marcando seu papel na ordem da climatologia geográfica. Embora Lombardo (2001, 2005, 2006) tenha diversos textos sobre o saber geográfico de alguns geógrafos[220], seu papel nesta constelação se justifica por seus orientados, notadamente o geógrafo João Lima Sant'Anna Neto.

[220] Milton Santos, Manuel Correia de Andrade e Aziz Nacib'Ab'Sáber, respectivamente.

Sant'Anna Neto tem uma trajetória curiosa, pois durante o mestrado pesquisou o ritmo climático e a gênese das chuvas na zona costeira paulista, sob orientação de Renato Herz. Em sua dissertação, utilizou-se da análise rítmica de Monteiro, da dinâmica e genética de Sorre e, também, do ritmo de sucessão dos tipos de tempo de Pédelaborde. Não deixando de reconhecer o papel desses geógrafos, Sant'Anna Neto (1990) buscou novas ferramentas de trabalho, como a cartografia sob as bases da informática, que Monteiro, por exemplo, não pôde dispor em suas respectivas análises. Sant'Anna Neto, assim, procurou amplificar as clássicas metodologias através dos recursos da informática. Evidentemente, a utilização de novos recursos metodológicos (e tecnológicos) não era uma exclusividade da pesquisa desse geógrafo, mas o exercício de reconhecer as clássicas e delas tentar se utilizar e aprimorar, declarando explicitamente no respectivo trabalho; isto é algo importante a se ressaltar.

Durante o doutorado, direcionou suas investigações às chuvas no estado de São Paulo, sob orientação de Lombardo, concluindo-a em 1995. Para Sant'Anna Neto (1995), muitos geógrafos estavam realizando uma interpretação equivocada da obra de Monteiro e Sorre, acreditando que a estatística e a quantificação fossem insatisfatórias para a análise climática. Sant'Anna Neto, nesse sentido, valorizou tal técnica

> [...] a ponto de torná-la uma obra totalmente vinculada à Climatologia Estatística e sem nenhum compromisso com a Climatologia Dinâmica. Sant'Anna Neto calculou, para as séries pluviométricas de inúmeras localidades paulistas, as médias aritmétricas, os desvios-padrão, a variância, a tendência (regressão linear), as médias moveis para períodos de 5, 10, 15, 20 e 30 anos etc (ZAVATTINI, 2004, p. 223).

Concordamos com Zavattini que a tese em questão pode até ser classificada como de climatologia estatística, mas pensá-la como uma investigação sem compromisso com a climatologia dinâmica talvez seja um juízo um pouco apressado, até porque os estudos da climatologia dinâmica podem, através dos dados ali armazenados, ter utilidade. O papel científico e mesmo político de qualquer saber produzido transgride a momentaneidade de seus objetivos iniciais. Certamente, e nesse sentido, concordamos com Zavattini (2004) que, em termos da proposta de Monteiro (1971), essa tese talvez não se enquadre no aspecto acima mencionado.

Esse breve relato da trajetória de Sant'Anna Neto tem como objetivo chegar no seu trabalho que julgamos mais importante, conforme os objetivos da

nossa investigação. Será de sua Tese de Livre-Docência intitulada *Contribuição para uma releitura da História da Climatologia no Brasil: Gênese, Paradigmas e a Construção de uma Geografia do Clima*, concluída em 2001, que surgirá uma verdadeira nervura.

O surgimento da climatologia geográfica, em contraposição a uma climatologia ligada à meteorologia, foi uma das realizações de Monteiro no Brasil; desde então, tornou-se um dos paradigmas para a análise climática no seio da Geografia brasileira. Os ritmos, e a análise rítmica em específico, deram à climatologia brasileira o seu carácter geográfico. Para Sant'Anna Neto (2001), todavia, esse paradigma vem apresentando desgastes, sobretudo com as novas reconfigurações do mundo e do próprio conhecimento. Dentro de tal paradigma, o "homem" e o "antrópico" seriam destituídos dos fatores realmente sociais, ou seja, das classes. Com essas características, a análise climática ainda valoriza o natural em detrimento do social. A proposição desse geógrafo é que se reconfigure tal relação, valorizando, também, as influências do modo de produção vigente, o clima como um recurso, tal qual o seu valor de uso em função das classes sociais.

Dentro do paradigma rítmico monteriano, "a análise geográfica do clima na atualidade, a nosso ver, se refere à forma e ao trinômio característico das abordagens que se tem praticado. Ou seja, estas análises têm se sustentado a partir do tripé: **ritmo climático – ação antrópica – impacto ambiental** (SANT'ANNA NETO, 2001, p. 141- grifo nosso). Através da crítica desse tripé, Sant'Anna Neto proporá uma análise que compreenda a manifestação do clima em relação às diferentes realidades dos sujeitos na atual sociedade de classes, através do que denominou de *Geografia do Clima*. Caso consideremos

> [...] que a Geografia seja uma ciência humana, e que o clima é um fenômeno geográfico, teríamos que estabelecer um paradigma que dê conta de ler este objeto, a partir de uma leitura social. Daí, a proposta de uma Geografia do Clima. Que não pretende desabonar o paradigma rítmico defendido por Monteiro e seguidores, ao contrário, avançar a partir da fundamentação do ritmo (SANT'ANNA NETO, 2001, sem página).

Entendemos que o exercício realizado por esse geógrafo se caracteriza como uma nervura. O que é interessante nesse movimento realizado é que o ritmo ainda permanece, buscando o adiante da análise climática como um fenômeno geográfico, ou seja, descendo ao social. Essa tese pode ser considerada como uma das melhores narrativas da história da climatologia produzida no Brasil, somando-se

ao trabalho de Jesus (1995).

Passados cinco anos desse trabalho, Sant'Anna Neto orientará a geógrafa Deise Fabiana Ely, com a tese *Teoria e Método da Climatologia Geográfica Brasileira: uma abordagem sobre seus discursos e práticas*. Ely, durante o mestrado, estudou a compartimentação da paisagem em Rondonópolis – MT, numa investigação de natureza geomorfológica, contando com a orientação de Valter Casseti. Já com a tese, passou a fazer parte do pequeno grupo de geógrafos que vêm ao longo dos anos buscando entender o processo de formação da climatologia brasileira. Diferentemente de Sant'Anna (2001) e Jesus (1995), Ely (2006) analisou dissertações e teses entre os anos de 1943 e 2003, identificando, pelo menos, cinco temas de estudos recorrentes, sendo eles: o clima urbano, a variabilidade pluvial, o clima como componente analítico da paisagem e do ambiente, a relação entre estatística e climatologia e, por fim, as discussões de teoria e método. Dessas temáticas, a prevalecente é a do clima urbano, baseadas em grande parte nos pressupostos de Monteiro com seu Sistema Clima Urbano – SCU.

O SCU, que tem interesse na cidade e suas diversas problemáticas, considera basicamente três fatores: temperatura, umidade e pressão atmosférica, conformando um sistema. Esse sistema se origina através e em conjunto com outros três subsistemas: o termodinâmico, o hidrometeórico e o físico-químico (MENDONÇA e MONTEIRO, 2011; MENDONÇA, 2015). Com o SCU, de acordo com Mendonça (2015), Monteiro criou uma escola brasileira de climatologia urbana. Ely (2006), no referido estudo, identificou a manifestação dessa proposta nas dissertações e teses. Assim, tal qual apontaram Jesus (1995), Sant'Anna Neto (2001) e Zavattini (2004, 2013), Monteiro, sem nenhuma dúvida, *influenciou* e *vem influenciando* os estudos climáticos no Brasil.

Com Ely (2006), finalizamos uma "linhagem" (em termos de orientação) que remonta a Ab'Sáber, Monteiro, Tarifa, Lombardo e Sant'Anna Neto. Tanto Lombardo quanto Sant'Anna Neto tiveram outros orientandos que pesquisaram outras temáticas, inclusive o próprio clima; porém, são estudos que detêm uma natureza distinta daquela que buscamos com nossos objetivos. Lombardo, ainda, orientou Letícia Carolina de Pádua, em 2013, num estudo sobre o pensamento de Yi-Fu Tuan, que, embora presente em nossa constelação, não trata da temática do clima. E isto não é um problema, uma vez que é da natureza da constelação agregar e considerar o diferente. Poderíamos comentar e analisar esse trabalho sem nenhuma dificuldade, porém optamos por realizar recortes temáticos no interior das constelações para que nossa investigação estivesse no plano do possível.[221]

[221] O trabalho citado é A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências, defendido em 2013.

É necessário que sigamos com outros orientandos de Tarifa. Posteriormente, Lombardo orientará Sueli Ângelo Furlan, em 1992; Regina Araújo de Almeida, em 1993; e Tarik Rezende de Azevedo, em 2001. No caso de Furlan, percebe-se um destaque com um de seus orientandos: o geógrafo Marcos Barros de Souza. Esse autor investigou a presença da Geografia física nos eventos científicos do Brasil. No interior desse trabalho, Souza (2006) investiga o Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica desde sua primeira edição, em 1992, na cidade de Rio Claro – SP, até sua sexta edição, em 2004, realizado em Aracaju – SE. Nesse estudo, é possível consultar a distribuição das temáticas em gráficos e tabelas.

Ademais, Regina Araújo de Almeida, que inclusive foi orientanda de Augusto Titarelli, no mestrado em 1988, investigando o tratamento gráfico do conforto térmico, orientará Nair Ribeiro de Castro em 2006, numa investigação sobre os pressupostos teóricos e conceituas da relação entre a Geografia e o turismo. Nesse sentido, embora presente na constelação como orientadora, o estudo em questão caminhou para uma outra temática.

Já Tarik Rezende de Azevedo é um caso de doutorado direto, onde investigou a derivação antrópica do clima na Região Metropolitana de São Paulo. Nesse trabalho, que data de 2001, é resgatado um importante histórico da formação da climatologia, com especificidades no estado de São Paulo. Azevedo (2001) identifica três linhas genealógicas nesse processo de formação: uma remontando ao século XVI até o XIX com os viajantes, outra na passagem do XIX para o XX, marcada pelas relações com o sanitarismo e da própria geografia médica, e a terceira compreendendo Sampaio Ferraz, no Rio de Janeiro, como diretor do Serviço Meteorológico Brasileiro. Nessa mesma linhagem, estão Adalberto Serra e Leandro Ratisbonna, cuja efetivação propriamente dita será com Monteiro. Reconhecendo o papel de Monteiro como formador de muitos geógrafos ligados à climatologia, Azevedo (2001, p. 69) acredita que o "personalismo exagerado e a mitificação de sua contribuição para a geografia precisam ser revistos urgentemente, sobretudo pelo fato de que se insiste numa "cristalização" e em considerações absurdas, que a própria trajetória do autor basta para negar". Embora Azevedo não indique os sujeitos que realizaram esse processo de mitificação, a nervura lançada será melhor trabalhada com um de seus orientados, sobre o qual comentaremos a seguir.

Será com o geógrafo Henrique Lobo Pradella, na dissertação intitulada *A construção do conceito de 'tipos de tempo' entre os séculos XVII e XXI, no âmbito das ciências atmosféricas*, defendida em 2014, que alguns pensamentos presentes

na tese de Azevedo (2001) serão trabalhados, inclusive ampliando a outros aspectos daquilo que se convencionou chamar de paradigma ritmo, propugnado por Monteiro e outros geógrafos. Em síntese, Pradella (2014) faz uma historiografia do conceito de tipos de tempo numa correlação da história da climatologia e da meteorologia.

Duas são as críticas principais à ideia de *paradigma ritmico* ou *paradigma monteriano* que Pradella (2014) destaca. A primeira refere-se à noção de teoria científica, e menciona:

> A discussão conduzida até o momento tem como principal finalidade evidenciar as exigências e dificuldades inerentes à construção de uma teoria científica. Esta abordagem se faz necessária porque se torna cada vez mais recorrente para a Climatologia, desenvolvida no âmbito da Geografia, sobretudo no Brasil, que muitas proposições ou hipóteses sejam aceitas, divulgadas e trabalhadas como se fossem teorias, mesmo quando não correspondem aos critérios sintáticos, semânticos, epistemológicos e metodológicos que apresentamos. **O caso mais emblemático, acreditamos, refere-se ao que se convencionou denominar 'paradigma rítmico' ou 'paradigma monteriano', o qual foi construído ao longo dos trabalhos de MONTEIRO (1962, 1969, 1971, 1973b e 1975).**
> **A suposição de um 'paradigma monteriano' em climatologia mostra-se duplamente equivocada**, por um lado pelas lacunas na proposta teórica de Thomas Kuhn (2007), e por outro por exprimir uma falsa segurança teórico-metodológica que se torna sedutora à maioria dos climatólogos, **e tem levado a um padrão de estudos e pesquisas que, na realidade, contribuem pouco ou nada, seja para o amadurecimento da disciplina, seja para ampliar o quadro de fenômenos explicados adequadamente pela climatologia.** Esta postura nos parece possível apenas em um ambiente no qual o conhecimento histórico a respeito da construção de uma disciplina e seus conceitos seja, no mínimo escasso, quando não ausente (PRADELLA, 2014 p. 32-33, grifo nosso).

A existência do paradigma rítmico, ou mesmo monteriano, que, inclusive, já comentamos anteriormente nos estudos de Sant'Anna Neto (2001) e do próprio Monteiro (1999, 2015), pode ser objeto de inúmeras leituras. A *existência do paradigma*, por exemplo, talvez seja algo realmente questionável, até porque o próprio Kuhn realizou algumas correções, optando, inclusive, pela ideia de *matriz* ou *léxico*. Em algumas ocasiões, Monteiro (1991) reconheceu as limitações de Kuhn, optando pelas fundamentações de Feyerabend – acontece que a noção de paradigma é polissêmica e não necessariamente pertence a Kuhn. Na filosofia, especificamente no mundo grego, o paradigma representava o *fluxo do*

pensamento. A ideia de "paradigma monteriano", que alguns geógrafos então se referem, exige uma outra investigação para detectarmos se, de fato, baseiam-se na proposta kuhniana.

Pradella (2014) caminha em direção contrária às interpretações de Ely (2006) e Zavattini (2013) quando menciona que o referido paradigma "tem levado há um padrão de estudos e pesquisas que, na realidade, contribuem pouco ou nada", revelando, assim, uma nervura quando o assunto é a efetividade das proposições de Monteiro. Essa crítica de Pradella (2014, p. 39) em relação ao conceito de paradigma[222] é "o primeiro equívoco da climatologia brasileira em relação ao 'paradigma monteriano'", argumenta.

O segundo momento de sua crítica refere-se aos atributos genéticos da análise rítmica. Na respectiva ordem de argumentos, Pradella (2014, p. 41-42) retorna ao trabalho de Azevedo (2001), mencionando que a "investigação genética deve indicar e explicar os motivos que condicionam as variações intra-anuais pertinentes aos comportamentos dos centros de ação e, consequentemente das massas de ar" o que no caso da climatologia "ainda não foram plenamente satisfeitas"[223]. Na conclusão de seus argumentos, reconhece o papel do que chama de "linhagem", conforme segue:

> Com isso acreditamos ter esclarecido as razões pelas quais consideramos inexistente tal 'paradigma' para a climatologia brasileira. Ressaltamos aqui o inegável avanço qualitativo promovido por tal linhagem investigativa, sobretudo em relação à noção de 'ritmo'. Evidentemente, ao refutarmos este 'paradigma', discordamos também quanto à existência de uma "teoria da climatologia geográfica brasileira", como sugerem ELY (2006) e CARACRISTI (2007), entre outros (PRADELLA, 2014, p. 41-42).

Nessa última passagem, podemos perceber, mais uma vez, como a constelação se comporta. No caso das duas geógrafas, de quem o autor[224] discorda, Deise Fabiana Ely (2006) e Isorlanda Caracristi (2007) – a primeira orientanda de

[222] Em outra passagem, Pradella evoca outros elementos, conforme segue: "Se lembrarmos que a proposição de uma "classificação genética dos tipos de tempo", surge em 1934, na obra de FERRAZ, junto à sua indicação de que esta seria a tarefa prioritária para o climatologista brasileiro, ou seja, vinte e oito anos antes do artigo de 1962, no qual Monteiro refaz esta proposta, a questão do 'paradigma monteriano' torna-se ainda mais questionável. Pode-se argumentar também que a abordagem rítmica, voltada para avaliação da "sucessão habitual dos tipos de tempo", nos moldes estabelecidos por Monteiro (1969; 1971), seria elemento suficientemente inovador para que se constituísse em um 'paradigma', porém este autor sequer apresenta uma definição acerca do conceito de tipos de tempo e a isto somamos o fato de que, segundo AZEVEDO (2001), o ritmo associado aos eventos atmosféricos tem sido investigado há muito tempo, variando apenas a escala e o fenômeno dos ritmos investigados por Monteiro na maior parte de suas obras". (PRADELLA, 2014, p. 39).

[223] Para Azevedo (2001, p. 75) "Ao 'classificar geneticamente' os tipos de tempo e demarcar o ritmo, uma das variáveis usadas na caracterização, do que se convencionou chamar de 'frente fria', é justamente a ocorrência e intensidade da chuva e nebulosidade. Mais adiante, depois de somar a chuva por 'tipo' de tempo, concluir que a chuva está relacionada à passagem frontal é, no mínimo, redundância. Queremos explicitar que não saímos do nível descritivo ainda. Uma explicação genética dos tipos de tempo não é simplesmente caracterizá-los a partir de movimentos atmosféricos de escala planetária e regional mas, sim, determinar a causa do ritmo estudado!"

[224] Pradella (2010) também desenvolve algumas reflexões em *Notas sobre o Problema da Classificação dos Tipos de Tempo (types of weather) na Geografia Brasileira,* onde é possível detectar nervuras entre as proposições de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e Gil Sodero de Toledo.

João Lima Sant'Anna Neto e a segunda de José Bueno Conti (que adiante analisaremos) – fazem parte de uma certa totalidade, todos "filhos e frutos" de Monteiro. O contraditório se revela através de nervuras que os ligam através do estudo do clima. Monteiro, nesse sentido, torna-se um objeto tanto de contestação quanto de concordância, variando com as opções metodológicas e políticas de cada investigador.

Além de Pradella (2014), Tarik Rezende de Azevedo também orientou Romeu Antônio de Araújo (2005) e Ilton Jardim de Carvalho Junior (2011). No caso de Araújo (2005), foi realizado um levantamento e compendio dos trabalhos produzidos na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, referente à climatologia, bem como à formação do curso de geografia nessa universidade. Já Jardim de Carvalho Jr (2004, 2011), que no mestrado estudou a incidência da neve em Palmas – PR, sob orientação de Zavattini, investigará, no doutorado, os mitos do determinismo climático e ambiental na história do saber geográfico. No conjunto das quase setecentas páginas de sua tese, dois tópicos se destacam: um sobre os clássicos da climatologia, em que se realiza uma análise da obra do geógrafo americano Ellsworth Hungtington *Civilization and Climate*, de 1939, demonstrando as inconsistências das leituras que o rotularam de "determinista"; o outro ponto é referente à noção de determinismo climático no Brasil – nesse momento, o autor passa por Gilberto Freyre, com a obra *Casa Grande e Senzala* (1933), e também pelas análises presentes nas investigações de Sant'Anna Neto (2001) e Ely (2006). Embora Jardim de Carvalho Jr (2011) trate da climatologia em alguns tópicos, a tese se diversifica em diversas temáticas interessantes à Geografia física, caracterizando-se como uma investigação que extrapola o plano da discussão climática, ainda que com ela relacionada, alcançando certamente um debate histórico e epistemológico da ideia das *influências ambientais*.

Com esse primeiro quadro, finalizamos o braço que partiu de José Roberto Tarifa. Partiremos agora para outro orientando de Monteiro: o geógrafo José Bueno Conti. Conti (1973) foi o segundo orientando de Monteiro na pós-graduação em Geografia Física da USP. Inicialmente, foi orientando de Ab'Sáber, visto que Monteiro ainda não havia defendido o doutorado. Com a finalização do doutorado de Monteiro, Conti passou a ser oficialmente seu orientando, defendendo a tese intitulada *Circulação secundária e efeito orográfico na gênese das chuvas na região lesnordeste paulista,* em 1973. As metodologias elaboradas por Monteiro estiveram presentes nessa tese (CONTI, 1973; ZAVATTINI, 2004).

Na década de 1990, Conti (1995) defenderá sua Tese de Livre-Docência, direcionada aos processos de desertificação nos trópicos, cujas especificidades serão no Nordeste brasileiro. Esse estudo apresenta uma proposta metodológica de pesquisa para a referida região, assim como uma extensa revisão bibliográfica sobre a respectiva temática. Esse geógrafo, ainda, protagonizará um importante papel no processo de reforma estatutária da AGB, iniciado no ENG de 1978, em Fortaleza, até a Assembleia de 1979, em São Paulo. Como membro da diretoria, pediu demissão e afastou-se da AGB, por alguns anos, por não concordância com o processo de reforma (CONTI, 2002). A AGB por si mesma é uma nervura na história da Geografia brasileira. O ENG de 1978 e a Assembleia de 1979 revelam isso de forma cristalina, evidenciando um momento de reorganização da democracia brasileira pelo qual a Geografia não pode se furtar, ainda que cicatrizes tenham sido deixadas no caminho, como bem se revela no Boletim Paulista número 88, com os relatos de Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armen Mamigonian, Douglas Santos e do próprio Conti.

Dos geógrafos que até aqui analisamos, Conti é o que detém o maior número de orientações sobre o histórico e o epistemológico da climatologia. Comentaremos esses trabalhos e depois outras orientações que, de forma indireta, deram continuidade às investigações do saber geográfico. O primeiro para o qual gostaríamos de chamar atenção é o geógrafo Emanuel Fernando Reis de Jesus, com a tese sob o título *Espaço, tempo e escala em climatologia*, de 1995. Essa obra pode ser considerada a primeira tese no Brasil a dedicar-se, por completo, a uma análise histórica do desenvolvimento da climatologia. Nela, é possível consultar uma inumerabilidade de definições do conceito de clima e também um compêndio de autores catalogados e suas respectivas contribuições à climatologia, datando do período grego. Muitas dissertações e teses que posteriormente foram surgindo tiveram com esse trabalho de Jesus (1995) seu pontapé inicial. Conti, com esse orientando, preencheu uma lacuna de modo muito preciso. Nós, inclusive, nos valemos muito desse trabalho, como pode ser consultado no decorrer da nossa exposição, assim como o que Sant'Anna Neto (2001), no âmbito de sua Tese de Livre-Docência, realizou.

No trabalho de Jesus, é possível detectar, em várias passagens, o termo *paradigma*, referindo-se a Sorre com o conceito de clima e ritmo. A figura de Monteiro também é mencionada diversas vezes, destacando-a como valiosa, notadamente pela "introdução do método da na Análise Rítmica, que corresponde a uma tentativa de se identificar o ritmo habitual sem extrair os desvios, os aspectos

que levam a uma noção integrada de todos os elementos do clima" (JESUS, 1995, p. 152).

Além de Jesus (1995), destaca-se também a dissertação de Maria França Padilha – *Análise comparativa e interpretativa de duas teses de doutoramento sobre o clima da área urbana de São Paulo*, defendida em 2003. Padilha (2003) realizou uma comparação entre a tese de Ary França (1945) e a de Edson Cabral (2002), que foi orientando de Conti. A autora detectou intersecção entre ambas, contudo a análise de Cabral (2002) foi mais ampla do que a de França (1945), até porque este último investigou o clima que cobria a bacia hidrográfica do Alto Tietê, enquanto o primeiro se ateve à Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Independentemente das semelhanças e diferenças existentes, são trabalhos que pertencem a tempos diferentes. Padilha (2003), todavia, conseguiu identificar, em partes, o processo de desenvolvimento da climatologia urbana através desses dois trabalhos, notadamente da realidade urbana paulista com suas temperaturas elevadas, as quais França (1945) já detectara em seu trabalho, dado que culminará no que chamamos hoje de "ilhas de calor".

A terceira orientação de Conti contou com um estudo que nos arriscamos a classificá-lo como de natureza existencial. O mesmo foi realizado por Isorlanda Caracristi, em 2007, denominando-se *A natureza complexa da poiésis climática: contribuições teóricas ao estudo geográfico do clima*. Nesse trabalho, Caracristi (2007) retoma o debate sobre a *existência* do clima, recuperando Monteiro (1991) e o debate sistêmico (Capra, Maturana, Morin), tecendo uma argumentação até chegar à *poésis climática*, onde o clima é "um desdobramento das conexões espaciotemporais transcendendo o domínio atmosférico: é um padrão de interconexões, um evento emergente. O clima contém e está contido na paisagem como um todo" (CARACRISTI, 2007, p. 112). Outra lacuna preenchida da qual Conti participou. Certamente, o debate existencial do clima não se finalizou nesse trabalho, uma vez que Caracristi mais abre possibilidades do que finaliza conclusões; de toda forma, esse estudo tem sua razão de ser nesta constelação.

Com Jesus (1995), Padilha (2003) e Caracristi (2007), finalizamos os orientandos de Conti que diretamente investigaram o clima como um objeto de ordem epistemológica e histórica. Outros orientandos de Conti com o mesmo grau de importância também se destacam; porém na condição de orientadores. Referimo-nos, especificadamente, a Maria Helena Ramos Simielli, Francisco de Assis Mendonça e Yuri Tavares Rocha.

Simielli tem uma trajetória ligada à cartografia e ao ensino da Geografia, que se expressará em suas orientações. Com Conti, investigou o papel do mapa no ensino de Geografia, em 1987. Apesar da importância da cartografia para a climatologia e mesmo para a história do saber geográfico, incluí-la nesse momento demandaria a realização de um outro capítulo, fugindo de nossos objetivos. De toda forma, destacamos os trabalhos de: Archela (2000) numa investigação sobre a cartografia brasileira entre os anos de 1935 e 1997; Nogueira (2001), com os mapas mentais dos comandantes das embarcações no Amazonas; e Katuta (2004), direcionando-se à compreensão do estrangeiro na Geografia. A respeito do ensino da Geografia, que também remonta às publicações de Conti, haverá com Sonia Castellar[225] uma continuidade de pesquisas de natureza epistemológica. Esta, que foi uma das primeiras orientandas de Simielli a elaborar uma tese, orientará diversos geógrafos nessa temática que perpassa todos os campos da Geografia.

Francisco de Assis Mendonça iniciará seu percurso na pós-graduação tentando identificar se em Paranavaí – PR ocorria o processo de desertificação – tema muito presente entre os interesses de Conti. Nessa dissertação, que data de 1990, não só o clima é discutido, mas todo um quadro físico que cobria a região em questão. O autor se valeu, ainda, do materialismo histórico para compreender a formação social da área. No doutorado, a presença das proposições de Monteiro é mais latente, sobretudo com o Sistema Clima Urbano, aplicado à cidade de Londrina – PR. Em sua tese, Mendonça (1994, p. 207) afirma que os "estudos relativos ao ambiente climático urbano têm sido desenvolvidos no Brasil, notadamente sob a influência de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que acabou "fundando" uma "escola brasileira de climatologia urbana". No plano de seus orientandos, três se destacam: Kalina Springer (2008), detendo-se às concepções de natureza presentes na produção científica da UFPR no curso de Geografia; Larissa Warnavin (2010), numa análise do discurso ambiental na Revista Brasileira de Geografia (1941-2005); e Denecir Dutra (2011), atendo-se à epistemologia da Geografia da saúde.

Quanto ao geógrafo Yuri Tavares Rocha, seu papel também será na condição de orientador – no caso, com a dissertação de mestrado de Adriana Persiani (2012), que historiou o pensamento de Albert Lofgren, importante botânico sueco que, radicado no Brasil, pode ser considerado um dos pioneiros da fitogeografia e da climatologia (PERSIANI, 2012). Assim, com essa última dissertação, concluímos algumas ramificações de José Bueno Conti.

Posteriormente, sobre as ramificações de Conti, é necessário tocarmos no

[225] Sonia Castellar antes de iniciar o doutorado já detinha experiências e investigações em ensino de geografia.

último sujeito presente nessa parte da constelação. O geógrafo Augusto Humberto Vairo Titarelli finaliza o quadro de orientandos de Monteiro que estamos analisando. Titarelli (1973) será um orientando de Monteiro, que realizará um estudo geomorfológico, tendo como recorte o Vale do Parateí. Dos seus orientandos presentes na constelação, destacamos apenas um: o geógrafo João Afonso Zavattini. Esse que estudou a variação do ritmo pluvial no Oeste de São Paulo e no Norte do Parará, em 1983, durante o mestrado, dedicar-se-á à dinâmica atmosférica e às chuvas em Mato Grosso do Sul em 1990, no doutorado. No âmbito de sua Tese de Livre-Docência – *O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira*, de 2002, é que Zavattini se aprofundará na obra de Monteiro a tal ponto que, afirma: "o conhecimento integral e compreensão de minha obra, considero o Professor Zavattini um "discípulo" indireto, posto que nunca foi meu aluno regular ou orientando, mas pelo conhecimento e aplicação de minhas ideias em climatologia e pelo fato de haver recebido orientação do meu colega e amigo Augusto Titarelli" (MONTEIRO, 2004, p. 6 *in prefácio* ZAVATTINI, 2004).

No corpo de sua tese, que mais tarde será publicada em livro – *Os estudos do Clima no Brasil*, em 2004, Zavattini realiza uma radiografia dos estudos climáticos que adotaram (ou não) as proposituras de Monteiro, permitindo-lhe afirmar, tal qual Mendonça (1994), que Monteiro criou uma escola brasileira de climatologia (ZAVATTINI, 2013). Nesse sentido, percebemos que, para o bem ou para o mal, o geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro está presente em todas as análises do desenvolvimento da climatologia brasileira, assim como nos estudos empíricos, seja na contestação ou na adoção. Monteiro, assim, não só é uma raiz, mas também uma *nervura*. De acordo com o próprio Monteiro:

> De minha parte, angustia-me, passado algum tempo de minha atuação universitária, perceber ex-alunos a repetir aquilo que fiz há um quarto de século atrás. Com novos e mais eficientes instrumentos e técnicas de análise, gostaria que, munidos destas facilidades, os meus possíveis discípulos "ultrapassassem" aquilo que pude realizar (MONTEIRO, 1995, p. 141).

Percebemos que Monteiro reconhece o movimento próprio da atividade científica, que é, justamente, a busca pelo adiante. Acontece que essa "ultrapassagem" pode se dar de diferentes formas, de modo que "alunos regulares e até mesmo orientandos após a titulação tornam-se detratores – às vezes inimigos", argumenta Monteiro (2013, p. 142 *in posfácio* ZAVATTINI, 2013).

Um outro braço que parte de Ab'Sáber é o geógrafo Gil Sodero de Toledo, sobre o qual já comentamos anteriormente. Seus orientandos, presentes na constelação, se distribuem em temáticas outras, distintas das do clima. Distribuindo-se em investigações do conceito de natureza e paisagem (LOURENÇO, 1996; CARDOSO, 1999), dos livros didáticos de Delgado de Carvalho (SCABELLO, 2004) à análise do discurso cartográfico (FONSECA, 2004), todas voltam-se ao ensino da Geografia, ainda que ligadas à discussão histórica e conceitual do saber geográfico. Sodero teve orientandos em climatologia (SAKAMOTO, 1995; FERREIRA, 2002), porém são estudos de carácter empírico.

As raízes dos estudos climáticos nos revelam uma condição rizomática, surgindo em vários lugares e tempos. Assim como sociedades diversas, a observação do tempo e do clima é próprio do humano. Desde os gregos até os indígenas, muitas coisas se perderam. Reconhecer as condições do possível é um processo de ampliação do nosso conhecimento. Do mesmo modo, não se pode cair na armadilha de pensar a ciência e a razão científica como meros ingredientes de um certo todo. Rastrear as figuras representativas que edificaram os campos do saber é um exercício *ad infinitum*, próprio da atividade histórica. Sempre haverá mais um, descoberto na dinamicidade das contestações sobre outras contestações.

Na climatologia produzida no Brasil, o papel do ritmo é inegável e a figura de Monteiro como articulador da análise rítmica é incontestável. Havia atividades em laboratório, publicações, diversos orientandos. Em outras palavras, ocorreu uma *sistematização* e promoção de metodologias e de proposições teórico-metodológicas. Criou-se um programa de pesquisa. Esses elementos não impediram que críticas e revisões fossem realizadas, como constatamos em algumas dissertações e teses – e não as abolimos, mas as articulamos em uma constelação.

Conceitos como o de *ritmanálise*, propugnado por Tarifa (2002) através da obra lefebvreviana, tal qual Sette (2000) com o *holorritmo*, nos permitem observar o desenho de outras propostas – como bem se revela no programa, também em marcha lançado por Sant'Anna Neto (2001) através da *Geografia do* Clima, firmando um outro umbral para a investigação climática. Esses fatores colidem com o debate ontológico da existência do clima, ainda não acabado.

Como podemos observar, no interior desta constelação, os temas de pesquisa caminham em diferentes direções, por diferentes pessoas e, mais do que isso, em diferentes lugares. A raiz que tem na USP sua germinação não responde sozinha a questão da *Geografia brasileira*; novas universidades foram incorporando os geógrafos e formando outros coletivos de produção do saber

(Santa Cataria, Paraná, Interior Paulista, para mencionarmos algumas localidades). O próprio mundo relaciona-se com as pesquisas. A circulação das ideias e das teorias estão em uma fricção contínua. As raízes também não se furtaram desses processos – elas, também, são produtos do mundo; mas nem por isso podemos destituí-las na abundância dos processos. O nosso fio condutor foi a relação de orientação entre os geógrafos, caminho que escolhemos para percorrer o labirinto das ideias referentes ao clima. Deixamos outros universos de fora de nossa análise, optando apenas pela atividade de alguns poucos geógrafos que tiveram no *clima* e a *forma* o sentido de suas trajetórias acadêmicas. Ainda que alguns desviaram-se a outras dimensões, criando novas dinamicidades em *outras constelações*, o vínculo de orientação jamais é rompido por completo.[226]

[226] Quando falamos em vínculo de orientação, não estamos pensando na mera aceitação das ideias do orientador, mas também na relação de resistência e de negação. Orientação de pesquisa não é sinónimo de adoção de ideias daquele que orienta sobre o orientado. Quando trouxemos Harold Bloom, no capítulo 8, foi justamente para explicar esse raciocínio.

9.2 Raiz Constelatória Pasquale Petrone

Essa segunda raiz surgiu em San Nicola Baronia, da Província de Avellino, na Itália de 1924. O geógrafo Pasquale Petrone é o segundo começo que elegemos para ler algumas frações de uma outra constelação. Diferentemente de Ab'Sáber, Pasquale Petrone irá para outro caminho, ainda que ambos estejam no mesmo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

O que se convencionou chamar de Geografia humana será o plano através do qual Petrone mais contribuirá à Geografia. Como um dos herdeiros da presença de Pierre Monbeig no Brasil, terá a cidade de São Paulo seu objeto por excelência. Monbeig, na verdade, não só em Petrone, mas também Ab'Sáber, teve influência com algumas de suas proposições, notadamente a c*ontextualização* do objeto geográfico. Certamente, Monbeig ocupa o papel não de uma raiz, mas de um dos grandes troncos da formação das primeiras gerações de geógrafos, inclusive de outros intelectuais, como Antônio Candido. Além de professor e pesquisador, Monbeig desenvolveu modos de pensar o geográfico – conforme, e de diferentes formas, Aldo Silva (2002), Carlos Nogueira (2013) e, mais recentemente, Larissa Lira (2017) anunciam em suas respectivas teses, vindo a se somar ao que Ruy Moreira (2008) destaca com suas matrizes.

Em Petrone[227], como em grande parte da Geografia que vinha sendo feita nas décadas de 1950, 1960 e 1970, a tese de Monbeig, intitulada *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo* (1952)[228], será amplamente utilizada, a bem dizer os conceitos de *pioneirismo* e *frentes pioneiras*. Pierre Monbeig caminhou por diversos temas, indo do urbano ao rural e à epistemologia, configurando-se como uma obra diversificada em termos de temas investigados.

Pasquale Petrone também terá uma obra de certo modo diversificada, menor e menos do que a de Monbeig, mas ainda heterogênea, transitando entre geografia urbana, geografia rural, geografia histórica e da colonização. Infelizmente, não há um estudo sistematizado de sua obra e influência na Geografia brasileira, e, especificadamente, na geografia uspiana. Sua atividade na Pós-Graduação de Geografia Humana da Universidade de São Paulo também revela uma heterogeneidade no conjunto das suas cinquenta dissertações e teses

[227] "No caso da História foi Jean Gage, apesar de ter sido seu aluno por apenas um ano letivo. Ainda na História devo muito ao Professor Alfredo Ellis Junior. Para Ellis Junior os documentos não deviam ser considerados como elementos frios, mas no conjunto das condições em que emergiam. Ellis Junior argumentava sempre e tal fato me atraia. **No campo da Geografia foi sem qualquer dúvida o Professor Pierre Monbeig o docente que mais me impressionou**. Claro, sem esquecer ainda uma vez o Professor João Dias da Silveira, sempre um bom professor e, também, um bom amigo, um professor extraordinariamente humano. O Professor João Dias da Silveira foi quem por primeiro julgou que eu deveria trabalhar na Universidade, naturalmente na disciplina de Geografia Física na qual cheguei a trabalhar por um ano letivo. **Interessante o fato do Professor Pierre Monbeig ter exercido tão vigorosa influência no meu futuro como professor e pesquisador"**. (PETRONE, 1993, p. 110, grifo nosso).

[228] Publicada originalmente na França – *Pionniers et planteurs de l'État de São Paulo*.

orientadas, predominando o rural e o urbano[229].

Essa "heterogeneidade" talvez se explique pelo próprio modo com que Petrone se relacionou com o conhecimento – suas leituras "sempre foram extremamente diversificadas, até mesmo caóticas. Assim como lia Marx, lia Ratzel. As leituras diversificadas, sem uma orientação precisa, na verdade eram uma decorrência das dúvidas do que lia" (PETRONE, 1993, p. 119). Durante seu processo de formação, no curso de Geografia, "lia de tudo, sem qualquer disciplina e sem preocupação científica" (Ibid. p.120). Todo intelectual deixa rastros no seu percurso acadêmico. No caso de Petrone, ainda está para ser feita uma análise que reconstrua seus passos, mapeando, assim, os padrões e rupturas do seu saber produzido, que não apenas à geografia uspiana, mas à AGB, que também teve um importante papel[230].

Conforme será demonstrado, seus orientandos versaram-se em diversas temáticas. O *rural* foi uma das dimensões que escolhemos para pincelar algumas considerações. Ainda que toquemos em outras temáticas pela inevitabilidade labiríntica do movimento das ideias, o *rural*, sob a insígnia de *terra*, representa nosso recorte no interior desta constelação.

Seu papel à geografia agrária permitiu que Ribeiro e Soares (2009) colocassem Petrone do lado de Orlando Valverde, Manoel Correia de Andrade e Maria do Carmo Galvão como um dos que construíram a geografia agrária brasileira em parâmetros acadêmicos. A periferia de São Paulo também representou um objeto profícuo em suas orientações, contando com investigações de Embu, Itaquaquecetuba, Cotia, Caieiras, ou seja, "os cinturões periféricos". A maioria desses estudos "foram elaborados por estudantes originários da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, **poucos por pessoas de São Paulo**" (PETRONE, 1993, p. 122 - grifo nosso). A USP, como espaço, concentrou sujeitos de todos os cantos do Brasil. No caso das pesquisas realizadas por Petrone, sobretudo após a publicação de sua Tese de Livre-Docência *Os Aldeamentos Paulistas e sua função na valorização da Região Paulistana* em 1964, um conjunto de pesquisadores (especificamente 13 orientandos)[231] farão parte de um projeto de pesquisa sobre São Paulo, o qual, de acordo com Lemos (2012),

[229] "Tive realmente determinadas preferencias temáticas, relacionadas a estudos de Geografia Urbana, porem foram meramente tendências. Sempre tive muita dificuldade, por exemplo, quando solicitado a definir linhas de trabalho junto a organismos como CNPq, CAPES e outros". (PETRONE, 1993, p. 121).

[230] Verdi (2016) identificou que alguns autores se repetem em seus escritos, assim como nas dissertações e teses de seus orientandos, tais como Caio Prado Júnior e Pierre George.

[231] São esses: Olmaria Guimarães, Gerson Danielli, Ruth Lavras Bijoli, Margarida Maria de Andrade, Helena Kohn, Judith de La Corte, Amalia Inés Geraiges de Lemos, Eduardo Pazera Junior, Cleonice Alexandre Le Bourlegat, Tercia Correia Cavalcante, Maria Niedja Leite de Oliveira, Manoel Fernando Seabra e Juergen Richard Languenbuch.

privilegiará os "cinturões" de antigos aldeamentos.

Sua atuação docente também não nega sua relação com o rural. Damiani (2012, p. 255) destaca que "a *Geografia Agrária*, ensinada por ele, e, depois, a disciplina de pós-graduação, *Colonização no Sul do Brasil*, reúnem o exercício de uma geografia comprometida com o desvendamento da formação brasileira"; com Petrone, era possível detectar o "poder dos latifundiários em nosso país, o significado histórico e geográfico da propriedade privada da terra; a constituição do Brasil como país, contraposta à ideologia de nação". Percebe-se, portanto, que Petrone não só no rural terá fundante importância, mas também no chamado movimento de renovação da Geografia, então conhecido como *crítico* – um dos mais claros exemplos de nervura entre os geógrafos brasileiros e suas relações com o saber.

Petrone presenciou e participou de pelo menos dois movimentos, permitindo-lhe o seguinte julgar:

> As ***trincheiras***, em ciência, talvez tenham significado aparente nos momentos em que são valorizadas, mas acabam por perderem consistência com o passar do tempo. Na condição de aluno recusei-me a receber rótulos de possibilista ou determinista, ***trincheiras* daquele tempo**, assim como muitos anos depois **recusei aceitar os rótulos de** teorético, quantitativo, estruturalista ou qualquer outro. Enfim, os caminhos são muitos e creio que cada um deva tomar o caminho que considerar o mais correto, aquele no qual acredita. Apenas creio que isso deva ser feito sem fanatismo, sem julgar que a verdade foi finalmente encontrada, e não haveria mais o que procurar, sempre com muito espírito crítico, aceitando o pressuposto de que aquilo no que acredita pode não ser a verdade absoluta, portanto, suscetível de correção. Esse foi sempre o modo de ver pelo qual conduzo minhas atividades, quer de docente, quer de pesquisador. Nunca aceitei qualquer coisa como dogmática. Portanto, e coerentemente, diria: nunca aceitar nada como dogma, aceitar as ideias desde que existam argumentos que convençam, e enquanto tais argumentos se sustentarem, e não existirem outros que modifiquem o entendimento anterior, o modo de ver, de concluir. E isto que considero importante, e não só em Geografia (PETRONE, 1994, p. 148, grifo nosso).

Essa passagem revela um pouco o modo de pensar de Petrone, assim como sua forma de lidar com o conhecimento. O termo *trincheira,* utilizado pelo autor, é interessantíssimo, independentemente dos resultados decorrentes das lutas no interior da ciência – elas acontecem e fazem parte do existir do saber geográfico; sempre, e de diversas formas, manifesta-se no realizar científico, qualificando-se como nervuras, ou seja, sustentações carregadas no decorrer das gerações.

Nessa ordem de coisas mais o menos padronizada, cabe reforçar outros

flagrantes de sua Tese de Livre-Docência. Antes, contudo, lembremos de sua tese de doutorado, intitulada *Baixada do Ribeira: estudo de Geografia Humana*, de 1961, sob orientação de Ary França, um dos quatro orientandos diretos de Monbeig[232], constituintes da primeira geração de doutores no "atual" modelo de pós-graduação que conhecemos. Nessa tese, são utilizados os conceitos de paisagem e região, assim como a noção de sistemas agrícolas, isto é, o "sistema de rotação de terra", nos aportes de Leo Waibel[233]. Oliveira (1999, 2001, 2004) e Bombardi (2008) identificam a *dialética*[234] nessa tese; já Alves (2010), numa análise de alguns textos de Petrone entre 1952 -1965[235], revela que seu método era o *positivista-naturalista*, privilegiando, enquanto técnica, o trabalho de campo, a observação e as entrevistas, no âmbito da geografia regional de herança francesa. Nota-se, assim, a necessária urgência de um estudo sobre o seu pensar, de modo mais contextual, que evidencie os liames do seu método.

Quanto à Livre-Docência[236], focada nos aldeamentos paulistas, esta pode ser considerada um dos seus mais importantes trabalhos. Como já dissemos, através dela se efetivará um projeto de pesquisa que conformará um conjunto de investigações em dissertações teses sobre São Paulo. O que precisa ser considerado, nessa tese de 1964, em referência aos nossos objetivos, é justamente a terceira parte (ou capítulo), então denominada *Os Aldeamentos Indígenas de São Paulo*. Esse capítulo trata, ente outros elementos, do *problema da terra*, enfatizando que "o problema das terras surge com a própria definição dos primeiros aldeamentos, e surge, ainda uma vez, em função das atividades dos jesuítas" (PETRONE,1995 [1964], p. 195). Ainda que não esteja sobre os aportes da geografia crítica de natureza marxista, Petrone, no respectivo trabalho, insere-se no rol dos geógrafos que iniciaram um novo desenho nos estudos do rural. Os indígenas e suas relações com a terra são amplamente investigados, constatando que "cronologicamente, a primeira forma de trabalho indígena, a serviço do colonizador, foi a que se colocou num plano de *trabalho escravo*. O colonizador usufrui do trabalho do indígena escravo como de coisa sua, na prática apenas preocupado em manter o *motor animado*" (Ibid. p. 311, grifo do autor).

O *problema da terra* transmutar-se-á em *questão agrária*, ou seja, a *terra* como objeto de conflito e disputa, a qual terá, com os geógrafos sob sua orientação, um campo de investigação – geógrafos esses que, ainda, protagonizaram diversas

[232] Sendo os outros: Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Nice Lecocq Muller e Renato Silveira Mendes.
[233] "Naturalmente, embora para defini-las, tenhamos utilizado expressões aplicadas por Waibel para as áreas de colonização no sul do país, as formas em questão diferem das do sul pelas peculiaridades que adquiriram em face das condições em que se criaram" (PETRONE, 1966 [1961], p. 224).
[234] "Trazida pela influência marxista, a dialética como corrente na Geografia Agrária está na base de um conjunto de trabalhos de Orlando Valverde, Manuel Correia de Andrade, Pasquale Petrone, Léa Goldenstein, Manuel Seabra, entre outros" (OLIVEIRA, 2004, p. 33).
[235] Textos publicados em periódicos; contudo, são partes tanto da Tese quanto da Livre-Docência.
[236] Participaram da banca: Ary França, Aroldo de Azevedo, Egon Schaden, Sérgio Buarque de Holanda e Dirceu Lino de Mattos (VERDI, 2016).

nervuras entre si mesmos. A terra, antes de ter na academia sua materialização como objeto e como nervura, fervilhava há muito tempo no mundo do social como um território, sendo sinônimo de sobrevivência e representando um sentido para as maiores barbáries do humano.

Pelo menos três ou quatro gerações sucederam a Pasquale Petrone. Destacaremos alguns nomes, sem a pretensão de esgotá-los. Petrone é um ponto no conjunto de um todo. Geógrafos que tiveram, como ele, o processo de orientação, são outros pontos. Tentaremos, pois, visualizar esses pontos em uma constelação, sendo a *terra* nossa lente e guia – sempre lembrando que "os autores atuais não nasceram do nada, eles se originam daqueles que os antecederam e, na pior das hipóteses, originam-se da **contradição** de um nascimento fruto da opção ao pensamento dos que os antecederam" (PETRONE, 1993, p. 129, grifo nosso). Desçamos à terra.

RAIZ CONSTELATÓRIA

Pasquale Petrone

1961 - Doutorado* - USP

Pierre Monbeig

Ary França - 1945 - Doutorado

1969

Manuel Fernando Gonçalves Seabra (1969-1973) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

1970

Lea Goldenstain (1970) - Doutorado* - USP (GH)

1971

Nídia Nacib Pontuschka (1978) - Mestrado* - USP (GH)

Ronaldo Boerngen (2002) - Mestrado - USP (GH)

Maria Adailza M. de Albuquerque (2004) - Doutorado* - USP (GH)

Lucineire Fabia Rodrigues Lopes (2009) - Mestrado - UFPB

Aldo Gonçalves de Oliveira (2010) - Mestrado - UFPB

Leila Barbosa Costa (2010) - Mestrado - UFPB

Joana Jakeline de Alcantara (2012) - Mestrado - UFPB

Angelica Mara de Lima Dias (2013) - Mestrado - UFPB

Odette Carvalo de Lima Seabra (1979-1978) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Sérgio Manuel Merêncio Martins (1993-1999) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Pedro Henrique Denski (2011) - Mestrado - UFMG

Fabiana Furtado (2014) - Mestrado - UFMG

Thiago Macedo Alves de Brito (2014) - Doutorado - UFMG

Márcio Piñon de Oliveira (1999) - Doutorado* - USP (GH)

Marcelo Japiassu Ramos (2002) - Mestrado* - UFF

Gilmar Mascarenhas de Jesus (2001) - Doutorado* - USP (GH)

Luiz Claudio Motta Lima (2006) - Mestrado* - UERJ

Marco de Souza Paes (2010) - Mestrado - UERJ

Sandra Lencioni (1985) - Mestrado* - USP (GH)

Júlio César Suzuki (2006) - Mestrado* - USP (GH)

Josoaldo Lima Rêgo (2007) - Mestrado - USP (GH)

Samarone Carvalho Marinho (2010) - Doutorado - USP (GH)

Alvaro Henrique de Souza Ferreira (2003) - Doutorado* - USP (GH)

João Paulo Monte de Santana (2013) - Mestrado - PUC - RIO

Clerisnaldo R. de Carvalho (2009) - Doutorado - USP (GH)

Ana Fani Alessandri Carlos (1987) - Doutorado* - USP (GH)

Denise Rockenbach (1993) - Mestrado - USP (GH)

Paulo Cesar Scarim (2001) - Mestrado - USP (GH)

Eustódio Wanderley C. Dantas (1995) - Mestrado* - USP (GH)

Maria Soares da Cunha (2012) - Doutorado - UFC

Maria Regina Cunha de Toledo Sader (1987) - Doutorado* - USP (GH)

Ana Regina Vasconcelos R. Bastos (1993) - Mestrado - USP (GH)

Paulo Pedro Perides (1971-1981) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Luiz Fernando Mazzini Fontoura (2000) - Doutorado* - USP (GH)

Jorge Luis Ramos Nunes (2003) - Mestrado - UFRGS

Amália Inês Geraiges de Lemos (1972-1980) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Adilson Rodrigues Camacho (2008) - Doutorado - USP (GH)

1972

1975

Marcelo Martinelli (1975-1984) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Lindon Fonseca Matias (1996-2001) - Mestrado/Doutorado - USP (GH)

Rosa Elena Noal (2001) - Doutorado* - UFPB

Cleder Fontana (2009) - Mestrado - FURG

Marta de Paiva Macêdo (2010) - Doutorado - UFPB

1979

Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1979) - Doutorado - USP (GH)

Diamantino Alves Pereira (1990) - Mestrado - USP (GH)

Eliseu Savério Sposito (1990) - Doutorado* - USP (GH)

Márcia Ajala Almeida (1999-2005) - Mestrado/Doutorado* - UNESP - PP

Reginaldo Carlos de Abreu (2011) - Mestrado - UFMT

Flaviana Gasparotti Nunes (2000-2004) - Mestrado/Doutorado- UNESP - PP

Marcos Aurélio Saquet (2001) - Doutorado* -UNESP - PP

Sueli Santos da Silva (2009) - Mestrado - UNIOESTE

Joice Aparecida Antonello Abrão (2012) - Mestrado - UNIOESTE

Fabrício Pedroso Bauab (2005) - Doutorado - UNESP - PP

Sandra do Nascimento (2010) - Mestrado - UNIOESTE

João Vitor Gobis Verges (2013) - Mestrado - UNIOESTE

Tulio Barbosa (2006) - Mestrado - UNESP - PP

Antonio Elisio Garcia Sobreira (2009) - Doutorado - UNESP - PP

Antonio Henrique Bernardes (2012) - Doutorado - UNESP - PP

Márcia Siqueira de Carvalho (1991) - Doutorado* - USP (GH)

FabrícioPedroso Bauab (2001) - Mestrado - UNESP - PP

Weslev de Souza Arwassa (2014) - Mestrado - UNESP - PP

Douglas Santos (1991) - Mestrado - USP (GH)

João Paulo Vicensio (2011) - Mestrado - PUC - SP

Bernardo Maçano Fernandes (1994-1999) - Mestrado/Doutorado* - USP

Nelson Rodrigo Pedon (2009) - Doutorado - UNESP - PP

Munir Jorge Felício (2011) - Doutorado - UNESP - PP

Janaina Francisca de Souza Campos Vinha (2012) - Doutorado - UNESP - PP

Jacob Binsztok (1997) - Doutorado*- USP (GH)

Ivanir Gomes (2008) - Doutorado - UFF

Giovanni Raimundo de Macedo (2013) - Mestrado - UFF

Virgínia Elisabet Etges (1997) - Doutorado*- USP (GH)

Rosmari Terezinha Cazarotto (2000) - Doutorado - UNISC

Marcio Mendes Roca (1999) - Doutorado*- USP (GH)

Najla Mchanna Mormul (2013) - Doutorado - UEM

Jones Dari Goettert (2000) - Mestrado- USP (GH)

Elias Coimbra da Silva (2010) - Mestrado - UFGD

Magali Franco Bueno (2002) - Mestrado- USP (GH)

Dário de Araújo Lima (2003) - Doutorado*- USP (GH)

Alexandre Eslabão Bandeira (2010) - Mestrado - FURG

Maria Luisa Rocha F. de Mendonça (2013) - Doutorado- USP (GH)

1983

Mario Antonio Eufrásio (1982) - Mestrado - USP (GH)

José William Vesentini (1985) - Doutorado* - USP (GH)

Marcos Bernardino de Carvalho (1992) - Mestrado - USP (GH)

Sérgio Luiz Nunes Pereira (1997-2003) - Mestrado/Doutorado - USP (GH)

Paul Sutermeister (2011) - Mestrado - USP (GH)

Regina Célia Corrêa de Araújo (2001) - Doutorado - USP (GH)

Josue da Costa Silva (1994-2000) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Thiago Macedo Alves de Brito (2010) - Mestrado - UNIR

Lana de Souza Cavalcanti (1996) - Doutorado* - USP (GH)

Nataly Andrea Pérez Cisternas (2012) - Mestrado - UFG

Vanilton Camilo de Souza (2009) - Doutorado* - UFG

Luan do Carmo da Silva (2014) - Mestrado - UFG

Wagner Costa Ribeiro (1994-1999) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Renata Costa Ricoca (2002) - Mestrado - USP (GH)

Francisco Capuano Scarlato (1981-1989) - Mestrado/Doutorado* - USP (GH)

Jorge Luiz Barcellos da Silva (1996) - Mestrado - USP (GH)

João Phelipe Santiago (2005) - Doutorado - USP (GH)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (2013) - Doutorado - USP (GH)

Renata Costa Ricoca (2002) - Mestrado - USP (GH)

Andréia Aparecida Moreira de Souza (2008) - Mestrado - UFG

Fernanda Moreira Silva (2012) - Mestrado - UFG

Sandro de Oliveira Safadi (2012) - Doutorado - UFG

Angelita Pereira de Lima (2013) - Doutorado - UFG

Weder David de Freitas (2014) - Doutorado - UFG

Marisia Margarida S. Buitoni (2000) - Doutorado* - USP (GH)

Dulcimara Lugoboni Marinheiro (2009) - Mestrado - PUC - SP

Clodoaldo Gomes Alencar (2009) - Mestrado - PUC - SP

David Augusto Santos (2012) - Mestrado - PUC - SP

Patrícia Velasco (2012) - Mestrado - PUC - SP

Vânia Rubia Farias Vlach (1988) - Mestrado* - USP (GH)

Adriany de Ávila Melo Sampaio (2001) - Mestrado - UFU

Djalma Ferreira Pelegrini (2008) - Doutorado - UFU

Rosangela Maria Ribeiro Muniz (2009) - Mestrado - UFU

Jeane Medeiros Silva (2012) - Doutorado - UFU

Leonardo Moreira Ulhôa (2013) - Doutorado - UFU

Gustavo de Oliveira Coelho de Souza (1990) - Mestrado* - USP (GH)

Isabel Cristina Silveira Gnaccarini (2014) - Mestrado - PUC - SP

Helena Kohn Cordeiro (1979) - Doutorado* - USP (GH)

Sylvio Fausto Gil Filho (1995) - Mestrado* - UNESP - RC

Clevisson Junior Pereira (2014) - Doutorado - UFPR

Ana Maria Marques C. Marangoni (1983) - Doutorado* - USP (GH)

Claudio Benito O. Ferraz (1994) - Mestrado - USP (GH)

Marcelo Antonio Fontanive (2014) - Mestrado - UFGD

Bianchi Agostini Gobbo (2012) - Mestrado - UFGD

Claudete Brriguela Junqueira (1983) - Doutorado* - USP (GH)

Raul Borges Guimarães (2000) - Doutorado* -USP (GH)

Everaldo Santos Melazzo (2006) - Doutorado* - UNESP - PP

Andréa Celeste de A. Petisco (2011) - Doutorado - UNESP - PP

RAIZ CONSTELATÓRIA

Pasquale Petrone

2/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" Câmpus de Presidente Prudente

***

Terra

Γαία –Gaia –Yη-Terra- ἐδαφος- chão

***

9.2.1 Terra

Diferentemente da procura (ainda inacabada) existencial do clima, a terra por si mesma figura-se como um *ser* – uma entidade com vida própria, se ficarmos aqui com as relações indígenas e quilombolas. A ontologia da terra é mais "empírica" do que a do clima, por motivos óbvios. As relações vernaculares estabeleceram um vínculo com a terra antes das investigações científicas. A terra, como uma categoria de análise científica (e mesmo ontológica), transmutada através dos signos espaciais (paisagem, território, regiões, lugar), vem depois das relações cotidianas da humanidade com o fato terrestre.

Na intenção de uma breve introdução à "terra-categoria" na Geografia, demonstraremos algumas aparições que julgamos recorrentes à sua noção. Nossa escolha pela terra, nesta constelação, como já informamos, é uma estratégia de recorte no leque que cobre o rural aos estudos geográficos. Outros recortes poderiam ser feitos e, por tal motivo, este não é um fim em si. É apenas um elemento entre outros, tal como o homem, a cultura e a própria economia agrícola. Os caminhos são inúmeros para se ler o rural, o que revela a inviabilidade de pretensão do todo. O reconhecimento das nossas limitações, pela abundância do objeto, esclarece a escolha por determinados pedaços do fato rural.

Cabe um destaque quanto a essa escolha. A noção de terra, todavia, pode representar um dado mais abrangente que o rural, o que acreditamos que possivelmente seja. Nesse sentido, pode-se cair em uma armadilha – correr do rural e estacionar num outro todo, ainda mais enigmático, dado que a terra atravessa a religião, a ciência e a filosofia. Antecede, por assim dizer, o próprio humano. Nosso recorte, contudo, dialoga com outros recortes, isto é: a Geografia brasileira através de uma constelação específica.

A terra pode ser concebida de diversos modos. Como uma categoria do pensar, no maior das vezes, é sinônimo de *rural*, tomando o *social* como relação do seu fundamento. A *raiz* do rural como um objeto e conceito científico é a *terra*, que lhe antecede como uma materialidade. Também o é com o *urbano*. Suas qualificações e adjetivos, sejam quais forem, estão sobre um chão, isto é, sobre uma

terra ou matéria, que seja, enfim, o espaço (embora não seja a essa questão que queremos chegar). O próprio conceito de território não antecede à terra. Sua constituição objetiva compreende e obriga um determinado "conteúdo" a surgir junto às relações de poder. A terra, em seus sentidos correntes, representa uma superfície sólida da crosta terrestre, de um planeta no sistema solar e, muitas vezes, como sinônimo de "mundo". Aparece, ainda, como um presente de Deus, como é possível detectar no Antigo Testamento com a Terra Prometida (de Canaã) ao povo hebreu[237]. Deus, aliás, personificará um dos pilares da matriz cognitiva dos camponeses para com a terra. É difícil arriscar se o tom subjetivo e mítico tenha vindo antes da concepção física através da noção de matéria. As duas, terra e matéria, percorrem a história do pensamento humano.

A ideia de "matéria" talvez anteceda a noção de terra, porém suspeitamos que a "matéria" represente uma concepção irradiada pelo científico e filosófico, o que, se assim o for, sucederia a ideia de terra. Um exemplo pode ser constatado no filósofo pré-socrático Empédocles (490 a.C. - 430 a.C.), com sua "teoria" das quatro *raízes* da matéria ou *phýsis*. Para esse filósofo, o fogo, a água, o ar e a terra são um *rizómata* (ou rizoma, no sentido de um "tufo de raízes") que constitui a "matéria", ou seja, tudo que existe. Essas raízes, de acordo Chauí (2002), são misturadas e indiscerníveis, pois constituem o Uno. Um outro exemplo encontra-se no filósofo Gaston Bachelard, em suas obras *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso*. Ainda que tenha se dedicado aos outros elementos, a terra ganha uma atenção singular na sua construção filosófica, entendida como uma extroversão e introversão da imaginação criadora. A matéria e o subjetivo eclipsam-se à terra.

Na mesma perspectiva de Bachelard, encontra-se o geógrafo Éric Dardel. A terra, em Dardel, especificadamente na obra *O homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica*, é um texto a ser decifrado, não se definindo necessariamente como um objeto ou planeta, reduzida à objetificação científica e material. A terra é o algo que conduz o humano aos sentidos, qualificando, então, o que chamou de geograficidade[238]. Outro geógrafo, sobre o qual também já comentamos, é Paul Claval, com a obra *Terra dos Homens: a geografia*. Partindo do período grego, onde a Geografia era uma "descrição da terra" pelo qual os gregos "liam no céu a forma da Terra", chega-se ao período contemporâneo demonstrando as relações do homem com a terra e o mundo digital. Tanto Dardel quanto Claval relacionam a ideia de uma terra-matéria com a dimensão do subjetivo, da imaginação e do saber.

[237] Do hebreu, o vocábulo *terra* traduz-se como *èrets*, significando mundo, solo etc.

[238] "É dizer que essa história só faz sentido se compreendermos que a Terra não é um dado bruto a medirmos como ele "se dá", mas que sempre transita entre o Homem e a Terra uma interpretação, uma estrutura e um "horizonte" de mundo, "um esclarecimento" que mostra o real, uma "base" a partir da qual a consciência se desenvolve". (DARDEL, 2011, p. 48).

A Geografia produzida no Brasil também revela algumas manifestações "da terra". Para ficarmos aqui com três casos aleatórios, lembro das obras de Manuel Correia de Andrade, Aroldo de Azevedo e Carlos Walter Porto-Gonçalves: o primeiro, com *A Terra e o Homem no Nordeste*, da década de 1960, demonstrando o contraste geográfico e conflituoso da terra na região nordestina; e o segundo com *Brasil: a Terra e o Homem*, também da década de 1960, configurando-se como coletânea[239]. Essa coletânea contou com diversos colaboradores, inclusive, dois que fazem parte de nossas raízes: Aziz Ab'Sáber, com o "Relevo brasileiro e seus problemas", no Volume I; e Pasquale Petrone, com o "Povoamento e Colonização", do Volume II. Pode ser considerada como uma das últimas obras de caráter "geral" do Brasil. A tentativa era a de caracterizar e retratar a "Geografia do Brasil" no seu quadro completo, sendo a terra e o homem os sustentáculos do respectivo edifício. O terceiro, Porto-Gonçalves, diferentemente dos anteriores, deu atenção à ecologia, em *Paixão da Terra*[240], de 1984, revelando o drama do homem frente à luta ecológica que se figurava nas derradeiras décadas finais do século XX. É identificável, assim, que a terra tem uma história na Geografia[241], revelando um "algo mais" do que a mera condição de objeto a ser descrito[242].

De qualquer forma, sendo terra ou matéria, ambas são signos linguísticos edificados pelo humano. A terra, na Geografia, então transmutada em rural no nosso presente caso, compreenderia um *universo* que ultrapassa a circunscrição de um mero "objeto", representando, pois, uma "totalidade do real", traduzindo, assim, certa fração da existência da matéria coberta por uma respectiva ordem cultural, colidindo com a ideia de *campo* e vindo, sucessivamente, à concepção de *cidade/urbano*. Esses dois últimos seriam, pois, uma nervura infinita no debate acadêmico através do conjunto inesgotável de bibliografias sobre o tema.

Nessa raiz, a terra seria um ponto de partida, antecedendo, evidentemente, Pasquale Petrone, vindo antes mesmo da geografia agrária e do próprio rural. É a terra o princípio que escolhemos para interpretarmos o universo conhecido como rural, no âmbito desta constelação.

[239] "Quem quer que os venha a ler – estudantes ou professores, militares ou integrantes das profissões liberais, homens do comércio ou da indústria, do campo ou das cidades, pessoas cultas ou de mediana cultura – conhecerá, com a possível exatidão, os fatos essenciais a respeito da **Terra e do Homem** brasileiro". (AZEVEDO, 1972 [1962], p. XI, grifo nosso).
[240] "A Terra, antes de ser conhecida, explorada, fincada ou perfurada, é palco, mora e companheira. É para ser amada". (PORTO-GONÇALVES, 1984, p. 13).
[241] Élisée Reclus é um outro exemplo, caso desçamos no tempo. Basta consultarmos *La terre: description des phénomènes de l avie du globe* (1868) e *L'Homme et la Terra* (1906), para citarmos alguns.
[242] "Mais coisas sobre nós mesmos nos ensina a terra que todos os livros. Porque nos oferece resistência". (SAINT-EXUPÉRY, 1972 [1939], p. 2).

A compreensão da terra no Brasil reclama algumas considerações referentes ao processo de ocupação e colonização. Ambos os processos desenharam a Geografia brasileira do presente – antes uma terra "vazia", pronta à exploração material e, sucessivamente, humana, firmando o que Sérgio Buarque de Holanda chamou de *Visão do Paraíso*, um espaço com terra abundante e mão de obra barata. A ideia de "vazio" representou uma das justificativas para a desenfreada exploração das terras brasileiras. Os povos originários, quando do primeiro contato com o europeu, foram caracterizados como nada, num sinônimo de selvageria. Os negros trazidos da África também marcarão a terra no Brasil. Indígenas, africanos e europeus, assim, darão os primeiros sentidos à terra – ora como mercadoria, ora como resistência e luta, ora o retrato da barbárie humana.

No brutal genocídio e etnocídio da história do Brasil restará apenas a partilha de terras ao branco europeu, cabendo ao indígena e ao africano o massacre interminável pelos primeiros. A Lei das Sesmarias é o exemplo mais cristalino. Por meio das capitanias hereditárias, a terra passou a ter um dono. Outro episódio é a Lei de Terras de 1850. Substituindo o antigo modelo de sesmaria, essa lei propiciará o regime de propriedade privada – a terra, então, só podendo ser adquirida e utilizada através da compra. O espaço brasileiro, lugar dos povos originários, passou a território do branco. Hectares infinitos de terras foram postos à mesa do mercado – o mercado, assim, um outro significante da terra.

Com esses condicionantes de origens na colonização é que surgem duas categorias basilares: a do latifúndio e a dos sem-terra[243]. O termo *sem-terra* é tão emblemático que é possível pensar em um programa filosófico de pesquisa: como pode um sujeito nascer da terra e a ela não pertencer? A mãe separada do próprio filho figura o cateter que percorre as raízes do acesso à terra no Brasil. Penso que a categoria sem-terra pode representar muita coisa, juntamente com aquela que a funda – o latifúndio. O "todo latifúndio", senhor da terra, explica a "não-parte" pelo absurdo da ganância e do massacre na sua lógica fraticida.

A "não-parte", personificada pelos sem-terra, todavia, não se inclina diante do todo, na figura do latifúndio. A *resistência* representada pelo *conflito* é o outro vértice que qualifica a noção de terra no Brasil, sendo a nervura mais latente, irradiando-se, inclusive, à produção científica. O conflito é uma categoria que explica a produção acadêmica em geografia agrária/rural no Brasil, e não poderia ser de outra forma, até porque o "objeto terra" é quase sinônimo de luta e guerra. Basta observarmos a história de lutas dos quilombos, tendo Palmares um dos seus melhores exemplos, tal qual Canudos, Contestado e Trombas e Formoso. Mais

[243] O camponês poderia substituir o termo sem-terra neste caso, porém julgamos importante trabalhar um pouco com a noção de sem-terra. Mais adiante discutiremos o camponês e as concepções de terra que deste conceito emanam.

adiante, iremos tocar nesse assunto, que se revela com muita precisão nesta constelação, dado que conflito é uma via explicativa dos estudos rurais no âmbito da Geografia brasileira.

É fundamental que entendamos como a terra se manifesta para além do latifúndio. Na história do Brasil, outras formas coexistiram em relação às formas totalitárias. Algumas delas são as terras indígenas, terras de preto, terras de santo, também entendidas como terras de uso comum (ALMEIDA, 2009). As terras de preto, por exemplo, são aquisições que remontam aos ex-escravos, ligando-se, na maioria das vezes, aos quilombos, respectivamente. As terras de santo, por outro lado, qualificam-se pela desestruturação das terras pertencentes à Igreja – nessas terras, o(s) santo(s) é(são) considerado(s) o(s) proprietário(s) verdadeiro(s)[244].

A relação dos indígenas com a terra é a de um ente. Os rios, as árvores, os animais, todos são dotados de vida, não sendo, necessariamente, ingredientes da matéria ou meros dados geográficos. Os Guarani, por exemplo, denominam a terra de *Yvy,* um ente que possui alma, uma espécie de espírito que necessita ser cuidado e não alterado. A Terra *(Yvy)*, enquanto espírito, precisa ser respeitada para que continue protegendo aqueles que dela necessitam.

O camponês é outro caso que merece algumas considerações. Uma primeira é quanto à sua condição de nervura. O camponês é um dos temas mais caros aos estudos rurais, sua *existência* é uma das questões mais proeminentes. Como o tempo é um elemento fundante para os estudos do saber, a existência do camponês para nós não é nenhum problema nevrálgico, visto que o saber enquanto tradição e modo de vida não se dilui tão facilmente como alguns autores querem crer. Klass Woortmann (1990), numa tenaz análise do camponês, sugere o termo *campesinidade* – uma qualidade que existe em diferentes tempos e lugares regida por um saber que lhe é próprio. De todo modo, o debate inaugurado com os estudos de Hugues Lamarche e Ricardo Abramovay, para ficarmos com dois exemplos, não é de todo descartável. A formulação do conceito de agricultura familiar, em contraposição ao de camponês, vem movimentando de modo muito eficaz a produção acadêmica nas ciências sociais e humanas, e a Geografia não se furta de tal debate, representando uma das frentes mais vivas nessa intrigante nervura. Pilares temporais e proféticos são evocados pelas diferentes visões dos intelectuais referentes ao camponês; ora é propugnado seu fim, ora sua efetiva existência, por vezes um renascimento, uma adaptação, enfim, as lentes são várias. Veremos mais adiante como esta constelação agrega diferentes posicionamentos quanto a essa questão. É imprescindível, neste momento, que foquemos na terra e em sua

[244] Almeida (2009), ainda, destaca as terras de herança e as terras soltas ou abertas.
[245] Podem aparecer também como *Ibí, Ybi, Yby*.

significação através do saber camponês.

A campesinidade que mencionamos anteriormente é um termo que se qualifica através de uma ordem moral, de uma ética camponesa. Woortmann (1990) desloca o movimento que privilegiava a dimensão econômica e objetivista de conceber o camponês para uma mirada ao subjetivo dos sujeitos que compõem tal *mundus*[246]. Sugere, também, que algumas categorias são nucleantes nesse mundo, sendo elas: a terra, o trabalho, a família, a liberdade e Deus. Dessas categorias, a terra, o trabalho e a família são as principais. São coexistentes – nenhuma existe sem a outra. A terra, por exemplo, não é uma matéria enquanto solo apenas para ser explorada. Ela expressa uma ordem ética e moral como um patrimônio *(traditio)* da família, provinda de Deus. A ordem moral, enquanto campesinidade, só se efetiva através do trabalho, criando as noções de *terra de trabalho e terra de Deus*. Dessa forma, não se concebe a terra como um dado isolado – ela se faz existir através da coexistência das outras categorias. O isolamento dessas categorias e a perda da *traditio,* se continuarmos com o pensamento de Woortmann, é algo próprio da modernidade onde reina o individualismo e a lógica mercantil. Num processo de destituição dos sentidos tradicionais, a terra torna-se uma coisa e a família um fator. Quando a terra deixa de ser um ente, ou um morar, para o acontecer da vida, ela apenas vira um receptáculo onde as coisas acontecem, até mesmo um *cativeiro,* como argumentou José de Souza Martins[247].

A fusão entre terra e capital entra em choque com a terra-sentido. A inversão ética e política que há dezenas de anos vem ocorrendo no território brasileiro com suas terras é, em síntese, uma eliminação de uma ordem moral, como no caso dos indígenas, os quais vêm sendo dizimados juntamente com seus saberes. A terra-capital estabelece uma nova ordem moral do homem com a terra, criando outros sentidos – o "ser" passando à "coisa", um sentido que no fundo é um não-sentido.

A terra, portanto, apresenta-se de diferentes formas, variando com as contradições. No "Nordeste, a *terra de trabalho*, condição de realização do pai trabalhador, tem sua localização ideal no *sítio* (e dentro do *Sítio*), espaço por excelência de realização do *pai de família* e da liberdade". Em outra localidade, como em Sergipe, "a *terra de trabalho* se opõe à terra de gado, espaço onde o trabalho foi expulso", outra situação semelhante aconteceu na Paraíba, "a *terra de agricultura* se opõe à *terra de engenho*, espaço onde não se pode realizar o trabalho" (WOORTMANN, 1990, p. 42, grifos do autor).

[246] [...] um mundus camponês cercado pelo (mundo) imundus da mercadoria, da propriedade privada mercantil desvinculada do trabalho, da ambição; mundo que ameaça a ordem moral, mas com o qual é preciso também saber lidar (WOORTMANN, 1990, p. 22).
[247] É o que dá o título do seu livro *O Cativeiro da Terra*, de 1979.

A *traditio*, para se realizar como uma ordem moral e ética, depende justamente do saber, afinal "a transmissão da terra sem o saber não transformaria essa terra em terra de trabalho, nem em patrimônio familiar. É pelo saber que o pai governa, dá a direção do processo de trabalho" (Ibid, p. 43). O pai, "por ser dono do saber que ele é dono do sítio e pai de família. Ele não é um velho, mas um sábio" (Ibid, p.48). Mas em que, de fato, perguntemos, consiste esse saber camponês?

A matriz cognitiva do camponês (terra, trabalho, família, natureza, Deus) entra numa articulação criando o simbólico, que rege a prática, conformando-se, assim, o saber. Com a prática e o saber, "estabelece-se um diálogo, uma "negociação", entre as potencialidades da terra "o que ela quer dar" e as necessidades da família" (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997, p. 12). Portanto, "é pela transmissão desse patrimônio, em duplo sentido – a terra como objeto de trabalho e o saber que constitui o sujeito trabalhador – que se faz o novo pai de família. A mãe, por seu lado, transmite à filha o saber relativo ao domínio da casa" (Ibid. p. 14-15). A hierarquia composta pelas relações de gênero também ganha relevo no saber camponês, o que, todavia, requer uma outra discussão. O que é preciso ficar posto é a existência de um saber que qualifica e comanda os sentidos da terra, conforme já detectara Alexander Chayanov em outras ocasiões, ainda que imerso em uma perspectiva econômica.

Além da manifestação cultural que qualifica as terras, como acabamos de mencionar, há outras aparições com vieses mais políticos que denotam outras perspectivas para se pensar a terra, como é o caso das terras devolutas e as terras griladas. O termo devoluto, que vem do latim *devolutu*, é definido nos dicionários como "desocupado", "desabitado", "vago", em outros termos, uma "terra vazia". Geralmente, em termos do presente, essas terras estão no poder do Estado, mas isso não impediu que as mesmas fossem ocupadas e, muitas vezes, engolidas pelo latifúndio e o próprio capital. O latifúndio é constituído pela possessão das devolutas, criadas pelo mesmo. O vazio, ou devoluto, como já dissemos brevemente, foi uma ideologia eficaz. A terra, no Brasil, como é sabido, continha os chamados povos originários na figura dos indígenas. As terras griladas, todavia, consistem na arte de criar uma fábula sobre a ideologia do vazio para a possessão de terras. Cabe mencionar, porém, que o Brasil já possui muita informação das terras devolutas, imprescindíveis à Reforma Agrária. A grilagem e o descompasso dos poderes entre os senhores da terra e os povos originários não permitiram uma verdadeira distribuição da terra.

A concentração de poder e a dinâmica do mercado, próprios do modo de produção capitalista, deram à terra outras atribuições e sentidos e, sem nenhuma dúvida, o mais importante deles é o que a economia política veio a chamar de *renda da terra*. A renda da terra pode ser entendida como uma categoria analítica ou como uma teoria, variando com o enfoque dos autores. Na história do pensamento econômico, autores como Adam Smith (1723-1790), David Ricardo (1772-1823), Thomas Malthus (1766-1834) e Johann Rodbertus (1805-1875) podem ser considerados uma espécie de teóricos ou iniciadores do que se concebe como teoria da renda da terra. Mas será com Karl Marx que o debate da renda da terra terá maior expressividade – para ele, renda da terra pressupõe propriedade privada. O capital na agricultura será uma das formas que tingirá a terra com outras cores – o que podemos chamar de capitalização da terra.

No âmbito da renda da terra, não há espaço para *sentidos existenciais*, o que define o jogo é a terra-mercadoria inserida na lógica do modo de produção capitalista. Percebe-se que terra é um bem finito e, nesse sentido, ela tem um preço; com isso, ela se torna uma propriedade privada. A terra, como um bem capitalista, é o sentido que a define a partir da modernização e da monopolização do capital. A terra, assim, pode gerar lucro e mais-valia. Marx, então, compreenderá a terra no capitalismo através de três noções: *a renda da terra absoluta* própria da propriedade privada; a *renda da terra diferencial I*, entendida como uma renda oriunda da fertilidade dos solos, da localidade das terras e da quantidade de terras possuída; e a *renda da terra diferencial II*, perfazendo os capitalistas que melhor administrassem a terra e o processo de produção das mercadorias. À Geografia vem sendo muito úteis as formulações de Marx sobre a renda da terra. A Geografia agrária, por exemplo, será uma das áreas que vai se destacar na incorporação do pensamento marxista, cuja luta de classes será o fenômeno mais evidente.

Ainda nesse plano do político e econômico, outras noções vêm surgindo para qualificar a terra. A *colonização da terra*, que durante muito tempo respondia à compreensão da história e posse da terra, vem abrindo espaço a outras abordagens no período contemporâneo, tais como a *financeirização da terra*, a *estrangeirização da terra* e um dos mais emblemáticos e polêmicos: o *land grabbing*[248]. No fundo, as relações de poder resumem essas diferentes expressões, que vêm para enriquecer a maneira de pensarmos a terra em sua lógica capitalista.

[248] O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA) vem somando um número expressivo de publicações sobre esses dois últimos processos.

A terra, como já dissemos, guarda muitas significações. O carácter fúnebre também é um deles, e ninguém melhor do que Josué de Castro para ter detectado esse outro sentido em seu *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, de 1967. Com uma metafísica distinta das anteriores, Castro (1967, p. 27), com denodo, expressa a fabulação da terra com a lógica capitalista num só ritmo, então narrando as motivações das Ligas Camponesas:

> Por que esta desvairada aspiração de possuir, depois de morto, sete palmos de terra, por parte de quem na vida não dispusera, de seu, nem de uma polegada de solo pertencendo quase todos, aos imensos batalhões dos sem-terra que povoam o Nordeste Brasileiro? E por que este desespero em possuir um caixão próprio para ser enterrado, quando em vida esses deserdados da sorte nunca foram proprietários de nada – nem de terra, nem de casa, nem mesmo do seu próprio corpo e de sua própria alma, alugados a vida inteira aos senhores da terra?

A narrativa de Josué de Castro é coberta por diversas metáforas geográficas, interconectando a fome, a morte e o homem, chamando atenção "desta estranha geografia, onde não é a terra que dá de comer ao homem, é antes o homem que nasce apenas para dar de comer à terra. Para alimentar esta terra-cemitério, que engorda com sua matéria orgânica" (Ibid. p. 42). Além dessa terra-cemitério, menciona a *paisagem defunta*[249], definindo-se pela "presença constante da morte, da expectativa da morte, da fraternal promiscuidade dessa gente com a morte" (Ibid. p. 41). Morte, homem, Deus, luta, conflito e capital foram alguns dos conceitos que detectamos com maior recorrência quando o assunto é terra no Brasil. Com esse quadro, tivemos a pretenção construir um raciocínio que revelasse a polissemia do entendimento da terra, embora alguns elementos sejam comuns às abordagens, como o homem e o conflito.

O trinômio terra, homem e luta representou, durante muito tempo, o estilo da literatura brasileira na descrição do "homem do campo", conjugando o estilo regionalista de retratar e pensar as relações humanas. O melhor exemplo dessa tradição é a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O tripé detinha uma lógica muito objetiva – a terra *influenciava* o homem e este *influenciava* a luta. Uma relação de determinação conduzia esse triângulo; primeiro, a terra conduzindo e interpenetrando o homem, o *lugar sendo requisito do ser*. Ainda nesse modelo, o ser feito pela terra desdobrava-se em lutas e confrontos pela sobrevivência. O estilo regionalista, todavia, ganhará outros contornos com a figura de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. O triângulo que explicava

[249] O termo *paisagem defunta* foi retirado de um poema de João Cabral de Melo (*Cemitérios Pernambucanos* in: *Duas águas: poemas reunidos*, 1956).

as relações humanas com a terra não teria mais determinação, mas seriam apenas categorias equivalentes: a luta determina o homem; o homem determina a terra; a terra determina a luta; o homem determina a luta; ou seja, as três categorias são equivalentes, interconectando-se, intrincadamente. O tripé terra, homem e luta (ou conflito) carrega um potencial explicativo dos estudos rurais ainda muito atual. Longe de qualquer relação de determinação, esse triângulo representa a história do rural.

Há diferentes caminhos para se compreender a Geografia e os estudos do rural no Brasil. A escolha pela terra – e, em menor grau, o conflito – é apenas um desses. A terra, como rural ou agrícola, desenhou campos de investigação em diferentes ciências. Antes de mergulharmos nas dissertações e teses, é preciso tocar brevemente nesse assunto.

* * *

Se a terra enquanto rural é uma categoria da vida e da matéria – logo, da ciência – é necessário que definamos algumas diferenças fundamentais. A primeira consiste na sua condição de objeto histórico. No campo da história, pode-se fazer uma história da terra – fabulação (imagens espaciais), aproximando-se da Geografia histórica e, também, da história rural. Na geologia histórica, por outro lado, privilegia-se o entendimento da terra superfície (estratos) através do tempo geológico e suas eras. Na Geografia, além da Geografia histórica propriamente dita, há estudos que privilegiam as relações territoriais, desenhando a chamada história territorial na formação do Brasil[250]. Enquanto objeto histórico, é possível, enfim, a realização de uma variedade de estudos, dependendo dos objetivos almejados. O interesse pela sociologia também demonstra outro modo de pensar o rural. A sociologia rural, com figuras como Henri Lefebvre e José de Souza Martins, demonstra como o rural e as relações humanas constituem um objeto profícuo à sociologia. A terra enquanto rural, portanto, é mais do que um "palco" ou superfície dos acontecimentos, e o olhar histórico vem provando isso de diferences modos.

Um outro esclarecimento de ordem conceitual também é importante se feito. A escolha pela noção de rural em detrimento do agrícola ou agrário é por uma

[250] Conforme pode-se detectar na produção acadêmica de Antônio Robert Moraes, notadamente em Território e História do Brasil (2008).

questão de abrangência conceitual. O conceito de agrícola privilegiou as relações técnicas e econômicas na compreensão do campo; o agrário, as lutas e conflitos sociais, respectivamente. O rural, todavia, é uma síntese de ambas as noções, conforme destacou Andrade (1995) numa reflexão sobre a geografia rural. Essa mesma divisão pode ser constatada no plano da história: história agrícola (ou da agricultura), história agrária e história rural (mundo rural). A dimensão rural na história, todavia, sempre esteve ligada à história econômica e social.

O interesse da história pelo rural praticamente se acende com os estudos da geografia humana na França. No Brasil, o historiador Ciro Flamarion Cardoso se destaca com o seu clássico estudo, de 1979, *História da Agricultura* e *História Regional*[251]. Baseado nos historiadores Jean Meuvret e Emmanuel Le Roy Ladurie, realiza uma divisão muito próxima da de Andrade (1995). A diferença do primeiro para este último, além dos 16 anos que separam os textos, é que Cardoso estabelece quatro perspectivas para investigar o rural na história, indo um pouco mais além, a nosso ver, do que Andrade com suas três perspectivas[252]. A proposta de Cardoso distribui-se do seguinte modo: *história da agricultura*, ocupando-se das tecnologias agrícolas e das técnicas; *história agrária*, mirando o caráter jurídico e social da terra, relações de trabalho etc.; *história econômica do mundo rural*, consistindo em uma síntese das duas anteriores. Até aqui, como podemos perceber, a proposta é bem próxima da de Andrade (1995), porém Cardoso inclui mais uma dimensão: a *história da civilização rural*. Esta última seria uma síntese histórica global, que, para existir, dependerá das três anteriores[253].

Em Cardoso (1979), é demonstrado também como a Geografia foi fundamental para a existência da história agrária e agrícola na França. Figuras como Sorre, La Blache e Demang ilustram alguns dos importantes nomes nesse processo de influência, sobretudo em sujeitos como Marc Bloch, Lucian Febvre, Fernand Braudel e Pierre Vilar[254]. A despeito da qualidade do referido texto, alguns juízos sobre a Geografia (como o possibilismo e determinismo) são um pouco apressados e generalistas, merecendo um aprofundamento mais consistente na questão.

A história agrária, assim, é um dos campos mais promissores quando se pensa em rural (no tempo) no Brasil e, nesse sentido, se destaca um outro tripé

[251] In: CARDOSO, C. F. *Agricultura, Escravidão e Capitalismo*: Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
[252] É importante destacar que Manuel Correia de Andrade, no respectivo texto, estava lidando com a geografia e não com a história.
[253] "No campo de estudos da civilização rural, Le Roy Ladurie inclui um panorama imenso: técnicas, população, sistemas de parentesco, sistemas agrários, economia, revoltas agrárias, religião, cultura, folclore ... Ou seja, encontraríamos aqui, no pior dos casos uma síntese histórica global, integrando todos os aspectos possíveis do mundo rural numa visão de conjunto." (CARDOSO, 1979, p. 16).
[254] "É preciso notar que, apesar das afinidades evidentes, existem diferenças mais ou menos notórias entre a atitude do geógrafo e a do historiador, mesmo quando o primeiro se debruça historicamente sobre um tema qualquer. Os pontos de referência principais do geógrafo são o presente e a Terra". (CARDOSO, 1979, p. 37).

analítico. De acordo com Linhares (1997), três categorias se sobressaem na história dos sistemas agrícolas: a terra, o homem e a técnica[255]. A associação desse trinômio possibilita historiar o rural em sua relação econômica e social, permitindo, então, uma história agrária, segundo a respectiva historiadora.

Essas breves considerações são importantes para entendermos as diferenças entre uma história do rural, propriamente dita, e uma história da geografia agrária. Neste capítulo, estamos mais próximos da história da geografia agrária (disciplina), mas essa diferenciação, todavia, vale apenas para um exercício de enfoque de pesquisa. É sabido que a história da geografia agrária não é desvinculada da história do rural (que é bem mais ampla).

Com essas diferenças, é possível compreendermos, por exemplo, propostas como a de Mazoyer e Roudart, com a *História das Agriculturas no Mundo*, publicada pela primeira vez em 1997. Apesar da amplitude da obra, a tensão – enquanto nervura – dos conflitos no campo não recebe tanta atenção, e isso se justifica, em partes, pela dimensão conceitual que abarca a noção de agricultura, que, em termos restritos, define-se como técnicas para se trabalhar a terra. O ponto alto da obra é a proposta teórica que lhe sustenta. O desenvolvimento da *teoria dos sistemas agrários*, pelos referidos autores, permitiu detectar, comparar e analisar os sistemas agrícolas desde o período Neolítico até o período recente, evidenciando, ainda, as revoluções que ocorreram na história da agricultura. Outra contribuição da respectiva proposta é a diferenciação da agricultura enquanto um *objeto real de conhecimento* e, por outro lado, "o que observador **pensa** desse objeto real, o que diz sobre ele, constituindo um **conjunto de conhecimentos abstratos**, que podem ser metodicamente elaborados para construir um verdadeiro objeto concebido, ou **objeto teórico de conhecimento e de reflexão**" (MAZOYER e ROUDART, 2010, p. 71, grifo nosso). Vemos, portanto, que o pensar e o conhecer sempre estão associados[256].

No Brasil, especificadamente, destaca-se a obra de Linhares e Silva (1981), ainda que tenham feito uma espécie de historiografia dos modos como se pensou a história da agricultura no Brasil. Os autores detectam diversas nervuras no conjunto das interpretações – uma delas é a ideia de *produto-rei*, que majoritariamente predominou nas propostas de historiar a agricultura brasileira. O *produto-rei* é a imaginativa ideia de que um produto possa dominar todo um território, como se não houvesse outros produtos coexistindo. Através da ideia de produto-rei, cria-se a sensação de que existiram apenas pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, café etc. Nessa lógica, concebida como ciclos, inexistiriam, na história

[255] É interessante observar como se repete esses trinômios em diferentes ciências.
[256] "Plantar e colher são atividades muito antigas na história da humanidade, mas elas só conseguiram tonar-se frutíferas a partir e **por meio do pensamento**". (SZMRECSÁNY, 1990, p. 8 - grifo nosso).

brasileira, as agriculturas indígenas, quilombolas e camponesas, por exemplo. Caso existam, são consideradas meros pontos num certo todo. Linhares e Teixeira (1981, p. 15) recomendam que para se explicar a "agricultura brasileira no conjunto da sociedade, ontem e hoje, é preciso atentar para o fato de ser impossível tomar a totalidade das ideias – ou todas as ideias – elaboradas – ou todas as diferentes explicações que foram dadas".

As ciências agrárias e sobretudo a agronomia representam um campo pouco explorado nos estudos da produção do saber geográfico brasileiro em sua condição temporal. Captar e relacionar o desenvolvimento das ciências agrárias e a Geografia nessa relação pode gerar resultados interessantes. O agrônomo Amílcar Bairdi (2004), por exemplo, compreende o desenvolvimento das ciências agrárias em seis momentos epistemológicos. Para esse autor, o primeiro momento tem na Antiguidade Clássica suas raízes, sobre os auspícios da filosofia helenística, e o escritor Lucius Junius Moderatus (conhecido como Columella) representa um dos primeiros personagens, nesse período, a dedicar-se aos estudos agronômicos. O segundo momento é o da Idade Média, marcado pelo aprimoramento da hidráulica, irrigação, manejo dos solos e águas. O terceiro momento é o do Renascimento, pelo qual os estudos microbiológicos dos insetos permitiram conhecer e proteger o cultivo de diversas plantas. O quarto momento epistemológico é o da Revolução Científica propriamente dita, onde a mecanização e a indústria passam a fazer parte da agricultura. O quinto momento é o da Revolução Industrial, período em que a química agrícola e a genética recebem um grande impulso em seu desenvolvimento, repercutindo, notadamente, na alquimia do cultivo de plantas. Por fim, o último momento epistemológico é o contemporâneo, marcado pelas perspectivas holísticas e sistêmicas à interpretação da agricultura, tal como Mazoyer e Roudart (2010) enfatizam. Os sistemas perpassaram os estudos geomorfológicos e climatológicos da primeira constelação, e agora também se fazem presentes nos estudos rurais.

Esse quadro exposto teve como objetivo apresentar as diferentes terminologias que a terra enquanto rural pode manifestar como objeto de análise historicamente considerado. O rural, como sugere Carneiro (2012), pode ser tanto uma categoria do pensamento quanto uma categoria analítica. O rural, na condição de objeto na Geografia, tem certas particularidades que se diferenciam em relação às outras ciências, como destacaremos a seguir no conjunto desta constelação.

[255] É interessante observar como se repete esses trinômios em diferentes ciências.
[256] "Plantar e colher são atividades muito antigas na história da humanidade, mas elas só conseguiram tonar-se frutíferas a partir e **por meio do pensamento"**. (SZMRECSÁNY, 1990, p. 8 - grifo nosso).

Os estudos da investigação do rural como objeto tem uma história na Geografia brasileira. Nunca será demasiado lembrar dos clássicos textos de Migliorini (1950), Valverde (1961, 1964), Megale (1975), Diniz (1984) e Galvão (1987, 1989). Esses autores realizaram, de diferentes modos, periodizações da geografia agrária no Brasil, assim como delimitações do arcabouço que compreenderia os estudos rurais no âmbito da Geografia. Eles representam, portanto, os primeiros geógrafos a elaborar propostas de análise histórica da geografia agrária em termos de Brasil. A considerar a qualidade desses trabalhos, outros vieram surgindo, como a detalhada pesquisa de Darlene Aparecida Oliveira Ferreira (1998)[257], que, ainda hoje, pode ser considerada uma das melhores sínteses (periodização) da geografia agrária brasileira. Ainda que outros estudos vieram posteriormente a surgir, como o trabalho de Flamarion Dutra Alves (2010) e a singular proposta de Janaina Francisca de Souza Campos (2012), as temáticas investigadas, embora ligadas à Geografia agrária, tiveram objetivos distintos na proposta de Ferreira (1998). O rural como objeto da Geografia e, sucessivamente, a Geografia rural como objeto não passou despercebido pelos geógrafos, portanto.

Esta constelação com raiz em Pasquale Petrone construiu um dos teares mais consistentes dos estudos rurais na geografia brasileira. Os orientandos de Petrone caminharam por diferentes caminhos teóricos e políticos – as trajetórias acadêmicas de Antonio Olívio Ceron e Ariovaldo Umbelino de Oliveira traduzem tal fato. O papel do marxismo nesta constelação é outro dado latente, perpassando um conjunto de dissertações e teses. A história do rural na Geografia ainda tem muita coisa a ser investigada – é uma história que ainda "não se encontra bem delineada", conforme argumenta Suzuki (2007), revelando a diversidade dos estudos rurais no Brasil.

As orientações de Petrone, que compreendem esta constelação, agregam geógrafos (na primeira geração) como Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Antônio Olívio Ceron, Lea Goldenstein, Amália Inés Geraiges de Lemos, Marcelo Martinelli, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Helena Kohn Cordeiro, Ana Maria Marques Marangoni e Claudete Barriguela Junqueira; muitos, posteriormente, na condição de professores da Universidade de São Paulo. Essa geração formou-se entre os anos de 1970 e 1980. Dessa geração, apenas Ariovaldo Umbelino de Oliveira realizará uma investigação ligada à história do saber geográfico. Os outros geógrafos, juntamente com Oliveira, orientaram uma enorme quantidade de pesquisas do saber geográfico como objeto, desde o urbano à literatura até à cartografia e ao ensino. O rural, como já mencionamos, foi um recorte e, nesse

[257] Esta geógrafa faz parte de uma outra constelação sobre a qual comentaremos adiante mais detalhadamente.

sentido, iniciaremos com Ariovaldo Umbelino, até porque sua pesquisa não apenas foi a única que Pasquale diretamente orientou sobre a história da geografia agrária, como também foi uma das primeiras pesquisas na respectiva temática no Brasil.

Ariovaldo Umbelino de Oliveira é para Petrone o que Monteiro é para Ab'Sáber – equipara-se, às vezes, beirando a superação. Esse tipo de julgar não é muito justo porque o conhecimento não é algo que se mede e se quantifica facilmente. Oliveira, embora tenha sido orientando de Petrone, já conta com praticamente cem orientações, entre dissertações e teses. Essa quantidade de orientações faz desse geógrafo o que mais orientou pesquisas na pós-graduação brasileira em Geografia. Nascido em Santa Rita do Passa Quatro – SP, em 1947, esse geógrafo reunirá um dos maiores grupos de investigadores voltados à interpretação do campo brasileiro.

O que é do nosso interesse nesse geógrafo é sua tese de doutorado, intitulada *Crítica ao "Estado Isolado" de Von Thünen: Contribuição para os Estudos de Geografia Agrária*, defendida em 23 de novembro de 1978, publicada em livro no ano de 2016. Essa tese surge como uma das nervuras mais latentes da história da Geografia brasileira. Embora tenha sido publicada recentemente em livro, fora considerada por muitos geógrafos como um trabalho de economia e não de geografia[258]. Conforme relata o autor, essa tese foi finalizada em um momento em que muitos

> [...] queriam ver minha cabeça rolar em plena ditadura. Muitos mesmo, por isso ela tem um pouco de audácia e peito aberto, quando terminei de fazê-la. Ainda bem, que eu tinha um orientador que sempre soube tratar de seus orientandos. Com Petrone foi assim, você vai a defesa, mas cuide-se porque vai colher o que plantou. E eu colhi, várias safras de inteligências. (OLIVEIRA, 2016, p. 3).

O momento também era de nervura. Além do mantra da ditadura militar, a Geografia presenciava um momento de choque entre um modelo tradicional de ciência e um de acidez política, próprio da insatisfação com o respectivo regime autoritário. Não se entende a Geografia produzida na USP sem se considerar a ditadura militar. Muitos professores, antes alunos, foram partícipes como resistência ao regime. Oliveira, por exemplo, além de ser preso durante o período, foi presidente em 1968 do Centro Acadêmico[259].

[258] "Muitas razões para não o publicar antes. Uma delas foi um solene NÃO, que recebi de bucha, e na cara quando falei com Armando Correia da Silva sobre sua publicação na coleção que ele coordenava na Hucitec. O motivo era um só: meu trabalho não era de Geografia, era de Economia". (OLIVEIRA, 2016, p. 3).
Uma análise detalhada foi realizada por Verdi (2016).
[259] Uma análise detalhada foi realizada por Verdi (2016).

A análise do modelo de Von Thünen, realizada por Oliveira, ainda é o mais completo estudo realizado na Geografia brasileira. No mesmo ano em que Oliveira defende sua tese, 1978, uma outra geógrafa acabara de defender meses antes na UFRJ, sob orientação de Maria do Carmo Corrêa Galvão. A dissertação da geógrafa Olindina Vianna Mesquita, intitulada *O modelo de Von Thünen: Uma Discussão*, foi defendida em março de 1978, a qual tentou verificar a validade da proposta thuniana em uma leitura conceitual e aplicada.

É possível arriscar dizer que os trabalhos de Oliveira e de Mesquita se configuram como as primeiras investigações do rural (teórico-objeto) na pós-graduação em Geografia no Brasil[260]. Além disso, as propostas partem de duas visões distintas da obra thuniana. Oliveira, com mais fôlego, realiza um retrospecto histórico, indo à lógica transcendental de Kant[261] e ao caráter de classe burguesa de Von Thünen, detectando a inviabilidade de tal modelo. Sua análise parte do materialismo histórico e dialético, chegando até os geógrafos no Brasil via Leo Waibel – Orlando Valverde, apontando os caminhos do pensamento de Von Thünen na Geografia brasileira. O papel de Waibel na promoção do modelo thuniano no Brasil é incontestável. Para Orlando Valverde (2002), a Geografia agrária no Brasil pode ser dividida em duas fases: a primeira, antes de Waibel; e uma segunda, posterior a ele. O estudo mais completo do pensamento de Waibel será realizado por Virgínia Etges em 1997, sob orientação de Oliveira[262], sobre quem discutiremos mais adiante.

O marxismo e a dialética nunca ganharam eco tão estridente em uma tese de doutorado na Geografia brasileira. No corpo da tese de Oliveira, é possível encontrar Karl Marx, Vladimir Lenin, Friedrich Engels, Karl Kautsky, Louis Althusser e Martha Harnecker[263] e, além desses, os brasileiros Caio Prado Júnior e José de Souza Martins, entre outros. O modelo de organização agrária de Thünen, com seu *"Dier Isolierte Staat"*[264], é, para Oliveira, uma manifestação da lógica capitalista com sua racionalidade. Tal racionalidade será transportada à Geografia brasileira através de alguns geógrafos por meio das teorias locacionais e entre elas a de Thünen. As nervuras mais flagrantes são referentes ao geógrafo Antonio Olívio Ceron; mas outros geógrafos como José Alexandre Filizola Diniz, Roberto Lobato Corrêa, Pedro Pinchas Geiger e Orlando Valverde também protagonizaram o debate – este último compôs a banca de avaliação da respectiva tese, juntamente

[260] A tese de José Grabois – *Os anéis da dependência: estudo geográfico da floricultura em Barbacena*, também de 1978, defendida no mês de janeiro, comenta a proposta thuniana via Waibel, porém não o tem como objeto tal qual fizeram Oliveira e Mesquita. Grabois, contudo, aponta a limitação do referido modelo.
[261] "Thünen ideologicamente comprometido com a ideologia dominante procura justificar os conflitos de um período de transição de um modo dominante a outro, através de uma visão kantiana da realidade". (OLIVEIRA, 2016, p. 311).
[262] Comentaremos mais adiante.
[263] Consultar Verdi (2016) numa análise do marxismo nas teses da USP.
[264] Estado Isolado.

com Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Ruy Müller e Manoel Fernando Gonçalves Seabra. Para Oliveira (2016, p. 303), as

> [...] premissas de Thünen têm fundamento no modo de produção capitalista nascente e são portanto parte de uma ideologia burguesa que procurou (com Thünen, Weber, A., Christaler, W. e Lösch, A.) e procura hoje com os "modernos teóricos" da "teoria locacional" (Berry, Hall, Isard, Chisholm, Chorley, Haggett) e seus seguidores no Brasil (Lobato Correa, R., Geiger, P.P., Faissol, S., Ceron, A.G., entre muitos outros) com trabalhos recentes, validar cientificamente a ideologia do modo de produção capitalista visando garantir para à burguesia a eficácia de sua exploração sobre a classe operária.

Como uma ideologia burguesa, tais pressupostos teriam penetrado através do positivismo, então presente à época, na Geografia brasileira. As críticas à utilização na Geografia brasileira concentram-se, basicamente, na quarta parte da tese – *A Atualidade da Teoria de Von Thünen na Geografia*. A nervura inicia-se com José Alexandre Filizola Diniz através do conteúdo presente no texto *A Renovação da Geografia Agrária no Brasil*[265]. Segundo Oliveira (2016, p. 340, grifo nosso), é

> [...] importante deixar claro que os objetivos de Felizola Diniz, J.A. são explícitos, quanto ao comprometimento de sua matriz teórica com a **ideologia da burguesia capitalista**. Deixar claro também, sua visão do que seja a produção intelectual validada como "ciência pura", ou seja, a busca de artifícios, chamados de fundamentação teórica, para garantir o máximo de eficácia do investimento do empresário capitalista. Pretende Felizola, Diniz, J.A. que sua contribuição guie os futuros estudos em Geografia Agrária, chamada agora de "moderna". Seu comprometimento com o aparelho ideológico escolar atinge seu ápice e consequentemente, **seu objetivo é, antes de mais nada, contribuir para a reprodução qualificada da força de trabalho**, tentando garantir assim as próprias relações de produção capitalista dentro do aparelho ideológico de Estado Escolar.

No trecho destacado, é perceptível a aplicação do materialismo histórico e dialético na interpretação do conteúdo do texto de Felizola Diniz. Para Oliveira, assim, esse geógrafo faz parte da corrente conhecida como positivista; no caso específico brasileiro, o neo-positivismo. Num exercício de recorte e aprofundamento da questão no interior dessa corrente, Oliveira concentrará atenção aos geógrafos Antonio Olívio Ceron e Pedro Pinchas Gaiger. É importante lembrar que Ceron foi orientando de Pasquale Petrone, com a tese – *Aspectos geográficos da cultura da laranja no município de Limeira*, defendida em 1968. A análise de Oliveira,

contudo, deteve-se a três textos[266] de Ceron e um de Geiger[267]. Na época, 1978, Ceron era professor na UNESP de Rio Claro e Geiger geógrafo do IBGE.

Ceron aplicou a teoria de Thünen no Estado de São Paulo, relacionando a distância e a intensidade do uso da terra como meios para entender e explicar a força de trabalho agrícola. Oliveira, nesse aspecto, buscará entender o que Ceron denomina de "força de trabalho" e concluirá que não se pode reduzir e simplesmente equiparar o trabalho humano a um trator. Buscando em Marx seus fundamentos, Oliveira (2016, p. 343) afirma que "a força de trabalho é uma coisa e trator é outra; a sua união revela a preocupação com as "aparências" "gasto de energia" e não a preocupação com a essência", conclui. Oliveira (Ibid. p. 345), ainda, adiciona:

> Podemos entender que seu trabalho é "puramente" uma "metodologia" para entender-se "cientificamente" a localização da "força de trabalho agrícola", e nada mais além disso. Porém, preferimos dizer que as questões ideológicas na Geografia são tão profundas e conflitantes que, nem assumir a ideologia burguesa, corretamente, os geógrafos da chamada "nova geografia" conseguem. Ceron A. o. neste particular, é um exemplo típico, sem falarmos do respaldo kantiano presente na sua visão da realidade

O conteúdo dos textos de Ceron representaria a confluência da ideologia burguesa juntamente com o positivismo, através da proposta thuniana. Essa nervura (entre outras presente na tese) ganhará um toque especial quando, então, Ceron convida Oliveira para fazer parte do quadro de professores (na condição de visitante) na UNESP de Rio Claro[268]. Ceron foi o geógrafo que mais recebeu considerações críticas de Oliveira, entre os autores selecionados. Em 2016, porém, quando republica a tese em livro, destaca o papel de Ceron em sua trajetória acadêmica, considerando-o um grande geógrafo. Mas isso não significa, necessariamente, que os juízos ali lançados foram desfeitos. A tese, em si, continua a mesma. Quanto a Pedro Pinchas Geiger,

[266] *"Conceitos econômicos básicos para a Geografia da Agricultura"*. In: Geografia, Vol. 1, n. 1 - Abril de 1976; *"Distância do mercado e intensidade do uso da terra como fatores de localização da força de trabalho agrícola no Estado de São Paulo"*. In: in Boletim Paulista de Geografia, n. 50 - Março de 1976; *"A função da Distância e os padrões de intensidade e uso da terra no modelo thuniano de localização"*. In: Geografia, Vol. 1, n. 2 - Outubro de 1976.

[267] No caso de Gaiger, P.P foi o texto *"Distribuição de atividades agropastoris em torno da metrópole de São Paulo"*. In: Revista Brasileira de Geografia 8, ano 36, n. 4 - Outubro/Dezembro de 1974.

[268] "Antônio Olívio Ceron me convidava, através do Petrone, para ser professor em Rio Claro. Foi minha primeira experiência como professor, mas, visitante. Foi aí que eu conheci o Ceron. Grande geógrafo que garantiu minha presença naquela escola por 4 votos favoráveis contra sete abstenções. Foi lá em Rio Claro que comecei a aprender que nem tudo era motivo de festa. Mas foram dias gloriosos aquele "pós-doutorado" que fiz na Unesp em Rio Claro. Foram dois anos, mas muito intenso e denso". (OLIVEIRA, 2016, p. 3-4).

> [...] devemos considerar o trabalho de Geiger, P.P. *et alii*, como uma inovação metodológica que os neopositivistas devem incorporar para chegar à produção "científica" com poucos recursos humanos e financeiros. Porém, na realidade, a nosso ver tudo não passa de uma "brincadeira" validada como científica, onde participam: mapa, compasso, régua, alguns conhecimentos de estatística e geometria e através de uma boa dosagem de humor alcança-se o "conhecimento".

No fundo, o embate travado por Oliveira era com o conteúdo positivista que permeara a Geografia brasileira, também considerada uma batalha entre visões de classe. A disputa no interior do conhecimento geográfico brasileiro ganhou, com esse geógrafo, uma tonalidade muito importante, uma vez que as outras nervuras (geomorfologia e climatologia) foram menos bélicas e diretas em termos de materialização acadêmica no corpo de uma tese de doutorado. Oliveira é, pois, a tradução de uma nervura na história recente da Geografia brasileira.

Ainda, é importe falarmos um pouco sobre Orlando Valverde, este que esteve presente na respectiva banca da tese de Oliveira. Há em Valverde, de acordo com Oliveira (2016), um choque teórico-metodológico provindo de seu método (o materialismo histórico e dialético) e da influência de Waibel em seu pensar, assim,

> [...] Valverde, O., incorpora Thünen, via Waibel, L. Dessa forma ao incorporar Waibel é que o choque teórico-metodológico se evidencia na sua plenitude, pois Waibel, L., como já o dissemos, tem suporte teórico na Escola histórica alemã e poderíamos dizer, procurando ser bem específico que ele (Waibel, L.) tem suporte metodológico na metodologia Weberiana (de Marx Weber) (OLIVEIRA, 2016, p. 429).

Além dessa constatação, o choque se dá, efetivamente, devido ao embate entre o idealismo (via Waibel) e o materialismo (de Valverde), que se confluiria em sua leitura de Geografia agrária[269]. Essa discussão, todavia, ganhará espaço no trabalho de Sergio Adas (2006) anos mais tarde, quando então realiza o mais abrangente estudo sobre Valverde. Adas (2006, p. 65) emite os seguintes dizeres sobre a leitura de Oliveira referente a Valverde:

> [...] há que se fazer certa ponderação e relativização dos julgamentos endereçados à obra valverdiana por Oliveira, uma vez que suas avaliações são desfechadas sem considerar nem a particularidade e totalidade dos escritos do autor nem o momento no qual foram gestadas. Se essas ponderações suscitarem margem para uma relativização das críticas generalizantes tecidas à obra valverdiana que desembocam em considerala integralmente imersa num discurso contraditório, vamos de boa sombra. Ao menos assim alerta-se para a necessidade de compreendê-la na

[269] "Assim, tudo indica que Valverde, O. ao incorporar a influência da distância (Von Thünen e Waibel, L.) incorporou como consequência o instrumental teórico metodológico inerente; daí o choque idealismo x materialismo, presente em sua obra". (OLIVEIRA, 2016, p. 430).

> especificidade de suas partes. Acreditamos que Oliveira desfechou sobre a obra valverdiana a qualidade de um discurso aparentemente contraditório e, por conseguinte, procurou demonstrar sua fragilidade uma vez que destoa de um referencial teórico que não era o seu e que somente a partir da década de 1960 iria começar a se antepor na cena das pesquisas geográficas. A nosso ver, cometeu-se, assim, no encalço de uma postura crítica senão de todo equivocada mas seguramente incompleta pelos motivos acima elucidados, uma interpretação nada rigorosa em termos históricos da obra do autor, descontextualizando-a sob o crivo de uma crítica que, não resta dúvida, estruturou-se cientificamente porque rebateu antigas e propôs outras ferramentas teóricas até então não hegemônicas no campo científico geográfico, mas cuja meta foi claramente política num contexto de apelos incipientes de democratização no país e perguntas e engajamento a respeito de qual contribuição a geografia cumpriria nesse processo (ADAS, 2006, p. 65).

A nervura então aberta por Oliveira continua ainda viva. No caso da referida pesquisa de Adas, não somente em Oliveira são diagnosticadas limitações à leitura da produção valverdiana, mas também nas teses de Virgínia Elisabet Etges (1997) e Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (1998), bem como nos textos dos geógrafos Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro[270], Aziz Ab'Sáber[271] e Manoel Correia de Andrade[272].

A terra como agrário na condição disciplinar é um dado latente nesta constelação. A dialética através de Marx também é um elemento que se apresenta. Embora Oliveira seja apenas um braço das orientações de Petrone, é importante que continuemos com ele, rastreando mais alguns indícios do seu pensar.

***

Oliveira (1991, 2004), num estudo das perspectivas da Geografia agrária para o século XXI, reconstrói a trajetória do saber geográfico partindo do século XIX, detectando três correntes: o positivismo, o historicismo e a dialética. Essas três correntes, de acordo com o autor, foram prevalecentes na conformação da Geografia moderna, influenciando inevitavelmente os estudos agrários no âmbito da Geografia produzida no Brasil. Ambas correntes, e a Geografia em particular, não poderiam ser compreendidas unicamente pelo cientificismo, que é próprio do racionalismo científico, mas sim na dimensão filosófica da questão, articulando, nesse sentido, o embate entre o materialismo e o idealismo do século XIX.

[270] MONTEIRO, C. A. F. *A Geografia no Brasil (1934 -1977)*: avaliação e tendências: São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1980.
[271] AB' SÁBER, A. N. "Prefácio. In: VALVERDE, Orlando. *Grande Carajás:* planejamento da destruição. 1. Ed. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo. Forense Universitária. Editora da Universidade de Brasília, 1989.
[272] ANDRADE, M. C. O Norte e o Nordeste na obra de Orlando Valverde. In: *A questão do território no Brasil*. São Paulo /Recife: Hucitec/Ipespe, 1995.

Oliveira, na verdade, eleva o entendimento das raízes da Geografia "explicada por si mesma" (próprio do internalismo histórico) para a contextualização externa da ciência, na sua dinâmica ideológica, social e filosófica. Com isso, detecta a vertente dialética nas origens da Geografia que, tradicionalmente, recebe pouca atenção nas obras de história do pensamento geográfico. O reconhecimento de uma dialética nas origens da Geografia, assim, desloca a ideia de que a Geografia teria, exclusivamente, raízes no positivismo. Coisa semelhante aponta Massimo Quaini em *La costruzione della geografia umana*, de 1975.

Oliveira, no respectivo exercício, destaca a figura de Auguste Comte como uma das principais mentes do positivismo, e, no caso da Geografia brasileira, o geógrafo José Alexandre Filizola Diniz com sua *Geografia da Agricultura*, de 1984. Já o historicismo de origens alemãs teve com Wilhelm Dilthey um dos seus pilares, cujo geógrafo Orlando Valverde seria um exemplo no Brasil. Essa corrente, ainda, adentrou no marxismo e, no período mais recente, pode ser entendida como neo-historicismo. A dialética, por sua vez, seria uma vertente ignorada, nascida em Eliée Reclus e Piotr Kropotkin e que não teve tanta atenção por parte dos geógrafos. Na Geografia agrária brasileira, os geógrafos Manuel Correia de Andrade, Pasquale Petrone, Léa Goldenstein e Manuel Seabra seriam alguns dos seguidores da dialética de natureza marxista, argumenta Oliveira (1991, 2004) em sua análise.

Além dessa proposição de entendimento da história da Geografia que Oliveira estabelece, que inclusive ecoa na obra de Eliseu Sposito em sua *Geografia e Filosofia* (2004), também é construída uma interpretação dos estudos da agricultura brasileira dentro do marxismo. Oliveira (2004) destaca três exemplos enquanto vertentes explicativas do campo brasileiro: uma primeira aponta que existiu no Brasil o feudalismo, sendo necessária a luta dos camponeses contra os latifundiários para eliminar os resíduos feudais – nesse processo, a reforma agrária seria urgente, porém representaria uma penetração do capitalismo no campo[273]; outra acredita que o campo está se desenvolvendo por meio do capitalismo e o camponês, em tal processo, seria um mero resquício de um outro modelo, tendendo, inevitavelmente, à proletarização[274]. Ambas as vertentes têm em comum que o camponês tenderia a sumir, visto que existiria apenas duas classes: a burguesia e o proletariado. Oliveira (2004, p. 35), todavia, tem um posicionamento muito nítido quanto à *existência ou extinção* do camponês:

[273] Oliveira (2004) destaca os seguintes autores representantes desta vertente: Maurice Dobb, Nelson Werneck Sodré, Alberto Passos Guimarães, Ignácio Rangel, Orlando Valverde, Miguel Gimenez Benites e Maria Aparecida Serapião Teixeira.

[274] Oliveira (2004) destaca os seguintes autores representantes desta outra vertente: Karl KAUTSKY, Vladimir Lenin, Léo Huberman, Paul Sweezy, Caio Prado Jr., Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maria Conceição D'Incão, José Graziano da Silva, Ricardo Abramovay, José Eli da Veiga Ruy Moreira e Paulo Alentejano.

> Os camponeses, em vez de proletarizarem, passaram a lutar para continuar sendo camponeses. Logo, são as teses sobre a compreensão do desenvolvimento do capitalismo no campo seguidas por esses autores que possivelmente não tem capacidade explicativa. Na realidade, o que ocorre é que esses autores têm uma concepção teórica que deriva de uma concepção ideológica de transformação da sociedade capitalista. Ou seja, partem do pressuposto de que a chegada ao socialismo só seria possível se a sociedade capitalista tivesse apenas duas classes sociais antagônicas: o proletariado e a burguesia.

Desse modo,

> [...] ao mesmo tempo em que esse desenvolvimento avança reproduzindo relações especificamente capitalistas (implantando o trabalho assalariado através da presença no campo do "bioa-fria"), o capitalismo produz também, igual e contraditoriamente, relações camponesas de produção (através da presença e do aumento do trabalho familiar no campo). (Ibid. p. 36)[275].

Para Oliveira, portanto, o entendimento do camponês no campo brasileiro deve ser compreendido como um processo contraditório e combinado. O materialismo histórico e dialético e o marxismo são as bases de seus escritos. Embora suas proposições tenham um conjunto de autores como sustentação, na Geografia seu papel enquanto geógrafo é bem singular, uma vez que reúne e sintetiza uma leitura muito original do campo brasileiro, caso recorramos à história dos estudos agrários na Geografia. Além disso, o conceito de território enquanto *efeito material da luta*[276] dá o tino final do seu pensar. Dialética, marxismo e território (como luta) representam, resumidamente, alguns pilares dos escritos de Ariovaldo Oliveira. A luta como expressão do território, também podendo ser traduzida em conflito, é uma das nervuras que percorrem suas obras e de seus orientandos – inclusive é o que inspira o título do seu livro: *A Geografia das Lutas no Campo*, de 1988.

Expusemos esses elementos para que pudéssemos compreender os caminhos confluentes e divergentes dos geógrafos que através de sua orientação elaboraram interpretações do saber geográfico brasileiro, tendo o campo e o agrário como ponto de partida. Vejamos, então, como seus orientandos costuraram outras histórias[277].

[275] Os autores representantes desta terceira vertente são: Rosa Luxemburgo, Teodor Shanin, Samir Amin, Kostas Vergopoulos, José de Souza Martins, Margarida Maria Moura, José Vicente Tavares da Silva, Carlos Rodrigues Brandão, Alfredo Wagner, Ellen Woortmann, Regina Sader, Iraci Palheta e Rosa Ester Rossin.
[276] Consultar Oliveira (2004).
[277] No ano de 2017, essa geógrafa concluiu a orientação de Adriano Gonçalves Skoda sobre o pensamento de Elisée Reclus, fugindo, infelizmente, do nosso recorte temporal. Numa possível atualização futura da presente pesquisa, Bombardi e seus orientandos certamente irão compor esta constelação.

No conjunto de suas orientações, pode-se identificar uma inumerabilidade de aspectos pesquisados no âmbito do rural e mesmo em outras temáticas. Geógrafos como Eliseu Sposito, Helena Angélica Mesquita, Marcia Siqueira de Carvalho, Maria Encarnação Beltrão Sposito, Helena Copetti Callai, Antônio Thomaz Júnior, Eliane Paulino Tomiasi e Larissa Mies Bombardi expressam, de diferentes modos, a diversidade de suas orientações.

No caso desta constelação, daremos destaque a Bernardo Mançano Fernandes, Jacob Binsztok, Virginia Elizabeta Etges e Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça – esses que tiveram (e ainda têm) investigações ligadas ao interesse de nossa pesquisa. Há também outros geógrafos, como Diamantino Alves Correia Pereira, que estudou as origens da tradição didática na geografia escolar brasileira em 1990 e que pode ser considerado o primeiro orientando de Oliveira a investigar aspectos do saber geográfico; bem como Douglas Santos, em 1991, num dos últimos trabalhos sobre a relação Imperialismo e o Estado[279], analisado em uma perspectiva epistemológica; e, ainda, Magali Franco Bueno, referente ao imaginário brasileiro sobre a Amazônia, imergindo nos livros didáticos, nos discursos dos viajantes e também do Estado[280], revelando a constituição simbólica e política do respectivo território. Tanto Diamantino, Douglas e Magali, todavia, não fazem parte do presente recorte, bem como Eliseu Sposito, que figura como um dos geógrafos que mais orientou pesquisas em história e epistemologia da Geografia no Brasil[281].

Os caminhos são labirínticos porque os objetos são, muitas vezes, diferentes. Evidentemente, é possível entender o processo de influência através do método adotado na relação orientador-orientando, tal qual o posicionamento político e de classe que se manifesta nas dissertações e teses. Esse caminho, todavia, demandaria um estudo mais específico e interno nos respectivos trabalhos. O método (se aqui entendermos como um caminho do pensar) pode não ser facilmente detectável nas respectivas investigações, e, como não são poucas, o exercício seria infinitamente inviável à nossa proposta, que se concentrará em alguns poucos nomes, os quais já mencionamos[282].

Iniciemos por Bernardo Mançano Fernandes. Esse geógrafo foi orientando de Oliveira desde o período da graduação, em 1983, até a conclusão de seu doutorado, em 1999:

[279] *Imperialismo e Estado: Reflexões sobre a Geografia Contemporânea*. Dissertação: USP, 1991.
[280] BUENO, M, F. O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. São Paulo: USP -Tese, 2003.
[281] No caso de Sposito, daremos maior atenção na constelação do Armando Corrêa da Silva.
[282] A diferença das orientações de Oliveira para outros geógrafos consiste na clareza de exposição do método no corpo dos trabalhos por ele orientados.

> Ele me indicou os caminhos da pesquisa em questão agrária, na qual dediquei meus estudos nestas três décadas. Neste tempo, também **construí meu caminho**, participando da construção de um **estilo de pensamento** (Fleck, 2010), que tem como **método o materialismo dialético** (Marx, 1982; 1989). (FERNANDES, 2013, p. 16, grifo nosso).

É possível arriscar dizer que até a conclusão do doutorado, os estudos de Fernandes se concentraram na edificação de uma geografia dos movimentos, então denominados socioterritoriais. O edifício construído constitui-se na inclusão dos conceitos e categorias da Geografia à dimensão social de se entender os movimentos em suas diversas manifestações; no caso de Fernandes, contudo, o MST foi o movimento escolhido (em princípio). Nesse sentido, duas coisas ocorrem simultaneamente durante seu percurso acadêmico: o primeira foi a realização do estudo mais abrangente sobre o MST feito a partir da Geografia no âmbito da história da pós-graduação brasileira; a segunda é a inclusão da Geografia – e do geográfico – à análise do movimento, como já dito anteriormente. Sua dissertação, intitulada *Espacialização e Territorialização da luta pela terra: a formação do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo,* de 1994 e sua tese, *Contribuição ao estudo do Campesinato Brasileiro: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem-Terra - MST (1979 –1999),* de 1999, são os melhores reflexos desses acontecimentos.

Foi através dessas pesquisas que Fernandes construiu um dos grupos mais exponentes em estudos agrários do Brasil: o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária –NERA. Apesar dos diversos temas e objetos então estudados nesse grupo, o que ganha relevância para nós é sua Tese de Livre-Docência – *Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico,* defendida em 2013, que é onde, para nós, o seu pensar efetivamente se consolida[283]. Nessa tese, o autor deixa claro: "construí meu caminho, participando da construção de um estilo de pensamento". Como destacado na citação, nesse trabalho, as diferenças entre Fernandes e Oliveira são mais latentes, ainda que o método materialista e dialético permaneça.

O termo-chave de toda a produção de Fernandes é a *questão agrária*. Através da questão agrária, esse geógrafo elaborou proposições interpretativas dos movimentos sociais e da agricultura brasileira. Tão logo não tardou a chegar ao *conhecer e ao pensar*, como bem expressa o título da tese de Livre-Docência. É aí que reside, em nosso julgar, uma das nervuras mais evidentes entre ele e Oliveira. É no plano do entendimento histórico e atual das pesquisas agrárias em Geografia

[283] Consolida-se no sentido da sistematização de um programa de pesquisa permeado por teorias, conceitos, categorias e métodos inovadores. Não queremos dizer, todavia, que é um pensamento acabado.

que esses dois geógrafos revelam diferenças. Entretanto, em Fernandes, há muita coisa de Oliveira que precisa ser pontuada.

Se há algo latente que Fernandes herdou de Oliveira, isto seria o *conflito*. A visão de luta, mesmo de guerra, é o elemento mais pulsante em Fernandes que, em termos acadêmicos, esteve sempre presente em seu antecessor – e de diversos modos: pela *dialética*, pelos *conflitos* no campo, com o *território*, e mesmo e principalmente na *batalha* das ideias. O *contraditório* é o caldo da relação que os liga na interpretação do mundo. A diferença consiste, todavia, no foco de análise de ambos. Os estudos de Fernandes têm demonstrado maior vínculo com o mundo das ideias (ou imaterial), ou, talvez, do chamado "capitalismo cognitivo" dos nossos dias, que com ele aparece como territórios (i) materiais[284], embora seus primeiros textos, de meados dos anos noventa, revelem um toque muito preciso à discussão teórica e conceitual[285]. Oliveira já demonstrara vínculo com a relação de conflito no plano das teorias quando investigou o Estado Isolado de Thünen, em sua energética análise. Os escritos de ambos são a tradução do conflito humano em sua melhor exposição pelo viés geográfico, sendo, eles mesmos, o próprio *conflito*. Essa dimensão tensional dos estudos da terra não é própria apenas desses dois intelectuais. Manuel Correia de Andrade, Josué de Castro e Orlando Valverde são exemplos disso em momentos do pretérito. O "sangue da terra[286]" vai correndo ininterruptamente os escritos dessas peças paradigmáticas no curso das interpretações do rural brasileiro através da Geografia, geração a geração.

Quando destacamos o conflito, estamos querendo chamar atenção para seu sentido mais abrangente como tensão e nervura, não meramente uma espécie de "anomia ou problema" – o conflito é um conceito explicativo e interpretativo. Remontando aos escritos de Marx, Durkheim e Weber, o conflito é fundamental na teoria social, "autores tão diferentes quanto Althusser, Poulantzas e Lensky, Foucault e Bendix, Habermas e John Rex, Honneth e Collins, Coser e Bourdieu podem ser aproximados quando se trata de enfatizar o papel fundamental do conflito como uma constante na história humana" (MISSE e WERNECK, 2012, p. 9). O conflito faz parte dos pensamentos de Marx, sobretudo quando o assunto é *luta de classes*. Oliveira e Fernandes, como geógrafos que adotaram os fundamentos do mesmo, transparecem o *conflito* em seus diversos e diferentes escritos.

[284] "Mundo das ideias" não pressupõe que Fernandes apenas venha investigando pensamentos, mas, acima de tudo, parece-nos uma preocupação com o avanço teórico no corpo da Geografia.
[285] FERNANDES, B. M. *O conceito de natureza: refletindo as dicotomias*. Revista de Extensao da fisc, v. 2, n.2, p. 17-20, 1991; FERNANDES, B. M. *O todo e a parte e a parte e o todo: a interação espaço sujeito*. Revista de Geografia (São Paulo), v. 10, p. 31-38, 1991.
[286] Conforme leva o título do livro de CARVALHO, M. *Sangue da Terra* – A luta armada no campo. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1980.

Mas vejamos os pontos que, de certo modo, os diferenciam enquanto nervuras. Já apresentamos, breve e resumidamente, o modo como Oliveira compreende a história da Geografia e os estudos agrários em seu interior. Fernandes buscará ampliar o entendimento dos aconteceres na Geografia agrária brasileira construindo um programa de pesquisa[287]. A diferença desse programa de pesquisa para outros projetos semelhantes no Brasil foi a concentração de uma ampla equipe de pesquisadores (da graduação ao pós-doutorado), os quais colheram e sistematizaram toda a produção de artigos em eventos de Geografia agrária ocorridos no Brasil e, posteriormente, identificaram similitudes e divergências teóricas no conjunto de toda a produção colhida.

No ano de 2005, antes da real efetivação do seu programa de pesquisa, Fernandes manifestava preocupações com estudos dessa natureza[288], inclusive publicou textos que partiam do mesmo entendimento que Oliveira[289] e as três correntes (positivismo, historicismo e dialética). Tendo a *questão agrária* como grande tema, Fernandes proporá o *debate paradigmático* – uma espécie de modo interpretativo pelo qual a batalha de modelos explicativos da realidade entra em ação. Para entender essa proposta, é importante vermos como tal proposição teórico-metodológica foi efetivamente construída.

No respectivo constructo, fora necessário a conclusão de duas teses de doutorado, então orientadas por Fernandes. A primeira foi do geógrafo Munir Jorge Felício – *Contribuições ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário*, de 2011. Esse geógrafo identificou dois paradigmas principais que se sobressaem nos estudos agrários brasileiros: o primeiro paradigma é o PQA: Paradigma da Questão Agrária:

> Este paradigma defende a tese segundo a qual a questão agrária é estrutural e engendrada pelo avanço do capital na agricultura (KAUTSKY, 1986; LÊNIN, 1985). Esta questão não pode ser solucionada pelo capitalismo e sua superação está na construção de uma outra sociedade. Suas tendências internas são proletarismo (THOMAZ JUNIOR, 2008) e campesinismo (PLOEG, 2008; OLIVEIRA, 1991) compreendidos pelo método dialético por meio da dinâmica da luta de classes. Nas análises construídas com esse paradigma emergem os diferentes fins e recriações do campesinato. Enaltecem o protagonismo do campesinato por meio de práticas heterogênicas, pela luta pela reforma agrária e pela resistência com as ocupações de terra. A perspectiva para o campesinato está na luta contra o capital, na superação do sistema capitalista (FELÍCIO, 2011, p. 5).

[287] Basicamente através de dois projetos denominados: a) *Metodologia do estudo da formação do pensamento geográfico e do desenvolvimento Territorial* e b) *Mapa do Pensamento da Geografia Agrária*.
[288] FERNANDES, B. M. *O Fim do Campesinato?* In: Horácio Martins de Carvalho. (Org.). O Campesinato no Século XXI. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, v. p. 23-26.
[289] FERNANDES, B. M. *Questão teórico-metodológicas da pesquisa geográfica em assentamentos de reforma agrária*. Revista NERA (UNESP), NERA/UNESP, v. 1, n.2, p. 1-32, 1998.

O segundo paradigma é o PCA: Paradigma da Capitalismo Agrário:

> Com as análises seminais de Mendras (1984) e Lamarche (1993; 1998) emerge o paradigma do capitalismo agrário defendendo que os problemas agrários criados pelo capitalismo podem ser solucionados por ele próprio, não existindo uma questão agrária na perspectiva do outro paradigma. Suas tendências internas são a agricultura familiar (ABRAMOVAY, 1998; VEIGA, 1991) e o agronegócio (NAVARRO, 2010; SILVA, 1981), os quais são analisados, com os recursos do método positivista para enaltecer a sua hegemonia. Portanto, não há antagonismo entre agronegócio e campesinato, cujas perspectivas seria a manutenção do capitalismo. Basta ao campesinato lutar ao lado do capital tecnificando e se integrando no processo produtivo, promovendo a metamorfose do camponês em agricultor familiar (FELÍCIO, 2011, p. 5-6).

Felício, assim, propõe um método de análise fundamentado no confronto entre esses dois paradigmas: o debate paradigmático. Nesse sentido, é "importante compreender como acontece a disputa", argumenta Felício (2011, p. 9), na respectiva proposta. A ideia de paradigma, na respectiva tese, foi buscada em Thomas Kuhn. O paradigma, este também é uma nervura na filosofia da ciência. Inclusive, muitas críticas endereçadas ao *debate paradigmático* ocorrem devido à utilização do paradigma kuhniano. O paradigma, todavia, é apenas uma peça no conjunto dessa proposição e, mesmo que julguemos sua inviabilidade, poderemos substituí-la por qual? Os programas de pesquisa de investigação de Imre Lakatos? As tradições de investigação de Larry Laudan? Quais são as alternativas? Enfim, as perguntas são maiores do que as críticas.

Embora a tese de Felício tenha materializado a respectiva proposição metodológica, a tese seguinte, de Janaina Francisca de Souza Campos[290], defendida em 2012, dará outras cores a esse debate. Também sob orientação de Fernandes, Campos irá estudar os grupos de pesquisas em Geografia agrária do estado de São Paulo e, diferentemente de Felício, sua análise irá geografar a análise do saber geográfico. Os grupos de pesquisas são entendidos como *territórios paradigmáticos*, movidos através dos paradigmas PCA e PQA. Assim, foram investigados "os temas e paradigmas dos grupos de pesquisa em geografia agrária, contudo, o tom geográfico e territorial foi atribuído à análise do pensamento geográfico: a leitura dos territórios paradigmáticos" (CAMPOS, 2012, p. 22). Ainda que se destaquem os dois paradigmas, também são demonstradas a unidade, a diversidade e a diferencialidade das temáticas investigadas pelos respectivos grupos. Essa tese, portanto, trouxe a dimensão espacial para interpretar o saber

[290] *Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária:* análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. Tese: UNESP, 2012.

geográfico por meio do entendimento dos grupos como territórios.

Após a publicação da referida tese, surgirão outras críticas, endereçadas a uma suposta divisão "binária" dos geógrafos brasileiros, a qual "suprimiria" outros modos de pensar, circunscritos através dos dois paradigmas. Evidentemente, não há apenas dois modos de se pensar a Geografia agrária brasileira. Contudo, a questão não é o pensar propriamente dito, mas a condução, as escolhas, as materializações, repetições, vínculos políticos e institucionais que, inevitavelmente, revelam modos de conduzir a atividade científica. Esses dois paradigmas dão conta total da realidade? Certamente, não! Mas quais são as opções de entendimento do que acontece nos estudos agrários? Vemos, enfim, que tais críticas deixam de lado o rigor científico e histórico para o avanço do debate teórico-geográfico – imersas em julgamentos arbitrários, contribuem pouco para o aprimoramento da questão.

A despeito das diferentes nervuras presentes na análise de Campos (2012), alguns elementos precisam ser destacados. Além dos paradigmas de Kuhn que são utilizados como fundamento e não como fim, a autora se vale também das ideias do médico e biólogo Ludwig Fleck, especificadamente as noções de *coletivos de pensamento e estilos de pensamento* também presentes em Fernandes (2013, p. 18-19, grifos do autor):

> Estou associando propositadamente, Kuhn, 1978; Fleck, 2010, para construir procedimentos de leituras de pensamentos, utilizando das ideias de *paradigmas, coletivo de pensamento e estilo de pensamento*, mas não somente como formas de organização do conhecimento, segundo estes autores propuseram, mas também como *espaços da organização do conhecimento*, como imaterialidade da materialização da existência humana (Lefebvre, 1991) e como a imaterialidade nos sistemas de ações (Santos, 1996), sem nunca pensar em separar o imaterial do material, a forma do conteúdo, a realidade da teoria ou o concreto do abstrato, o sujeito do espaço e estes do território, que produzem e são produzidos, por meio de relações sociais que os determinam e por quem são determinadas, formado pelas *"síntese das múltiplas determinações"* ou *"unidade do diverso"* (Marx, 1989).

O construto de Fernandes e seus orientandos pode ser resumido nos seguintes termos-chave: I) questão agrária, II) estilos de pensamento, III) coletivos de pensamento, IV) território (i) material e V) debate e disputa paradigmática (PCA-PQA). A articulação desses conceitos e noções representam um dos programas de pesquisa mais bem estruturados no Brasil, cujo foco é a análise do saber geográfico. Chamamos atenção, contudo, para o fato de que a ideia de *estilo de pensamento* buscada em Ludwig Fleck poderia ser confrontada com a

elaboração de Karl Mannheim –sociólogo que dedicou muitas páginas à noção de estilo de pensamento. Inclusive, alguns autores apontam que Mannheim criou a noção de estilo de pensamento[291], influenciando as proposições de Fleck que por ele não foram citadas (CONDÉ, 2005). A utilização dos estilos em Mannheim data de 1925 e em Fleck 1929; cabe pontuar, contudo, que a abordagem de Fleck é mais abrangente (MAIA, 2013). Esse destaque é importante devido à publicação do texto em português *O pensamento conservador*[292], que fundamentará algumas reflexões do sociólogo José de Souza Martins em seu livro *Sobre o Modo Capitalista de Pensar*, de 1978. Mannheim foi buscar a noção de *estilo* nas artes, justificando que as noções de escola e correntes seriam insatisfatórias para representar o pensamento.

O debate paradigmático, que em seu seio carrega a conflitualidade, vem causando um frêmito nos geógrafos no âmbito dos estudos rurais; e não poderia ser diferente, uma vez que Fernandes incluiu os geógrafos na condição de análise – colocou-os, pois, no plano da observação científica e política. Essa nervura inquietante ainda está longe de ser finalizada e poderá tornar-se mais polêmica, caso rompa a barreira do rural e chegue às outras dimensões da produção geográfica. Além de Felício (2011) e Campos (2012), Fernandes orientou o geógrafo Nelson Rodrigo Pedon (2009), que sintetizou a proposição dos movimentos socioterritoriais, além de realizar uma historiografia dos estudos dos movimentos sociais na Geografia.

Nesse estado de coisas, cabe pontuar uma última nervura presente em Fernandes (2013), referente à chamada *estrangeirização de terras*. Embora a proposição do debate paradigmático represente uma nervura entre Fernandes e Oliveira, uma ainda mais latente se concentra em torno da noção de estrangeirização da terra. Fernandes publicou um texto, em 2011[293], no qual apresentou "uma leitura do crescente processo em que países ricos compram terras nos países pobres para produção de agroenergia e alimentos" (FERNANDES, 2013, p. 313), enfatizando o processo crescente de estrangeirização da terra, Oliveira (2010)[294]; por sua vez, realizou uma revisão crítica do que Fernandes dissera em seu artigo, conforme segue:

[291] ELKANA, Y. *Is there a distinction between internal and external sociology of science*. COHEN & SCHNELLE, 1986.
[292] MANNHEIM, K. "*O pensamento conservador*" in José de Sousa Martins. Introdução crítica à sociologia rural. São Paulo: HUCITEC, 1986.
[293] FERNANDES, B. M. *Estrangeirização de terras na nova conjuntura da questão agrária*. Conflitos no Campo Brasil, v. 2010, p. 76-83, 2011.
[294] Este artigo foi publicado em 2011, mas contém a data de 2010. Foi publicado na Revista AGRÁRIA, São Paulo, N. 12.

> [...] o texto de Bernardo Mançano FERNANDES (2011) e sua proposta conceitual de tratar esta etapa do capitalismo sob o signo da **estrangeirização das terras** na nova conjuntura da questão agrária parece repousar sob uma teoria do imperialismo que não tem mais capacidade de explicar a economia mundial no Século XXI. Em primeiro lugar, não fez como é recomendável, uma discussão sobre o uso da noção/conceito em geral e na geografia. (OLIVEIRA, 2010, p. 67 - grifo do autor).

E,

> [...] não há exatamente uma **estrangeirização das terras** como quer fazer crer FERNANDES, mas sim uma **mundialização monopolista** da produção agropecuária do mundo. Dessa forma, talvez, fosse até indicado afirmar-se pelo reverso, que as multinacionais não estão se tornando proprietárias das terras agricultáveis do mundo, mas sim, controladoras monopolistas da produção agrícola do mundo. OLIVEIRA, 2010, p. 68, grifos do autor).

Oliveira (2010) aponta, ainda, outros problemas no referido texto. Fernandes (2013) responderá um a um e, entre esses, destacamos os seguintes:

> **Meu mestre foi cruel comigo** em algumas questões e em outras, talvez não tenha acompanhado mais de perto as minhas pesquisas. Quanto à primeira crítica, eu compreendo que o conceito de imperialismo continua com seu poder explicativo e o livro Novo Imperialismo (Harvey, 2004) e o Enigma do Capital (Harvey, 2011), tem demonstrado que os países com excedentes de capital procuram cada vez mais regiões mundiais com escassez de capital para investimentos. E para fazer circular este capital com maior agilidade foi preciso conectar os governos com as corporações e criar agências multilaterais como a Organização Mundial do Comércio para agilizar a circulação. Estas sempre foram características do imperialismo que somadas ao poderio militar colonizaram e dominam vários países. Todavia, hoje esse processo ocorre pelos mercado e circulação da produção, o que fez surgir uma nova geopolítica, que Amin, 2012, tem chamado no imperialismo contemporâneo, da mesma forma que Moyo, Yeros e Jha, 2011, tem destacado em seus estudos ao pesquisar a corrida imperialista para a África para uso do seu recurso terra. Sua segunda crítica sugeria um detalhamento conceitual que o tamanho do texto não permitia, pois enquanto ele publicou um artigo de 110 páginas na Revista Agrária no ano de 2011, mas com data de 2010, eu tinha somente 6 páginas para o meu artigo. Ariovaldo sabe que este é o espaço para escrever artigos para o Caderno de Conflitos no Campo da Comissão Pastoral da Terra, o que torna impossível fazer uma discussão sobre a estrangeirização da terra na geografia e em geral (FERNANDES, 2013, p. 75, grifo nosso).

Essa nervura, que extrapola nossa discussão, é importante para percebermos como a relação orientador-orientando pode tomar diferentes vieses. Tal nervura não representa uma quebra entre ambos, mas uma tensão própria da atividade científica. Oliveira e Fernandes são dois personagens que mais apresentam semelhanças do que diferenças – a Geografia agrária de ambos é o melhor exemplo da efetivação da Geografia crítica brasileira.

Além de Fernandes, Oliveira também orientará a geógrafa Virginia Elisabeta Etges, tanto no mestrado quanto no doutorado. Essa geógrafa, primeiramente, estudará a produção do fumo no Rio Grande do Sul, na cidade de Santa Cruz do Sul e, posteriormente, no doutorado, dedicar-se-á à produção geográfica de Leo Waibel. Apoiada no materialismo dialético, mergulhou nas bases teóricas e metodológicas de Waibel e, seguidamente, mapeou sua contribuição aos estudos agrários no Brasil, concluindo em 1997. Essa geógrafa, ainda, orientará a geógrafa Rosmari Terezinha Cazarotto numa pesquisa que relacionou o desenvolvimento sustentável com o conceito de espaço vital de Ratzel.

Outra orientação de Oliveira foi a do geógrafo Jacob Binsztok, em 1998. Esse geógrafo estudou o desenvolvimento e a ideologia do capitalismo no espaço agrário fluminense. No caso desta constelação, Binsztok tem o papel de ponte através da orientação de Ivair Gomes, em 2008, com a tese intitulada *(Re)pensando e (re)qualificando o rural: uma contribuição da geografia ao debate*. Gomes (2008, p. 139) ocupou-se das conceituações do rural ao longo da história, bem como de sua relação com o urbano, recomendando que o rural devia ser pensado pela sua "ontologia, sua territorialidade e seus fluxos. Assim, o rural não é exclusivo, não é um continuum e nem é o oposto da urbe. É um espaço próprio, conspícuo, distinguível". Esse trabalho, ainda, questiona o domínio do rural através do urbano enquanto forma interpretativa pelos diferentes estudiosos, qualificando-o de pensamento urbanocêntrico. Esse trabalho eleva o entendimento do rural à abundância dialética da vida, revelando o rural como diferença e alteridade.

A última orientação de Oliveira que destacamos é a de Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça, defendida em 2013, cujo foco de estudo foi a construção do conceito de agronegócio ao longo da história, tendo como especificidade a disseminação no Brasil. Através da teoria do valor de Marx e do materialismo dialético, a autora analisa a agricultura no modo de produção capitalista, suas crises, e passa pela noção de *agribusiness* e complexo agroindustrial, chegando, então, ao conceito de agronegócio.

Essas orientações revelam que a Geografia de hoje (constelações) foram erguidas pelas raízes, mas não só por essas são explicadas. A razão de ser de cada geógrafo guarda mais segredos do que o *processo de orientação e influência* podem revelar. A força que anima as escolhas e os fins pode ser interpretada por um conjunto de variáveis, sobrepondo-se àquelas que melhor respondem aos interesses do interprete. A terra é uma nervura que corta o tempo e atravessa as ciências. Os geógrafos são, a um só tempo, personagens desse fluxo. Esperamos ter conseguido explorar alguns caminhos pelos quais o saber geográfico foi e vem sendo interpretado, cujo confronto e luta, que é própria da terra, tenha revelado alguns veios no *ad infinitum* das orientações.

Esta constelação deixou de lado as *dimensões urbana, literária, geopolítica,* do *ensino,* que também fazem parte do corpo de dissertações e teses de outros geógrafos não citados. São exemplos os braços representados por Manoel Gonçalves Seabra, que dariam, certamente, mais um ou dois capítulos com suas reminiscências, assim como as de Léa Goldenstein, com a Geografia urbana que pode revelar, também, raízes da Geografia crítica (marxista) nos estudos urbanos do Brasil. Tanto Seabra quanto Goldenstein são outras possibilidades a serem reveladas no interior da constelação de Petrone. Nesse sentido, terminamos este capítulo não com conclusões eivadas de fins, mas de possibilidades a serem exploradas.

9.3 Raiz Constelatória Lívia de Oliveira

A cidade de Mairinque, do interior de São Paulo, foi o lugar de surgimento dessa terceira raiz, no ano de 1927. A geógrafa Lívia de Oliveira, que completara 91 anos em 2018, é um dos nomes mais originais da Geografia produzida no Brasil, tanto em sua formação como geógrafa quanto em sua produção bibliográfica que, de modo muito singular, marcou a história contemporânea do saber geográfico brasileiro, representando mais de seis décadas de dedicação à docência e à pesquisa em Geografia. Esta raiz continua, vivamente, orientando dissertações e teses, o que faz dela, também, uma geógrafa que quebra barreiras do próprio tempo.

Na raiz anterior, percebemos que a terra ganhou sentido através das relações de poder, personificando-se em território enquanto lócus de luta e disputa, refletindo no saber geográfico o conflito humano em seu modo mais energético. Esta raiz, todavia, desenhará uma constelação onde a terra é vista como *morada* e *lar*, cujos conceitos de lugar e paisagem sobreporão, de certo modo, o de território em suas significações tradicionais. O conflito não deixa de existir em seu sentido de nervura, porém a instância que mais se destaca é a *afetividade* ou, em outros termos, o que é conhecido como *humanismo*. Mas a terra, enquanto instância dos fenômenos humanos, pouco nos diria sobre esta constelação, o radical desta raiz é o *homem* e a sua *psique*.

A constelação de temas e de objetos que percorrem a trajetória de Lívia pode ter algumas chaves em comum, todavia não representa a contextualização do seu pensar em termos de totalidade. As escolhas dessas chaves podem nos condicionar à redução do seu realizar acadêmico nesses 60 anos de Geografia. Os riscos e recortes, contudo, são inevitáveis, e, nesse sentido, é melhor arriscar errar do que deixar ao fluxo do esquecimento. Chaves como a percepção, cognição, didática, literatura, humanismo, cartografia, são, para citar algumas, recorrentes em sua produção acadêmica, tendo ainda algumas pinceladas do que tradicionalmente é concebido como Geografia quantitativa. Essa constelação de temas, todavia, representa apenas a porta de entrada do seu pensar. Esta geógrafa é considerada pioneira em pelo menos três segmentos de pesquisas no Brasil, sendo eles: o ensino de Geografia (notadamente, a didática e a cartografia escolar); a percepção do meio ambiente; e a abordagem humanista. Com essas frentes de pesquisa, que conformam trajetórias, é imprudente classificar esta raiz em apenas um desses campos. É, pois, um fluxo de tudo isso, integrando-se mais recentemente os estudos do sabor[295].

[295] OLIVEIRA, L. *Introdução: O estudo do sabor pela Geografia*. Geograficidade. v.2, n.1, Verão 2012.

Considerando esse conjunto de temáticas, iremos nos ater de modo geral à percepção, à cognição e à imaginação e, de modo mais específico, às reverberações dessas à literatura. Esse caminho pretende compreender algumas reminiscências nas pesquisas por ela orientadas. Esse recorte, chamaremos de *psique*, como dito anteriormente. A escolha desse termo pretende representar o subjetivo e sua valorização em Lívia e em seus orientandos. Inclina-se, nesta constelação, desse modo, o plano do psíquico (percepção, cognição, imaginação) – evidentemente, isso não é sinónimo de separação cartesiana sujeito-objeto, é justamente o contrário. Porém, o tom da *vida do espírito*, nos termos de Arendt (2000), é explicitamente detectável. O empírico, enquanto fundamento lógico e formal para a Geografia, foi amplamente explorado até meados da década de 1950 (embora tenhamos que fazer justiça a Carl Sauer e John Wright, com sua geosofia). Essa sobrevalorização do material fez com que muitos geógrafos, por outro caminho, se aproximassem do existencialismo e de filosofias como a de Heidegger, por exemplo. Tocaremos nessas questões mais adiante. É importante, por enquanto, entendermos um pouco da trajetória de Lívia.

Embora Lívia tenha se formado na USP, sendo aluna inclusive das nossas raízes anteriores (Ab'Sáber e Petrone), a trajetória seguida pela mesma, todavia, é bem distinta da desses dois. Os objetos pesquisados lhe permitem ser, nos termos da presente tese, uma raiz original ao estudo do saber geográfico. Vale dizer, com isso, que a maior parte da sua produção acadêmica foi vinculada à UNESP de Rio Claro, sendo ela, ainda, um dos nomes mais fundamentais à efetivação e florescimento dessa importante escola.

Lívia, antes de se tornar geógrafa, é enfermeira. A enfermagem, enquanto ciência do cuidar, assim, de um modo talvez indireto, marcou seu modo de olhar a ciência. Em 1952, iniciou o curso de Geografia na USP, dividindo turma com geógrafos como José Bueno Conti e Marcos Alegre. Em 1967, conclui o doutorado, com a tese intitulada *Contribuições ao Ensino de Geografia*, na UNICAMP. À época, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro fazia parte dessa instituição, por isso sua tese foi defendida em Rio Claro (MARANDOLA e GRATÃO, 2003; LAUBSTEIN, 2008, 2012). Sua tese, que contou com a orientação do geógrafo José Ribeiro de Araújo Filho, configurou-se com uma defesa emblemática:

> Chovia lá fora, aquela umidade, e eu rodando os meus exemplares, todos borrados, e depois não acharam que era boa, acharam que aquilo não era

[296] Este trecho da tese de Geórgia Laubstein é uma construção de narrativa elaborada através dos relatos (entrevistas) de Lívia de Oliveira.

> pra ter sido feito. A minha defesa foi brava porque quem aceitou dar o nome de orientador foi o Araújo, e por isso eu tenho uma gratidão muito grande! Não foi dona Amélia que aceitou dar o nome como orientadora, mas o professor Araújo e o Petrone me defenderam porque eu disse que procurei fazer de uma maneira que outros pudessem repetir e ir pra frente. (LAUBSTEIN, 2012, p. 125)[296]

A dona Amélia a quem Lívia se refere era a então Amélia Domingues de Castro, professora de Didática da USP, instituição pela qual compôs a banca de avaliação juntamente com o professor João Dias da Silveira:

> O Doutor João achava que ele deveria ter me orientado e não o Araújo! Eu não o procurei porque eu me sentia perdida, sem saber com quem falar. **Eu tinha mais liberdade com o Araújo e o Petrone**. Então falei com o Araújo e ele me disse para levar o trabalho. Mas na defesa o Doutor João e a Dona Amélia me colocaram pra baixo. (Ibid, p. 125, grifo nosso).

Esses relatos revelam um pouco das cotidianidades das defesas de doutorado[297]. A tese em questão, contudo, foi essencial para a sistematização do seu caminho acadêmico em relação ao ensino de Geografia. Quanto ao geógrafo João Dias da Silveira, que foi o primeiro a defender uma tese em geografia física na USP, num estudo sobre os contrafortes ocidentais da Mantiqueira, com orientação de Monbeig em 1946, será uma peça fundamental à efetivação da Geografia em Rio Claro. Silveira foi nomeado para o cargo de diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro em 1958. Em 1962, Lívia inicia sua carreira docente em Rio Claro, na disciplina de didática a convite de Silveira. O papel de Silveira, portanto, fora fundamental não só na trajetória de Lívia, mas também na promoção da Geografia no Brasil, dada a importância que Rio Claro representará nas décadas posteriores (BRAY, 2005).

Voltando à tese já referida, é necessário que façamos alguns destaques. Sua extensão é relativamente pequena, contando com 67 páginas divididas em três capítulos: 1) O ensino de geografia; 2) Levantamento da situação do ensino da geografia em escolas de grau médio e 3) sugestões para o ensino de geografia. O primeiro capítulo é onde Lívia lança as bases do seu aporte teórico, o qual destacamos duas características interessantes: a primeira é sobre a concepção e definição de conhecimento geográfico e a segunda é referente às diretrizes da Geografia. O conhecimento geográfico

[296] Este trecho da tese de Geórgia Laubstein é uma construção de narrativa elaborada através dos relatos (entrevistas) de Lívia de Oliveira.
[297] "O meu doutorado foi um trabalho que ficou muito esquecido, eu nem falava no meu doutoramento, eu o escondia! De fato, agora olhando para trás, para mim aquilo seria um mestrado, não seria o doutorado, mas nós não tínhamos mestrado..." (Ibid, p. 125), menciona Lívia.

> [...] tem suas origens nos primórdios da humanidade. No momento em que o primeiro homem precisou sair de seu abrigo em busca de alimento e de água e, consequentemente, teve que "prestar atenção" no caminho seguido para evitar que se perdesse, nesse instante nasceu o conhecimento geográfico e sua necessidade. Desse "prestar atenção" inicial, da observação dos detalhes para poder compreender o conjunto do meio que o rodeava, surgiu a orientação e a localização. O conhecimento geográfico do quadro físico, com sua aplicação imediata, levou o homem a tentar representar, embora rudimentarmente, esse quadro, relacionando sua morada com as fontes de água, com pontos ricos em caça e com mordias dos grupos humanos das vizinhanças.
> Provavelmente com o conhecimento geográfico deve ter surgido, como consequência natural, a transmissão desse conhecimento. Necessariamente, por questão de sobrevivência, esses homens tiveram que ensinar o caminho e a localização dos pontos vitais aos demais membros do grupo. **Então, o conhecer e o transmitir conhecimento devem ter surgido concomitantemente,** de uma mesma necessidade e com as mesmas finalidades. Esse conhecimento, entretanto, não tem características de ciência, restringe-se apenas ao conhecer, como decorrência da necessidade de saber como encarar a situação e resolvê-la. (OLIVEIRA, 1967, p. 3, grifo nosso).

Percebemos, assim, que a questão das *origens* e/ou *nascimento* do conhecimento é abordada – esse destaque revela um pouco das nossas hipóteses iniciais referentes ao carácter rizomático das origens do saber. Evidente que Lívia acaba por situar uma raiz – primórdios da humanidade – denotando que o conhecimento geográfico é fruto da condição humana. O entendimento do conhecimento, e posteriormente do pensamento por Lívia, ganhará um aprofundamento nas décadas seguintes a partir das formulações de Jean Piaget, com sua epistemologia genética e Johannes Hessen, com a teoria do conhecimento[298] – sujeitos que discutimos nos capítulos iniciais.

O segundo destaque de seu texto diz respeito ao papel da Geografia, que, segundo Lívia, "se preocupa com as relações entre o homem e a Terra, encarando a Terra como morada do homem" (OLIVEIRA, 1967, p. 6). Essa reflexão – da terra como morada – terá relevante participação nos estudos humanistas, datando da década de 1950. Essa definição será amplamente explorada, por exemplo, com Dardel e a sua proposição de geograficidade.

Embora a tese de Lívia seja considerada um dos seus trabalhos mais fundamentais, vale pontuar que seu primeiro texto publicado é de 1964[299], onde se revelam as proto-ideias da tese. Com a docência e o respectivo envolvimento com a pesquisa, Lívia se vê, concomitantemente, diante de descobertas de diferentes autores. Adiantamos que nesta constelação de autores que Lívia descobre, dois

[298] Além de Tuan e outros geógrafos ligados ao humanismo.
[299] *Considerações sobre o ensino de Geografia no primário*. Revista Rio Claro, Rio Claro, p.78-80, 1964.

nomes serão fundamentais: Jean Piaget e Yi-Fu Tuan.

Outro trabalho que ganha destaque em sua trajetória é sua Tese de Livre-Docência de 1977, sob o título *Estudo metodológico e cognitivo do mapa,* elaborada para o concurso em metodologia da Geografia (LAUBSTEIN, 2012). Para Marandola e Gratão (2003), esse trabalho é sua contribuição máxima, representando "o grande manual do "ensino do mapa" traçado por "orientações piagetianas". Estava lançada a grande referência e orientação dos estudos cognitivos na Geografia e para a(s) geografia(s)", argumentam.

Lívia pretendia juntar a didática com os mapas – em viajem à Suíça, foi incentivada por Vin Bang, estudioso do espaço na perspectiva piagetiana. Essa tese, que relacionou as formulações de Piaget e a cartografia, foi um estudo inovador (LAUBSTEIN, 2012). Assim,

> [...] as ideias divulgadas pela sua Tese de Livre-Docência repercutiram de uma forma mais ampla, e influenciaram a construção de uma vulgata sobre a Cartografia Escolar, uma área que ainda não havia sido pesquisada pelos geógrafos. O trabalho da professora Lívia se tornou **pioneiro e inspirou inúmeras pesquisas nesta área**, especialmente anos mais tarde. (Ibid, p. 89-90, grifo nosso).

Com esse estudo, reforça-se ainda mais sua contribuição inovadora ao ensino da Geografia, notadamente com a cartografia escolar, uma vez que a relação Piaget-didática-espaço era, até então, algo inédito na Geografia produzida no Brasil, o que permitiu posteriormente o desenvolvimento de pesquisas em ensino de Geografia. Uma das conclusões a que esse trabalho chegou foi que as crianças não conseguiam compreender os mapas, visto que foram feitos para adultos, e as crianças em geral têm noções de coisas próximas-distantes e dentro-fora, o que diverge do mapa elaborado para os adultos, o qual necessita de uma leitura de cima (OLIVEIRA, 1978). Essas reflexões, todavia, só foram germinar nos anos de 1990, com a divulgação em eventos e orientações de dissertações e teses (GIRARDI, 2011).

Esse trabalho aprofunda, ainda, a relação entre percepção, cognição e representação. Nesse aspecto, afirma a autora,

> [...] nos propusemos a abordar o mapa do ponto de vista metodológico e cognitivo. Foi concebido, portanto, com a finalidade de contribuir para as bases de uma metodologia do mapa. Em primeiro lugar, não é trabalho de Cartografia; versa sobre os **fundamentos psicológicos do mapa como um meio de comunicação espacial**. Em segundo lugar, não é um estudo dos procedimentos da representação gráfica; ao contrário: a **abordagem é metodológica e cognitiva.** (OLIVEIRA, 1978. p. 11, grifo nosso).

Os fundamentos da psicologia cognitiva de Piaget possibilitaram, portanto, uma abertura de investigação que se manifestará com grande intensidade em seus orientandos e, mais tarde, na Geografia brasileira, inclusive nos cursos de cartografia, o que nos permite afirmar, conforme destaca Girardi (2011, p. 1), que a "*professora Lívia é um ícone da alfabetização cartográfica*, diz o engenheiro cartógrafo Nei Erling, vice-presidente da SBC[300]. Tanto que ela virou nome de prêmio. Em 2009, a seção brasileira da Associação Cartográfica Internacional criou o concurso Lívia de Oliveira de Cartografia".

Mas a contribuição desta geógrafa não para apenas nesses temas. Posteriormente à Tese de Livre-Docência, dedicar-se-á, também, à Percepção do Meio Ambiente. Se, num primeiro momento, a didática levou-a a Piaget e a Tuan, estes a levaram à percepção do meio ambiente, o que faz dela, segundo Marandola e Gratão (2003), "uma pioneira", mais uma vez, nessa outra tipologia de investigação, além, notadamente, da geografia humanista, como argumentam os autores. Lívia, assim, relata:

> Comecei a me preocupar com a percepção ambiental em fins da década de 1970. Com minha tese de livre-docência, estudei, li, digeri e refleti profundamente sobre o sistema Piaget. Meu interesse inicial foi o espaço geográfico: conceito, representação, construção. Meu caminho seguiu a teoria psicogenética, passando pela percepção e cognição. **O passo seguinte foi articular todas essas noções inferidas, acrescentando o termo ambiente.** (OLIVEIRA, 2017, p. 103, grifo nosso).

A percepção do meio ambiente será uma das áreas privilegiadas em suas orientações, como veremos adiante. A tradução das obras de Yi-Fu Tuan como *Topofilia*, de 1980, e *Espaço e lugar*, de 1983, concretiza ainda mais o tom humanista na Geografia brasileira, e em Rio Claro especialmente. Lívia, portanto, é uma raiz não só pelo pioneirismo, mas, sobretudo, por suas orientações que continuaram com suas propostas[301].

Cognição, percepção, ensino e humanismo são algumas palavras-chave do seu caminhar. A busca pelo *hodierno* na ciência é a trilha dos seus passos. A afetividade e as outras faculdades da *psique* enquanto objetos e condição para o acontecer do saber geográfico dão à Lívia um importante papel no fluxo das nervuras da história recente da Geografia brasileira. Vejamos, pois, como as faculdades do intelecto tornaram-se um objeto à Geografia através da noção de *psique*.

[300] Sociedade Brasileira de Cartografia.
[301] "A percepção do meio foi um campo fértil e agradável de pesquisa, ensino e orientação. Foram defendidas várias teses e dissertações sobre "percepção, atitudes e valores", sobre paisagens, cidades, parques, lugares". (OLIVEIRA, 2017, p. 28).

RAIZ CONSTELATÓRIA

Lívia de Oliveira

1967 - Doutorado* - **UNESP - RC**

1985

Marlene Teresinha de Muno Colesanti
(1985-1995) - Mestrado e Doutorado - **UNESP (RC)**

Tony Geraldo Carneiro
2008 - Mestrado - **UFU**

1988

Lucy Marion C. P. Machado
1988 - Doutorado* - **UNESP - RC**

Doralice Barros Pereira
1992 - Mestrado* - **UFMG**

Matusalém de B. Duarte
2006 - Mestrado - **UFMG**

Naiemer R. de Carvalho
2012 - Mestrado - **UFMG**

Herbe Xavier
1990 - Mestrado - **UNESP - RC**

1990

Márcia Maria Duarte dos Santos
1990 - Mestrado* - **UNESP - RC**

Amanda Estela Guerra
2005 - Mestrado - **UFMG**

Solange Terezinha de Lima Guimarães
(1990-1997) - Mestrado e Doutorado - **UNESP - RC**

Vernaide Medeiros Wanderley
1997 - Doutorado - **UNESP - RC**

1997

Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola
2007 - Mestrado - **UNESP UNESP - RC**

2007

RAIZ CONSTELATÓRIA

Lívia de Oliveira

3/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

***

PSIQUE

psukhé,ês - sopro – psychein – alma – ego - mente - espírito.

***

9.3.1 Psique

Os elementos da natureza tangíveis aos nossos sentidos são cientificamente considerando, objetos táteis à cognição. Podemos senti-los, tocá-los, ouvi-los e, inclusive, transformá-los. A morfologia terrestre, a fricção do calor e do frio manifestos no clima e sentidos pela nossa condição humana, e a terra enquanto chão da nossa sobrevivência biológica consistem, cada qual a seu modo, em objetos concretos do interesse científico. Vimos, anteriormente, como esses elementos comandaram a condição e o conteúdo do saber geográfico em algumas raízes e constelações no Brasil. Consideramos, também, com rasa profundidade, alguns elementos culturais, econômicos e existências que se relacionaram com esses elementos. Contudo, ainda que tenhados tido o desejo de transcender a objetividade manifesta, ficamos reféns da abundância de sua condição factual. Isso se explica, por um lado, pela efetiva atenção que foi dada ao longo da história das pesquisas geográficas aos *objetos* do pensamento geográfico e pouco ao processo do *"pensar geográfico"*.

Esta raiz, todavia, possibilita-nos uma certa proximidade mais sensível com a condição psíquica das criaturas vivas. A mente dos seres terrestres também é um objeto. Tudo que pode ser considerado objeto transcende as barreiras de qualquer ciência. O objeto, portanto, é multi-, inter- e transdisciplinar. A tradição, todavia, tende a criar fronteiras (que têm seus benefícios) entre os campos do conhecimento, mas o objeto, o dado do real, está além das fronteiras científicas. A Geografia, ao longo de sua curta história institucional, aproximou-se das faculdades e atividades do espírito, com muita reserva. Esse acanhamento foi, podemos assim dizer, até vantajoso, uma vez que as ciências do psíquico e, mais recentemente as cognitivas, tem seus próprios problemas existenciais. Tal reserva, contudo, não a destituiu de suas conexões e possibilidades analíticas. Há, é bem verdade, uma conexão entre a vida psíquica e a condição geográfica, e, por isso mesmo, precisa ser revelada. A tradição que tem o *pensamento geográfico como objeto* (tradicionalmente sua história) de pesquisa pode nos revelar os elementos constituintes dessa conexão. Em outras palavras, podem nos apresentar que pensar é este que faz do geógrafo geógrafo e, com formidável ambição, revelar o polêmico e debatido geográfico e/ou geograficidade da condição humana,

dando-nos, esse último, indícios de uma provável nervura entre uma leitura materialista da relação do Ser com o Espaço e a segunda, idealista, valorizando a psique e suas faculdades (querer, julgar, pensar etc).

A questão que envolve o sentido e significado do pensamento geográfico se impõe quando substituímos o geográfico por espaço. Mesmo que mantenhamos o geográfico na linha do debate, a questão não se resolve. Sabemos que o pensamento é uma atividade "fora de ordem", conforme nos indica Arendt (2014, p. 104, grifo nosso);

> Quando estou pensando não me encontro onde realmente estou; estou cercado não por objetos sensíveis, mas por imagens invisíveis para os outros. É como se eu tivesse me retirado para uma terra imaginária, a terra dos invisíveis, da qual nada poderia saber, não fosse essa faculdade que tenho de lembrar e de imaginar. O pensamento anula distâncias temporais e espaciais. Posso antecipar o futuro, pensá-lo como se já fosse presente, e lembrar do passado como se ele não tivesse desaparecido. Já que o tempo e o espaço da experiência comum não podem nem mesmo ser pensados sem um contínuo que se estende do próximo ao distante, do agora ao passado ou ao futuro, do aqui a qualquer ponto do espaço, esquerda e direita, à frente e atrás, acima e abaixo, eu poderia dizer, com alguma razão, que não apenas as distâncias, mas também o tempo e o espaço são abolidos no processo do pensamento. **No que diz respeito ao espaço, não conheço nenhum conceito filosófico ou metafísico que pudesse estar razoavelmente relacionado a esta experiência.**

A relação do pensar com o espaço é um tema que, do ponto vista prático, tem seu acontecer desde que as criaturas vivas se encontraram nesse mundo. Recentemente, alguns geógrafos vêm tornando o *raciocínio geográfico um objeto de investigação* – atividade que podemos chamar de epistemologia. Todavia, os estudos clássicos da epistemologia da Geografia tinham em seu alvo os objetos "exteriores" à mente; em outras palavras, o mundo que nos é dado aos olhos, aos sentidos. O raciocínio geográfico, expressão de enorme dubiedade, procura representar como a atividade cognitiva dos seres se comporta para com o espaço. Esse tipo de coisa, por ser próprio do humano, conduz a atividade epistemológica da geografia à objetificação de qualquer sujeito que, digamos assim, "pensa sobre o espaço"; o exercício epistemológico, portanto, ampliou seu leque de análise – não apenas o pensamento geográfico dos geógrafos é objeto, mas o pensamento de qualquer ser existente. Um exemplo muito interessante de como esse assunto vem ganhando cores foi realizado pelo geógrafo Paulo César da Costa Gomes, em uma obra recente intitulada *Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de*

pensar (2017). Nesse livro, Gomes argumenta que a Geografia é uma *forma original de pensar,* fundamentada em *um modo de ver*. Em outra abordagem, Fábio Luiz Zanardi Coltro analisa a relação homem-animal e o pensamento geográfico, em sua tese de doutorado, *"Animal geographies": reflexões sobre o não-humano no pensamento geográfico contemporâneo,* publicada em 2016, ampliando ainda mais a questão do pensar (ou raciocínio) geográfico[302].

Sabemos, todavia, que o

> [...] pensamento, em seu sentido não cognitivo e não especializado, como uma necessidade natural da vida humana, como a realização da diferença dada na consciência, não é uma prerrogativa de poucos, mas uma faculdade sempre presente em todo mundo; do mesmo modo, a inabilidade de pensar não é uma imperfeição daqueles muitos a quem falta inteligência, mas uma possibilidade sempre presente para todos incluindo aí os cientistas, os eruditos e outros especialistas em tarefas do espírito. Todos podemos vir a nos esquivar daquela interação conosco mesmos, cuja possibilidade concreta e cuja importância Sócrates foi o primeiro a descobrir. O pensamento acompanha a vida e é ele mesmo a quintessência desmaterializada do estar vivo. (...) uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos (ARENDT, 2014, p. 214).

O pensamento, como já discutimos nos primeiros capítulos, é, desde Platão, o diálogo sem som que cada ser mantém consigo mesmo. Ainda que, na Era Cristã, o pensamento tenha se tornado a atividade de meditar e, na Era Moderna, confundido com o conhecimento especializado, sua prerrogativa principal é a *retirada*; o "parar para pensar", configurando-se como uma atividade invisível e fora de ordem, própria da quietude.

O pensamento, entendido como uma das atividades espirituais dos seres que interrogam, têm suas próprias nervuras no mundo intelectual. A primeira delas, e talvez a mais mitificada, é a teoria dos dois mundos (ou metafísica dos dois mundos), segundo a qual o pensamento seria um outro mundo, destituído da vinculação com o mundo objetivo (este que estaria "fora da mente"). Tal falácia, que tem sua razoabilidade nas diferentes eras com sujeitos que se ocuparam de sua compreensão, é superada, entre outros, por Arendt (2014), argumentando que não há dois mundos, pois sua vinculação – do mundo com o pensar – se dá através das *metáforas* que transmitem e representam as coisas que as palavras, muitas vezes, não conseguem transmitir quando o pensamento entra em ação. E é a metáfora, notadamente, que ganhará atenção nesta constelação através da imaginação e,

[302] "Para Aristóteles, os homens não são os únicos seres que possuem alma ou psique; todos os seres vivos a possuem, desde as flores e os moluscos aos seres mais complexos. Diferentes seres vivos possuem capacidades variadas: as plantas crescem e reproduzem-se, mas não podem mover-se, mas não são todos; os seres humanos, animais racionais e políticos, conseguem também pensar e compreender. As almas diferem e acordo com essas diferentes atividades por meio das quais se exprimem". (MASSIMI, 2016, p. 84).

especificadamente, da literatura, que se tornaram objetos de investigação dos geógrafos orientados por Lívia de Oliveira. Por enquanto, contudo, é importante entendermos um pouco mais da *psique* e de suas atribuições nesta constelação.

* * *

Incorporando diferentes nomes na história do conhecimento humano, o psíquico – que chamaremos apenas de *psique* – já foi denominado de alma, consciência, espírito, mente etc. Nesta constelação, a psique se manifesta enquanto objeto de interesse do saber geográfico através dos estudos cognitivos do meio (ou percepção) e, mais próximo ao mundo da inventividade, da imaginação. É interessante destacar que a *physis*, do ponto de vista do nosso jogo de palavras, ocupou-se das raízes e constelações anteriores através da *forma*, do *clima* e da *terra*. Em Lívia, e depois na seguinte constelação que analisaremos, cuja raiz é Armando Corrêa da Silva, a *psique* e a *existência* ganham maior destaque.

A psique, enquanto objeto, vem sendo, ao longo da história, um tema de interesse da psicologia – esta que, também, já foi considerada ciência da mente, do comportamento e da consciência, estudando as emoções, sensações e o próprio processo do apreender. Podemos conceber grosseiramente que a psicologia, enquanto ciência, se ocupa da *vida mental* ou, no modo clássico, do "sopro da vida". Mais recentemente, a teoria do *self* ganhou relevo enquanto objeto da psicologia. *Self*, em uma tradução literal, significa *si mesmo*, ou apenas "si" ou "eu".

Rastrear historicamente o conceito de psique demanda um diálogo muito próximo com a história da própria psicologia – esta que pode se dividir em dois grandes troncos: a) da história dos saberes psicológicos e b) da história da psicologia científica. No primeiro caso, o leque analítico é mais amplo, uma vez que se relaciona com a história cultural e social. No segundo, dá-se maior ênfase nos séculos XIX, XX e XXI, momentos de afirmação da psicologia enquanto ciência. No primeiro caso, porém, a expressão "saberes psicológicos" compreende a "visão do mundo de uma determinada cultura, relacionados a conceitos e práticas que na atualidade podem ser genericamente entendidos como psicológicos" (MASSIMI, 2016, p.14).

Esse tipo de divisão – de uma história de um saber científico e de outros próximos ao senso comum – vem sendo recorrente nas histórias das ciências. No caso da Geografia, por exemplo, também verifica-se esse direcionamento, inclusive sustentamos argumentos nessa perspectiva. Caberá saber, todavia, onde chegaremos nessa escavação de mundos outros do saber. Não é o caso da presente tese fazer predileções do futuro, mas, de fato, é importante que nos ocupemos

dessas questões e as tornemos, consequentemente, relevantes nos estudos que detêm o saber científico como objeto.

Quanto à psique, é importante fazermos mais algumas considerações. A primeira delas diz respeito aos conceitos que a acompanham: pessoa, indivíduo, *mens* e corpo. Essas quatro palavras, juntamente com a psique e a psicologia, são importantes chaves da história dos saberes psicológicos. A psique surge na Grécia antiga, já com a "definição do conceito de pessoa na cultura medieval, num período longo que se estende do século I ao século XVI; o conceito de indivíduo no panorama da cultura humanista e renascentista dos séculos XV e XVI" (MASSIMI, 2016, p. 14-15). Uma segunda consideração direciona-se às diferentes significações do termo psique[303] quanto à questão dos saberes. Essas significações,

> [...] se ligam a um núcleo comum, a uma origem comum, que é a interrogação acerca do **sentido da vida e a existência**, interrogação que assume formas e modos diversos de respostas. Além disso, trata-se de saberes que têm uma conotação peculiar: dizem respeito à psique como também são expressões da psique, entendida como núcleo racional do ser humano, como bom *daímon*: **a psique é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito desse conhecimento. De fato, é a psique que impulsiona o homem a conhecer o mundo e a conhecer a si mesmo** (MASSIMI, 2016, p. 48, grifo nosso).

É justamente esse núcleo comum – o sentido da vida e a existência – que é fundamental aos nossos propósitos nesta constelação. A condição humana (ou pessoa) teve, na história do conhecimento, diversas manifestações e representações – o modo de apresentação da "existência" dos seres acompanha, portanto, a história cultural da humanidade. Entre esses modos, destacou-se a representação da pessoa humana nesse mundo através das tragédias, notadamente na cultura grega com as peças teatrais. Outras artes podem ser incluídas nesse caminhar de tentativas de representação dos seres existentes e sua condição humana. A busca do sentido das coisas – própria da atividade do pensamento – manifesta-se, notadamente, através das artes e das metáforas. Tanto a arte quanto a metáfora são transmissoras de sentidos que não terminam em si, tampouco preocupam-se com a *verdade* – esta que é atividade do conhecimento. Na arte e na metáfora haverá sempre um algo que escapa, múltiplo às interpretações. O conteúdo geográfico, ou *o que condiciona* o geográfico da coisa artística, é do interesse do geógrafo e é por esse caminho – da procura do geográfico e/ou geográficidade[304] – que a arte (em seu mais amplo sentido) tornou-se do interesse dos estudos geográficos.

[303] Na concepção estoica, a "psique é comum aos animais e ao ser humano e possui várias partes: os cincos sentidos, a faculdade da geração, a linguagem a parte diretora (hegemonikón), que possui quatro capacidades: a representação, o impulso, o assentimento e a razão. A alma é, portanto, parecida com um polvo de que o hegemonikón seria a cabeça, e as demais sete partes, os tentáculos. A alma humana é parte do pneuma (sopro: princípio primeiro originário do Universo, em que o logos e matéria se compenetram) é corpórea e mortal". (MASSIMI, 2016, p. 118).
[304] Não estamos equivalendo os termos geográfico e geograficidade; o intuito é apenas representativo.

Uma situação curiosa é que as artes (romances, poesia, filmes etc.) vêm sendo associadas às perspectivas humanistas, cuja proximidade com o método fenomenológico é o aspecto mais destacado. Essa proximidade vem causando confusões entre o objeto propriamente dito e as tendências científicas para sua investigação. São coisas que não podem ser confundidas. Pesquisar qualquer arte independe do método ou mesmo da perspectiva teórica. A arte em si não é propriedade de nenhuma perspectiva filosófica teoricamente considerada. O avanço que os estudos humanistas vem dando a essa tipologia de pesquisa é inegável; sem eles, provavelmente a Geografia brasileira estaria em um provável ostracismo. Entretanto, ainda assim, não deixa de ser apenas uma perspectiva de análise.

É por essas questões que faremos um recorte em direção à literatura. A psique abarca um universo bastante amplo, indo do espírito às faculdades mentais. Como já destacamos, Lívia teve maior proximidade com a cognição e a percepção, e é a essas, portanto, que iremos nos ater. São partes, podemos assim dizer, do universo da psique. O pensamento, que enfatizamos brevemente, também é uma delas e, como o próprio nome já diz, quando o assunto é epistemologia da Geografia – pensamento geográfico –, é o objeto por excelência. Ou seja, nesta constelação, para que consigamos chegar ao pensamento geográfico, é necessário partirmos da totalidade psique, passando pela percepção e cognição, chegando à imaginação e, finalmente, à literatura. Entendamos, portanto, cada uma dessas palavras e como elas, consequentemente, reverberaram na Geografia.

***

A Geografia brasileira já conta com um conjunto de obras respeitáveis sobre o papel do humanismo e da cultura no seio geográfico. A primeira delas, talvez a mais abrangente já realizada, foi fruto de uma dissertação de mestrado defendida em 1992 e, o que é mais curioso, não foi escrita por um geógrafo de formação. Essa dissertação, elaborada em dois volumes, contando com mais de 500 páginas, foi escrita por Wherther Holzer, arquiteto e urbanista com formação em Comunicação Social e Cinema. Holzer foi orientado por Maurício de Almeida Abreu[305], e a referida dissertação, intitulada *A Geografia Humanista: sua trajetória* de 1950 a 1990, é um marco porque legitima, historicamente, a existência de um "campo" de estudo, apontando, consequentemente, caminhos e

[305] A banca foi composta por Roberto Lobato Correia, Maria do Carmo Correia Galvão e Milton Santos

rumos de pesquisas[306]. Com igual equivalência, passados 22 anos, no ano de 2014, a tese do geógrafo Almir Nabozny, *Abordagens Culturais na Geografia Brasileira: Uma Compreensão*[307], soma-se ao empreendimento de Holzer. Ambas guardam diversas diferenças de perspectivas, porém são semelhantes em um foco comum: o de compreender o estado dos estudos humanistas na Geografia. O próprio termo "humanista" é colocado na mesa do debate por ambos os autores, revelando outras conexões, como a cultura, o existencialismo e o método fenomenológico.

Outros estudos menos extensos, como os de Corrêa (1999) e Claval (1999) e outros mais específicos, como a tese de Letícia Carolina Teixeira de Pádua – *A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências*[308], demonstram uma considerável somatória de forças em direção à compreensão da dimensão cultural, subjetiva e humanística do mundo e das existências.

Os elementos culturais, humanísticos e subjetivos não são dados necessariamente "novos" do geográfico, até porque o geográfico pressupõe tais dimensões em seu conteúdo. O novo, talvez, consiste no *grau* da atenção que esses temas vêm ganhando nos últimos anos nos estudos geográficos no Brasil e em outros países. O *grau*, portanto, é a chave enquanto medida que qualifica, de um modo geral, se dada coisa é nova ou velha quando o assunto é ciência. É uma afronta à história do conhecimento, e do geográfico inclusive, considerar a cultura, e mesmo o *subjetivo*, como um objeto (e/ou condição) novo do geógrafo. Não cabe aqui entrarmos nos conceitos de cultura e subjetividade para chegarmos a essas conclusões. Se o grau é o mecanismo que qualificamos a *potência da atenção* que damos a um dado objeto em uma respectiva ciência, então, por outro lado, essa *potência* tem algo a nos dizer.

A potência que o cultural apresenta na Geografia ao longo do último século até os dias atuais pode ser representada através da metáfora "ondas do mar". A depender das forças dos ventos, as ondas ora se destacam, ora se acalmam. O cultural, do ponto de vista da geografia científica, sempre esteve presente, desde os relatos literários dos gregos. Porém, do final do século XIX até metade do XX, o potencial cultural fez surgir, de acordo com Corrêa (1999), algumas matrizes de investigação, notadamente europeias. Destacam-se os alemães Siegfried Passarge (1866 – 1958) e Otto Schlüter (1872-1959), esculpindo as primeiras bases das raízes. Os franceses também fizeram parte desse esculpir, notadamente Paul Vidal de La Blache (1845-1918) e Maximilien Sorre (1880-1962). Essas primeiras

[306] "Se hoje os estudos culturais e humanistas estão entre os mais dinâmicos na geografia brasileira, eles devem muito à sistematização realizada por Holzer. Mesmo sem grande difusão, devido às limitações físicas de circulação, muitos dos principiais difusores dessas abordagens beberam dessa fonte." (MARANDOLA JR, 2016, p. 10 - In: Prefácio: HOLZER, 2016)

[307] Orientado pelo geógrafo Álvaro Luiz Heidrich. A banca foi composta por Dirce Maria Antunes Suertegaray, Jorn Seeman, Manuel Fernandes e Sousa Neto e Nelson Rego.

[308] Tese defendida em 2013 sob orientação da geógrafa Magda Adelaide Lombardo. A banca foi constituída pelos geógrafos Oswaldo Bueno de Amorim Filho, Werther Holzer, Eduardo José Marandola Junior e Lívia de Oliveira.

matrizes trouxeram ao debate a paisagem, os gêneros de vida e, também, o conceito de civilização. Essa onda ganhou maior força com os norte-americanos, cuja figura do geógrafo Carl Ortwim Sauer (1889 -1975) foi fundamental, representando a importante Escola de Berkeley que, mais tarde, destacou-se por certas nervuras, principalmente quanto a seu entendimento de cultura como uma "entidade", um algo além da própria sociedade. Tal entendimento gerou "críticas à geografia cultural norte-americana (...) seja a partir de um ponto de vista radical (Blaut, 1980; Cosgrove, 1983)[309], seja em relação à concepção de cultura como entidade superorgânica, pairando acima da sociedade (Duncan, 1980)[310]" (CORRÊA, 1999, p. 51). Nesse período, o cultural era investigado pela maior parte dos geógrafos em sua dimensão material.

O fôlego dessa onda mostrou-se em uma calmaria entre as décadas de 1940 e 1970, revigorando-se a partir dos anos 1980. A partir dessa década, o cultural na Geografia inicia a incorporação da religião, literatura, música, pintura e da chamada percepção ambiental. A partir desse momento, a dimensão material da cultural começa, com maior *grau*, a valorizar a dimensão imaterial do cultural.

No entrar da década de 1990, por exemplo, o Brasil assistiu à criação de um dos primeiros núcleos de pesquisa que tem a cultura como foco de pesquisa. Esse grupo, então denominado NEPEC – *Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura*[311], foi inaugurado em novembro de 1993 pela geógrafa Zeny Rosendahl, já somando, agora, 26 anos de existência. Em 1995, é criada a Revista *Espaço e Cultura*[311] pelo NEPEC e, em 1998, ocorre o 1º Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura. Outro núcleo surgiu em 2004, o *Núcleo de Estudos em Espaço e Representação* – NEER, formado inicialmente pelos geógrafos Oswaldo Bueno Amorim Filho, Sylvio Fausto Gil Filho e Salete Kozel. No caso de Lívia, a mesma é coordenadora, juntamente com Werther Holzer, do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural – GHUM, fundado em 2008.

O GHUM tem como linha principal de pesquisa a "epistemologia e metodologia da geografia humanista cultural, explorando o conhecimento das matrizes filosóficas, teóricas, conceituais e institucionais em diferentes países"[312], confirmando nossa afirmação quanto à identidade de raiz de Lívia na questão dos estudos do saber enquanto objeto.

[309] BLAUT, J. A Radical Critique of Cultural Geography. **Antipode**, 1980, 12 (2); COSGROVE, D. Towards a Radical Cultural Geography. Problems of Theory. **Antipode**, 1983, 15 (1)

[310] DUNCAN, J. The Superorgnic in American Cultural Geography. A**nnals of the Association of American Geographers**, 1980, 70 (2).

[311] "Publicada desde 1995 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura do Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E&C foi a terceira revista no mundo criada sobre o tema da cultura na geografia, obtendo reconhecimento da Universitat de Barcelona, da University of Texas e da Université de Paris IV. No Brasil, E&C segue pioneira no campo, com o objetivo de difundir investigações que privilegiam a cultura em sua dimensão espacial, contribuindo para o desenvolvimento da geografia humana e cultural. Em nossas edições, apresentamos artigos inéditos, traduções, notas de pesquisas e referências atuais". Fonte: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura. Consultado: 08/04/2019.

[312] Fonte: https://geografiahumanista.wordpress.com/linhas-de-pesquisa-2/. Consultado: 09/04/2019.

O NEPEC, NEER e GHUM não são homogêneos em suas perspectivas; na realidade, guardam diversas nervuras, conforme Narbozny (2014) minuciosamente detectou – o que é algo relativamente natural. Campos (2012), por exemplo, explorou amplamente os embates e nervuras entre os grupos de Geografia agrária no estado de São Paulo, revelando as *disputas paradigmáticas*. O conflito, como apontamos na constelação de Petrone, é algo próprio do humano. Os estudos culturais, inevitavelmente, não escapam a essa condição que rege a vida com seu jogo – das nervuras que lhe são inerentes.

As nervuras constituintes dessa constelação, como rapidamente já destacamos, que também se constituem como recortes temáticos, são o *humanismo*, a *percepção*, a *cognição*, a *representação* e a *literatura*. Expliquemos, pois, o significado de cada uma delas.

* * *

Diferentemente da Geografia cultural, o humanismo tem uma história, em termos de origens científicas, menos relativa. Os geógrafos norte-americanos, em especial os que brevemente destacamos, Carl Sauer e John Wright, serão as primeiras cabeças a desenhar as raízes do humanismo na Geografia em sua perspectiva científica, juntamente com David Lowenthal. Sauer destaca-se pelo papel de professor e pesquisador na então chamada Escola de Berkeley; Wright, por todo avanço que já destacamos nos outros capítulos, notadamente à sua perspectiva de conhecimento, história da Geografia e a geosofia; Lowenthal, mais jovem, por ser um dos mais proeminentes orientados de Sauer. Lowenthal fez seu doutorado em história, cujo tema de estudo foi o pensamento do geógrafo George Perkins Marsh. Sua tese, mais tarde, veio a ser publicada em livro, em 1958, *George Perkins Marsh: Prophet of Conservation* (HOLZER, 2016), reeditado em 2003.

Destaca-se, todavia, no caso de Lowenthal, o seu célebre texto *Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology*, publicado em 1961. Esse texto apresenta, entre outras coisas, um profundo diálogo com as reflexões de Wright sobre a concepção de conhecimento geográfico e a *terra incognitae*. Lowental dedica-se, portanto, à teoria do conhecimento geográfico através das trilhas da geosofia de Wright.

Além de Lowental, o papel de outros dois outros geógrafos será imprescindível para a consolidação do humanismo na Geografia: referimo-nos a Yi-Fu Tuan e Eric Dardel. Para falarmos de Tuan, inicialmente, é necessário dialogarmos com o estudo mais profundo de seu pensar no âmbito da Geografia brasileira: destacamos, novamente, a já mencionada tese de Letícia Carolina Teixeira Pádua (2013). Essa tese contou com uma banca formada por importantes nomes da geografia humanista brasileira, a saber: Eduardo José Marandola Júnior, Lívia de Oliveira, Werther Holzer e Oswaldo Bueno de Amorim Filho.

De acordo com Pádua (2013, p. 21), "Tuan é um geógrafo humanista de fundamentos fenomenológicos-existencialistas", cuja fenomenologia, contudo, guarda grande proximidade com o pensamento de Merleau-Ponty; porém, suas raízes carregam um conjunto enorme de influências, quais sejam:

> [...] Bachelard, Focault, Hanna Arendt, Heidegger, Iris Murdoch, Suzanne Langer, Lèvi-Strauss (que cita durante toda a vida), Merleau-Ponty, Piaget, Sartre, Simone de Bouvoir, Santanaya. Ainda devemos mencionar a leitura de algumas obras de Adorno, Bergson, Luckács, Kierkegaard, Schutz e Wittgenstein. Finalmente, os filósofos gregos, em especial Heródoto, Homero, Aristóteles e Platão também são citados pelo autor, mas não como matrizes de pensamento e sim como exemplos literários da cultura greco-romana.
>
> Mas Tuan também não se caracteriza como um "pontyano" ou um "bachelardiano". Seu pensamento é acompanhado de uma diversidade de autores e de escolas filosóficas, tendo na fenomenologia uma de suas bases fundamentais, mas também busca fundamentos no estruturalismo de Lèvi-Strauss e, ao mesmo tempo, no pós-estruturalismo de Foucault e no existencialismo Sartreano (PÁDUA, 2013, p. 21).

Tuan, sem sombra de dúvida, é um dos grandes trocos do humanismo na Geografia. Esse conjunto de autores que conformam seu pensar revela, na verdade, uma *inundação de influências,* conforme destacamos no capítulo 8. A partir de Tuan, revela-se uma importante nervura: a do vocábulo humanismo. Em 1976, Tuan publica um artigo chamado *Humanistic Geography*, onde argumenta que a Geografia humanista é um subcampo da Geografia, o que, para o geógrafo Edward Relph, seria um equívoco. Relph, em 1977, no ano seguinte à publicação do texto de Tuan, escreveu o artigo *Humanism, Phenomenology, and Geography*, considerando "que a geografia humanista perpassa todos os campos da própria geografia humana, e não pode se configurar como um subcampo disciplinar" (PÁDUA, 2013, p. 31)[313].

[313] "No mesmo ano, Tuan publicou um comentário em reposta às críticas de Relph. Nesse pequeno texto, o autor reafirma o posicionamento em que considera a geografia humanística como uma subcampo disciplinar, porque ela possui um ponto de vista peculiar, que permite trazer novas formulações para os problemas geográficos" (PÁDUA, 2013, p. 31).

Apesar da relevância dessa nervura entre Tuan e Relph, acompanhemos do entendimento de Pádua (2013, p. 33, grifo da autora):

> [...] nós optamos pelo uso de *Geografia Humanista*. Acreditamos que o humanismo é, mais que apenas uma matriz científica, uma postura frente à vida. Também julgamos importante a busca pela compreensão da natureza humana, ainda que aceitemos as inúmeras especificidades e individualidades que se expressam por meio da cultura e dos comportamentos humanos – talvez seja este um dos componentes da natureza humana.

Considerar o humanismo como uma *postura frente à vida* parece-me resolver o tema em questão; embora, por outro lado, possa ampliar o desafio dos geógrafos que têm no humanismo sua frente investigativa. A *condição humana* como um tema de pesquisa através da Geografia traduz, justamente, o edifício perspicaz de Wright com sua geosofia e, com semelhante grandeza, Dardel e a geograficidade.

Em Lívia, a figura de Tuan será preponderante, uma vez que ela o difundiu na Geografia brasileira através da tradução de suas obras, o que, consequentemente, trouxera o humanismo. Todavia, além de Tuan, outro geógrafo, agora francês, cumprira importante marca na história da geografia humanista: falamos de Eric Dardel. A diferença de Dardel para os geógrafos anteriores reside no fato de que sua obra permaneceu por muito tempo esquecida, ganhando maior atenção a partir da década de 1980, com seu célebre livro e já comentado *L'Homme et la Terre: nature de la réalité geographique*, que data de 1952. A relação *existencial entre o homem e a terra*, manifestada através da concepção de *geograficidade (geographicité)*, certamente é uma das suas maiores contribuições.

No Brasil, temos uma situação semelhante a de Dardel, porém, até hoje, pouco é discutido sobre sua contribuição. Referimo-nos a Eidorfe Moreira, advogado, professor de geografia e economia, nascido na Paraíba, em 1912, e que mudou-se para Belém ainda criança com os pais. Como pesquisador, teve importante atuação na Universidade Federal do Pará. Eidorfe Moreira tem uma obra relativamente extensa, destacando-se, especialmente, o livro *Ideias para uma Concepção Geográfica da Vida*, publicado em 1960. Esse livro tem uma dupla contribuição ao nosso debate. A primeira é seu amplo diálogo com a filosofia, notadamente a epistemologia em uma perspectiva existencial. Para Moreira (2012 [1960], p. 19), "a Geografia é uma compreensão da vida no seu mais largo sentido de

extensão, e com isso queremos dizer uma compreensão da vida na sua plenitude cênica". O tom existencial do seu entendimento de Geografia manifestou-se, consequentemente, na delimitação do conceito de conhecimento geográfico:

> A Geografia, ao contrário, visa à paisagem integral da vida, ao mundo exterior na sua rica expressividade cênica. O **conhecimento geográfico** é por isso mesmo mais completivo do que qualquer outro, pois apanha a vida na sua mais larga área de manifestação; é antes um modo de ver e de relacionar do que de perquirir, uma vez que considera os fatos em extensão e relevo, e não em profundidade ou pormenor (MOREIRA, 2012 [1960], p. 19, grifo nosso).
> Considere-se, por outro lado, que o conhecimento geográfico não atende apenas à nossa curiosidade e à nossa estesia, mas também aos nossos sentimentos para com a Natureza e para com nossos semelhantes. Daí ser um conhecimento **participante**, no sentido de exigir do observador a integração efetiva da sua pessoa à paisagem que estuda ou descreve. [...] Conhecer, no sentido geográfico, é flagrar a vida num dado momento da sua expressividade fisiográfica e humana, o que não significa apenas observar e analisar as paisagens, mas também sentir o que elas são e o que sugerem sob o ponto de vista humano; não será simplesmente decompô-las nos seus traços mais salientes e expressivos, apreciar-lhes ou caracterizar-lhes o valor cênico, mas incorporar-se também ao seu conteúdo humano para sentir, ainda que por momentos, as grandezas e vicissitudes da sua experiência cósmica (MOREIRA, 2012 [1960], p. 23, grifo do autor).

Observa-se, com seguridade, que Eidorfe Moreira caminhou em direção a uma Geografia humanista. Infelizmente não há, ainda, um único trabalho em nível de dissertação ou tese sobre sua contribuição à Geografia brasileira. Pouco, para não dizer inexistente, seu nome é mencionado nas obras de história do pensamento geográfico brasileiro. Tal fato pode ser, grosseiramente, explicado por dois motivos latentes. O primeiro diz respeito ao espírito quantitativo da Geografia que orbitava o momento que sua obra foi produzida. O segundo, mais pragmático, justifica-se pelo lugar que sua obra fora produzida e divulgada: no norte do Brasil. Cabe questionarmos, todavia, se apenas esses dois motivos – ainda que estejam no plano de nossas impressões – explicam esse "esquecimento", para não dizer invisibilidade, de sua obra[314] nos livros de história do pensamento geográfico do Brasil.

Essa breve digressão com Eidorfe é importante, pois mostra, na cadeia dos fatos da história da Geografia, como certas nervuras podem ser esquecidas em determinada constelação histórica.

[314] Além da obra referida, destacamos as seguintes: *Amazônia: conceito e paisagem* (1960); *Presença do Mar na Literatura Brasileira* (1962); *Geografia Mágicas: Ensaios* (1989); *Uma filosofia em termos geográficos* (1989).

Retornando aos conceitos que estávamos discutindo, além do humanismo, outros temas e conceitos vieram juntos, como a percepção, a cognição e a representação. O tema da percepção teve com John Wright e Gilbert White as primeiras reflexões, através do debate sobre a "percepção ambiental e do entorno". Porém, foi com Lowenthal que o diálogo entre psicologia e Geografia ganhou maior destaque, através do minucioso levantamento bibliográfico que o referido geógrafo realizou para a elaboração do artigo *Geography, experience, and imagination"* (HOLZER, 2016). A relação entre Geografia e psicologia gerou duas nervuras mais destacáveis. A primeira é referente a duas correntes: a "metodológica" e a "epistemológica". A metodológica dedicou-se ao desenvolvimento de metodologias práticas, objetivando a aplicação no planejamento. A epistemológica, representada por geógrafos culturais e históricos, interessou-se pela interdisciplinaridade com as humanidades e a dimensão subjetiva. Ambas as correntes, todavia, fluíram em função dos estudos da "percepção ambiental". A segunda nervura trata-se da diferenciação entre geografia humanista e geografia comportamental, visto que "no início dos anos 1970, as diferenças foram se tornando tão evidentes que o próprio termo "percepção ambiental" não servia mais para abrigar os diversos grupos", por conta disso outros termos começaram a surgir entre os autores, "Relph (1971)[315] falava em uma geografia fenomenológica; Tuan (1976)[316] sugeria a adoção do termo geografia humanista; em contraposição, Gale (1972)[317] falava em geografia comportamental" (HOLZER, 2016, p. 122).

No Brasil, de modo muito original, Lívia inaugurou os estudos que compreendem a percepção, herdando e dialogando com o debate que se ascendia no mundo. Para chegar à percepção, porém, Lívia passou pela representação. Em função do seu interesse pela cartografia, notadamente os mapas, a preocupação com a representação do espaço foi algo quase natural. Assim, "a trilha da representação, para mim, surgiu acoplada ao espaço. Meu interesse no momento era a representação espacial. Ora, o espaço representativo precede a uma construção progressiva de relações espaciais em dois planos distintos" (LÍVIA, 2017, p. 21). Os planos aos quais Lívia se refere são o perceptivo e o representativo (ou intelectual). Sua tese de Livre-Docência, *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa* (1977), reflete tal ocupação.

Atualmente, o conceito de representação espacial dialoga com diversos enfoques teóricos provindos, em sua maior parte, da psicologia, o que tem levado à criação de uma linha de investigação chamada de *geografia das representações*.

[315] An inquiry into the relations between phenomenology and geography. Canadian Geographer, Montreal, v. 14, n. 3, p. 193-201.
[316] Humanistic geography. In: *Association of American Geographers*, v. 66, n. 2, 1976, Washington. *Anais*...Washington: 1976, p. 266-276.
[317] Inexactness, fuzzy sets, and the foundations of behavioral geography. *Geographical Analysis,* Ohio: Wiley-Blackwell, v. 4, n.4, p. 337-349, 1972.

Essa linha investigativa considera tanto a dimensão cognitiva quanto a operatória e, de um modo geral, compreende a representação como um conhecimento relacional do indivíduo com o mundo, permitindo aos sujeitos a apropriação do mundo exterior através dos sentidos. Podemos indicar, acompanhando a leitura de Kozel (2009) que pelo menos três nervuras embasam a compreensão da representação no âmbito científico: 1) realista; 2) idealista; 3) sociocultural. A *realista* entende que os objetos são dados objetivos e, por conta disso, independem do pensar. A *idealista*, por outro lado, enfatiza que o real é construído através do pensar. Essas duas nervuras, na verdade, são oriundas do debate filosófico que percorre toda a história do conhecimento humano. A terceira, s*ociocultural*, é mais recente e considera a representação como uma construção dos sujeitos em integração com a realidade – nessa perspectiva, o sujeito e sua existência são intrínsecos ao mundo, não podendo ser entendidos separadamente.

Lívia irá se aproximar da epistemologia genética de Piaget – tema que pode ser incluído na abordagem realista da representação. A representação, todavia, foi o caminho para sua chegada à percepção e à cognição. Para entender o conceito de percepção nessa geógrafa, é importante, inicialmente, distinguirmos percepção de sensação. A sensação é "condição básica da percepção, necessitando um órgão corporal para se realizar (...) a percepção é a apreensão de uma qualidade sensível, acrescida de uma significação, como uma qualidade essencial, e não apenas um acréscimo" (OLIVEIRA, 2017, p. 191).

A realidade objetiva, ou o mundo físico, detém três dimensões na perspectiva realista: a profundidade, a distância e a solidez. Essas dimensões constituem os elementos básicos para a efetividade da percepção, que requer a presença do objeto diante do sujeito. Por conta disso, a percepção é uma "interpretação com o fim de nos restituir a realidade objetiva, por meio da atribuição de significado aos objetos percebidos" (OLIVEIRA, 2017, p. 112). A percepção, portanto, não pode ser confundida com o ver.

Há uma outra diferenciação que necessita ser pontuada a respeito da percepção e da cognição. Distintamente da percepção, que através do organismo recebe as informações do mundo objetivo, numa relação individual do sujeito com o objeto, a cognição não depende da presença do objeto, podendo trazê-lo através da memória. Cognição, que vem do latim *cognitio*, é compreendida, na perspectiva da epistemologia genética de Piaget e de Lívia, como *o ato de conhecer*, não precedendo a percepção. À Geografia,

> [...] importa tanto a percepção como a cognição. Mas pode-se dizer que a cognição fundamenta toda a pesquisa geográfica a partir da percepção que cada um de nós constrói da realidade e a meta que perseguimos ou tentamos atingir. Aceita-se que o verbo cognição é conhecer. Conhecer consiste em construir ou reconstruir o objeto do conhecimento, de maneira a apreender o mecanismo desta construção (OLIVEIRA, 2009, p. 192).

Através dessas diferenciações, Lívia aprofunda-se ainda mais no debate epistemológico da Geografia, pois chega, através de outro caminho, às estruturas biológicas e psicológicas do conhecimento e, derradeiramente, ao conhecimento geográfico. Quando, nos primeiros capítulos, realizamos a discussão sobre duas dimensões de análise do saber geográfico – i) histórica e ii) teórico-metodológica-propositiva –, foi justamente para incluir esses tipos de reflexões no universo das pesquisas em Geografia no Brasil, o que costumeiramente chamamos de "estudos do pensamento geográfico". Mais adiante, tocaremos em suas orientações. Cabe, antes, entendermos sua concepção de pensamento e conhecimento.

* * *

Não pretendemos fazer uma análise contextual e completa da contribuição de Lívia à Geografia. Buscamos, unicamente, entender as nervuras que sustentam sua epistemologia e, assim, compreender suas orientações. O humanismo, juntamente com a percepção e a cognição, deu à Lívia os elementos necessários para o desenhar de algumas definições do pensamento e do conhecimento geográfico.

A concepção de conhecimento em Lívia é assentada na epistemologia genética de Piaget e na teoria do conhecimento de Johannes Hessen, segundo a qual o conhecimento é um vir-a-ser, partindo de um conhecimento menor até um mais complexo e completo. Nesse sentido, o conhecimento é um *processo*, interessando ao intelectual a compreensão da sua *construção*. O conhecimento humano, a partir dessa perspectiva, "compreende três elementos: sujeito (esfera psicológica), objeto (esfera ontológica) e imagem (esfera lógica). Lembramos que a imagem do objeto no sujeito é uma entidade lógica" (OLIVEIRA, 2017, p. 69).

Quanto ao *conhecimento geográfico*, Lívia o compreende de três modos: i) o *espontâneo* (ou do senso comum), ii) o científico, e iii) o didático. O *conhecimento geográfico espontâneo*

> [...] surgiu para atender às necessidades básicas, como localização da aldeia ou do campo de caça e de pesca; desdobramentos; levantamento de recursos naturais; ou orientação em relação a vento, chuvas, rios, tribos, marcha aparente do sol. Em atendimento aos mapeamentos e tradições, os mapas surgiram antes da escrita, traduzindo os registros de lugares e de outros grupos humanos ou de animais. As viagens decorreram de anseios de aventura e de precisão, e nelas foram cruzados lagos, mares e oceanos, percorridos rios e montanhas e penetrados continentes e ilhas, sempre perpetuadas com descrições orais e registros em pedras, papiros, folhas ou troncos. (OLIVEIRA, 2017, p. 41).

Esse conhecimento, mais tarde, ainda no mundo grego, passou a ser de interesse da reflexão filosófica, tornando-se um conhecimento mais reflexivo, *científico*, e preocupando-se com a forma da Terra, "com a mensuração e a geometria: forma e tamanho do planeta, as medições (latitude e longitude), as representações gráficas (mapas), nasceram as filhas gêmeas da matemática: a geometria e a geografia" (OLIVEIRA, 2017, p. 41). O conhecimento geográfico também é compreendido como aquele que é produzido no âmbito das universidades. Nesse caso, se destaca o século XIX, momento em que, institucionalmente, a Geografia se torna disciplina. Consequentemente, começam a se esboçar os primeiros avanços em direção à transmissão desse conhecimento de natureza científica. O *conhecimento geográfico didático*, assim, acompanha o científico e o espontâneo, sendo um modo de conhecimento que se manifesta depois da existência dos dois anteriores, sucedendo-os. Compreende-se que o conhecimento geográfico didático pode propiciar "condições aos professores de atualizarem-se por meio de informações atuais, técnicas novas, estratégias adequadas e principalmente orientar a ação didática no que diz respeito aos melhores e justos meios de avaliação" (OLIVEIRA, 2017, p. 45).

O pensamento humano, de acordo com Lívia (2017), é constituído de *forma* e *conteúdo*. Suas considerações, todavia, se voltam para o *pensamento científico*, entendendo o conteúdo enquanto matéria (sobre o que se pensa) e a forma enquanto produto da atividade do pensar. Entende, concomitantemente, que o pensamento científico comporta duas formas principais: *dedução* e *indução*. Ambas as formas não são opostas, dialogam e orientam todo o pensar.

A preocupação com as estruturas do pensamento científico levou Lívia ao *pensamento geográfico*, consequentemente. Com formidável definição, demostra 14 elementos que caracterizam e sustentam o pensamento geográfico:

> Como seria o *pensamento geográfico*? Como não poderia deixar de ser, é solidário com todo o pensamento científico. Apresenta-se com as seguintes características principais: *factual*, parte dos fatos, descrevendo-os como são, usando dados empíricos, modificando mediante operações mentais, desviando-se dos erros; *transcende* os fatos procurando produzi-los e explicar exprimindo a realidade, duvidando dos enunciados sugeridos e procurando predizer os acontecimentos; *analítico*, pois aborda os problemas um de cada vez, procurando decompor os elementos, lembrando sempre que os problemas e consequentemente as conclusões são parciais e que os elementos se apresentam interdependentes; *clareza* e *precisão* levariam a formulação precisa da questão e à clareza dos resultado mediante mediação e registro dos fatos; *especializado*, recordando sempre que todo pensamento é empírico e racional, dedutivo e indutivo, e os campos do saber são interdisciplinares; *comunicável*, sendo a comunicabilidade condição necessária, devendo ser expressível e pública; *verificável*, ora o pensamento geográfico deve ser posto à prova, procurando sempre o objetivo; *metódico* é planejado, não excluindo o acaso, mas esse deve ser previsto e controlável; *sistemático*, compreendendo um sistema de ideias conexas logicamente entre si; *geral*, situando os fatos simples em contextos gerais e enunciados particulares em esquemas amplos; *legal*, buscando leis, tanto naturais como culturais, procurando explicá-las; *explicativo*, procurando explicar os fatos em termos de leis e essas em termos de princípios; *preditivo*, transcendendo a massa dos fatos da experiência, supondo como pode ter sido o passado e como poderá ser o futuro; aberto, e, portanto, *a priori* não reconhece barreiras porque é factível e consequentemente capaz de progredir, e talvez o mais difícil e *útil* ao procurar a verdade, como consequência de sua objetividade, deve-se ter uma atitude livre diante dos fatos, compreender e controlar a natureza, propor modelos, fazer investigação e procurar compreender o fundamento da tecnologia. (OLIVEIRA, 2017, p. 71).

Essa definição também está assentada na epistemologia genética de Piaget. Lívia, ao seu modo, realizou um importante exercício que, inclusive, é pouco experimentado pelos geógrafos. Evidentemente, nunca chegaremos à definição do pensamento geográfico, mas tentativas como a de Lívia, nos possibilitam aproximações desse inextricável debate.

Até agora, ainda que de modo apressado, passamos por quatro nervuras nesta raiz: *humanismo, percepção, cognição e representação*. Expusemos, também, duas faculdades: o pensamento e o conhecimento geográfico. Esses elementos, repetimos, são *partes* do que estamos chamando de *psique* – nervura principal desta raiz – sustentáculo, portanto, de sua constelação. Falta-nos, ainda nesse caminhar, a explicitação da *literatura*.

* * *

Nessa altura do nosso caminho, o terreno torna-se mais plástico – a *physis* e a *psique* colidem dialeticamente, promovendo um liame entre o real e o imaginário. A literatura é, a um só tempo, o produto dessa colisão, o chão que permite o arbítrio da criação. Consiste, assim, como uma forma de expressão dos sentimentos e da contemplação dos seres, a materialização da angústia da existência humana.

O realismo e a fantasia são um único tom à literatura. *Phisis* e *psique*, no presente caso, igualmente devem ser entendidas através de uma única partitura. Nesse aspecto, Antonio Candido (1962) indica três atitudes estéticas quando o assunto é literatura. A primeira é aquela que considera a literatura como maior que a natureza; a segunda, contrariamente, considera a primeira menor que a segunda; e, por fim, a literatura equivalente à natureza, alcançando o realismo do mundo natural. Essas três situações originaram o que hoje chamamos de Barroco (no primeiro caso), Romantismo (no segundo) e, o da procura do equilíbrio, Classicismo.

O fenômeno literário no Brasil, contudo, comporta três correntes principais: o Neoclassismo, Ilustração e o Arcadismo. Essas três correntes, para Candido (1962), serão partícipes da promoção do sistema orgânico da formação da literatura brasileira. A formação da literatura brasileira, se ficarmos nos séculos XVIII e XIX, fomentou quatro temas centrais: i) *conhecimento da realidade local*; ii) *valorização das populações aborígenes*; iii) *desejo de contribuir para o progresso do país*; iv) *incorporação dos padrões europeus*. Esses temas,

> [...] se definem, no período estudado, como reinterpretação local das orientações estéticas e filosóficas, hauridas no exemplo europeu e enxertadas o arbusto frágil das tentativas literárias, que vinham se realizando, aqui, desde o primeiro século da colonização. O racionalismo deu lugar à filantropia e ao desejo de criar uma sociedade livre e bem organizada; o culto da natureza promoveu a valorização do pitoresco, alimento do nativismo e da descrição da realidade; a moda pastoril encaminhou para a valorização do homem natural, que para nós foi sobretudo o índio; a tradição clássica apresentou um estilo de civilidade que nos entroncava de certo modo na tradição e assegurava a participação no mesmo sistema simbólico do Ocidente.
> Neste sentido, os escritores brasileiros que, em Portugal ou aqui, escrevem entre, digamos, 1750 (início da atividade literária de Cláudio) e 1836 (iniciativa consciente de modificação literária, coma *Niterói*), tais escritores lançaram as bases de uma literatura brasileira orgânica, como sistema coerente e não manifestações isoladas. (CANDIDO, 1962, p. 75).

Esses temas são algumas das raízes da literatura brasileira. O fenômeno

literário é uma das manifestações mais concretas da natureza humana e, por isso mesmo, inerente ao saber geográfico. O *conteúdo geográfico* das obras literárias, utilizando-se, aqui, uma expressão de Monteiro (2002), é uma das fontes mais ricas e originais para aqueles que se interessam pela história da Geografia; e não apenas essa, a geografia histórica e o ensino de Geografia também são de singular importância.

Se ficarmos com um pequeno aspecto da literatura, os romances, é possível, brevemente, apoiando-nos em Kundera (2009), demonstrar a abundância da questão, uma vez que

> [...] todos os grandes temas existenciais que Heidegger analisa em *Ser e tempo*, julgando-os abandonados por toda a filosofia europeia anterior, **foram desvendados, mostrados, esclarecidos por quatro séculos de romance**. Um por um, o romance descobriu, a sua própria maneira, por sua própria lógica, os **diferentes aspectos da existência**: com os contemporâneos de Cervantes, ele se pergunta o que é a aventura; com Samuel Richardson, começa a examinar "o que se passa no interior", a desvendar a vida secreta dos sentimentos; com Balzac, descobre o enraizamento do homem na História; com Flaubert, explora a terra até então incógnita do cotidiano; com Tolstói, inclina-se sobre a intervenção do irracional nas decisões e no comportamento humanos. Ele sonda o tempo: o inapreensível momento passado com Marcel Proust; o inapreensível momento presente com James Joyce. Interroga, com Thomas Mann, o papel dos mitos que, vindos do começo dos tempos, teleguiam nossos passos. *Et cætera, et cætera*.
> **O romance acompanha o homem constante e fielmente desde o princípio dos tempos modernos.** A "paixão de conhecer" (aquela que Husserl considera a essência da espiritualidade europeia) se apossou dele então, para que ele perscrute a vida concreta do homem e a proteja contra "o esquecimento do ser"; para que ele mantenha "o mundo da vida" sob uma iluminação perpétua. É nesse sentido que compreendo e compartilho a obstinação com que Hermann Broch repetia: Descobrir o que somente um romance pode descobrir é a única razão de ser de um romance. **O romance que não descobre algo até então desconhecido da existência é imoral. O conhecimento é a única moral do romance.** (KUNDERA, 2009 [1986], p. 13, grifos nossos).

Milan Kundera evidencia, justamente, o alcance do romance à condição humana, presente em todo o desenvolvimento histórico-cultural da humanidade. A literatura foi um dos temas mais presentes nas orientações de Lívia, cujos romances brasileiros foram os mais investigados.

A relação da literatura com a Geografia científica tem uma história ainda em construção. Alguns autores encontram indícios de preocupações nessa direção em Humboldt, no seu *Cosmos*, quando então discute literatura e pintura; outros

em Vidal de la Blache, em seu artigo *La géographie de l'odyssée d'après l'ouvrage de M.V. Bérard*, publicado nos *Annales de Géographie*, em 1904. Salvo melhor juízo dessas reflexões, quem, mais uma vez, dá o tino desse tema é John Wright, destacando-se com dois textos: *The geography of Dante* e, um mais específico, *Geography in literature*, ambos publicados em 1924 na *The Geographical Review*.

A literatura para a Geografia esteve associada "desde o início aos trabalhos sobre espaço vivido, campo que tem dado lugar a inúmeras investigações" (BROSSEAU, 2007, p. 21). Os romances eram verdadeiras fontes para se compreender a "personalidade dos lugares" e, assim, contribuir para a caracterização regional dos diferentes espaços; a literatura, portanto, cumpria um papel à Geografia regional.

No Brasil, se destaca, em termos históricos, o livro de Mauro Mota – *Geografia Literária*, publicado em 1961 pelo Ministério da Educação e Cultura, o qual pode ser considerado um verdadeiro guia histórico dos estudos referentes à relação da Geografia com a literatura. Contando com quase 200 páginas, direciona-se, basicamente, à literatura nordestina. Através dessa obra, muitos geógrafos contemporâneos conseguiram rastrear as poucas reflexões materializadas em artigos e livros anteriores a 1950, por exemplo, às reflexões de Pierre Monbeig, em seu *Ensaios de Geografia Humana*[318], de 1940, e, menos extenso, os comentários de Fernando Sigismundo, em *Literatura e Geografia*[319], publicano no *Boletim Geográfico* em 1949. Mauro Mota, todavia, não é geógrafo de formação. Ainda que tenha ministrado história e geografia em diferentes escolas de Pernambuco, foi poeta e jornalista, ocupando, inclusive, a Cadeira nº 26 da Academia Brasileira de Letras.

O florescimento dos estudos literários acompanhou o desenvolvimento mais acentuado dos estudos culturais a partir das décadas de 1970 e 1980. Marc Brosseau (2007 [1996]) realizou uma primeira esquematização do estado dos estudos que compreendem a literatura e a Geografia. Para esse geógrafo, cinco vigas sublinharam a atenção desses estudos no último século: i) a literatura como complemento de uma geografia regional; ii) a literatura como transcrição da experiência dos lugares; iii) a literatura como crítica da realidade ou ideologia dominantes; iv) histórias paralelas da geografia e da história; v) espaço, alteridade e geografia[320].

[318] "o geógrafo se debate entre a paixão científica e a arte literária" (MONBEIG, 1940, p. 223).

[319] "A bem dizer, a distinção entre atividade literária e atividade geográfica, especificadamente consideradas, data de um século apenas. Uma e outra disciplina sempre andaram juntas, desde os documentos mais primitivos, às produções da centúria passada. Há excelente literatura em Homero, como há, nele, ótimas contribuições geográficas, a respeito da Hélade e seus habitantes" (SIGISMUNDO, 1949, p. 327).

[320] Há uma outra proposta, elaborada por Tuan. De acordo com Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 495), interpretando a proposta tuaniana, "as tendências nas relações estabelecidas entre Geografia e Literatura podem ser de três tipos: o texto geográfico pode conter qualidades literárias; o texto literário pode ser uma fonte para a análise geográfica ou a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo, sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente".

No Brasil, identificamos duas esquematizações: a dos geógrafos Eduardo Marandola Jr e Lívia de Oliveira (2009) e outra mais recente, do geógrafo Júlio César Suzuki (2017). A proposta de Marandola Jr. e Oliveira (2009, p. 495) consiste em 11 abordagens, objetivando realizar um primeiro cenário da situação brasileira. Nessa esquematização, "é importante notar que, na base de cada abordagem, há uma concepção da Geografia e da Literatura, da Ciência e da Arte, que se reflete não apenas na leitura, mas também na forma de encarar a relação entre elas". O Quadro 5 sintetiza a respectiva proposta:

Quadro 5: Esboço de organizações das abordagens de estudo da relação geografia-literatura em trabalho de geógrafos brasileiros pós 1990.

ABORDAGENS	ESCOPO
Leitura realista	O espaço e a paisagem aparecem enquanto realidade a partir do naturalismo, sendo descritos e compondo o cenário, não a trama. Aproxima-se da literatura científica, vendo as obras como documentos históricos e do pensamento geográfico.
Conteúdo geográfico	Busca a confluência do mapa e da trama, numa aproximação Ciência-Arte a partir das narrativas e sua espacialidade.
Espaço telúrico e imaginação da matéria	Formas de hibridismo homem-natureza em que se atribui aos personagens ou à trama as características, físicas e simbólicas, dos elementos da natureza, a partir da geopoética.
Percepção e experiência ambiental	O espaço é vivido e significado, revelado pelos lugares e paisagens.
Paisagens vividas e significadas	A dimensão simbólica e efetiva das paisagens expressa a geografia do lugar e a geograficidade.
Paisagens culturais e representações	Toma o texto literário como representações da espacialidade, da identidade e da territorialidade.
Sentido do lugar	A descrição e ambientação narrativa revelam o significado cultural dos lugares
Experiência espacial do autor	Pela memória ou pela vivência, é a experiência geográfica do autor que compõe e localiza a obra.

Espacialidade e temporalidade	Novas territorialidades constituídas a partir do rompimento das fronteiras e da intensificação das trocas culturais e dos processos de des-re-territorialização. É um tema antigo (a migração e a fuga) e contemporâneo (novo cenário do romance): a pós-modernidade.
Geografias simbólicas e criadas	O espaço enquanto metáfora está presente nos próprios personagens, na trama, nas paisagens e lugares interiores, fundando um mundo, mantendo uma relação ambivalente de verossimilhança e imaginação, resultando em outras geografias.
Espaço romanesco	Parte de elementos de análise literária para compreender a trama, incorporando elementos próprios da estrutura narrativa como o tempo, o foco narrativo e a variação dos tempos verbais.

Fonte: Marandola Jr. e Oliveira (2009).
Adaptação: Guilherme dos Santos Claudino, 2019.

De acordo com os autores, há um elemento comum entre essas abordagens, revelando-nos dois atributos. Um deles diz respeito aos estudos ligados à espacialidade (materialidade) e, por outro, a geograficidade, ou seja, à imaterialidade.

A proposta de Suzuki (2017) caminha em uma direção mais sintética, baseando-se nos materiais produzidos nos simpósios nacionais e internacionais de Geografia e literatura e, também, num conjunto de dissertações e teses. São, para esse geógrafo, cinco abordagens: i) geografia humanista, cultural e fenomenológica; ii) geografia e estética literária; iii) literatura e ideologias; iv) reprodução das relações sociais; v) geografia, literatura e ensino.

Um dado interessante entre ambas as classificações é a hibridez de algumas temáticas, cuja revelação se cristaliza nos geógrafos elencados em cada um dos eixos. Um mesmo geógrafo pode fazer parte de mais de uma abordagem. Isso se justifica pelo fato dessas abordagens não serem escolas ou correntes, mas dimensões do objeto "literatura-geografia" pelo qual, hora ou outra, o geógrafo pode se interessar. Assim, a nervura da classificação é mais o objeto do que o modo de o interpretar.

A literatura enquanto objeto, no Brasil, se ficarmos apenas com dissertações e teses, contou com 38 produções até 2015, conforme destacamos no capítulo 6, podendo ser consultado, aos detalhes, no Quadro 10 dos anexos. As orientações de Lívia ocupam um lugar no conjunto dessa produção. É importante, então, entendê-las em seu aspecto constelar.

* * *

A primeira dissertação defendida no Brasil, que efetuou um diálogo entre Geografia e literatura, foi concluída em 1990; a primeira tese data de 1997. No primeiro caso e no segundo, foram orientações de Lívia. A dissertação tratou do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e a tese da *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Em ambas as situações, trata-se de um romance e igualmente abordam o enigma sertão. Esses trabalhos, todavia, não foram os primeiros que Lívia orientou em termos de saber geográfico. A dissertação de Marlene Teresinha de Muno Colesanti sobre *O ensino da Geografia através do livro didático no período de 1890 a 1971*, concluída em 1985, e a de Herbe Xavier, de 1990, voltando-se para *A observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico*, antecipam-se, em termos de constelação, das reflexões literárias. Colesanti, inclusive, é hoje professora da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, e conta com mais de 50 orientações entre dissertações e teses – a maior parte desses trabalhos voltaram-se para o ensino, a educação ambiental e a percepção ambiental, ou seja, um fiel exemplo dos caminhos outrora lançados por Lívia. Destacamos, desse corpo de orientandos, o geógrafo Tony Geraldo Carneiro (2008), que realizou uma importante reflexão epistemológica sobre o direito ambiental.

Para aqueles que pretendem se aprofundar contextualmente na obra de Lívia, é importante tocar nos estudos da geógrafa Geórgia Stefânia Picelli Laubstein (2008, 2012), que explora suas memórias através de entrevistas. Sem nenhuma dúvida, do ponto de vista epistemológico, Eduardo José Marandola Junior (2003)[321] é uma importante chave para compreender o pensar de Lívia; em seus textos, se misturam, muitas vezes, a admiração, amizade e influência teórica de Lívia com sua Geografia. Se pudéssemos fazer um julgar, diríamos, sem recuar, que esse geógrafo é um verdadeiro herdeiro de Lívia, embora não tenha sido seu orientando, do ponto de vista formal. Essas coisas – da amizade que transpassa a formalidade – remetem a uma constatação da qual pode surtir um outro modo

[321] Esse texto foi escrito com Lúcia Helena Batista Gratão.

investigativo de orientações acadêmicas, dado que não só de lutas e conflitos a ciência é realizada. O *choque* é o caminho mais comum da investigação do *elo* dos seres no realizar científico. Os *afetos*, por vezes, são deixados ao acaso, esquecidos.

As orientações de Lívia têm o tom do afeto. A afetividade cumpre, na verdade, duas posições: uma de objeto e outra de imanência no sujeito-pesquisadora-geógrafo sob sua orientação. O objeto inunda Lívia e, consequentemente, seus orientandos, notadamente nas reflexões literárias e existenciais. O afeto, todavia, não é sinônimo de passividade, e muito menos de ausência de poder. Lívia embora tenha sido filha da Universidade de São Paulo (USP), deixará sua marca no tempo sublinhada na UNESP de Rio Claro. O lugar, agora não objeto, explica Lívia, revelando uma geografia do conhecimento. USP e UNESP, embora paulistas, são espaços que foram ganhando, geração a geração, diferentes nervuras. Lívia, conforme as entrevistas realizadas por Laubstein (2008, 2012), protagonizou um importante papel, uma vez que seus objetos e modos de pesquisa se diferenciavam das investigações da geografia uspiana. O afeto, manifesto enquanto humanismo, personificou-se em nervura, dando-lhe, mais tarde, a marca de raiz.

Essa dança dos espaços produtores de conhecimento é algo realmente mágico. Em Laubstein (2008, 2012), novamente, percebemos que a UNESP de Presidente Prudente também é mencionada por Lívia, como um centro que floresceu no âmbito paulista. A geografia prudentina nada mais é do que uma síntese dessas duas forças que a antecedem: USP e UNESP de Rio Claro. Muitos docentes da já não tão jovem geografia prudentina vieram do resultado dialético desses dois centros e, como toda síntese de uma tese e antítese, é uma outra coisa. Cumpre observar que esses centros radiadores do conhecer apresentam, como não poderia ser diferente, diferenças que se caracterizam como nervuras. Não é prudente, todavia, ainda que muito sedutor, observá-las apenas em sua dimensão espacial, de "escola". A noção de constelação, mais plástica, permite-nos conectar as almas que migram entre as instituições, desde muito cedo, na aurora dos tempos de formação inicial nos cursos de graduação. As almas, quando em síntese do tempo que as marcam em um lugar específico, têm suas raízes e, sem estas, nenhuma é completa em sua totalidade.

Essas três universidades protagonizam três tempos na ordem dos acontecimentos, hoje coabitando no mesmo tempo. O entendimento do que, grosseiramente, podemos chamar de uma geografia "paulista" não pode ser pensado sem um desses personagens. Incluiríamos, ainda, para ficarmos no plano das pós-graduações, o vigoroso papel que a UNICAMP vem ganhando nos últimos

anos – essa que, também, é uma outra síntese das três anteriores, tendo, hoje, seu próprio modo de ser. Ainda que este debate seja muito importante e instigante, é necessário que retomemos nossa rota.

Como vimos expondo, as orientações de Lívia conformam uma constelação. Esta constelação, cuja psique é a nomenclatura com pretensão de totalidade, é banhada por diferentes temas, sendo a literatura um pequeno ingrediente. Nesse particular, concentraremo-nos em três casos: i) Solange Terezinha de Lima Ferreira, com a dissertação *A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas* (1990); ii) Vernaide Medeiros Wanderley, com a tese *A Pedra do Reino: Sertão Vivido de Ariano Suassuna* (1997); iii) Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola, com a dissertação *Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto* (2007).

Ferreira (1990) tem como objeto uma das mais instigantes e completas obras da literatura brasileira: o *Grande Sertão*, de Rosa. Essa obra, que desafia o próprio tempo e as clausuras das classificações teóricas, toca no infinito através de uma metafísica distinta e original. A figura de Riobaldo, um dos personagens fundamentais do romance, é analisada através da sua relação com as paisagens, tanto em seus aspectos materiais quanto imateriais. A nervura da coisa, todavia, é o ***sertão***:

> Espaço-sertão, ao ser um mundo desconhecido em sua amplidão: espaço de liberdade e aprisionamento, quase um labirinto de serras, rios, veredas, cerrados, chapadas e chapadões sem nomes ou aceitando todos os nomes, conforme cada viajante deste mundo sertanejo queira, onde se perder e se encontrar é uma questão de exercício e de manobras cotidianas num tempo que requer, que exige para a sobrevivência (ou o sobre-viver) o domínio absoluto do movimento sequencial ágil dos segundos e minutos ou das horas, em suas travessias, numa lentidão que neste espaço pouco significa para a continuidade da própria vida (FERREIRA, 1999).[322]

O sertão é uma das chaves para a compreensão de parte dos estudos literários no âmbito geográfico, uma vez que o maior número das obras literárias estudadas tem essa categoria geográfica enquanto condição do seu realizar espacial e existencial. Lembramos, como destacado no capítulo 6, em seu item 6.1.2.10, que os dois literatos mais estudados na Geografia brasileira foram Guimarães Rosa, com quatro estudos, e João Cabral de Melo Neto, com três. Das obras estudadas, destacam-se o *Grande Sertão* e o *Morte e Vida Severina*.

O *Grande Sertão* de Rosa alcançou o universalismo através de um lugar, uma vez que "O sertão está em toda parte (ROSA, 1994, p. 4)", "O sertão é do

[322] Utilizamos, além da dissertação, um capítulo escrito pela autora em 1999, no livro *Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira*, organizado por Vicente del Rio e Lívia de Oliveira.

tamanho do mundo (Ibid, p. 96)", "Sertão: é dentro da gente (Ibid, p. 435)", "O sertão é sem lugar (Ibid, p. 500)". O sertão é a chave que Rosa encontra para falar do mundo. Esse lugar-mundo é investigado por Ferreira (1999, p. 171) através dos fundamentos de Yi-Fu Tuan, entendendo que a "percepção geográfica relacionada à paisagem literária, é construída com o lastro do real ou não, nos revela novas e amplas trilhas de ação e realização no desenvolvimento da teoria e da pesquisa geográfica".

O interessante da análise de Ferreira (1990) é que o autor propriamente dito, Guimarães Rosa, não é estudado biograficamente como corriqueiramente acontece em estudos de autores clássicos do pensamento geográfico. É um exercício mais concentrado na obra do que no autor, ainda que a obra possa ser um reflexo do mesmo. Talvez aí esteja uma diferença em comparação com os estudos biográficos do pensamento geográfico. Campos (2003) também detecta esses elementos no trabalho de Ferreira (1990).

Ferreira continuará no doutorado com Lívia numa investigação sobre Paisagens & Ciganos, em 1997, e, 10 anos depois, conclui sua Tese de Livre-Docência – *Paisagens: aprendizados mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem*. Toda essa trajetória, assim como a de Lívia, foi trilhada na UNESP de Rio Claro. Entre suas dezenas de orientandos no mestrado e no doutorado, é detectável que a paisagem é o conceito-chave de suas orientações, juntamente com a *percepção ambiental*. Lívia, de certo modo, mantém-se entre as gerações, ainda que Lima tenha se aposentado em meados de 2016.

Vernaide Medeiros Wanderley, por outro lado, dedicou-se à obra de Suassuna. Wanderley tem formação em sociologia e doutorado em Geografia; antes de doutorar-se, já publicara livros de poesia e de literatura infantil. A tese em questão teve, de modo mais objetivo, o sertão como objeto. A categoria sertão que se manifestou no estudo de Ferreira (1990), através do *Grande Sertão* de Rosa, é, agora, investigada no Romance *A Pedra do Reino*. Wanderley, todavia, sustenta sua análise através do método histórico-discursivo da linguagem, articulando-se à percepção da paisagem – o sertão, nesse romance, foi um lugar-vivido por seu autor. Suassuna articula os elementos físicos e materiais do sertão à sua dimensão mágica e mítica através do *saber popular*. Suassuna realiza uma

> [...] busca permanente de compreensão da terra e da alma do povo sertanejo enche a escritura suassuniana de símbolos de expressão local, regional e universal e permite que o romance seja visto como um testemunho: sobre o espaço da existência e das possibilidades humanas; sobre as formas como o homem integra-se e convive com o meio físico, a dimensão e os outros homens; sobre os sentimentos de ódio, revolta, sarcasmo, alegria, solidão, saudade, amor e medo em relação às paisagens e aos lugares (WANDERLEY, 1997, sem página)[323].

Na citação, percebemos como a terra enquanto sertão é entendida. Já alertamos que, na constelação de Petrone, a terra teve uma outra tonalidade, ainda que em certas almas houvesse uma aproximação com o lastro existencial. O que chamamos de humanismo na Geografia, que por vezes se confunde com uma Geografia cultural, tem uma inclinação muito próxima às faculdades do psíquico. O sentimento em comunhão com a terra cria uma relação que só pode ser compreendida através de um programa de pesquisa que tenha, efetivamente, certa intimidade com aquilo que os antigos chamavam de "voz interior", da *psique*. A literatura é um caminho primoroso para essa empresa, porque reflete o subsolo inquietante da mágica da vida humana. A literatura, portanto, eleva os estudos do *pensar*, *ser*, *conhecer* e o *saber geográfico* a outro patamar.

A tese de Wanderley, em sua totalidade, é permeada por diversos autores do então humanismo presente nas décadas de 1970, 1980 e 1990 na Geografia mundial, como Yi-Fu Tuan, David Lowenthal e Douglas Pocock. É uma tese que reflete, assim como a dissertação de Ferreira, todo o programa estruturado por Lívia. Evidentemente, Lívia por si só não desenhou os estudos humanistas no Brasil e, muito menos, a solavanca dos estudos literários. Contudo, sua figura fora fundamental, pois catalisou um movimento aparentemente disperso e o materializou em Rio Claro, através de uma Geografia que necessitava se haurir.

Nesta constelação, o sertão é uma das nervuras mais pujantes porque ele é, no conjunto das orientações de Lívia presentes em nosso recorte, o núcleo comum enquanto objeto no interior das análises geográfico-literárias das dissertações e teses. O trabalho de Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola, *Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*, igualmente orientanda de Lívia, também tem o sertão como chave analítica de seu estudo, juntamente com o rio. No poema "Morte e vida severina", Severino migra através do rio Capibaribe em direção a Recife.

Silva Marandola (2007) divide seu estudo em três capítulos. No primeiro, realiza uma análise contextual de João Cabral, revelando seu lugar, profissão e seus

[323] Trecho retirado do resumo da tese.

caminhos no Brasil e na Espanha, colocando em relevo sua Geografia pessoal. Ainda nesse capítulo, demonstra-se o método da poesia cabralina, notadamente a razão, objetividade e a poética da negação.

No segundo capítulo, o poema "Morte e Vida Severina" é analisado, destacando a Geografia de que lhe é intrínseca. No último capítulo, discute-se o "caminho do rio e do homem", indicando e revelando as imagens geográficas, o rio sendo tanto caminho quanto lugar. Silva Marandola (2007, p. 65, grifo nosso) considera que

> [...] tanto do ponto de vista da importância e envergadura de seu autor, quanto da repercussão e significado dos temas tratados, "Morte e vida severina" é um texto (no seu sentido amplo) que merece ser lido, relido e estudado. Do ponto de vista geográfico, é rico em imagens e conteúdo telúrico, de um lado, sem perder a indissocialidade sociedade-natureza, de outro. Traz questões fundamentais para pensar as relações entre o conhecimento e a linguagem artística com o **saber geográfico**, na medida em que revela uma geografia essencial. Permite que estabeleçamos pontes entre a linguagem e o conhecimento artístico e científico, procurando explicitar a ligação natural e primeira entre estes saberes e suas formas de dizer.

Silva Marandola, que tem formação em geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), já demonstrava aproximações com a literatura. Seu trabalho de conclusão de curso – *Literatura e Cidade: uma leitura geográfica daobra de Italo Calvino*, de 2004, já revelava seu interesse pelo tema. Esse trabalho foi realizado sob orientação da geógrafa Yoshiya Nakagawara Ferreira. Um aspecto interessante nese estudo é revelado nos agradecimentos, onde Mota e Silva[324] (2004, sem pág.) destaca: "professores Carlos Augusto de F. Monteiro e Lívia de Oliveira, que gentilmente conversaram comigo me dando várias dicas e fornecendo diversos dos textos que foram fundamentais para este trabalho" – importantes figuras à promoção dos estudos literários no corpo geográfico brasileiro.

Os voos da imaginação através de metáforas espaciais são as materialidades subjetivas da cristalização da existência humana através da literatura. O sertão é uma chave que, nos trabalhos selecionados, revelou-se como nervura nesta constelação, com ênfase mais acentuada em Ferreira (1990) e Wanderley (1997) e, com outros elementos (como o rio), o de Silva Marandola (2007). Em termos de um programa de pesquisa que não cabe a nosso estudo, é possível realizar comparações entre *Os Sertões,* de Euclides da Cunha (Semiárido

[324] O sobrenome da autora é diferente no trabalho de conclusão de curso e da dissertação. No primeiro caso é apenas Janaina de Alencar Mota e Silva, no segundo Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola.

do Nordeste), o de Guimarães Rosa (Noroeste de Minas Gerais), o de Ariano Suassuna (Semiárido do Nordeste) e o de João Cabral de Melo (Sertão pernambucano). Wanderley (1999) já apontou alguns indícios desse programa que, do ponto de vista geográfico, pode revelar importantes resultados.

Conforme apontamos nas constelações anteriores, e nesta não foi diferente, apenas tocamos em uma pequena fração de suas orientações e temas investigados. O saber geográfico em Lívia pode ser investigado através de outros caminhos, pessoas e perspectivas. Lembramos, ainda, que a constelação reconhece o encantamento de pretender a totalidade, algo inerente à atividade intelectual. A constelação, como Theodor Adorno (2009) nos indicou, precisa reconhecer aquilo que foge, escapa e revela sua própria limitação diante de um todo. Recordando Zuidervaart (1991 p. 62), sempre "devemos construir uma constelação de conceitos para iluminar os contornos cambiantes de um fenômeno que se desdobra continuamente". Por isso, nos valemos da *psique*, sustentada pelo *humanismo*, *percepção*, *cognição*, *metáfora*, *representação* e, por fim, do pórtico, a *literatura*. Tais conceitos são "analogias, metáforas e emblemas, são fios com que o espírito se prende ao mundo, mesmo nos momentos em que, desatento, perde o contato direto com ele; são eles também que garantem a unidade da experiência humana" (ARENDT, 2014, p. 129). Esses conceitos afirmam o balé do *saber geográfico* em diferentes instâncias da vida: do *"diabo na rua, no meio do redemoinho"*, conforme nos indica o *Grande Sertão* de Rosa.

Esta raiz nos conduziu à *existência*; ainda que, objetivamente, não tenha se tornado um objeto em sua completude. De modo mais flagrante, a *existência* será o farol da nossa próxima raiz: Armando Corrêa da Silva. Sua constelação, a mais labiríntica, é o assunto da nossa próxima discussão. Ainda que a existência, ou mesmo a dimensão espacial, da condição humana seja um dos caminhos mais promissores desta próxima constelação, o *método* foi a nervura que ganhou maior destaque, cristalizando-se em nosso próximo mergulho.

9.4 Raiz Constelatória Armando Corrêa da Silva

Um novo iniciar se apresenta através do geógrafo Armando Corrêa da Silva, configurando-se em nossa quarta e última raiz a ser analisada. Natural de Taquaritinga – SP, nasceu no dia 26 de novembro de 1931, deixando-nos em 26 de agosto de 2000, aos 69 anos. Sociólogo de formação, encontrou na Geografia o cerzir do conhecimento. Com uma trajetória irreverente e original, Armando[325] é, certamente, uma das figuras mais singulares na Geografia brasileira. Boêmio, pianista, outrora balconista, caiu na Geografia e produziu uma obra que ainda é cheia de segredos aos geógrafos que nela se dispõem a mergulhar. Assim como Ab'Sáber e Petrone, teve na Universidade de São Paulo sua atividade como docente e investigador. Diferentemente das raízes anteriores, na maior parte dos seus textos, o leitor sai com uma sensação enigmática, como de algo que ainda não veio a ser. Um certo toque de mistério percorre as linhas de seus escritos, movidos, em sua quase totalidade, por questões e, quando muito, arriscando determinadas respostas.

Os livros *Espaço fora do Lugar* (1978) e *De Quem é o Pedaço* (1986) provavelmente são as obras mais comentadas e lidas de Armando. Essas obras reúnem um conjunto de textos publicados em revistas entre as décadas de 1970 e 1980. Justifica-se tal interesse, por um lado, pelo convite que os títulos evocam; seu tom desconcertante e criativo revela um geógrafo diferente. Por outro, seu conteúdo reflete uma preocupação constante com o caminhos epistemológicos e existências da Geografia, tanto no que se refere ao objeto quanto ao método, às categorias e conceitos. Há, em Armando, uma proposta de Geografia e de como pensá-la no realizar do geógrafo. Outra obra, como *Geografia e Lugar Social* (1991), firma tanto a *trajetória* do autor em questão quanto sua característica fundamental: a de *renovar* – certamente, esta seja uma das características deixadas a seus orientandos, a de *criar* e buscar pelo *hodierno*, sempre munidos de liberdade intelectual e guiados pelo rigor científico. É possível, contudo, encontrar um Armando mais transparente e desnudo em *Saudades do Futuro* (1993)[326], um dos seus últimos livros publicados. Nessa obra, o leitor mergulha na trajetória pessoal de Armando através da poesia, da música e dos bares, desenhando uma prosa entre seus amores e, principalmente, com os *garçons*.

Além desses materiais, produziu muitos manuscritos que não foram publicados. Numa breve revisão dos textos que analisaram seu pensar e realizar acadêmico, identificamos que estes, em sua grande maioria, foram elaborados por

[325] Iremos nos referir apenas ao primeiro nome.
[326] "Saudades do Futuro não é uma metáfora, é uma forma de exprimir o meu antes e o depois" (In: Documentário Prof. Armando, seu piano e sua Geografia).

seus orientandos, e, neles, sempre são mencionados manuscritos deixados por Armando, muitos dos quais em carácter de apostilas em disciplinas de pós-graduação. Esse material, sob posse de muitos orientandos, talvez os mais próximos, é um material que demanda um levantamento mais sistematizado, comprovado e, posteriormente, publicado à comunidade acadêmica. A impressão de quem procura compreendê-lo é de que sempre terá algo a ser descoberto, dado que, a cada texto lido sobre sua figura, é mencionado um texto deixado por Armando, mas não publicado. Além da complexidade da sua Geografia, o pesquisador precisa considerar essa condição escorregadia, do risco de deixar algo de fora[327].

Além dos livros, artigos e manuscritos não publicados, "suas teses" são outra fonte promissora de acesso ao seu pensar. Armando foi um caso de doutorado direto. *O litoral norte do estado de São Paulo: formação de uma região periférica* foi sua tese defendida no mês de maio de 1975, sendo considerada, de acordo com Martin (2014, p. 20), "bem aceita pelos seus mestres uspianos, e que consolidou seu nome no rol da comunidade dos geógrafos brasileiros". Teve, como orientador, o geógrafo e economista Dirceu Lino de Mattos e compuseram a banca os geógrafos Manuel Correa de Andrade, Antonio Emílio Muniz Barreto, José Ribeiro de Araújo Filho e Pasquale Petrone. Assim como em Lívia, seu contato com as raízes anteriores (Ab'Sáber e Petrone) fora fundamental em seu caminhar.

> Sua aproximação com Aziz Ab'Saber e Pasquale Petrone parece ter sido decisiva para que não desistisse da Geografia. Com o primeiro aprendeu o significado do trabalho de campo para a pesquisa geográfica, ao acompanhá-lo numa excursão até a região de sua infância, o litoral de São Sebastião, e do segundo recebeu o estímulo fundamental para que fizesse um doutorado direto, já que possuía boa bagagem teórica e experiência didática. É o caminho que de fato seguirá. (MARTIN, 2014, p. 18).

Esse dado é importante pois revela as relações, diálogos, que transcendem a linearidade com que a ideia de árvore com seus galhos pode conduzir as nossas intepretações. A *medida* da influência sempre será plástica, de difícil precisão. De um ponto de vista contextual, Armando lembra: "meu trabalho foi elaborado durante o governo do Presidente Médici, ou seja, de 1970 a 1973. Mas, foi em 1974, que me ocorreu a solução teórica. Tive que realizar minha tese em condições, então,

[327] Cabe destacar, todavia, o importante papel que o geógrafo Elvio Rodrigues Martins, um dos seus últimos orientandos de doutorado, vem realizando ao longo dos anos. Este geógrafo promoveu um evento, talvez o único do gênero, sobre o pensamento do Armando em 2008 na Universidade de São Paulo – USP, denominado Armando Corrêa da Silva: Filosofia, Geografia e Arte. Todas as mesas redondas foram compostas por ex-orientandos do Armando. Outro dado importante foi o projeto coordenado por Elvio intitulado Contribuições teóricas para a geografia: organização, descrição e difusão do Fundo Armando Correa da Silva da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária/USP. Uma das frentes deste projeto é a catalogação da biblioteca do Armando, que de acordo com um levantamento prévio estima-se mais de 4.000 materiais, entre periódicos, livros e dissertações e teses.

muito adversas, pois o país inteiro estava tomado pela febre da integração nacional" (SILVA, 1979, p. 114). Além do papel da banca e da situação política brasileira, a figura do filósofo José Chasin fora fundamental para a construção de sua tese, como relembra: "Conversamos muitas vezes – sobre o seu trabalho e sobre o meu – como se fossem (e eram) coisas distintas" (SILVA, 1979, p. 114). José Chasin será essencial para a aproximação de Armando com a ontologia, como veremos mais adiante.

A tese do Armando em questão não será tão emblemática quanto à sua de Livre-Docência. Armando foi reprovado pela banca, sendo, ainda hoje, um assunto polêmico e não tão explícito quanto as motivações que levaram a tal resultado. Essa tese, intitulada *Cinco Paralelos e um Meridiano: Contribuições ao Discurso Geográfico Teórico* foi defendida em 1979. Contando com cinco capítulos distribuídos em 150 páginas, Armando faz as seguintes recomendações ao leitor:

> Então, a sequência de descoberta, a posteriori, foi, conforme acima, o fluxo contraditório mediado 4, 3, 4, 2, 1. O leitor, se o desejar, poderá seguir este caminho, na leitura. Contudo, pode, também, se preferir, orientar-se pela sequência de exposição 1, 2, 3, 4, 5, que é aqui apresentada. **Ou, poderá programar sua própria sequência, por exemplo: 3,1,2,4,5; ou, ainda, 5,2,1,4,3,** etc. (SILVA, 1979, p. 00A, grifo nosso).

Armando permite ao leitor a escolha da ordem de leitura dos capítulos e "isto significa que este livro possui uma lógica geral e várias lógicas especiais, tantas quantas são as permutas, arranjos e combinações possíveis de 1 a 5. Ou, 6, se incluir-se a introdução". (SILVA, 1979, p. 00A). Quanto ao sentido do título (paralelos e meridiano):

> O nome deste trabalho, CINCO PARALELOS E UM MERIDIANO, deu muito que fazer ao autor, em sua decodificação – pois foi imaginado depois de redigidos aos manuscritos – e porque ela é passível de muitos significados. Não o tomo no sentido cartográfico. Para mim, o Meridiano é esta introdução, que é redigida em linguagem clara e direta. Os Paralelos são os cinco ensaios, porque neles travo uma discussão (na verdade várias discussões) com interlocutores que não estão sempre especificados. (SILVA, 1979, p. 000).

Este trabalho por si só é uma nervura: sua proposta metodológica, a coragem do autor, os objetos, o ritual de defesa etc. são fatos que marcaram a história das defesas de teses do Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo. Entre as nervuras desse trabalho, uma se destaca em

seu conjunto: o ecletismo. Armando estava consciente de sua proposição teórico-metodológica e de seu método de pensar, que, para os leitores, poderia soar como eclética. Por conta dessa questão, redigiu as seguintes recomendações e esclarecimentos sobre seu modo de pensar:

> Trabalho ontometodologicamente com uma afirmação, que é desdobrada, termo a termo, sob a forma de argumentos. Como não se trata de teoria do conhecimento, ou de epistemologia, não faço citações. O raciocínio encadeia-se movido pela própria lógica interna ao texto, segundo aquele sentido da análise matricial referido antes, e através de um processo em que as ideias, destituídas de suas raízes genéticas, caminham serenamente no decorrer da demonstração ôntica. Posteriormente, verifiquei que trabalho com apoio nas seguintes teorias: a teoria das "mônadas" de Leibniz; a teoria que se refere à dicotomia "razão pura-razão prática" de Kant; a teoria sobre a dialética e a história de Marx; a teoria sobre ciências idiográficas e nomotéticas de Windelband; a teoria analítica de Wittegenstein; a teoria fenomenológica da percepção geral; a teoria do existencialismo de Sartre; a teoria estrutural de Althusser.
>
> Então, há ecletismo?
>
> Não, não há ecletismo (contra o qual nada tenho a opor). Se digo que trabalho com essas teorias, é porque elas são, agora, instrumentos da minha práxis intelectual acadêmica (e não acadêmica), científica, de pesquisa e técnica.
>
> Um operário lida com várias ferramentas e instrumentos: não há ecletismo. Um intelectual lida com várias ideias: há ecletismo. Não me surpreendo com a discriminação que, de resto, é pré-consciente e pré-contemporânea. (SILVA, 1979, p. XII, grifos do autor).

Nota-se que Armando, além de consciente do seu método, repele o entendimento de que poderia estar cometendo um ecletismo, argumentando, então, que o conjunto diversificado de instrumentos é parte de sua práxis intelectual.

Para dois de seus orientandos, Eliseu Savério Sposito e André Roberto Martin, que estavam presentes durante a defesa de Armando, ocorreram os seguintes acontecimentos:

> *Flashback*. Em 1989 assisti à reprovação de Armando em seu exame de livre docência. Ele apresentou um texto intitulado *Quatro paralelos e um meridiano*. Contrastou sua ousadia, seus termos com forte apelo teórico e o conservadorismo (mesmo que com a competência de estar por ali) dos membros da banca. **Ele pagou o preço de desafiar a banca**, que o havia prevenido para que ele não fosse para o exame, mas ele pediu que fosse reprovado publicamente, na presença de seus pais, alunos e amigos. **Alguns membros da banca, com comportamento irado, não aceitaram o desafio.** Reprovado, Armando reapresentou-se para um novo exame de livre docência dois anos depois, quando foi aprovado. Aí ele apresentou, no novo texto, um mapeamento do espaço relacional de um

> estudo empírico que realizou no bairro da Consolação, em São Paulo. (SPOSITO, 2011, p. 112, grifo nosso).

Para Martin (2014, p. 21, grifo nosso):

> [...] o próprio Armando reconheceria que não foi bem na prova prática, saiu-se melhor na defesa do Memorial, e foi muito bem na prova escrita. Ou seja, foi realmente em razão da sessão de defesa da Tese que o veredicto foi tomado. **E me lembro, por tê-la assistido, que Armando enfureceu vários membros da banca ao retrucar a crítica de que não "havia uma Tese" propriamente dita em seu trabalho, pois faltava unidade temática entre os capítulos. Ele ironizou dizendo que havia tantas teses quantas ordens de leitura desses capítulos, pois, se bem que independentes e válidos em sua singularidade, cada um deles se articulava com os demais numa determinada ordem lógica, a qual poderia ser definida livremente pelo leitor.** Assim, o fato de não possuir uma forma tradicional, com começo, meio e fim, não significava a ausência de uma Tese, mas apenas que a mesma não estava tão evidente.

O ritual das defesas, por seu próprio sentido – defender – leva os participantes a embates teóricos que, a depender dos casos, conduzem à reprovação. Evidentemente que nem sempre o conhecimento produzido nas dissertações e teses é o objeto de análise, o que, supostamente, deveria ser. A dimensão política – inerente à vida – por vezes sobrepõe-se ao objeto propriamente dito para sua defesa. No caso em questão, se ficarmos aqui com os relatos de Sposito e Martin, o carácter político foi preponderante à reprovação. A dimensão teórica da tese (e sua consequente característica inovadora) – que também é política – somou-se à figura que Armando representava naquela década de 1970, juntamente, apenas a citar, com Milton Santos, este que, para Armando (1979, p. 00A), deu-lhe "o necessário estímulo inicial" para a elaboração da tese. O novo que sempre vem, parafraseando Elis Regina, próprio da atividade do conhecimento, fundiu-se ao espírito de transição política do Brasil na defesa do Armando, cristalizando uma das mais transparentes nervuras na nossa recente história da Geografia produzida no Brasil. É necessário citar, consequentemente, as figuras que compuseram a banca: Orlando Valverde, Jurgen Langenbuch, Antonio Olívio Ceron, Pasquale Petrone e Dirceu Lino de Mattos. De todos, apenas Pasquale Petrone aprovou a tese, o restante, incluindo seu orientador do doutorado, Dirceu de Mattos, reprovaram-na. Tecida a trama entre outras raízes, estrelas de outras constelações e a efetivação de novas nervuras, deu-se o surgir de uma nova raiz.

Que fins deram essa defesa na posteridade? Recorramos, mais uma vez, ao relato de seu orientando André Roberto Martin (2014, p. 22, grifo nosso):

> Apesar de derrotado em termos acadêmicos e administrativos, Armando sentiu-se vitorioso nos planos político e epistemológico: **ele havia indicado a possibilidade da construção de um discurso teórico orgânico em Geografia, e não fora "vencido" em termos de argumentação, muito pelo contrário.** O fato de as arguições da banca haverem se concentrado apenas no primeiro capítulo da tese lhe pareceu uma prova de que seu trabalho de fato incomodara o "establishment" empirista da Geografia brasileira. Daí sua decisão de seguir nesse veio, uma chave encontrada, afinal, para a solução do histórico problema do objeto da Geografia. Além disso, inquestionavelmente, **sua reprovação provocara uma onda de solidariedade entre os estudantes, tanto de graduação como de pós-graduação, e entre os professores mais jovens, o que terminaria por colocá-lo, num primeiro momento, como ponto de referência incontornável do debate teórico em Geografia e, logo em seguida, como liderança nacional e local da Associação dos Geógrafos Brasileiros.**

Armando, portanto, saiu vitorioso em termos políticos e, passados os anos, também intelectualmente. Três anos após sua defesa em 1979, Armando, rapidamente, defende e apresenta outra tese à Livre-Docência, intitulada *Metrópole ampliada e o bairro metropolitano, o caso de São Paulo: o bairro da Consolação*, defendida em 1982. Esse trabalho teve um carácter mais empírico que o anterior, mas isso "não deve nos levar a pensar que se trata de um estudo descritivo tradicional. Pelo contrário, o principal objetivo de seu esforço foi testar duas hipóteses eminentemente teóricas [...] (MARTIN, 2014, p. 23). Com quase 500 páginas, Armando, dessa vez, foi aprovado. Compuseram a banca os geógrafos Milton Santos e Aziz Ab'Sáber, os sociólogos Gabriel Cohn e André Villalobos e o economista Paul Singer.

Esta raiz é – entre todas – a que de modo mais conciso fez fluir geógrafos à epistemologia e à história da Geografia no Brasil. Armando é, incontestavelmente, um ponto cósmico na ordem das coisas que, contemporaneamente, desenhou diferentes *modos de pensar o geográfico da existência*. Armando é uma alma que colocou tijolos-alicerces no fluxo teórico de fazer Geografia no Brasil. A singularidade intelectual que lhe faz ser quem é materializou-se em cada unidade das suas orientações. Estas que caminharam por distintas portas da filosofia e história da Geografia, unem-se, consequentemente, nesse mesmo aspecto: do *histórico* e do *teórico-conceitual-propositivo do saber geográfico*. Provavelmente, todos os geógrafos formados nas universidades brasileiras nas últimas duas

décadas tocaram em algum texto de sua autoria ou, o que é bem mais provável, de seus orientandos, quando o assunto é *pensamento geográfico*. Basta, aqui, lembrarmos de três orientandos aleatórios: Antônio Carlos Robert Moraes, Eliseu Savério Sposito e Ruy Moreira – seres-frações desta quarta constelação que, logo mais, iremos mergulhar pelos caminhos que seguiram, incluindo-se, ainda, outras almas de importante relevo nessa primeira disposição das coisas.

Podemos adiantar, preliminarmente, uma das nervuras do seu realizar científico à Geografia: o debate ontológico. Não se fala de ontologia em Geografia sem passar pelos textos de Armando. Eis um dos tijolos. O *ser* do espaço e a *dimensão espacial da existência*, nos revelam, ainda que previamente, um dos interesses mais pujantes das investigações desse geógrafo. Em termos objetivos, Armando colocou eletricidade no que, à sua época, entendia-se como conceitos e categorias da Geografia, entendendo-os como *elementos que dão ritmo ao existir*.

Na literatura geográfica brasileira, que vem se avolumando ano após ano, tem-se dado bastante ênfase ao aspecto ontológico de sua produção, tangendo-lhe, por vezes, o carimbo de iniciador desse complexo debate em relação ao Brasil. Iniciar um assunto quando a questão é ciência, como todos sabemos, confere ao intelectual certo reconhecimento. Permite-lhe, assim, ser um *em-si* no turbilhão infinito da produção do saber – uma singularidade diante das repetições. A história, todavia, sempre nos dirá o contrário, apontando, repetidas vezes, que há sempre um pouco de um outro que nos antecede. Pensamos, todavia, que cabe ao estudioso das ideias *pesar o fluxo das influências* e decidir a que ponto da escala dos seres certas almas pertencem. Entendamo-lo como uma raiz. Argumentaremos que, sem sua presença, muita coisa poderia *não existir* nas pesquisas em Geografia no Brasil dos dias de então, uma vez que, além de promovedor de ideias, Armando teve bons orientandos, ou, inversamente, estes um bom orientador. Veremos, também, cada um deles, entendendo-os como *caminhos* na abundante profusão labiríntica desta constelação.

Para realizar este caminhar, seguiremos duas orientações que se erguem como nervuras. A primeira é o *método*, a segunda, a *existência*. A princípio, daríamos destaque apenas à existência. Suspeitávamos que a *exsistĕre* pudesse dar conta desta constelação enquanto atmosfera de todos os tentáculos de suas orientações. Teria, tal qual as constelações anteriores, um sentido de recorte e, em menor grau, a vontade de transcendência diante da raiz. De certo modo, isso se realizaria, porém deixaria de lado aquilo que lhes faz efetiva em seu constructo: o *método*. Nesse quadro, portanto, consideramos indissociável a discussão da

existência e, respectivamente, do método em Armando. Essas palavras não são gratuitas. Elas trazem consigo outros elementos, como teorias, leis, conceitos, categorias etc., fatores que constituem a efetivação do método em termos de ciência. Consequentemente, não poderemos debate-las com a merecida atenção, uma vez que extrapolaríamos os objetivos deste momento da nossa reflexão, levando-nos, inclusive, a buscá-las em cada unidade de suas orientações.

A escolha pela existência, num primeiro momento, não pretende repelir, ou, o que é mais nocivo, diminuir o papel da essência. É um recorte. Embora tenhamos um conjunto numeroso de textos sobre Armando, é inexistente um trabalho contextual do seu realizar acadêmico em termos de tese, mesmo, até, de dissertação. Há pedaços (capítulos) em diferentes trabalhos acadêmicos sobre certos aspectos da figura Armando. Em sua maior parte, conforme já apontamos, referem-se à ontologia. Isso pode ser explicado, por um lado, pelo caráter labiríntico de suas ideias, e, por outro, pela complexidade da concatenação das suas elaborações teóricas. A nós, igualmente, Armando terá apenas um conjunto de caracterizações no âmbito do presente capítulo, somando-se, assim, ao contingente das outras tentativas. Armando, aqui, é uma raiz com pretensão de um *meio-início*, não um fim. O objeto, por si, é a constelação, e a revelação de suas nervuras o objetivo.

As duas orientações [método e existência] que nos guiarão através dos caminhos desta constelação, são, tal qual a *forma*, o *clima*, a *terra* e a *psique* das anteriores – as frações que escolhemos para compreender algumas relações da raiz com o conjunto de orientações. Cabe lembrar, novamente, que entendemos essas frações como partes do que, inicialmente, denominamos de estudos *históricos e teórico-conceitual-propositivo*, duas dimensões analíticas do *saber geográfico enquanto objeto de pesquisa-síntese do conhecer e do pensar*.

Quanto aos caminhos [orientações], identificamos doze possibilidades que conformam as trilhas de compreensão das diferentes dimensões desta constelação, considerando o saber como objeto. Esses caminhos, lança-nos a outros caminhos, ampliando-se, infinitamente, a cada nova geração, complexificando a condição rizomática de que lhe é inerente. Optamos por seguir pelas portas de suas orientações. Cada orientando desta constelação será concebido como um *caminho*, um instante, no fluxo temporo-espacial aberto pela raiz. Passaremos por cada um deles sem a pretensão de encontrar, necessariamente, as saídas. Algumas dessas trilhas foram mais expoentes enquanto concreção de um programa de pesquisa sobre o saber geográfico, destacando-se, assim, um expressivo número de orientações.

Outras, todavia, não tiveram o mesmo fôlego, contando com um percentual reduzido de orientações. Nominemos, pois, cada um dos caminhos:

I) Odeibler Santo Guidugli, **II)** Wanderley Messias da Costa, **III)** Antônio Carlos Robert Moraes, **IV)** Eliseu Savério Sposito, **V)** André Roberto Martin, **VI)** Rosana Figueiredo Salvi, **VII)** Regina Celia de Araujo, **VIII)** Ruy Moreira, **IX)** Elvio Rodrigues Martins, **X)** Iole Iliada Lopes, **XI)** Werther Holzer, **XII)** Raul Borges Guimarães.

Essa disposição e ordem não é aleatória, uma vez que segue a lógica temporal das orientações, iniciando nas mais antigas até as mais próximas. Esta estratégia pretende, entre outras coisas, demonstrar, em sua quase totalidade, a heterogeneidade dos objetos pesquisados pelas orientações de Armando, sem deixar, ao mesmo tempo, nenhuma alma de fora da descrição, em uma razoável tentativa de analisá-las. Com isso, ainda, pretendemos seguir em um chão mais sólido, dado que, como será demonstrado, perder-se e desviar-se é um risco constante na presente constelação. Objetivamos, portanto, desenhar um quadro geral ao leitor do estado das pesquisas que ora se impõem à tese. Essa ordem, todavia, não será, rigidamente, seguida linearmente. Em alguns momentos, tivemos que fazer saltos em busca de conexões mais sólidas que a linearidade não nos possibilitava. Cada um desses caminhos que desenham a constelação da raiz Armando detém em sua singularidade uma complexidade que lhe é própria. São sujeitos, entendidos como estrelas, que antes da conexão acadêmica com Armando já possuíam em si um mundo e, pós-Armando, abriram-se a outros universos. Armando, portanto, é um instante, no movimento dessas vidas – instante que, a depender da durabilidade e do impacto, torna-se nevrálgico em cada trajetória desses sujeitos, produzindo nervuras eternas.

Há, ainda, uma advertência necessária a destacar. Cada unidade de orientação, pós-defesa, faz nascer um outro universo-possível, uma nova corda no tear do infinito. Cada sujeito vai criando seu próprio sentido de ser diante do conhecimento. A materialização de uma carreira acadêmica quando então esse sujeito, posteriormente, torna-se orientador, tangi-lhe de uma certa autonomia perante a raiz. Tal autonomia pode caracterizar-se por um novo tipo de pesquisa, literalmente diferente daquela da raiz. Esse tipo de situação complexifica ao mesmo tempo em que enriquece a constelação – lugar onde as contradições podem coexistir em termos de exposição. O *fio* de ligação dessas almas – as nervuras – são

as chaves para decifrarmos a mágica das influências e autonomias de cada sujeito no reino do saber. Tais nervuras são o magma que dá a costura na relação existencial da atividade científica dos sujeitos – *relação* que é própria do humano. As nervuras são, pois, a estrutura subterrânea do saber geográfico acadêmico brasileiro.

Poder-se-ia, com segurança, adicionar o *tempo*, a *política* e a *arte* (poético e musical: alguns orientandos, assim como Armando, mantiveram atividades com a composição de músicas e poesias), como outras nervuras desta raiz, além, evidentemente, do *espaço*. São palavras que se repetem no conjunto de seus textos e nas dissertações e teses orientadas juntamente com *método* e a *existência*. Passaremos por elas de modo menos enfático do que com as selecionadas. Entendemos que seu cântico se dá com a proposta teórica então denominada *fenomenologia-ontológica-estrutural,* revelando, portanto, sua preocupação e ocupação com o método, epistemologia e ontologia da Geografia. Tudo isso se soma à concepção da Geografia como uma *subtotalidade*, também denominando-a de uma *ideologia do cotidiano*.

Seus primeiros[328] textos têm um íntimo diálogo com o método, conforme se nota nos números publicados na década de 1970 na Revista *Métodos em Questão* do Departamento de Geografia da USP – periódico que teve uma durabilidade relativamente efêmera, contando com pouco mais de dez números. O interessante desse periódico é que seu objetivo era justamente a discussão do método. Derradeiramente, surgirão as primeiras reflexões sobre a ontologia, ainda na década de 1970. Por conta disso, iniciaremos com o método com uma breve incursão histórica, e, seguidamente, tocaremos na existência, buscando, sempre, as conexões com as gerações seguintes.

O debate teórico-metodológico e histórico da Geografia não são questões novas. O método e a existência são partes desse debate, que é indissociável do diálogo com a filosofia. Por isso, Armando afirma: "qualquer que seja a resposta a essas questões, eu penso que o problema da filosofia da Geografia, como indicação de solução, é uma questão premente. E que nós temos que resolver, de alguma forma" (SILVA, 1986b, p. 116). Vejamos Armando sob uma ótica de como seus orientandos buscaram ou tentaram respostas ao desafio posto, numa constelação de caminhos.

[328] O texto mais antigo de Armando que encontramos foi *Estrutura e mobilidade social do proletariado urbano em São Paulo*, publicado na Revista Civilização Brasileira, n. 13, Rio de Janeiro, GB, 1967.

RAIZ CONSTELATÓRIA

Armando Corrêa da Silva

1975 - Doutorado* - **USP (GH)**

1980
- Odeibler Santo Guidugli (1980) - Doutorado* - **USP (GH)**
  - Rui Ribeiro de Campos (2004) - Doutorado - **UNESP - RC**

1982
- Wanderley Messias da Costa (1982/ 1991) - Doutorado* - **USP (GH)**
- Eliseu Savério Sposito (1983) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Márcia Ajala Almeida (1999-2005) - Mestrado/Doutorado* - **UNESP - PP**
    - Reginaldo Carlos de Abreu (2011) - Mestrado - **UFMT**
  - Flaviana Gasparotti Nunes (2000-2004) - Mestrado/Doutorado- **UNESP - PP**
  - Marcos Aurélio Saquet (2001) - Doutorado* -**UNESP - PP**
    - Sueli Santos da Silva (2009) - Mestrado - **UNIOESTE**
    - Joice Aparecida Antonello Abrão (2012) - Mestrado - **UNIOESTE**
  - Fabrício Pedroso Bauab (2005) - Doutorado - **UNESP - PP**
    - Sandra do Nascimento (2010) - Mestrado - **UNIOESTE**
    - João Vitor Gobis Verges (2013) - Mestrado - **UNIOESTE**
  - Tulio Barbosa (2006) - Mestrado - **UNESP - PP**
  - Antonio Elisio Garcia Sobreira (2009) - Doutorado - **UNESP - PP**
  - Antonio Henrique Bernardes (2012) - Doutorado - **UNESP - PP**

1983
- Antonio Carlos Robert Moraes (1983) - Mestrado/ Doutorado - **USP (GH)**
  - Vagner de Carvalho Bessa (1994) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Luiz Lopes Diniz Filho (1994) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Perla Brígida Zusman (1996) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Alecsandro José Prudêncio Ratts (1996) - Mestrado* - **USP (GH)**
    - Diogo Marçal Cirqueira (2010) - Mestrado - **UFG**
  - Gunther Rudizt (1997) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Manoel Fernandes de Souza Neto (1997) - Mestrado/Doutorado - **USP (GH)**
    - David Alejandro Ramírez Palcios (2010) - Mestrado - **USP**
    - Marcelo augusto Miyahiro (2008) - Doutorado - **USP**
    - Rildo Borges Duarte (2011) - Mestrado - **USP**
    - Larissa Alves Lira (2012) - Mestrado - **USP**
    - Maria Ediney Ferreira da Silva (2012) - Mestrado - **USP**
    - Eduardo Karol (2014) - Doutorado - **USP**
  - Paulo Roberto de A. Bomfim (2001) - Mestrado/ Doutorado - **USP (GH)**
  - Silvia Lopes Raimundo (2002) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Iole Iliada Lopes (2005) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Sergio Adas (2007) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Carlos Eugênio Nogueira (2013) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Álvaro Luiz Heidric (1998) - Doutorado* - **USP (GH)**
    - Almir Nabozny (2004) - Doutorado - **UFRGS**
  - Mônica Sampaio Machado (2002) - Doutorado - **USP (GH)**
    - Adriana de Melo Simas (2008) - Mestrado - **UERJ**
    - Ana Lucia Texeira (2012) - Mestrado - **UERJ**
    - Richarlison da C. e Silva (2010) - Mestrado - **UFAM**
  - Ricardo José Batista Nogueira (2002) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Marcio Pereira Santos (2006) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Ronaldo Gomes Carmona (2012) - Mestrado - **USP (GH)**

1984
- Ruy Moreira (1984) - Mestrado* - **USP**
  - Charlles da França Antunes (2001-2008) - Mestrado/ Doutorado- **UFF**
  - Guilherme da Silva Ribeiro (2004) - Mestrado - **UFF**
  - Adriana Carvalho Silva (2005) - Mestrado - **UFF**
  - José Carlos Milléo (2005) - Doutorado - **UFF**
  - Júlio César Ribeiro (2006) - Doutorado - **UFF**
  - Elias Lopes de Lima (2007-2013) - Mestrado/Doutorado - **UFF**
  - Mariani de Oliveira Bitcti (2007-2014) - Mestrado/Doutorado - **UFF**
  - Natallye Lopes Santos Oliveira (2008) - Mestrado - **UFF**
  - Astrogildo Luiz de França Filho (2009) - Mestrado - **UFF**
  - Leonardo Arantes Ventura da Silva (2009) - Mestrado - **UFF**
  - Humberto Goulart Guimarães (2010) - Mestrado - **UFF**

1992
- Andre Roberto Martin (1984-1993) - Mestrado/Doutorado*- **USP (GH)**
- Regina Celia de Araujo (1992) - Mestrado - **USP (GH)**
- Rosana Figueiredo Salvi (1992) - Mestrado/Doutorado* - **USP (GH)**
  - Clayson Morimoto (2010) - Mestrado - **UEL**

1997
- Élvio Rodrigues Martins (1997) - Doutorado - **USP (GH)**
  - Rosangela Silva Sousa (2008) - Mestrado/ Doutorado - **USP (GH)**
  - Fabiana Machado Leal (2010) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Carlos Francisco Gerencsez (2010) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Yanci Ladeira Maria (2010) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Everaldo Macena de Lima Neto (2012) - Mestrado - **USP (GH)**
  - Danilo Amorim de Souza (2014) - Mestrado - **USP (GH)**
- Iole Iliada Lopes (1997) - Mestrado - **USP (GH)**

1998
- Werther Holzer (1998) - Doutorado - **USP (GH)**

2000
- Raul Borges Guimarães (2000) - Doutorado* - **USP (GH)**
  - Everaldo Santos Melazzo (2006) - Mestrado/ Doutorado - **UNESP - PP**
    - Andréa Celeste de A. Petisco (2011) - Doutorado - **UNESP - PP**

RAIZ CONSTELATÓRIA

Armando Corrêa da Silva

7/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

***

MÉTODO

μέθοδος – caminho – meta –methodos –hodos –οδός

***

9.4.1 Método

Certas questões emergem com força e notável visibilidade no realizar da atividade científica; outras caminham no tempo de formas imperceptíveis, presentes, mas ao mesmo tempo invisíveis. O método, no seu mais amplo sentido, sempre esteve presente no discurso geográfico. Pensar e fazer ciência pressupõe utilizar algum método, mesmo na condição de procedimentos técnicos minimamente articulados. A preocupação com o método, em nível de questão, contudo, ocupou um espaço muito incipiente na história das obras elaboradas pelos geógrafos. Certamente, em abordagem contextual, é possível discorrer sobre método em diversos textos de um conjunto de geógrafos, realizando um exercício de imersão nos temas por eles tratados. Basta, por exemplo, mergulhar no *Cosmos*, de Humboldt ou no *Tratado de Geografia Física*, de Emmanuel de Martonne. Ainda que existam reflexões de ordem metodológica, o método propriamente dito é mencionado de modo muito fluido, diluindo-se, assim, no tom principal que caracteriza a obra, uma vez que método e objeto, sujeito e mundo, unem-se para o realizar do conhecer, fazendo-se conhecido, e, então, faz-se a produção do conhecimento mediado pelo pensar.

Quando se aborda o método, sobretudo em seu desenvolvimento histórico, reclamam-se, ao menos, três atitudes. A primeira é não confundir o *método científico* propriamente dito com uma *teoria do método*[329]. A segunda consiste em não misturar a história da epistemologia com uma história das teorias do método (ou metodologias); ainda que relacionadas, não podem ser confundidas (LAUDAN, 2010). A terceira sugere o reconhecimento plástico do conceito de método, uma vez que, a cada tempo e sociedade, seu sentido vai modificando-se conforme a própria ciência vai transformando seus objetos e interesses. O sentido tradicional e universalista do método comum a todos os campos do conhecimento já não apresenta mais sustentação contemporaneamente (VIDEIRA, 2006). O método científico universal, único e eterno, vem sendo abandonado e favorecendo perspectivas e propostas menos ambiciosas, cujo resultado é o reconhecimento de métodos específicos para cada área do conhecimento. Tem-se, preliminarmente, um indício de nervura.

[329] "Por 'método científico' entendo simplesmente as técnicas e procedimentos que um cientista utiliza ao realizar experimentos ou construir teorias. Por 'teorias do método científico' entendo as opiniões metacientíficas explícitas que um cientista adota ao examinar a lógica da inferência científica". (LAUDAN, 2010, p. 13).

Dependendo da teoria que sustenta a concepção de método de determinado historiador das ideias, a história pretendida pode ser totalmente diferente de uma teoria que considera o método através de um outro ponto de vista. Por conta disso,

> [...] ainda que a maioria dos cientistas e uma parte nada desprezível dos filósofos acreditem em algo que chamam de 'método científico', eles não conseguem se entender a respeito do que este último seria. A aparente impossibilidade radical de formularem uma posição consensual parece ter gerado cansaço e desânimo entre os dois grupos, a ponto deles deixarem de lado, durante algum tempo, essa questão. (VIDEIRA, 2006, p. 34).

Nosso objetivo é, todavia, considerando essas questões, caminhar no tempo (partindo, notadamente, da Geografia moderna), colhendo alguns indícios de reflexões sobre o método e realizar aproximações das discussões que hoje se tornaram candentes no conjunto da presente constelação. Não se pretende esgotar esse assunto de natureza tão complexa, apenas adicionaremos às reflexões já existentes alguns caminhos pouco explorados, objetivando, em especial, abrir uma discussão em nível de exposição constelatória. Uma história das teorias do método na Geografia ainda está por ser feita; não se encontra nenhum trabalho de cunho geral que tenha arriscado essa tentativa, até onde temos conhecimento. Nessa constelação, não aspiramos essa tentativa, apenas dialogaremos com reflexões que julgamos interessantes à raiz e seus sucessores. Coincidentemente, o *grau* da atenção ao método enquanto questão na Geografia brasileira ascendeu-se na década de 1970, justamente no momento em que a presente raiz começou a constituir seu modo de ser.

Inicialmente, discutimos o método em Humboldt, Ritter, Ratzel, Vidal e a emergência do "método regional" nos derradeiros anos do século XX. Essa incursão através dessas figuras contou com o apoio do *caminho* III, Antônio Carlos Robert Moraes, que, de modo sintético, nos revelou o método desses importantes geógrafos no âmbito de sua dissertação de mestrado, orientada por Armando e defendida em 1983. Contamos, ainda, com outras publicações desse *caminho*, notadamente o clássico livro *Geografia: Pequena História Crítica*, que, a despeito do seu teor, tornou-se um marco na história recente da Geografia brasileira. Esse exercício contou apenas como uma medida de exposição histórica do método no desenvolver das bases institucionais da Geografia, alçando-nos à compreensão das primeiras tentativas que colocaram o método como uma questão por meio das

proposições dos geógrafos Halford Mackinder, Alfred Hettner, Richard Hartshorne e de outros próximos ao nosso tempo, como Jacqueline Beaujeu-Garnier, Pierre George, Milton Santos e, sobretudo, Armando Corrêa da Silva. Seguidamente, nos aproximamos do *caminho* IV, Eliseu Savério Sposito, que realizou *uma proposição de compreensão do método*. No entremeio deste percurso, retomamos outras contribuições do *caminho* III e seu diálogo com o *caminho* II, Wanderley Messias da Costa.

Esses geógrafos, provindos de espaços e tempos distintos, tal como de diversas áreas da Geografia, produziram obras específicas sobre o método. São pouco semelhantes em suas propostas, existindo, assim, certa originalidade em cada qual quanto à forma de compreensão do método na Geografia. Uns lançaram-se à compreensão do método por intermédio da filosofia, outros basearam-se, unicamente, no plano disciplinar da ciência geográfica. Há, assim, por um lado, a *proposição de método* e, por outro, apenas o *exercício de sua compreensão*. Esses dois caminhos inauguram uma tensão enquanto nervura na forma de conceber o método na Geografia, isto é: da existência ou não de um método propriamente geográfico.

Essa tensão ganha maior proporção com a "inserção" das metodologias qualitativas e da tecnologia no âmbito científico. O método, entendido basicamente como "um caminho", é, em sua marcha, transformado nos contextos de cada tempo e sociedade. Certos princípios podem permanecer. Outros, por vezes, vão sendo adicionados, variando com as transformações próprias da ciência. Neste momento, caminharemos por meio das *interpretações* sobre o método, revelando as formas distintas, e às vezes contraditórias, de sua compreensão. Para isso, como apontamos, é necessário um pouco de história do método no âmbito da Geografia. Alertamos, preliminarmente, que faremos um exercício mais interno que externo da questão do método no âmbito geográfico. Do contrário, teríamos que descer a Aristóteles, Galileu, Bacon, Descartes, Kant, enfim, todo um retorno exaustivo à filosofia e à história propriamente dita do conhecimento científico.

* * *

Caracterizar determinado autor por um único método pode ser uma atividade pouco satisfatória e nada fidedigna às transformações do pensamento no correr da atividade intelectual. O pensamento pode modificar-se da juventude à velhice. Cada livro elaborado pode conter diferenças inerentes às distinções dos

fenômenos e objetos investigados. O contexto filosófico, político e cultural pode determinar as estratégias metodológicas do intelectual. Enfim, existe um jogo entre a autonomia do autor e o contexto sócio-histórico no qual está inserido, bem como as particularidades dos objetos. Esses aspectos são candentes para se pensar o método na Geografia, sobretudo em quatro personagens que, inicialmente, terão atenção neste estudo, são eles: Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal. O recurso utilizado, através, notadamente, do *caminho* III, não pretende discutir os fundamentos epistemológicos dos juízos lançados, tampouco criar uma linearidade da discussão metodológica na história da Geografia. Seguimos, apenas, a concatenação à qual o objeto ora se dispôs, pelas lentes que a constelação nos proporcionou.

A seleção desses geógrafos não é aleatória. O papel que exerceram no percurso da Geografia moderna é inegável (KRETSCHMER, 1930; CLOZIER, 1972; CLAVAL, 1972; MENDOZA, 1982; MORAES, 1983, 2007; JOHSTON, 1986; UNWIN, 1992; VALCÁRCEL, 2000; CAPEL, 2012). O propósito, assim, é apresentar um fundo histórico das reflexões sobre o método e/ou sua utilização. Inicia-se com Humboldt e finaliza-se em Vidal, mirando, então, a discussão enquanto *questão* nos tópicos subsequentes. Adentremos, propriamente, na presença do método nos geógrafos então denominados clássicos.

* * *

A obra de Humboldt surge em um contexto no qual o idealismo e o romantismo alemão estavam em voga, efetuando, assim, influências em seu pensar. Humboldt buscou entender o que chamava de "física do globo" (ou da terra) e, posteriormente, "física do mundo". Este último projeto culminou com sua obra mais famosa *Cosmos*. Seu método, de acordo com Moraes (2007), nosso *caminho* III, seria o *empirismo racionado* e, para Capel (2012), o *empírico-indutivo*, cuja ordem seria a seguinte:

> 1) Pela aplicação do pensamento às observações isoladas;
> 2) Pelo olhar do espírito que compara e combina;
> 3) Pela indução, que nos revela as leis numéricas.

Essas etapas contavam, ainda, com *experimentações* e *comparações* para se chegar a *generalizações* de leis e, então, poder *descrever* e, posteriormente, *explicar*. Assim,

> O geógrafo deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética (daí o título do primeiro capítulo do Cosmos "Dos graus de prazer que a contemplação da natureza pode oferecer"). A paisagem causaria no observador uma "impressão", a qual, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes, e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: a causalidade das conexões contidos na paisagem observada. Daí a afirmação de Humboldt: "a causalidade introduz a unidade entre o mundo sensível e o mundo do intelecto". Pois ao mesmo tempo, algo existe de fato na natureza mas só apreensível pela razão, conduz a uma inerência do objeto e uma construção do sujeito (MORAES, 2007, p. 62).

O método em Humboldt, ou mesmo sua obra como um todo, é um produto do "intercruzamento do empirismo baconiano, das viagens de Cook, das ideias filosóficas de Kant, Fichte, Schelling e Goethe" (VITTE, 2007, p. 33). Essas influências, contudo, não isentaram Humboldt do *positivismo* que marcou os séculos XVIII e XIX.

O geógrafo Carl Ritter, por outro lado, contou com a influência da pedagogia de Pestallozzi e da filosofia de Hegel, constituindo uma obra marcadamente direcionada pela filosofia idealista alemã. Diferentemente de Humboldt, a discussão sobre o método e a metodologia em Geografia é uma constante em Ritter. Entre suas obras, *Erdkunde* se destaca em termos de discussão metodológica, pois desenvolve um método científico que não admite ser classificador, mas objetivo e simplificador. Este método, segundo Capel (2012, p. 55-57), teria as seguintes regras e características:

1) Em primeiro lugar, deve-se proceder de observação em observação; e não da opinião ou hipóteses à observação;
2) A segunda regra consiste em proceder do simples e uniforme ao complexo e variado, assim como dos aspectos secundários aos principais;
3) A terceira regra é classificatória: reagrupar as coisas semelhantes e análogas;
4) A quarta consiste em esforçar-se para situar os fatos em seu contexto histórico;
5) A última procura conceder mais importância à intensidade de um fenômeno do que à sua extensão territorial.

Além desses elementos, é importante apontar que a proposta de Ritter tem uma ligação muito intensa com a religião. Deus, para Ritter, é uma força que determinaria os fins dos fenômenos e da própria natureza. Sua obra pode ser classificada, de acordo com Moraes (2007, p. 63), como "antropocêntrica (o homem é o sujeito da natureza), regional (aponta para o estudo de individualidades), valorizando a relação homem-natureza". Tanto o *empirismo* quanto o *positivismo* marcam sua obra. Como um leitor assíduo, foi um geógrafo diferente de Humboldt que viajou o mundo, obtendo suas informações quase exclusivamente por intermédio dos livros.

Em Ratzel, o método passa por modificações; contudo, pouco é superado em relação aos seus antecessores. Sua obra *Antropogeografia*, com a *Erdkunde* de Ritter, praticamente funda o que se entende por Geografia Humana. Sob o manto do *positivismo* e do *naturalismo,* seu método pode ser classificado como *empírico-indutivo*. Sua concepção de método ou etapas da pesquisa em Geografia, conforme Moraes (1983, p. 387-388), seguiria os seguintes caminhos ou princípios:

1) É necessário um crescente conhecimento do objeto para fazer avançar a própria descrição;
2) A classificação deve ser um momento subsequente à elaboração, e esta pressuporia a comparação das realidades descritas;
3) A classificação é um momento de ordenação teórica, não sendo o fim último da pesquisa;
4) A comparação deveria abarcar conjuntos e não detalhes;
5) O procedimento comparativo deve ser a busca de um conhecimento mais generalizador;
6) Buscar a generalidade dos fenômenos para chegar a um conhecimento causal.

Em síntese, a proposta metodológica de Ratzel, em sua *Antropogeografia*, teria um caminho linear. Dessa forma, "as etapas hierarquizadas da pesquisa antropogeográfica seriam, numa sequência linear, as seguintes: observação, descrição, representação, comparação, classificação e generalização" (MORAES, 1983, p. 391).

Em Vidal, o método é quase uma continuação do que propugna Ratzel. Munido de certo relativismo, distancia-se de Ratzel quanto à causalidade e à generalização que, neste último, mostram-se mais acentuadas. Moraes (2007) identifica o método *empírico-indutivo* em Vidal, no qual os juízos são frutos da

observação direta e dos sentidos. Para Vidal, ainda conforme Moraes (2007, p. 84), a investigação em Geografia teria os seguintes princípios:

1) Observação de campo;
2) Indução a partir da paisagem;
3) Particularização da área enfocada (em seus traços históricos e naturais);
4) Comparação das áreas estudadas e do material levantado;
5) Classificação das áreas e dos gêneros de vida em "séries de tipos genéticos".

Para outros autores, como Fabrício e Vitte (2011, p. 320), contudo, Vidal "propõe um novo método à Geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional. As relações homem-meio são encaradas, por essa ótica, como uma abordagem recíproca e harmônica". Para Larissa Alves de Lira (2012, p. 63), geógrafa da terceira geração pós-raiz (pertencente ao *caminho* III), num estudo sobre o *Mediterrâneo*[330], o método em Vidal era "seguir as rotas franqueando fronteiras no espaço e no tempo e perceber então as gradações de dependência entre o homem e o meio". Os passos do método geográfico de Vidal sobre o Mediterrâneo, segundo Lira (2012, p. 172), seguiam o respectivo ordenamento:

1) Apoiava-se numa visão da geografia geral (global);
2) Variava suas escalas de referência;
3) Era interdisciplinar;
4) Deveria ser regressivo no tempo e no espaço (nas rotas) a fim de que pudesse revelar as dependências diretas do meio;
5) História, circulação e adaptação são os principais eixos de seu método.

Como se pode observar, o método no interior da Geografia vai passando por modificações. No entanto, essas modificações devem ser observadas com cautela, uma vez que, por vezes, o que se modifica são elementos "técnicos" no nível de procedimentos instrumentais. Se o método é entendido em seu sentido mais geral – *como um caminho do pensar* –, essas modificações podem ser irrisórias, visto que a *concepção de mundo e o caminho intelectual* permanecem os mesmos entre os geógrafos. Nesse sentido, é possível arriscar três termos que fluem dessa discussão, a saber: *Método, Técnica e Metodologia*[331]. Cada um desses termos pode ser identificado na história da Geografia e, possivelmente, cada qual

[330] "O Mediterrâneo, de Vidal de La Blache, foi o primeiro laboratório do método geográfico" (LIRA, 2012, p. 171).
[331] Ou mesmo *procedimentos*.

apresentará narrativas próprias, dado que os *modos de fazer*, tal como o *modo de pensar*, podem ser distintos em cada geógrafo. Com vistas a um exercício de aprofundamento dessas questões, propõe-se, agora, um mergulho pelas *diferentes formas de compreender* o método na história das obras elaboradas pelos geógrafos, isto é: do *método enquanto questão*. Vejamos os primeiros textos e, seguidamente, as propostas metodológicas, rumando ao pensamento de Armando e suas orientações.

* * *

Um dos primeiros textos direcionados ao método, que remonta à Geografia Moderna, foi elaborado pelo geógrafo de Gainsborough, Halford Mackinder (1861-1947). Comumente conhecido por seus estudos em geopolítica, Mackinder elaborou um artigo em formato de manifesto, em 1887, direcionado à *Geographical Society of London*. Esse artigo, então denominado *On the Scope and Methods of Geography,* principia pela clássica pergunta: "What is geography?", cujo objetivo é entendê-la no ensino que, à época, estava em uma batalha para sua efetivação na qualidade de disciplina. Tal disputa, na verdade, representava outro imbróglio que, para Mackinder (1987, p. 204): "pode a geografia converter-se em uma disciplina em lugar de ser um simples corpo de informação? Mas isto não é, senão, um adicional à extensa pergunta sobre o objeto e os métodos de nossa ciência".

Mackinder (1987, p. 205), em busca de "novas armas na batalha educacional" para efetivar a Geografia como disciplina, estabelece um diálogo com a política, a geologia, a meteorologia e a história, questionando se a "geografia é um ou vários temas", ou se

> [...] a geografia física e a política constituem duas etapas de uma mesma investigação, ou, pelo contrário, trata-se de temas diferentes que devem ser estudados com distintos **métodos**, uma como apêndice da geologia, e a outra como apêndice da história? (MACKINDER, 1987, p. 205, tradução e grifo nossos).

O excerto supracitado revela a preocupação de Mackinder com um assunto que chega até os dias atuais, isto é, a relação ou unidade entre o físico e o humano na Geografia, bem como o método que se manifesta em tal exercício. Ainda que a "geografia se pareça como uma árvore que se divide em duas grandes ramas, as ramas secundárias estão intrinsecamente entrelaçadas", adiciona Mackinder (1987, p. 208), de forma metafórica. Essas reflexões conduziram Mackinder a duas sínteses metodológicas sobre a relação entre política, história e geologia. Sobre a primeira, tem-se a seguinte síntese, de acordo com Mackinder (1987, p. 207-208):

1) Aceita-se que a função da geografia política consiste em demonstrar as relações que existem entre o homem em sociedade e as variações locais de seu meio;
2) Com carácter prévio, devem ser analisados os dois fatores;
3) Cabe à geografia física analisar um desses fatores, o meio com suas variações.

Quanto à geologia:

1) É essencial conhecer a forma da litosfera;
2) Essa forma só pode ser lembrada com precisão e intensidade se forem conhecidas e compreendidas as causas que a determinaram;
3) Uma dessas causas é a dureza relativa às rochas e sua disposição;
4) Contudo, não se pode admitir nenhum tipo de dado ou raciocínio geológico se não forem pertinentes para a argumentação geográfica. Devem ajudar a contestar a pergunta: "Por que uma determinada configuração terrestre está onde está?".

Esses princípios ou características permitem entender o discurso do método em Mackinder por meio de duas características. A primeira é sua preocupação com o método de ensino de Geografia e a outra é do método próprio da Geografia, visto que:

> Na pesquisa científica, o verdadeiro método era, sem dúvida, a coleta de fatos e de dados coletivos para, a partir deles, se deduzir princípios e leis. Mas, no ensino, as leis estabelecidas pela pesquisa devem ser aplicadas e ilustradas por fatos individuais (MACKINDER, 1887, p. 172, tradução nossa).

Posteriormente a Mackinder, exatamente em 1903, Lura Lavonia Perrine (1854-1919)[332] publicou o livro *Methods in Geography*. Nessa obra, dividida em 16 partes[333], destacamos a sétima parte (ou capítulo) *"The Faculties Employed in Geography"*, na qual são indicadas as faculdades mentais mais importantes para a Geografia. Além da memória e da expressão, para Perrine (1903), as faculdades compreendem:

1) O poder da observação;
2) O poder da imaginação científica;
3) O poder do raciocínio.

Esses três elementos constituem, conforme Perrine, os fatores principais para o método geográfico. Esse tripé

> "[...] é necessário para ideias e modos de pensamento fundamentais claros, precisos e realistas" (Com. of Ten. p. 215). Assim, só a imaginação científica pode, a partir de impressões claras das coisas vistas, construir imagens nítidas do invisível e dar à mente uma representação da maior porção da matéria geográfica. "Tanto a clareza da observação quanto a força da imaginação são essenciais como base para um raciocínio seguro" (Com. of Ten. p. 215)" (PERRINE, 1903, p. 9, tradução nossa).

A matéria geográfica de que fala o referido autor é a Geografia física. Suas observações dirigem-se, em certa medida, ao "mundo físico". O que deve ficar claro quanto a esse autor e sua respectiva proposta de interpretação do método na Geografia é que a ciência ainda estava sobre os auspícios de um positivismo que caracterizava o modo de pensar da época. Perrine, contudo, deixou um material importante para se pensar sobre o método na Geografia, uma vez que obras dessa natureza são raras.

Anos mais tarde, outra obra direcionou-se ao método, contando com apenas 42 páginas, elaborada pelo geógrafo e geólogo Harold Wellman Fairbanks (1860-1933). Essa obra, então denominada *The Problem Method in Geography,* traz poucas citações e está direcionada, basicamente, ao ensino de Geografia. Teorizando sobre o que chama de *Problem Method*, Fairbanks (1922, p. 1) procura elaborar uma metodologia para "ensinar as crianças a pensar a Geografia, não apenas a memorização".

[332] Instrutor em geografia e geologia na *State Normal School*.
[333] 1) Definition; 2) Scope ; 3) Place in Education; 4) Interrelation of Natural Sciences; 5) Divisions of Geography 6); Order of Geographic Subjects; 7) The Faculties Employed in Geography; 8) Treatment of Geography in Relation to Mental Discipline; 9) The Order of Treatment; 10) More Immediate Objects in the Teaching of Geography; 11) Time; 12) Presentation; 13) Methods in Recitation Room; 14) Outline of a Course in Common School Geography; 15) Supplementary Work in the Upper Grades; 16) Suggestions on Conduct of the Recitation.

Posteriormente a Mackinder (1887), Perrine (1903) e Fairbanks (1922), as obras que se destacam foram elaborada por Alfred Hettner (1859-1941), especialmente o livro *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*[334], de 1927, e o texto *Methodische Zeit - und Streitfragen*[335], de 1923. Hettner, diferentemente de todos os geógrafos aqui apresentados, dedicou-se, de forma geral, à discussão epistemológica e metodológica da Geografia em toda sua trajetória acadêmica.

Sahr e Arantes (2011) observam que, entre 1901 e 1902, quando Ratzel publica a obra *Die Erde und das Leben*[336], Hettner, seguidamente, publica, em 1903, o artigo *Grundbegriffe und Grundsatze der physischen Geographie*[337] em resposta às proposições de Ratzel. Nesse trabalho, Hettner "divide a *Erdoberflache* (superfície terrestre), conceito cunhado por Richthofen, em uma *wirkliche Erdoberflache* (superfície terrestre real) e uma *mathematische Erdoberflache* (superfície terrestre matemática)" (SAHR e ARANTES, 2011, p. 112). Vale lembrarmos desse episódio entre Ratzel e Hettner em razão do que indica Ute Wardenga (1995, p. 85-9, apud SAHR e ARANTES, 2011, p. 112), visto que, nesse artigo de 1903, formula de forma coerente e sistemática o "Método" de Hettner. Em que consistia, então, o respectivo método de Hettner? Destacam-se, sinteticamente, pelo que indica Wardenga (1995, p. 85-9, apud SAHR e ARANTES, 2011, p. 112) as três etapas do método de Hettner:

1) Na *primeira*, ele deveria captar o próprio conteúdo factual da Geografia – este se apresenta, no que diz respeito aos elementos inorgânicos, principalmente sob a forma de regularidades e regras abstratas, ao passo que os aspectos orgânicos seguem mais os princípios individuais e associativos;
2) Na *segunda*, ele deveria identificar os diferentes reinos com suas relações causais entre si, sendo estas, muitas vezes, baseadas em relações temporais e espaciais.
3) Na *terceira*, por fim, ele deveria desenvolver sequências lógicas científicas e causais, baseadas em cinco grupos de forças energéticas: forças endógenas terrestres, forças exógenas terrestres, forças climáticas, biogenéticas e humanas.

[334] Trad.: Geografia, história, natureza e métodos.
[335] Trad.: Problemas e disputas metodológicas.
[336] A Terra e a Vida.
[337] Conceitos fundamentais e princípios da Geografia Física.

Mais tarde, em 1905, Hettner publica o artigo *Das Wesen und die Methoden der Geographie*[338], dando ênfase aos *métodos indutivos*. Dessa forma, "baseado na sua diferenciação entre objeto factual e sua *Darstellung* (representação e apresentação), Hetter se posiciona firmemente contra a crescente veneração dos *métodos dedutivos* do colega norte-americano William Morris Davis" e, passados 22 anos, em 1927, na obra já citada *Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden,* "Hettner defenderá um *cruzamento de métodos indutivos e dedutivos"* (SARH e ARANTES, 2011, p. 113, grifo nosso).

Compreender o edifício esculpido por Hettner demandaria um trabalho muito mais extenso. De toda forma, mesmo que resumidamente, é possível identificarmos sua concepção de método, a qual indica que é *um caminho em direção a um objetivo*. Menciona, ainda, que

> [...] o caráter essencial da investigação geográfica consiste no fato de que ela é corológica, não se pode falar ainda assim de **um método corológico** e colocá-lo ao lado de outros **métodos da descrição** ou pesquisa. A palavra **"método"**, quando não se quer ampliar seu sentido de forma exagerada, sempre significa o **caminho em direção a um objetivo** – porém, não é o caminho que é corológico, mas sim o objetivo, o próprio objeto da Geografia (HETTNER, 2011 [1927], p. 139, grifo nosso).

Além de Hettner, o geógrafo Richard Hartshorne é um dos mais destacados quando o assunto é método e metodologia. Autor das obras *The Nature of Geography* (1939) e *Perspective on the Nature of Geography* (1959), cravou na história da Geografia a importância da discussão metodológica. Considerando que o propósito da Geografia é estudar as variações dos fenômenos na face da terra, juntamente com suas inter-relações, muitos estudiosos de sua obra o classificaram como utilizador do método hipotético-dedutivo e dedutivo-nomológico, lançando-o à dedução. Para Sandes (2015), contudo, Hartshorne defendia não apenas a *dedução*, mas também a *indução* e a formulação de hipóteses.

Nas palavras do próprio Hartshorne (1978, p. 183) "um método, na seleção de um campo de especialização, consiste em tomar uma categoria particular de fenômenos e concentrar os estudos nessa categoria". Além dessa primeira concepção de método, Hartshorne também indica outras operacionalizações do método quando estabelece a discussão dos termos "Geografia Sistemática" e "Geografia Regional". Assim, "decompor essa dupla complexidade de maneira mais viável, é necessário, em qualquer pesquisa geográfica, empregar dois diferentes

[338] A essência e os métodos da Geografia.

métodos: análises de segmentos de integração e análises de seções de áreas" (HARTSHORNE, 1978, p. 38).

Em face de todos esses aspectos apresentados por Hartshorne, é importante lembrarmos do debate que travou com Fred K. Schaefer (1904-1953) sobre as definições, objetos e métodos da Geografia, bem como da presença das reflexões kantianas e de Hettner. Hartshorne (1978, p. 180-181), de forma geral, indica que o processo científico para o geógrafo segue os respectivos princípios:

> 1) *Descrição:* quer descreva um fenômeno visto com seus olhos ou medido por algum processo mecânico, quer descreva um processo de inter-relação de elementos elaborado em sua imaginação;
>
> 2) *Observação:* a descrição sensorial, muitas vezes presumida como o único significado de "descrição";
>
> 3) *Análise:* a descrição das diversas partes do que tiver sido observado, conforme parecem estar relacionadas umas às outras.
>
> 4) Depois destes três passos, estabeleceu-se uma hipótese acerca das relações entre os elementos e processos. Se for segura, ter-se-á atingido um nível elevado do conhecimento – a *descrição cognitiva* dos elementos e suas inter-relações.

Descrever, observar e analisar constituem os passos fundamentais para um estudo geográfico, de acordo com Hartshorne. Suas proposições, ainda, articulam os processos de regionalização, bem como o que denominava de Geografia nomotética. Outros geógrafos americanos, como Sauer (1924) e Leighly (1937, 1938), também produziram textos sobre o método, só que com menos ênfase que Hartshorne.

Quanto ao "método regional", à "abordagem regional", ou mesmo à "geografia regional", observamos que detinham (em termos de obras) as seguintes características: "Introdução, localizando a área estudada com projeções cartográficas nacional e continental e um enquadramento zonal e pelas coordenadas" (MORAES, 2007, p. 87). Em termos esquemáticos, de acordo com Moraes (2007, p. 87-88), esse método seguia a respectiva ordem (ou capítulos):

1) *Capítulo 1:* "as bases físicas" ou o "quadro físico", enumerando as características de cada um dos elementos naturais presentes (relevo, clima, vegetação etc.);
2) *Capítulo 2:* o "povoamento" ou as "fases de ocupação", discutindo a formação histórica;
3) *Capítulo 3:* a "estrutura agrária" ou o "quadro agrário", descrevendo a população rural, a estrutura fundiária, o tipo de produção, as relações de trabalho, a tecnologia empregada no cultivo e na criação;
4) *Capítulo 4:* a "estrutura urbana" ou o "quadro urbano", analisando a rede de cidades, a população urbana, os equipamentos e as funções urbanas, a hierarquia das cidades daquela região;
5) *Capítulo 5:* a "estrutura industrial", estudando o pessoal ocupado, a tecnologia empregada, a destinação da produção, a origem das matérias-primas empregadas, o número e tamanho dos estabelecimentos.

O método regional encerra este percurso até meados dos anos 1950. Como assinalado anteriormente, o *método enquanto procedimento* apresentou modificações nas pesquisas geográficas; ao passo que, no *modo de pensar*, o método ainda é revestido do *positivismo*, logo circunscrito à *indução* ou à *dedução*, numa procura de leis e hipóteses. Vale caminharmos um pouco mais, procurando compreender as obras que se dirigiram ao método que se aproximam do tempo atual: as proposições e interpretações.

* * *

De 1940 em diante, um conjunto de reflexões sobre o método pode ser mapeado nas publicações em revistas, que variam desde o método dialético na antropogeografia (VIVO, 1941), de métodos de pesquisa (RUELLAN, 1943), do método no folclore brasileiro (RIBEIRO, 1943), dos princípios do método geográfico (GOUROU, 1948), da presença na Geografia humana (GOTMANN, 1949), dos problemas e doutrinas (GEORGE, 1966), do método cartográfico (BARBOSA, 1967), do estatístico (LIBAULT, 1971), da Geografia agrária (MEGALE, 1976) etc.

Embora seja possível encontrar um conjunto relativamente significativo de reflexões em diversas revistas, nossa atenção se concentrará em quatro obras de geógrafos distintos. De forma sintética e descritiva, serão expostas as proposições e

interpretações da geógrafa Jaqueline Beaujeu-Garnier, em sua obra *La Géographie: Méthodes et Perspectives* (1971); de Pierre George, em *Les Méthodes de la géographie* (1970)[339]; e de Milton Santos, na obra *Espaço e Método* (1985). São obras que, a seu modo, destacam-se pela preocupação com o método; não representam, *in totum,* o método na trajetória completa de cada um. Trata-se, apenas, de uma exposição com vias a entendermos as diferentes possibilidades de pensar no método. Adiantamos, todavia, que em Armando, nos primeiros textos, os geógrafos Pierre George e o já comentado Hartshorne, surgem em suas reflexões sobre o método. Desse modo, consequentemente, conseguiremos compreender, com mais detalhes, os caminhos de Armando no conjunto de sua constelação.

Jacqueline Beaujeu-Garnier (1917-1925) foi uma geógrafa francesa, conhecida notadamente por seus estudos em Geografia urbana. Sua concepção de método esteve vinculada (no livro acima citado) às perspectivas positivistas. Beaujeu-Garnier conectou o *método geográfico* um estudo sobre o espaço. De acordo com a referida autora, o

> [...] método geográfico visa analisar uma parcela do espaço concreto, isto é, pesquisar todas as formas de relações e de combinações que podem existir entre a totalidade dos diversos elementos em presença. Isto é a geografia global; a geografia *tout court*. (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 30, tradução nossa).

De modo mais transparente, menciona

> Sob essa aparente diversidade, parece que podemos encontrar as duas abordagens básicas que caracterizam a busca geral do conhecimento: o empirismo indutivo ou a teoria dedutiva (BEAUJEU-GARNIER, 1971, p. 2, tradução nossa).

Assim, o *empirismo indutivo* seria a marca fundamental de sua compreensão sobre o método, constituindo, então, o que chamou de *método geográfico*. Esse método teria a seguinte ondem linear para Beaujeu-Garnier (1971):

1) Processo de generalização;
2) Observação;
3) Explicação (modelos).

[339] Utilizamos a versão brasileira desta obra: *Os Métodos da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1972.

Beaujeu-Garnier (1971, p. 52) reconhece que o método geográfico está em mutação e, por essa razão, alerta que "a precisão e o poder dos instrumentos aumentam as possibilidades de progresso, mas também aumentam o risco de danos em caso de erro no manuseio".

Por sua vez, o também geógrafo francês Pierre George (1909-2006) parte de outra compreensão do método na Geografia, distanciando-se um pouco da leitura de Beaujeu-Garnier. George foi um geógrafo que publicou mais de cinquenta livros, transitando em diversas áreas da Geografia, desde os estudos agrários aos urbanos. No livro *Les Méthodes de la Géographie*, George (1972) menciona os seguintes aspectos do método na Geografia:

1) A pesquisa geográfica recorre sucessiva ou simultaneamente aos métodos de cada uma das ciências de que se vale para chegar ao conhecimento analítico dos dados incluídos nas combinações que constituem o objeto de seus estudos fragmentários ou globais;
2) Não existe nenhum método geográfico para abordagem dos dados sociais, econômicos, demográficos e culturais. Existe uma maneira geográfica de confrontar os resultados;
3) A geografia não possui métodos próprios de análise e apenas, quando muito, métodos de classificação e de hierarquização dos fatores, e também não conta com métodos de mensuração específicos;
4) O geógrafo aplica métodos por ele elaborados durante a observação do visível e utiliza outros setores e pesquisas para analisar o invisível e reassume sua própria condição de geógrafo para construir uma imagem global do espaço, feita de visível e de invisível;
5) Parece difícil definir métodos que sejam peculiares à geografia, na mobilização dos documentos. A geografia constitui muito mais uma maneira de classificar, de ponderar e de qualificar os resultados brutos obtidos pela aplicação de métodos elaborados por ciências de características mais analíticas.

Dos cinco pontos levantados por George, vale destacarmos o segundo e o terceiro. Beaujeu-Garnier chamava atenção para a *existência de um método geográfico*, o que para George é *inexistente*. O geógrafo, assim, teria apenas *uma forma geográfica de lidar com dados e informações*. Vemos, assim, um primeiro indício de nervura: há um método geográfico? Em termos processuais, um estudo geográfico, para George (1972, p. 8), recorre aos seguintes processos, partindo da descrição à explicação:

1) Observação analítica;

2) Detecção das correlações;

3) Busca das relações de causalidade;

4) Suscita duas atitudes mentais:

4.1 *Atitude estática:* que leva à definição de balancetes e de tipos individualizados por determinadas formas de combinações de fatores;

4.2 *Atitude dinâmica:* que se empenha na procura das relações de forças, de equilíbrios para culminar com a abertura de perspectivas.

O geógrafo Milton Santos, por outro lado, realiza um exercício mais *propositivo* do que *compreensivo* do método nos estudos geográficos, por meio da obra *Espaço e Método* (1985). Caminhando através dos termos *forma, função, processo* e *estrutura*, esses termos, para Milton Santos, são as categorias do que chamou de *método geográfico*. Essa reflexão, de forma menos recorrente, pode ser encontrada em outras obras, tais como *Por uma Geografia Nova* (1978), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988) e *Natureza do Espaço* (1997).

Em Milton Santos, ocorre uma espécie de *eclipse* entre o *método* e a *técnica*, constituindo uma "invenção do método de invenção", uma vez que "as inovações são em grande parte uma consequência de uma técnica que alimenta a si mesma. Essa técnica, cuja realização se tornou relativamente independente, é chamada pesquisa" (SANTOS, 1985, p. 27). Nesse contexto, Santos conduz a discussão do método – a qual ficou, durante muito tempo, presa em procedimentos técnicos – em direção à dimensão social e política da era tecnológica. O *eclipse* entre o método e a técnica permite que pesquisas de melhor nível "concentrem-se nos polos do sistema, nos países mais desenvolvidos" (SANTOS, 1985, p. 28). Em termos precisos,

> As mudanças de período implicam **mudança de métodos:** a difusão é caracterizada e controlada por um processo diferente em cada fase. Por outro lado, o papel dos fatores particulares é diferente nas diferentes fases da difusão (L. Brown, 1968, p. 34). Cada modernização em escala mundial representa um jogo diferente de possibilidades para os países capazes de adotá-las; não se poderia falar da existência de uma agricultura que requeira fertilizantes químicos antes que a indústria química tivesse se desenvolvido ou se estabelecido em algum ponto do globo" (SANTOS, 1985, p. 30, grifo nosso).

De acordo com Santos (1985), nessa perspectiva, a investigação do geógrafo deveria voltar-se ao espaço. Para tal estudo, o geógrafo deveria

voltar-se ao espaço. Para tal estudo, o geógrafo deveria compreender quatro categorias estruturantes: *forma, função, processo e estrutura*. Essas palavras devem ser estudadas em concomitância, mediante a interação através do tempo e do espaço. Como termos disjuntivos e associados, não podem ser estudados separadamente, podendo ocasionar, quando separados, em uma análise parcial do real. Somente relacionados e em conjunto conseguem compreender os fenômenos em sua totalidade. Santos (1985, p. 51) define cada uma destas *categorias* do método da seguinte forma:

> a) *Forma* é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão;
> b) *Função* é uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa;
> c) *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou construção;
> d) *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer.

Santos, portanto, realiza uma reviravolta na questão do método, quando comparado aos autores anteriormente citados. Assim, desde Humboldt até Milton Santos, numa comparação grosseira, é possível afirmar que o método, enquanto *modo de fazer*, veio se modificando constantemente. Enquanto *modo de pensar*, todavia, considerando as obras selecionadas, é identificável uma mudança de perspectiva do papel do método. Com essa breve e sintética exposição de algumas reflexões selecionadas, podemos rastrear os pensamentos de Armando sobre a questão ora posta.

* * *

Com uma intenção meramente descritiva, vamos dialogar com alguns textos de Armando que julgamos interessantes ao método. Nesse sentido, é importante destacarmos umas das advertências que apontamos no início desta raiz quanto ao método: é preciso separar o método com M maiúsculo da história das ideias de Armando, dos textos que ele estudou o método. Certamente são coisas que, estritamente, não se saparam, pois há um método que precede uma investigação sobre o método. Porém, para realizarmos tal vínculo, seria necessário

um estudo apenas de Armando, o que não é nosso caso. Julgamos, contudo, que compreender e descrever como Armando entendia o método já é um passo importante para entendermos as nuances de sua obra.

O primeiro texto de Armando sobre método foi publicado em 1971, num periódico chamado *Métodos em Questão*, editado e publicado pelo Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. Esse texto, então denominado *Notas sobre o método científico e a observação em Geografia*, é um dos seus primeiros textos publicados, antes mesmo de defender sua tese, em 1975. O texto foi republicado no livro *Espaço fora do Lugar*, em 1978. Armando (1978, p. 73-74), no respectivo texto, destaca quatro procedimentos do método (ainda em uma visão procedimental):

a) *Formulação de hipótese* ou seleção e definição de condições e problemas;
b) *Observação:* coleta de dados e seus registros, através de métodos, técnicas e instrumentos adequados;
c) *Análise e classificação* dos dados em séries ou sequências uniformes;
d) *Generalização* ou formulação de teorias e leis científicas.

Esses quatro passos são analisados um a um por Armando, em cada qual é destacado suas particularidades à análise geográfica, inclusive, a todo momento, são apontadas recomendações e advertências. Cabe-nos citar algumas delas, referentes ao entendimento de pesquisa científica: a confusão que é cometida quando se simplifica a pesquisa científica com um mero trabalho mecânico, pois ela é "um procedimento empírico e um conjunto de reflexões, por indução ou dedução" (SILVA, 1978, p. 76). São citados, também, três tipos prevalecentes de pesquisa em Geografia: i) pesquisa de campo; ii) de laboratório; e iii) de reconstrução histórica. Esses elementos, inclusive os quatro procedimentos destacados anteriormente, não surgem isolados. O pesquisador, de acordo com Armando, não pode separar a reflexão da coleta de dados, pois ambas caminham em conjunto na elaboração do conhecimento. Todavia, no caso do geógrafo propriamente dito, recomenda-se "a consideração dos chamados *princípios* da Geografia, a saber: da extensão, da repartição, da correlação e da atividade" (SILVA, 1978, p. 81), interessantes ao espaço geográfico. O espaço, nesse momento, é, para Armando, a categoria principal do pensamento geográfico. Com isso, a cartografia ganha importante

papel para o geógrafo, pois cabe à mesma a representação do espaço e "ela deve ser, simultaneamente, um método e uma disciplina autônoma" (SILVA, 1978, p. 82). Nesse texto, portanto, há uma preocupação maior com a observação e, de um modo geral, com o *método enquanto modo de fazer* do geógrafo. O método enquanto interpretação ou modo de pensar ganhará atenção em outras publicações.

Ainda em 1972, na edição de número 4 do *Métodos em Questão*, Armando publica o texto *Valor e Ciência em Geografia*. Como o texto anterior, este também será publicado no livro *Espaço fora do Lugar*, de 1978. Nesse segundo texto, contudo, Armando já demonstra e revela preocupação com o método enquanto modo de pensar e interpretar. Pelo menos cinco elementos se destacam no respectivo texto: as definições de hipótese, conhecimento científico, teoria, método e valor. Cabe, brevemente, discorrermos sobre os três últimos elementos.

Armando reconhece que a preocupação com o método não é algo necessariamente novo do seu tempo – década de 1970 –; porém, com a revolução tecnológica que se ascendia, o conhecimento e o trabalho do geógrafo viram-se em uma situação de esfacelamento, fato que já ocorrera anteriormente com a filosofia. Nesse sentido, o interesse pelo método vem com o objetivo de resolver a especialização entre os diversos campos do conhecimento, assim, "a Geografia, um ramo amplo do conhecimento, tem perdido muitas áreas, esvaziando-se com o inevitável desdobramento progressivo da divisão técnica do trabalho intelectual". (SILVA, 1978, p. 89).

A concepção de método, neste momento, demanda que reproduzamos, integralmente, suas palavras:

> Além de um conjunto de proposições teóricas, expressas por meio de um conjunto de categorias e conceitos – em Geografia pensamos em espaço, em lugar etc. – a ciência define-se por um método.
> O método científico pode consistir na observação de fatos que permitam a descoberta das leis gerais que os governam. Desde a Antiguidade Clássica, e mesmo antes, houve a preocupação de ordem metodológica, mas só a partir da Renascença essa preocupação tornou-se permanente, não cessando de existir.
> Parece útil fazer uma distinção entre o conjunto de *aparelhos e instrumentos*, que são prolongamentos dos sentidos e técnicas, que são as "maneiras de fazer" (implicando uma atividade sensorial), os *métodos de investigação*, que correspondem a uma fase intermediária entre as sensações e a razão, e os *métodos de interpretação*, que são procedimentos puramente mentais. (SILVA, 1978, p. 94, grifos do autor).

No último momento do excerto, Armando diferencia três modalidades do

método: i) aparelhos e instrumentos; ii) métodos de investigação e; iii) métodos de interpretação. Percebe-se que a última modalidade está relacionada a "procedimentos mentais", isto é, ao ato de pensar. Embora pareça, aos nossos dias, uma simples classificação das etapas da pesquisa científica, o exercício em questão pode ser considerado um grande passo para sua época, uma vez que são raros os textos, mesmo anteriores a Armando, que condensaram tão redondamente o problema ora posto. As modalidades i e ii, geralmente, pouco são questionadas ou reflexionadas; porém, a terceira modalidade que Armando toca é, mesmo hoje, uma nervura ainda não resolvida e de pouco consenso. Para Armando (1978, p. 95) "em grande parte, o método de raciocínio mais utilizado em Geografia é o da indução empírica, em que se caminha do particular ao geral. Ele tem sido o método de maior trânsito entre os geógrafos em todo mundo". Já a "dedução, relacionada ao pensamento discursivo, é menos usada".

Quanto à teoria, Armando realiza uma crítica à suposta falta desta nas análises e pesquisas geográficas, uma vez que em "muitos geógrafos a preocupação exclusiva com os 'fatos' acabou por obscurecer o significado teórico dos próprios trabalhos. Isso implica um obstáculo ao avanço do conhecimento" (SILVA, 1978, p. 92). Por teoria, entende uma "proposição que exprime uma verdade a respeito do objeto, possível de ser verificada ou comprovado pela experiência" (Ibid, p. 92). Do valor, por fim, Armando irá destacar três níveis de análise da realidade pelo geógrafo, ou seja, do objeto da Geografia:

> a) à natureza, incluindo aqui o homem como espécie antropológica; b) à vida social, no sentido de que não existe um *homo geographicus*, abstrato, mas pessoas vivendo em/e dando vida a sistemas sociais; e c) às relações entre os grupos sociais e os meios natural e humanizado.
> O objeto da Geografia pode ser definido como sendo o do estudo da organização do espaço nesses três níveis. (SILVA, 1978, p. 96).

Destacamos esse conjunto de reflexões e classificações de Armando para que possamos, a passos firmes, revelar sua contribuição ao debate teórico em Geografia. Nos dois textos citados, notadamente no último, é mencionada uma obra de Bertrand Russell, *The Scientific Outlook*, de 1949, que no Brasil foi traduzida para *A Perspectiva Científica* (1962)[340]. Essa obra de Russell nos dá algumas pistas dos fundamentos da epistemologia de Armando neste momento. No livro de Russell, faz-se uma longa reflexão sobre o método e seus passos, bem como, ao final do livro, no último capítulo, realiza-se um balanço entre a ciência e o valor, termos discutidos por Armando.

[340] Utilizamos da Segunda Edição.

Esses textos praticamente foram escritos em conjunto com sua tese de doutorado, que, como já mencionamos, fora defendida em 1975. Sua tese revela-nos um singular detalhe: a ideia de método de investigação em um estudo de natureza empírica efetuado por Armando[341]. Os dois textos acima mencionados foram utilizados nesse estudo, especificadamente, em um subitem da introdução dedicado ao "método": "do ponto de vista da investigação foram usados os seguintes métodos: cartográfico, estatístico, histórico, monográfico e ecológico na medida da necessidade" (SILVA, 1975, p. 12). Para definir o método geográfico, contudo, recorreu ao geógrafo francês Michel Phlipponeau (1960)[342]:

> O método geográfico, num sentido restrito, foi considerado como aquele que, consistindo em "étudier comment se combinent des élèments très divers dans un ensemble complexe, permet plus aisément d'établir une juste hiérarchie des rôles tenus par ces élèments" [343](SILVA, 1975, p. 11).

Nota-se, mais uma vez, que Armando sempre apresentou uma preocupação para com o método. Essa preocupação e essa explicitação, muitas vezes, não são mencionadas de forma transparente nas teses de doutorado, o que geralmente se demonstra são metodologias de pesquisa, que tem, evidentemente, seu carácter de método, porém se distanciam de uma exposição do método enquanto modo de pensar, cabendo ao leitor identificar o caminho do raciocínio do autor. Isto, por outro lado, não é de se estranhar, uma vez que tal explicitação, se não bem comprovada, pode revelar contradições e deficiências do pensar de quem a emite. Como sabemos, a questão do método enquanto caminho do pensar não é um consenso entre cientistas e filósofos, tampouco entre os geógrafos. Por conta dessa tensão, e da complexidade que ela exige, acreditamos que muitos preferem não mencionar o método (ou métodos?) do qual se utilizaram.

Em 1982, Armando publica outro texto sobre o método em uma publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros da Seção local de São Paulo, denominada *Borrador*. O Texto, no conjunto dessa publicação, denomina-se *Teoria e Método da Pesquisa em Geografia*. Nesse texto, Armando realiza um balanço de suas pesquisas:

> Eu quero só esclarecer, que isto aqui é uma espécie de síntese, do processo de conhecimento em Geografia, que eu venho realizando já há algum tempo – cerca dez anos – e, que neste momento para mim, alcança um

[341]"Durante a realização da tese trabalhei coma tríade dialética de Hegel. Isso, como **método abstrato**. Interessava-me encontrar a expressão empírica dessa dialética no movimento do real-espacial, manifesto como Litoral Norte do estado de São Paulo. (SILVA, 1979, p. 113, grifo nosso).

[342] PHLIPPONEAU, M. **Géographie et Action** (Introduction à la Géographie Appliquée). Librairie Armand Colin, Paris.

[343] "O estudo de como elementos muito diversos se combinam em um todo complexo facilita o estabelecimento de uma hierarquia justa dos papéis ocupados por esses elementos" (PHLIPPONEAU, 1960, p. 114, tradução nossa).

> nível de consciência mais alto – não sei se para quem escutou também – no sentido de que é formulação puramente teórica do procedimento relacionado ao tema proposto. (SILVA, 1982, p. 25).

Notemos que Armando refere-se a um período de dez anos, exatamente o período que cobre as discussões do seu primeiro texto publicado em 1971, comentado anteriormente. A diferença desse novo texto para os anteriores consiste no fato de se concentrar no que irá chamar de *consciência teórica*, pois "todo esse trabalho implica numa prática, que está relacionada com a prática teórica, no sentido que ela se refere, todo o tempo, **à uma consciência teórica, diferente de uma consciência prática**" (SILVA, 1982, p. 19, grifo nosso). É aí que, em nosso julgar, Armando salta como uma nervura na Geografia brasileira. Para além da própria questão do método, Armando revela-nos uma preocupação com o próprio pensamento: de como o geógrafo em seu realizar existencial deve conduzir sua consciência perante o real. Assim, o "movimento do pensamento em relação ao tema proposto, se inicia com a totalidade, ou como eu prefiro denominar, subtotalidade. Num segundo momento realiza como projeto; num terceiro momento se realiza no mapa" (SILVA, 1982, p. 19).

A estrutura desse artigo é curiosa. Armando desenvolve a discussão em seis páginas, nas quais distribui dezesseis teses sobre o método e a teoria em Geografia e, em cada uma das teses, desenvolve um conjunto de argumentos que sustentam seus juízos. É realmente curioso, pois, além de ser uma estrutura diferente das que tradicionalmente observamos em textos acadêmicos, não há menção a nenhuma bibliografia ou referência ao final do texto. No Quadro 6, organizamos as dezesseis teses sem seus argumentos.

Quadro 6: 16 teses: Teoria e método da pesquisa em Geografia.

1	A geografia é o modo de conhecimento do mundo em que vivemos e sobre o qual elaboramos teorias.
2	Essas teorias são, ou conhecimento científico do real, ou ideologias.
3	O conhecimento científico do real implica na realização prévia da crítica das ideologias.
4	A crítica das ideologias só alcança significado científico se reproduz o movimento do ser em seu devir.
5	Reproduzir o movimento do ser em seu devir é descobrir lhe as determinações essenciais.
6	As determinações essenciais geográficas são o espaço e seu domínio e posse.

7	A especificidade do geógrafo resulta, então, em que a ideologia em geografia confunde-se com o cotidiano das formas e relações.
8	As formas e relações são percebidas como espaço a produzir, espaço em produção e espaço produzido.
9	O espaço produzido, resultado final do processo, é, na verdade, o verdadeiro ponto de partida, como trabalho que o produz.
10	É uma característica da geografia que o espaço que se produz, só o pode ser, a partir do próprio espaço existente, já produzido pelo trabalho.
11	Desvendar o significado das formas e relações é o modo de pôr-se o método geográfico através da mediação da pesquisa.
12	O espaço produzido é um "a priori" que só pode ser compreendido em seu significado "a posteriori".
13	Não obstante, o conhecimento científico, desde logo se põe como o modo ideológico dessa compreensão.
14	Para utilizar o conhecimento científico é preciso, então, pôr-se como sujeito consciente do ato de conhecer.
15	A consciência do devir mostra-se, então, como parte do método, que o acompanha no movimento do pensar as formas e relações.
16	A verdade do conhecimento aparece, por fim, como a prática teórica correta, que tem na posição de classe o parâmetro do encontro do significado da teoria prática, que, ao orientar a ação, mostra-se como prática teórica. Por isso, a verdade é uma verdade de classe, que varia no tempo e no espaço de sua realização como futuro socialmente desejado.

Fonte: SILVA, A. C (1982).
Org.: Guilherme dos Santos Claudino, 2019.

Cada uma das teses articula-se com as demais, revelando um importante projeto à pesquisa em Geografia. Sobre a validade de cada uma, caberia uma outra pesquisa desse material. É necessário, contudo, reproduzir os argumentos de três dessas teses: 11, 13 e 15, pois as três deixam transparente mais elementos do entendimento do Armando sobre o método. Vejamo-las:

> 11 - Desvendar o significado das formas e relações é o modo de por-se o método geográfico através da mediação da pesquisa. Desvendar o significado das formas e relações é conhece-las. É que, conhecer alguma coisa é transformá-la de ser em si em ser para nós. Essa transformação se dá pelo método. Por isso, **o método é o modo de apreensão do objeto, a consciência verdadeira que descobre o significado oculto das formas e relações. Então, o método geográfico é o pensamento em movimento que apreende as formas e relações do mundo que vivemos.** Daí que, a pesquisa se põe como o meio de trabalho que permite a produção do espaço teórico, no contato com o

> mundo empírico da consciência prática. Desse contato deve resultar o mapa, como expressão conceitual do espaço produzido e que o apreende como formas e relações. O mapa é, então, o ponto de partida, em terceiro lugar, do conhecimento científico. (SILVA, 1982, p. 23, grifo nosso).
> 13. Não obstante, o conhecimento científico, desde logo se põe como o modo ideológico dessa compreensão. **É da natureza da ciência que o método científico é resultado de uma aprendizagem no tempo e no espaço de sua efetivação.** Por isso, o **pensamento apropria-se do real a partir de categorias e conceitos** que, desde logo, apresentam-se como consciência verdadeira ou falsa consciência. (SILVA, 1982, p. 24, grifo nosso).
> 15. A consciência do devir mostra-se, então, como parte do método, que o acompanha no movimento do pensar as formas e relações. **A teoria e o método da pesquisa são, então, parte de um movimento do pensamento, que avança em direção à compreensão do vir a ser e o apreende como formas e relações em processo de efetivar-se como espaço produzido novo.** (SILVA, 1982, p. 24 - grifo nosso).

Essas três teses destacam-se, notadamente, pelos sentidos e significados que Armando acrescenta à ideia de método: do *pensamento em movimento*. O movimento do pensar é a atividade do método de interpretação da realidade empírica. Eis que, com essas teses, Armando coloca-se, com mais ênfase, diante da questão do método enquanto modo de pensar. Anteriormente, concentrou-se na operacionalização do fazer do geógrafo, o que, de certo modo, não é desvinculado do modo de pensar, porém o empirismo ditava o fazer. Para nós, Armando foi elevando a questão, juntando, com o passar dos anos, os elementos que a natureza do problema exige. Esse conjunto de textos o coloca, sem nenhuma dúvida, como um, se não o maior, geógrafo dedicado à questão do método em seu tempo em relação aos geógrafos brasileiros. Milton Santos, certamente, representa como outra figura, como comentamos anteriormente, cabendo, a este, um outro estudo. Por ora, considerando as raízes anteriores e todo o conjunto das quatro constelações, Armando figura-se como o geógrafo que mais escreveu sobre o método na Geografia brasileira. Eis mais um dos tijolos da sua caraterização de raiz e de ativação de nervuras no saber geográfico.

Até aqui, a questão do método em Armando foi a de operacionalizar e solucionar uma deficiência vista por ele entre os geógrafos do seu tempo. Ainda que no texto anterior já havia começado a aparecer outros elementos, como a discussão da subtotalidade, nos textos da década de 1990, esses elementos serão mais recorrentes, pois Armando irá propor um método. Armando levará a questão do método a outro patamar, notadamente com sua proposição de método denominado *fenomenologia-ontológica-estrutural*. Para tratar dessa proposição,

iremos nos valer de dois textos seus escritos na década de 1990 que trataram e aprofundaram a questão do método: i) *Ontologia Analítica: Teoria e Método* (1991) e ii) *A Aparência, o Ser e a Forma: Geografia e Método* (2000)[344]. Um outro texto também poderia ser incluído, denominado *Discutindo Pressupostos* (1996), publicado na Revista *Formação* – neste texto, Armando reafirma a ideia de método enquanto pensamento em movimento; porém, os dois textos anteriores já contemplam, com mais ênfase, o assunto em questão, agregando outros elementos. Além desses materiais, faremos um diálogo com o *caminho* IV, Eliseu Savério Sposito e o *caminho* XI, Werther Holzer. A escolha desses dois caminhos não é aleatória, ambos, além de orientandos, escreveram textos específicos sobre o método mais tardio em Armando. Analisemos, assim, enquanto último momento, a respectiva proposição através dos caminhos selecionados.

***

O texto i) *Ontologia Analítica: Teoria e Método* foi publicado na Revista *Terra Livre* em 1991. Nesse momento, Armando dedica-se à resolução da operacionalidade da cognição, em um momento em que se falava em crise da racionalidade, pois existiria "uma contradição entre razão hermenêutica e a razão analítica" (SILVA, 1991, p. 129). Com o avanço da tecnologia, a contradição dessas duas razões acaba por paralisar o trabalho científico. Armando, então, indica dois motivos, relacionados a dois tipos de discurso. O primeiro é o discurso clássico, "que exige uma concentração da mente que é incompatível com a velocidade da operação computadorizada"; o outro é o discurso moderno que é "ágil e leve, quase jornalístico, sem o compromisso com a profundidade do raciocínio" (SILVA, 1991, p. 129). Posta a questão e seus motivos, Armando caminha em direção à teoria e ao método, discutindo cinco temas: i) a formação do raciocínio; ii) a questão geográfica; iii) a modernidade e a pós-modernidade; iv) vertentes; v) o objeto produzido. Esses temas são articulados: parte-se da formação do raciocínio e suas contradições (clássico e moderno), chaga-se à questão geográfica que, para Armando, só pode ser pensada em relação à modernidade e à pós-modernidade. Finalmente, então, propõe a ontologia analítica:

[344] Publicado inicialmente em 1996 como apostila de apoio no curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT-UNESP.

> A ontologia analítica é um procedimento pluralista e interdisciplinar que consiste em produzir o discurso no momento de pensá-lo como informação e comunicação, capazes de permitir a expressão do significado e do significante, através dos símbolos e sinais.
> São categorias básicas: a esfera, o circuito, a relação, como apreensão abstrata da realidade atual. Abstração que passa pela aparência, o ser e a forma. Daí a abordagem: uma *fenomenologia-ontológica-estrutural*. (SILVA, 1991, p. 131, grifo do autor).

Nesse momento, a proposição de método em Armando é mais evidente. A ontologia analítica, assim, é "o modo de vencer a inércia do congelamento das categorias e conceitos, descoisificando a mente" (SILVA, 1991, p. 132). Essa proposta será desenvolvida com mais fôlego no texto *A Aparência, o Ser e a Forma: Geografia e Método*, publicado na Revista *GEOgraphia* de número 3, em 2000. Esse texto é uma tentativa de "explicitação ôntica do método" (SILVA, 2000, p. 11), diferentemente da atenção ao seu núcleo racional dos textos anteriores. É nesse texto, ainda, que Armando irá considerar a Geografia como uma subtotalidade, "identificada no âmbito do conhecimento, como uma ideologia do cotidiano, expresso pela apreensão da espacialidade do valor relacional contido no real" (SILVA, 2000, p. 7). A partir do pressuposto da Geografia enquanto uma subtotalidade, Armando constrói um conjunto de argumentos para explicitar o método dessa proposição, chegando, então, ao que denominará de *fenomenologia ontológica-estrutural*.

A preocupação dessa proposição é explicada do seguinte modo:

> A fragmentação do real e a mente dividida são complementos de uma mesma possibilidade: **a dimensão ôntica do método**. Este se põe, assim, como síntese da análise e análise da síntese, num movimento intelectivo que vai do todo à parte e desta ao todo.
> A objetividade assim obtida, como resultado da razão analítica, transparece como a totalidade na articulação ontológica dos pedaços. Ela faz desaparecer a tensão imanente à oposição entre a cognição e a instrumentalidade. Ao fazê-lo, dá à percepção, assim renovada, um modo de "ver" que permite ao olhar ultrapassar a forma aparente, a forma real, o conteúdo aparente e o conteúdo real, através dos avanços tecnológicos e científicos do presente.
> **O método é, assim, pura abstração, e manuseio da forma, num movimento autônomo que a consciência capta como certeza na relação. A verdade é o instante – que a história prolonga – de por-se a cor, a matéria, o movimento, o espaço e o tempo, através da comunicação diversificada no aparato tecnológico.** (SILVA, 2000, p. 12-13, grifo nosso).

Ainda hoje, a discussão da dimensão ôntica do método é um assunto incipiente – poucos arriscaram ir tão longe, conforme é possível detectar na pequena bibliografia sobre o método que a Geografia brasileira reúne. Armando, mais do que nunca, colocou o pensar e o pensado, o objeto e o sujeito, o conhecer e conhecido, o ser e a existência enquanto situação de análise de seu constructo. A mente do geógrafo – seu comportamento, o mundo que se dispõe através do espaço e de seu estado de *ser* – é uma totalidade enquanto subtotalidade analisada por Armando. Eis, mais uma vez, o singular papel de Armando e sua inscrição enquanto raiz e nervura. É necessário, contudo, entendermos, em uma breve exposição, como seus comentadores interpretaram suas propostas, seguindo o fio de suas orientações. Para Sposito (2011, p. 117), Armando

> [...] praticou a pluralidade do método, antecipou-se a questões que cresceram no temário geográfico posteriormente, teve simplicidade (e não precariedade) nas asserções e articulações complexas de seus argumentos. Se, algumas vezes, criticou o empirismo, baseou-se na realidade sensível como ponto de partida de suas reflexões, muitas vezes, de um fato banal para sua reflexão teórica. Ele circulava pela dialética e pela fenomenologia passando pelo estruturalismo como forma da argumentação, sem nunca resvalar no positivismo.

Quanto a Wherther Holzer, nosso *caminho* XI, foi uma das últimas orientações de Armando. Holzer, que inclusive recebeu alguns comentários na constelação anterior pelo fato de sua dissertação de mestrado ter se voltado ao humanismo, e por cultivar uma amizade e pesquisas com Lívia, também se faz presente nesta raiz. Ele, que, como dissemos, foi orientado no mestrado por Maurício de Almeida Abreu (outra raiz constelatória), optou por realizar o doutorado com Armando. Sua tese sob o título *Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*, de 1998, é um bom exemplo da utilização do método fenomenológico, além da discussão ontológica articulada a seu método, e é, possivelmente, um dos melhores trabalhos produzidos na Geografia brasileira que se utilizou da fenomenologia. O que nos interessa, todavia, são os diálogos entre Holzer e Armando sobre o método e a ontologia que percorreram a trajetória de construção da tese de Holzer. Esses diálogos, juntamente com um conjunto de textos que herdou de Armando, possibilitou a publicação de um artigo por Holzer (2014) sobre a concepção de método em Armando. O referido texto procurou:

> [...] recuperar algumas questões que discutimos ao longo dos quatro anos em que fui seu orientando. Não foi um diálogo fácil, não que não houvesse interlocução, tínhamos o interesse comum pela epistemologia da geografia, mas os aportes que buscávamos eram bastante diversos. Por este motivo estas eram conversas bastante produtivas, acredito que para ambos.
> Este diálogo, interrompido em novembro de 1998, quando defendi minha tese, não pode ser retomado. Uma versão deste está na minha tese, em seus fundamentos teóricos que discutem a geografia como ciência das essências a partir de um referencial fenomenológico, baseado principalmente nas ideias de Merleau-Ponty e de Heidegger. (HOLZER, 2014, p. 39).

Já, para Armando, o método

> [...] é pura abstração, manuseio da forma, num movimento autônomo que a consciência capta como certeza na relação. A verdade é o instante que a história prolonga. A representação, ou imagem decodificada é o modo de aprender o real, que só se torna possível através do pensamento teórico. Ela dá concretude à ideia. (HOLZER, 2014, p. 41).

A partir da fenomenologia, buscou uma

> [...] unidade em torno do ser humano. A dimensão ôntica do método dada pela fragmentação do real e a mente dividida. Diria dada pela facticidade humana. Ele procura uma teoria do cotidiano que supõe a objetividade construída pelo trabalho criativo, que indica possibilidades e probabilidades novas: a objetividade analítica defrontada com a questão da humanidade. (HOLZER, 2014, p. 41).

Importa-nos destacar, ainda, a análise realizada por Antônio Henrique Bernardes (2013) no que concerne à proposição de método no Armando mais tardio. Bernardes foi orientando de Sposito, *caminho* IV, e, no âmbito de sua tese de doutorado, defendida em 2011[345], mergulhou nas produções de Armando, notadamente em *A Aparência, o Ser e a Forma*. Para esse geógrafo, o modo como Armando utilizou-se da ontologia é próximo do que utilizou Heidegger; quanto à fenomenologia, "entendemos que Silva está de acordo com o modo desenvolvido por Sartre, principalmente, em sua obra "O Ser e o Nada", em que ele busca dialogar com a fenomenologia de Husserl e a ontologia de Heidegger" (BERNARDES, 2013, p. 118).

Armando, com sua fenomenologia ontológica-estrutural, colocou-se, consequentemente, na história da Geografia brasileira como um dos únicos geógrafos dedicados à realização de uma proposição metodológica em nível de

[345] BERNARDES, A. H. **Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta:** contribuição à epistemologia em Geografia. Presidente Prudente: UNESP-FCT, Tese, 2012.

pensamento. A breve exposição que realizamos do seu pensar e, assim, do seu singular papel à teoria da Geografia possibilita-nos, agora, a compreensão de alguns caminhos de suas orientações; ainda que para Armando (1986, p. 162) a "sorte e as circunstancias se põem como rarefações de fragmentos em convívio no quebra-cabeças. O intelectual parte-se em multidões de intelectuais que são subtotalidades sem conexões possíveis, na montagem plural". Acreditamos, contudo, que algumas conexões são possíveis, justamente na montagem plural das multidões de estrelas, que é a constelação.

* * *

O método – o caminho do pensar –, movimento sem som que cada ser mantém consigo mesmo, meta enquanto flecha lançada rumo à solução dos segredos e questões da vida, é, por isso mesmo, uma questão escorregadia. No conjunto de orientações da presente raiz, podemos detectar – ora mais latente, ora menos visível – a revelação e ocupação com o método em alguns sujeitos. Para rastreá-los, portanto, é necessário seguir a mesma estratégia que realizamos com a raiz, separando o método do sujeito na sua trajetória completa de vida, do seu entendimento de método explícito em textos específicos sobre a questão. Até porque, caso continuemos com a noção de método enquanto *caminho do pensar*, teríamos, então, que seguir esse longo e dialético movimento em cada trajetória de vida, uma vez que o pensar, como nos indicou Arendt (2014), se faz e se desfaz todos os dias. Nesse sentido, em termos de estudos específicos, daremos maior destaque a três *caminhos*: II) Wanderley Messias da Costa, III) Antônio Carlos Robert Moraes e IV) Eliseu Savério Sposito. Coincidentemente, são alguns dos primeiros orientandos de Armando. Esses três caminhos produziram alguns textos específicos sobre o método, por isso se destacam em relação aos demais quanto à questão colocada.

O *caminho* II, Wanderley Messias da Costa, foi a segunda orientação de Armando em termos gerais, tanto no mestrado quanto no doutorado. A dissertação, de 1982, tratou da expansão industrial em São Paulo. No doutorado, concluído em 1991[346], dedicou-se ao exame histórico da Geografia Política e da Geopolítica, constituindo-se – a tese – um dos primeiros produtos sistematizados sobre a história da Geografia Política elaborado por um geógrafo brasileiro. Costa revisitou Ratzel e Camille Vallaux, entendo-os como clássicos, depois voltou-se a Alfred Thayer Mahan, Halford John Mackinder, Isaiah Bowman e Karl Haushofe,

[346] COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica:** discursos sobre o território e o poder. Tese, Universidade de São Paulo, 1991. A banca foi composta por Maria Adélia Aparecida de Souza, Lia Ozório Machado, Gabriel Cohn e Dalmo de Abreu Dallari.

analisando o contexto da formação do discurso geopolítico e a relação, em sequência, do entre guerras. Sua tese também discute a Geografia política enquanto campo do conhecimento, seus temas, problemas e, por fim, realiza projeções das tendências e perspectivas que se impunham. Posteriormente, a tese fora publicada em livro, tornando-se material obrigatório à introdução da Geografia política nos cursos de Geografia. Somente em 2013, passados 23 anos, que surgira outra tese com o objetivo semelhante (um balanço) de analisar o estado dos estudos em Geografia política. Esse estudo[347] foi realizado pelo geógrafo Eduardo Karol, também na Universidade de São Paulo, tratando, com mais ênfase, da efetivação desse campo de conhecimento no Brasil, notadamente entre os anos de 1982 e 2012, enquanto escala temporal de análise. Seguindo o *caminho* III – Antônio Carlos Robert Moraes, Karol faz parte da terceira geração, pois fora orientando de Manoel Fernandes de Sousa Neto, este que, por sua vez, foi um dos orientandos mais expoentes do *caminho* III em relação aos estudos históricos do saber geográfico.

Esta breve contextualização é importante por dois motivos principais. Wanderley Messias da Costa não foi um geógrafo que seguiu nas trilhas (em termos de orientação) em estudos do saber geográfico enquanto história e epistemologia. Ainda que tenha atualmente projetos de pesquisas que examinam as tendências principais das abordagens teóricas e metodológicas em Geografia política, seus orientandos, em sua quase totalidade, detiveram-se à Geografia política enquanto fundamento para se pensar o mundo. Por conta disso, inclusive, Costa é um dos geógrafos brasileiros que mais orientou dissertações e teses na referida temática no Brasil, como bem atesta a investigação de Karol (2013). O segundo motivo diz respeito a dois elementos: um ao perfil da sua tese, que é, integralmente, do interesse da história do saber geográfico, por isso seu sentido de ser na constelação de Armando em relação ao nosso estudo; o segundo, mais objetivo, relaciona-se a três textos (COSTA, 1982; MORAES e COSTA, 1979, 1984) que escreveu sobre a questão do método, sendo dois desses em conjunto com o caminho III, que, além de parceiros intelectuais, cultivaram ao longo dos anos uma ímpar amizade. Nosso interesse, todavia, é o método, e a ele nos ateremos.

Os dois primeiros textos (MORAES e COSTA, 1979; COSTA, 1982) tratam do método sob uma perspectiva marxista, notadamente do materialismo histórico e dialético. O de 1979, *Valor, Espaço e a Questão do Método*, escrito a quatro mãos, voltou-se à discussão da valorização do espaço através do caminho ontológico. Embora o método seja relativamente evocado, pouco é discutido em seus

[347] KAROL, E. **Geografia política e geopolítica no Brasil (1982-2012).** Tese, Universidade de São Paulo, 2013. A banca foi composta por Gloria da Anunciação Alves, Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Ruy Moreira e Douglas Santos.

parâmetros gerais – dado que será mais trabalhado no texto seguinte, de 1982. Na publicação *Borrador*, aquela contendo o estudo de Armando sobre as dezesseis teses, Costa também publicou um texto, também sobre o método. O texto denomina-se *A geografia frente aos métodos das ciências sociais*. Costa (1982) chama atenção dos geógrafos para a incorporação das formulações marxistas ao temário da pesquisa geográfica, assumindo uma postura claramente combativa frente aos métodos do então positivismo (e do neopositivismo), que, a seu ver, era marcado pelo empirismo, evolucionismo, observação sensível e, nos procedimentos comparativos, estes deveriam ser, se não substituídos, combatidos com o materialismo histórico e dialético. Em outros termos, "o marxismo deve ser para nós, principalmente um método, não um conjunto de dogmas e esquemas teóricos, próprios do positivismo" (COSTA, 1982, p. 30). Essa reflexão representa o interesse que se ascendeu sobre o método no final da década de 1970 e em 1980, pois era "preciso repensar a Geografia, mas repensá-la à luz de um método claramente assumido" (COSTA, 1982, p. 31).

O tema da valorização do espaço tratado no primeiro texto será recuperado com maior fôlego no livro *Geografia Crítica: A Valorização do Espaço*, de 1984, escrito pelos dois caminhos. O método terá um tratamento muito maior, visto que fora escrito por dois caminhos. Assim, é necessário que façamos uma breve contextualização do *caminho* III, Antônio Carlos Robert Moraes, antes de tocarmos no livro em pauta.

Moraes, também conhecido como Tonico, tem um papel nevrálgico nos estudos históricos e conceituais do saber geográfico brasileiro. Além de ser o terceiro geógrafo que mais orientou dissertações e teses na temática posta, também é o terceiro geógrafo que mais participou em bancas. Sua dissertação, *Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*, de 1983, com não menos de 500 páginas, figurou-se durante muito tempo como um dos estudos que melhor sistematizou a "evolução" do pensamento geográfico moderno realizado por um geógrafo brasileiro. Tornou-se, derradeiramente, um verdadeiro manual para aqueles que pretendiam seguir em estudos semelhantes. Essa dissertação desdobrou-se no livro *A Gênese da Geografia Moderna*, publicado em 1989. Utilizamos essa dissertação em nossa reflexão histórica quanto ao método nos "clássicos". Um adendo, antes, é necessário: as gerações posteriores a Moraes são uma fonte riquíssima ao interesse de nossa tese, e, evidentemente, dos pesquisadores da história da Geografia. Seu conjunto de orientações é um dos mais expoentes, destacando-se entre esses o

[347] KAROL, E. **Geografia política e geopolítica no Brasil (1982-2012).** Tese, Universidade de São Paulo, 2013. A banca foi composta por Gloria da Anunciação Alves, Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Ruy Moreira e Douglas Santos.

geógrafo Manoel Fernandes de Sousa Neto, comentado de modo breve anteriormente. Fernandes, além de manter um perfil de pesquisa semelhante ao de Moraes é, hoje, professor e pesquisador no mesmo lugar que seus dois antecessores. Atualmente, na USP, acumula um conjunto de orientações que cristalizam seu modo de estudar a história da Geografia, fazendo nascer uma quarta geração. Somam-se, igualmente, outros orientandos, como Perla Brígida Zusman, Paulo Roberto de Almeida Bomfim e, ainda que em perspectiva bastante diversa, as pesquisas do geógrafo Luiz Lopes Diniz Filho, na UFPR, apenas para citar alguns. Tem-se, assim, um caminho a ser investigado neste pedaço da constelação partindo do *caminho* III. Como não serão analisados por nós em sua integralidade, deixamos, aqui, em aberto, a outros estudiosos. Agora, todavia, é importante retornarmos nossa busca ao que esse caminho entende por método.

Moraes (1983), na dissertação referida, já destacava seu entendimento quanto ao que chamou de método de interpretação e metodologia de pesquisa:

> O primeiro diz respeito ao posicionamento filosófico assumido, à "concepção de mundo" conscientemente incorporada. Dessa maneira o método de interpretação refere-se a questões muito profundas como, por exemplo, os problemas da lógica e gnosiologia (visão da relação sujeito-objeto do conhecimento, postura frente ao objeto, concepção de ciência, de movimento etc.). Já a metodologia de pesquisa engloba problemas mais práticos, de encaminhamento, enfim, não de questões de princípios e sim de problemas operacionais. Nesse sentido abarca os procedimentos referentes à análise empreendida e à exposição de seus resultados. A metodologia de pesquisa abarca o método de análise e o método de exposição. (MORAES, 1983, p. 9).

Quanto a seu método propriamente dito, afirma:

> No que toca ao método de interpretação do real a localização da postura assumida no desenvolvimento do presente estudo, seja na pesquisa efetuada, seja na exposição que ora se faz, não suscita maiores controvérsias. Assume-se integralmente, o que não quer dizer de uma forma acrítica, os postulados do materialismo histórico e dialético. (MORAES, 1983, p. 9).

Moraes tem um posicionamento muito claro quanto a seu método: o materialismo histórico e dialético – uma característica bastante comum em geógrafos que partiam das formulações de Marx, um método claramente assumido e seguido no conjunto de seus estudos. No texto de 1984, Moraes e Costa partem desse método, realizando uma tentativa de construção de *uma teoria marxista da*

Geografia. Nota-se, agora, em outros termos, uma busca e dedicação semelhante à de Armando: de um discurso teórico no corpo da Geografia. O método, nesse sentido, tem um papel ímpar, pois "orienta de início a delimitação do "temário" da Geografia [...] a opção metodológica que delineia aquilo que será "pensamento geográfico" vinculado à concepção e construção, dando também os elementos para sua leitura" (MORAES e COSTA, 1984, p. 26). A separação entre método de interpretação e método de pesquisa, conforme fora realizado na dissertação de Moraes (1983), é recuperada e outros atributos são acrescentados, apontando, principalmente, que a não distinção desses dois modos do método pode provocar graves equívocos na atividade científica. O método de interpretação, nesse momento,

> [...] diz respeito à concepção de mundo do pesquisador, sua visão da realidade, da ciência, do movimento etc. É a sistematização das formas de ver o real, a representação lógica e racional do entendimento que se tem do mundo e da vida. O método de interpretação refere-se, assim, a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto as questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista. **O método é, nesse sentido, o elemento de relação entre os vários campos da ciência e de cada um com a Filosofia**. Pode-se dizer que ele é o arcabouço estrutural sobre o qual repousa qualquer conhecimento científico. Mesmo a postura de negação ao método é a exteriozação de uma posição metodológica. Concluindo, **método de interpretação é uma concepção de mundo normatizada e orientada para a condução da pesquisa científica;** é a aplicação de um sistema filosófico ao trabalho da ciência. (MORAES e COSTA, 1984, p. 27, grifo nosso).

Os autores voltam-se à filosofia, de uma forma geral, para conceber o método, articulando a relação do sujeito com o próprio mundo. Por conta disso, o método pressupõe posicionamento político e ideológico, fatores que não podem ser separados. A articulação da ideia de método aos sistemas filosóficos pressupõe, também,

> [...] uma abrangência maior que cada campo da ciência, isoladamente. Por isso, traz para a discussão específica, orientações genéricas, experiências acumuladas, conceitos e categorias já lapidados que atuam como balizamentos gerais para a reflexão em curso. A opção metodológica fornece ao pesquisador a adesão a uma lógica (formal, dialética, matemática etc.) [...] **A opção de método pode trazer uma teoria da sociedade ou da natureza,** que se sobreponha às abordagens particulares de cada ciência. **O método introduz significados para categorias gerais.** [...] **Enfim, o método faz a ponte entre a reflexão de uma ciência particular e a produção historicamente acumulada, deixando claro o carácter social da atividade científica**. (MORAES e COSTA, 1984, p. 32, grifo nosso).

As argumentações desses dois caminhos – notadamente do método enquanto introdutor de significações às categorias gerais – revelam uma nervura já apontada, com modéstia, anteriormente, a saber: de métodos específicos das ciências e, consequentemente, do pluralismo metodológico. Para esses autores, "o ecletismo – uso de proposições de variados métodos, sem levar em conta seus pressupostos antagônicos aparece como saída fácil, porém equivocada" e essa postura é "sobremaneira danosa, pois empurra o esforço renovador para encaminhamentos pouco sólidos em termos teórico-metodológicos", argumentam Moraes e Costa (1984, p. 30-31). A questão do ecletismo metodológico ou do pluralismo do método é um assunto que ganhou destaque com a polêmica obra de Paul Feyerabend *Contra o Método,* de 1970. As raízes da questão, todavia, provavelmente estejam no nascer da ciência moderna e sua separação da filosofia. A divisão das ciências e a repartição do conhecimento em áreas específicas é um dos motores para o nascer de diferentes métodos. Esse tema será retomado por Moraes (1990), alimentando seus argumentos mais antigos: o de se pensar o método enquanto uma totalidade lógico-teórica que relaciona a análise e a reflexão ao mesmo tempo.

O método, agora apenas no *caminho* III, "expressa uma relação entre ciência e filosofia, sendo a aplicação de formulações filosóficas no trabalho científico" e, por conta disso, "o método envolve uma teoria do conhecimento" (MORAES, 1990, p. 43). Este caminho, além de conduzir o debate do método ao plano da interpretação, da análise e do pensar, recomenta a articulação "em diferentes tópicos (lógica, gnosiologia, epistemologia, ontologia, etc) organizando-as num sistema filosófico, orientado para macro-explicações do real" (MORAES, 1990, p. 43).

Moraes (1990) mantém sua posição para com o método materialista histórico e dialético. Tal posição – de explicitar o método nas pesquisas – o leva a criticar investigações que, sob o suposto pretexto de neutralidade ou pluralismo, não revelam o(s) método(s) utilizado(s). Esse texto de Moraes (1990), *Bases Epistemológicas da Questão Ambiental: o Método*, realiza uma recuperação histórica dos métodos na Geografia (ainda que não tenha sido esse o seu interesse) muito mais profundamente do que fez Armando (1971, 1972) em suas raras tentativas. Este caminho, através da história do saber geográfico, talvez seja o que mais produziu investigações sobre o método em sua dimensão histórica entre os geógrafos brasileiros, dado que, além dos textos específicos, isto sempre foi uma preocupação desde sua dissertação, através da qual , geógrafo a geógrafo analisado

a seu modo, buscou encontrar o método de sua Geografia. No texto em questão, Moraes destaca dois modos de entendimento do método: i) a ideia de *método universal*, igual a todas as ciências, cujo positivismo lógico seria o melhor exemplo; ii) o *método específico* para cada gênero de conhecimento, tipologia de fenômeno ou ciência; neste caso, são postos como exemplos a sociologia *compreensiva* de Weber, a *psicanalítica* de Freud e outros com uma maior abrangência de aplicação, como a *dialética*, *estruturalismo* e a *fenomenologia*.

Até onde temos conhecimento, o último texto deste caminho, referente ao método, foi publicado em 2014, denominado *Geografia, interdisciplinaridade e metodologia*. Nesse momento mais tardio de Moraes, manteve-se o mesmo posicionamento anteriormente destacado, o texto, ainda, recupera todo o percurso de suas ideias, atualizando-as. O método, mais uma vez, surge como um ponto nevrálgico de sua reflexão. Nesse momento mais recente, Moraes (2014, p. 10), assim, compreende o estado da questão:

> Hoje, decorridos cerda de quarenta anos de prática da geografia renovada, observa-se na produção brasileira desse campo disciplinar uma salutar convivência de diferentes orientações de método que animam uma pluralidade de posicionamentos teóricos distintos. Nesse rol é possível identificar como os problemas antípodas do debate geográfico contemporâneo: de um lado, a utilização do método como uma camisa-de-força que se sobrepõe à pesquisa empírica na interpretação dos temas investigados, no limite tal postura veicula o dogmatismo de fornecer "respostas" metodológicas prontas (e prévias) para qualquer questão investigada; de outro, o ecletismo implícito (não adotado como orientação explicitamente assumida) que, no limite, dissolve a própria discussão metodológica ao torná-la irrelevante em fase de assimilação acrítica de proposições muitas vezes contrastantes e antagônicas, com o risco da total incoerência epistemológica.

Moraes, tal qual Armando, inicia seu percurso acadêmico com questões de natureza história e teórica do saber geográfico e, antes de tornar-se uma estrela propriamente dita em 16 de julho de 2015, aos 61 anos, publica o texto anteriormente referenciado, o que revela sua permanente preocupação para com o método. O método, no conjunto de seus 26 livros publicados, é apenas um pequeno recorte no leque de possibilidades que seu ser enquanto caminho nos indicou. Outros caminhos, além dos já mencionados, também se destacam nesta periclitante constelação, como é o caso do *caminho* IV, Eliseu Savério Sposito. De certo modo, este novo caminho aproxima-se dos anteriores em dois aspectos principais. Um é através do materialismo histórico e dialético, método que ele

explicita em sua tese de doutorado de 1990; o outro é em relação ao intenso diálogo com a filosofia. Entretanto, há um elemento que os distanciam, pois este caminho irá desenvolver sua trajetória em uma outra instituição. Moraes e Costa foram professores e pesquisadores no mesmo lugar que a raiz, na então Universidade de São Paulo. Sposito concentrará sua atividade docente e de pesquisa em uma instituição no interior de São Paulo, a Universidade Estadual Paulista – UNESP, de Presidente Prudente.

Das orientações de Armando, Sposito, enquanto *caminho* IV, será o que de modo mais objetivo ocupar-se-á com o método, produzindo uma obra[348] com intenção didática, mas que, aos geógrafos em geral, pode ser caracterizada como uma nervura. Sposito antes de ater-se ao método, dedicou-se às cidades pequenas durante seu mestrado, com a dissertação *Migração e permanência das pessoas em cidades pequenas: os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana/SP*, concluída em 1982. Com esse trabalho, tornou-se o primeiro orientando de Armando a concluir uma dissertação. O doutorado foi realizado com o geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira, comentado na constelação de Petrone. Na tese[349], Sposito voltou-se à produção e apropriação da renda fundiária urbana, cujo recorte de estudo foi a cidade de Presidente Prudente. Em termos de método, como já apontamos, utilizou-se do materialismo histórico e dialético, o que revela forte influência do seu orientador, Ariovaldo, na tese em questão. Armando esteve na banca dessa tese, mas será em outro movimento que influenciará, fatidicamente, Sposito: a do método como questão. Tanto a dissertação quanto a tese desse geógrafo foram realizadas na Universidade de São Paulo, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, somando-se às fileiras das outras tantas já discorridas anteriormente nas outras constelações.

Apesar da importante contribuição que sua dissertação e tese nos trazem, entendemos que será, objetivamente, no âmbito de sua Tese de Livre-Docência que seu sentido de ser ganhará um eco mais alto no conjunto dos geógrafos brasileiros, considerando, aqui, o saber como objeto. Poderíamos, grosseiramente, dizer que durante o mestrado e o doutorado a empiria do real foi mais presente em seu realizar; mas, na Livre-Docência, uma preocupação mais acentuada com o que chamamos de pensamento geográfico, ou aquilo que Armando denominou de consciência teórica, será mais pujante em sua ocupação intelectual. Por isso, entendemos que seu pertencimento na presente constelação é mais interessante. As conexões com Ariovaldo e, talvez, com a raiz Petrone, provavelmente se deem com a renda da terra e do materialismo dialético. A Geografia agrária, mais presente em

[348] Fazemos referência ao livro Geografia e Filosofia (2004).
[349] Estavam na banca Manuel Fernando Gonçalves Seabra, Armando Corrêa da Silva, Jayro Gonçalves Melo e Roberto Lobato Correia.

Ariovaldo, não foi a trilha de Sposito, que seguiu rumo à Geografia urbana. Cabe lembrar que na raiz de Pasquale Petrone fizemos um recorte à Geografia agrária, porém há indícios de uma linha de gerações voltadas à Geografia urbana e à Geografia crítica. São exemplos os geógrafos Manoel Gonçalves Seabra e Léa Goldenstein, orientandos de Pasquale. Ainda que sejam possíveis essas outras conexões com outra constelação, pouco contribuiria a nosso real objetivo: do *saber geográfico como objeto*. Nesse sentido, não destituímos o sujeito de outras raízes, dado que caberia, necessariamente, um estudo da Geografia urbana, fugindo, de certo modo, aos propósitos da presente tese, que exige recortes.

O primeiro contato desse geógrafo com Armando aconteceu em 1975, em Presidente Prudente. Armando foi a hoje FCT-UNESP apresentar os resultados da sua tese de doutorado, defendida nesse mesmo ano. Sposito, por indicação de Armen Mamionian, procurou e conversou com Armando em razão do interesse do primeiro em uma entrevista no processo seletivo da pós-graduação em Geografia da USP. Armando, na respectiva entrevista, conforme relata Sposito: "foi atencioso e, mesmo não se lembrando de mim, um ano depois, quando fui me apresentar, selecionou-me com mais outros seis candidatos, entre doze. Daqueles sete mestrandos, apenas eu e Amélia Damiani concluímos a dissertação" (SPOSITO, 2000, p. 19). Nessa dissertação, defendida em 1984, estiveram presentes na banca os geógrafos Pasquale Petrone e Marcos Alegre. Cabe, em caráter de relato, revelar alguns elementos que indicam a inseparável relação da vida com a atividade acadêmica:

> Em setembro de 1983, a dissertação estava pronta. Nesse mês o orientador, teve um surto psicótico e foi internado, em um hospital psiquiátrico, onde permaneceu por aproximadamente três meses. Resolvi não entregar a dissertação à Seção de Pós-graduação da FFLCH/USP. Aguardei novidades. Passou-se o Natal, passou-se o réveillon, nas férias de janeiro a situação permaneceu indecisa. Em fevereiro, entreguei os exemplares. Ele havia saído do hospital e reiniciado suas atividades no Departamento de Geografia. A defesa, como já foi anotado, ocorreria somente em maio. A partir de fevereiro, tudo transcorreu bem. (SPOSITO, 2000, p. 24).

Ainda que a atividade acadêmica entre estudantes e professores, orientandos e orientadores necessite de certo rigor profissional, não é possível destituir o jogo da vida que, simplesmente, é inerente ao existir do social. Os problemas e as características individuais de cada sujeito não podem ser desligados a todo momento da relação humana, cada orientador e orientando formam um par

dialético em constante transformação. Armando era portador de esquizofrenia congênita, elemento que ele e seus orientandos tiveram que conviver ao longo dos anos de orientação. O relato de Sposito apenas sinaliza o inevitável. Veja-se que falar em influências extrapola, e muito, o plano das ideias, mas isso já seria assunto para um outro estudo. Voltemos ao método e vejamos as conexões entre a raiz e este caminho. Sposito (2011, p. 119, grifo nosso) assume

> [...] que, mesmo que nos momentos de conversa na relação orientando-orientador, de conversas entre o colega da USP e o colega da UNESP, foi, também e principalmente, **com Armando Corrêa da Silva que eu aprendi a gostar e a valorizar o estudo do método**, a necessidade de ler alguns filósofos para, entre outras coisas, valorizar o empírico, não o separando da teoria, mas encarando-o, também, como práxis. Porque, mais que geógrafo, Armando Corrêa da Silva foi um filósofo que "viveu" a Geografia, vindo da Sociologia. E o privilégio de ter convivido com ele eu trago comigo.

A valorização e seu interesse pelo método serão tópicos amplamente discutidos em sua Livre-Docência *Contribuição à Metodologia de Ensino de Pensamento Geográfico*[350], defendida em 2000, posteriormente publicada em livro como *Geografia e Filosofia*, em 2004. A inclusão da palavra filosofia no título teve seu preço; geógrafos de diferentes ordens buscaram nela um novo tratado filosófico, muitas vezes tomando o título como um fim. Sua proposta, em linhas gerais, foi o de construir uma metodologia de ensino do pensamento geográfico iniciando com o método, passando pela teoria do conhecimento e chegando aos conceitos, categorias e temas que julgou interessante à natureza da questão.

Ainda que a natureza da proposta seja de ordem didática, ela não se desvincula das tensões acadêmicas, pois a pretensão do autor, embora seja pouco ambiciosa, o conteúdo tratado é altamente emblemático. Tratar de método, conceitos e categorias da Geografia não vem gratuitamente. A diferença principal da proposta deste caminho para os demais consiste numa sintetização de todas as mudanças e permanências dos textos curtos e dispersos sobre o método outrora produzidos. Tornaram-se um objeto em totalidade para a *proposição de compreensão do método na Geografia*. Sposito (2000) não propõe um método, tampouco técnicas específicas aos geógrafos. Esse geógrafo realiza um exercício de compreensão do desenvolvimento do método na história da Geografia, articulando as relações filosóficas e contextuais da própria história. Dessa forma, o que adquire preponderância para Sposito é o *modo de pensar* dos geógrafos enquanto *caminho*

[350] Compuseram a banca Alvanir de Figueiredo, Manuel Correia de Andrade, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Dirce Maria Antunes Suertegaray.

intelectual nas pesquisas geográficas, exercício igualmente realizado pelo caminho III em seus textos específicos – ambos na mesma busca da raiz que os antecede.

O pensamento geográfico (método), nesse sentido, deixa de ser compreendido por meio do internalismo disciplinar da própria Geografia e passa a ser entendido como um *pensar* ligado à própria totalidade externa que movimenta a ciência. Veja-se, novamente, semelhante perspectiva com os caminhos anteriores. Dessa forma, o método geográfico deixa de ser um elemento *em si* do geógrafo e passa a fazer parte do *método* no ponto de vista filosófico e contextual. Sposito (2000) está preocupado com uma metodologia de ensino do pensamento geográfico e, por essa razão, enfatiza que para se

> [...] conceber uma metodologia de ensino do pensamento geográfico é preciso, inicialmente, discutir o método científico. **É considerando-o historicamente e em sua dimensão filosófica** que passaremos a tratá-lo neste texto. **Essa proposta parte do pressuposto de que o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar.** [...] A nosso ver, é a fusão simplificadora entre **método e disciplina** que foi provocando a crise paradigmática que atualmente se vive" (SPOSITO, 2004, p. 23, grifo nosso).

Partindo do pressuposto de que o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar, Sposito (2004) considera os seguintes métodos: *hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico hermenêutico*. Esses métodos "contêm as características de um método científico, como leis e categorias, e estão, historicamente, relacionados a procedimentos específicos e teorias disseminados pela comunidade científica" (SPOSITO, 2004, p. 29). E cada um deles é assim descrito por Sposito (2004):

1) *Hipotético-Dedutivo:* nesse método, o objeto prevalece sobre o sujeito, ou seja, o objeto estudado é posicionado a montante, influenciando o pesquisador e os seus conhecimentos, mesmo que a neutralidade científica seja um pressuposto básico. O real é descrito por meio de hipóteses e deduções.

2) *Fenomenológico-hermenêutico:* nesse método, é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações com base no seu ponto de vista, depois de se apropriar dele intelectualmente. O descreve o objeto e suas relações com base no seu ponto de vista, depois de se apropriar dele intelectualmente. O objeto torna-se elemento a jusante, correndo o risco de se tornar apenas o elemento a ser analisado.

3) *Dialético:* nesse método, o sujeito se constrói e se transforma *vis-à-vis* o objeto e vice-versa. Nesse caso, têm-se as antíteses e as teses em constante contradição e movimento.

A Geografia, portanto, teria três métodos que prevaleceram após o Renascimento. Nota-se que não há, necessariamente, uma proposição de método, pois esse geógrafo buscou sintetizar didaticamente três sistemas filosóficos que julgou prevalecentes no desenvolver histórico da Geografia. As críticas principais à essa proposta virão, justamente, dessa direção, sustentadas por três nervuras principais. A primeira é de que Sposito propõe apenas três métodos, e a Geografia, por esse viés da crítica, teria muitos outros. Sposito, portanto, estaria diminuindo o arsenal metodológico do saber geográfico com esses três métodos. Tal redução, no mundo do plural, seria altamente nocivo, alimentam as críticas. A segunda nervura é de ordem epistemológica. Com a associação do método aos grandes sistemas filosóficos, a Geografia deixaria de ter seu método próprio: o método geográfico. A terceira nervura, mais pragmática, entende que faltou filosofia na respectiva proposta, necessitando de um diálogo mais profundo com o saber filosófico.

A inclusão da palavra filosofia no título, como já indicamos, teve seu preço. E o valor a ser pago foi a exigência da crítica quanto à sua utilização. Das três críticas endereçadas, julgamos que a única plausível é a segunda, referente ao método geográfico. A primeira delas parte de um a-historicismo e de um frágil entendimento da produção do conhecimento, pois Sposito não propõe método, apenas constrói um modelo de interpretação a partir do já existente. Inclusive, os três métodos também são prevalecentes nas outras ciências; gostando ou não, a história do conhecimento científico moderno nos revela esse dado com cores cristalinas. A terceira, que reclama um diálogo supostamente mais profundo com a filosofia, perde-se em sua própria formulação, pois a base da obra é a teoria do conhecimento. A exigência precisa compreender que a filosofia é um tipo de sabedoria muito ampla e o diálogo com as disciplinas científicas exige recortes; do contrário seria melhor escrever um livro de filosofia e não de Geografia.

A segunda nervura – do método geográfico – tem plausibilidade, pois a noção de método não é unânime entre cientistas e filósofos. Quando Sposito (2004, p. 23) decidiu partir do "pressuposto de que o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar", cristalizou um posicionamento diante da questão. A teoria do método que lhe sustenta, de certo modo, coloca em xeque a existência de um método propriamente geográfico – se aqui considerarmos o método enquanto o caminho do pensar. Nesse sentido, entendemos que, do ponto de vista de sua escolha e recorte, sua proposta resguarda coerência; porém, ela não resolve o problema do *método* na Geografia e nem poderia, pois tal debate está longe de ser resolvido, tanto na filosofia quanto na ciência, há pelo menos um século, conforme

os grandes e irresolvíveis debates da filosofia da ciência nos revelam. Basta recordamos de Karl Popper, Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend e suas batalhas intermináveis.

A proposta de Sposito (2004) é ainda solitária na Geografia brasileira em termos de obras específicas, o que reclama outras leituras e debates mais intensos, promovendo, então, a superação ou o confronto das concepções ali lançadas – avançando-as. Sposito, assim como Moraes, proporcionou a possibilidade de surgimento de um conjunto de outros geógrafos. Desses, gostaríamos de destacar dois como medida de exemplo. Um deles é Antônio Elísio Garcia Sobreira, que estudou a pedagogia anarquista em relação ao ensino de Geografia, sob orientação de Sposito. Este geógrafo produziu um texto com Sposito[351] sobre o método em Kant. O outro chama-se Antônio Henrique Bernardes, já mencionado anteriormente sobre um estudo realizado sobre o pensamento de Armando. Esse geógrafo produziu um texto com uma discussão abrangente sobre o método, denominado Os *Métodos e as Ciências* (2018). Nesse texto, o autor parte das fundamentações da ontologia hermenêutica de Hans-Georg Gadamer para interpretar a incidência dos métodos da filosofia sobre as ciências de um modo geral. É importante mostrarmos essas outras propostas, já numa terceira geração, pois revelam certas continuidades temáticas para com a raiz.

Ainda, é importante ressaltar que temas como os estudos culturais e sistêmicos (integrados ou complexos), bem como as metodologias qualitativas e a própria tecnologia, vêm sendo considerados como "novos" no debate geográfico quando o assunto é método. Essas interpretações dispersas e, às vezes, relativamente sistematizadas necessitam, tão logo, voltar à história do conhecimento geográfico acadêmico para solidificar tais afirmações.

A tecnologia, por exemplo, é um elemento imanente ao humano, como apontava Pinto (2005 [1973], p. 284), considerando que "nenhuma tecnologia antecipa-se à sua época ou a ultrapassa, mas nasce e declina com ela, porque exprime e satisfaz as carências que a sociedade sentia em determinada fase da existência". A bússola, o telescópio ou mesmo os mapas já foram considerados altas tecnologias no universo dos geógrafos. O novo, por meio da tecnologia como algo quase revolucionário no universo acadêmico da Geografia, assim, cairia por terra. Os SIGs, é verdade, são produtos do nosso tempo, mas também herdeiros de toda a ciência e técnica do tempo de outrora.

O novo evidentemente seduz, mas o rompimento (ou mesmo a superação) com o velho precisa ser cientificamente comprovado. A perda da perspectiva

[351] SOBREIRA, A. E. G; SPOSITO, E. S. A busca do método em Kant (2014).

histórica dos acontecimentos lança a ciência ao imediatismo do tempo presente, conduzindo as interpretações a reducionismos de toda sorte.

Desse modo, como se pode observar, a *leitura do método* na Geografia compreende certa diversidade na forma de interpretá-lo. Essa diversidade, contudo, é identificável quando se mira no método com base no *modo de fazer*. O *modo de pensar*, notadamente, também é diverso e heterogêneo; contudo, em termos de produção do conhecimento científico, o caminho (teoria, leis, categorias, conceitos etc.) acaba determinando a forma de pensar sobre os objetos e fenômenos.

A bibliografia sobre o método na Geografia vem se ampliando de forma mais intensa na literatura inglesa. Autores como Stoddard (1982), O'Brien e McFetridge (1989), Prasad (1992), Flowerdew e Martin (1997), Robinson (1998), Aggarwal, (2000), Clifford (2003), Basha (2004), Montello e Sutton (2006), Gomez e Jones (2010) e Hay (2015) são alguns nomes que se destacam na discussão sobre o método, abordando desde a discussão da técnica até os conceitos e temas centrais da Geografia. A comparação e o confronto entre essas concepções mais recentes podem provocar um resultado ainda mais interessante do que o efetivado. A raiz e sua constelação, contudo, não só buscou a *compreensão* do método, mas também o *propôs*. A fenomenologia ontológica-estrutural de Armando é o melhor exemplo. Nesse sentido, assim como as demais constelações, é verificável que a Geografia brasileira tem sua própria característica, seu modo de buscar e redesenhar a ordem do conhecimento.

A questão do método geográfico e o método em uma perspectiva mais geral é uma nervura aberta. A raiz e sua constelação de caminhos colocaram-se diante da mesma e buscaram compreendê-la com todo arsenal possível. Esta é, como já destacamos, a constelação que mais agrega geógrafos que desenvolveram reflexões sobre o método no âmbito das relações de orientação na pós-graduação brasileira nos cursos de Geografia. Em outros *caminhos*, como VIII, Ruy Moreira (2007), realizam-se reflexões sobre os princípios lógicos do método, e o *caminho* XI, Werther Holzer (2010), sobre a fenomenologia. Esses dois caminhos terão um papel mais acentuado à ontologia.

Certos aspectos sobre o método na Geografia ainda não foram totalmente superados. Temas como a existência de um método geográfico é um deles, somando-se a um possível pluralismo metodológico que inaugura os últimos anos da produção científica brasileira. Tanto os autores abordados neste estudo não representam a totalidade de intelectuais que se debruçaram sobre o método.

Além disso, nossa postura foi mais descritiva do que compreensiva. Na realidade, é necessário fazer uma história do método (ou das técnicas) nos geógrafos, para se chegar a conclusões mais detalhadas. Caminhamos em meio aos autores que pensaram sobre o método em textos e obras específicas, que também, e por isso mesmo, não podem ser reduzidos a elas. Há, contudo, outros caminhos nesta constelação que não foram explorados por nós em relação ao método, mas que detêm certa proximidade com o que vem sendo denominado de ontologia, modernidade e teorias do espaço. Por mais que tentemos caracterizar a constelação através de certos temas, ela sempre indicará a insuficiência dessa tentativa, pois a totalidade em devir é um objetivo a ser buscado, mas dificilmente alcançado. É importante que toquemos, brevemente, nos outros caminhos dessa constelação, trilhas que nos levam a outras direções.

***

Outros caminhos não foram explorados através do método, pois reclamam outras estratégias de conexão. Cabe, então, tocarmos nos *caminhos* I) Odeibler Santo Guidugli, V) André Roberto Martin, VI) Rosana Figueiredo Salvi, VII) Regina Celia de Araujo, VIII) Ruy Moreira, IX) Elvio Rodrigues Martins, X) Iole Iliada Lopes e XII) Raul Borges Guimarães. Agora, contudo, apenas exporemos algumas possibilidades conectivas da presente raiz constelatória. Esses caminhos lançam-nos a trilhas que demandariam um estudo mais abrangente. Assim, ainda que não possamos destrinchá-los com todo o fôlego necessário, a exposição das possibilidades pode nos indicar outras dinamicidades desta constelação.

O *caminho* I, Odeibler Guidugli, foi a primeira orientação de doutorado de Armando, em 1980. Guidugli realizou um estudo de Geografia da população em Marília em sua tese. Sua carreira acadêmica deu-se na UNESP de Rio Claro, e lá continuou com a temática populacional, tonando-se uma das maiores referências no assunto entre os geógrafos brasileiros. Seu papel na presente constelação, todavia, é de um meio conectivo, pois orientou uma pesquisa interessante à história da Geografia. Referimo-nos ao geógrafo Rui Ribeiro de Campos, que, durante seu doutorado, estudou a dimensão populacional na obra de Josué de Castro. A importância da tese de Campos (2004) reside no fato de nela constar um preliminar levantamento da produção acadêmica brasileira em história do pensamento geográfico, além da investigação do pensamento de Josué de Castro.

O *caminho* V, André Roberto Martin, já recebeu alguns comentários referentes à sua relação de amizade com Armando. Martin também não desenvolveu, durante seu mestrado e doutorado, pesquisa ligada ao saber geográfico como objeto. Sua trajetória é marcada pelo caminhar em Geografia urbana e regional, destacando-se a dimensão geopolítica em suas análises. Diferentemente do caminho anterior, Martin terá um conjunto de orientações bem mais acentuado no que se refere a estudos históricos e teóricos-conceituais-propositivos. Do seu conjunto de orientandos, destacamos uma: Mônica Sampaio Machado. Essa geógrafa estudou Geografia universitária carioca em sua tese; apesar da singular importância da mesma, julgamos que é no projeto *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros* (DGB) que seu papel, juntamente com Martin, refletirá com mais intensidade nos estudos históricos do saber geográfico. O objetivo desse projeto foi o de

> 1) Oferecer uma permanente e sempre atualizada base de consulta e pesquisa para todos aqueles interessados na história da construção material do território brasileiro e na história da ciência geográfica no Brasil; 2) Criar um projeto aberto, com atividades continuadas, capazes de integrar instituições, pesquisadores e alunos; 3) Contribuir para o fortalecimento do campo científico e político da Geografia brasileira; 4) Recuperar a história e memória da Geografia brasileira, a partir da constante construção e atualização de artigos/verbetes com informações e visões críticas; 5) Implementar uma dinâmica de pesquisa baseada em contínuos diálogos e trocas entre pesquisadores e alunos.[352]

Esse projeto de pesquisa, que já rendeu a publicação do Volume 1: *Dicionário dos Geógrafos Brasileiros*, em 2014, faz parte do Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política – GeoBrasil, liderado por Mônica Sampaio e Roberto Martin. Esse grupo vem estudando

> [...] a Geografia Brasileira, tanto a ciência geográfica produzida no País quanto sua geografia material, seu espaço geográfico, a partir da perspectiva histórica e política. Assim, através do diálogo entre Geografia, História e a Política, o Grupo procura levantar, analisar e produzir dados, informações e artigos sobre Geografia Brasileira, ciência e materialidade. Duas linhas de investigação organizam as atividades de pesquisa e os debates em duas direções que se complementam. A Linha 1, voltada para a Geografia Histórica, prioriza o campo científico geográfico (instituições, autores, temas, teorias, propostas, etc.) e a história territorial do País (formação e delimitação dos estados, municípios, cidades e sistemas urbanos, regiões, eixos geográficos, biodiversidades, e paisagens geográficas). A Linha 2, priorizando a interface com a Política lança foco sobre a realização da Globalização no Brasil da atualidade e a participação

[352] Retirado da plataforma lattes *http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4763736U3.*

> do seu território nesse contexto, principalmente em seu papel no continente americano (atuação do Estado brasileiro, das empresas globais, das expressões sociais, tanto políticas quanto culturais).[353]

Veja-se que, de diferentes modos e perspectivas, muitos de seus orientandos, e outros depois desses, foram desenhando e enriquecendo a pesquisa histórica e conceitual do saber geográfico. Armando, inclusive, é o primeiro geógrafo do respectivo dicionário a ser analisado, juntamente com Fanny Davidovich, Feliciano Sodré, Josué de Castro, Lysia Bernardes, Manuel Correia de Andrade, Maurício Abreu, Milton Santos, Moacir Silva, Pedro Geiger e Therezinha de Castro (MACHADO; MARTIN, 2014). A história, portanto, vai fazendo suas costuras.

O *caminho* VI, Rosana Figueiredo Salvi, desenhou seu percurso em Londrina, no Paraná, na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Sua trajetória acadêmica sempre foi voltada à história e à epistemologia do saber geográfico – desde o período de graduação até o pós-doutorado desenvolveu investigações dessa natureza. Com Armando, realizou o mestrado e o doutorado. Na dissertação, pesquisou o tempo como uma categoria do método de pesquisa. Para tanto, analisou, enquanto recorte, as investigações sobre o tempo realizadas na Geografia humana produzida no Brasil. Sua dissertação[354] é o primeiro estudo que temos conhecimento que, enquanto objeto, dedicou-se ao tempo de modo tão conciso em relação aos geógrafos brasileiros. No conjunto dos temas debatidos no desenvolver desse trabalho, um elemento se destaca: a modernidade. Esse tema foi objeto de muitas reflexões e textos elaborados por Armando, assim como a tecnologia também tratada no respectivo estudo. Esse dado, ainda que de modo muito preliminar, demonstra indícios da influência de Armando – influência de tal modo que a tese de Salvi (1999)[355] terá a modernidade, sob o signo de questão, como tema de estudo. Atualmente, dedica-se à epistemologia e à história da ciência com vistas ao ensino. Temos com Salvi uma outra costura, fios que vão se ligando ao infinito.

O *caminho* VII, Regina Celia de Araújo, realizou apenas o mestrado com Armando, no ano de 1992. Sua dissertação procurou analisar a geograficidade no pensamento de Mario de Andrade, evidenciando o conteúdo geográfico presente nas obras *O Turista Aprendiz e Macunaíma*. O perfil dessa dissertação segue em semelhante caminho ao das orientações realizadas por Lívia de Oliveira. Outro caso de apenas realização do mestrado é o do *caminho* X, Iole Iliada Lopes. Essa

[353] Consultado no site *http://www.grupogeobrasil.com.br/ogrupo.php*. Em 22/07/2019.
[354] SALVI, R. F. **Estudo do tempo na geografia humana brasileira como uma categoria do método.** Dissertação, Universidade Estadual de São Paulo, USP, 1993.
[355] SALVI, R. F. **A Questão Pós-Moderna.** Tese, Universidade de São Paulo, USP, 1999.

geógrafa realizou o mestrado com Armando em 1997. Sua investigação[356] procurou correlacionar a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas com a Geografia, notadamente com o tema da globalização e o conceito de lugar. Este caminho continuará com Habermas no doutorado[357], porém sob orientação do *caminho* III, Antônio Carlos Robert Moraes. Diferentemente da dissertação, na tese, o conceito de território terá mais atenção, dado que o debate debruça-se sobre as discussões dos Estados pós-nacionais e do Estado-nação. A mudança de orientador não implicou na saída da constelação.

O *caminho* VIII, Ruy Moreira, já recebeu alguns apontamentos na presente tese, pois concentra um expressivo número de orientações de dissertações e teses dedicadas à história e epistemologia do saber geográfico, além de dezenas de livros publicados. Seu mestrado[358] foi realizado com o geógrafo Maurício de Almeida Abreu (raiz não analisada) em 1984, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com Armando, em 1994, defendeu a tese *Espaço, Corpo do Tempo: A Construção Geográfica das Sociedades*. Essa tese analisou as configurações espaciais das sociedades através da análise da produção de seis geógrafos: Élisée Reclus, Paul Vidal de la Blache, Jean Brunhes, Maximilien Sorre, Pierre George e Paul Claval. Além de seu carácter histórico, a tese traz uma profunda reflexão sobre o espaço. Moreira será fundamental para a promoção da questão ontológica, juntamente com Moraes e o *caminho* IX, Elvio Rodrigues Martins.

O *caminho* IX, Elvio Rodrigues Martins, é uma das últimas orientações de Armando. Martins é um caso de doutorado direto e sua tese, intitulada *Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico*, é, também, um claro exemplo da influência de Armando. Um dos principais pilares dessa tese decorreu de uma proposição de Armando quanto à história do pensamento geográfico. No livro *De quem é o Pedaço* (1986, p. 91), Armando argumenta que a Geografia tem vivido um "impasse aristotélico-kantiado desde suas origens". Elvio se aprofundará nos desdobramentos desse impasse detectado por Armando, indo a Aristóteles, Kant, passando por algumas teorias do espaço (Newton e Leibniz, notadamente) e verificando as implicações no conceito de região. Elvio, tal qual os caminhos II, III e V, terá na Universidade de São Paulo sua atividade como docente e pesquisador, continuando com temas da epistemologia, história e ontologia da Geografia. Esse último elemento merece uma singular atenção, pois a ontologia, como já destacamos, também se manifestou como tema em outros caminhos das orientações de Armando. No caso de Elvio, sua tese toca em alguns elementos em

[356] LOPES, I. L. **O Lugar da Razão e a Razão do Lugar:** Uma Aproximação Preliminar entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Geografia. Dissertação Universidade de São Paulo – USP, 1997.
[357] LOPES, I. L. O **Território e os Estados Pós-Nacionais:** uma Abordagem Geográfica das Teorias Recentes de Jürgen Habermas. Tese, Universidade de São Paulo – USP, 2004.
[358] MOREIRA, R. **Movimento operário e a relação cidade-campo no Brasil.** Dissertação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

relação a essa questão; porém, em sua tese de Livre-Docência, *Geografia e Filosofia:* O *Fundamento Geográfico do Homem*, concluída em 2017, esse assunto terá um espaço mais acentuado.

A diferença principal da tese de doutorado para a de Livre-Docência consiste na mudança de foco pelo autor. De certo modo, a Livre-Docência continua com a discussão de natureza filosófica iniciada no doutorado, quando então mirou na estrutura do discurso da Geografia enquanto ciência; porém, nesse segundo momento, este caminho procurou "compreender a Geografia enquanto fundamento da existência do homem" (MARTINS, 2017, sem pág.) – existência, essa também, uma das áreas mais promissoras que Armando ajudou a erguer na Geografia brasileira enquanto tema de investigação através do debate ontológico. A dimensão espacial da existência é um outro veio para compreendermos as orientações de Armando. Ruy Moreira, *caminho* VIII, orientou uma das primeiras dissertações voltadas à ontologia que realizou uma tentativa de balanço geral. Essa dissertação foi realizada por Mariane de Oliveira Biteti (2007)[359] , continuando no doutorado[360] com o mesmo tema. Biteti (2007)revela e investiga a presença da ontologia em três dos caminhos: Antônio Carlos Robert Moraes, Ruy Moreira e Elvio Rodrigues Martins. Além da presença da ontologia nesses três caminhos, acrescentaríamos os caminhos Wherther Holzer (1998), que entende a Geografia como uma ciência das essências a partir, notadamente, da fenomenologia; e o *caminho* XII, Raul Borges Guimarães, uma das últimas orientações de Armando.

O *caminho* XII, Raul Borges Guimarães, voltou-se em seus estudos à Geografia da saúde. Com Armando, realizou o doutorado[361]. Atualmente, é docente na Universidade Estadual Paulista – UNESP, de Presidente Prudente. Seu papel na presente constelação se justifica pela proposição de uma teoria, denominada *Teoria da Dupla Determinação Geográfica da Saúde*. Guimarães (2019, p. 27) parte de uma concepção filosófica realista, entendendo que os problemas de saúde "têm existência autônoma, independente do conhecimento que possa ser produzido sobre eles". Desta constatação, apontam-se duas determinações: i) epistemológica e ii) ontológica. A primeira pretende recuperar o raciocínio geográfico clássico: a localização, extensão, distribuição, conexão e difusão espacial em relação à saúde; ao mesmo tempo em que o segundo momento dessa determinação procura tomar consciência da relação da sociedade com a natureza. A segunda, a ontológica, dialoga com o "conceito de trabalho na integração da esfera inorgânica, orgânica e social num todo societário", e, também,

[359] BITETI, M. **O. Uma reflexão sobre o tema da ontologia na Geografia.** Dissertação, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2007.
[360] BITETI, M. O. **O Em-si-para-o-outro-para-si:** o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico. Tese, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2014.
[361] GUIRAMÃES, R. B. **Saúde Pública e Política Urbana:** memória e imaginário social. Tese, Universidade de São Paulo, USP, 2000.

a "reintegração do corpo no espaço, compreendido como modo espacial de existência (geograficidade)" (GUIMARÃES, 2019, p. 27).

Alertamos, no início deste capítulo, que um filósofo teria importante papel na trajetória acadêmica de Armando. Chamávamos atenção a José Chasin, professor de filosofia da Universidade de São Paulo e amigo de Armando. Esse filósofo será a pedra de toque na trajetória de Armando rumo à questão ontológica[362], e Armando a alguns de seus orientandos, conforme destacamos. Armando será um promulgador do debate ontológico na Geografia brasileira – diferentes estudos vêm comprovando essa hipótese (BITETI, 2007, 2014; BERNARDES, 2012; OLIVEIRA JR, 2015; COUTINHO, 2017; ZADOROSNY, 2019). Em sua quase totalidade, esses estudos debatem a *ontologia do espaço*, aproximando-se dos filósofos György Lukács, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. A questão ontológica na Geografia brasileira é um dos principais núcleos da relação entre Geografia e filosofia. Esta constelação os revela de diferentes modos através de Armando, visto que não apenas em Armando (1992, 2000) será um tema premente, mas em seus orientandos (MORAES, 1982; HOLZER, 1998; MOREIRA, 2007; MARTINS, 2007, 2017) e nos orientandos desses (BITETI, 2007, 2014; BERNARDES, 2012; COUTINHO, 2017). Nota-se que, além do método, Armando também cristalizou nervuras em outras dimensões investigativas, isto é, do ser, do estar e do existir, fomentando um programa de pesquisa que tem a dimensão espacial da existência seu ponto de questão. Quanto às perspectivas e conclusões desta constelação, passados por esses diferentes caminhos, julgamos que a própria raiz possa responder:

A nova aventura está começando,
Nos projetos e perspectivas, já postos
Como "de repentes" que se fizeram vida
E como inusitadas respostas do cotidiano.

Não sou feliz mas estou feliz.
Não sou o que era, mas gosto do que sou agora.
A vida interior continua sem rumo
Em cada momento do dia-a-dia, do noite à noite.

A vida exterior é por isso mais rica
De encontros e desencontros que se fazem
Pedaços dos lugares e das relações
Que implodem na festa que não acabou.

(Armando Corrêa da Silva, São Paulo, Pinheiros, 20/05/1993. In: Saudades do Futuro).

[362] "Conversando com um professor de Filosofia indagou-se dele sobre a possibilidade de uma ontologia do espaço geográfico. Respondeu que era possível e que seria um trabalho de interesse científico e cultural" (SILVA, 1988, p. 9).

Método e existência (ou ontologia) são pontos de partidas que dão indícios conectivos entre a raiz e a constelação. Todavia, outras conexões temáticas podem ser detectadas e exploradas com mais fôlego do que como aqui realizamos, revelando outros veios de nervuras. A indagação inicial que reproduzimos de Armando – *"eu penso que o problema da filosofia da Geografia, como indicação de solução, é uma questão premente. E que nós temos que resolver, de alguma forma"* – recebeu diferentes tentativas de solução, por isso julgamos que a procura de resolução vem sendo realizada por seus orientandos de diferentes formas, passando-se inclusive a novas gerações, enriquecendo e ampliando o debate de natureza filosófica na Geografia brasileira, conforme procuramos expor através de alguns caminhos.

9.5 O presente contínuo do passado vindouro das raízes constelatórias do saber

Esta tese procurou construir um panorama geral do que tradicionalmente denominamos de *pensamento geográfico* em sua condição de objeto. Suspeitávamos, inicialmente, que a Geografia brasileira pouco produzira sobre a questão. Essa hipótese rapidamente foi descartada, tamanha a quantidade de investigações que foram detectadas. Críamos, ainda, que fosse possível detectar tendências, correntes e a até mesmo "escolas de pensamento". Esses termos foram demonstrando uma enorme incompatibilidade com as características próprias do objeto, levando-nos à procura de outras metodologias, outros modos de pensar. Conforme a *constelação síntese*, que segue logo adiante, procuramos unificar em um único tom imagético-cartográfico as constelações anteriormente comentadas e, ainda, aquelas que não tivemos condições de mencionar.

A *constelação síntese* é uma tentativa de reunir imageticamente um pedaço da totalidade dos geógrafos brasileiros que se voltaram ao estudo do saber geográfico. Ela é uma epítome das constelações que comentamos anteriormente – Aziz, Pasquale, Lívia e Armando – mas, também, traz aquelas que não analisamos – Bertha Koiffman Becker, Maurício de Almeida Abreu, Lucia Helena de Oliveira Girardi, José Ribeiro de Araújo Filho e Heinz Dieter Heidemann[363]. Procuramos relacionar os caminhos de orientações de cada raiz e cruzá-las no tempo. Cada qual, assim, contém uma tonalidade de coloração. Possuem, ainda, uma linha temporal em horizontal, representando o tempo linear, inexorável, da Geografia produzida no Brasil. Além dessa temporalidade matriz, traçamos outras linhas temporais, individuais e verticais de cada raiz constelatória. Temporalidades que se cruzam através das singularidades de cada alma, efetivando aproximações escorregadias de uma fração do total, conformando, assim, uma sensação de inundação em razão de ser uma tentativa de síntese que guarda, ao seu passo, sua própria limitação por não ser completa. Por seu turno, são necessárias algumas ponderações.

* * *

Um dado factível se impôs: como pensar, conectar e transmitir um julgar sobre um conjunto de sujeitos que estão em perpétuo movimento, seguindo sempre adiante no correr das gerações? A ideia de constelação, preliminarmente, saltou

[363] Podem ser conferidas nos apêndices.

como uma genuína solução. O devir de cada geógrafo é conectado a outros geógrafos, tanto no agora, nas relações imediatas de cada ser, quanto no passado, através das raízes. E as raízes são muitas, infinitas. Selecionamos as mais evidentes aos olhos, por meio do vínculo inevitável da *relação* orientador-orientando.

A ideia de raiz traz consigo algo de transcendente, pois raízes é tudo aquilo que nos antecede, o inatingível e misterioso passado do humano. A ideia de *raízes*, no plural, é a chave da generalização do pensar sobre a questão. Mas a ciência exige recortes, pois o intelectual é limitado pelo seu próprio raio de visão. A inevitabilidade dessa condição obrigou-nos a selecionar algumas raízes, e assim o fizemos. Concentramo-nos em apenas quatro, escolhidas mediante a concatenação histórica de seu surgimento e pelas possibilidades materiais de que dispúnhamos. Outras cinco – Bertha Koiffmann Becker, Maurício de Almeida Abreu, Lucia Helena de Oliveira Girardi, José Ribeiro de Araújo Filho e Heinz Dieter Heidemann – não puderam ser comentadas. Essas outras raízes, também ativas, revelam outros segredos da Geografia brasileira, dinamicidades a serem tencionadas. Nosso exercício, portanto, é bastante limitado, circunscrito a determinados pedaços da totalidade inalcançável. Por isso, há, ainda, um *passado vindouro* que acontece independentemente de nossas vontades, constituindo, então, o *presente contínuo* das orientações na ininterruptabilidade do acontecer das coisas que nunca cessam. O toque existencial do realizar acadêmico, mediante o cerzir dos sujeitos, foi um dos nossos intentos. Por vezes, ficamos presos à descrição, atados à retidão de um julgar apressado. Nesses casos, insistimos na menção dos nomes, pois eles, ainda que ditos de modo pouco aprofundado, nos revelavam possibilidades de conexões.

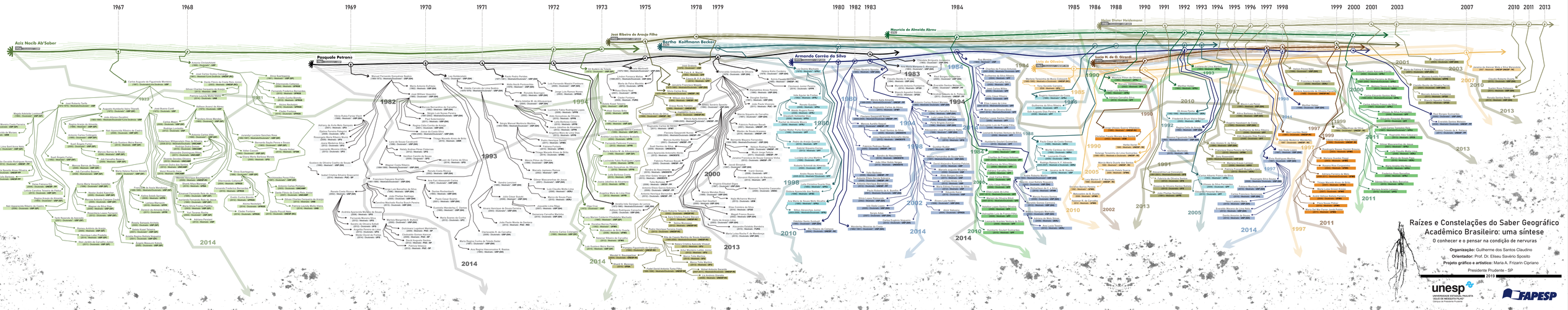
A constelação, enquanto modo de pensar, possibilitou-nos chegar a geógrafos localizados no final da corda do conhecimento, pois a história também é determinada pelos sujeitos presentificados. Muitas raízes continuam a existir devido à insistência dos mais jovens, que optaram em segui-las, alimentando e aumentando as conexões no interior das constelações. O movimento histórico do saber, ora coloca mais brilho em certas estrelas, ora as apaga. A única certeza é que brilho nenhum permanece para todo o sempre, e o apagar, queiramos ou não, é uma condição de toda criatura viva. O brilho somente permanecerá se a força das gerações posteriores empurrarem a roda do passado, fazendo-a rodar incessantemente a matéria trabalhada.

O *passado vindouro*, para nós, está em *perpétuo contínuo*, pois liga-se com os sujeitos do presente, tanto nas ideias quanto na ligação – formal – das orientações. As raízes constelatórias são a representação de uma fração de sujeitos

históricos e atuais em devir ininterrupto: *o presente contínuo do passado vindouro*. O mapeamento do conhecimento não pode ser estático, personalista ou meramente territorial, mas deve agregar todos os elementos em totalidade, reconhecendo a mudança incessante.

As raízes constelatórias não podem ser pensadas apenas em seu aspecto existencial, das relações humanas de afeto e amizade, pois os conflitos são latentes, determinantes e, sem eles, o conhecimento também não avança com eletricidade. A batalha pela própria existência das ideias é um elemento fundante das constelações. A criatura humana digladia-se entre os seus desde que o mundo é mundo. A ausência do conflito nas análises – *as nervuras* – deixaria nossas raízes constelatórias sem a eletricidade necessária a seu funcionamento real. E as nervuras podem se apresentar de diferentes modos: entre instituições, países, dentro de um mesmo departamento, entre orientando e orientador, enfim, o conflito presentifica-se em qualquer nível da relação humana.

Os conflitos são herdados, muitas vezes superados, por vezes revividos. Essa dinâmica vai desenhando as fronteiras, criando grupos, campos de disputa de toda natureza. A estrututura subterrênea, enquanto nervuras, vai se cristalizando em cada departamento, em livros, revistas, e, geração a geração, os mesmos vão sendo herdados consciente ou inconscientemente pelos mais jovens. Escolher um grupo de pesquisa, um tema de investigação ou simplesmente um orientador, leva-nos a fazer parte de um lado na dança dos conflitos históricos e atuais. E essa é grande mágica da coisa chamada saber, e os geógrafos não escapam à regra. Nosso intento, portanto, foi uma tentativa de decifrar essa mágica em alguns sujeitos entendidos como raízes e estrelas, conformando *raízes constelatórias do saber*.


Aziz Nacib Ab'Sober
Pasquale Petrone
José Ribeiro de Araujo Filho
Bertha Koiffmann Becker
Armando Corrêa da Silva
Mauricio de Almeida Abreu
Helga Dieter Heidemann
Lucia H. de O. Girardi
Raízes e Constelações do Saber Geográfico Acadêmico Brasileiro: uma síntese
O conhecer e o pensar na condição de nervuras
Organização: Guilherme dos Santos Claudino
Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito
Projeto gráfico e artístico: Maria A. Frizarim Cipriano
Presidente Prudente - SP
2019
unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente
FAPESP

CONCLUSÕES

Percorremos diferentes direções em relação a um núcleo comum, isto é, o do saber geográfico brasileiro posto como um objeto. Cada capítulo apresentou conclusões próprias, conectando-se com os demais para a construção de uma noção entendida como um modo de pensar – as raízes constelatórias –, cujo intento procurou elaborar uma forma de compreensão de uma temática em devir. A tese em si, portanto, é a construção de um modo de pensar, que operacionalizamos através de diversas situações – *forma, clima, terra, psique* e o próprio *método*. Esses termos, que transcendem o tempo, materializaram-se no realizar dos geógrafos brasileiros, firmando-se por meio de diferentes cores mediante as gerações. Todavia, não são totalidades, mas partes enquanto subtotalidades da Geografia brasileira – por isso, os entendemos como recortes.

Através desta proposição, sustentada pelo pensar e o conhecer enquanto saber, identificamos e expusemos a *existência* de um objeto de estudo secular – "o pensamento geográfico" – investigado por diferentes pessoas e lugares no Brasil. Aprofundamos nos sentidos e significados da respectiva noção, revelando suas inconsistências, potencialidades e, sobretudo, as limitações. Isso prova, portanto, que os geógrafos brasileiros nunca deixaram de refletir sobre seu fazer, seja em uma perspectiva teórica e conceitual arriscando proposições, ou em relação ao geográfico no tempo, produzindo histórias e narrativas daqueles que se foram. Essa identificação elucida o segundo momento da presente tese, ou seja, das duas dimensões analíticas: i) teórica-conceitual-propositiva e a ii) histórica. Em uma linguagem mais objetiva, podemos dizer que os geógrafos brasileiros se apoiaram, majoritariamente, na filosofia e na história para a investigação do "pensar" e do "conhecer", erigindo um saber.

Essas duas dimensões de análise propiciaram a visualização de investigações em diferentes lugares do Brasil. Muito embora a concentração maior de dissertações e teses mantenha-se ainda no Sudeste, praticamente todas as regiões já produzem suas próprias ideias e reflexões, afirmando uma Geografia do conhecimento, dadas as características dos trabalhos que revelaram forte influência do lugar de sua produção. Tal influência, palavra por nós também problematizada, tem forte conotação na estrutura do recorte dos objetos escolhidos pelos geógrafos. Pouco, por outro lado, é manifestado na escolha das teorias e conceitos, pois o conhecimento e as ideias migram em um perpétuo movimento. Ideia e conhecimento não são coisas muito simples para se detectar em relação à sua origem espacial.

Origem e influência são duas palavras que guardam uma riqueza

abundante e, por isso mesmo, são bastante periclitantes, a depender do seu uso. Se a dose de utilização das mesmas ultrapassar a medida do bom senso, a criatividade do humano é eliminada por completo, tornando-se, por conseguinte, um todo constituído por outras partes que não si mesmo. A essência é substituída pelas circunstâncias. Do mesmo modo, o inverso também é possível. Imaginar uma criação destituída de influências e raízes é, em outras palavras, eliminar a história. O contexto é substituído pelo presente imediato desmedido. Portanto, um risco sempre existirá. Lidamos com esse risco através da constelação e das raízes adjetivadas através dos rizomas. Entendemos a multidão de geógrafos como constelações, cabíveis de conexões através do vínculo *formal* e *existencial* da orientação, pois estrela nenhuma é compreendida isoladamente. O sentido de ser de uma estrela – localização, extensão, brilho, morte, tempo de existência – só pode ser compreendida em relação à constelação que faz parte no conjunto de outras estrelas. Essência e existência coexistem na constelação; unidade em conjunto com outras unidades.

É através de um jogo infinito entre o passado, entendido como raízes, o presente personificado nos vivos, e a predição de um porvir que a constelação se efetiva. Esses "três tempos" são regidos pelas ações humanas – neste caso, dos geógrafos, efetivando as raízes constelatórias do saber geográfico. O escolher de um livro qualquer de Geografia carrega em si um universo de outros geógrafos, tradições, conflitos, isto é, de outras vidas. A realização de uma pesquisa científica de mestrado ou doutorado, igualmente, reflete esse jogo. Escolher um orientador é herdar tudo o que ele representa, as coisas boas ou ruins. É efetivar-se em uma localização na história do conhecimento. É inserir-se em uma teia que quebra o tempo e o espaço, fazendo-se existente no tear da ciência. Negar as ideias de um orientador ou com esse entrar em conflito é uma das tramas quase inevitáveis do jogo do saber, pois os mais próximos tendem naturalmente a conhecer com mais sutiliza as fragilidades daqueles que supostamente lhe deram vida. A conexão principal entre orientador e orientando é o saber. E este, como tal, exige o revisar constante.

Existir, em ciência, supõe coexistir. E para pensar a coexistência é fundamental a compreensão de suas conexões escorregadias, pois se o ato de conhecer tem algo de metodológico, o pensar, por outro lado, revela-se um exercício fora de ordem. A condição plástica do atos humanos e seus consecutivos resultados, então, dificultam a delimitação através, simplesmente, de escolas ou correntes. Esses, que são conceitos importantes para a transmissão de um juízo

sobre a generalização da atividade científica em dado tempo-espaço por um conjunto de sujeitos, tornam-se pueris à revelação das unidades com suas particularidades. A constelação, assim, surge como um modo que agrega a unidade ao suposto diverso das outras unidades. É, em outras palavras, um modo que reconhece a própria limitação do conceito e das generalizações, e não os abomina, mas os inclui na finalização dos juízos. Foi nessa perspectiva que procuramos investigar e analisar o labirinto da Geografia brasileira em relação a algumas raízes, ou seja, reconhecemos a abundância dos sujeitos-geógrafos e adentramos em mergulho em suas reflexões sem a pretensão de delas sairmos em conclusão.

Veja-se: os geógrafos brasileiros têm relações com uma rede de sujeitos, muito maior do que qualquer pesquisa exaustiva possa supor. Um geógrafo pode transitar em mais de uma geração. Temos muitos exemplos de geógrafos que mudaram de escolas ou correntes teóricas em seu caminhar; basta aqui lembramos de David Harvey. Mesmo que um geógrafo se mantenha, ao longo do tempo, fiel à determinada corrente, ele pode, através do processo de orientação, fazer nascer um contraditório à sua opção, uma antítese à sua tese. Este segundo caso é muito mais comum em relação à Geografia produzida no Brasil. A constelação de Aziz Ab'Sáber demonstrou isso com um conjunto de situações, por exemplo, a situação entre Antonio Christofoletti e Dirce Suertegaray, e mesmo Monteiro com os seus. A própria constelação do sereno e equilibrado espírito de Pasquale Petrone, igualmente, revelou hercúleas batalhas entre as gerações posteriores. Como Theodor Adorno (2009) nos indicou, o método precisa reconhecer sua própria insuficiência diante de um real abundante.

A abundância das coisas e sua consequente existibilidade material e abstrata impõem uma postura mais aberta, que reconheça o papel do devir e do movimento. Essa abertura, todavia, não pode se perder no relativismo que assombra nossos juízos. Por isso, as nervuras foram fundamentais, pois elas são o chão do concrescível, uma espécie de antropomancia das vísceras da ciência. As nervuras, enquanto nervo, revelaram a latência da pulsão do humano através do exercício científico.

Assim, admite-se, implicitamente, que procuramos desenvolver uma proposição analítica que conecta o passado, a atividade científica do mundo de então e, a partir do terreno dos fatos, a efetivação de prognoses do futuro, num exercício constante de expectação e prelibação que as raízes constelatórias nos favorecem. Nossa tese, portanto, efetiva-se em razão deste afã.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, A. A. **A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo** – Holambra – Contribuição à Geografia do Povoamento do Estado de São Paulo. USP, dissertação, 1970.

_____. **Estruturação de Paisagens geográficas no médio vale do Jaguari-Mirim-SP**: uma contribuição à análise integrada da paisagem em borda de maciço antigo. USP, Tese, 1973.

_____. Considerações a respeito de uma epistemologia da geomorfologia (Espistemologie de la Geomorphologie - A. Reinaud). **Boletim Paulista de Geografia**, v. 55, p. 125-135, 1978.

_____. **Análise geomorfológica**: reflexão e aplicação. São Paulo, Depto. Geografia, FFLCH-USP, (Tese de Livre-Docência), 1982.

_____. Considerações a Respeito dos Fundamentos Conceituais das Classificações Geomorfológicas Utilizadas no Brasil. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 63, p. 49-59, 1986.

_____. A Teoria Geomorfológica e sua Edificação: Análise Crítica. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Ano 4, Nº 2, 2003, p. 51-67.

_____. Revisitando um clássico: "O relevo brasileiro e seus problemas" de Aziz Nacib Ab'Saber. In: **A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber**/ organizado por May Christine Modenesi-Gauttieri; Andrea Bartorelli; Virginio Mantesso-Neto; Celso dal Ré Carneiro; Matias Barbosa de Andrade Lima Lisboa. - - São Paulo: Beca- BALL edições, 2010.

_____. Aziz Nacib Ab'Saber: a natureza, a sociedade e a paisagem. **Revista Cultura e Extensão USP**. v.2, 2012. p. 21-23.

ABREU, C. Geografia do Brasil. **Almanaque Brasileiro Garnier**, Rio de Janeiro, 1904.

ABREU, M. A. Estudo geográfico da cidade no Brasil: Evolução e avaliação (Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro.). **Revista Brasileira de Geografia**, V. 56, n. ¼, Rio de Janeiro, 1994.

AB'SÁBER, A. N. Meditações em torno da notícia e da crítica na geomorfologia brasileira. **Notícia Geomorfológica**, 1: 1-6., 1958a.

_____. A Geomorfologia no Brasil. **Notícia Geomorfológica**, 2: 1-18. 1958b.

_____. **Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo**. USP, Tese, 1957, 343 p.

_____. **Da participação das depressões periféricas e superfícies aplainadas na compartimentação do Planalto Brasileiro**. USP, Tese Livre-Docência, 1965. 180 p.

_____. **Bases geomorfológicas para o estudo do Quaternário no estado de São Paulo**. USP, Tese de Cátedra, 1968. 229p.

_____. Um conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário. **Geomorfologia**, São Paulo, 18: 1-23, 1969.

_____. A Geologia no Brasil: um século de investigações científicas. I - 1875-1900. **Biblio-Geo**, 1. São Paulo, 1977.

_____. A climatologia e a meteorologia no Brasil. In: Mario G. Ferri; Shozo Motoyana (org.) **História das ciências no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1979. p. 119-145.

_____. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

_____. O legado de Jean Tricart: pesquisador francês revolucionou ciências da terra no Brasil ao dar atenção à superfície. **Scientific American Brasil**, São Paulo, v. 3, n. 33, p. 98, 2005.

A

ADAS, S. **O campo do geógrafo**: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964). 2006. 481 f. V. 1. Tese. USP, São Paulo.

_____. **Volume II**: Notas. 2006. 135 f. Tese. USP, São Paulo.

ADORNO, T. **Dialética negativa**. Tradução Marco Antônio Casanova. Revisão técnica Eduardo Soares Neves Silva. - Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AGGARWAL, D. **Modern Methods of Teaching Geography**. Sarup Teaching Series, 2000.

ALBACH, V. M. **Panorama da pesquisa em Turismo nos mestrados em geografia do Brasil:** o caso do mestrado em geografia da UFPR. 2010. 166 p. UFPR, Paraná.

ALDRIDGE, A. O. "A Symposium: The Concepto of Influence in comparative Literature". **Comparative Literature Studies**, special advance number, University of Maryland, College Park, 1963, PP. 143-152.

ALMEIDA, A, W. B. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras e índio: uso comum e conflito. In GODOI, E, P; MENEZES, M; MARIN, R, A. **Diversidade do Campesinato:** expressões e categorias, v 2. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ALMEIDA, R. S. **A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período 1938-1998:** Uma Relação entre Documento e Memória. 2000, 899f. Tese, UFRJ, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, V. S. **Amor mundi e educação**: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt. 2009. 1993 f. Tese, USP, São Paulo.

ALVES, F. D. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira**: A produção em periódicos científicos de 1939-2009. 2010. 350 f. UNESP, Rio Claro.

ANDRADE, É. **O Sujeito do Conhecimento**. Editora Martins Fontes. 2012.

ANDRADE, M. C. **A terra e o homem no Nordest**e: São Paulo: Brasiliense, 1963.

_____. O pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira. In. **Boletim Paulista de Geografia**. N 54. São Paulo: AGB, P. 5-28, 1977.

_____. GEOGRAFIA RURAL: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 25, n. 49/50, p. 4-14, 1995.

ANJOS, L. **Sistemas de classificação do conhecimento na filosofia e na biblioteconomia:** uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. 2008, 291 f. Tese. USP, São Paulo.

ANTUNES, C. F. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB):** origens, ideias, experimentações e transformações - notas de uma história. 2008, 311 f, Tese, UFF, Rio de Janeiro.

ARAÚJO, R. A. **Esboço inicial da climatologia da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. 2005. 178 f. Tese. USP, São Paulo.

ARCHELA, R. S. **Análise da Cartografia Brasileira** - bibliografia da cartografia na geografia no período de 1935 – 1997. 2000. 415 f. Tese. USP, São Paulo.

ARENDT, H**. Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **A vida do espírito**: o pensar, o querer, o julgar. Relume Dumará, Rio de Janeiro 2.v, 2000.

AZEVEDO, A. **O Mundo Antigo**: Expansão geográfica e evolução da geografia. São Paulo, 1965. Coleção Buriti, vol. 9.

_____. **Brasil**: A Terra e o Homem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

A

AZEVEDO, T. R**. Derivação antrópica do clima na Região Metropolitana de São Paulo abordada como função do ritmo semanal das atividades humanas**. Tese, USP. 2001.

B

BABINI, J. **El Saber**. Buenos Aires: Galatea: Nueva Visión, 1957.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAHIANA, L. C. **Teoria, Metodologia e História do Pensamento Geográfico:** Flagrantes de um século de reflexão em periódicos selecionados. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, V. 54, n. 3, 1992.

BAIARDI, A. A evolução das ciências agrárias nos momentos epistemológicos da civilização ocidental. In: MARTINS, R. A; MARTINS, L. A. C. P; SILVA, C. C; FERREIRA, J. M. H. (eds). **Filosofia e história no Cone Sul**: 3. Encontro. Campinas> AFHIC, 2004. P. 23-28.

BALDACCI, O. **Il pensiero geográfico**. Brescia: La Scuola, 1975.

BARBOSA, R. A questão do método cartográfico. **Geografia.** 29(4): 117-23. v. 29, n. 4, out/dez, 1967.

BARROS, J. D. **Teoria da História**. Princípios e conceitos fundamentais. Volume 1. Editora Vozes, 2011.

BARROS, L. G. M. **Sobre o leito vacilante:** mudanças na Geomorfologia fluvial em meados do século XX. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

BASHA, S. **Methods of Teaching Geography**. Discovery Publishing House New Delhi. 2004.

BAUAB, F, P. **Da geografia medieval às origens da geografia moderna**: contrastes entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo. Presidente Prudente, Tese .2005. 298 f.

BEAJEU-GARNEIR, J. **La geographie**: methodes et perspectives. Paris: Masson, 1971

BEILLEROT, J. **La formación de formadores**. Buenos Aires, Novedades Educativas, 1998.

BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução, apresentação e notas: Sergio Paulo Rouanet. - São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERNARDES, A. H. **Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta**: contribuição à epistemologia em Geografia. Presidente Prudente: UNESP-FCT, Tese, 2012.

_____. Aparência, Ser e Forma: A Ontologia do Espaço em Armando Corrêa da Silva. Revista **GEO*graphia*.** v. 15, n. 30, 2013, p. 114-140.

_____. Os Métodos e as Ciências. **Revista Formação** (ONLINE), v. 25, n. 45, maio-ago/2018, p. 3-33.

BERNARDES, N. O pensamento geográfico tradicional. Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Geografia**, IBGE 44(3), P.391-415, 1982.

BEZERRA, A. A Geografia do Brasil no século XIX. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, Tomo XXXVI, 2. Semestre, p. 115-144, 1932.

BÍBLIA. **Antigo Testamento**. Tr: Pe Matos Soares. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1951.

BLOOM, H. **A angústia da influência**. Segunda Edição/Imago, 1997.

_____. **A anatomia da influência**: literatura como modo de vida. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA. Número 88: São Paulo – SP, 2008.

BOMBARDI, L. M. Contribuição à Historiografia da Geografia Agrária na Universidade de São Paulo. **AGRÁRIA**, São Paulo, no 8, pp. 99-121, 2008.

BORBA, F. S. **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1990.

BORNHEIM, G. **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 2001.

BORTOLINI, B. O. O pensar constelacional de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno. In: Ricardo Timm de Souza; Jair Tauchen. (Org**.). Adorno e a Dialética Negativa**: leituras contemporâneas. 1ed.Porto Alegre: Editora Fi, 2015, v., p. 9-26.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Editora Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

BRAY, S, C. A geografia em Rio Claro – São Paulo: A trajetória de uma escola. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latin**a – Universidade de São Paulo, 2005.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Z. (org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

B

BUNBURY, E. H. **A History of Ancient Geography among the Greeks and Romans from the Earliest Ages till the Fall of the Roman Empire**. London, John Murray, Albemarle Street, 1879. (2 volumes).

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Uma história social do conhecimento II**: da enciclopédia à Wikipédia. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **O que é história do conhecimento?** São Paulo: Editora Unesp, 2016.

BURROUGHS, W. J. **Observar el tiempo**. Barcelona: Planeta, 1998.

CABRAL, A. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro. Editora Expressão e Cultura. 1971.

CAMPOS, D. V. O historicismo em Max Weber. **Perspectivas**, São Paulo, v. 40, p. 147-175, jul./dez. 2011.

CAMPOS, J. F. S. **Leitura dos Territórios Paradigmáticos da geografia agrária:** análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. 2012. 387 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

C

CAMPOS, R. R. **A dimensão populacional na obra de Josué de Castro**. 2004, 415 f. Tese, UNESP, Rio Claro.

CAMPOS, R. R. Perfil de Algumas Dissertações e Teses Vinculadas à História do Pen-samento Geográfico Brasileiro até o ano de 2000. En el XIV **Encuentro de Geógrafos de América Latina**: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Lima (Pe-ru): IGU UGI - Comitê Nacional Peru, 2013. v. 01.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. 2. Edição, Livraria Martins Editora. 1962.

CAPEL, H. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**: una introducción a la geografía. Barcelo-na: Ediciones del Serbal, 2012.

_____. Las ciencias sociales y el estudio del territorio. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 5 de febrero de 2016, Vol. XXI, nº 1.149.

CARACRISTI, I. **A natureza complexa da *poiésis* climática**: contribuições teóricas ao estudo geográfico do clima. Tese. São Paulo: USP, 2007.

CARDOSO, C. F. **Agricultura, Escravidão e Capitalismo**: Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

CARDOSO, M. E. G. **O conceito de paisagem no livro didático e suas aplicações para o ensino de Geografia**. Dissertação, USP: São Paulo, 1999.

CARLOS, Ana, F, A. A Geografia Brasileira Hoje: Algumas Reflexões. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 18, p. 161-178, 2002.

CARNEIRO, J. M. Do "rural" como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades Contemporâneas** – modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

CARNEIRO, T, G. C. **Epistemologia do Direito Ambiental**: Uma abordagem interdisciplinar da geografia e do direito normativo aplicado. Dissertação, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2008

CARVALHO, A. A. T. **O Pão Nosso de Cada Dia nos Dai Hoje... Josué de Castro e a Inclusão da Fome nos Estudos Geográficos no Brasil**. 2007. 127 p. Tese. USP, FFLCH.

_____. **Insurgência dos Estudos sobre a História do Pensamento Geográfico no Brasil dos derradeiros decênios no século XX**. II encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, São Paulo, 2009.

CARVALHO, C. D. **Météorologie du Brésil**. Londres: John Bale, Sons & Danielson, 1917.

CASSETI, V. **Estudos dos processos pluvioerosivos no Planalto de Goiânia-GO**. USP, Tese, 1983.

_____. **Ambiente e Apropriação do relevo**. São Paulo: CONTEXTO, 1995.

_____. **Contra a Correnteza.** Goiânia: Kelps, 1999.

_____. A natureza e o espaço geográfico. In: Francisco Mendonça; Salete Kozel. (Org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba - PR: Editora UFPR, 2002, v. p. 145-163.

_____. **Geomorfologia**. [S.l.]: [2005]. Disponível em: <http://www.funape.org.br/geomorfologia/>. Acesso em: 31/03/2018.

CASTRO, J. **Sete Palmos de Terra e um Caixão**. Ensaios sobre o Nordeste, área explosiva. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CASTRO, N. A. R. **O lugar do turismo na ciência geográfica**: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa. Tese, USP, 2006.

CATTANEO, D. **Identidade Territorial em unidades de conservação**: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental. UFRGS, Dissertação, 2004.

CHAUÍ, M. **Entrevista**: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs13039901.htm. São Paulo, Sábado, 13 de março de 1999a.

_____. **Entrevista Roda Viva**: Memória Roda Viva. In: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/61. São Paulo, 5 de maio de 1999b.

_____. O conhecimento. In: **Convite à Filosofia**. Ática, São Paulo, 2000a.

_____. **Nervura do real**: imanência e liberdade em Espinosa. São Paulo: Companhia das letras, 2 v. 2000b.

_____. **Introdução à história da filosofia 1 e 2**. Companhia das Letras, São Paulo, 2002.

CHARLOT, B. **Da elação com o saber:** elementos para uma teoria. Tr. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHRISTOFOLETTI, A. **A estruturação hortoniana das bacias de drenagem no planalto de Poços de Caldas**. Tese de Livre-Docência, Rio claro, 1973.

CIORĂNESCU, A. **Princípios de literatura comparada**. Tenerife: Universidad de la Laguna, 1964

CIRQUEIRA, D, M. **Inscrições da racialidade no pensamento geográfico (1880- 1930)**. Niterói. UFF, Tese, 2015. 230f

CLAVAL, P. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikos-Tau Ediciones, 1974.

_____. A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.59-97.

_____. **Terra dos Homens**: a geografia. Trad; Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora. UFSC, 2 ed. Estevão Pastori Garbin. Universidade Estadual de Maringá, 2014.

CLIFFORD, N. **Key Methods in Geography**. SAGE Publications, 2003.

CLOZIER, R. **Les étapes de la Géographie**, Paris, PUF, 1942.

_____. **História da Geografia**. [Lisboa]: Europa-América, 1972.

COLÂNGELO, A. C. **Movimentos de massa e evolução geomorfológica das vertentes marginais no lago de barragem do Paraibuna –SP**. Dissertação, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1990.

_____. **Movimentos de Massa e Evolução Geomorfológica das Vertentes no Alto Vale do Rio Paraíba do Sul - São Luis do Paraitinga – SP**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Tese, 1995.

_____. **Geomorfossíntese e Geomorfocinemática Aplicadas à Evolução e Estabilidade de Vertentes**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Tese de Livre-Docência, 2007.

C

COLLOT, M. Horizonte e estrutura de horizonte: entre o oriente e o ocidente/Horizon et structure d'horizon: entre Orient et Occident. **Revista GEOGRAFICIDADE**. V. 6, n. 2 (2016), p.4-10.

COLTRO, F. L.Z. "**Animal geographies"**: reflexões sobre o não-humano no pensamento geográfico contemporâneo. Tese, UEL, Londrina, 2016.

CONDÉ, M. L. L. Paradigma versus Estilo de Pensamento na História das Ciências. In: Betânia Gonçalves Figueiredo e Mauro Lúcio Leitão Condé (orgs.). **Ciência, História e Tecnologia**. Belo Horizonte: Argvmentvm, p. 123-146, 2005.

CONTI, J. B. **Circulação secundária e efeito orográfico na gênese das chuvas na região lesnordeste paulista**. Tese, USP, 1973.

_____. **Desertificação em áreas tropicais** - Proposta de Metodologia de estudo Aplicado ao Nordeste Brasileiro. Tese de Livre-Docência, USP, 1995.

_____. Geografia e Climatologia. **Revista GEOUSP**, N. 9, 2001.

_____. Entrevista com o professor José Bueno Conti. **Geosul**, Florianópolis, v.17, n.33, p 205-222, jan./jun. 2002.

_____. Geografia e Paisagem. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 36 Ed. Especial, 2014, p. 239–245.

CORRÊA, R, L. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

COSTA, W. M. A Geografia frente aos métodos das ciências sociais. In: Teoria e método da geografia São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, **BORRADOR 1**, 1982. p. 27-31.

COTTINGHAM, J. **Dicionário Descartes**. Tradução, Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

C

COUTINHO, B. T. **Geografia e anarquia do claroescuro**: a ontologia do ser social como política da existência espacial. Universidade Do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2017.

CRESSWELL, T. **Geographic Thought**: A Critical Introduction. Wiley-Blackwell, 2012.

CRUZ, O. **Serra do mar e o litoral na área de Caraguatatuba SP**: contribuição a geomorfologia tropical. São Paulo, USP, Tese. 2.v, 1972.

CURRY, L. Regional variation in the seasonal programming of livestock farm in New Zeland. **Economic Geography**, vol. 39, n. 2, p. 95-118, 1963.

DAMIANI, A. L. Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia. **Revista do Departamento de Geografia** – USP, Volume Especial 30 Anos (2012), p. 254-283.

DARDEL, É. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução Werther. Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. Trd. John Green. -São Paulo: Martin Claret, 2006.

D

DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004. 484 p.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DÍAZ QUERO, V. **Teoria Emergente en la construcción del saber pedagogico**. Revista Iberoamericana de educación., 1-18, 2005.

DIKSHIT, R. D. **Geographical Thougth**. Prentice-Hall of India Pvt. Ltd, 2013.

DINIZ, J. A. F. Evolução dos conceitos geográficos e o estudo da agricultura. In: **Geografia da Agricultura**. São Paulo: Difel, 1984. Cap 2, p. 35-36.

_____. Questões e desafios para a investigação em Geografia Agrária. **Geosul**, ano 4, n. 7, p. 92 -105, 1989.

DORN, H. **The Geography of Science**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1991.

DORSCH, F. **Diccionario de Psicología**. Barcelona. Editorial Herder. 1976.

D

DRAENERT, F. M. **O clima do Brazil**. Rio de Janeiro: Typographia Carlos Schmidt, 1896.

DUBOIS, M. **Examen de la géographie de Strabon: étude critique de la méthode et des sources**. Paris, Armand Colin, 1891.

DUTRA, D. A. **Geografia da Saúde no Brasil**: Arcabouço Teórico-epistemológicos Temáticas e Desafios. Tese, UFPR: Paraná, 2011.

EDSON, C. **Tendências e variabilidades do fenômeno pluvial na Região Metropolitana de São Paulo**. Tese, USP, 2002.

ELY, D. F. **Teoria e Método da Climatologia Geográfica Brasileira: Uma abordagem sobre seus discursos e práticas**. 2006. 208 f. Tese, UNESP, Presidente Prudente.

E

ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. São Paulo: Editora Mérito T. A., 1958. V. 6

Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia: São Paulo, 16 a 18 de dezembro de 1984, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, **Associação dos Geógrafos Brasileiros, Anais**, São Paulo: Departamento de Geografia - USP, 1984.

FABIÃO, E. Corpo Cênico, Estado Cênico. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010.

F

FABRÍCIO, D. C. B; VITTE, A. C. Paul Vidal de la Blache e a geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. **Cordis. História, Arte e Cidades**, n. 6, jan./jun. pp. 301-332, 2011.

FAIRBANKS, H. **The Problem method in geography**. Philadelphia, P. Blakiston's Son & Co. 1922.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 197-215.

_____. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária**: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico. Volume 1 (parte 1 e 2). 2013. 873 f. (Livre-docência). Unesp, Presidente Prudente.

FERNANDES, F. **A organização social dos Tupinambá**. São Paulo: Hucitec/ Editora da UnB, 1989.

FERRAZ, J. S. **Meteorologia brasileira**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934. (Série Brasiliana, vol. 33) 588 p.

FERREIRA, C.C. M. **Tipos de tempo e categorias climáticas na bacia do Rio Paraibuna – MG**. Tese, USP: São Paulo, 2002.

FERREIRA, D. A, O. **O Mundo Rural sob o ponto de vista geográfico:** a trajetória agrária brasileira da década de 30 à de 90. 1998, 389 f. Tese, UNESP, Rio Claro.

FERREIRA, M. J. **Mulheres Geógrafas na História da Geografia Moderna**. CESNOVA/ FCSH-UNL, 2011, pp 1-10.

F

FERREIRA, S, T, L. **A percepção geográfica da paisagem das Gerais no "Grande Sertão**: Veredas". 201f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências, 1990. Exatas, UNESP, Rio Claro.

FIORI, V. **As condições dos cursos de licenciatura em geografia no Brasil:** uma análise territorial e de situação. Universidade de São Paulo – USP, Tese, 2012. 361 f.

FLOWERDEW, R; MARTIN, D. **Methods in Human Geography**: A Guide for Students Doing a Research Project. Routledge, 1997.

FONSECA, F. P. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia**: análise das discussões sobre o papel da Cartografia. Tese, USP: São Paulo, 2004.

FONTANA, C. **Fome e questão ambiental:** uma leitura a partir da obra de Josué de Castro. UFRS, Tese, 2014.

FOSSET, R. Geographie: theories et methodes. **Annales de Géographie**, 528, Paris, 1986, p. 219-232.

FOULCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Tra: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

F

FRANÇA, A. **Estudo sobre o clima da Bacia de São Paulo**. Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, n. 70, São Paulo: USP, 1945. (Tese de Doutorado).

FURTH, H. G. **Piaget e o conhecimento**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1974.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLOIS, L. L. J. **Les géographes allemands de la Renaissance**. Bibliothèque, Université de Lyon Faculté des lettres. Meridian Pub. Co, 1980.

GALVÃO, M.C.C. Contribuição ao debate sobre as perspectivas teórico-metodológicas para a Geografia Agrária. In: **Encontro Nacional de Geografia Agrária**, 8, 1987, Barra dos Coqueiros. Mesas Redondas e Comunicações... Barra dos Coqueiros: UFS, 1987.

GENTILLI, J. Foundations of Australian Bird Geography. **M.E.U**., N. 49, 1949.

GEERTZ, C. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tr: Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1998.

G

GEORGE, P. "Problemas, Doutrinas e Método". In. **A Geografia Ativa**. Tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Côrte e Vicênzo Bochicchio, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966.

_____. **Os métodos da geografia**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: DIFEL, 1972.

_____. **Diccionario de geografia**. Publicación/Producción. Madrid: Akal, cop. 1991.

GERALDINO, C. F. G. **A questão da geografia na "Origem das Espécies" de Charles Darwin**. Campinas: UNICAMP, Tese, 2016.

GERAQUE, E. O fôlego de uma teoria. **Revista Pesquisa Fapesp**. Maio, 2012.

GIRARDI, A. Lívia de Oliveira – Mestre da alfabetização cartográfica. Revista **Unespciência**. Edição 20, 2011.

GLACKEN, C. J. **Huellas en la Playa de Rodas**: Naturaleza y Cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del siglo XVIII. Ediciones del Serbal. 1996.

GOMES, I. **(Re) pensando e (Re) qualificando o rural** – uma contribuição da Geografia ao debate. Niterói: UFF. Tese, 2008.

GOMEZ, B; JONES, J. **Research Methods in Geography**: A Critical Introduction. Wiley-Blackwell, 2010.

GORDNER, H. **A nova ciência da mente**: Uma História da Revolução Cognitiva. Tradução de Cláudia Malbergier Caon. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GOTMANN, J. Acerca do método de análise na geografia humana. **Boletim Geográfico**, 74, Rio de Janeiro, p. 133-140, 1949.

GOULD, S, J. **Seta do Tempo e Ciclo do Tempo**: Mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

G

GOUROU, P. A Geografia e a Civilização – Os Princípios do Método Geográfico. **Revista Brasileira de Geografia**. p. 295-301. v. 10, n. 2, abr./jun. 1948.

GRANET, M. **O pensamento Chinês**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GREGORY, K. J. **A natureza da geografia física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

GUIMARÃES, R. B. Saúde Coletiva e o Fazer Geográfico. **Caderno Prudentino de Geografia.** Presidente Prudente, n. 41, v. 1, Dossiê "60 Anos do Departamento de Geografia da UNESP/FCT, p. 119-132, jan-jun, 2019.

GURVITCH, G. **Os quadros sociais do conhecimento**. Tradução de Paulo de Freitas. - Rio de Janeiro: Moraes, 1969.

HAESBAERT, R. **Regional-Global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Viver no Limite**: território e multi/tranterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

H

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia**. Editora Hucitec. São Paulo, 1978.

HAY, I. **Qualitative Reearch Methods in Human Geography**. Oxford University Press, 2015.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HETTNER, A. A geografia como ciência corológica da superfície terrestre [Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche]. Nossos Clássicos. **Revista Geografia**, UFF. v. 13, n. 25, 2011.

HOLANDA, S, B. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) Departamento de pós-graduação em Geografia da UFRJ.

H

_____. O Método Fenomenológico: humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. 1a. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 37-71.

_____. A fenomenologia-ontológica-estrutural de Armando Corrêa da Silva: variações sobre o tema. **Geograficidade**, v.4, n.1, Verão 2014, p. 38-42.

_____. **A Geografia Humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

I

ISSLER, B. **A Geografia e os Estudos Sociais**. 1973. 253 f, Tese, Presidente Prudente.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

JAPIASSU, H; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. **Saber Antropológico**: Impostura científica? São Paulo, Letras & Letras, 1992.

J

JARDIM DE CARVALHO JR, I. **A Neve em Palmas/PR**: da reconstituição histórica à abordagem dinâmica. Dissertação, UNESP-Rio Claro, 2004.

_____. **Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico**: reflexões teórico-epistemológicas e semântico-conceituais como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza a partir da ideia das influências ambientais. Tese, USP. 2011.

JESUS, E. F. R. **Espaço, tempo e escala em climatologia**. Tese. USP, 1995.

J

JOHNSTON, R. J. **Geografia e geógrafos**: a geografia humana anglo-americana desde 1945. São Paulo: Difel, 1986.

JOVILET, R. **Vocabulario de Filosofía**. Buenos Aires. Ediciones Desclée, de Brouwer. 1954.

K

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad: de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KAROL, E. **Geografia política e geopolítica no Brasil** (1982-2012). Tese, Universidade de São Paulo – USP, 2013.

KATUTA, A. M. **O Estrangeiro no mundo da Geografia**. Tese, USP: São Paulo, 2004.

KIMBLE, G, H, T. **A Geografia na Idade Média**. Trd: Márcia Siqueira de Carvalho. 2 ed. Ver. – Londrina: Eduel, São Paulo, 2005

KOPNIN, P. **A Dialética como Lógica e Teoria do Conhecimento**. Tradução Paulo Bezerra. Editora Civilização Brasileira, 1978.

KOZEL, S. **As representações no geográfico**. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Editora da UFPR, 2009, p.189-196.

KRETSCHMER, K. **Einleitung in die Geschichte der physischen Erdkunde im christlichen Mittelalter**. Publisher, Eduard Hölzel, 1889.

_____. **Historia de la Geografía**. Traducción de la segunda edición alemana por L. MARTÍN ECHEVERRÍA del instituto de Segovia. Editorial Labor, S. A: BARCCELONA –BUENOS AIRES, 1930.

KUHN, T. S. **A tensão essencial**: estudos selecionados sobre tradição e mudança científica. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.

KUNDERA, M. **A arte do romance**; tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

L

LACOSTE, Y. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tr: Maria França. Campinas: Papirus, 1988.

LAMEGO, M. **Breves considerações a respeito dos *Science studies* e um debate sobre a historiografia da geografia**. In: o. Consultado em: 04/05/2016.

LAROUSSE Cultural: **Grande Enciclopédia**. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda, 1998.

LAUBSTEIN, G. P. **História da Disciplina Geografia** – Contribuições da memória de uma educadora. Rio Claro: Dissertação, 2008.

_____. **História do ensino de geografia como campo de Investigação**: Contribuições de Lívia de Oliveira. Rio Claro: Tese, 2012.

LAUDAN, L. Teorias do método científico de Platão a Mach. Tradução de Baltazar Barbosa Filho. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Série 3, v. 10, n. 2, jul-dez, 2000.

LEFEBVRE, H. **Logica Formal/Lógica Dialética**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEIGHLY, J. S. Comments on contemporary geographic method. In: ASS. **AMERICAN GEOGRAPHERS** 27, p. 125-141, 1937.

_____. Methodological controversy in nineteenth century geography. In: ASS. **AMERICAN GEOGRAPHERS** 28, 1938, Annals. p. 238-258.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2009.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 2011.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

LIBAULT, A. Os Quatro Níveis da Pesquisa Geográfica. Instituto de Geografia. **Métodos em Questão**, n. 1, São Paulo, 1971. p. 1-14.

LINHARES, M. Y; SILVA, F. C. **História da Agricultura Brasileira** – combates e controvérsias. Editora Brasiliense, 1981.

LINHARES, M. Y. História Agrária. In: CARDOSO, C. F (Org). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LIRA, L. A. **O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo**. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918). Dissertação. São Paulo, USP, 2012.

_____. **Pierre Monbeig e a formação da geografia brasileira**: uma ciência no contexto do capitalismo tardio. Erosão dos valores literários, "tentação à ação" e sistematização do método (1925-1957). São Paulo: USP, Tese, 2017.

LIVINGSTONE, D. N. **The Geographical Tradition**: Episodes in the History of Contested Enterprise. Oxford, United Kingdom and Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1992.

_____. The Spaces of Knowledge: Contributions towards a Historical Geography of Science**. *Environment and Planning D: Society and Space*** ,1995, volume 13, p. 5-34.

_____. **Putting Science in this Place**: Geographies of Scientific Knowledge. ThW University of Chicago Press, Chicago, 2003.

L

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LOMBARDO, M. A; SUPLICY, E. M. Milton: Um Geógrafo Emérito. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro - SP, v. 26, p. 1-5, 2001.

LOMBARDO, M. A. O geógrafo Manoel Correia de Oliveira Andrade, o menino de engenho e o intelectual contemporâneo. **Geografia** (Rio Claro), Rio Claro, v. 30, n.03, p. 625-628, 2005.

_____. Aziz Nacib Ab'Saber: um geógrafo a frente das fronteiras da Geografia. **Geografia** (Rio Claro), v. 31, p. 687-688, 2006.

LOURENÇO, C. **A natureza no ensino de geografia de 1º e 2ª graus**: perguntas ao passado. Dissertação, USP: São Paulo, 1996.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACHADO, L. O. "Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)" in CASTRO, I. E. et alii (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, pp. 309-353.

M

MACHADO, M. S; MARTIN, A. R. **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros** V 1. 1. ed. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

MAIA, C, A. **História das ciências**: uma história de historiadores ausentes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

MACKINDER, H. On the Scope and Methods of Geography. **Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography**, New Monthly Series, Vol. 9, No. 3 (Mar. 1887), pp. 141–174.

MANNHEIM, K. **Sociologia do conhecimento**. Organização e introdução de Antônio Roberto Bertelli, Moacir G. Soares Palmeira, Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

_____. **Ideologia e Utopia**. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARANDOLA, E; GRATÃO, L. E. B. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a ge-ografia humanista no Brasil. **Geografia** – Londrina – V. 12 – N. 2, 2003.

MARTIN, A. R. Armando Corrêa da Silva e a "Geografia do futuro". In: **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros V 1**. Org: Mônica Sampaio Machado e André Roberto Martin. 1. ed. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

MARTINS, E. R. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.

_____. O Pensamento Geográfico é Geografia em Pensamento? **GEOgraphia**, Vol. 18, N. 37 (2016), p. 61 -79.

_____. **Geografia e Filosofia**: o fundamento geográfico do homem. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo -USP, 2017.

MARTINS, J. S. M. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MARTONNE, E. **Traité de géographie physique.** Paris: Armand Colin, 1951.

MASSIMI, M. **História dos Saberes Psicológicos**. São Paulo: Paulus, 2016.

MATURANA, H, R. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. trad. Humberto Mariotti, Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2005.

MAUREL, J, B. **Los estúdios de Historia de la Geografía en espanã**. Anales de la Geografía de la Universidade Complutense, n. 4, 1984.

MAZOYER, M. **História das Agriculturas no Mundo**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Portugal. ANTÍGONA, 2014.

MEGALE, J. F. Geografia Agrária: objeto e método. **Boletim Geográfico**, ano 34, n. 247, p. 63-72, 1975.

MENDONÇA, F. A. **A evolução socioeconômica do norte novíssimo de Paranavaí e os impactos ambientais** – desertificação? Dissertação, USP: São Paulo, 1990.

_____. **O clima e o planejamento urbano de cidades de porte médio e pequeno** – proposição metodológica para estudo e sua aplicação à cidade de Londrina/PR. Tese, USP: São Paulo, 1994.

_____. O Estudo do SCU -Sistema Clima Urbano – no Brasil: aplicações e avanços. In: **A construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (org). Campinas –SP: Editora Alínea, 2015.

MENDONÇA, F; MONTEIRO, C. A. F. **Clima Urbano**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDONÇA, M. L. R. F. **Modo capitalista de produção e agricultura**: a construção do conceito de agronegócio. 2013. 217 f. USP, São Paulo.

MENDOZA, J, G. **El pensamiento geográfico:** estudió interpretativo y ontología de texto: de Humboldt a las tendencias radicales. Madrid: Alianza, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. Editora Martins Fontes, 1991.

_____. **O Visível e o Invisível**. Editora Perspectiva, 2003.

M

MESQUITA, O, V. **O Estado Isolado de von Thunen: uma discussão**. 1978, 126 f. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

MIGLIORINI, E. A Geografia Agrária no quadro da ciência geográfica. **Boletim Geográfico**, ano 8, n. 93, p. 1072-91, 1950.

MISSE, M; WERNECK, A. O interesse no conflito. In: **Conflitos de (grande) interesse**: estudos sobre crimes, violências e outras disputas conflituosas. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MODENESI-GAUTTIERI, M.C; BARTORELLI, A; MANTENESSO-NETO, V; CARNEIRO, C. R; LISBOA, M. B. A. L. **A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber. -** São Paulo: Beca- BALL Edições, 2010.

MODENESI-GAUTTIERI, M. C. Sobre "Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário"In: **A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber**/ organizado por May Christine Modenesi-Gauttieri; Andrea Bartorelli; Virginio Mantesso-Neto; Celso dal Ré Carneiro; Matias Barbosa de Andrade Lima Lisboa. - - São Paulo: Beca- BALL edições, 2010.

MONBEIG, P. **Ensaios da geografia humana brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

_____. Os modos de pensar na geografia humana. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, 15, p. 46-51, 1953.

_____. **Os métodos da geografia**. Tra. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: DIFEL, 1972.

MONTEIRO, C, A, F. Da necessidade de um carácter genético à classificação climática (algumas considerações metodológicas a propósito do estudo do Brasil Meridional). **Revista Geográfica**, Rio de Janeiro, v. 31, n 57, p. 29-44, jul./dez. 1962.

_____. Sobre a análise geográfica de sequências de cartas de tempo (pequeno ensaio metodológico sobre o estudo do clima no escopo da geografia). **Revista Geográfica**, XXXII (58): 169-179. Rio de Janeiro, IPGH, 1963.

_____. **O ritmo hibernal da frente polar e as chuvas na fachada sub-tropical atlântica do Brasil**: contribuição metodológica à análise geográfica dos tipos de tempo no Brasil. Tese, USP. 1967.

_____. **A frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Fachada Sul Oriental do Brasil** (Contribuição metodológica à análise rítmica dos tipos de tempo no Brasil) – Série de Teses e Monografias no. 1 – Instituto de Geografia da USP – São Paulo, 1969.

_____. Análise rítmica em climatologia - problemas da atualidade climática em São Paulo e achegas para um programa de trabalho. **Climatologia** 1, USP/IG, São Paulo, 1971.

_____. **Teoria e Clima Urbano**. São Paulo: IGEO/USP, 1976.

_____. **A geografia no Brasil (1934 – 1977): avaliação e tendências**. São Paulo, 1980.

_____. **Clima e Excepcionalismo** - Conjecturas sobre o Desempenho da Atmosfera como Fenômeno Geográfico. Editora da UFSC, Florianópolis. 1991.

_____. A influência sem angústia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de janeiro, v 57, n 4, p 145-160, out /dez 1995.

_____. **O estudo geográfico do clima**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999. (Cadernos Geográficos, 1.).

_____. William Morris Davis e a teoria geográfica. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, p. 01-20, 2000.

_____. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002

_____. Aziz Nacib Ab'Sáber – Geógrafo Brasileiro. In: **A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber**/ organizado por May Christine Modenesi-Gauttieri; Andrea Bartorelli; Virginio Mantesso-Neto; Celso dal Ré Carneiro; Matias Barbosa de Andrade Lima Lisboa. - - São Paulo: Beca- BALL edições, 2010.

_____. **A Construção da Climatologia Geográfica no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015.

MONTEIRO, C.A.F. & MENDONÇA, F. (Org.) **Clima Urbano**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MONTELLO, D; SUTTON, P. **An Introduction to Scientific Research Methods in Geography & Environmental Studies**. SAGE Publications, 2006.

MORA, J, F. **Diccionario de Filosofia. Montecasino**. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1998.

MORAES, A. C. R; COSTA, W. M. Valor, espaço e a questão do método. In: Marco Aurélio Nogueira; Gildo Marçal Brandão; J. Chasin; Nelson Werneck Sodré. (Org.). **Temas de Ciências Humanas**. 1ªed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, 1979, v. 5, p. 59-73.

_____. C. O ponto de partida: o método. In: Org: MORAES, A. C. R; COSTA, W. M. C. **Geografia Crítica**: A valorização do Espaço. São Paulo: Editora HUCITEC, 1984.

MORAES, A, C, R. Em busca da ontologia do espaço. In: MOREIRA, R**. Geografia**: teoria e crítica. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **Contribuição para uma história crítica do pensamento geográfico**: Alexandre von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. São Paulo, 1983. Dissertação, 508 f.

_____. Bases Epistemológicas da Questão Ambiental: O método. **Orientação**, Revista do Departamento de Geografia USP, 1990, p. 43-48

_____. **Ideologias Geográficas**. Segunda Edição. Editora HUCITEC, São Paulo, 1991.

_____. **Geografia:** pequena história crítica. 21 ed. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. Geografia, interdisciplinaridade e metodologia. **GEOUSP – Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014.

_____. **O Sentido Formativo da Geografia**. In: http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/sentidoformativogeografia.pdf, 2008, p. 1-13 consultado em 27/01/2017.

MOREIRA, E. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: SEMEC, 2012.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo, Editora Contexto, 2006.

_____. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo, Editora Contexto, 2013.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 1**: As matrizes clássicas originárias. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 2**: As matrizes da renovação. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 3**: As matrizes brasileiras. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2005.

_____. **O método 4**: as ideias, habitat, vida, costumes, organização. 5 edição. Editora Sulina, 2011.

_____. **O método 3**: O conhecimento do conhecimento. Editora Sulina, 2012.

M

MORIZE, H. **Esboço da climatologia do Brazil**. Rio de Janeiro: Observatório Astronômico, 1889.

_____. **Contribuição ao estudo do clima do Brazil**. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura, 1922.

MOSER, P. **A Teoria do Conhecimento**: Uma Introdução Temática. New York / Oxford: Oxford University Press, 1998. Traduzido por Marcelo Brandão Cipolla. Martins Fontes, 2004.

MOTA, E, A, D. **Saberes e Conhecimentos docentes**: experiências da formação e experiências da profissão. 2005, 298 f. Dissertação, UNICAMP, São Paulo.

MOTA, M. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961

MOURÃO, G, M. **A invenção do saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MOUREAU, R. E. Pleistocene climatic changes and their distribution of life in East Africa. **Journal Ecologic**, Londres, n. 21, 1933.

MUDIMBE, Y, V. **A ideia de África**. Edições Pedago, 2014

M

MUTSCHLER, H-D. **Introdução à Filosofia da Natureza**. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

N

NARBOZNY, A. **Abordagens Culturais na Geografia Brasileira**: uma compreensão. Tese, UFRGS, 2014.

NECKEL, A. **A questão ambiental nos cursos de graduação em geografia no Brasil e o pensamento geográfico sobre o conceito de ambiente**. UFRGS, Tese, 2014.

NIMER, E. Espaço geográfico: classificação e divisão. Um método e uma abordagem conceitual. **Geografia**. p. 93-111. v. 45, n. 1, jan; mar. 1983.

NETO, M. F. S. **História da Geografia no Brasil**. Promoção da Seção Local da AGB-Niterói e do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores/UERJ no dia 27/03/02 em São Gonçalo-RJ.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NITRINI, S. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica**: a 'geograficidade' nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese, USP: São Paulo, 2001.

NOGUEIRA, C, E. **O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig**. São Paulo: USO, TESE, 2013.

NUNES, F, G. **A geografia econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em geografia no estado de São Paulo (1970 -1998).** 2000, 144 f. Dissertação, UNESP, Presidente Prudente.

_____. **O econômico na geografia: influências do pensamento econômico na produção geográfica (1970 - 2000).** 2004, 209 p. Tese, UNESP, Presidente Prudente.

NUNES, J. O. R. **Práxis geográfica e suas conjunções**. Presidente Prudente: UNESP, Tese, 2014.

O

OBENGA, T. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: WIREDU, Kwasi. **A Companion to African Philosophy**. Blackwell Publish, 2004, pp. 31-49.

O'BRIEN, L; McFETRIDGE, M. **Methods in Geography 2**: Survey Analysis in Geography. University of Newcastle upon Tyne, Departament of Geography, 1989.

OLIVEIRA, A. O. S. A. **Contribuição teórico-metodológica para o ensino de Geomorfologia**. Presidente Prudente, UNESP, Tese, 2010, 299 f.

OLIVEIRA, A. U. **Agricultura Camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. A Geografia Agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: Ana Fani Alessandri Carlos. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Geografia Agrária: perspectivas no início do Século XXI. In: Oliveira, A. U.; Marques, M.I.M. (Org.). **O Campo no Século XXI**. 1ªed.São Paulo: Paz e Terra/Casa Amarela, 2004.

_____. A questão da aquisição de terras por estrangeiros no brasil - um retorno aos dossiês. **AGRÁRIA**, São Paulo, No. 12, pp. 3-113, 2010.

_____. **Contribuição para o estudo da geografia agrária**: crítica ao Estado Isolado de Von Thünen. 1. ed. São Paulo: Iãnde Editorial, 2016.

OLIVEIRA, E. D. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: IBECA, 2003.

OLIVEIRA, L. **Contribuição ao ensino de geografia**. Tese, UNICAMP, 1967.

_____. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo: Instituto de Geogra-fia/USP, 1978. 128p.

_____. **Ainda sobre percepção, cognição e representação**. In: MENDONÇA, Fran-cisco; KOZEL, Salete (orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporâ-nea. Curitiba: Editora da UFPR, 2009, p.189-196.

_____. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia** – Estudos Humanistas do Espaço, da paisagem e do Lugar. Org: MARONDOLA, E; CAVALCANTE, T. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

OLIVEIRA, M. F. J. **O 'desencantamento do conceito' na Dialética Negativa de Theodor Adorno**. 155 F. Dissertação, UFMG, 2014.

OLIVEIRA JR, G. **Ontologia do Espaço**: Crítica da Crítica da Entificação Social do Ser Enquanto Pressuposto a uma Teoria Espacial Interpenetrada à "Ontologia do Ser Social", de György. Tese, Universidade de Brasília, UNB, 2015.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**: As sabedorias antigas. São Paulo: Martins fontes, 2008.

O

OTTE, G.; VOLPE, M. L. "**Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin**". Disponível em: http://georg.otte.sites.uol.com.br/publicacoes/Constelacao.htm. Acesso em: Julho de 2005.

P

PADILHA, M. F. **Análise comparativa e interpretativa de duas teses de doutoramento sobre o clima da área urbana de São Paulo.** Dissertação, USP. 2003.

PÁDUA, L. C. T. **A geografia de Yi-Fu Tuan**: Essências e Persistências. Tese, USP, São Paulo, 2013.

PASCAL, B. **Pensamentos**. Introdução e notas de Ch. M. Des Granges; tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

PAVIANI, A. Método científico e análise geográfica. **Geografia**, v. 4, n. 7, abr. 1979.

PÉDÉLABORDE, P. **Le climat du bassin Parisien:** essai d'une méthode rationelle de climatologie physique. Paris: Librairie de Medeces, 1957.

PEIXOTO, A. **Clima e Saúde**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938. (Série Brasiliana, vol. 129).

PENHA, E, A. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do estado novo**. 1992, 124 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

PEREIRA, S, L, N. **Geografias. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil (1838-1922)**. 1997, 107 f. Dissertação, USP, São Paulo.

_____. **Sociedade de geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)**. 2003, 186 f. Tese, USP, São Paulo.

PEREIRA, J.V. A moderna produção geográfica do Brasil e seus aspectos metodológicos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, 27, p. 95-110, 1957.

PERRINE, L. **Methods in geography**. Valley City, N.D., W.F. Du Vall, 1903.

PERSIANI, A. **Albert Löfgren**: a atualidade do pensamento de um pioneiro nos campos da climatologia, fitogeografia e conservação da natureza no Brasil. Dissertação, USP: São Paulo, 2012.

PESCHEL, O. **Geschichte der Erdkunde bis auf Alexander von Humboldt und Carl Ritter**. 2nd edition, edited by Sophus Ruge, Munich, 1877.

PETRONE, P. **Baixada do Ribeira**: estudo de Geografia Humana. São Paulo: USP, Tese, 1964.

_____. Entrevista com o professor Pasquale Petrone in: Entrevistas e Depoimentos. **GEOSUL**. No, 15- Ano VIII- 1. Semestre de 1993.

_____. Pasquale Petrone e a Geografia na USP. **Estud. av.,** São Paulo, v. 8, n. 22, p. 139-150, Dec. 1994 >. access on 26 July 2018. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300012.

_____. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo: EDUSP, 1995.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

PINHEIRO, A, C. **Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de geografia no Brasil: 1972 – 2000**. 2003, 277 f. Tese, UNICAMP, São Paulo.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Carlos Alberto Nunes e Benedito Nunes, Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

P

POMBO, O. **Apontamentos sobre o conceito de epistemologia e o enquadramento categorial da diversidade de concepções de ciência**. Disponível em: <http://cfcul.fc.ul.pt/textosdisponiveis.htm>. 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A Geografia está em Crise: Viva a Geografia. In. Moreira, R. (org). **Geografia: teoria e crítica**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 93-113

_____. **Paixão da Terra**: ensaios críticos de ecologia e geografia. Rio de Janeiro: Rocco: Pesquisadores Associados em Ciências Sociais- SOCCI, 1984.

PRADELLA, H. L. **A construção do conceito de 'tipos de tempo' entre os séculos XVII e XXI, no âmbito das ciências atmosféricas**. Dissertação, USP. 2014

PRADO JÚNIOR, C. P. **Dialética do Conhecimento**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1969. Vol. 1 e 2.

PRASAD, H. **Research Methods and Techniques in Geography**. Rawat Publications, 1992.

Q

QUEIROZ NETO, J. P. **Interpretação dos solos da Serra de Santana para fins de Classificação.** USP, Tese, 1969.

REINIG, W. F. **Uber die Bedeutung der individuallen variabilitat fur die Entstehung Geographischer Rasse**. S. B. Naturfrennd, Berlim, 1935.

REIS JÚNIOR, D. F. C. **O humano pelo viés quantitativo**: um exame do (neo)positivismo em Speridião Faissol, através da leitura de textos selecionados. Rio Claro, UNESP, Dissertação, 2003. 141f

_____. **Cinqüenta chaves**. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes ... e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofoletti. Campinas, Tese, UNICAMP, 2.v, 2007.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tr: Maria do Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, J. Fundamentos geográficos do método no folclore brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**. v. 5, n. 4, out./dez, 1943.

RIBEIRO, O. **Opúsculos Geográficos II**: O pensamento geográfico. Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

RIBEIRO, W, C, R; SOARES, P, R, R. Cidadania e Reforma Agrária no Brasil: A herança de Manoel Correia de Andrade. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales –***Scripta Nova***. Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009.

RICKEN, F. **Dicionário de Teoria do Conhecimento e Metafísica**. Editora Unisinos, 2005.

ROSA, G. **Grande Sertão**: Veredas. Editora Nova Aguiar. Rio de Janeiro, 1994.

ROSENDHAL, Z. **Matrizes da Geografia Cultural**. EDUERJ, 2001.

ROSENTAL, M; YUDIN, P. **Pequeno Dicionário Filosófico**. São Paulo: Editora Política do Estado, 1959.

ROSS, J. L. S. **Estudo e Cartografia Geomorfológica da Província Serrana** – MT. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Física), FFLCH-USP, 1987.

_____. **Geomorfologia**: Ambiente e Planejamento. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. Relevo Brasileiro: uma nova classificação. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, v. 04, 1990.

_____. O Registro Cartográfico dos fatos geomorfológicos e a questão da taxonomia do relevo. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 6, SP: FFLCH, p.17-29, 1992.

_____. **Geomorfologia e Geografia aplicada à Gestão Territorial**: Teoria e Metodologia para o Planejamento Ambiental. Tese de Livre-Docência, FFLCH-USP, São Paulo SP, 2001.

_____. **Ecogeografia**. São Paulo; Oficina de Textos, 2007.

R

RUELLAN, F. Orientação científica dos métodos de pesquisa geográfica. Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**. v. 5, n. 1, mar, 1943.

RUSSELL, B. **A perspectiva científica**. Tradução: José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1962.

ROBINSON, G. **Methods and Techniques in human geography**. WILEY, 1998.

SAHR, W-D; ARANTES, L. A profusão das teorias espaciais e a fusão do espaço geográfico: Alfred Hettner e o projeto corológico. **GEOgraphia**. v. 13, n. 25, 2011.

SAINT-EXUPÉRY, A. **Terra dos Homens**. Rio de Janeiro: Editora LJE, 1972.

SAKAMOTO, L.L.S. **Relações entre a temperatura do ar e a "configuração do céu" na área central da metrópole paulistana:** análise de dois episódios diários. Dissertação, USP: São Paulo, 1995.

SALVI, R. F. **A Questão Pós-Moderna**. Tese, Universidade Estadual de São Paulo, USP, 1999.

_____. Construindo um modelo de avaliação epistêmica da Geografia com base em resolução de problemas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.7, n.2, p. 241-249, jul/dez. 2013.

S

SANDES, M, A. S. "**A Natureza da Geografia" nos meandros da história**. Dissertação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2015.

SANT'ANNA NETO, J. L. **Ritmo climático e a gênese das chuvas na zona costeira paulista**. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia Física), USP/FFLCH.

_____. **As chuvas no Estado de São Paulo**. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Geografia Física), USP/FFLCH.

_____. O clima como fenômeno geográfico: algumas questões teóricas e o estado da arte da climatologia geográfica brasileira. **Apontamentos**, Maringá, n. 80, 1999.

_____. **Contribuição para uma releitura da História da Climatologia no Brasil**. Gênese, Paradigmas e a Construção de uma Geografia do Clima. FCT-UNESP, Tese de Livre-Docência, 2001.

_____. A gênese da climatologia no Brasil: O despertar de uma ciência. **Geografi**a, Rio Claro, v. 28, n. 1 p. 5-27, jan./abr. 2003.

SANTOS, B, S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63 | 2002, colocado online no dia 01 Outubro 2012, criado a 23 Outubro 2017. URL: http://rccs.revues.org/1285; DOI: 10.4000/rccs.1285

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, Nov. 2007 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101 33002007000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Jan. 2017. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004

_____. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M, F. **Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais**. São Paulo: Editora Matese, 1963.

SANTOS, M. **Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia**. 1960. 99 f. Livre-Docência, UFBA.

_____. Uma Pós-Graduação de Transição. In. **Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia**: São Paulo, 16 a 18 de dezembro de 1984, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Anais, São Paulo: Departamento de Geografia - USP, 1984.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. Editora Hucitec, São Paulo, 2006.

SAUER, C. O. The survey method in geography and its objectives. In: ASS. **AMERICAN GEOGRAPHERS**. 14, 1924, Annals ... p. 17-33.

SCABELLO, A. L. **Carlos Miguel Delgado de Carvalho:** a imagem como recurso didático. Um estudo de caso – Geografia do Brasil (1913) e Geografia Física e Humana (1943). Tese, USP: São Paulo, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon; PAIM, Antônio. **A Universidade que não houve: antecedentes da ciência e educação superior no Brasil (uma perspectiva comparada)**.1976. Disponível em < http://www.schwartzman.org.br/simon/paim.htm>.

SEGISMUNDO, F. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**. Ano VII, Julho de 1949, N. 76. pag. 327-333.

SEGNINI, I, S. **Pensamiento geográfico**. Caracas: Ediciones de la Faculdad de Humanidades y Educación, Instituto de Geografía y Desarrollo Regional, Universidad de Venezuela, 1979

SEREBRENICK, S. Classificação meteorológica dos climas do Brasil. In: **Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Florianópolis, Anais: Rio de Janeiro: CNG/IBGE, vol. 2, p. 440-459, 1940.

SETTE, D. M. **O Holorritimo e as interações trópico-extratrópico na gênese do clima e as paisagens do Mato Grosso**. Tese USP/FFLCH, São Paulo, 2000.

SEVERINO, A. **Metodologia do Trabalho científico**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. A. D. **Conexidade - complexo geográfico, Vidal de La Blache - Pierre Monbeig**. São Paulo: USP, Tese, 2002.

SILVA, A, C. Estrutura e mobilidade social do proletariado urbano em São Paulo. **Revista Civilização Brasileira**, n. 13, Rio de Janeiro, GB, 1967.

_____. Notas sobre o método científico e a observação em geografia. Instituto de Geografia. **Métodos em Questão**, n. 2, São Paulo, 1971. p. 1-11.

_____. Ciência e Valor em Geografia. Instituto de Geografia. **Métodos em Questão**, n. 4, São Paulo, 1972. p. 1-14.

_____. **O litoral norte do Estados de São Paulo**: formação de uma região periférica. São Paulo: USP, 1975.

_____. Uma proposição teórica em Geografia. Instituto de Geografia. **Métodos em Questão**, n. 13. São Paulo, 1976. p. 1-16.

_____. **O Espaço fora do Lugar**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1978.

_____. **Cinco paralelos e um meridiano**. Tese. (Livre-docência em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

_____. Teoria e Método da pesquisa em Geografia. In: **Teoria e método da geografia São Paulo**: Associação dos Geógrafos Brasileiros, BORRADOR 1, 1982. p. 19-25.

_____. **A renovação Geográfica no Brasil – 1976/1983 (As geografias Crítica e a Radical em uma perspectiva teórica)**. Boletim Paulista de Geografia N. 60, São Paulo, 1984.

_____. Fenomenologia e Geografia. In. **Orientação**. Instituto de Geografia – Departamento de Geografia. São Paulo - USP, nº 7, 1986, p. 53-56.

_____. **De quem é o pedaço?** Espaço e Cultura. São Paulo, Editora HUCITEC, 1986b.

_____. As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia. A. (Orgs.). **Espaço Interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

_____. **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991

_____. Ontologia Analítica: Teoria e Método. In: **Terra Livre** - Geografia, Território e Tecnologia, AGB. São Paulo: Marco Zero, nº 9, p. 129-133, 1992.

_____. **Saudades do futuro**. São Paulo: Mandacaru, 1993.

_____. Discutindo Pressupostos. **Revista Formação**, v. 1, n. 3, 1996, p. 11-12.

_____. A Aparência, o ser e a forma: Geografia e método. **GEO*graphia*** – Ano. II, No 3, 2000, p. 7-25.

SILVA, E. S. N. **Filosofia e arte em Theodor W. Adorno**: a categoria de constelação. Tese, UFMG, 2006. 201 f.

SILVA, J, L, B. **Notas Introdutórias de um Itinerário Interpretativo sobre a Formação do Pensamento Geográfico Brasileiro**.1996. 236 f. Dissertação, FFLCH – USP, São Paulo.

SILVA, K, V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, M, A. **"Milton Santos: a trajetória de um mestre".** In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002.http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm [ISSN: 1138-9788].

SILVA MARANDOLA, J, A, M. **Caminhos de morte e de vida**: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto. Dissertação, Rio Claro, 2007.

SOBREIRA, A. E. G; SPOSITO, E. S. A busca do método em Kant. In: Carlos Vitte. (Org.). **Kant, o kantismo e a geografia**: histórias, percalços e possibilidades investigativas. 1ed.Curitiba: Appris, 2014, v. 1, p. 157-174.

SORRE, M. Le Climat. In. **Les fondments de la géographie humaine**. Tome Premier: Les Fondements Biologiques – Essai dùne écologie de l'homme. Chp. I –Le Climat Paris, Armand Colin 1951. 13-43p.

SOUZA, M. B. **Geografia física**: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil. Dissertação, USP. 2006.

SPATE, O. **Let Me Enjoy: Essays, Partly Geographical**. Canberra: Australian National University Press, 1966.

SPOSITO, E, S. **Contribuição à metodologia de ensino de pensamento geográfico**. 214 f. Tese de Livre-Docencia, Unesp, Presidente Prudente, 2000.

_____. Memorial. In: **Contribuição à Metodologia de Ensino do Pensamento Geográfico**. Tese de Livre-Docência. Universidade Estadual Paulista - UNESP, Presidente Prudente, 2000.

_____. A propósito dos paradigmas da Geografia. In: **8º Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2001, Santiago. **Resumenes**. Santiago: Universidad de Chile, 2001. p. 641-642.

_____. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. Editora UNESP, 2004.

_____. Por Armando Corrêa da Silva: Em busca do futuro do pretérito. **Revista Geografia em Atos.** n. 11, v.2, julho a dezembro de 2011, p. 110-119.

SPRINGER, K, S. **Concepções de Natureza na Geografia:** Reflexões a partir da produção científica do PPGG –UFPR. 2008. 207 f. Dissertação, UFPR, Paraná.

ST-MARTIN, L, V. **Histoire de la géographie et des découvertes géographiques depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours**. Paris, 1973.

STODDARD, R. **Field techniques and reserch methods in geography**. Kendal/Hunt Publishing Company, 1982.

SUERTEGARAY, D. M. A. **A atividade humana como processo geomorfológico**: o exemplo da bacia do Rio Toropi-RS. São Paulo, USP, Dissertação, 1981.

_____. **A trajetória da natureza**: um estudo geomorfológico dos areais de Guaraí/RS. São Paulo, USP, Tese, 1987.

SUERTEGARAY, D. M; SILVA, L. A. P. S. **Arenização**: natureza socializada. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura: Imprensa Livre, 2012.

SUZUKI, J. C. Geografia Agrária: gênese e diversidade. In: MARAFON, J.C; RUA, J; RIBEIRO, M. A. **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

SZÉKELY, B. **Diccionario Enciclopedico de la Psique**. Editorial Claridad. Buenos Aires. 1958.

SZMRECSÁNYI, T. **Pequena História da Agricultura no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1990.

T

TARIFA, J. R. **Sucessão de tipos de tempo e variação do balanço hídrico no extremo oeste paulista** (ensaio metodológico aplicado ao ano agrícola de 1968/1969). Dissertação. USP, 1972.

_____. **Fluxos polares e as chuvas de primavera-verão no estado de São Paulo** (uma análise quantitativa do processo genético). Tese, USP/FFLCH, São Paulo, 1975.

_____. **Os climas nos Maciços litorâneos da Jurêia-Itatins**: um ensaio de ritmanálise. Tese de Livre-Docência.USP/FFLCH, São Paulo, 2002.

TARIFA, J. R; SETTE, D. M. O Holorritmo e o Trabalho de Campo em Climatologia: Uma Contribuição Metodológica. In: XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Aplicada, 2009, Viçosa - Mg. **Anais do XIII Simpósio de Geografia Física Aplicada** - A geografia Física Aplicada e as dinâmicas da Natureza. Viçosa - MG: UFV - CCHLA, 2009. v. 1. p. 01-10.

_____. O holorritmo, a ritmanálise e o (s) clima (s): uma contribuição metodológica. **Revista GeoNorte**, v. 1, p. 655-666, 2012.

TITARELLI, A.U.V. **Vale do Parateí**: estudo geomorfológico. Tese, USP: São Paulo, 1973.

TOLEDO, G.S. **Tipos de Tempo e Categorias Climáticas na Bacia do Alto Tietê** – um ensaio metodológico. Tese. São Paulo: USP, 1973.

TRICART, J. **Principes et Méthodes de la Géomorphologie**. Paris: Masson & Cie. Editeurs, 1965.

TURRA NETO, Nécio. Espaço e Lugar no debate sobre Território. **Geograficidade**, V. 5, p. 52, 2015.

U

UNWIN, T. **The place of Geography**. Tradução espanhola de Jerónima García Bonafé. El lugar de la geografía. Longman Group Limited, London, 1992.

V

VALCÁRCEL, J, O. **Los Horizontes de la Geografía**: Teória de la Geografía. Editora Ariel, S. A Barcelona. 2000.

VALÉRY, P. **Oeuvres**. Paris, Gallimard, vols. 1 e 2 (Bibliothèque de La Pleiade), 1960.

VALVERDE, O. A Geografia Agrária como ramo da Geografia Econômica. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 23, n. 2, p. 430-2, 1961.

_____. Metodologia da Geografia Agrária. In: **Geografia Agrária do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pesquisas Educacionais, 1964. V.1, p.11-37.

_____. A escola de Geografia Agrária de Leo Waibel. Porto Alegre: **Boletim Gaúcho de Geografia**, Vol. 28, 2002, p. 11-14.

VEGA, J; RUBIO, I. **Aprehender el espacio geográfico**: del conocimiento intuitito al concientizado. Chile, Universidad de Playa Ancha, 2016.

VERDI, E, F. **Produção geográfica e ruptura crítica**: a Geografia uspiana entre 1964 e 1985. São Paulo: USP, Dissertação, 2016.

VIADANA, A. G. **A Teoria dos Refúgios Florestais aplicada ao estado de São Paulo**. Rio Claro: A.G, 2002.

VIDEIRA, A. A. Breves considerações sobre a natureza do método científico. In: SILVA, C. C. **Estudos de história e filosofia das ciências**: subsídios para aplicação no ensino. São Paulo: Editora Livraria da física, 2006

V

VIGOTSKY, L, S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VITTE, A. C. **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. Da ciência da morfologia à geomorfologia geográfica: uma contribuição à história do pensamento geográfico. **Mercato**r - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008b.

_____. A Geografia Física no Brasil: um panorama quantitativo a partir de periódicos nacionais (1928-2006). **Revista da ANPEGE**. v. 4, 2008a.

_____. A Geomorfologia Geográfica enquanto produto das relações entre a estética e a metafísica da matéria. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 41-56, jul./dez, 2009.

_____. A construção da Geomorfologia no Brasil. **Revista Brasileira de Geomorfologia** - v. 12, nº 3, 2011.

VITTE, A. C; GUERRA, A.J.T. **Reflexões sobre a geografia física no Brasil**. Bertrand Brasil. 2014.

V

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais** — elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac & Naify, p. 288, 2015.

VIVO, J. A. El método conexivo dialéctico en la investigación de antropogeografia. **Revista Geográfica** 2(3), p. 203-219, 1941

W

WANDERLEY, V, M. **A Pedra do Reino: Sertão vivido de Ariano Suassuna**. 173f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 1997.

WANDERLEY, V; MENÊZES, E. Do Espaço ao Lugar: Uma viajem ao Sertão Brasi-leiro. In: RIO, V; OLIVEIRA, L (org). **Percepção Ambiental**: A Experiência Brasileira. Studio Nobel. São Paulo, 1999.

WARNAVIN, L. **Discurso ambiental na Geografia Brasileira**: Uma abordagem a partir da Revista Brasileira de Geografia (1941-2005). Dissertação, UFPR: Paraná, 2010.

WARREN, H. **Diccionario de Psicología**. Fondo de Cultura Económica. México. 1948.

WHITTLESEY, D. O conceito regional e o método regional. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, 154, p. 5-36, 1960.

WITHERS, C. **Geography, Science and National Identity**: Scotland since 1520. Cambridge University Press, 2001.

WOORTMANN, K. "**Com Parente Não se Neguceia**": O Campesinato como Ordem Moral. Anuário Antropológico/87. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMANN, K; WOOTMANN, E. Campesinato e Saber Agrícola. In: XXVI **Congresso Brasileiro de Ciência do Solo.** Rio de Janeiro, julho de 1997.

WRIGHT, J, K. The history of geography: A point of view. **Annals of the Association of American Geographers**, 15:4, 1925. p, 192-201.

_____. A Plea for the History of Geography. **Isis**, Vol. 8, No. 3 (Jul., 1926), pp. 477-491.

_____. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. Trd: Letícia Pádua. **Geograficidade** v.4, n.2, Inverno2014.http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/190

Z

ZADOROSNY, L. R. O. **A Dimensão Ontológica na Geografia**: Um paralelo entre o horizonte da crítica-radical e o pensamento de Martin Heidegger. Dissertação, Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, 2019.

ZAVATTINI, J. A. **O paradigma do ritmo na climatologia geográfica brasileira**: (teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação – 1971-2000). Tese de Livre-Docência, UNESP: Rio Claro, 2001.

_____. **Estudos do Clima no Brasil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

ZAVATTINI, J. A; BOIN, M. N. **Climatologia Geográfica** – Teoria e Prática de Pesquisa. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

ZUBIRI, X. **Naturaleza, História, Dios**. 5. Ed. Madrid: Editora Nacional, 1974.

ZUIDERVAART, L. **Adorno's aesthetic theory**: the redemption of illusion. Cambridge: MIT Press, 1991.

ZUSMAN, Perla, B. **Sociedades Geográficas na Promoção do saber a Respeito do Território:** estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1938-1945). 1996, 209 f. Dissertação, USP, São Paulo.

ABIB, Ruth. G. O. **Sementes na Terra Roxa: a colônia rio-grandense, um caso de imigração alemã no Vale do Paranapanema**. 1991, 243 f. Dissertação, UNESP, Presidente Prudente.

ABLAS, Luiz, A, Q. **Teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas:** estudo de caso de São Paulo. 1978. 199 f. Tese. USP, São Paulo.

ABREU, Reginaldo, C. **A abordagem conceitual de Região no âmbito da ciência geográfica e da política governamental de Mato Grosso**: Estabelecendo relações com o ensino do conceito de região na educação básica. 2011. 123 f. Dissertação. UFMT, Cuiabá.

ALEMAR, Aguinaldo. **Geopolítica das águas**: **O Brasil e o direito internacional fluvial**. 2006. 239 f. Tese. UFU, Uberlândia.

ALMEIDA, Roberto, S. **A Geografia e os Geógrafos do IBGE no período 1938-1998**: Uma Relação entre Documento e Memória. 2000. 899 f. Tese. UFRJ, Rio de Janeiro.

ALVES, Flamarion, D. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira**: A produção em periódicos científicos de 1939-2009. 2010. 350 f. UNESP, Rio Claro.

AMADOR, Elmo. S. **Estratigrafia e sedimentação da Bacia de Resende**. 1975, 166 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

AMADOR, Maria. B. M. **A visão sistêmica e sua contribuição ao estudo do espaço pecuário de Venturosa e Pedra do agreste de Pernambuco**. 2008, 316 f. Tese. UFPE, Pernambuco.

ANTUNES, Charlles, F. **A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB):** origens, ideias, experimentações e transformações - notas de uma história. 2008. 150 f. Tese. UFF, Niterói.

ARAÚJO, Carlos, E, F. **Dimensões sócio-espaciais derivadas das teorias neoclássicas e marxistas acerca da localização industrial**. 2001. 150 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

A

ARAÚJO, Maria. L. G. **Ciência, Fenomenologia e hermenêutica: diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios**. 2007. 205 f. Tese. UFMG. Minas Gerais.

ARAÚJO, Romeu, A. **Esboço inicial da climatologia da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. 2005. 178 f. Tese. USP, São Paulo.

ARCHELA, Roely, S. R. **Análise da Cartografia Brasileira**. Bibliografia da Cartografia na Geografia no período de 1935-1997. 2000. 415 f. Tese. USP, São Paulo.

ARGENTO, Mauro. S. F. **A contribuição dos sistemas Cristalino e Barreira na Formação da Planície Deltaica do Paraíba do Sul**. 1987, 2.v. Tese, UNESP, Rio Claro.

ARRAIS, Tadeu. P. A. **Região como arena Política: A produção da região urbana centro-goiano**. 2005. 191 f. Tese. UFF, Rio de Janeiro, Niterói.

AZEVEDO, Sérgio. L. M. **Produção do espaço-regional na área das hidroelétricas do submédio São Francisco**. 2008. 188 f. Tese. UFPE, Pernambuco.

B

BAHIANA, L. C.C. **Contribuições ao estudo da questão da escala na geografia**: escalas em geografia urbana. 1986. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

BAKONYI, Sonia. M. C. **Fatores Socioeconômicos e Ambientais e Doenças Respiratória em Curitiba/PR**. 2009. 250 f. Tese. UFPR, Curitiba.

BARBOSA, Cleto. B. **Diversidade vegetal em florestas do estado do Acre: aplicação de modelos ecológicos e do conhecimento tradicional**. 2003. 156 f. Tese, UFSC, Santa Catarina.

BARBOSA, Eliana, M. **A Ideia de Natureza na Prática Cotidiana**. 2000. 194 f. Dissertação. UFG, Goiânia.

BARBOSA, Túlio**. O conceito de Natureza e análises dos livros didáticos de Geografia**. 2006. 315 f. Dissertação. UNESP, Presidente Prudente.

B

BELTRAME, Elpídio. **Seleção de sítios e planejamento da atividade de cultivo de camarões Marinhos com base em geotecnologias**. 2003. 196 f. Tese. UFSC, Santa Catarina.

BENADUCE, Gilda. M. C**. Intensificação das redes de informações e novas espacialidades no Paraná**. 1999. 271 f. Tese, UNESP, Presidente Prudente.

BERNARDES, Antonio, H. **Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta:** Contribuição à epistemologia em Geografia.2012. 264 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

BEZZI, Meri, L. **Região**: Uma (RE) Visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas. 1997. 377 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

BITETI, Mariane, O. **Uma Reflexão sobre o Tema da Ontologia na Geografia**. 2007. 115 f. Dissertação. UFF, Niterói.

_____. **O em-si-para-o-outro-para-si**: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico. 2014. Tese. UFF, Niterói.

BOLIGIAN, Levon. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002**: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil. 2010. 221 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

BRITO, Thiago, M, A. **Região**: leituras possíveis de Milton Santos. 2007. 165 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

_____. **A Natureza do Método e o Método da Natureza**: exposição e crítica na formação do pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX. 2014. 271 f. Tese. UFMG, Belo Horizonte.

C

CALÇAVARA, Reginaldo, A. **O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física–geografia humana**: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger. 2013. 153 f. Mestrado. UFES, Espírito Santo.

CALDEIRA, Silvana. M. B. **Avaliação da degradação ambiental em áreas de confronto entre minerações e outras atividades antrópicas: uma aplicação à bacia do Ribeirão Piedade sw da rmbh**. 1992, 104 f. Dissertação, UFMG, Minas Gerais.

CAMACHO, Adilson, R. **A geografia no nascimento do mundo**: existência e conhecimento. 2008. 94 f. Tese. USP, São Paulo.

CAMPOS, Fernando. R. G**. Uma Geografia do Futebol amador: Espaços de representação do futebol amazonense a partir do "peladão".** 2009. 225 f. Tese. UFPR, Curitiba.

CAMPOS, Janaína, F, S. Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo. 2012. 389 f. Tese. UNESP, Prudente Prudente

CAMPOS, Nazareno. J. C. **Terras Comunais e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina**. 1989, 191 f. Dissertação, UFSC, Santa Catarina.

CONCEIÇÃO, Alexandrina, L. **Às Margens do Beberibe e do Capibaribe**: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia. 2001. 319 F. Tese. USP, São Paulo.

CARACRISTI, Isorlanda. **A natureza complexa da poiésis climática**: contribuições teóricas ao estudo geográfico do clima. 2007. 136 f. Tese. USP, São Paulo.

C

CARDOSO, Leandro. **Transporte Público, Acessibilidade Urbana e Desigualdades Socioespaciais na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. 232 f. Tese. UFMG, Minas Gerais.

CARDOSO, Maria, E, G. **O conceito de paisagem no livro didático e suas implicações para o ensino de geografia.** 1999. 142 f. Dissertação. USP, São Paulo.

CARLOS, Ana Fani, A. **Reflexões sobre o Espaço Geográfico**. 1979. 118 f. Dissertação. USP, São Paulo.

CARNEIRO, Tony, G. **Epistemologia do Direito Ambiental:** Uma abordagem interdisciplinar da geografia e do direito normativo aplicado. 2008. 115 f. Dissertação. UFU, Uberlândia

CARVALHO, Maria. C. V. **Santos e a Geografia Humana no Litoral Paulista**. 1944, 219 f. Tese, USP, São Paulo.

CARVALHO, Marcos, B. **Uma Geografia do discurso sobre a natureza**. 1991. 175 f. Dissertação. USP, São Paulo.

CARVALHO, Naiemer, R. **Geographia do Brazil**: a construção da nação nos livros didáticos de geografia da Primeira República. 2012. 210 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

CARVALHO, Rodrigo. G. **Análise de sistemas ambientais aplicada ao planejamento: estudo em macro e mesoescala na região da bacia hidrográfica do Rio Apodi-Mossoró, RN**. 2011. 250 f. Tese. UFC, Fortaleza.

CASTANHO, Roberto. B. **Uso do geoprocessamento no estudo da produção agropecuária da microrregião geográfica de Carazinho (RS).** 2006. 237 f. Tese. UFU, Uberlândia.

CAVALCANTI, Lucas, C, S. **Da Descrição de Áreas à Teoria dos Geossistemas**: Uma Abordagem Epistemológica sobre Sínteses Naturalistas. 2013. 218 f. Tese, UFPE, Recife.

CISTERNAS, Nataly, A, P. **O conceito de cidade em geografia nos livros didáticos do chile e do Brasil**. 2012. 145 f. Dissertação. UFG, Goiânia.

CIVALE, Leonardo. **Pensamento Geográfico e Saber Médico**: História, Ciência e Imigração no Brasil da Segunda Metade do Século XIX (1850-1903). 2009. 332 f. Tese. UFRJ, Rio Janeiro.

C

CONCEIÇÃO, Alexandrina, L. **A Questão Camponesa**: olhar sob o signo dialético. 1991. 178 f. Dissertação. UFS, Universidade Federal de Sergipe.

CORGOSINHO, Rosana, R. **O lugar no mundo contemporâneo**. 2004. 100 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

CORIOLANO, Luzia. N. M. T. **Turismo, territórios e sujeitos nos discursos e práticas políticas. 2004**. 295 f. Tese. UFS, Sergipe.

COSTA, Benhur. P. **Por uma geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade**. 2008. 361 f. Tese. UFRGS, Porto Alegre.

COSTA, Wanderley, M. **Geografia Política e Geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. 1991. 477 f. Tese. USP, São Paulo.

CUSTóDIO, Maraluce, M **. Proposição de um conceito jurídico de paisagem para o Brasil**. 2012. 370 f. Tese. UFMG, Belo Horizonte.

D

DIAS, Luís. F.P. **Dinâmica de um processo associativista: cooperativa de consumo dos servidores da UEL –SERVICOOP**. 2014. 297 f. Tese. UEL, Londrina.

D

DUARTE, Matusalém, B. **Leituras do "lugar-mundo-vivido" e do "lugar-território" a partir da intersubjetividade**. 2006. 138 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

E

ELY, Deise, F. **Teoria e método da climatologia geográfica brasileira:** uma abordagem sobre seus discursos e práticas. 2006. 208 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

EUFRASIO, Mario, A. **A Estrutura da Teoria dos Lugares Centrais de W. Christaller**. 1982. 255 f. Dissertação. USP, São Paulo.

F

FARIA, Antônio. P. **Dinâmica e Fragilidade de Bacias Fluviais de Primeira Ordem**. 1995, 218 f. Tese, UFRJ, Rio de Janeiro.

FELÍCIO, Munir, J. **Contribuições ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário.** 2011. 215 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

FERNANDES, Mariane, O. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade**: A produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia 2001-2011. 2013. 155 f. Dissertação. UFMS, Santa Maria.

FERNANDES, Ulisses, S. **Paisagem:** Uma Prosa do Mundo em Merleau-Ponty. 2009. 197 f. Tese. UFF, Niterói.

FERRAZ, Cláudio, B, O. **Geografia e paisagem**: entre o olhar e o pensar. 2002. 394 f. Tese. USP, São Paulo.

FERREIRA, Darlene, A, O. O **Mundo rural sob o ponto de vista geográfico**: A geografia Agrária Brasileira da década de 20 a de 90. 1998. 398 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

FERREIRA, Marilourdes, L. **Problemas conceituais e metodológicos na geografia**: o conceito regional. 1978. 83 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Solange, T, L. **A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas.** 1990. 201 f. Dissertação. UNESP, Rio Claro.

FERREIRA, Vanderlei. O. **Paisagem, recursos hídricos e desenvolvimento econômico na bacia do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais**. 2007. 200 f. Tese. UFMG, Minas Gerais.

FILHO, Fadel, D, A. **O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha**: Uma avaliação. 1990. 272 f. Dissertação. UNESP, Rio Claro.

_____. **A Visão da Amazônia Brasileira**: Uma Avaliação do Pensamento Geográfico entre 1900 e 1940. 1996. 246 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

F

FONSECA, Vania. **Manaus: polo de desenvolvimento regional?** 1980, 111 f. Dissertação, UNESP, Rio Claro.

FONTANIVE, Marcelo, A. **Pantanal**: a construção de uma paisagem a partir das concepções de estética e de natureza. 2011. 149 f. Dissertação. UFGD, Dourados.

FRANÇA, Ary. **Estudo do Clima da bacia de São Paulo**. 1945. Tese. USP, São Paulo.

FREITAS, Inês, A. **Em nome do Pai**: A Geografia dos Jesuítas no Brasil nos séculos XVI a XVIII. 1992. 214 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

GALVÃO, Altair. A. **Políticas públicas urbanas, espaço público e segregação em Maringá- PR**. 2012. 287 f. Tese. UEM, Maringá.

GERALDINO, Carlos, F, G. **O conceito de meio na Geografia.** 2011. 134 f. Dissertação. USP, São Paulo.

GHIZZO, Márcio. R. **A mobilidade do consumo e a produção do espaço no aglomerado urbano de Maringá-PR.** 2012. 200 f. Tese. UEM, Maringá.

G

GOBBO, Bianchi, A. **O conceito de natureza no pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche** – contribuições para a geografia e seu ensino. 2012. 120 f. UFGD, Dourados.

GODOY, Paulo, R, T. **A (des) Construção do Espaço Regional**. 2002. 150 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

GOMES, Paulo, C, C. **As razões da região**. 1998. 194 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

G

GONÇALVES, Claudio. U. **Ética, diferenciação interna do trabalho e políticas públicas no Cariri cearense: solidariedade e conflito**. 2005. 157 f. Tese. UFF, Niterói.

GUIMARÃES, Humberto, G. **Uma odisséia para o espaço**: proposta de análise da existência espacial humana na geografia científica. 2010. 200 f. Dissertação. UFF, Niterói.

GRIZIO-ORITA, Edinéia. V. **Os efeitos da ocupação antrópica sobre o sistema fluvial do Rio Paraguai superior.** 2012. 119 f. Tese. UEM, Maringá.

H

HEINO, Dieter. C. E. **Análise ambiental no sistema costeiro oriental do Estado do Rio de Janeiro**. 1975. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

HERMANN, Maria, L. P. **Aspectos Ambientais da Porção Central da Ilha de Santa Catarina.** 1989, 228 f. Dissertação. UFSC, Santa Catarina.

HERMUCHE, Potira. M. **Dinâmica da produção de ovinos naturalizados no Brasil**. 2013. 149 f. Tese. UNB, Brasília.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista** – Sua Trajetória de 1950 a 1990. 1991. 550 f. Dissertação UFRJ, Rio Janeiro.

_____. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar**: A crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 1998. 233 f. Tese. USP, São Paulo.

HORTA, Célio, A, C. **Geografia Regional**: Um resgate Teórico Macro-Escalar. 2011. 290 f. Tese. UFF, Niterói.

I

ISSLER, Bernardo. A geografia e os estudos sociais. 1974. 253 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente

---

J

JESUS, Emanuel, F. **Espaço, Tempo e Escala em Climatologia**. 1995.204 f. Tese. USP, São Paulo.

J

JÚNIOR, Clodoaldo, G, A. **O conceito de território**: uma análise dos documentos nacionais de Geografia para o Ensino Médio. 2009. 122 f. Dissertação. PUC, São Paulo.

JUNIOR, Nilton, A. **Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil**. 2008. 202 f. Tese. UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. **O Ambiente Visto pela Geografia Agrária Brasileira:** de 1939 a 1995. 2003. 122 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

K

KATUTA, Angela, M. **O Estrangeiro no mundo da Geografia**. 2005. 270 f. Tese. USP, São Paulo.

L

LAMEGO, Mariana, A. **Positivismo lógico e geografia**. Uma interpretação da relação entre o Círculo de Viena e a Geografia Quantitativa. 2006. 98 f. Dissertação. UERJ, Rio de Janeiro.

_____. **Práticas e Representações da Geografia Quantitativa no Brasil**: a formação de uma caricatura. 2010. 269 f. Tese. UFRJ, Rio de Janeiro.

LENCIONI, Sandra**. Região e Geografia**: uma introdução ao estudo da noção de região. 1997. 287 f. Tese de Livre-Docência. USP, São Paulo.

LERSCH, Rodrigo. P. **Introdução de dados auxiliares na classificação de imagens digitais de sensoriamento remoto aplicando conceitos da teoria da evidência.** 2008. 80 f. UFRGS, Porto Alegre.

LIMA, Elias, L. **A Reinvenção da Corporeidade**: o cotejo entra a tradição moderna e a tradição indígena. 2007. 121 f. Dissertação. UFF, Niterói.

LIMA, Ivaldo. G. **Redes políticas e recomposição do território**. 2005. 189 f. Tese. UFF, Niterói.

LOPES, Iole, I. **O lugar da razão e a razão do Lugar**: uma aproximação preliminar entre a teoria da ação comunicativa de Habermas e a Geografia. 1997.172 f. Dissertação. USP, São Paulo.

_____. **O Território e os Estados Pós-Nacionais**: uma abordagem Geográfica das Teorias recentes de Jürgen Habermas. 2005. 230 f. Tese. USP, São Paulo.

L

LOURENÇO, Claudinei. **A natureza no ensino de geografia de 1º e 2ª graus**: perguntas ao passado. 1996. 207 f. Dissertação. USP, São Paulo.

LOPES, Lucineide, F, R. **A Região Nordeste nos livros didáticos de Geografia**: Uma Análise Histórica. 2009. 134 f. Dissertação. UFPB, João Pessoa.

MACHADO, Ewerton. V. **Aracaju: Paisagens & Fetiches - abordagens sobre seu crescimento urbano.** 1989, 302 f. Dissertação, UFSC, Santa Catarina.

MACHADO, Monica, S. **A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira.** 2002. 197 f. Tese. USP, São Paulo.

MANOSSO, Fernando. C. **Potencialidades da paisagem na região da serra do Cadeado- PR: abordagem metodológica das relações entre a estrutura geoecológica, a geodiversidade e o geoturismo.** 2012. 183 f. Tese. UEM, Maringá.

MARENGO, Shanti, N. **A espessura do lugar**: leitura sobre o lugar nos Simpósios nacionais de geografia urbana. 2010. 168 f. Dissertação. UFBA, Salvador.

M

MARIA, Yanci, L. **Paisagem**: entre o sensível e o factual, uma abordagem a partir da geografia cultural. 2011. 133 f. Dissertação. USP, São Paulo.

MARINHEIRO, Dulcimara, L. **Região e regionalização nos livros didáticos de geografia.** 2009. 128 f. Dissertação. PUC, São Paulo.

MARINHO, Samarone, C. **Um homem, um lugar**: geografia da vida e perspectiva ontológica. 2010. 335 f. Tese. USP, São Paulo.

MARTONI, Rodrigo, M. **Por uma ontologia do espaço turístico**: contribuições para uma consciência do real e do possível. 2014. 337 f. Tese. UFPR, Curitiba.

MASCARENHAS, Rúbia. G. T. **A diversidade gastronômica como atrativo turístico na Região dos Campos Gerais do Paraná: um estudo de caso no município de Castro.** 2009. 178 f. Tese. UFPR, Curitiba.

MATIAS, Lindon, F. **Sistema de Informações Geográficas (SIG)**: Teoria e Método para Representação do Espaço Geográfico. 2001. 313 f. Tese. USP, São Paulo.

MATOS, Marilene, A. **A cidade, o urbano, a urbanização no livro didático tradicional de Geografia**. 1995. 135 f. Dissertação. UFPE, Recife.

MATTOS, Regina. C. Desvendando o íntimo espaço da moda. 2005. 167 f. Tese. UFF, Niterói.

MEGALE, Januario, F. **Geografia e sociologia**: introdução ao estudo de Max Sorre. 1979. 126 f. Dissertação. USP, São Paulo.

MELLO, Marcelo. **Brasília e Águas Lindas de Goiás: a razão e a loucura no processo de produção de um território fragmentado**. 2009. 204 f. Tese. UFG, Goiânia.

MENDES, Renato. S. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense**. 1948. 171 f. Tese. USP, São Paulo.

MENDONÇA, Maria, L, R, F. **Modo capitalista de produção e agricultura**: a construção do conceito de agronegócio. 2013. 214 f. USP, São Paulo.

M

MENEZES, Eduardo, P. **A (Re)Significação da Noção de Espaço na Geografia Escolar**: a contribuição da Poética Bachelardiana e da Teoria do Imaginário. 2010. 200 f. Tese. UFF, Niterói.

MESQUITA, Olindina, V. **O modelo de Von Thunen**: uma discussão. 1978. 126 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

MIRANDA, Dimas. F. **Modelos de Análise Têmporo** - Espacial: Explorações Metodológicas em Janelle, Hägerstrand e Wilson. 2004. 220 f. Tese, PUC –MG, Minas Gerais.

MONTEIRO, Carlos, A, F. **Teoria e Clima Urbano**. 1975. 219 f. Tese de Livre-Docência. USP, São Paulo.

MORAES, Antonio, C, R. **Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico:** Alexander von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel. 1983. 508 f. Dissertação. USP, São Paulo

_____. **Bases da Formação Territorial do Brasil**: O território Colonial Brasileiro no longo século XVI. 1991. 385 f. Tese. USP, São Paulo.

MOREIRA, Ruy. **Espaço, corpo do tempo**: a construção geográfica das sociedades. 1994. 239 f. Tese. USP, São Paulo.

M

MOREIRA, Virginia. R. **Fatores condicionantes das voçorocas na sub-bacia do Rio Santo Antônio, Bacia do Rio Grande, MG**. 1992. 200 f. Dissertação. UFMG, Minas Gerais.

MOTA, Giovane, S. **Contribuições para uma Teoria Geográfica do Lugar**. 2006. 168 f. Dissertação. UFPA, Pará.

MOURA, Rosa. **Arranjos Urbano-Regionais no Brasil: Uma análise com foco em Curitiba.** 2009. 221 f. Tese. UFPR, Curitiba.

MUEHE, Dieter. C. E.H. **Análise ambiental no sistema costeiro oriental do Estado do Rio de Janeiro**. 1975, 141 p. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

MÜLLER, Nice. L. **Tipos de sitiantes em algumas regiões do Estado de São Paulo**. 1946, 171 f. Tese, USP, São Paulo.

MURADÁS, Jones. **A geopolítica e a formação territorial do sul do Brasil**. 2008. 328 f. Tese. UFRGS, Porto Alegre.

N

NECKEL, Alcindo. **A Questão ambiental nos cursos de graduação em geografia no Brasil e o pensamento geográfico sobre o conceito de ambiente**. 2014. 144 f. Tese. UFRGS, Porto Alegre.

NEVES, Karina, F. V. **Relação cidade-campo**: um estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária. 2010. 298 f. Dissertação. UFBA, Salvador.

NUNES, Flaviana, G. **A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998**). 2000. 152 f. UNESP, Presidente Prudente.

O

OKA-FIORI, Chisato. **Contribuição ao estudo das formações superficiais das quadrículas de Piracicaba e São Pedro**. 1980, 121 f, Dissertação, UNESP, Rio Claro.

O

OLIVEIRA, Aldo, G. **A Cartografia escolar e o ensino de Geografia no Brasil** : um olhar e histórico e metodológico a partir do mapa (1913-1982). 2010. 138 f. Dissertação. UFPB, João Pessoa.

OLIVEIRA, Ariovaldo. U. **Contribuição para o Estudo da geografia Agrária**: Crítica ao "Estado Isolado" de Von Thunen . 1978. 489 f. Tese. USP, São Paulo.

P

PAES, Marco, S. **Liberdade e natureza**: o problema da causalidade nas críticas de Kant e sua influência na geografia alemã neokantiana . 2010. 100 f. Dissertação. UERJ, Rio de Janeiro.

PAULA, Carlos. M. **A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica. 2005**. 155 f. Tese. UFF, Niterói.

PEDON, Nelson, R. **Movimentos Socioterritorias**: uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica. 2009. 240 f. UNESP, Presidente Prudente.

PEDROSA, Breno, V. **Entre as ruínas do muro**: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura. 2013. 361 f. Tese. USP, São Paulo.

PEGAIA, Uivão. **A rede Bancária da cidade de São Paulo: aspectos geográficos**. 1965, Dissertação, USP, São Paulo.

PENHA, Eli, A. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado novo**. 1992. 412 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

PENNER, Maria. E. S. **A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico**. 1980, 137 f. Dissertação, UFPE, Pernambuco.

PEREIRA, Clevisson, J. **Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado**: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista. 2014. 285 f. UFPR, Paraná.

PEREIRA, Diamantino, A, C. **Origens e consolidação da tradição didática da Geografia Escolar Brasileira**. 1990. 151 f. Dissertação. USP, São Paulo.

PEREIRA, Doralice. B. **Açominas: uma paisagem industrial na percepção dos moradores de Ouro Branco**. 1992, 201 f. UFMG, Minas Gerais.

PEREIRA, Raquel, M, F, A. **A Geografia e as bases da formação nacional brasileira:** uma interpretação fundamentada nas ideias de Ignácio Rangel. 1997. 277 f. Tese. USP, São Paulo.

P

PEREIRA, Sergio, L. N. **Geografias**. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil (1838-1922). 1997. 110 F. Dissertação. USP, São Paulo.

_____. **Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro**: origens, obsessões e conflitos (1883-1944). 2003. 169 f. Tese. USP, São Paulo.

PERON, Mauro, L. **Conceito de Região em Geografia**: um estudo preliminar. 1997. 120 f. Dissertação. USP, São Paulo.

PIMENTA, Jose, R, S. **Reflexões acerca da Epistemologia da Geografia e da Hidrogeografia**. 2014. 106 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Antônio, C. **Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil 1972 – 2000**. 2003. 370 f. Tese. UNICAMP, Campinas.

POBLET, Maria, DM, F, J. **A dimensão espaço-temporal em Fernand Braudel**: aportes teóricos para uma geografia. 2011. 153 f. Dissertação. UFMG, Belo Horizonte.

Q

QUENTAL, Pedro, A. **Entre o fato e o artefato**: a invenção do conceito de América Latina. 2010. 100 f. Dissertação. UFF, Niterói.

R

RIBAS, Alexandre, D. **Cosmologia e Geografia Física em Immanuel Kant**. 2011. 358 f. Tese. UNICAMP, Campinas.

RIBEIRO, Dinalva. D. **A agricultura "caificada" no sudoeste de Goiás: do bônus econômico ao ônus sócio-ambiental.** 2005. 157 f. Tese. UFF, Niterói.

RIBEIRO, Gilberto. P. **Tecnologias digitais de geoprocessamento no suporte à análise espaço-temporal em ambiente costeiro**. 2005. 197 f. Tese. UFF, Niterói.

RIBEIRO, Guilherme, S. **Espaço, Tempo e Epistemologia**: a Geografia na Obra de Fernand Braudel. 2008. 250 f. Tese. UFF, Niterói.

RIBEIRO, Júlio, C. **A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico**. 2006. 161 f. Tese. UFF, Niterói.

R

RIGON, Osmar. As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da bacia hidrográfico do Rio Pirapó –PR (1970-2010). 2012. 188 f. Tese. UEM, Maringá.

ROCHA, Genylton, O. R. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. 302 f. Dissertação. PUC, São Paulo.

ROCKENBACH, Denise. **A Geografia Urbana no Livro Didático**. 1993. 158 f. Dissertação. USP, São Paulo.

RODRIGUES, Élvio, M. **Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico**. 1997. 320 f. Tese. USP, São Paulo.

RODRIGUES, Jane, L. **Uma Geografia que se constrói**: O curso de Pós-Graduação em Geografia de Presidente Prudente. 1996. 206 f. Dissertação. UNESP, Presidente Prudente.

RODRIGUES, Janete. L. **Acumulação de capital e produção do espaço: o caso da grande João Pessoa**. 1980, 124 f. Dissertação. UFPE, Pernambuco.

S

SÁ, Maria. B. **Os engenhos rapadureiros e a expansão da agroindústria açucareira no município de Areia, microrregião do brejo paraibano**. 1980, 112 f. Dissertação, UFPE, Pernambuco.

SAITO, Carlos. H. **Contribuições Metodológicas para o Planejamento Urbano nos Municípios de Pequeno e Médio Porte através de SGI e Banco de Dados Relacional**. 1995, 254 f. UFRJ, Rio de Janeiro.

SALVI, Rosana, F. **O Tempo na Geografia Humana Brasileira como uma Categoria do Método**. 1993. 166 f. Dissertação. USP, São Paulo.

_____. **A Questão Pós-Moderna**: Tentativa de Contribuição para uma Epistemologia da Geografia Humana. 2000. 115 f. Tese. USP, São Paulo.

SAMPAIO, Joana, J, A. **O conceito de território nos livros didáticos de geografia do ensino médio do autor Mehen Adas (1970 -1990).** 2012. 124 f. Dissertação. UFPB, João Pessoa.

SANT'ANNA NETO, João Lima. **História da climatologia no Brasil**: gênese, paradigmas e a construção de uma geografia do clima. 2001. 162 f. Tese de Livre-Docência. UNESP, Presidente Prudente.

SANT'ANNA, Marina. D-N. C. **Elaboração de um modelo de estrutura espacial para o sistema administrativo do novo estado do Rio de Janeiro**. 1975, 99 f. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

SANTOS, André. L. S. **Interação de comunidades rurais com recursos vegetais: o caso dos remanescentes de floresta estacional do município de Junqueira (AL – Brasil**). 2008. 142 f. Tese. UFPE, Pernambuco.

SANTOS, David, A. **A abordagem do conceito de natureza nas propostas curriculares de geografia dos estados de São Paulo e do Paraná**: uma correlação entre a teoria e a prática. 2012. 99 f. Dissertação. PUC, São Paulo.

SANTOS, Douglas. **Imperialismo e Estado**: reflexões sobre a Geografia contemporânea. 1991. 192 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SANTOS, Gislene, A. **A ideia de Natureza em Jean-Jacques Rousseau**: introdução a um debate. 1998. 162 f. UFSC, Florianópolis.

SANTOS, Josevan, D. **Uma discussão sobre a filogênese Kant-Goethe-Schopenhauer na constituição do conceito Forma-Paisagem e seu impacto na Geografia Humboldtiana.** 2012. 74 f. Dissertação. UNICAMP, Campinas.

SANTOS, Milton. **Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia**. 1953. 99 f. Tese. UFBA, Salvador.

SCARIM, Paulo, C. **Coetâneos da Crítica**: O Movimento de Renovação crítica da geografia brasileira. 2001. 591 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SILVA, Aldo, A, D. **O espaço em Milton Santos**. 1994. 99 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SILVA, Altiva, B. **Do povo sem espaço ao espaço sem povo**: análise da Revista de Geopolítica. 1996. 152 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SILVA, Ana, C. **O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI**: o território na trama das significações imaginárias. 2010. 149 f. Tese. UNESP, Presidente Prudente.

SILVA, Charlei. A. **Análise sistêmica, turismo de natureza e planejamento ambiental de Brotas: proposta metodológica**. 2006. 308 f. UNICAMP, Campinas.

SILVA, Dalton. **Os esgotos sanitários em Florianópolis: Uma contribuição geográfica ao estudo do problema na capital do estado de Santa Catarina**. 1989, 559 f. Dissertação. UFSC, Santa Catarina.

SILVA, Elias, C. **O texto enquanto território-processo de territorialização na redefinição do pensar**: Uma contribuição a partir de Mil Platôs. 2010. 229 f. Dissertação. UFGD, Dourados.

SILVA, Guilherme, C. **O Ciberespaço como Categoria Geográfica**. 2013. 178 f. Dissertação. UNB, Brasília.

SILVA, Leonardo, A, V. **Da Geografia da Natureza à Natureza da Geografia:** Uma Breve Consideração acerca da Contribuição de Kant à Ciência Geográfica e aos Conceitos de Natureza, História, Espaço e Tempo. 2009. 193 f. Dissertação. UFF, Niterói.

SILVA, Luan, C. **O conceito de lugar no livro didático e o processo de ensino-aprendizagem.** 2014. 146 f. Dissertação. UFG, Goiânia.

SILVA, Márcio. R. **Desvelando a cidade: segregação socioespacial em Jataí – GO**. 2009. 205 f. Tese. UFG, Goiânia.

SILVEIRA, Dilermando, C. **Identidade Territorial em unidades de conservação**: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental. 2004. 119 f. Dissertação. UFRGS, Porto Alegre.

SILVEIRA, João. D. **Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira**. 1946, 128 f. Tese, USP, São Paulo.

SILVEIRA, Roberison, W, D. **Influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna**: a constituição dos conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt. 2008. 188 f. Dissertação. UNICAMP, Campinas.

SOLLERO, Victoria. T. **Condicionantes ambientais para o planejamento hidrelétrico em Minas Gerais: Uma abordagem metodológica regional utilizando o método Delphi**. 1992, 213 f. Dissertação UFMG, Minas Gerais.

SOUSA, Rosangela, S. **Uma investigação sobre as teorias da cidade mundial, cidade global, cidade pós-moderna e sua relação com a cidade de São Paulo**. 2009. 284 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SOUZA, Bartolomeu. I. **Cariri paraibano: do silêncio do lugar à desertificação**. 2008. 197 f. Tese. UFRGS, Porto Alegre.

SOUZA, Danilo, A. **Geografia e Individuação**: apontamentos para uma crítica ontológica da ciência geográfica. 2014. 238 f. Dissertação. USP, São Paulo.

SOUZA, Marcos, B. **Geografia física**: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil. 2006. 145 f. Dissertação. USP, São Paulo.

S

SOUZA, Thiago, T. **História da Geografia Escolar**: um estudo da Cultura Escolar através da narrativa de uma Professora. 2011. 140 f. Dissertação. UNESP, Rio Claro.

SOUZA, Vanilton. C. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores**. 2009. 214 f. Tese. UFG, Goiânia.

SPOSITO, Eliseu, S. **Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico**. 2000. 214 f. Tese de Livre-Docência. UNESP, Presidente Prudente.

SPRINGER, Kalina, S. **As concepções de Natureza na Geografia**: Reflexões a partir da produção científica do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR. 2008. 190 f. Dissertação. UFPR, Curitiba.

T

TEIXEIRA, Marlene. P.V. **Padrões de ligações e sistema urbano: uma análise aplicada aos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro**. 1975, 83 f. Dissertação, UFRJ, Rio de Janeiro.

V

VALLEJO, Luiz. R. **Políticas públicas e conservação ambiental: territorialidades em conflito nos parques estaduais da Ilha Grande, da Serra da Tiririca e do Desengão (RJ).** 2005. 189 f. Tese. UFF, Niterói.

VEADO, Ricardo. W. **Análise ambiental e a qualidade das aguas na bacia do Rio Urussanga.** 1989, 199 f. Dissertação UFSC, Santa Catarina.

VERCEZI, Jaqueline. T. **O Meio-Técnico- Científico –Informacional e o espaço relativizado da região metropolitana de Maringá**. 2012. 406 f. Tese. UEM, Maringá.

VIBRANS, Alexander. C. **A cobertura Florestal da Bacia do Rio Itajaí – Elementos para uma análise histórica**. 2003. 240 f. Tese, UFSC, Santa Catarina.

VIEIRA, Yara. R.M**. Evolução agrária na periferia de Buenos Aires no século XX**. 1970, 85 f. Dissertação, USP, São Paulo.

W

WALLAUER, Jordan. P. **Geografia da gestão de fauna no Brasil**. 2003. 302 f. Tese, UFSC, Santa Catarina.

WANDERLEY, Vernaide, M. **A Pedra do Reino:** Sertão vivido de Ariano Suassuna. 1997. 173 f. Tese. UNESP, Rio Claro.

X

XAVIER, Herbe. **A observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico**. 1990. 130 f. Dissertação. UNESP, Rio Claro.

Z

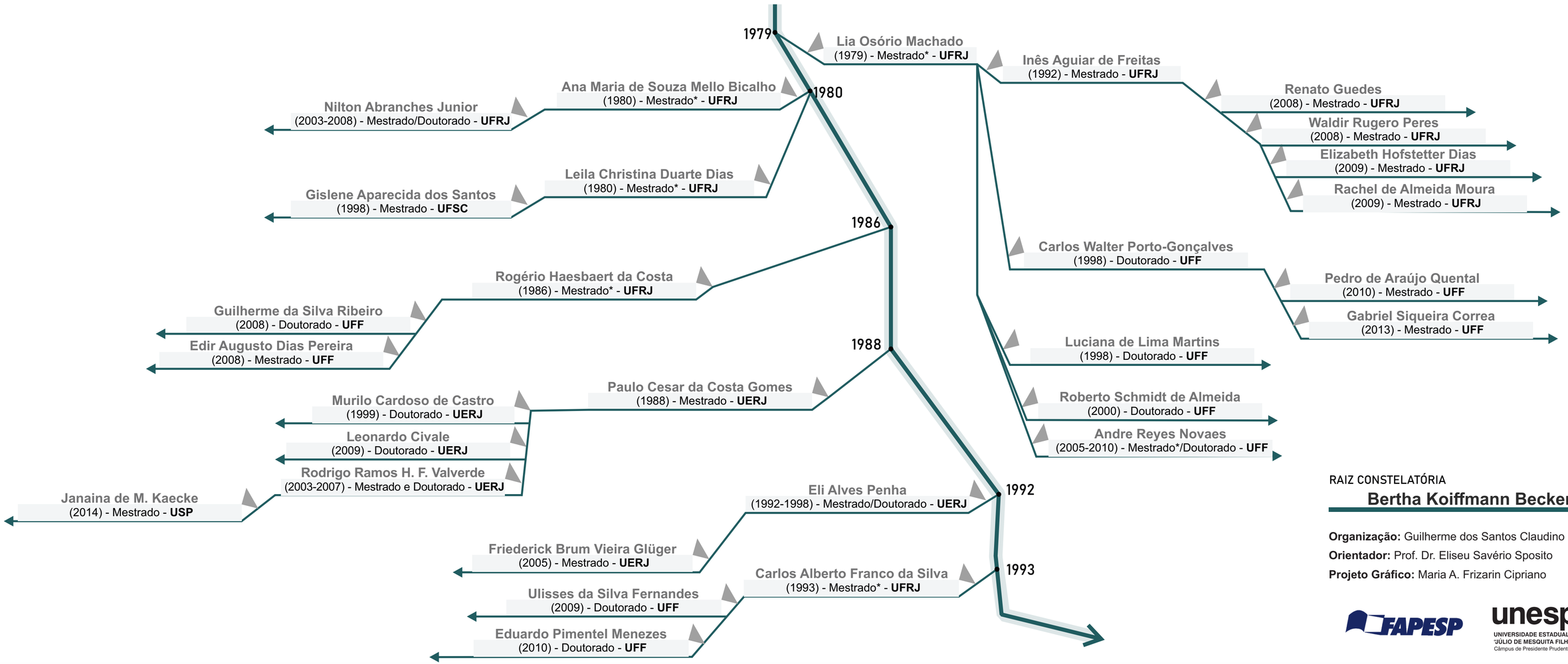
ZAVATTINI, João Afonso. **O paradigma do ritmo na climatologia geográfica brasileira**: (teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação - 1971-2000). 2001, 430 f. Tese de Livre-Docência. UNESP, Rio Claro.

ZUSMAN, Perla, B. **Sociedades Geográficas na Promoção do saber ao Respeito do Território:** estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1938-1945). 1996. 209 f. Dissertação. USP, São Paulo.

RAIZ CONSTELATÓRIA

Bertha Koiffmann Becker

UFRJ



RAIZ CONSTELATÓRIA

Bertha Koiffmann Becker

4/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

RAIZ CONSTELATÓRIA

Maurício de Almeida Abreu

UFRJ

1984

Ruy Moreira
(1984) - Mestrado* - **UFRJ**

Charlles da França Antunes
(2001-2008) - Mestrado/ Doutorado- **UFF**

Guilherme da Silva Ribeiro
(2004) - Mestrado - **UFF**

Adriana Carvalho Silva
(2005) - Mestrado - **UFF**

José Carlos Milléo
(2005) - Doutorado - **UFF**

Júlio César Ribeiro
(2006) - Doutorado - **UFF**

Elias Lopes de Lima
(2007-2013) - Mestrado/Doutorado - **UFF**

Mariani de Oliveira Bitcti
(2007-2014) - Mestrado/Doutorado - **UFF**

Natallye Lopes Santos Oliveira
(2008) - Mestrado - **UFF**

Astrogildo Luiz de França Filho
(2009) - Mestrado - **UFF**

Leonardo Arantes Ventura da Silva
(2009) - Mestrado - **UFF**

Humberto Goulart Guimarães
(2010) - Mestrado - **UFF**

1990

Jorge Luiz Barbosa
(1990) - Mestrado* - **UFRJ**

Adriana Carvalho Silva
(2012) - Doutorado - **UFF**

1992

1993

Maurício Piñon de Oliveira
(1990) - Mestrado* - **UFRJ**

Marcelo Japiassu Ramos
(2002) - Mestrado - **UFF**

Luciana de Lima Martins
(1993) - Mestrado - **UFRJ**

Werther Holzer
(1992) - Mestrado - **UFRJ**

2000

Roberto Lobato Azevedo Corrêa
(2000) - Doutorado - **UFRJ**

João Baptista Ferreira de Mello
(1991-2000) - Mestrado/Doutorado - **UFRJ**

Melissa Souza dos Anjos
(2011) - Mestrado - **UERJ**

Carlos Eduardo Santos Maia
(1994-2002) - Mestrado/Doutorado - **UFRJ**

Carlos Alberto Franco da Silva
(1997) - Doutorado* - **UFRJ**

Ulisses da Silva Fernandes
(2009) - Doutorado - **UFF**

Eduardo Pimentel Menezes
(2010) - Doutorado - **UFF**

Luiz Carlos Tostados Reis
(1997) - Mestrado/Doutorado* - **UFRJ**

Reginaldo Alex Calçacara
(2013) - Mestrado - **UFES**

Gilmar Mascarenhas de Jesus
(2001) - Mestrado* - **UFRJ**

Luiz Claudio Motta Lima
(2006) - Mestrado - **UERJ**

Marco de Souza Paes
(2010) - Mestrado - **UERJ**

Maria Amélia Vila Nova
(2005) - Mestrado - **UFRJ**

Frederico Roza Barcellos
(2006) - Mestrado - **UFRJ**

Sâmea Silva de Melo Barcelos
(2010) - Mestrado - **UFRJ**

Mariana Araújo Lamego
(2010) - Doutorado - **UFRJ**

RAIZ CONSTELATÓRIA

Maurício de Almeida Abreu

5/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

RAIZ CONSTELATÓRIA

Lucia Helena de Oliveira Girardi

1973 - Doutorado* - **UNESP - RC**

1990

Jorge Ulisses Guerra Villalobos
(1990) - Mestrado* - **UNESP-RC**

Christian Fausto Moraes dos Santos
(2002) - Mestrado - **UEM**

1997

Meri Lourdes Bezzi
(1997) - Doutorado - **UNESP-RC**

1998

Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira
(1998) - Doutorado - **UNESP-RC**

1999

Cássio Eduardo Viana Hissa
(1999) - Doutorado - **UNESP- RC**

Rosângela Nasser Ganimi Brauna
(2003) - Mestrado- **UFMG**

Mariana Guedes Raggi
(2003) - Mestrado - **UFMG**

Rosana Rios Corgosinho
(2004) - Mestrado - **UFMG**

Adriana Ferreira de Melo
(2006-2011) - Mestrado/Doutorado - **UFMG**

Thiago Macedo Alves de Brito
(2007) - Mestrado - **UFMG**

Maria Luiza Grossi Araújo
(2007) - Doutorado - **UFMG**

André Velloso Batista Ferreira
(2009) - Doutorado - **UFMG**

Flora Sousa Pidner
(2010) - Mestrado - **UFMG**

Maria Del Mar Ferrer Jordá Poblet
(2011) - Mestrado - **UFMG**

RAIZ CONSTELATÓRIA

Lucia Helena de Oliveira Girardi

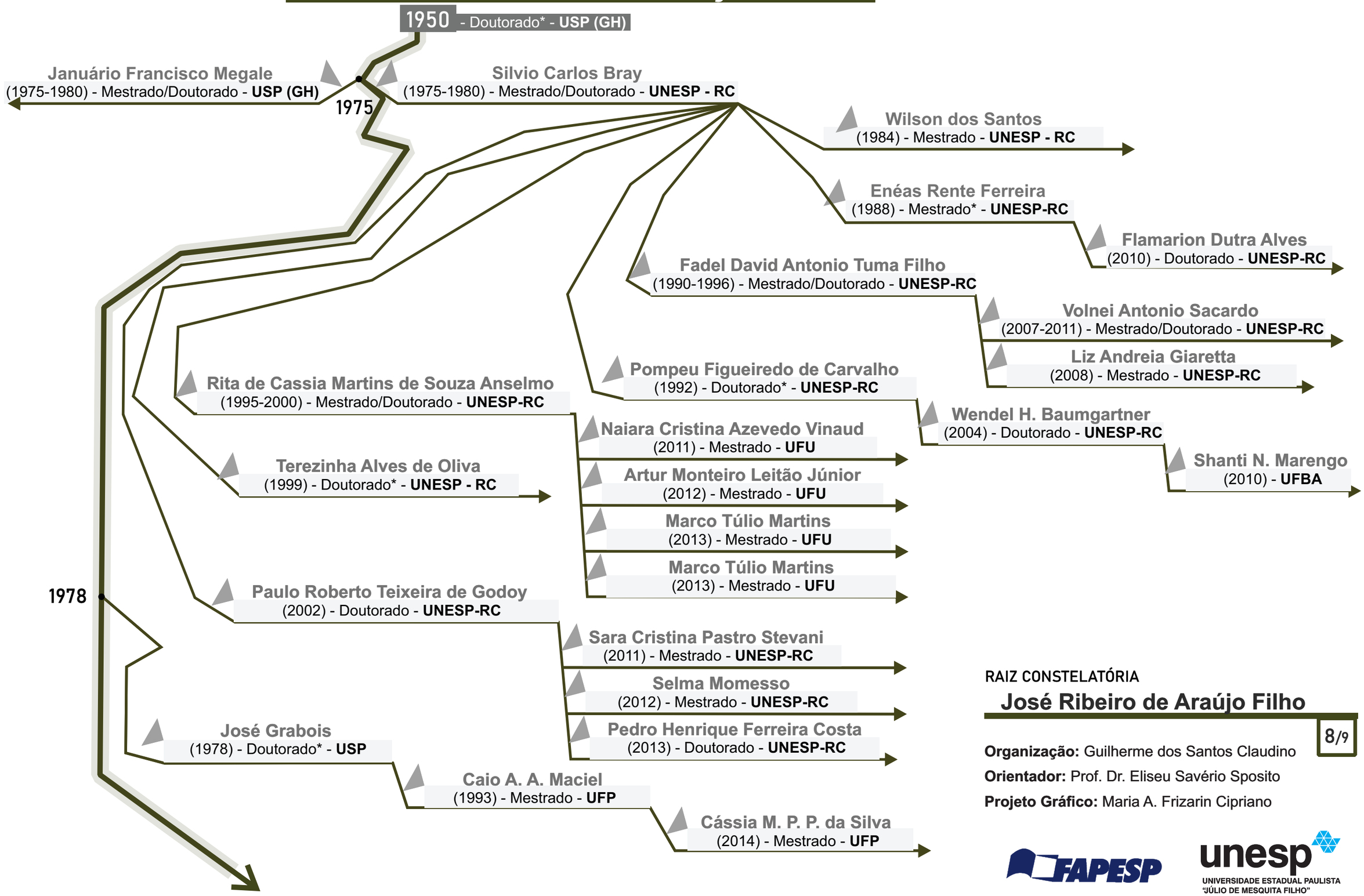
6/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino
Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito
Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP
unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

RAIZ CONSTELATÓRIA

José Ribeiro de Araújo Filho



RAIZ CONSTELATÓRIA

José Ribeiro de Araújo Filho

8/9

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

RAIZ CONSTELATÓRIA

Heinz Dieter Heidemann

1980 - Doutorado* - **USP (GH)**

1991

- **Alexandrina Luz Conceição** (1991-2001) - Mestrado/Doutorado - **UFS**
  - **Fabrícia de Oliveira Santos** (2012) - Doutorado - **UFS**
  - **Rosana de Oliveira Santos Batista** (2013) - Doutorado - **UFS**
- **João Phelipe Santiago** (1991) - Mestrado - **UFPE**

1994

- **Aldo Aloísio D. da Silva** (1994) - Mestrado - **USP (GH)**
  - **Francisca Diana Pereira de Farias** (2010) - Mestrado - **UFRN**
- **Zeny Rosendahl** (1994) - Mestrado/Doutorado - **USP (GH)**
  - **Mariana Araujo Lamego** (2006) - Mestrado - **UERJ**
  - **Patrícia Frangelli Bugallo Lopes** (2013) - Mestrado - **UERJ**

1996

- **Rogério Haesbaert da Costa** (1995) - Doutorado - **USP (GH)**
  - **Guilherme da Silva Ribeiro** (2008) - Doutorado - **UFF**
  - **Edir Augusto Dias Pereira** (2008) - Doutorado - **UFF**
- **Altiva Barbosa da Silva** (1996) - Mestrado - **USP (GH)**

1997

- **Mauro Luiz Peron** (1997) - Mestrado - **USP (GH)**

1998

- **Helion Póvoa Neto** (1998) - Doutorado* - **USP (GH)**
  - **Francisco Aragão Azevedo** (2008) - Mestrado - **UERJ**

2001

- **Maria de Fátima F. Rodrigues** (2001) - Doutorado - **USP (GH)**
  - **Marcos Aurélio Fernandes** (2012) - Mestrado - **UFPB**
- **Claúdio Benito de Oliveira Ferraz** (2001) - Doutorado - **USP (GH)**
  - **Marcelo Antonio Fontanive** (2011) - Mestrado - **UFGD**
  - **Bianchi Agostini Gobbo** (2012) - Mestrado - **UFGD**

2003

- **Claudinei Lourenço** (2003) - Doutorado - **USP (GH)**

2010

- **Claudio Roberto Duarte** (2010) - Doutorado - **USP (GH)**

2011

- **Suelen Rosa Pelissaro** (2011) - Mestrado - **USP (GH)**

2013

- **Renata Santos Rente** (2013) - Mestrado - **USP (GH)**

RAIZ CONSTELATÓRIA

Heinz Dieter Heidemann

Organização: Guilherme dos Santos Claudino

Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito

Projeto Gráfico: Maria A. Frizarin Cipriano

FAPESP

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

APÊNDICE A: TABELAS

Tabela 1: Dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1965 -1997)

Anos	Instituições											Total
	UFBA	UFG	UFMG	UFPE	UFRJ	UFSC	FUFSE (UFS)	UNESP (P.P.)	UNESP (R.C.)	USP (G.F.)	USP (G.H.)	
1965											1	**1**
1966												
1967											1	**1**
1968											1	**1**
1969											2	**2**
1970										1	4	**5**
1971										3	4	**7**
1972										1	5	**6**
1973										2	2	**4**
1974												
1975					4					4	6	**14**
1976					4					2	2	**8**
1977					4					2	4	**10**
1978					10					7	7	**24**
1979					11					5	12	**28**
1980				3	4				2	3	11	**23**
1981				3	4				4	8	7	**26**
1982				8	9				22	8	8	**55**
1983				4	6				12	10	8	**40**
1984				3	4				8	3	3	**21**
1985				7	7				9		2	**25**
1986				4	6				6	4	3	**23**
1987				5	10				4	3	5	**27**
1988				6	4				8	4	7	**29**
1989				12	5	5			4		4	**30**
1990				4	11	7			8	7	5	**42**
1991				7	19	8		1	10	5	13	**65**
1992			4	3	19	9		2	5	6	15	**63**
1993			4	5	24	11		2	9	7	21	**83**
1994			1	5	5	8		13	4	5	24	**65**
1995			6	15	16	18		7	13	12	20	**107**
1996			8	7	16	12	9	7	13	16	22	**110**
1997	2	1	11	12	13	17	3	13	5	13	19	**109**
TOTAL	**2**	**1**	**34**	**113**	**215**	**95**	**12**	**45**	**146**	**141**	**248**	**1052**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino

Tabela 2: Teses defendidas nos programas de pós-graduação no Brasil (1944-1997)

Anos	Instituições				Total
	USP (G.H.)	USP (G.F.)	UNESP (R.C.)	UFRJ	
1944	1				**1**
1945	1				**1**
1946	1	1			**2**
1947					**0**
1948	1	1			**2**
1949					**0**
1950	1				**1**
1951	1				**1**
1952					**0**
1953					**0**
1954					**0**
1955					**0**
1956		1			**1**
1957					**0**
1958					**0**
1959					**0**
1960					**0**
1961	1				**1**
1962					**0**
1963	1				**1**
1964					**0**
1965					**0**
1966					**0**
1967		1			**1**
1968					**0**
1969					**0**
1970	1				**1**
1971					**0**
1972	5	1			**6**
1973	3	4			**7**
1974		1			**1**
1975	2	2			**4**
1976		1			**1**
1977		1			**1**
1978	2				**2**
1979	4	1			**5**
1980	4	2			**6**
1981	1	3			**4**
1982					**0**
1983	4	3			**7**
1984	1	3			**4**
1985	3				**3**
1986		1			**1**
1987	8	4	1		**13**
1988	1	4	4		**9**
1989	3	4	2		**9**
1990	8	6	1		**15**
1991	10	4	5		**19**
1992	4	4	4		**12**
1993	4	5	4		**13**
1994	13	7	3		**23**
1995	11	8	3		**22**
1996	14	12	6	2	**34**
1997	15	9	14	5	**43**
TOTAL	**130**	**93**	**47**	**7**	**277**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor)
E Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino

Tabela 3: Dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1998-2014)

Instituições	Anos																	Total
	1998	**1999**	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**	
USP (G.H.)	17	18	25	34	38	18	17	15	60	41	37	44	30	47	42	34	32	**549**
USP (G.F.)	6	12	10	13	14	8	8	7	19	6	13	17	15	25	27	24	22	**246**
UFRJ	19	16	16	24	13	18	21	18	14	13	25	15	18	21	19	24	20	**314**
UFPE	8	4	13	4	14	8	6	11	24	13	13	14	15	17	21	16	20	**221**
UNESP (R.C.)	4	9	10	11	17	12	30	17	19	25	19	20	29	11	22	18	17	**290**
UFSC	23	26	18	24	25	16	21	17	21	19	25	24	20	22	20	21	19	**361**
UNESP (P.P.)	15	26	23	36	15	23	16	15	13	25	25	15	11	28	16	24	27	**353**
FUFSE (UFS)	4	10	3	3	11	12	26	24	14	15	11	13	13	19	13	12	19	**222**
UFBA	5	9	8	11	15	10	8	11	13	25	14	17	19	10	20	20	20	**235**
UFMG	7	13	8	17	41	23	23	20	23	17	29	20	25	23	17	22	22	**350**
UFG	6	6	4	10	25	24	17	21	20	20	32	26	28	15	19	13	28	**314**
UECE	5	7	12	8	11	13	11	13	11	8	13	14	19	16	20	18	24	**223**
PUC-MG	1	8	6	11	13	8	4	7	5	20	15	5	15	25	12	14	13	**182**
UNB		4	9	11	7	11	10	11	8	20	18	19	13	13	19	17	21	**211**
UFU			9	30	16	31	45	43	25	20	20	16	15	30	26	12	31	**369**
UFPR			1	15	10	14	17	27	23	27	22	20	19	11	10	27	12	**255**
UEM			10	13	19	21	23	22	28	15	14	16	30	19	12	17	14	**273**
UFF			4	10	18	11	16	13	16	12	17	14	16	14	9	13	13	**196**
UFRGS			6	11	22	27	11	16	16	18	22	14	12	23	17	25	22	**262**
UFRN					1	5	9	35	6	6	26	9	18	15	11	20	17	**178**
UEL						10	11	11	10	11	17	14	25	11	17	12	9	**158**
UNICAMP							2	27	15	17	22	10	11	21	16	20	16	**177**
UFMT							5	15	25	13	25	20	21	26	19	13	14	**196**
UFC								1	10	12	12	11	13	15	13	11	14	**112**
UERJ (R.J.)								12	9	7	34	21	14	19	22	23	14	**175**
UFSM								4	12	12	14	24	18	14	20	43	20	**181**
UFPA									6	13	12	8	12	10	19	12	12	**104**
UFPB (J.P.)									12	14	10	17	22	19	19	27	19	**159**
UEPG										1	13	14	19	13	21	16	15	**112**
UNIR										2	21	19	11	7	12	13	6	**91**
UFGD											1	13	14	15	16	12	20	**91**
PUC-SP											5	16	11	7	6	6	3	**54**
UFAM												14	11	9	10	12	14	**70**
UNIOESTE (F.B.)												10	19	18	12	21	16	**96**
PUC-RIO												6	11	7	7	11	6	**48**
FURG												12	4	20	17	10	13	**76**
UFES													12	15	8	15	18	**68**
UFG (C.C.)													13	18	16	11	19	**77**
UFMS (T.L.)														12	12	11	17	**52**
UNICENTRO														7	8	9	16	**40**
UFG (C.J.)														8	12	11	17	**48**
UNESP (D.T.C.)																3	2	**5**
UFJF																7	13	**20**
UFT																9	9	**18**
UFPI																10	10	**20**
UFRR																6	8	**14**
UNIOESTE (M.C.R.)																8	7	**15**
UERJ (S.G.)																	4	**4**
UFPEL																	3	**3**
UVA																	1	**1**
TOTAL	**120**	**168**	**195**	**296**	**345**	**323**	**357**	**433**	**477**	**467**	**596**	**581**	**641**	**695**	**674**	**753**	**768**	**7889**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014)

Organização e Elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino.

Tabela 4: Total de Teses defendidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1998 -2014)

Instituições	Anos																	Total
	1998	**1999**	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**	
USP (G.H.)	18	26	31	27	30	23	11	14	13	36	20	22	22	29	31	41	21	**415**
USP (G.F.)	9	7	15	15	18	10	10	6	8	20	5	17	13	19	12	15	15	**214**
UNESP (R.C.)	11	12	10	8	7	7	4	20	19	7	11	17	18	26	28	43	15	**263**
UFRJ	9	8	19	5	27	20	24	14	20	26	22	12	6	11	10	5	7	**245**
UNESP (P.P.)		1	3	3	10	11	14	13	14	10	20	14	15	11	28	16	14	**198**
UFSC						4	10	7	4	10	6	12	12	9	10	12	7	**103**
FUFSE (UFS)							1	1	2	11	8	9	13	11	9	12	12	**89**
PUC-MG							1	3	4	5	1	5	5	14	3	7	6	**54**
UFF								8	11	10	7	12	10	13	21	6	16	**114**
UFU									2	8	15	6	12	8	13	24	17	**105**
UNICAMP									1	8	5	6	11	10	16	6	8	**71**
UFMG										3	9	8	6	7	12	17	8	**70**
UFPE											3	4	7	9	19	15	18	**75**
UFRGS											4	9	5	10	6	11	16	**61**
UFPR												4	10	26	14	15	19	**88**
UFG												3	9	11	13	12	14	**62**
UFC														1	9	12	10	**32**
UEM															6	19	8	**33**
UECE															1	1	5	**7**
UNB																1	1	**2**
UEL																	1	**1**
TOTAL	**47**	**54**	**78**	**58**	**92**	**75**	**75**	**86**	**98**	**154**	**136**	**160**	**174**	**225**	**261**	**290**	**238**	**2301**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes / Plataforma Sucupira (2013-2014)

Organização e Elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino.

Tabela 5: Total de Dissertações referentes ao Saber Geográfico como Objeto (1978-2014)

INSTITUIÇÕES	ANOS																																	TOTAL
	1978	**1979**	**1982**	**1983**	**1984**	**1985**	**1986**	**1988**	**1990**	**1991**	**1992**	**1993**	**1994**	**1995**	**1996**	**1997**	**1998**	**1999**	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**	
USP (G.H.)		1	1	1					1	1	3	2	4		4	5				2	4					1	1	2	4	4	4	1	2	**48**
USP (G.F.)															1			1				1		1	1		1				1		2	**9**
UFRJ	2						1	1			3	1	1		2							2		1	1				2	1				**18**
UFPE									1	1				1	1					1													1	**6**
UNESP (R.C.)					1	1			3					1							1	1				2	2			2	1			**15**
UFSC														1			1	1														1		**4**
UNESP (P.P.)															1				1	1			1		1									**5**
FUFSE (UFS)										1																								**1**
UFBA																		1									1	1	3					**6**
UFMG																1				1		2	2	1	2	1			2	3	1	2	1	**19**
UFG																			1								1		1		1		1	**5**
UECE																									1									**1**
PUC-MG																										1					1			**2**
UNB																																2	1	**3**
UFU																				1							1	1		1	1	1	1	**7**
UFPR																											3		2					**5**
UEM																				1	1													**2**
UFF																				1	1		1	1		2	3	2	2		1	2		**16**
UFRGS																						1	1						1		1			**4**
UFRN																													1					**1**
UEL																													2				1	**3**
UNICAMP																											1				2		2	**5**
UFMT																														1				**1**
UFC																																		**0**
UERJ (R.J.)																								1	2		4	2	2	1	1		1	**14**
UFSM																									1				1			1		**3**
UFPA																									1									**1**
UFPB (J.P.)																												1	2		2	1	1	**7**
UEPG																													1					**1**
UNIR																													1					**1**
UFGD																													1	1	1			**3**
PUC-SP															1													2		1	2		1	**7**
UFAM																													1			1		**2**
UNIOESTE (F.B.)																												1	1		1	1		**4**
PUC-RIO																																1		**1**
FURG																												1	1					**2**
UFES																																1		**1**
UFG (C)																													1					**1**
UFMS (T.L.)																																		**0**
UNICENTRO																																		**0**
UFG (J)																																1		**1**
UNESP (D.T.C.)																																		**0**
UNIOESTE (M.C.R.)																																		**0**
UERJ (S.G.)																																		**0**
TOTAL	**2**	**1**	**1**	**1**	**1**	**1**	**1**	**1**	**5**	**3**	**6**	**3**	**5**	**3**	**10**	**6**	**1**	**3**	**2**	**8**	**7**	**7**	**5**	**5**	**10**	**7**	**18**	**13**	**32**	**15**	**21**	**16**	**15**	**235**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas,*websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino

Tabela 6: Total de teses defendidas em Categoria, Conceito, História do Pensamento Geográfico, Método e Produção do Conhecimento Geográfico (1953/-2014)

INSTITUIÇÕES	ANOS																																		TOTAL
	1953	**1974**	**1975**	**1978**	**1979**	**1982**	**1983**	**1984**	**1988**	**1990**	**1991**	**1992**	**1993**	**1994**	**1995**	**1996**	**1997**	**1998**	**1999**	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**	**2005**	**2006**	**2007**	**2008**	**2009**	**2010**	**2011**	**2012**	**2013**	**2014**	
UFBA	1																																		**1**
USP (G.H.)				1	2						2			1			4	1		1	5	2	2	1	5	1	3	1	1	3	1	1	5	1	**44**
USP (G.F.)			1												1				1	1				3		1	1	1			1	1	1		**13**
UNESP (R.C.)																1	2	2	2	1		2		1		1				2	1	1	2		**18**
UFRJ																		1	1	2		1					1	1	1	2					**10**
UNESP (P.P.)		1																		1	1			1	1	1			2	2	3	2			**15**
UFSC																														1			1		**2**
FUFSE (UFS)																																1	1		**2**
PUC-MG																																			**0**
UFF																									1	1		3	1	1	1	1	1	1	**11**
UFU																												1				1	1		**3**
UNICAMP																							1				1			1	1	1	1		**6**
UFMG																											1		1		1	2		1	**6**
UFPE																																	1		**1**
UFRGS																																		4	**4**
UFPR																															1			3	**4**
UFG																																1	1	1	**3**
UFC																																1			**1**
UEM																																	1		**1**
UECE																																			**0**
UNB																																		1	**1**
UEL																																			**0**
TOTAL	**1**	**1**	**1**	**1**	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**1**	**1**	**1**	**6**	**4**	**4**	**6**	**6**	**5**	**3**	**6**	**7**	**5**	**7**	**7**	**6**	**12**	**10**	**13**	**16**	**12**	**146**

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, *websites* e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração (contagem): Guilherme dos Santos Claudino

APÊNDICE B: QUADROS

Quadro 1: Dissertações e teses – Estudos Biográficos/Bibliográficos (Geógrafos)

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Antonio Carlos Robert Moraes	Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, Friedrich Ratzel	1983
2	Wilson dos Santos	A obra de Aroldo de Azevedo: uma avaliação	1984
3	João Phelipe Santiago	A Geografia no Brasil: a contribuição de Manuel Correia de Andrade	1991
4	Luciana de Lima Martins	Friedrich Ratzel através de um prisma	1993
5	Cláudio Benito Oliveira Ferraz	O Discurso Geográfico: A obra de Delgado de Carvalho no Contexto da Geografia Brasileira	1994
6	Aldo Aloisio Dantas da Silva	O espaço em Milton Santos	1994
7	Eduardo Zons Guidi	Considerações Acerca dos Comentadores das obras de Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache	1995
8	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil	1997
9	Jussara Maria Guedes Machado	Cidadania, Espaço e Globalização: Uma Leitura de Milton Santos	1999
10	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira- 1934-1956: uma contribuição à historiografia geográfica nacional	2001
11	Jorge Luís Ramos Nunes	Josué de Castro, o Geógrafo da Fome -uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil	2003
12	Rosângela Nasser Ganimi Brauna	O pensamento de Friedrich Ratzel - Considerações para a Geografia Contemporânea	2003
13	Dante Flávio da Costa Reis Júnior	O humano pelo viés quantitativo: um exame do (neo)positivismo em Speridião Faissol, através da análise de textos selecionados	2003
14	Thiago Macedo Alves de Brito	Região: leituras possíveis de Milton Santos	2007
15	Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	Influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna: a constituição dos conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt	2008
16	Renato Guedes Vieites	A influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro	2008
17	Sueli Santos da Silva	Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território	2009
18	Cleder Fontana	Uma Cartografia da Fome no Brasil: Um Estudo da Geografia da Fome (1946), de Josué de Castro, e dos dados de insegurança alimentar da PNAD (2004)	2009
19	Elizabeth Hofstetter Dias	A natureza da Geografia e seus Métodos em Alfred Hettner	2009

20	Diogo Marçal Cirqueira	Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos	2010
21	d Alejandro Ramírez Palacios	Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção	2010
22	Leila Barbosa Costa	Uma leitura sobre a geografia escolar de Hilton Sette e Manuel Correia de Andrade	2010
23	Marcelo Augusto Miyahiro	O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX	2011
24	João Paulo Vicensio	A Categoria Estado na Obra de Milton Santos	2011
25	Everaldo Macena de Lima Neto	Sobre a Natureza da Geografia entre Richard Hartshorne e Fred k. Schaefer: Um fragmento inacabado	2012
26	Josevan Dutra dos Santos	Uma discussão sobre a filogênese Kant-Goethe-Schopenhauer na constituição do conceito Forma-Paisagem e seu impacto na Geografia Humboldtiana	2012
27	Larissa Alves de Lira	O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)	2012

28	Ana Paula Massucato Silva	Geografia Tropical: a produção de uma disciplina colonial na obra de Leo Waibel	2012
29	Ricardo Devides Oliveira	A Geografia pós-unificação territorial alemã: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner	2012
30	Joana Jakeline de Alcantara	O conceito de território nos livros didáticos de geografia do ensino médio do autor Mehen Adas (1970 -1990)	2012
31	João Vitor Gobis Verges	O projeto científico de Alexander von Humboldt (1769-1859): introdução às dimensões transdisciplinares nas obras Quadros da Natureza e Cosmos	2013
32	Isabel Cristina Silveira Gnaccarini	Natureza e conhecimento nas pesquisas de Eneas Salati e Aziz Ab'Sáber	2014
33	Wesley de Souza Arcassa	Richard Hartshorne: Da discussão Metodológica aos novos horizontes da geografia política	2014
34	Patrícia Laundry Mollo Vieira	O espaço de Milton Santos à luz da semiótica	2014
		TESES	
35	Januário Francisco Megale	Geografia e Sociologia: Introdução ao Estudo de Max Sorre	1979
36	Virgínia Elisabet Etges	Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel	1997
37	Rita de Cássia M. S. Anselmo	Geografia e geopolítica na formação nacional brasileira: Everardo Adolpho Backheuser	2000
38	Aldo Aloisio Dantas da Silva	Conexidade - complexo geográfico, Vidal de La Blache - Pierre Monbeig	2002

39	Claudinei Lourenço	Paisagem no Kosmos de Humboldt: um diálogo entre a abstração e a sensibilidade	2003
40	Rui Ribeiro de Campos	A dimensão populacional na obra de Josué de Castro	2004
41	Andréa Lourdes Monteiro Scabello	Carlos Miguel Delgado de Carvalho - a iconografia como recurso didático. Um estudo de caso - Geografia do Brasil (1913) e Geografia Física e Humana (1943)	2004
42	João Phelipe Santiago	A questão nacional na geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social brasileiro na República Velha	2005
43	Sérgio Adas	O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)	2007
44	Antônio Alfredo Teles de Carvalho	O Pão Nosso de Cada Dia nos Dai Hoje... Josué de Castro e a Inclusão da Fome nos Estudos Geográficos no Brasil	2007
45	Dante Flávio da Costa Reis Júnior	Cinqüenta chaves. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes ...e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofoletti	2007
46	Eduardo Zons Guide	Victor Antônio Peluso Júnior: pioneiro da geografia catarinense	2010
47	Túlio Barbosa	Estética Romântica Germânica e a Paisagem em Humboldt: Percurso da Geografia	2011
48	Flavia Christina Andrade Grimm	Trajetória epistemológica de Milton Santos. Uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis	2011
49	Roberison W. Dias da Silveira	Filosofia, Arte e Ciência: A paisagem na Geografia de Alexander Von Humboldt	2012
50	Geôrgia S. P. L. Oliveira	História do ensino de geografia como campo de investigação: Contribuições de Lívia de Oliveira	2012
51	Kalina Salaib Springer	A frühromantik e as concepções de Natureza, Ciência, Arte e Sociedade em Alexander von Humboldt	2013
52	Carlo Eugênio Nogueira	O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig	2013
53	Letícia Carolina T. Pádua	A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências	2013
54	Rosana de Oliveira Santos Batista	As Afinidades Seletivas do Pensamento reclusiano: na trilha da confluência das ideias de Rousseau	2013
55	Pedro Henrique Ferreira Costa	O jovem Milton Santos: personagem do prototipo metodológico: revelar (matrizes clássicas originárias) para definir (vanguarda, universalidade e viés geográfico)	2013
56	Weder David de Freitas	Geografia, Militância e marxismo: a trajetória de Horieste Gomes e sua participação no Movimento de Renovação da Geografia brasileira	2014
57	Cleder Fontana	Fome e questão ambiental: uma leitura a partir da obra de Josué de Castro	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 2: Dissertações e teses – Estudos Biográficos/bibliográficos (Historiadores, Filósofos, Economistas, Sociólogos)

Autor		Dissertação	Ano/Defesa
1	Fadel David Antonio Tuma Filho	O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha: Uma Avaliação	1990
2	Rita de C. M. de Souza Anselmo	Oliveira Vianna e a unidade - identidade do espaço brasileiro	1995
3	Iole Iliada Lopes	O Lugar da Razão e a Razão do Lugar: Uma Aproximação Preliminar entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Geografia	1997
4	Gislene Aparecida dos Santos	A ideia de Natureza em Jean-Jacques Rousseau: introdução a um debate	1998
5	Eulália Maria Aparecida de Moraes	A Viagem Philosophica: O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e a paisagem brasileira do século XVIII	2001
6	Christian Fausto Moraes dos Santos	A primeira parte dos Diálogos Geográficos, Chronologicos, Políticos, e naturais de Joseph Barbosa de Sá (1769), com algumas notas elucidativas	2002
7	Mariana Guedes Raggi	Imagens dos sertões na obra de Euclides da Cunha	2003
8	Guilherme da Silva Ribeiro	As Apropriações do Espaço no Pensamento de Eric Hobsbawm: Reflexões sobre a Epistemologia da Geografia	2004
9	Friederick Brum Vieira	Matrizes Teóricas da Geopolítica Brasileira: as contribuições de Travassos, Golbery e Meira Mattos	2005
10	Luiz Claudio Motta Lima	A triologia sobre a paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos	2006
11	Miguel Angelo Andrade	Auguste de Saint-Hilaire, de Ouro Branco a Serro: o olhar do naturalista, do viajante sobre a Estrada Real na região do Espinhaço Mineiro	2007
12	Volnei Antonio Sacardo	A autoridade acima de tudo! - O Pensamento Geográfico de Jackson Figueiredo	2007
13	Waldir Rugero Peres	Paisagens Fluminenses: a contribuição de Alberto Lamego	2008
14	Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	Influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna: a constituição dos conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt	2008
15	Leonardo Arantes Ventura da Silva	Da Geografia da Natureza à Natureza da Geografia: Uma Breve Consideração acerca da Contribuição de Kant à Ciência Geográfica e aos Conceitos de Natureza, História, Espaço e Tempo	2009
16	Astrogildo Luiz de França Filho	O marxismo no pensamento geográfico da Renovação: uma aproximação com Althusser	2009
17	Marco de Souza Paes	Liberdade e natureza: o problema da causalidade nas críticas de Kant e sua influência na geografia alemã neokantiana	2010
18	Sandra do Nascimento	A contemporaneidade da Nova Atlântida de Francis Bacon (1516-1626): contribuições para uma epistemologia da técnica na perspectiva da geografia na atualidade	2010
19	Drielli Peyerl	A trajetória do paleontólogo Frederico Waldemar Lange (1911-1988) e a História das Geociências	2010

20	Francisca Diana Pereira de Farias	O complexo geográfico em Os Sertões de Euclides da Cunha	2010
21	Maria Del Mar Ferrer Jordá Poblet	A dimensão espaço-temporal em Fernand Braudel: aportes teóricos para a geografia	2011
22	Pedro Henrique Denski	O mais intenso deleite que proporciona o homem a si mesmo metafilosofia e abertura poética do mundo na obra de Henri Lefebvre	2011
23	Rildo Borges Duarte	Incógnitas Geográficas: Francisco Bhering e as questões territoriais brasileiras no início do século XX	2011

24	Sara Cristina Pastro Stevani	A Formação Territorial do Brasil na obra de Caio Prado Jr	2011
25	Adriana Persiani	Albert Löfgren: a atualidade do pensamento de um pioneiro nos campos da climatologia, fitogeografia e conservação da natureza no Brasil	2012
26	Ana Lucia Teixeira	A geografia Brasileira em Villa-Lobos	2012
27	Bianchi Agostini Gobbo	O conceito de natureza no pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche – contribuições para a geografia e seu ensino	2012
28	Silma Momesso	Os “retratos” do Paraíso: A desconstrução do mito epopeico. Uma análise da Expedição Langsdorff através do discurso iconográfico de Hercule Florence	2012
29	Conceição Aparecida de Castro	Sertão do alto São Francisco, Minas Gerais: uma representação da paisagem a partir dos relatos de viagem e da Cartografia do Barão de Eschwege	2012
30	Reginaldo Alex Calçavara	O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física–geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger	2013
31	Kassiane N. da Silva Albuquerque	Paisagem e Representação: A Amazônia nos relatos do Casal Agassiz (1865 -1866)	2013
32	Marco Túlio Martins	A Geografia e o Projeto de Brasil: pensamento geográfico em Nelson Werneck Sodré	2013
33	Isabel Cristina Silveira Gnaccarini	Natureza e conhecimento nas pesquisas de Eneas Salati e Aziz Ab'Sáber	2014
34	Vonei Ricardo Cene	A geografia e a paisagem tropical nas pinturas de Johann Rugendas	2014
		TESES	
35	Raquel Maria F. do Amaral Pereira	A Geografia e as Bases da Formação Nacional Brasileira: uma Interpretação Fundamentada nas Ideias de Ignácio RangeL	1997
36	Terezinha Alves de Oliva	Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim	1999
37	Alexandrina Luz Conceição	Às Margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia	2001
38	Iole Iliada Lopes	O Território e os Estados Pós-Nacionais: uma Abordagem Geográfica das Teorias Recentes de Jürgen Habermas	2005
39	Guilherme da Silva Ribeiro	Espaço, Tempo e Epistemologia: a Geografia na Obra de Fernand Braudel	2008
40	Ulisses da Silva Fernandes	Paisagem: Uma Prosa do Mundo em Merleau-Ponty	2009
41	Clerisnaldo Rodrigues de Carvalho	Em busca de um projeto de nação: revisitando a obra de Celso Furtado	2009
42	Volnei Antonio Sacardo	O integralismo pliniano: autoritaismo e ordem na defesa da nação	2011
43	Alexandre Domingues Ribas	Cosmologia e Geografia Física em Immanuel Kant	2011

44	Daniel Valter de Almeida	Afirmação do Urbanismo como ciência moderna, sob a influência do pensamento geográfico: A presença de Alfred Agache nas cidades do Rio de Janeiro e Curitiba, ao longo da primeira metade da pretérita centúria	2012
45	Rodrigo Luvizotto	Os diários de Langsdorff: prelúdios paisagísticos	2012
46	Rosana de Oliveira Santos Batista	As Afinidades Seletivas do Pensamento reclusiano: na trilha da confluência das ideias de Rousseau	2013
47	Luciana Ferreira	Imaginárias topografias iconológicas e iconologias topográficas do litoral do estado do Paraná de Alfredo Andersen (1860- 1935)	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 3: Dissertações e teses – Instituições, Sociedades (IBGE, AGB etc.)

Autores		**DISSERTAÇÕES**	**Ano/Defesa**
1	Eli Alves Penha	A criação do IBGE no contexto da centralização política do estado novo	1992
2	Luis Lopes Diniz Filho	Território e Destino Nacional: Ideologias Geográficas e Políticas Territoriais no Estado Novo (1937-1945)	1994
3	Vagner de Carvalho Bessa	Território e Desenvolvimentismo: as ideologias geográficas no governo JK (1956-1961)	1994
4	Perla Brígida Zusman	Sociedades Geográficas na Promoção do saber ao Respeito do Território: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1938-1945)	1996
5	Sérgio Luiz Nunes Pereira	Geografias. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil (1838-1922)	1997
6	Gunther Rudzit	O Processo de Formação do Oficial do Exército Brasileiro e a Geografia (1850 - 1930)	1997
7	Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	Territórios e Movimento Integralista: Uma Contribuição ao Estado das Ideologias Geográficas no Pensamento Autoritário Brasileiro das Décadas de 1920- 1930	2001
		TESES	
8	Roberto Schmidt de Almeida	A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período 1938-1998: Uma Relação entre Documento e Memória	2000
9	Sérgio Luiz Nunes Pereira	Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)	2003
10	Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	A ostentação estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: estado e planejamento no período pós-64)	2007
11	Charlles da França Antunes	A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB): origens, ideias, experimentações e transformações - notas de uma história	2008
12	Gustavo Soares Iorio	Segurança Nacional, Desenvolvimento e Geopolítica: A institucionalização do Ministério do interior do Brasil (1964-1969)	2015

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Quadro 4: Dissertações e teses – Revistas, Periódicos, Boletins, Anais, Simpósios

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Altiva Barbosa da Silva	Do Povo sem espaço ao espaço sem povo: análise da Revista de Geopolítica (ZfG) 1924-1944	1996
2	Nilton Abranches Junior	O Ambiente Visto pela Geografia Agrária Brasileira: de 1939 a 1995	2003
3	Marcos Barros de Souza	Geografia física: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil	2006
4	Ana Maria de Albuqueque	Cidade em Revista: Saberes Geográficos em Fortaleza no Final do Século XIX e Início do Século XX	2006
5	Adriana de Melo Simas	A Revista Brasileira de Geografia em Foco: Um Panorama Político-Territorial do Brasil, 1939 a 1945	2008
6	Francisco Aragão Azeredo	Políticas Imigratórias Brasileiras no Pós-Segunda Guerra: uma análise a partir dos periódicos de Geografia	2008
7	Gustavo Soares Iorio	A revista INTERIOR (1974-1989): 'síntese da vida nacional' e representação do interior no Brasil	2010
8	Sâmea Silva de Melo Barcelos	A Rede de Pensamento da Geografia Urbana Brasileira: uma análise através da Revista Brasileira de Geografia, de 1939 a 1995	2010
9	Larissa Warnavin	Discurso ambiental na Geografia Brasileira: Uma Abordagem a partir da Revista Brasileira de Geografia (1941-2005)	2010
10	Karina Fernanda Travagim Viturino Neves	Relação cidade-campo: estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA)	2010
11	Shanti Nitya Marengo	A espessura do lugar: leitura sobre o lugar nos Simpósios nacionais de geografia urbana	2010
12	Angelica Mara de Lima Dias	Linguagens Lúdicas como Estratégia Metodológica para a Geografia Escolar na Revista de Ensino de Minas Gerais (1925-1935)	2013
		TESES	
13	Darlene Aparecida de O. Ferreira	O Mundo rural sob o ponto de vista geográfico: A Geografia Agrária Brasileira da década de 20 a de 90	1998
14	Nilton Abranches Junior	Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil	2008
15	Flamarion Dutra Alves	Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 2009	2010
16	Fabrícia de Oliveira Santos	A Revista Agrícola, órgão da sociedade sergipana de agricultura e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"	2012

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 5: Dissertações e teses – Geografia Acadêmica (geral e específica)

AUTOR		DISSERTAÇÕES	Ano /Defesa
1	Jane Lúcia Rodrigues	Uma Geografia que se constrói: O Curso de Pós-Graduação em Geografia de Presidente Prudente	1996
2	Flaviana Gasparotti Nunes	A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998)	2000
3	Marcelo Japiassu Ramos	A Produção Geográfico-Acadêmica na UFRJ, UNESP-Rio Claro e USP e o Processo de Renovação Teórica e Política da Geografia Brasileira no Período 1978-2001 ou Onde estão os Movimentos Sociais na Geografia Brasileira?	2002
4	Romeu Antônio de Araújo	Esboço inicial da climatologia da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo	2005
5	Rosangela Maria Ribeiro Muniz	Geografia, Política e Meio Ambiente - Interações e integrações possíveis: Uma análise da produção científica do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (2000-2007)	2009
6	Renata Huber	Ambiência e Mitos nos discursos e práticas acadêmicas: uma análise das monografias e dissertações do PPGGeo/UFSM	2010
7	Richarlison da Costa e Silva	Análise da Produção Científica em Programas de Pós-graduação em Geografia no Brasil (1987-2006)	2010
		TESES	
8	Mônica Sampaio Machado	A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira	2002
9	João Afonso Zavattini	O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (Teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação - 1971-2000)	2002
10	Antonio Carlos Pinheiro	Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil 1972- 2000	2003
11	Márcia Helena Galina	A biogeografia no núcleo de Rio Claro (SP): Análise e Avaliação das contribuições científicas no período de 1969-2004	2006

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 6: Dissertações e teses – Campos e domínios da Geografia (Geopolítica, Geografia Agrária, Biogeografia etc.)

	Autores	DISSERTAÇÕES	Ano /Defesa
1	Flaviana Gasparotti Nunes	A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998)	2000
2	Nilton Abranches Junior	O Ambiente Visto pela Geografia Agrária Brasileira: de 1939 a 1995	2003
3	Friederick Brum Vieira	Matrizes Teóricas da Geopolítica Brasileira: as contribuições de Travassos, Golbery e Meira Mattos	2005
4	Romeu Antônio de Araújo	Esboço inicial da climatologia da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo	2005
5	Dione Rossi Farias	Reflexões sobre a abordagem da geografia nos cursos de graduação em turismo do estado do Rio Grande do Sul, Brasil	2006
6	Marcos Barros de Souza	Geografia física: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil	2006
7	Patrícia Frangelli Bugallo Lopes	Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil - 1989 - 2009	2010
8	Valéria de Meira Albach	Panorama da pesquisa em turismo nos mestrados em Geografia do Brasil: o caso do mestrado em geografia da UFPR	2010
9	Sâmea Silva de Melo Barcelos	A Rede de Pensamento da Geografia Urbana Brasileira: uma análise através da Revista Brasileira de Geografia, de 1939 a 1995	2010
10	Ronaldo Gomes Carmona	Geopolítica Clássica e Geopolítica Contemporânea: Mahan, Mackinder e a "grande estratégia" do Brasil para o Século XXI	2012
11	Pedro Henrique Corrêa de Araújo Barros	Controvérsias geomorfológicas: dialética entre teoria e produção do conhecimento – as múltiplas perspectivas do pensar e fazer geomorfologia	2013
12	Luiz Gustavo Meira Barros	Sobre o leito vacilante: mudanças na geomorfologia fluvial em meados do século XX	2014
13	Maíra Kahl Ferraz	Relações entre a pintura de paisagem e o desenvolvimento da geomorfologia nos USA	2014
		TESES	
14	Wanderley Messias da Costa	Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder	1991
15	Emanuel Fernando Reis de Jesus	Espaço, Tempo e Escala em Climatologia	1995
16	Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira	O Mundo rural sob o ponto de vista geográfico: A Geografia Agrária Brasileira da a década de 20 a de 90	1998
17	José Carlos Godoy Camargo	Evolução e Tendência do Pensamento Geográfico no Brasil: a Biogeografia	1998
18	João Lima Sant'Anna Neto	História da Climatologia no Brasil: Gênese, Paradigmas e a Construção de uma Geografia do Clima	2001
19	João Afonso Zavattini	O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (Teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação - 1971-2000)	2002
20	Antonio Carlos Pinheiro	Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil 1972- 2000	2003
21	Armen Mamigonian	Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico	2005
22	Nair Apparecida Ribeiro de Castro	O Lugar do Turismo na Ciência Geográfica: Contribuições Teóricos Metodológicas à ação educativa	2006
23	Márcia Helena Galina	A biogeografia no núcleo de Rio Claro (SP): Análise e Avaliação das contribuições científicas no período de 1969-2004	2006
24	Deise Fabiana Ely	Teoria e método da climatologia geográfica brasileira: uma abordagem sobre seus discursos e práticas	2006
25	Nilton Abranches Junior	Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil	2008
26	Flamarion Dutra Alves	Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 2009	2010

27	Adriana Olivia Sposito Alves Oliveira	Contribuição teórico-metodológica para o ensino de Geomorfologia	2010
28	Denecir de Almeida Dutra	Geografia da Saúde no Brasil: Arcabouço Teórico-epistemológicos Temáticas e Desafios	2011
29	Célio Augusto da Cunha Horta	Geografia Regional: Um resgate Teórico Macro-Escalar	2011
30	Janaina Francisca de Souza Campos Vinha	Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo	2012
31	Almir Nabozny	Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão	2014
32	Eduardo Karol	Geografia política e Geopolítica no Brasil (1982 - 2012)	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 7: Dissertações e teses – Correntes, Escolas, Tradições, Movimentos, Matrizes (estudos gerais)

Autor		**DISSERTAÇÕES**	**Ano /Defesa**
1	Diamantino Alves C. Pereira	Origens e consolidação da tradição didática na Geografia Escolar Brasileira	1990
2	Genylton Odilon Rêgo da Rocha	A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)	1996
3	Alcione Luis Pereira Carvalho	Geomorfologia e Geografia Escolar: O ciclo geográfico davisiano nos manuais de metodologia o ensino (1925-1993)	1999
4	Adriany de Ávila Melo Sampaio	Trajetórias do Ensino da Geografia no Brasil: 1978-1996	2001
5	Geórgia Stefânia Picelli Laubstein Oliveira	História da disciplina Geografia - Contribuições da Memória de uma Educadora	2008
6	Aldo Gonçalves de Oliveira	A Cartografia escolar e o ensino de Geografia no Brasil: um olhar e histórico e metodológico a partir do mapa (1913-1982)	2010
7	Thiago Tavares de Souza	História da Geografia Escolar: um estudo da Cultura Escolar através da narrativa de uma Professora	2011
8	Naiemer Ribeiro de Carvalho	Geographia do Brazil: a construção da nação nos livros didáticos de geografia da Primeira República	2012
		TESES	
9	Levon Boligian	A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil	2010
10	Geôrgia Stefânia Picelli Laubstein Oliveira	História do ensino de geografia como campo de investigação: Contribuições de Lívia de Oliveira	2012
11	Jeane Medeiros Silva	A Bibliografia Didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)	2012

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 8: Dissertações e teses – Geografia Escolar

Autores		DISSERTAÇÕES	Ano/Defesa
1	Werther Holzer	A Geografia Humanista - Sua Trajetória de 1950 a 1990	1992
2	Carlos Eduardo Santos Maia	Segregação Residencial Urbana: análise teórica e síntese comparativa entre as perspectivas positiva e marxista	1994
3	Jorge Luiz Barcellos da Silva	Notas Introdutórias de um itinerário interpretativo sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro	1996
4	Charlles da França Antunes	Os Estudantes e a Construção da Geografia Brasileira: um encontro nos Encontros Nacionais de Estudantes de Geografia	2001
5	Paulo Cesar Scarim	Coetâneos da Crítica: O Movimento de Renovação crítica da geografia brasileira	2001
6	Silvia Lopes Raimundo	A Invenção do Mito Bandeirante: Tradição e pensamento Regionalista na Historiografia Paulista das Décadas de 1920-1930	2002
7	Mariana Araujo Lamego	Positivismo lógico e geografia. Uma interpretação da relação entre o Círculo de Viena e a Geografia Quantitativa	2006
		TESES	
8	Élvio Rodrigues Martins	Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico	1997
9	João Lima Sant'Anna Neto	História da Climatologia no Brasil: Gênese, Paradigmas e a Construção de uma Geografia do Clima	2001
10	Mônica Sampaio Machado	A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira	2002
11	Fabrício Pedroso Bauab	Da Geografia Medieval à irrupção da Geografia Moderna: paralelos entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo	2005
12	André Velloso Batista Ferreira	A reinvenção da Geografia	2009
13	Mariana Araujo Lamego	Práticas e representações da geografia quantitativa no Brasil: a formação de uma caricatura	2010
14	Breno Viotto Pedrosa	Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura	2013
15	Najla Mehanna Mormul	As abordagens sobre população na Geografia brasileira (1934-2010): permanências, transformações e rupturas	2013
16	Thiago Macedo Alves de Brito	A Natureza do Método e o Método da Natureza: exposição e crítica na formação do pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX	2014
17	Almir Nabozny	Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino.

Quadro 9: Dissertações e teses – Cartografia, Escalas.

Autores		DISSERTAÇÕES	Ano/defesa
1	Luis Cavalcanti da Cunha Bahiana	Contribuição ao estudo da questão da escala na geografia: escalas em geografia urbana	1986
2	Lindon Fonseca Matias	Por uma cartografia geográfica. Uma análise da representação gráfica na geografia	1996
3	João Carlos de Oliveira Costa	Representação Cartográfica em trabalhos de Geografia no estado da Bahia	2008
4	Magali Gomes Nogueira	Suportes e técnicas do conhecimento: A importância da produção do papel na representação Cartográfica do Mundo	2009
5	Aldo Gonçalves de Oliveira	A Cartografia escolar e o ensino de Geografia no Brasil: um olhar e histórico e metodológico a partir do mapa (1913-1982)	2010
		TESES	
6	Rosely Sampaio Archela	Análise da Cartografia Brasileira - bibliografia da cartografia na geografia no período de 1935-1997	2000
7	Lindon Fonseca Matias	Sistema de Informações Geográficas (SIG): Teoria e Método para Representação do Espaço Geográfico	2001
8	Fernanda Padovesi Fonseca	A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia: análise das discussões sobre o papel da Cartografia	2004
9	Marta de Paiva Macêdo	Escala de Análise e Cartografia: Estudo da Representação Gráfica de Fenômenos Complexos, no Âmbito da Ciência Geográfica	2010
10	Andre Reyes Novaes	Fronteiras Mapeadas: Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-americanas na Cartografia da Imprensa Brasileira	2010
11	Magali Gomes Nogueira	O Manuscrito Espagnol 30 e a Família do judeu Cresques Abraham: Um estudo sobre as fontes da cartografia maiorquina. (Séculos XIII-XIV)	2013

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 10: Dissertações e teses - Literatura

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Solange Terezinha de Lima Guimarães	A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas	1990
2	Regina Celia Correa de Araújo	No meio da multidão - A Geografia de Mário de Andrade	1992
3	Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos	Geografia e os Romances Nordestinos das décadas de 1930 e 1940: uma contribuição ao ensino	1993
4	Mariana Guedes Raggi	Imagens dos sertões na obra de Euclides da Cunha	2003
5	Juliano Ricciardi Floriano Silva	O espaço Geográfico expresso nas histórias em quadrinhos: uma experiência com Chico Bento	2004
6	Maria Amélia Vila Nova	Geografia e literatura: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife	2005
7	Adriana Carvalho Silva	O espaço carioca no olhar de Lima Barreto: Um estudo da interação Literatura-Geografia	2005
8	Frederico Roza Barcellos	Espaço e Lugar: O olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e Início do XX	2006
9	Josoaldo Lima Rêgo	Espaço, Modernidade e Literatura: Uma Leitura de "O Guesa", de Sousândrade	2007
10	Heloisa Araújo de Araújo	Geografia e Literatura: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho	2007
11	Janaina de A. M. S. Marandola	Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto	2007
12	Alessandro Andrade Haiduke	Chão partido: Conceitos de espaço nos romances *quinze* de Raquel de Queiroz e *A bagaceira* de José Américo de Almeida	2008
13	Liz Andreia Giaretta	Monteiro Lobato e o Sítio do Pica-Pau Amarelo: Uma Análise do Pensamento Geográfico	2008
14	Andréia Aparecida Moreira de Sousa	Geografia e Literatura: A representação de Goiânia em fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício	2008
15	Natallye Lopes Santos Oliveira	Representação do nordeste: o olhar armorial de Ariano Suassuna	2008
16	Marcelus Cezar Fernandes Silva	Das representações nordestinas à representação severina: a construção de uma espacialidade pela obra poética de João Cabral de Melo Neto	2008
17	Suseny Maia Teles Ruffini	O espaço urbano na Literatura de Cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro	2009
18	Luana Dall'Agnol Ribeiro	A cidade do século XVII e o urbano de hoje: Salvador e as poesisas de Gregório de Mattos em suas permanências e rugosidades na atualidade	2010
19	Marcos Aurelio Marques	Literatura e Geografia: A poética do lugar em Thiago de Mello	2010
20	José Elias Pinheiro Neto	Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto	2010
21	Naiara Cristina Azevedo Vinaud	Nos confins dos chapadões sertanejos: Pensamento Geográfico em Mário Palmério	2011
22	Melissa Souza dos Anjos	Lugares e personagens do universo Buarqueano	2011
23	Suelen Rosa Pelissaro	O sertão e suas metamorfoses em Sagarana e Primeiras estórias, de João Guimarães Rosa	2011
24	Marcos Aurélio Fernandes	A relação cidade-campo no romance Moleque Ricardo de José Lins do Rego	2012
25	Artur Monteiro Leitão Júnior	As imagens do sertão na literatura nacional: o projeto da modernização territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930	2012
26	Aparecida Rmazotti de Camargo	Aproximações metodológicas entre a geografia e a literatura	2012
27	Patrícia Velasco	Terra Seca, Homem Seco: as Relações entre a Literatura e o Ensino de Geografia	2012
28	Giovanni Raimundo de Macedo	Cidades Mortas ou Cidades Vivas? A diferenciação socioespacial no Vale do Paraíba Paulista e o discurso mi(s)tificador de Monteiro Lobato	2013
29	Renata Santos Rente	Região geográfica e o regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil	2013
30	Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa	Ser-tão Cerrado de Guimarães Rosa: espaço movimentante	2013

31	Fernanda Moreira Silva	Trabalho e Natureza no Romance Jurubatuba, de Carmo Bernardes: uma leitura geográfica	2013
32	Kárita de Fátima Araújo	Os inconfidentes nas Minas Gerais: uma relação entre a Geografia e a Literatura Setecentista de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto	2014
		TESES	
33	Vernaide Medeiros Wanderley	A Pedra do Reino: Sertão Vivido de Ariano Suassuna	1997
34	Carlos Alberto Magni	Discurso da paisagem e lirismo em Luís Martins: imaginário geográfico nas crônicas de São Paulo	2008
35	Claudio Roberto Duarte	Literatura, geografia e modernização social. Espaço, alienação e morte na literatura moderna	2010
36	Adriana Carvalho Silva	O Rio de Janeiro em Dom Casmurro: Literatura como representação do espaço	2012
37	Angelita Pereira de Lima	Romancidade: Sujeito e Existência em Leitura geográfico -literária nos romances A centopeia de Neon e os cordeiros do Abismo	2013
38	Carolina Machado Rocha Busch Pereira	Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque	2013

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Teoria, Conceito, Categoria, Método, Epistemologia e Ontologia

4.14. Teorias

Quadro 11: Dissertações e teses – *Teorias*

Autor		Dissertações	Ano /Defesa
1	Olindina Vianna Mesquita	O estado Isolado de Von Thunen: uma discussão	1978
2	Mario Antonio Eufrásio	A Estrutura da Teoria dos Lugares Centrais de W. Christaller	1982
3	Carlos Eduardo Flores de Araújo	Dimensões sócio-espaciais derivadas das teorias neoclássicas e marxistas acerca da localização industrial.	2001
4	Giovane da Silva Mota	Contribuições para uma Teoria Geográfica do Lugar	2006
5	Rosangela Silva Sousa	Uma investigação sobre as teorias da cidade mundial, cidade global, cidade pós-moderna e sua relação com a cidade de São Paulo	2008
		TESES	
6	Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	Teoria e Clima Urbano	1975
7	Luiz Augusto de Queiroz Ablas	Teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas: estudo do caso de São Paulo	1978
8	Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Contribuição para o Estudo da Geografia Agrária: Crítica ao "Estado Isolado" de Von Thünen	1978
9	Lindon Fonseca Matias	Sistema de Informações Geográficas (SIG): Teoria e Método para Representação do Espaço Geográfico	2001

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

4.15. Conceitos

Quadro 12: Dissertações e teses – Conceitos e Categorias: *Espaço*

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Ana Fani Alessandri Carlos	Reflexões sobre o Espaço Geográfico	1979
2	Aldo Aloisio Dantas da Silva	O espaço em Milton Santos	1994
3	Venilson Luciano Benigno Fonseca	A produção do espaço urbano e regional a partir da ótica do espaço enquanto referencial teórico de análise: algumas reflexões	2004
4	Humberto Goulart Guimarães	Uma odisséia para o espaço: proposta de análise da existência espacial humana na geografia científica	2010
5	Guilherme Carvalho da Silva	O Ciberespaço como Categoria Geográfica	2013
		TESES	
6	Ruy Moreira	Espaço, corpo do tempo: a construção geográfica das sociedades	1994
7	Eduardo Pimentel Menezes	A (Re)Significação da Noção de Espaço na Geografia Escolar: a contribuição da Poética Bachelardiana e da Teoria do Imaginário	2010
8	Danilo Piccoli Neto	Da inteligibilidade humana acerca da organização espacial na natureza ou da geografia: Realismo, Racionalismo Crítico e sistemas	2013
9	Clevisson Junior Pereira	Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 13: Dissertações e teses – Categorias e conceitos: *Lugar*

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Iole Iliada Lopes	O Lugar da Razão e a Razão do Lugar: Uma Aproximação Preliminar entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Geografia	1997
2	Rosana Rios Corgosinho	O lugar no mundo contemporâneo	2004
3	Giovane da Silva Mota	Contribuições para uma Teoria Geográfica do Lugar	2006
4	Matusalém de Brito Duarte	Leituras do "lugar-mundo-vivido" e do "lugar-território" a partir da intersubjetividade	2006
5	Shanti Nitya Marengo	A espessura do lugar: leitura sobre o lugar nos Simpósios nacionais de geografia urbana	2010
6	Flora Sousa Pidner	Diálogos entre ciência e saberes locais: dificuldades e perspectivas	2010
7	Mariane de Oliveira Fernandes	Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: A produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia 2001-2011	2013

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 14: Dissertações e teses – Categorias e Conceitos: *Paisagem*

	Autores	Dissertações	Ano/Defesa
1	Herbe Xavier	A observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico	1990
2	Yanci Ladeira Maria	Paisagem: entre o sensível e o factual, uma abordagem a partir da geografia cultural	2010
3	Josevan Dutra dos Santos	Uma discussão sobre a filogênese Kant-Goethe-Schopenhauer na constituição do conceito Forma-Paisagem e seu impacto na Geografia Humboldtiana	2012
		TESES	
4	Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	Geografia e paisagem: entre o olhar e o pensar	2001
5	Ulisses da Silva Fernandes	Paisagem: Uma Prosa do Mundo em Merleau-Ponty	2009
6	Maraluce Maria Custodio	Proposição de um conceito jurídico de paisagem para o Brasil	2012
7	Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	Filosofia, Arte e Ciência: A paisagem na Geografia de Alexander Von Humboldt	2012

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 15: Dissertações e teses – Categorias e Conceitos: *Região*

	Autores	DISSERTAÇÕES	Ano/Defesa
1	Marilourdes Lopes Ferreira	Problemas conceituais e metodológicos na Geografia: o conceito regional e métodos de delimitação	1978
2	Paulo César da Costa Gomes	As razões da região	1988
2	Mauro Luiz Peron	O Conceito de Região em Geografia: um estudo preliminar	1997
3	Thiago Macedo Alves de Brito	Região: leituras possíveis de Milton Santos	2007
		TESES	
4	Milton Almeida dos Santos	Os estudos regionais e o futuro da geografia	1953
5	Meri Lourdes Bezzi	Região: Uma (RE)Visão historiográfica - Da gênese aos novos paradigmas	1997
6	Sandra Lencioni	Região e Geografia: uma introdução ao estudo da noção de região	1997
7	Paulo Roberto Teixeira de Godoy	A (des) Construção do Espaço Regional	2002
8	Celio Augusto da Cunha Horta	Geografia Regional: Um resgate Teórico Macro-Escalar	2011

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 16: Dissertações e teses – Categorias e Conceitos: *Território*

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Elias Coimbra da Silva	O texto enquanto território-processo de territorialização na redefinição do pensar: Uma contribuição a partir de mil platôs	2010
2	Mariane de Oliveira Fernandes	Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: A produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia 2001-2011	2013
		TESES	
3	Iole Iliada Lopes	O Território e os Estados Pós-Nacionais: uma Abordagem Geográfica das Teorias Recentes de Jürgen Habermas	2005
4	Ana Cristina da Silva	O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias	2010

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 17: Dissertações e teses – Categorias e Conceitos: *Outros*

	Autores	DISSERTAÇÕES	Ano/Defesa
1	Alexandrina Luz Conceição	A Questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético	1991
2	Carlos Francisco Gerencsez Geraldino	O conceito de meio na Geografia	2010
3	Pedro de Araújo Quental	Entre o fato e o artefato: a invenção do conceito de América Latina	2010
4	Fabiana Furtado	O processo de institucionalização do direito à cidade no Brasil: a contribuição do significado atribuído a um conceito na definição das possibilidades e limitações à sua realização	2014
5	Henrique Lobo Pradella	A construção do conceito de 'tipos de tempo' entre os séculos XVII e XXI, no âmbito das ciências atmosféricas	2014
		TESES	
6	Nelson Rodrigo Pedon	Movimentos Socioterritoriais: uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica	2009
8	Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça	Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio	2013
9	Alcindo Neckel	A Questão ambiental nos cursos de graduação em geografia no Brasil e o pensamento geográfico sobre o conceito de ambiente	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Quadro 18: Dissertações e Teses – Conceitos Categorias: Outros – *Natureza*

	Autores	Dissertações	Ano/Defesa
1	Marcos Bernardino de Carvalho	Uma Geografia do discurso sobre a natureza	1992
2	Gislene Aparecida dos Santos	A ideia de Natureza em Jean-Jacques Rousseau: introdução a um debate	1998
3	Eliana Marta Barbosa Morais	A Ideia de Natureza na Prática Cotidiana	2000
4	Kalina Salaib Springer	As concepções de Natureza na Geografia: Reflexões a partir da produção científica do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR	2008
5	Leonardo Arantes Ventura da Silva	Da Geografia da Natureza à Natureza da Geografia: Uma Breve Consideração acerca da Contribuição de Kant à Ciência Geográfica e aos Conceitos de Natureza, História, Espaço e Tempo	2009
6	Bianchi Agostini Gobbo	O conceito de natureza no pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche – contribuições para a geografia e seu ensino	2012
		TESE	
7	Thiago Macedo Alves de Brito	A Natureza do Método e o Método da Natureza: exposição e crítica na formação do pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Métodos

Quadro 19: Dissertações e teses: *Método*

Autores		DISSERTAÇÕES	Ano/Defesa
1	Rosana Figueiredo Salvi	O Tempo na Geografia Humana Brasileira como uma Categoria do Método	1992
		TESES	
2	Eliseu Savério Sposito	Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico	2000
3	Júlio Cézar Ribeiro	A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz do materialismo histórico-geográfico	2006

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986- 1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Epistemologia

Quadro 20: Dissertações e teses: *Epistemologia*

Autores		Dissertações	Ano/Defesa
1	Dilermando Cattaneo	Identidade Territorial em unidades de conservação: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental	2004
2	Tony Geraldo Carneiro	Epistemologia do Direito Ambiental: Uma abordagem interdisciplinar da geografia e do direito normativo aplicado	2008
3	Sandra do Nascimento	A contemporaneidade da Nova Atlântida de Fracis Bacon (1516-1626): contribuições para uma epistemologia da técnica na perspectiva da geografia na atualidade	2010
4	Adriana Ferreira de Melo	Sertões do mundo, uma epistemologia	2011
5	Jose Renato Soares Pimenta	Reflexões acerca da Epistemologia da Geografia e da Hidrogeografia	2014
		TESES	
6	Élvio Rodrigues Martins	Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico	1997
7	Rosana Figueiredo Salvi	A Questão Pós-Moderna: Tentativa de Contribuição para uma Epistemologia da Geografia Humana	2000
8	Ilton Jardim de Carvalho Junior	Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico: reflexões teórico-epistemológicas e semântico-conceituais como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza a partir da ideia das influências ambientais	2011
9	Antonio Henrique Bernardes	Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta: Contribuição à epistemologia em Geografia	2012
10	Lucas Costa de Souza Cavalcanti	Da Descrição de Áreas à Teoria dos Geossistemas: Uma Abordagem Epistemológica sobre Sínteses Naturalistas	2013

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Ontologia

Quadro 21: Dissertações e teses: *Ontologia*

	Autores	DISSERTAÇÕES	Ano/Defesa
1	Mariane de Oliveira Biteti	Uma Reflexão Sobre o Tema da Ontologia na Geografia	2007
2	Humberto Goulart Guimarães	Uma odisséia para o espaço: proposta de análise da existência espacial humana na geografia científica	2010
3	Reginaldo Alex Calçavara	O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física–geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger	2013
4	Danilo Amorim de Souza	Geografia e Individuação: apontamentos para uma crítica ontológica da ciência geográfica	2014
		TESES	
5	Adilson Rodrigues Camacho	A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento	2008
6	Samarone Carvalho Marinho	Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica	2010
7	Antonio Henrique Bernardes	Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta: Contribuição à epistemologia em Geografia	2012
8	Mariane de Oliveira Biteti	O em-si-para-o-outro-para-si: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico	2014
9	Rodrigo Meira Martoni	Por uma ontologia do espaço turístico: contribuições para uma consciência do real e do possível	2014

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).

Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

Ensino (Conceitos e Categorias)

Quadro 22: Dissertações e teses: Ensino (Conceitos e Categorias e outros temas)

Autores		Dissertações	Ano/defesa
1	Denise Rockenbach	A geografia urbana no livro didático	1993
2	Marilene Acioly de Matos	A cidade, o urbano, a urbanização no livro didático tradicional de Geografia	1995
3	Claudinei Lourenço	A natureza no ensino de geografia de 1º e 2ª graus: perguntas ao passado	1996
4	Maria Eduarda Garcia Cardoso	O conceito de paisagem no livro didático e suas implicações para o ensino de geografia	1999
5	Túlio Barbosa	O conceito de Natureza e análises dos livros didáticos de Geografia	2006
6	Lucineide Fabia Rodrigues Lopes	A Região Nordeste nos livros didáticos de Geografia: Uma Análise Histórica	2009
7	Wagner da Silva Dias	A ideia de América Latina nos livros didáticos de geografia	2009
8	Dulcimara L. Marinheiro	Região e regionalização nos livros didáticos de geografia	2009
9	Clodoaldo Gomes Alencar	O conceito de território: uma análise dos documentos nacionais de Geografia para o Ensino Médio	2009
10	Fernando Frederico Bernardes	(Meio) Ambiente: Rompendo Paradigmas na Produção Científica e no Ensino da Geografia e da Biologia	2010
11	Reginaldo Carlos de Abreu	A abordagem conceitual de Região no âmbito da ciência geográfica e da política governamental de Mato Grosso: Estabelecendo relações com o ensino do conceito de região na educação básica	2011
12	Marcelo Antonio Fontanive	Pantanal: a construção de uma paisagem a partir das concepções de estética e de natureza	2011
13	Maria Ediney F. da Silva	O Nordeste nos livros didáticos de Geografia - 1905 a 1950	2012
14	Bianchi Agostini Gobbo	O conceito de natureza no pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche – contribuições para a geografia e seu ensino	2012
15	Joana Jakeline de Alcântara Sampaio	O conceito de território nos livros didáticos de geografia do ensino médio do autor Mehen Adas (1970 -1990)	2012
16	Nataly Andrea Pérez Cisternas	O conceito de cidade em geografia nos livros didáticos do chile e do Brasil	2012
17	Evelin Cunha Biondo	Ambiente e geografia: um estudo da relação entre espaço geográfico e educação ambiental	2012
18	David Augusto Santos	A abordagem do conceito de natureza nas propostas curriculares de geografia dos estados de São Paulo e do Paraná: uma correlação entre a teoria e a prática	2012
19	Gabriel Siqueira Correa	Narrativas raciais como narrativas geográficas: uma análise sobre o branqueamento do território nos livros didáticos de Geografia	2013
20	Luan do Carmo da Silva	O conceito de lugar no livro didático e o processo de ensino-aprendizagem	2014
		TESES	
21	Bernardo Issler	A geografia e os estudos sociais	1974
22	Eliseu Savério Sposito	Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico	2000

23	Nestor André Kaercher	A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica	2005
24	Marcos Antonio Campos Couto	Construção dos Conceitos Científicos e Escolares: caminhos para a organização da educação geográfica	2005
25	Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini	A África e suas representações nos livros escolares de Geografia no Brasil (1890-2003)	2012
26	Leonardo Moreira Ulhôa	Imagens e estereótipos do Brasil nos livros didáticos franceses	2013

Fonte: Programas de pós-graduação em Geografia (bibliotecas, websites e pesquisas diretas do autor) e Banco de Teses da Capes (1986-1997).
Organização e elaboração: Guilherme dos Santos Claudino

QUADRO 23: NÚMERO DE ORIENTAÇÕES			
ORIENTADORES	**DISSERTAÇÃO**	**TESE**	**TOTAL**
Ruy Moreira	9	5	14
Heinz Dieter Heidemann	7	6	13
Antonio Carlos Robert Moraes	7	5	12
Armando Corrêa da Silva	4	6	10
Cássio Eduardo Viana Hissa	7	3	10
Antonio Carlos Vitte	5	4	9
Eliseu Savério Sposito	4	4	8
Silvio Carlos Bray	3	4	7
Élvio Rodrigues Martins	6		6
Manoel Fernandes de Sousa Neto	5	1	6
Maria Adailza Martins de Albuquerque	6		6
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	3	2	5
Dirce Maria Antunes Suertegaray	3	2	5
Eguimar Felício Chaveiro	2	3	5
José William Vesentini	3	2	5
Roberto Lobato Azevedo Corrêia	4	1	5
Vânia Rúbia Farias Vlach	2	3	5
Gil Sodero de Toledo	2	2	4
Lia Osório Machado	1	3	4
Lívia de Oliveira	4	1	5
Marisia Margarida Santiago Buitoni	4		4
Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	4		4
Sonia Maria Vanzella Castellar	1	3	4
André Roberto Martin	1	2	3
Archimedes Perez Filho		3	3
Bernardo Mançano Fernandes		3	3
Doralice Barros Pereira	3		3
Fadel David Antonio Tuma Filho	2	1	3
Francisco de Assis Mendonça	2	1	3
Francisco Capuano Scarlato	1	2	3
Jose Bueno Conti	1	2	3
Lucia Helena de Oliveira Gerardi		3	3
Maria Auxiliadora da Silva	3		3
Maria Elena Ramos Simielli		3	3
Maurício de Almeida Abreu	2	1	3
Sérgio Manuel Merêncio Martins	2	1	3
Tarik Rezende de Azevedo	2	1	3
Adilson Avanci de Abreu		2	2
Alexandrina Luz Conceição		2	2

Ana Fani Alessandri Carlos	2		2
Ana Maria de Souza Mello Bicalho	1	1	2
Ana Maria Lima Daou	1	1	2
Armen Mamigonian		2	2
Beatriz Ribeiro Soares	2		2
Bernardo Machado Gontijo	2		2
Bertha Koiffman Becker	2		2
Carlos Alberto Franco da Silva		2	2
Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	2		2
Dante Flávio da Costa Reis Júnior	2		2
Fabricio Pedroso Bauab	2		2
Gilmar Mascarenhas de Jesus	2		2
Helena Ribeiro Sobral		2	2
Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta		2	2
Jacob Binsztok	1	1	2
Jan Bitoun	2		2
João Osvaldo Rodrigues Nunes		2	2
João Pedro Pezzato	1	1	2
José Borzacchiello da Silva	2		2
Júlio César Suzuki	1	1	2
Marcello Martinelli		2	2
Márcia Siqueira de Carvalho	2		2
Marcos Aurélio Saquet	2		2
Mario de Biasi	1	1	2
Monica Sampaio Machado	2		2
Nice Lecoq Müller	1	1	2
Paulo Cesar da Costa Gomes		2	2
Paulo Roberto Teixeira de Godoy	2		2
Ralfo Edmundo da Silva Matos	2		2
Rogério Haesbaert da Costa	1	1	2
Rosana Figueiredo Salvi	2		2
Zeny Rosendahl	2		2
Adelita Neto Carleial	1		1
Aldo Aloisio Dantas da Silva	1		1
Alex Ratts	1		1
Alexander Josef Sá Tobias da Costa	1		1
Allaoua Saadi/Philippe Bachimon		1	1
Alvaro Henrique de Souza Ferreira	1		1
Alvaro Luiz Hedrich		1	1
Amália Inês Geraiges de Lemos		1	1
Amélia Domingues de Castro	1		1
Amélia Regina Batista Nogueira	1		1
Ana Maria Marques Camargo Marangoni	1		1
Ana Maria Saul	1		1

Antonio Carlos Colangelo	1		1
Antonio Carlos de Barros Corrêa		1	1
Antônio José Teixeira Guerra		1	1
Bernardo Sayão Penna e Souza	1		1
Caio Augusto Amorim Maciel	1		1
Carlos Walter Porto-Gonçalves	1		1
Cássia Ferri	1		1
Catherine Prost	1		1
Dário de Araújo Lima	1		1
Douglas Santos	1		1
Dulce Maria Pompêo de Camargo	1		1
Eda Maria Góes		1	1
Elson Manoel Pereira		1	1
Elvio Pinto Bosetti/Edson Armando Silva	1		1
Ely Alves Penha	1		1
Enéas Rente Ferreira		1	1
Ester Limonad		1	1
Eustódio Wanderley Correia Dantas		1	1
Evaristo de Castro Junior / Ruy Moreira	1		1
Everaldo dos Santos Melazzo		1	1
Geraldo Magela Costa	1		1
Gilberto Leal Antunes dos Santos	1		1
Gisela Aquino Pires do Rio		1	1
Gláucia Kruse Villas Boas	1		1
Gustavo de Souza Coelho de Oliveira / Douglas Santos	1		1
Helion Póvoa Neto	1		1
Helmut Troppmair		1	1
Heloisa Soares Moura Costa		1	1
Heloisa Tardin Christovão	1		1
Icléia Thiesen/Roberto Schmidt de Almeida	1		1
Iná Elias de Castro	1		1
Inês Aguiar de Freitas	1		1
Ivo Sostisso	1		1
Janete Marilia Gentil Coimbra de Oliveira/Ruy Moreira	1		1
Janine Giselle Le Sann	1		1
João Baptista Ferreira de Mello	1		1
João Lima Sant'Anna Neto		1	1
Jones Dari Goettert	1		1
Jorge Luiz Barbosa / Jean Pierre Wolff		1	1
Jorge Ulises Guerra Villalobos	1		1
Jorge Xavier da Silva	1		1
José Carlos Godoy Camargo	1		1
José Flávio Morais Castro	1		1

José Manoel Gonçalves Gândara	1		1
Josildeth Gomes Consorte		1	1
Josué da Costa Silva	1		1
Lana de Souza Cavalcanti	1		1
Leila Christina Duarte Dias	1		1
Liliana Bueno dos Reis Garcia	1		1
Lucelinda Schramm Corrêa	1		1
Luís Carlos Tosta dos Reis	1		1
Luiz Carlos Costa	1		1
Luiz Fernando Mazzini Fontoura	1		1
Luiz Fernando Scheibe	1		1
Magda Adelaide Lombardo		1	1
Manoel Fernando Gonçalves Seabra	1		1
Marcelo Accioly Teixeira de Oliveira	1		1
Márcia Ajala Almeida	1		1
Márcia Maria Duarte dos Santos	1		1
Marcio Mendes Rocha		1	1
Márcio Piñon de Oliveira/Carlos Walter Porto-Gonçalves	1		1
Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira		1	1
Maria de Fátima Ferreira Rodrigues	1		1
Maria do Carmo Galvão	1		1
Maria Eugênia Moreira Costa Ferreira	1		1
Maria Imaculada Cavalcante / Maria Geralda de Almeida	1		1
María Laura Silveira		1	1
Maria Regina Cunha de Toledo Sader	1		1
Marlene Teresinha Muno Colesant	1		1
Marli Auras/Raquel Fontes do Amaral Pereira	1		1
Miguel Bahl, Salete Kozel Teixeira		1	1
Neio Lúcio de Oliveira Campos	1		1
Nelson Rego		1	1
Nídia Nacib Pontuschka	1		1
Odeibler Santo Guidugli		1	1
Olga Maria Buarque de L.Fredresh	1		1
Oswaldo Bueno Amorim Filho	1		1
Pasquale Petrone		1	1
Paulo Roberto Teixira de Godoy/ Dante Flavio da Costa Reis Junior		1	1
Péricles Trevisan	1		1
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos		1	1
Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior		1	1
Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira		1	1
Regina Araújo de Almeida		1	1
Ricardo José Batista Nogueira	1		1

Roberto Célio Valadão	1		1
Rodrigo Ramos Hospodar Felipp Valverde	1		1
Rogata Soares de Galdio	1		1
Rosa Elena Noal	1		1
Rosalina Batista Braga		1	1
Rosângela Doin de Almeida		1	1
Rosangela Doin de Almeida/João Pedro Pezzato	1		1
Salete Kozel	1		1
Sandra Lencioni		1	1
Selvino José Assmann	1		1
Speridião Faissol	1		1
Sueli Ângelo Furlan	1		1
Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva	1		1
Sylvio Fausto Gil Filho		1	1
Valter Casseti	1		1
Vanilton Camilo de Souza	1		1
Vera Lúcia Doyle Dodebei	1		1
Vera Maria Favila Miorin	1		1
Virgínia Etges, Álvaro Heidrich	1		1
Wagner Costa Ribeiro	1		1
Waterloo Pereira Filho	1		1
Wendel Henrique	1		1
Wolf-Dietrich Sahr	1		1
Yuri Tavares Rocha	1		1
Maria Naíse de Oliveira Peixoto	1		1

PARTICIPAÇÕES EM BANCA (Dissertações e teses)	TOTAL
Antonio Carlos Vitte	18
Ruy Moreira	18
Antonio Carlos Robert Moraes	17
Lia Osório Machado	14
Élvio Rodrigues Martins	12
Eliseu Savério Sposito	11
Jorge Luiz Barbosa	11
Adilson Avansi de Abreu	9
Carlos Walter Porto-Gonçalves	9
Manoel Fernandes de Sousa Neto	9
Silvio Carlos Bray	9
José Bueno Conti	8
Marcos Bernardino de Carvalho	8
Oswaldo Bueno Amorim Filho	8
Roberto Lobato Corrêa	8
André Roberto Martin	7
Douglas Santos	7
José Geraldo Pedrosa	7
Odette Carvalho de Lima Seabra	7
Sergio Luiz Nunes Pereira	7
Sonia Maria Vanzella Castellar	7
Dirce Maria Antunes Suertegaray	6
Heinz Dieter Heidemann	6
João Osvaldo Rodrigues Nunes	6
Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado	6
Nelson Rego	6
Amelia Luisa Damiani	5
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	5
Doralice Barros Pereira	5
Eduardo José Marandola Junior	5
Fadel David Antonio Tuma Filho	5

Heloisa Soares de Moura Costa	5
Inês Aguiar de Freitas	5
Jacob Binsztok	5
Júlio Cesár Susuki	5
Lana de Sousa Cavalcanti	5
Manuel Correia de Andrade	5
Marcos Antônio Campos Couto	5
Maurício de Almeida Abreu	5
Mônica Sampaio Machado	5
Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	5
Scott William Hoefle	5
Ana Maria Marques de Camargo Marangoni	4
Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira	4
Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira	4
Jorge Luiz Barcellos da Silva	4
Manoel Fernando Gonçalves Seabra	4
Maria Adélia Aparecida de Souza	4
Maria Amelia Marcarenhas Dantes	4
Maria do Carmo Corrêa Galvão	4
Miguel Ângelo Campos Ribeiro	4
Paulo César da Costa Gomes	4
Paulo Roberto Teixeira de Godoy	4
Rogata Soares Del Gaudio Longhi	4
Sandra Lencioni	4
Vânia Rubia Farias Vlach	4
Wanderley Messias da Costa	4
Wolf Dietrich Sahr	4
Álvaro Luiz Heidrich	3
Ana Maria Lima Daou	3
Armen Mamigonian	3
Cássio Eduardo Viana Hissa	3
Dante Flávio da Costa Reis Junior	3
Divino José da Silva	3
Doralice Sátyro Maia	3
Eguimar Felício Chaveiro	3
Everaldo Batista da Costa	3

Fabio Betioli Contel	3
Francisco de Assis Mendonça	3
Geraldo Magela da Costa	3
Gilmar Mascarenhas de Jesus	3
Helena Copetti Callai	3
Helion Povoa Neto	3
João Cleps Junior	3
Liliana Bueno dos Reis Garcia	3
Magda Adelaide Lombardo	3
Márcia Maria Duarte dos Santos	3
Marcio Piñon de Oliveira	3
Maria Encarnação Beltrão Sposito	3
Maria Geralda de Almeida	3
María Mónica Arroyo	3
Milton Lahuerta	3
Neyde Maria Santos Gonçalves	3
Ralfo Edmundo da Silva Matos	3
Salete Kozel Teixeira	3
Zeny Rosendahl	3
Adler Guilherme Viadana	2
Adrelino de Oliveira Campos	2
Adriana Maria Bernardes da Silva	2
Aldo Aloisio Dantas da Silva	2
Alvanir de Figueiredo	2
Amanda Regina Gonçalves	2
Antonio Augusto Passos Videira	2
Antonio Carlos Pinheiro	2
Archimedes Perez Filho	2
Armando Corrêa da Silva	2
Aurênice de Mello Corrêa	2
Beatriz Maria Soares Pontes	2
Beatriz Ribeiro Soares	2
Benhur Pinós da Costa	2
Bertrand Roger Guillaume Cozic	2
Carlos Augusto de Amorim Cardoso	2
Carlos de Almeida de Toledo	2

Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota	2
Cátia Antonia da Silva	2
Charlles da França Antunes	2
Cláudia Luiza Zeferino Pires	2
Claudinei Lourenço	2
Cristina Pessanha Mary	2
Deilson Araujo de Oliveira	2
Eli Alves Penha	2
Ester Limonad	2
Francisco Sérgio Bernardes Ladeira	2
Gabriel Cohn	2
Gilberto de Miranda Rocha	2
Gláucia Carvalho Gomes	2
Gloria da Anunciação Alves	2
Guilherme da Silva Ribeiro	2
Hindenburgo Francisco Pires	2
Iris Kantor	2
Istvan Jancso	2
Jan Bitoun	2
João Baptista Ferreira de Mello	2
João Rua	2
Jorge Soares Marques	2
Jorge Ulises Guerra Villalobos	2
Jose Antonio Souza de Deus	2
José Borzacchiello da Silva	2
Jose Carlos Milléo de Paula	2
José Gilberto de Sousa	2
José William Vesentini	2
Leila Christina Duarte Dias	2
Lineide do Lago Salvador Mosca	2
Marcelo José Lopes de Souza	2
Marcia Maria Cabreira	2
Marco Antonio Mitidiero Junior	2
Margarida Maria de Andrade	2
Maria Aparecida dos Santos Tubaldini	2
Maria Regina Cunha de Toledo Sader	2

Mariera de Moraes Ferreira	2
Marilia Luiza Peluso	2
Mario Antonio Eufrasio	2
Marísia Margarida Santiago Buitoni	2
Mauro Luiz Peron	2
Milton Almeida dos Santos	2
Nidia Nacib Pontuschka	2
Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	2
Paulo Roberto Raposo Alentejano	2
Rafael Straforini	2
Regina Araujo de Almeida	2
Renata Cristina de Oliveira Barrichelo Cunha	2
Roberto Verdum	2
Rogério Haesbaert	2
Rosana Figueiredo Salvi	2
Sandro de Castro Pitano	2
Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa	2
Sonia Maria de Melo Queiroz	2
Susana Mara Miranda Pacheco	2
Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva	2
Sylvio Fausto Gil Filho	2
Telma Mendes da Silva	2
Vanderli Custódio	2
Vanilton Camilo de Souza	2
Vera Maria Favila Miorin	2
Werther Holzer	2
Adnilson de Almeida Silva	1
Adriano Rodrigues de Oliveira	1
Adriany de Ávila Melo Sampaio	1
Adyr Apparecida Balastreri Rodrigues	1
Agueda Bernadete Bittencourt	1
Aguinaldo Alemar	1
Ailton Luchiari	1
Alberto Pereira Lopes	1
Alceu Ranzi	1
Alcindo José de Sá	1

Aldemir Dantas Barboza	1
Alessandro Filla Rosaneli	1
Alexandre Bergamin Vieira	1
Alexandre Domingues Ribas	1
Alexandre Magno Alves Diniz	1
Alice Maria de Araújo Ferreira	1
Aline Ferrão Custódio	1
Amália Inês Geraides de Lemos	1
Ambrosina Helena Ferreira Gontijo-Pascutti	1
Amélia Americano Domingues Castro	1
Amélia Regina Batista Nogueira	1
Ana Clara Torres Ribeiro	1
Ana Lucia Duarte Lanna	1
Ana Maria Alfonso Goldfarb	1
Ana Maria Felipini Neves	1
Ana Paula Baltazar dos Santos	1
Anélia Montechiari Pietrani	1
Ângela Massumi Katuta	1
Angelo Del Vicchio	1
Anieres Barbosa da Silva	1
Antonia Terra Calazans Fernandes	1
Antônio Carlos de Souza Lima	1
Antonio de Ponte Jardim	1
Antonio Fernando de Araujo Sá	1
Antônio José Lopes Alves	1
Antonio Marcos Vieira Sanseverino	1
Antonio Mauro Muanis de Castro	1
Antonio Olívio Ceron	1
Antonio Thomaz Júnior	1
Ariane de Menezes Sá	1
Artur Caldas Brandão	1
Beatriz Souza Costa	1
Belarmino Mariano Neto	1
Benjamin Abdala Junior	1
Bernardo Issler	1
Bernardo Machado Gontijo	1

Bernardo Mançano Fernandes	1
Bernardo Sayão Penna e Souza	1
Bertha Koiffmann Becker	1
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro	1
Brasilio João Sallum Junior	1
Carla Mariana Lois	1
Carlos Alberto Feliciano	1
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	1
Carlos Eduardo Santos Maia	1
Carlos Fernando Ferreira Lobo	1
Carlos José Saldanha Machado	1
Carlos Teixeira de Campos Jr.	1
Carmem R. Flores Wizniewsky	1
Cecilia Cardoso Teixeira de Almeida	1
Celestino Alves da Silva Júnior	1
Cesar Miranda Mendes	1
Cezar Bueno de Lima	1
Christian Dennys Monteiro de Oliveira	1
Ciro de Oliveira Bezerra	1
Ciro Flamarion Santana Cardoso	1
Claudia Valladao de Mattos	1
Cláudio Antônio Gonçalves Egler	1
Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	1
Clifford Andrew Welch	1
Clóvis Nicanor Kassick	1
Conceição Aparecida Cabrini	1
Cornélio Silvano Vilarinho Neto	1
Creuza Santos Lage	1
Dakir Larara Machado da Silva	1
Dalmo de Abreu Dallari	1
Dalton Aureo Moro	1
Danielle Gomes da Silva	1
Déborah de Oliveira	1
Décio Gatti Júnior	1
Denis Cosgrove	1
Diana Sarita Hamburger	1

Dimas Moraes Peixinho	1
Dinalva Donizete Ribeiro	1
Edgard de Assis Carvalho	1
Edilson Alves de Carvalho	1
Edilson José Graciolli	1
Edilson Soares de Souza	1
Edivânia Aguiar Gomes	1
Edméa Oliveira dos Santos	1
Edson Leite	1
Edson Trajano Vieira	1
Edu Teruki Otsuka	1
Eduardo Abdo Yázigi	1
Eduardo Antonio Simões Geraldes	1
Eduardo Schiavone	1
Elenice Szatkoski	1
Eli Napoleão Lima	1
Eliana Regina Ferretti	1
Eliane Tomiasi Paulino	1
Eliano de Souza Martins Freitas	1
Elias Lopes de Lima	1
Eloiza Cristina Torres	1
Elson Luciano Silva Pires	1
Eudes Fernando Leite	1
Eugênia Maria Dantas	1
Everaldo Santos Melazzo	1
Ezalmone Moreira dos Santos	1
Fabrício Pedroso Bauab	1
Fátima Ap. D. Gomes Marin	1
Fátima Napoleão de Lima	1
Fátima Regina Évora	1
Fatima Rotundo da Silveira	1
Fernanda Padovesi Fonseca	1
Fernando Antonio Novais	1
Fernando Carvalho	1
Fernando dos Santos Sampaio	1
Flaviana Gasparotti Nunes	1

Flávio Sammarco Rosa	1
Floriano José Godinho de Oliveira	1
Francisco Capuano Scarlato	1
Giancarla Salamoni	1
Gil Sodero de Toledo	1
Gilda Maria Cabral Benaduce	1
Gildo Marcal Bezerra Brandão	1
Giralda Seyferth	1
Gisela Aquino Pires do Rio	1
Gisele Santos Laitano	1
Giselle Noceti Ammon Xavier	1
Glaucio José Marafon	1
Goiamérico Felício Carneiro dos Santos	1
Gomercindo Ghiggi	1
Guilherme Costa Delgado	1
Guiomar Inez Germani	1
Gustavo de Oliveira Coelho de Souza	1
Helena Midori Kashiwagi	1
Heliana Angotti-Salgueiro	1
Heloisa Maria Bertol Domingues	1
Helton Ricardo Ouriques	1
Hervé Émilien René Théry	1
Homero José Viseu Araújo	1
Iandara Alves Mendes	1
Idelvone Mendes Ferreira	1
Ideni Terezinha Antonello	1
Ignez Costa Barbosa Ferreira	1
Ildeu Coelho da Silva	1
Ilton Jardim de Carvalho	1
Isabel Aparecida Pinto Alvarez	1
Ivaldo Gonçalves de Lima	1
Jair Lopes Barbosa	1
Janara Kalline Leal Lopes de Sousa	1
Janete Maria Lins de Azevedo	1
Janise Bruno Dias	1
Jeanne Marie Ferreira Freitas	1

Joao Adolfo Hansen	1
João Afonso Zavattini	1
João Antonio de Paula	1
João Batista de Deus	1
João Evangelista de Souza Lima Neto	1
João Lima Sant'Anna Neto	1
João Manoel de Melo	1
João Marcos Além	1
Jones Dari Goettert	1
Jorge Brito de Almeida	1
Jorge Luis da Silva Grespan	1
Jorge Megid Neto	1
Jorge Onrubia Pintado	1
Jorn Seemann	1
José Alexandre Felizola Diniz	1
José Antônio Saja Ramos Neves dos Santos	1
José Antônio Segatto	1
José Carlos Reis	1
José Divino da Silva	1
José Enio Casalechi	1
José Geraldo de Sousa Júnior	1
Jose Juliano de Carvalho Filho	1
José Mauro Gonçalves Nunes	1
José Messias Bastos	1
Josefa dos Santos Lisboa	1
Josué Pereira da Silva	1
Jozimar Paes de Almeida	1
Julia Adão Bernardes	1
Juliana Augusta Verona	1
Júlio César de Lima Ramires	1
Jupira Gomes de Mendonça	1
Jurandyr Ross	1
Kabengele Munanga	1
Kalina Springer	1
Laurindo Antônio Guasselli	1
Leonel Itaussu Almeida Mello	1

Ligia Vizeu Barrozo	1
Lilia Katri Moritz Schwarcz	1
Liliana Laganá	1
Lincoln Ferreira Secco	1
Lindon Matias Fonseca	1
Lineu Bley	1
Lívia Cristina de Aguiar Cotrim	1
Lívia de Oliveira	1
Lucí Hidalgo Nunes	1
Lúcia Helena Batista Gratão	1
Lucia Helena de Oliveira Gerardi	1
Lucia Maria Lippi Oliveira	1
Luciano Félix Florit	1
Luciano Ximenes Aragão	1
Luciene Pereira Carris Cardoso	1
Lucio Tadeu Mota	1
Luís Alberto Ferreira Brandão Santos	1
Luiz Alexandre Gonçalves Cunha	1
Luiz Fernando Mazzini Fontoura	1
Luiz Fernando Scheibe	1
Luzia Neide Meneses Coriolano	1
Manoel Calaça	1
Manoel Martins de Santana Filho	1
Marcello Martinelli	1
Marcelo de Mello	1
Marcelo Dornelis Carvalhal	1
Marcelo Garrido Pereira	1
Marcelo Rodrigues Mendonça	1
Marcelo Vinicius de La Rocha Domingues	1
Marco Aurélio Máximo Prado	1
Marco Aurélio Werle	1
Marcos Antonio da Silva	1
Marcos Aurélio da Silva	1
Marcos Aurélio Saquet	1
Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira	1
Marga Eliz Pontelli	1

Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim	1
Margarethe Born Steinberger	1
Maria Angela D'incão	1
Maria Aparecida Bridi	1
Maria Augusta Mundim Vargas	1
Maria Célia Nunes Coelho	1
Maria Cléia Lustosa Costa	1
Maria Cristina Perusi	1
Maria de Lourdes Beldi de Alcântara	1
Maria Dulcineia da Silva Loureiro	1
Maria Elena Ramos Simielli	1
Maria Eliza Linhares Borges	1
Maria Inês Sugai	1
Maria Isabel Castreghini de Freitas	1
Maria Laura Silveira	1
Maria Lucia Amorim Soares	1
Maria Lucia Santaella Braga	1
Maria Luisa Gomes Castello Branco	1
Maria Margaret Lopes	1
Maria Neuma Barrero Cavalcanti	1
Maria Teresesa Franco Ribeiro	1
Maria Tereza Duarte Paes Luchiari	1
Maria Yedda Leite Linhares	1
Maria Zaíra Turchi	1
Marisa Martins Gama Khalil	1
Marlon Ronald Fluck	1
Marly Nogueira	1
Marta Felícia Marujo Ferreira	1
Marta Inez Medeiros	1
Maurício Borges Lemos	1
Miguel Bahl	1
Miguel Cesar Sanches	1
Mirian Rejowski	1
Monica Angela de Azevedo Meyer	1
Mônica Herz	1
Moyses Gonsalez Tessler	1

Munir Jorge Felício	1
Murilo de Azevedo Marx	1
Murilo Mendonça Oliveira de Souza	1
Nadja Maria Castilho Costa	1
Naldy Emerson Canali	1
Nécio Turra Neto	1
Neio Lúcio de Oliveira Campos	1
Nelba Azevedo Penha	1
Nelson Papávero	1
Nilo Odalia	1
Nilson Cortez Crócia de Barros	1
Noemia Ramos Vieira	1
Olga Lucia de Freitas Firkowski	1
Olga Maria Schild Becker	1
Olga Tulik	1
Omar Ribeiro Thomaz	1
Orlando Valverde	1
Pasquale Petrone	1
Paul Claval	1
Paulo Affonso Leme Machado	1
Paulo Celso Miceli	1
Paulo César Carneiro Lopes	1
Paulo César Coelho Abrantes	1
Paulo César Rocha	1
Paulo Fernando Cirino Mourão	1
Paulo Henrique Novaes M. de Albuquerque	1
Pedro Almeida Vasconcelos	1
Pedro Pinchas Geiger	1
Pedro Tórtima	1
Perla Brígida Zusman	1
Pompeu Figueiredo de Carvalho	1
Rachel Caldas Lins	1
Rafael Sanzio Anjos	1
Rafael Winter Ribeiro	1
Ranyére Silva Nóbrega	1
Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira	1

Raul Borges Guimarães	1
Regina Celeste de almeida Souza	1
Regina Célia Bega dos Santos	1
Regina Célia de Oliveira	1
Reinaldo Paul Pérez Machado	1
Renato Emerson dos Santos	1
Ricardo Abid Catillo	1
Ricardo Carneiro	1
Ricardo Mendes Antas Júnior	1
Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	1
Roberto dos Santos Bartholo Junior	1
Roberto González Sousa	1
Roberto Schimidt de Almeida	1
Rodolfo de Oliveira Souza	1
Rodrigo Corrêa Teixeira	1
Rogério Medeiros	1
Rosa Ester Rossini	1
Rosa Maris Rosado	1
Rosangela Doin de Almeida	1
Rosangela Lurdes Spironello	1
Roseli Alves dos Santos	1
Rosemeire Aparecida de Almeida	1
Rosselvelt José Santos	1
Rui Erthal	1
Rusvenia Luiza Batista Rodrigues da Silva	1
Ruth Youko Tsukamoto	1
Samir Cristino de Souza	1
Samuel do Carmo Lima	1
Samuel Frederico	1
Sandra Maria de Arruda Furtado	1
Sandra Vidal Nogueira	1
Selvino José Assmann	1
Sérgio Luiz Miranda	1
Sérgio Manuel Merêncio Martins	1
Shozo Montoyama	1
Silvana de Oliveira	1

Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros	1
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	1
Sílvia Regina Pereira	1
Silvia Selingardi Sampaio	1
Silvio Donizetti de Oliveira Gallo	1
Solange Terezinha de Lima	1
Stefan Wilhelm Bolle	1
Sueli de Castro Gomes	1
Suely Regina Del Grossi Michelotto	1
Suzane Tosta	1
Sydenham Lourenço Neto	1
Tadeu Pereira Alencar Arrais	1
Tania Bittencourt Bloomfield	1
Tanya Maria Pires Brandão	1
Tarik Rezende de Azevedo	1
Túlio Barbosa	1
Valeria Amorim Arantes de Araújo	1
Valéria Cristina Pereira da Silva	1
Valéria de Oliveira Roque Ascenção	1
Valter Casseti	1
Valter do Carmo Cruz	1
Vera Lucia Alves França	1
Vera Lúcia dos Santos	1
Vivian Batista da Silva	1
Waldir José Gaspar	1
Walter Cecílio Brino	1
Walter Praxedes	1
Weber Soares	1
Wenceslao Machado de Oliveira Jr	1
Willian Ribeiro da Silva	1
Wolney Lobato	1
Yoshiya Nakagawara Ferreira	1
Zenilde Baima Amóra	1
Zuleika Alves de Arruda	1

LISTAS DE DISSERTAÇÕES E TESES: TOTAL

AUTOR	TÍTULO	TIPO	INSTITUIÇÃO	ANO	ORIENTADOR	BANCA	PALAVRAS-CHAVE	ESTADO
Olindina Vianna Mesquita	O Estado Isolado de von Thünen: uma discussão	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1978	Maria do Carmo Corrêa Galvão		Agricultura, Geografia Agrária	RJ
Marilourdes Lopes Ferreira	Problemas conceituais e metodológicos na Geografia: o conceito regional e métodos de delimitação	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1978	Speridião Faissol		Metodologia, Região	RJ
Ana Fani Alessandri Carlos	Reflexões sobre o Espaço Geográfico	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1979	Nice Lecoq Müller		Espaço Geográfico	SP
Mario Antonio Eufrásio	A Estrutura da Teoria dos Lugares Centrais de W. Christaller	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1982	Manoel Fernando Gonçalves Seabra		Teoria da Geografia, Metodologia da Geografia, Christaller	SP
Antonio Carlos Robert Moraes	Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, Fredrich Ratzel	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1983	Armando Corrêa da Silva		História da Geografia, Geografia Moderna	SP
Wilson dos Santos	A obra de Aroldo de Azevedo: uma avaliação	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1984	Silvio Carlos Bray	Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armando Corrêa da Silva		SP
Marlene Teresinha de Muno Colesanti	O ensino da Geografia através do livro didático no período de 1890 a 1971	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1985	Lívia de Oliveira	Walter Cecílio Brino, Amélia Americano Domingues Castro	Ensino, Geografia, Livro Didático	SP
Luis Cavalcanti da Cunha Bahiana	Contribuição ao estudo da questão da escala na geografia: escalas em geografia urbana	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1986	Olga Maria Buarque de L.Fredresh	Ana Clara Torres Ribeiro, Roberto Lobato Corrêa		RJ
Paulo César da Costa Gomes	As razões da região	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1988	Bertha Koiffmann Becker	Maurício de Almeida Abreu, Roberto Lobato Corrêa	Região, Metodologia, Aplicação na Geografia	RJ
Diamantino Alves C. Pereira	Origens e consolidação da tradição didática na Geografia Escolar Brasileira	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1990	Ariovaldo Umbelino de Oliveira		Geografia, Ensino de Geografia	SP
Herbe Xavier	A observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1990	Lívia de Oliveira	Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Oswaldo Bueno Amorim Filho	Observação da Paisagem, Campo Visual, Mundo Visual	SP
Fadel David Antonio Tuma Filho	O Pensamento Geográfico de Euclides da Cunha: Uma Avaliação	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1990	Silvio Carlos Bray	Beatriz Maria Soares Pontes, Manoel Fernando Gonçalves Seabra	Positivismo, Darwinismo Social, Estádio Civilizatório, Fatalismo-Determinismo, Raça	SP
Veleda Cristina Lucena de Albuquerque	Participação da geografia na interpretação arqueológica	DISSERTAÇÃO	UFPE	1990	Gilberto Leal Antunes dos Santos		Arqueologia, Técnicas, Estratigrafia, Geografia	PE
Solange Terezinha de Lima Guimarães	A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no Grande Sertão: Veredas	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1990	Lívia de Oliveira	Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Oswaldo Bueno Amorim Filho	Percepção Ambiental, Valoração de Paisagens, Estudos da Paisagem, Grande Sertão: Veredas, Interpretação da Paisagem, Sertão	SP
Douglas Santos	Imperialismo e Estado: reflexões sobre a Geografia contemporânea	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1991	Ariovaldo Umbelino de Oliveira		Geografia, Capitalismo, Imperialismo	SP

João Phelipe Santiago	A Geografia no Brasil: a contribuição de Manuel Correia de Andrade	DISSERTAÇÃO	UFPE	1991	Heinz Dieter Heidemann	Jan Bitoun, Nilson Cortez Crócia de Barros	Geografia, Brasil, Nordeste, Manuel Correia de Andrade, Produção da Geografia, História do Pensamento Geográfico	PE
Alexandrina Luz Conceição	A Questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético	DISSERTAÇÃO	UFS	1991	Heinz Dieter Heidemann	José Alexandre Felizola Diniz, Maria Geralda de Almeida	Camponês, Signo linguístico ideológico, Identidade Representações	SE
Marcos Bernardino de Carvalho	Uma Geografia do discurso sobre a natureza	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1992	José William Vesentini	Odette Carvalho de Lima Seabra, Edgard de Assis Carvalho	Ecologia, Geografia, Epistemologia, Natureza	SP
Regina Célia Correa de Araújo	No meio da multidão - A Geografia de Mário de Andrade	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1992	Armando Corrêa da Silva		Geografia, Literatura, Modernismo	SP
Eli Alves Penha	A criação do IBGE no contexto da centralização política do estado novo	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1992	Bertha Koiffmann Becker	Lia Osório Machado, Pedro Pinchas Geiger	Políticas Territoriais, Geopolítica Interna, Estado Nacional	RJ
Inês Aguiar de Freitas	Em nome do Pai. A Geografia dos jesuítas no Brasil nos séculos XVI a XVIII	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1992	Lia Osório Machado	Maria do Carmo Corrêa Galvão, Lia de Osório Machado, Roberto Lobato Corrêa (?)	História da Natureza, Jesuítas, Espaço da Religião, Geografia da Religião	RJ
Werther Holzer	A Geografia Humanista - Sua Trajetória de 1950 a 1990	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1992	Maurício de Almeida Abreu	Maria do Carmo Corrêa Galvão, Lia de Osório Machado, Roberto Lobato Corrêa, (?) SANTOS, M (?)	Geografia Humanista, Geografia - História, Geografia - Paisagem, Geografia - Lugar, Geografia - Espaço Vivido, Geografia-Fenomenologia	RJ
Rosana Figueiredo Salvi	O Tempo na Geografia Humana Brasileira como uma Categoria do Método	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1992	Armando Corrêa da Silva		Geografia Humana, Tempo, Categoria Geográfica, Método de Análise	SP
Luciana de Lima Martins	Friedrich Ratzel através de um prisma	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1993	Maurício de Almeida Abreu	Lia Osório Machado, Paulo César da Costa Gomes, Heinz Dieter Heidemann	Fredrich Ratzel (1844 - 1904), Geografia, História da Geografia	RJ
Denise Rockenbach	A geografia urbana no livro didático	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1993	Ana Fani Alessandri Carlos		Livro Didático, Ensino da Geografia, Geografia	SP
Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos	Geografia e os romances nordestinos da década de 1930 a 1940: uma contribuição ao ensino	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1993	Maria Regina Cunha de Toledo Sader	Antonio Carlos Robert Moraes, Benjamin Abdala Junior	Ensino de Geografia, Mudanças Sociais e Espaciais	SP
Aldo Aloisio Dantas da Silva	O espaço em Milton Santos	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1994	Heinz Diter Heidemann		Espaço, Geografia, Região, Período Técnico-Científico, Periodização	SP

Luis Lopes Diniz Filho	Território e Destino Nacional: Ideologias Geográficas e Políticas Territoriais no Estado Novo (1937-1945)	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1994	Antonio Carlos Robert Moraes		Brasil, Geografia Cultural, Políticas Territoriais	SP
Vagner de Carvalho Bessa	Território e Desenvolvimentismo: as ideologias geográficas no governo JK (1956-1961)	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1994	Antonio Carlos Robert Moraes		Geografia, Brasília, JK, Cultura, Desenvolvimentismo	SP
Cláudio Benito Oliveira Ferraz	O Discurso Geográfico: A obra de Delgado de Carvalho no Contexto da Geografia Brasileira	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1994	Ana Maria Marques Camargo Marangoni	José Bueno Conti, Silvio Carlos Bray	Pensamento Geográfico, Delgado de Carvalho, Ensino, Geografia, Metodologia, Política Educacional, Brasil	SP
Carlos Eduardo Santos Maia	Segregação Residencial Urbana: análise teórica e síntese comparativa entre as perspectivas positiva e marxista	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1994	Roberto Lobato Corrêa	Marcelo José Lopes de Souza,	Geografia Urbana, Segregação Residencial, Escola de Ecologia Humana, Economia Neoclássica	RJ
Eduardo Zons Guidi	Considerações acerca dos Comentadores das obras de Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache	DISSERTAÇÃO	UFSC	1995	Ivo Sostisso	Leila Christina Duarte Dias, Alceu Ranzi	Pensamento Geográfico	SC
Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	Oliveira Vianna e a unidade - identidade do espaço brasileiro	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	1995	Silvio Carlos Bray	Antonio Carlos Robert Moraes, Lia Osório Machado	Pensamento Geográfico	SP
Marilene Acioly de Matos	A cidade, o urbano, a urbanização no livro didático tradicional de Geografia	DISSERTAÇÃO	UFPE	1995	Jan Bitoun	Manuel Correia de Andrade, Janete Maria Lins de Azevedo	Processo de Urbanização, Livros Didáticos, Intervenção	PE
Altiva Barbosa da Silva	Do Povo sem espaço ao espaço sem povo: análise da Revista de Geopolítica (ZfG) 1924-1944	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1996	Heinz Dieter Heidemann	Mario Antonio Eufrásio, Wanderley Messias da Costa	Geografia Política, Geopolítica, Geografia Alemã, Povo, Espaço Vital, Cartografia Geopolítica.	SP
Genylton Odilon Rêgo da Rocha	A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	1996	Ana Maria Saul		Currículo, História das Disciplinas, Geografia Escolar, Ensino de Geografia, Reformas Curriculares História da Educação	SP
Lindon Fonseca Matias	Por uma cartografia geográfica. Uma análise da representação gráfica na geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1996	Francisco Capuano Scarlato		Cartografia, Representação Gráfica	SP
Jane Lúcia Rodrigues	Uma Geografia que se constrói: O curso de Pós-Graduação em Geografia de Presidente Prudente	DISSERTAÇÃO	UNESP (PP)	1996	Eliseu Savério Sposito	Armando Corrêa da Silva, Celestino Alves da Silva Júnior	Pós-Graduação em Geografia, Metodologia de Pesquisa, Avaliação de Curso de Pós-Graduação	SP

Jorge Luiz Barcellos da Silva	Notas Introdutórias de um itinerário interpretativo sobre a formação do pensamento geográfico brasileiro	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1996	Francisco Cupuano Scarlato		História da ciência no Brasil, Epistemologia da Ciência Geográfica, Positivismo-Funcionalista, Neopositivismo, Materialismo Histórico Dialético, Fundamentos Teóricos Metodológicos da Geografia	SP
Perla Brígida Zusman	Sociedades Geográficas na Promoção do saber ao Respeito do Território: estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1938-1945)	DISSERTAÇÃO	USP (PROLAM)	1996	Antonio Carlos Robert Moraes	Lilia Katri Moritz Schwarcz	Geografia, Planejamento, América Latina	SP
Murilo Cardoso de Castro	Natureza do Sistema Geográfico de Informação	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1996	Jorge Xavier da Silva	Marcelo José Lopes de Souza?	Geoprocessamento, Sistema de Informação Geográfica, SIG	RJ
Edna Maria Ribeiro de Medeiros	A geografia nas propostas curriculares 1930-1992	DISSERTAÇÃO	UFPE	1996	Jan Bitoun	Manuel Correia de Andrade, Rachel Caldas Lins	Proposta Curriculares, Projeto Institucional, Ident. Sociais	PE
Nelson da Nobrega Fernandes	O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)	DISSERTAÇÃO	UFRJ	1996	Iná Elias de Castro	Maurício de Almeida Abreu, Roberto Lobato de Corrêa, Odette Carvalho de Lima Seabra	Geografia Urbana, Geografia Cultural, Ideologia, Segregação Urbana, História Urbana, Imaginário Geográfico	RJ
Claudinei Lourenço	A natureza no ensino de geografia de 1º e 2ª graus: perguntas ao passado	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	1996	Gil Sodero de Toledo	José William Vesentini, Ana Maria Marques Camargo Marangoni	Geografia, Ensino, Natureza, Livro-Didático	SP
Iole Ilíada Lopes	O Lugar da Razão e a Razão do Lugar: Uma aproximação preliminar entre a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e a Geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1997	Armando Corrêa da Silva		Globalização, Lugar, Razão Comunicativa, Emancipação	SP
Mauro Luiz Peron	O Conceito de Região em Geografia: um estudo preliminar	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1997	Heinz Dieter Heidemann		Conceito, Região, Geografia	SP
Gunther Rudzit	O Processo de Formação do Oficial do Exército Brasileiro e a Geografia (1850 - 1930)	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1997	Antonio Carlos Robert Moraes			SP
Manoel Fernandes de Sousa Neto	Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil	DISSERAÇÃO	USP (GH)	1997	Antonio Carlos Robert Moraes		Políticas Públicas, Geografia Política, Poder	SP
Sérgio Luiz Nunes Pereira	Geografias. Caminhos e lugares da produção do saber geográfico no Brasil (1838-1922)	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	1997	José William Vesentini		Saber Geográfico, Historiografia	SP
Ana Maria Simões Coelho	Para uma caracterização do raciocínio geográfico	DISSERTAÇÃO	UFMG	1997	Janine Giselle LeSann		Raciocínio Geográfico	MG

Gislene Aparecida dos Santos	A idéia de Natureza em Jean-Jacques Rousseau: introdução a um debate	DISSERTAÇÃO	UFSC	1998	Leila Christina Duarte Dias	Paulo César da Costa Gomes, Selvino José Assmann	Século das Luzes, Razão, Geografia, Natureza, Jean-Jacques Rousseau	SC
Jussara Maria Guedes Machado	Cidadania, Espaço e Globalização: Uma leitura de Milton Santos	DISSERTAÇÃO	UFBA	1999	Maria Auxiliadora da Silva	Neyde Maria Santos Gonçalves, Maria Adelia Aparecida de Souza	Cidadania, Espaço, Globalização, Milton Santos	BA
Alcione Luis Pereira Carvalho	Geomorfologia e Geografia Escolar: O ciclo geográfico davisiano nos manuais de metodologia o ensino (1925-1993)	DISSERTAÇÃO	UFSC	1999	Marcelo Accioly Teixeira de Oliveira	Naldy Emerson Canali, (Spalding, J. M. C)?	Ensino de Geomorfologia, Ensino de Geografia, História da Geografia Escolar, Metodologia do Ensino de Geografia, Ciclo Geográfico	SC
Maria Eduarda Garcia Cardoso	O conceito de paisagem no livro didático e suas implicações para o ensino de geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	1999	Gil Sodero de Toledo	Heinz Dieter Heidemann, Bernardo Issler	Paisagem, Livro Didático, Geografia, Linguagem	SP
Flaviana Gasparotti Nunes	A Geografia Econômica na produção científica acadêmica dos programas de pós-graduação em Geografia no estado de São Paulo (1970-1998)	DISSERTAÇÃO	UNESP (PP)	2000	Eliseu Savério Sposito	Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Jose Gilberto de Souza	Epistemologia, Geografia Econômica, Produção Científica, Pensamento Geográfico, Abordagem Teórico-Metodológica	SP
Eliana Marta Barbosa Morais	A Ideia de Natureza na Prática Cotidiana	DISSERTAÇÃO	UFG	2000	Valter Casseti	Marcos Bernardino de Carvalho, Maria Geralda de Almeida	Geomorfologia Urbana, Natureza, Sociedade, Externalização, Goiânia	GO
Fabricio Pedroso Bauab	O organicismo da natureza dos quadros: um estudo sobre os principais vínculos teóricos que alicerçaram os Quadros da Natureza, de A. von Humboldt	DISSERTAÇÃO	UNESP (PP)	2001	Márcia Siqueira de Carvalho	Jorge Ulises Guerra Villalobos, Alvanir de Figueiredo (No lattes aparece como examinador de qualificação)	Mecanicismo, Modernidade, Natureza, Romantismo, Iluminismo	SP
Eulalia Maria Aparecida de Moraes	A Viagem Philosophica: O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e a paisagem brasileira do século XVIII	DISSERTAÇÃO	UEM	2001	Maria Eugênia Moreira Costa Ferreira	Jorge Ulises Guerra Villalobos, Jozimar Paes de Almeida	História da Ciência, Brasil Colônia, Século XVIII, Iluminismo Português	PR
Adriany de Ávila Melo Sampaio	Trajetórias do Ensino da Geografia no Brasil: 1978-1996	DISSERTAÇÃO	UFU	2001	Vânia Rubia Farias Vlach	José William Vesentini, Sandra Vidal Nogueira	Geografia Escolar Brasileira	MG
Antonio Alfredo Teles de Carvalho	Josué de Castro na Perspectiva da Geografia Brasileira- 1934-1956: uma contribuição à historiografia geográfica nacional	DISSERTAÇÃO	UFPE	2001	José Borzacchiello da Silva	Armen Mamigoniam, Edivânia Aguiar Gomes,	Josué de Castro, Pensamento Geográfico, Geografia Brasileira	PE
Charlles da França Antunes	Os Estudantes e a Construção da Geografia Brasileira: um encontro nos Encontros Nacionais de Estudantes de Geografia	DISSERTAÇÃO	UFF	2001	Ruy Moreira	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Douglas Santos	Movimento Estudantil, Renovação da Geografia, História do Pensamento Geográfico	RJ
Paulo Cesar Scarim	Coetâneos da Crítica: O Movimento de Renovação crítica da geografia brasileira	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2001	Ana Fani Alessandri Carlos	Antonio Carlos Robert Moraes, Ruy Moreira	História do Pensamento Geográfico, História das Ideias, História da Ciência,	SP

							Geografia, Marxismo, Pensamento Crítico	
Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	Territórios e Movimento Integralista: Uma Contribuição ao Estado das Ideologias Geográficas no Pensamento Autoritário Brasileiro das Décadas de 1920- 1930	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2001	Antonio Carlos Robert Moraes	Milton Lahuerta, Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota	Estado, Ideologias Geográficas, Movimento Integralista, Pensamento Político Autoritário	SP
Carlos Eduardo Flores de Araújo	Dimensões sócio-espaciais derivadas das teorias neoclássicas e marxistas acerca da localização industrial	DISSERTAÇÃO	UFMG	2001	Ralfo Edmundo da Silva Matos	Ricardo Carneiro, Geraldo Magela Costa, Maurício Borges Lemos	Sócio-Espacial, Neoclássica, Marxista, Localização Industrial	MG
Christian Fausto Moraes dos Santos	A primeira parte dos Diálogos Geográficos, Chronologicos, Políticos, e naturais de Joseph Barbosa de Sáa (1769), com algumas notas elucidativas	DISSERTAÇÃO	UEM	2002	Jorge Ulises Guerra Villalobos	Lucio Tadeu Mota, Nelson Papávero	História da Ciência, Século XVIII, Manuscrito Inédito, Cosmogonia	PR
Marcelo Japiassu Ramos	A produção Geográfico-Acadêmica na UFRJ, UNESP-Rio Claro e USP e o processo de RenovaçãoTeórica e Política da Geografia Brasileira no Período 1978-2001 ou onde estão os Movimentos Sociais na Geografia Brasileira?	DISSERTAÇÃO	UFF	2002	Márcio Piñon de Oliveira/Carlos Walter Porto-Gonçalves	Cátia Antônia da Silva, Carlos Walter Porto-Gonçalves	Movimentos Sociais, Geografia, Brasil	RJ
Renata Costa Ricoca	Os caminhos da terra: uma leitura estética da geografia espetáculo	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2002	Wagner Costa Ribeiro	Jorge Brito de Almeida, Odette Carvalho de Lima Seabra	Pensamento Geográfico	SP
Silvia Lopes Raimundo	A Invenção do Mito Bandeirante: Tradição e pensamento Regionalista na Historiografia Paulista das Décadas de 1920-1930	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2002	Antonio Carlos Robert Moraes	Murilo de Azevedo Marx, André Roberto Martin	História do Pensamento Geográfico, História Territorial, Ideologias Geográficas	SP
Magali Franco Bueno	O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2002	Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Maria de Lourdes Beldi de Alcântara, Maria Regina Cunha de Toledo Sader	Amazônia, Imaginário, lugar, Região, Representação	SP
Ronaldo Boerngen	Teorias, mapas e viagens - a geografia nos cursos superiores de turismo	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2002	Nídia Nacib Pontuschka	Regina Araújo Almeida, Mirian Rejowski	Geografia, Ensino, Geografia e Turismo, Turismo e Geografia	SP
Marcelo Werner da Silva	Paisagem urbana da cidade de São Paulo na visão de viajantes estrangeiros, 1808-1858	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2002	Liliana Bueno dos Reis Garcia	Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Liliana Laganá	Viajantes, História Urbana, São Paulo, Relatos de Viagem, História da Cidade, Geografia Histórica	SP
Rosângela Nasser Ganimi Brauna	O pensamento de Friedrich Ratzel - Considerações para a Geografia Contemporânea	DISSERTAÇÃO	UFMG	2003	Cássio Eduardo Viana Hissa	Márcia Maria Duarte dos Santos, Rodrigo Corrêa Teixeira, Marcia Maria Duarte dos Santos	Ciência, Geografia, Determinismo, Ratzel	MG

Nilton Abranches Junior	O Ambiente visto pela Geografia Agrária Brasileira: de 1939 a 1995	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2003	Ana Maria de Souza Melo Bicalho	Scott William Hoefle, Inês Aguiar de Freitas	Ambiente, Construções Ambientais, Geografia Agrária, História do Pensamento Geográfico	RJ
Mariana Guedes Raggi	Imagens dos sertões na obra de Euclides da Cunha	DISSERTAÇÃO	UFMG	2003	Cássio Eduardo Viana Hissa	Luís Alberto Ferreira Brandão Santos, Heloisa Soares de Moura Costa	Categorias da Geografia, Uma Reflexão dos Sertões	MG
Jorge Luís Ramos Nunes	Josué de Castro, o Geógrafo da Fome - uma abordagem crítica da obra e sua relação com o contexto econômico e político do Brasil	DISSERTAÇÃO	UFRGS	2003	Luiz Fernando Mazzini Fontoura	Álvaro Luiz Heidrich, Nelson Rego, Ruy Moreira,		RS
Dante Flávio da Costa Reis Júnior	O humano pelo viés quantitativo: um exame do (neo)positivismo em Speridião Faissol, através da análise de textos selecionados	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2003	José Carlos Godoy Camargo	Antonio Carlos Vitte, Archimedes Perez Filho, Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	(Neo)positivismo, Matematização, Geografia Quantitativa, Pensamento Geográfico Brasileiro, Speridião Faissol	SP
Antonio Lisboa	A questão ambiental no espaço agrário: possibilidades para um diálogo	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2003	Maria Naíse de Oliveira Peixoto	Glaucio José Marafon, Gisela Aquino Pires do Rio	Espaço Agrário, Questão Ambiental	RJ
Maria Silvia França Padilha	Análise comparativa e interpretativa de duas teses de doutoramento sobre o clima da área urbana de São Paulo	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2003	Jose Bueno Conti	João Lima Sant'Anna Neto, Tarik Rezende de Azevedo	São Paulo, Clima, Urbano	SP
Rosana Rios Corgosinho	O lugar no mundo contemporâneo	DISSERTAÇÃO	UFMG	2004	Cássio Eduardo Viana Hissa	Geraldo Magela Costa, Ralfo Edmundo da Silva Matos		MG
Guilherme da Silva Ribeiro	As Apropriações do Espaço no Pensamento de Eric Hobsbawm: Reflexões sobre a Epistemologia da Geografia	DISSERTAÇÃO	UFF	2004	Ruy Moreira	Cássio Eduardo Viana Hissa, Jorge Luiz Barbosa	Epistemologia, Interdisciplinaridade, Eric Hobsbawm, Annales, Ciência Moderna	RJ
Venilson Luciano Benigno Fonseca	A produção do espaço urbano e regional a partir da ótica do espaço enquanto referencial teórico de análise: algumas reflexões	DISSERTAÇÃO	UFMG	2004	Geraldo Magela Costa	Ralfo Edmundo da Silva Matos, Alexandre Magno Alves Diniz	Produção do Espaço Urbano e Regional, Teoria da Geografia	MG
Juliano Ricciardi Floriano Silva	O espaço Geográfico expresso nas histórias em quadrinhos: um experiência com Chico Bento	DISSERTAÇÃO	UNESP (PP)	2004	Eliseu Savério Sposito	Raul Borges Guimarães, Maria Lucia Amorim Soares	Paisagem Rural, Caipira, História em Quadrinhos, Ensino de Geografia	SP
Dilermando Cattaneo	Identidade Territorial em unidades de conservação: ponto de apoio para uma análise epistemológica da questão ambiental	DISSERTAÇÃO	UFRGS	2004	Dirce Maria Antunes Suertegaray	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Roberto Ferdum, Nelson Rego	Epistemologia Ambiental, Identidade Territorial, Unidades de Conservação	RS
Friederick Brum Vieira	Matrizes Teóricas da Geopolítica Brasileira: as contribuições de Travassos, Golbery e Meira Mattos	DISSERTAÇÃO	UERJ	2005	Ely Alves Penha	André Roberto Martin, Gilmar Mascarenhas de Jesus, Mônica Sampaio Machado		RJ
Romeu Antônio de Araújo	Esboço inicial da climatologia da Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2005	Tarik Rezende de Azevedo	Moyses Gonsalez Tessler, José Bueno Conti	Climatologia (Estudo e Ensino), Ensino Superior, Professores do Ensino Superior	SP

Amanda Estela Guerra	O atlas "Estado do Brasil": um olhar português sobre a América colonial	DISSERTAÇÃO	UFMG	2005	Márcia Maria Duarte dos Santos	Cássio Eduardo Viana Hissa, Maria Eliza Linhares Borges	Albernaz, Atlas Histórico, Cartografia Histórica, Estado do Brasil	MG
Maria Amélia Vila Nova	Geografia e literatura: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2005	Roberto Lobato Corrêa	Zeny Rosendahl, Scott William Hoefle	Geografia Cultural, Paisagem, Recife, Mocambos	RJ
Adriana Carvalho Silva	O espaço Carioca no olhar de lima Barreto: Um estudo da interação Literatura Geografia	DISSERTAÇÃO	UFF	2005	Ruy Moreira	Jacob Binsztok, Floriano José Godinho de Oliveira	Lugar, Espaço, Representação	RJ
Tulio Barbosa	O conceito de Natureza e análises dos livros didáticos de Geografia	DISSERTAÇÃO	UNESP (PP)	2006	Eliseu Savério Sposito	João Osvaldo Rodrigues Nunes, Ângela Massumi Katuta	Ensino, Aprendizagem, Natureza, Geografia, Livro Didático, Filosofia	SP
Giovane da Silva Mota	Contribuições para uma Teoria Geográfica do Lugar	DISSERTAÇÃO	UFPA	2006	Janete Marilia Gentil Coimbra de Oliveira/Ruy Moreira	Ruy Moreira, Gilberto de Miranda Rocha	Comunidade, Cotidiano, Lugar, Técnica, Mundo	PA
Matusalém de Brito Duarte	Leituras do "lugar-mundo-vivido" e do "lugar-território" a partir da intersubjetividade	DISSERTAÇÃO	UFMG	2006	Doralice Barros Pereira	Marco Aurélio Máximo Prado, Márcia Maria Duarte dos Santos	Geografia, Representações Sociais, Fenomenologia	MG
Marcos Barros de Souza	Geografia física: balanço de sua produção em eventos científicos no Brasil	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2006	Sueli Angelo Furlan	Antonio Carlos Vitte, José Bueno Conti	Geografia Física, Pensamento Geográfico, Geografia	SP
Dione Rossi Farias	Reflexões sobre a abordagem da geografia nos cursos de graduação em turismo do estado do Rio Grande do Sul, Brasil	DISSERTAÇÃO	UFSM	2006	Waterloo Pereira Filho	Bernardo Sayão Penna e Souza, Eduardo Abdo Yázigi, Eduardo Schiavone	Geografia, Turismo, cursos Superiores de Turismo	RS
Ana Maria de Albuqueque	Cidade em Revista: Saberes Geográficos em Fortaleza no Final do Século XIX e Início do Século XX	DISSERTAÇÃO	UECE	2006	Adelita Neto Carleial	Manoel Fernandes de Sousa Neto, Zenilde Baima Amóra		CE
Mariana Araujo Lamego	Positivismo lógico e geografia. Uma interpretação da relação entre o Círculo de Viena e a Geografia Quantitativa	DISSERTAÇÃO	UERJ	2006	Zeny Rosendahl	Roberto Lobato Corrêa, Mônica Sampaio Machado, João Baptista Ferreira de Mello	Positivismo Lógico, Geografia Quantitativa, Pensamento Geográfico, Epistemologia	RJ
Adriana Ferreira de Melo	O Lugar-Sertão: grafias e rasuras	DISSERTAÇÃO	UFMG	2006	Cássio Eduardo Viana Hissa	Heloisa Soares de Moura Costa, Sônia Maria de Melo Queiroz	Sertão, lugar, Espaço, Literatura, Transdisciplinaridade	MG
Frederico Roza Barcellos	Espaço e Lugar: O Olhar Geográfico Machadiano sobre o Rio de Janeiro no Final do século XIX e início do XX	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2006	Roberto Lobato Azevedo Corrêa	Zeny Rosendahl, Ana Maria Lima Daou	Espaço Geográfico, Olhar Geográfico Machadiano	RJ
Luiz Claudio Motta Lima	A trilogia sobre a paisagem carioca na obra de Nelson Pereira dos Santos	DISSERTAÇÃO	UERJ	2006	Gilmar Mascarenhas	Jorge Luiz Barbosa, Aureanice de Mello Corrêa, Rosselvelt José Santos	Paisagem, Cinema, Espaço Urbano, Rio de Janeiro	RJ
Josoaldo Lima Rêgo	Espaço, Modernidade e Literatura: Uma Leitura de "O Guesa", de Sousândrade	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2007	Júlio César Suzuki	Adilson Avansi de Abreu, Antonio Carlos Vitte	Sousândrade, Humboldt, O Guesa, Espacialidade, Modernidade, Nacionalismo	SP

Thiago Macedo Alves de Brito	Região: leituras possíveis de Milton Santos	DISSERTAÇÃO	UFMG	2007	Cássio Eduardo Viana Hissa	Geraldo Magela da Costa, José Geraldo Pedrosa	Região, Teoria, Milton Santos, Geografia	MG
Elias Lopes de Lima	A reinvenção da corporeidade: o cotejo entre a tradição moderna e a tradição indígena	DISSERTAÇÃO	UFF	2007	Ruy Moreira /Carlos Alberto Franco da Silva	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Élvio Rodrigues Martins	Corporeidade, Espaço, Sociedades Indígenas	RJ
Mariane de Oliveira Biteti	Uma Reflexão Sobre o Tema da Ontologia na Geografia	DISSERTAÇÃO	UFF	2007	Ruy Moreira	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Élvio Rodrigues Martins	Ontologia, Epistemologia, Espaço Geográfico	RJ
Volnei Antonio Sacardo	A autoridade acima de tudo! - O Pensamento Geográfico de Jackson Figueiredo	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2007	Fadel David Antonio Filho	Vânia Rubia Farias Vlach, Silvio Carlos Bray	História do Pensamento Geográfico, Pensamento Político Nacional, Discurso Geográfico, Intelectualidade, Autoritarismo, Ordem	SP
Janaina de Alencar Mota e Silva Marandola	Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2007	Lívia de Oliveira	Wenceslao Machado de Oliveira Jr, Lúcia Helena Batista Gratão	Morte e Vida Severina, Poesia, Espaço Telúrico, Imagens Geográficas, Geografia e Literatura	SP
Miguel Angelo Andrade	Auguste de Saint-Hilaire, de Ouro Branco a Serro: o olhar do naturalista, do viajante sobre a Estrada Real na região do Espinhaço Mineiro	DISSERTAÇÃO	PUC (MG)	2007	Oswaldo Bueno Amorim Filho	Wolney Lobato, Bernardo Machado Gontijo, Jeanne Marie Ferreira Freitas	Paisagem, História Ambiental, Serra do Espinhaço, Biogeografia, Auguste de Saint-Hilaire	MG
João Carlos de Oliveira Costa	Representação Cartográfica em trabalhos de Geografia no estado da Bahia	DISSERTAÇÃO	UFBA	2008	Catherine Prost	Artur Caldas Brandão, Sylvio Bandeira de Mello e Silva	Georreferenciamento, Geoprocessamento, Representação Cartográfica	BA
Adriana de Melo Simas	A Revista Brasileira de Geografia em Foco: Um Panorama Político-Territorial do Brasil, 1939 a 1945	DISSERTAÇÃO	UERJ	2008	Mônica Sampaio Machado	Cristina Pessanha Mary, Eli Alves Penha, Inês Aguiar de Freitas	Historiografia da Geografia, IBGE, Revista Brasileira de Geografia	RJ
Renato Guedes Vieites	A influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na Geografia Médica de Josué de Castro	DISSERTAÇÃO	UERJ	2008	Inês Aguiar de Freitas	Hélion Povoa Neto, Gilmar Mascarenhas de Jesus, Hindenburgo Francisco Pires	Possibilismo, Vidal de La Blach, Maximilien Sorre, Geografia Médica, Josué de Castro	RJ
Waldir Rugero Peres	Paisagens Fluminenses: a contribuição de Alberto Lamego	DISSERTAÇÃO	UERJ	2008	Inês Aguiar de Freitas	Jorge Soares Marques, Mônica Sampaio Machado, Carlos José Saldanha Machado	Complexidade, História Ambiental, Rio de Janeiro, Paisagem	RJ
Geórgia Stefânia Picelli Laubstein	História da disciplina Geografia - Contribuições da Memória de uma Educadora	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2008	Rosangela Doin de Almeida/João Pedro Pezzato	Agueda Bernadete Bittencourt, Amanda Regina Gonçalves	Ensino de Geografia, Geografia Escolar, Memórias	SP
Kalina Salaib Springer	As concepções de Natureza na Geografia: Reflexões a partir da produção científica do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPR	DISSERTAÇÃO	UFPR	2008	Francisco de Assis Mendonça	Antonio Carlos Vitte, Sylvio Fausto Gil Filho	Geografia, Natureza	PR

Rosangela Silva Sousa	Uma investigação sobre as teorias da cidade mundial, cidade global, cidade pós-moderna e sua relação com a cidade de São Paulo	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2008	Élvio Rodrigues Martins	Andre Roberto Martin, Jorge Luiz Barcellos da Silva	Cidade Mundial, Cidade Global, Cidade Pós-Moderna, São Paulo, Globalização	SP
Job Carvalho Bezerra	Constrangimentos e consensos necessários: princípios para a Ação Comunicativa na Geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2008	Suely Ângelo Furlan	Regina Araujo de Almeida, Marcos Bernardino de Carvalho	Geografia, Planejamento Urbano, Ação Comunicativa, Plano Diretor, Consenso, Constrangimento, Habermas	SP
Altair Gomes Brito	As montanhas e suas representações através dos tempos: buscando significados	DISSERTAÇÃO	UFPR	2008	Salete Kozel	Francisco de Assis Mendonça, Nelson Rego	Montanhas, Representações, Imaginário, Paisagem, Inconsciente Coletivo	PR
Tony Geraldo Carneiro	Epistemologia do Direito Ambiental: Uma abordagem interdisciplinar da geografia e do direito normativo aplicado	DISSERTAÇÃO	UFU	2008	Marlene Teresinha Muno Colesant	Ezalmone Moreira dos Santos, Aguinaldo Alemar	Direito Ambiental, Geografia, Interdisciplinaridade, Sustentabilidade, Princípio da Significância	MG
Alessandro Andrade Haiduke	Chão partido: Conceitos de espaço nos romances *quinze* de Raquel de Queiroz e *A bagaceira* de José Américo de Almeida	DISSERTAÇÃO	UFPR	2008	Wolf-Dietrich Sahr	Salete Kozel Teixeira, Silvana de Oliveira	Espaço Geográfico, Literatura, Nordeste, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida	PR
Liz Andreia Giaretta	Monteiro Lobato e o Sítio do Pica-Pau Amarelo: Uma Análise do Pensamento Geográfico	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2008	Fadel David Antonio Filho	Vânia Rubia Farias Vlach, Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira	História do Pensamento Geográfico, Visão de Mundo, Monteiro Lobato, Literatura Infantil, Sítio do Pica-Pau Amarelo	SP
Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	Influências da filosofia kantiana e do movimento romântico na Gênese da Geografia Moderna: a constituição dos conceitos de espaço, natureza e morfologia em Alexander von Humboldt	DISSERTAÇÃO	UNICAMP	2008	Antonio Carlos Vitte	Ruy Moreira, Marco Aurélio Werle	Geografia Moderna, Espaço, Natureza, Morfologia, Alexander Von Humboldt	SP
Andréia Aparecida Moreira de Sousa	Geografia e Literatura: A representação de Goiânia em Fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício	DISSERTAÇÃO	UFG	2008	Eguimar Felício Chaveiro	Maria Geralda de Almeida, Goiamérico Felício Carneiro dos Santos	Representação Social, Geografia, Literatura, Cidade, Paisagem	GO
Natallye Lopes Santos Oliveira	Representação espacial do Nordeste: O olhar armorial de Ariano Suassuna	DISSERTAÇÃO	UFF	2008	Ruy Moreira	Fátima Napoleão de Lima, Ivaldo Gonçalves de Lima	Representação, Espaço, Romance, Nordeste, Suassuna	RJ
Marcelus Cezar Fernandes Silva	Das representações nordestinas à representação severina: a construção de uma espacialidade pela obra poética de João Cabral de Melo Neto	DISSERTAÇÃO	UFF	2008	Ruy Moreira	Jose Carlos Milléo de Paula, Marcos Antônio Campos Couto	Representações, Sertanejos, Nordeste	RJ

Edir Augusto Dias Pereira	As Representações Espaciais no Ensaísmo Brasileiro de Expressão Amazônica	DISSERTAÇÃO	UFF	2008	Rogério Haesbaert da Costa	Eli Napoleão Lima, Carlos Walter Porto-Gonçalves	Amazônia, Imaginário, Representação, Ensaio e Colonialidade	RJ
Francisco Aragão Azeredo	Políticas Imigratórias Brasileiras no Pós-Segunda Guerra: uma análise a partir dos periódicos de Geografia	DISSERTAÇÃO	UERJ	2008	Helion Póvoa Neto	Giralda Seyferth, Mônica Sampaio Machado, Sydenham Lourenço Neto	Brasil, Migração	RJ
Rosangela Maria Ribeiro Muniz	Geografia, Política e Meio Ambiente - Interações e integrações possíveis: Uma análise da produção científica do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia (2000-2007)	DISSERTAÇÃO	UFU	2009	Vânia Rubia Farias Vlach	Sérgio Luiz Miranda, Ignez Costa Barbosa Ferreira	Inovação Tecnológica, Transferência de Tecnologia, Geografia e Meio Ambiente	MG
Lucineide Fabia Rodrigues Lopes	A Região Nordeste nos livros didáticos de Geografia: Uma Análise Histórica	DISSERTAÇÃO	UFPB	2009	Maria Adailza Martins de Albuquerque	Ariane de Menezes Sá, Belarmino Mariano Neto, Anieres Barbosa da Silva	Região Nordeste, Geógrafos	PB
Sueli Santos da Silva	Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território	DISSERTAÇÃO	UNIOESTE (FB)	2009	Marcos Aurélio Saquet	Marcelo Dornelis Carvalhal, María Mónica Arroyo	Geografia, Espaço, Território	PR
Cleder Fontana	Uma Cartografia da Fome no Brasil: Um Estudo da Geografia da Fome (1946), de Josué de Castro, e dos dados de insegurança alimentar da PNAD (2004)	DISSERTAÇÃO	FURG	2009	Rosa Elena Noal	Gomercindo Ghiggi, Rosangela Lurdes Spironello, Sandro de Castro Pitano	Geografia, Cartografia, Fome no Brasil, Josué de Castro	RS
Astrogildo Luiz de França Filho	O marxismo no pensamento geográfico da Renovação: uma aproximação com Althusser	DISSERTAÇÃO	UFF	2009	Ruy Moreira	Charlles da França Antunes, Adrelino de Oliveira Campos, Jacob Binsztok	Geografia, Marxismo, Althusser	RJ
Elizabeth Hofstetter Dias	A natureza da Geografia e seus Métodos em Alfred Hettner	DISSERTAÇÃO	UERJ	2009	Inês Aguiar de Freitas	Gilmar Mascarenhas de Jesus, Sérgio Nunes Pereira	Escola Alemã de Geografia, Alfred Hettner, Metodologia da Geografia	RJ
Leonardo Arantes Ventura da Silva	Da Geografia da Natureza à Natureza da Geografia: Uma Breve Consideração acerca da Contribuição de Kant à Ciência Geográfica e aos Conceitos de Natureza, História, Espaço e Tempo	DISSERTAÇÃO	UFF	2009	Ruy Moreira	Rogério Haesbaert, Carlos Walter Porto-Gonçalves	Epistemologia da Geografia, Teoria e Metodologia da Geografia, História do Pensamento Geográfico, Filosofia Transcendental, Geografia e Modernidade, Teoria do Espaço	RJ
Magali Gomes Nogueira	Suportes e técnicas do conhecimento: A importância da produção do papel na representação Cartográfica do Mundo	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2009	Mario de Biasi	Iris Kantor, Ester Limonad	Cartografia, Suporte, Papel, Transmissão do Conhecimento, Portulanos, Cartografia Hebraica	SP
Suseny Maia Teles Ruffini	O espaço urbano na Literatura de Cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro	DISSERTAÇÃO	UFBA	2009	Maria Auxiliadora da Silva	Creuza Santos Lage, José Antônio Saja Ramos Neves dos Santos	Literatura de Cordel, Espaço Urbano, Cotidiano, Lugar, Organização Espacial, Geografia	BA

Rachel de Almeida Moura	Ações e olhares: a paisagem da Cidade do Rio de Janeiro nos cartões-postais (1900 - 1935)	DISSERTAÇÃO	UERJ	2009	Inês Aguiar de Freitas	Rafael Winter Ribeiro, João Baptista Ferreira de Mello, Susana Mara Miranda Pacheco	Rio de Janeiro, Paisagem, Geografia Cultural, Natureza, Cultura.	RJ
Wagner da Silva Dias	A ideia de América Latina nos livros didáticos de geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2009	Sonia Maria Vanzella Castellar	Élvio Rodrigues Martins, Jorge Luiz Barcellos da Silva	América Latina, Geografia Escolar, Livro Didático	SP
Dulcimara Lugoboni Marinheiro	Região e regionalização nos livros didáticos de geografia	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2009	Marísia Margarida Santiago Buitoni	Regina Célia Bega dos Santos, Douglas Santos, Marcia Maria Cabreira	Região, Regionalização, Livro Didático, Ensino de Geografia	SP
Clodoaldo Gomes Alencar	O conceito de território: uma análise dos documentos nacionais de Geografia para o Ensino Médio	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2009	Marísia Margarida Santiago Buitoni	Nídia Nacib Pontuschka, Marcos Bernardino de Carvalho	Reforma do Ensino Médio, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares Nacionais, Território, Ensino de Geografia	
Carlos Francisco Gerencsez Geraldino	O conceito de meio na Geografia	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2010	Élvio Rodrigues Martins	Douglas Santos, Manoel Fernandes de Sousa Neto	Meio, Conceito, Geografia, Epistemologia, Ontologia	SP
Richarlison da Costa e Silva	Análise da Produção Científica em Programas de Pós-graduação em Geografia no Brasil (1987-2006)	DISSERTAÇÃO	UFAM	2010	Ricardo José Batista Nogueira	Benhur Pinós da Costa, Amélia Regina Batista Nogueira	Geografia, Estado da Arte, Pós-graduação, Produção Geográfica	AM
Diogo Marçal Cirqueira	Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos	DISSERTAÇÃO	UFG	2010	Alex Ratts	Eguimar Felício Chaveiro, Renato Emerson dos Santos	Milton Santos, Corporeidade Negra	GO
Humberto Goulart Guimarães	Uma odisséia para o espaço: proposta de análise da existência espacial humana na geografia científica	DISSERTAÇÃO	UFF	2010	Ruy Moreira	Jorge Luiz Barbosa, Marcos Antônio Campos Couto	Humanidade, Espaço, Existência, Espacialidade, Ontologia em Geografia	RJ
Marco de Souza Paes	Liberdade e natureza: o problema da causalidade nas críticas de Kant e sua influência na geografia alemã neokantiana	DISSERTAÇÃO	UERJ	2010	Gilmar Mascarenhas de Jesus	Inês Aguiar de Freitas, Cátia Antonia da Silva	Immanuel Kant (1724-1804), Causalidade, Neokantismo, Geografia Humana, História Natural	RJ
Lucas Mello de Souza	Canta Cantos: uma forma alternativa de se fazer Geografia	DISSERTAÇÃO	UFMG	2010	Bernardo Machado Gontijo	Ralfo Edmundo da Silva Matos, Jose Antonio Souza de Deus, Oswaldo Bueno Amorim Filho	Teoria, Geografia, Metodologia, Epistemologia, Método	MG
Gustavo Soares Iorio	A revista INTERIOR (1974-1989): 'síntese da vida nacional' e representação do interior no Brasil	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2010	Ana Maria Lima Daou	Antônio Carlos de Souza Lima, Sergio Luiz Nunes Pereira, Lia Ósorio Machado	Imaginário do Sertão, Pensamento Geográfico, Pensamento Social Brasileiro, Regime Militar no Brasil, Ministério do Interior, Revista INTERIOR.	RJ

Sâmea Silva de Melo Barcelos	A Rede de Pensamento da Geografia Urbana Brasileira: uma análise através da Revista Brasileira de Geografia, de 1939 a 1995	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2010	Roberto Lobato Corrêa	Olga Maria Schild Becker, Willian Ribeiro da Silva, Miguel Angelo Campos Ribeiro	Revista Brasileira de Geografia, Geografia Urbana, Pensamento Geográfico	RJ
Flora Sousa Pidner	Diálogos entre ciência e saberes locais: dificuldades e perspectivas	DISSERTAÇÃO	UFMG	2010	Cássio Eduardo Viana Hissa	Doralice Barros Pereira, Jose Geraldo Pedrosa	Utopia, Ecologia de Saberes, Saberes Locais, Lugar, Modernidade, Ciência Moderna	MG
David Alejandro Ramírez Palacios	Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2010	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Antonio Carlso Robert Moraes, Carla Mariana Lois	Colômbia, Geografia, Élisée Reclus, Cartografia	SP
Fabiana Machado Leal	Coordenadas Geográficas: ser-no-mundo	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2010	Élvio Rodrigues Martins	Fernanda Padovesi Fonseca, Cecilia Cardoso Teixeira de Almeida	Geografia, Corografia, Corologia, Localização, Epistemologia	SP
Yanci Ladeira Maria	Paisagem: entre o sensível e o factual, uma abordagem a partir da geografia cultural	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2010	Élvio Rodrigues Martins	Adilson Avansi de Abreu, Jorge Luiz Barcellos da Silva	Paisagem, Augustin Berque, Homem-Meio, Natureza, Geografia Cultural, Augustin Berque	SP
Alexandre Eslabão Bandeira	Reflexões teóricas sobre os processos sociais da contradição Exclusão/Inclusão	DISSERTAÇÃO	FURG	2010	Dário de Araújo Lima	Sandro de Castro Pitano, Fabrício Pedroso Bauab, Marcelo Vinicius de La Rocha Domingues	Dialética inclusão/exclusão, Processos sociais, Complexidade do Sistema	RS
Sandra do Nascimento	A contemporaneidade da Nova Atlântida de Francis Bacon (1516-1626): contribuições para uma epistemologia da técnica na perspectiva da geografia na atualidade	DISSERTAÇÃO	UNIOESTE (FB)	2010	Fabrício Pedroso Bauab	Antonio Carlos Vitte, Fernando dos Santos Sampaio	Técnica, Trabalho, Ciência, Natureza, Espaço	PR
Drielli Peyerl	A trajetória do paleontólogo Frederico Waldemar Lange (1911-1988) e a História das Geociências	DISSERTAÇÃO	UEPG	2010	Elvio Pinto Bosetti/Edson Armando Silva	Luiz Alexandre Gonçalves Cunha, Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa	História da Ciência, História das Geociências, Trajetória intelectual, Paleontologia, Petróleo, Região	PR
Elias Coimbra da Silva	O texto enquanto território-processo de territorialização na redefinição do pensar: Uma contribuição a partir de mil platôs	DISSERTAÇÃO	UFGD	2010	Jones Dari Goettert	Cláudio Benito de Oliveira Ferraz, Alexandre Bergamin Vieira	Território-Processo, Agenciamento, Rizoma, Poder, Cientificidade	MS
Leila Barbosa Costa	Uma leitura sobre a geografia escolar de Hilton Sette e Manuel Correia de Andrade	DISSERTAÇÃO	UFPB	2010	Maria Adailza Martins de Albuquerque	Carlos Augusto de Amorim Cardoso, Josué Pereira da Silva	Manuais Escolares, Geografia Escolar, Ensino de Geografia	PB
Renata Huber	Ambiência e Mitos nos discursos e práticas acadêmicas: uma análise das monografias e dissertações do PPGGeo/UFSM	DISSERTAÇÃO	UFSM	2010	Bernardo Sayão Penna e Souza	Dirce Maria Antunes Suertegaray, Carmem R. Flores Wizniewsky	Ambiente, Mitos, Meio Ambiente, Sociedade	RS
Fernando Frederico Bernardes	(Meio) Ambiente: Rompendo Paradigmas na Produção Científica e no Ensino da Geografia e da Biologia	DISSERTAÇÃO	UFRGS	2010	Dirce Maria Antunes Suertegaray	Dakir Larara Machado da Silva, João Osvaldo Rodrigues Nunes, Roberto Verdum	Ambiente, Biologia, Ecologia, Educação, Geografia, Transdiciplinar	RS

Francisca Diana Pereira de Farias	O complexo geográfico em Os Sertões de Euclides da Cunha	DISSERTAÇÃO	UFRN	2010	Aldo Aloisio Dantas da Silva	Eugênia Maria Dantas, Samir Cristino de Souza	Literatura, Imaginação, Imagem, Geografia, Complexo	RN
Karina Fernanda Travagim Viturino Neves	Relação cidade-campo: estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA)	DISSERTAÇÃO	UFBA	2010	Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva	Guiomar Inez Germani, Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira	Relação Cidade-Campo, Epistemologia da Geografia, Geografia Agrária Brasileira, Encontros Nacionais de Geografia Agrária	BA
Larissa Warnavin	Discurso ambiental na Geografia Brasileira: Uma abordagem a partir da Revista Brasileira de Geografia (1941-2005)	DISSERTAÇÃO	UFPR	2010	Francisco Mendonça	Wolf-Dietrich Sahr, Maria Luisa Gomes Castello Branco	Epistemologia, Geografia, Meio Ambiente	PR
Patrícia Frangelli Bugallo Lopes	Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil - 1989 - 2009	DISSERTAÇÃO	UERJ	2010	Zeny Rosendahl	Scott William Hoefle, Aurênice de Mello Corrêa, Miguel Ângelo Campos Ribeiro, Mônica Sampaio Machado	História do Pensamento Geográfico, Geografia Cultural, Geografia da Religião no Brasil, Método Reflexivo, Campo de Pierre Bourdieu	RJ
Valéria de Meira Albach	Panorama da pesquisa em turismo nos mestrados em Geografia do Brasil: o caso do mestrado em geografia da UFPR	DISSERTAÇÃO	UFPR	2010	José Manoel Gonçalves Gândara	Miguel Bahl, Eliana Regina Ferretti	Pesquisa em Turismo, Geografia do Turismo, Mestrandos em Geografia	PR
Shanti Nitya Marengo	A espessura do lugar: leitura sobre o lugar nos Simpósios nacionais de geografia urbana	DISSERTAÇÃO	UFBA	2010	Wendel Henrique	Pedro Almeida Vasconcelos, Nelba Azevedo Penha	Lugar, Geografia Urbana, Epistemologia	BA
Luana Dall'Agnol Ribeiro	A cidade do século XVII e o urbano de hoje: Salvador e as poesias de Gregório de Mattos em suas permanências e rugosidades na atualidade	DISSERTAÇÃO	UFBA	2010	Maria Auxiliadora da Silva	Neyde Maria Santos Gonçalves, Regina Celeste de almeida Souza	Geografia, Literatura, Espaço Urbano, Salvador	BA
Aldo Gonçalves de Oliveira	A Cartografia Escolar e o Ensino de Geografia no Brasil: Um Olhar Histórico e Metodológico a partir do Livro Didático (1913-1982)	DISSERTAÇÃO	UFPB	2010	Maria Adailza Martins de Albuquerque	Carlos Augusto de Amorim Cardoso, Edilson Alves de Carvalho	Ensino de Geografia, Cartografia Escolar, Livro Didático	PB
Clayson Morimoto	A interdisciplinaridade do meio ambiente: da geografia ao direito ambiental	DISSERTAÇÃO	UEL	2010	Rosana Figueiredo Salvi	Eloiza Cristina Torres, Cezar Bueno de Lima	Meio Ambiente, Geografia, Direito Ambiental, Interdisciplinaridade	PR
Pedro de Araújo Quental	Entre o fato e o artefato: a invenção do conceito de América Latina	DISSERTAÇÃO	UFF	2010	Carlos Walter Porto-Gonçalves	Jorge Luiz Barbosa, Charlles da França Antunes	América Latina, América, História dos conceitos	RJ
Marcos Aurelio Marques	Literatura e Geografia: A poética do lugar em Thiago de Mello	DISSERTAÇÃO	UNIR	2010	Josué da Costa Silva	Wolf-Dietrich Sahr, Ana Maria Felipini Neves	Amazônia, Cultura, Geografia Humana, Literatura.	RO

José Elias Pinheiro Neto	Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto	DISSERTAÇÃO	UFG (CT)	2010	Maria Imaculada Cavalcante / Maria Geralda de Almeida	Idelvone Mendes Ferreira, Marisa Martins Gama Khalil	Paisagem, Literatura, Geografia, Morte, Severina, Espaço	GO
Marcelo Augusto Miyahiro	O Brasil de Élisée Reclus: território e sociedade em fins de século XIX	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2011	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Maria Amelia Marcarenhas Dantes, Luciene Pereira Carris Cardoso	História da Geografia, História Social da Geografia, História do Pensamento Geográfico, Élisée Reclus, Brasil	SP
Maria Del Mar Ferrer Jordá Poblet	A dimensão espaço-temporal em Fernand Braudel: aportes teóricos para a geografia	DISSERTAÇÃO	UFMG	2011	Cássio Eduardo Viana Hissa	José Geraldo Pedrosa, Doralice Barros Pereira	Espaço-Tempo, Vernunft, Transdisciplinaridade, Fernand Braudel	MG
Reginaldo Carlos de Abreu	A abordagem conceitual de Região no âmbito da ciência geográfica e da política governamental de Mato Grosso: Estabelecendo relações com o ensino do conceito de região na educação básica	DISSERTAÇÃO	UFMT (CB)	2011	Márcia Ajala Almeida	Zuleika Alves de Arruda, Cornélio Silvano Vilarinho Neto	Geografia, Região, Estado, Ensino	MT
Naiara Cristina Azevedo Vinaud	Nos confins dos chapadões sertanejos: Pensamento Geográfico em Mário Palmério	DISSERTAÇÃO	UFU	2011	Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo	Rogata Soares Del Gaudio Longhi, Túlio Barbosa	Geografia, Literatura, Formação Territorial, Identidade, Pensamento Geográfico	MG
Edivaldo Fernandes Ramos	As cidades médias em perspectiva: uma análise dos papéis e tendências de um grupo de cidades médias brasileiras	DISSERTAÇÃO	UFMG	2011	Ralfo Edmundo da Silva Matos / Ricardo Alexandrino Garcia	Carlos Fernando Ferreira Lobo, Marly Nogueira, Weber Soares	Cidades médias, Urbanização, Rede urbana, Região de influência	MG
Paul Sutermeister	A redescoberta da geografia por economistas: um comentário a partir de 'Geografia é destino?'	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2011	José William Vesentini	Heinz Dieter Heidemann, Marcos Bernardino de Carvalho	Banco Iteramericano de Desenvolvimento, Determinismo Geográfico, Trópicos	SP
Pedro Henrique Denski	O mais intenso deleite que proporciona o homem a si mesmo metafilosofia e abertura poética do mundo na obra de Henri Lefebvre	DISSERTAÇÃO	UFMG	2011	Sergio Manuel Merêncio Martins	Amelia Luisa Damiani, José Geraldo Pedrosa, Rogata Soares Del Gaudio, Claudinei Lourenço		MG
João Paulo Vicensio	A Categoria Estado na obra de Milton Santos	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2011	Douglas Santos	Élvio Rodrigues Martins, Gustavo de Oliveira Coelho de Souza	Milton Santos, Estado, Espaço Geográfico	SP
Rildo Borges Duarte	Incógnitas Geográficas: Francisco Bhering e as questões territoriais brasileiras no início do século XX	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2011	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Maria Amelia Marcarenhas Dantes, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	Geografia, Cartografia, Engenharia, Modernização, Telegrafia	SP
Marcelo Antonio Fontanive	Pantanal: a construção de uma paisagem a partir das concepções de estética e de natureza	DISSERTAÇÃO	UFGD	2011	Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	Flaviana Gasparotti Nunes, Eudes Fernando Leite		
Sara Cristina Pastro Stevani	A Formação Territorial do Brasil na obra de Caio Prado Jr	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2011	Paulo Roberto Teixeira de Godoy	Manoel Fernandes de Sousa Neto, Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira	Território, Regionalismo, Mandonismo, Desenvolvimento, Desigual e Combinado	SP

Thiago Tavares de Souza	História da Geografia Escolar: um estudo da Cultura Escolar através da narrativa de uma Professora	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2011	João Pedro Pezzato	Bernardete Aparecida Caprioglio de Castro Oliveira, Renata Cristina de Oliveira Barrichelo Cunha	História das Disciplinas Escolares, Geografia Escolar, História Oral, Cultura Escolar, Ciclo de Vida de Professores	SP
Melissa Souza dos Anjos	Lugares e personagens do universo Buarqueano	DISSERTAÇÃO	UERJ	2011	João Baptista Ferreira de Mello	Vanderli Custódio, Carlinda Fragale Pate Nuñez, Miguel Ângelo Campos Ribeiro	Geografia humanística, Literatura, Lugar, Música, Subjetividade, Chico Buarque	RJ
Suelen Rosa Pelissaro	O sertão e suas metamorfoses em Sagarana e Primeiras estórias, de João Guimarães Rosa	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2011	Heinz Dieter Heidemann	Carlos de Almeida de Toledo, Stefan Wilhelm Bolle	Sertão, Modernização, Rosa, Território, Região	SP
João Paulo Rabello de Castro Centelhas	O metabolismo sócio-ecológico como ordem espacial: um estudo da dialética entre a espaço-temporalidade ecossistêmica e a espaço-temporalidade social-capitalista.	DISSERTAÇÃO	UFRJ	2011	Evaristo de Castro Junior / Ruy Moreira			RJ
Adriana Persiani	Albert Löfgren: a atualidade do pensamento de um pioneiro nos campos da climatologia, fitogeografia e conservação da natureza no Brasil	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2012	Yuri Tavares Rocha	Ana Maria Marques Camargo Marangoni, Maria Margaret Lopes, Paulo Celso Miceli, José Bueno Conti, Adilson Avansi de Abreu	Albert Lofgren, Comissão Geographica e Geológica de São Paulo, História da Ciência, Paisagem, Fitogeografia, Proteção Ambiental	SP
Everaldo Macena de Lima Neto	Sobre a Natureza da Geografia entre Richard Hartshorne e Fred k. Schaefer: Um fragmento inacabado	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2012	Élvio Rodrigues Martins	Isabel Aparecida Pinto Alvarez, Jorge Luiz Barcellos da Silva	Geografia, Richard Hartshorne, Fred K. Schaefer, Metodologia, Epistemologia	SP
Ana Lucia Teixeira	A geografia Brasileira em Villa-Lobos	DISSERTAÇÃO	UERJ	2012	Mônica Sampaio Machado	Susana Mara Miranda Pacheco, Jorge Luiz Barbosa	Geografia histórica, Geografia Material Brasileira	RJ
Larissa Alves de Lira	O primeiro esboço do método geográfico de Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo. Permanências e rupturas no contexto da institucionalização da geografia (1872-1918)	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2012	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Lincoln Ferreira Secco, Perla Brígida Zusman	Vidal de La Blache, História da Geografia, Mediterrâneo, Tempo Geográfico, Geografia Humana, Geografia Botânica	SP
Evelin Cunha Biondo	Ambiente e geografia: um estudo da relação entre espaço geográfico e educação ambiental	DISSERTAÇÃO	UFRGS	2012	Dirce Maria Antunes Suertegaray	Nelson Rego, Cláudia Luiza Zeferino Pires, Rosa Maris Rosado	Educação Ambiental, Geografia, Espaço Geográfico, Complexidade, Materiais didáticos	RS
Maria Ediney Ferreira da Silva	O Nordeste nos livros didáticos de Geografia - 1905 a 1950	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2012	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Maria Dulcineia da Silva Loureiro, Sonia Maria Vanzella Castellar	Região Nordeste do Brasil, Livro didático,	SP

							Representação, Geografia Escolar	
Ana Paula Massucato Silva	Geografia Tropical: a produção de uma disciplina colonial na obra de Leo Waibel	DISSERTAÇÃO	UFF	2012	Lucelinda Schramm Corrêa	Sérgio Luiz Nunes Pereira, Ester Limonad, Denilso Araujo de Oliveira	Determinismo Geográfico, Leo Waibel, Eurocentrismo, Geografia Tropical, Colonialismo	RJ
Ronaldo Gomes Carmona	Geopolítica Clássica e Geopolítica Contemporânea: Mahan, Mackinder e a "grande estratégia" do Brasil para o Século XXI	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2012	André Roberto Martin	Wanderley Messias da Costa, Eli Alves Penha	Teoria Geopolítica, Relações Internacionais, Política Externa e de Defesa do Brasil	SP
Bianchi Agostini Gobbo	O conceito de natureza no pantanal e a filosofia de Friedrich Nietzsche – contribuições para a geografia e seu ensino	DISSERTAÇÃO	UFGD	2012	Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	Douglas Santos, Jones Dari Goettert	Geografia, Linguagem, Ensino de Geografia, Pantanal, Filosofia	MS
Ricardo Devides Oliveira	A Geografia pós-unificação territorial alemã: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner	DISSERTAÇÃO	UNICAMP	2012	Antonio Carlos Vitte	Antonio Carlos Robert Moraes, Marcos Bernardino de Carvalho	Institucionalização, Pensamento Geográfico, Alemanha	SP
Joice Aparecida Antonello Abrão	Análise dos principais elementos teóricos metodológicos utilizados por autores da geografia ao estudar o Sudoeste do Paraná	DISSERTAÇÃO	UNIOESTE (FB)	2012	Marcos Aurélio Saquet	Roseli Alves dos Santos, Manoel Calaça	Geografia, Agricultura Familiar, Espaço, Território, Desenvolvimento	PR
Silma Momesso	Os “retratos” do Paraíso: A desconstrução do mito epopeico. Uma análise da Expedição Langsdorff através do discurso iconográfico de Hercule Florence	DISSERTAÇÃO	UNESP (RC)	2012	Paulo Roberto Teixeira de Godoy	Manuel Fernandes de Sousa Neto, Fadel David Antonio Tuma Filho	Expedição Langsdorff, Iconografia, Hercule Florence, Materialismo Histórico e Dialético	SP
Josevan Dutra dos Santos	Uma discussão sobre a filogênese Kant-Goethe-Schopenhauer na constituição do conceito Forma-Paisagem e seu impacto na Geografia Humboldtiana	DISSERTAÇÃO	UNICAMP	2012	Antonio Carlos Vitte	Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Francisco Sergio Bernardes Ladeira	Forma-Paisagem, Histórico-Filosófico, Geografia	SP
Joana Jakeline de Alcantara	O conceito de território nos livros didáticos de geografia do ensino médio do autor Mehen Adas (1970 -1990)	DISSERTAÇÃO	UFPB	2012	Maria Adailza Martins de Albuquerque	Marcos Antonio Metidiero Júnior, Vanilton Camilo de Souza	Território, Geografia, Disciplina Escolar, Livro Didático	PB
Nataly Andrea Pérez Cisternas	O conceito de cidade em Geografia nos livros didáticos do Chile e do Brasil	DISSERTAÇÃO	UFG	2012	Lana de Souza Cavalcanti	Vanilton Camilo de Souza, Marcelo Garrido Pereira	Livro Didático, Cidade, Geografia, Análise Crítica do Discurso	GO
Naiemer Ribeiro de Carvalho	Geographia do Brazil: a construção da nação nos livros didáticos de Geografia da Primeira República	DISSERTAÇÃO	UFMG	2012	Doralice Barros Pereira / Rogata Soares Del Gaudio	Sérgio Manuel Merêncio Martins, Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo	Ideologia Nacional, Discurso Nacionalista, Geografia Escolar, Livros didáticos, História do Pensamento Geográfico	MG
Marcos Aurélio Fernandes	A relação cidade-campo no romance Moleque Ricardo de José Lins do Rego	DISSERTAÇÃO	UFPB	2012	Maria de Fátima Ferreira Rodrigues	Eduardo José Marandola Júnior, Doralice Sátyro Maia	Geografia e Literatura, José Lins do Rego, Campo, Cidade	PB

Artur Monteiro Leitão Júnior	As imagens do sertão na literatura nacional: o projeto da modernização territorial brasileira a partir dos romances regionalistas da geração de 1930	DISSERTAÇÃO	UFU	2012	Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	Rafael Straforini, Gláucia Carvalho Gomes	Sertão, Segunda Geração Modernista, Discursos Literários, Modernização, Projetos Estatais-Nacionais, Era Vargas (1930-1945)	MG
Aparecida Rmazotti de Camargo	Aproximações metodológicas entre a geografia e a literatura	DISSERTAÇÃO	UEL	2012	Rosana Figueiredo Salvi	Fadel David Antonio Tuma Filho, Ideni Terezinha Antonello	Interdisciplinaridade, Geografia, Literatura	PR
Conceição Aparecida de Castro	Sertão do Alto São Francisco, Minas Gerais: uma representação da paisagem a partir dos relatos de viagem e da Cartografia do Barão de Eschwege	DISSERTAÇÃO	PUC (MG)	2012	José Flávio Morais Castro	Oswaldo Bueno Amorim Filho, Doralice Barros Pereira	Geografia Histórica, Naturalistas Viajantes, Cartografia	MG
David Augusto Santos	A abordagem do conceito de natureza nas propostas curriculares de geografia dos estados de São Paulo e do Paraná: uma correlação entre a teoria e a prática	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2012	Marísia Margarida Santiago Buitoni	João Evangelista de Souza Lima Neto, Sonia Maria Vanzela Castelar	Currículos, Ensino de Geografia, Natureza	SP
Patrícia Velasco	Terra Seca, Homem Seco: as Relações entre a Literatura e o Ensino de Geografia	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2012	Marísia Margarida Santiago Buitoni	Mauro Luiz Peron, Marcia Maria Cabreira	Sertanejo, Graciliano Ramos, Romance, Literatura, Geografia	SP
Kassiane Nascimento da Silva Albuquerque	Paisagem e Representação: A Amazônia nos relatos do Casal Agassiz (1865 -1866)	DISSERTAÇÃO	UFAM	2013	Amélia Regina Batista Nogueira		Estudo da Geografia, Louis Agassiz, Filosofia, Paisagem	AM
Renata Santos Rente	Região geográfica e o regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2013	Heinz Dieter Heidemann	Carlos de Almeida Toledo, Joao Adolfo Hansen	Modernização, Grande Sertão: Veredas, Região Regionalismo, Sertão	SP
João Vitor Gobis Verges	O projeto científico de Alexander von Humboldt (1769-1859): introdução às dimensões transdisciplinares nas obras Quadros da Natureza e Cosmos	DISSERTAÇÃO	UNIOESTE (FB)	2013	Fabrício Pedroso Bauab	Sílvia Regina Pereira, João Osvaldo Rodrigues Nunes, Marga Eliz Pontelli, Alexandre Domingues Ribas	Epistemologia, Geografia, Humboldt, Natureza	PR
Marco Túlio Martins	A Geografia e o Projeto de Brasil: pensamento geográfico em Nelson Werneck Sodré	DISSERTAÇÃO	UFU	2013	Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	Murilo Mendonça Oliveira de Souza, Edilson José Graciolli		MG
Gilvan Charles Cerqueira de Araújo	Do ufanismo edênico ao saudosismo heróico: ideologia e discurso geográfico no ideário nacional brasileiro	DISSERTAÇÃO	UNB	2013	Dante Flávio da Costa Reis Júnior	Everaldo Batista da Costa, Eguimar Felício Chaveiro	Ufanismo Edênico, Pensamento Geográfico, Identidade Nacional	DF
Guilherme Carvalho da Silva	O Ciberespaço como Categoria Geográfica	DISSERTAÇÃO	UNB	2013	Neio Lúcio de Oliveira Campos	Dante Flávio da Costa Reis Júnior, Janara Kalline Leal Lopes de Sousa	Ciberespaço, Espaço Geográfico, Território, Tecnologia da Informação e Comunicação, Internet	DF

Giovanni Raimundo de Macedo	Cidades Mortas ou Cidades Vivas? A diferenciação socioespacial no Vale do Paraíba Paulista e o discurso mi(s)tificador de Monteiro Lobato	DISSERTAÇÃO	UFF	2013	Jacob Binsztok	Jorge Luiz Barbosa, Edson Trajano Vieira	Diferenciação Socioespacial, Vale do Paraíba, Cidades Mortas, Monteiro Lobato	RJ
Reginaldo Alex Calçavara	O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger	DISSERTAÇÃO	UFES	2013	Luís Carlos Tosta dos Reis	Carlos Teixeira de Campos Jr., Carlos Eduardo Santos Maia	Martin Heidegger, 1889-1976, Ontologia, Geografia Física, Geografia Humana	ES
Pedro Henrique Corrêa de Araújo Barros	Controvérsias geomorfológicas: dialética entre teoria e produção do conhecimento – as múltiplas perspectivas do pensar e fazer geomorfologia	DISSERTAÇÃO	UFMG	2013	Roberto Célio Valadão	Valéria de Oliveira Roque Ascenção, Telma Mendes da Silva	Indutivismo, Conceitos Estruturadores, Teorias Científicas, Ciência Geomorfológica, Geomorfologia Tropical	MG
Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa	Ser-tão Cerrado de Guimarães Rosa: espaço movimentante	DISSERTAÇÃO	UFMG	2013	Bernardo Machado Gontijo	Jose Antonio Souza de Deus, Monica Angela de Azevedo Meyer	Guimarães Rosa, Cerrado, Sertão, Literatura, Geografia	MG
Angelica Mara de Lima Dias	Linguagens Lúdicas como Estratégia Metodológica para a Geografia Escolar na Revista de Ensino de Minas Gerais (1925-1935)	DISSERTAÇÃO	UFPB	2013	Maria Adailza Martins de Albuquerque	Antonio Carlos Pinheiro, Rafael Straforini	Metodologias Lúdicas, Geografia Escolar, Escola Nova	PB
João Paulo Monte de Santana	O espaço urbano contemporâneo e o sujeito total insurgente	DISSERTAÇÃO	PUC (RJ)	2013	Álvaro Henrique de Souza Ferreira	João Rua, Luciano Ximenes Aragão, Mônica Herz	Sujeito, Totalidade, Produção do Espaço Urbano, Cotidiano, Capitalismo	RJ
Gabriel Siqueira Correa	Narrativas raciais como narrativas geográficas: uma análise sobre o branqueamento do território nos livros didáticos de Geografia	DISSERTAÇÃO	UFF	2013	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Renato Emerson Nascimento dos Santos	Deilson Araujo de Oliveira, Valter do Carmo Cruz	Branqueamento do território, Relações Raciais, Lei 10.639, Narrativas Geográficas, História do Pensamento Geográfico	RJ
Marieane de Oliveira Fernandes	Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: A produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia 2001-2011	DISSERTAÇÃO	UFSM	2013	Vera Maria Favila Miorin	Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, Gilda Maria Cabral Benaduce	Geografia Contemporânea, Lugar, Território, Teses, Pós Graduação em Geografia	RS
Graziela Bohusch	Mobilidade urbana sustentável: uma proposta de visão ampliada do conceito	DISSERTAÇÃO	UFSC	2013	Luiz Fernando Scheibe	Maria Ines Sugai, Giselle Noceti Ammon Xavier, Dirce Maria Antunes Suertegaray	Mobilidade Urbana, Mobilidade Sustentável, Sustentabilidade	SC
Fernanda Moreira Silva	Trabalho e Natureza no Romance Jurubatuba, de Carmo Bernardes: uma leitura geográfica	DISSERTAÇÃO	UFG (JT)	2013	Eguimar Felício Chaveiro	Adriano Rodrigues de Oliveira, Dinalva Donizete Ribeiro	Trabalho, Natureza, Geografia, Literatura, Camponês	GO

Isabel Cristina Silveira Gnaccarini	Natureza e conhecimento nas pesquisas de Eneas Salati e Aziz Ab'Sáber	DISSERTAÇÃO	PUC (SP)	2014	Gustavo de Souza Coelho de Oliveira / Douglas Santos	Mauro Luiz Peron, Maria Angela D'incão	Interdisciplinaridade, Conhecimento e Natureza, Geografia e Ecossistemas.	SP
Maíra Kahl Ferraz	Relações entre a pintura de paisagem e o desenvolvimento da geomorfologia nos USA	DISSERTAÇÃO	UNICAMP	2014	Antonio Carlos Vitte	João Osvaldo Rodrigues Nunes, Regina Célia de Oliveira	Geomorfologia, Paisagem, Natureza (Estética)	SP
Vonei Ricardo Cene	A geografia e a paisagem tropical nas pinturas de Johann Rugendas	DISSERTAÇÃO	UNICAMP	2014	Antonio Carlos Vitte	Francisco Sérgio Bernardes Ladeira, Kalina Springer	Paisagem, Iconologia, Rugendas, Nação, Natureza	SP
Wesley de Souza Arcassa	Richard Hartshorne: A discussão Metodológica aos novos horizontes da geografia política	DISSERTAÇÃO	UEL	2014	Márcia Siqueira de Carvalho	Rosana Figueiredo Salvi, Noemia Ramos Vieira	Richard Hartshorne, Geografia Política, História do Pensamento Geográfico, Método em Geografia, Escola Norte Americana de Geografia	PR
Janaina de Moraes Kaecke	Em torno das abordagens críticas ao espaço urbano: os diferentes sentidos da periferia	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2014	Rodrigo Ramos Hospodar Felippe Valverde	Fabio Betioli Contel, Everaldo Batista da Costa	Década de 1980, Geografia urbana brasileira, Periferia Urbana, Pobreza Urbana	SP
Danilo Amorim de Souza	Geografia e Individuação: apontamentos para uma crítica ontológica da ciência geográfica	DISSERTAÇÃO	USP (GH)	2014	Élvio Rodrigues Martins	Amelia Luisa Damiani, Lívia Cristina de Aguiar Cotrim	Geografia, Ontologia, Karl Marx, Complexo Geográfico, Individuação, Urbano	SP
Patricia Laundry Mollo Vieira	O espaço de Milton Santos à luz da semiótica	DISSERTAÇÃO	UNB	2014	Dante Flávio da Costa Reis Júnior	Neio Lúcio de Oliveira Campos, Maria Lucia Santaella Braga	Milton Santos, A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção, Semiótica Aplicada, Peirce, Bakhtin	DF
Luan do Carmo da Silva	O conceito de lugar no livro didático e o processo de ensino-aprendizagem	DISSERTAÇÃO	UFG	2014	Vanilton Camilo de Souza	Rusvenia Luiza Batista Rodrigues da Silva, Antonio Carlos Pinheiro	Livro Didático, Lugar, Ensino de Geografia, Anos Iniciais	GO
Fabiana Furtado	O processo de institucionalização do direito à cidade no Brasil: a contribuição do significado atribuído a um conceito na definição das possibilidades e limitações à sua realização	DISSERTAÇÃO	UFMG	2014	Sergio Manuel Merencio Martins	Ana Paula Baltazar dos Santos, Doralice Barros Pereira, Eliano de Souza Martins Freitas	Conceito, Urbano, Direito à Cidade, Reforma Urbana, Político	MG
Kárita de Fátima Araújo	Os inconfidentes nas Minas Gerais: uma relação entre a Geografia e a Literatura Setecentista de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto	DISSERTAÇÃO	UFU	2014	Rita de Cassia Martins de Souza Anselmo	Rogata Soares Del Gaudio, Gláucia Carvalho Gomes	Inconfidência Mineira, Minas Gerais, Literatura, Iluminismo, Identidade Nacional	MG
Cássia Maria Pernambuco Peixoto da Silva	Paisagem sertaneja: apreendendo imagens do semiárido nordestino à luz das suas representações	DISSERTAÇÃO	UFPE	2014	Caio Augusto Amorim Maciel	Bertrand Roger Guillaume Cozic, Tanya Maria Pires Brandão	Imagem, Paisagem, Sertão, Imaginário, Representação	PE

Jose Renato Soares Pimenta	Reflexões acerca da Epistemologia da Geografia e da Hidrogeografia	DISSERTAÇÃO	UERJ	2014	Alexander Josefa Tobias da Costa	Inês Aguiar de Freitas, Nadja Maria Castilho Costa, Jorge Soares Marques	Epistemologia, Hidrogeografia, Paisagem, Geossistema, Geo-história	RJ
Henrique Lobo Pradella	A construção do conceito de 'tipos de tempo' entre os séculos XVII e XXI, no âmbito das ciências atmosféricas	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2014	Tarik Rezende de Azevedo	Ilton Jardim de Carvalho, Élvio Rodrigues Martins	Tipos de Tempo, Climatologia, Meteorologia, História da Climatologia e Meteorologia	SP
Luiz Gustavo Meira Barros	Sobre o leito vacilante: mudanças na geomorfologia fluvial em meados do século XX	DISSERTAÇÃO	USP (GF)	2014	Antonio Carlos Colangelo	Adilson Avansi de Abreu, Antonio Carlos Vitte	Geomorfologia Quantitativa, Processos, Paradigma Neopositivista, Pós-Davis	SP

AUTOR	TÍTULO	TIPO	INSTITUIÇÃO	ANO	ORIENTADOR	BANCA	PALAVRAS-CHAVE	ESTADO
Milton Almeida dos Santos	Os estudos regionais e o futuro da geografia	LIVRE DOC.	UFBA	1953			Região, Teoria, Geografia	BA
Bernardo Issler	A geografia e os estudos sociais	TESE	UNESP (PP)	1974		Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro...	Geografia, Ensino, Estudos Sociais	SP
Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro	Teoria e Clima Urbano	LIVRE DOC.	USP (GF)	1975		Manuel Correia de Andrade....	Climatologia, Teoria, Urbanização	SP
Luiz Augusto de Queiroz Ablas	Teoria do lugar central: bases teóricas e evidências empíricas: estudo do caso de São Paulo	TESE	USP (GH)	1978	Nice Lecocq Müller			SP
Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Contribuição para o Estudo da Geografia Agrária: Crítica ao "Estado Isolado" de Von Thünen	TESE	USP (GH)	1979	Pasquale Petrone	Orlando Valverde...	Agricultura, Geografia Agrária	SP
Januário Francisco Megale	Geografia e Sociologia: Introdução ao Estudo de Max Sorre	TESE	USP (GH)	1979	José Ribeiro de Araújo Filho		Metodologia, Geografia Cultural	SP
Wanderley Messias da Costa	Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder	TESE	USP (GH)	1991	Armando Corrêa da Silva	Lia Osório Machado, Gabriel Cohn, Maria Adélia Aparecida de Souza, Dalmo de Abreu Dallari	Geografia Política, Geopolítica	SP
Antonio Carlos Robert Moraes	Bases da Formação Territorial do Brasil: O Território Colonial Brasileiro no Longo Século XVI	TESE	USP (GH)	1991	Armando Corrêa da Silva	Carlos Guilherme da Mota, Fernando Antonio Novais, João Manoel de Melo, Milton Almeida dos Santos	Período Colonial, Colonização do Brasil	SP
Ruy Moreira	Espaço, corpo do tempo: a construção geográfica das sociedades	TESE	USP (GH)	1994	Armando Corrêa da Silva	Lia Osório Machado...		SP
Emanuel Fernando Reis de Jesus	Espaço, Tempo e Escala em Climatologia	TESE	USP (GF)	1995	José Bueno Conti	Neyde Maria Santos Gonçalves, Adilson Avansi de Abreu, João Afonso Zavattini, Magda Adelaide Lombardo	Climatologia, Geografia Física	SP
Fadel David Antonio Tuma Filho	A Visão da Amazônia Brasileira: Uma Avaliação do Pensamento Geográfico entre 1900 e 1940	TESE	UNESP (RC)	1996	Silvio Carlos Bray	Lia Osório Machado, José Enio Casalechi, Fernando Carvalho, Manoel Fernando Gonçalves Seabra	Visões do Mundo, Pensamento Geográfico, Ideologia, Espaço Regional	SP
Élvio Rodrigues Martins	Da Geografia à Ciência Geográfica e o Discurso Lógico	TESE	USP (GH)	1997	Armando Corrêa da Silva	Maria Encarnação Beltrão Sposito, Ruy Moreira, Odette Carvalho de Lima Seabra, Heinz Dieter Heidemann	Conceito, Epistemologia, Geografia, Lógica, Teoria	SP
Meri Lourdes Bezzi	Região: Uma (RE)Visão historiográfica - Da gênese aos novos paradigmas	TESE	UNESP (RC)	1997	Lucia Helena de Oliveira Girardi	Silvio Carlos Bray, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Vera Maria Favila Miorin, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva	Região, Escolas Geográficas, Historiografia do Pensamento Geográfico, Paradigmas, Globalização	SP
Sandra Lencioni	Região e Geografia: uma introdução ao estudo da noção de região	LIVRE DOC.	USP (GH)	1997			Espaço, Região, Geografia	SP

Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira	A Geografia e as Bases da Formação Nacional Brasileira: uma interpretação fundamentada nas Ideias de Ignácio Rangel	TESE	USP (GH)	1997	Armen Mamigonian		Formação Sócio-Espacial, Dualidade Brasileira, Formação Nacional	SP
Virgínia Elisabet Etges	Geografia Agrária: a contribuição de Leo Waibel	TESE	USP (GH)	1997	Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Eliseu Savério Sposito, Pasquale Petrone, Dirce Maria Antunes Suertegaray, (?)	Geografia Agrária, Uso da Terra, Paisagem Cultural	SP
Vernaide Medeiros Wanderley	A Pedra do Reino: Sertão Vivido de Ariano Suassuna	TESE	UNESP (RC)	1997	Lívia de Oliveira	Lucy Marion Calderini P. Machado, Paulo Henrique Novaes M. de Albuquerque, Solange Terezinha de Lima, Lineu Bley	Percepção Ambiental/Literatura, Espaço Vivido	SP
Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira	O Mundo rural sob o ponto de vista geográfico: A Geografia Agrária Brasileira da a década de 20 a de 90	TESE	UNESP (RC)	1998	Lucia Helena de Oliveira Girardi	Silvio Carlos Bray, Manuel Correia de Andrade, Antonio Olívio Ceron, Dalton Aureo Moro	Geografia Agrária, Agricultura, História do Pensamento Geográfico	SP
Werther Holzer	Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI	TESE	USP (GH)	1998	Armando Corrêa da Silva	Antonio Carlos Robert Moraes, Heinz Dieter Heidemann, Roberto Lobato Corrêa, Maurício de Almeida Abreu	Geografia Humana, Geografia Histórica, Geografia - Fenomenologia, Geografia - Paisagem, Geografia Lugar, Geografia - Viajantes	SP
José Carlos Godoy Camargo	Evolução e Tendência do Pensamento Geográfico no Brasil: a Biogeografia	LIVRE DOC.	UNESP (RC)	1998			Pensamento Geográfico, Biogeografia	SP
Luciana de Lima Martins	Paisagens Brasileiras, Olhos Britânicos. Rio de Janeiro dos Viajantes 1800/1850	TESE	UFRJ	1998	Lia Osório Machado	Antonio Carlos Robert Moraes, Maurício de Almeida Abreu, Denis Cosgrove, (SOUZA, I. A?) Inês Aguiar de Freitas?)	Pensamento Geográfico, Organização do Território	RJ
Cássio Eduardo Viana Hissa	A mobilidade das fronteiras: inserções do conhecimento sócioespacial na crise da modernidade	TESE	UNESP (RC)	1999	Lucia Helena de Oliveira Gerardi	Maria Encarnação Beltrão Sposito, Maria Adélia Aparecida de Souza, Beatriz Ribeiro Soares, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado	Geografia e Transdisciplinaridade, Espaço e Método, Epistemologia da Geografia, Saber Espacial e Planejamento, Teoria do Planejamento, Ciência e Modernidade: Crise e Perspectivas	SP
Terezinha Alves de Oliva	Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim	TESE	UNESP (RC)	1999	Silvio Carlos Bray	Antonio Carlos Robert Moraes, Fadel David Antonio Tuma Filho, Liliana Bueno dos Reis Garcia, Nilo Odalia	Organização do Espaço, História do Pensamento Geográfico, Geografia Brasileira, Manoel Bomfim, Nação	SP
Murilo Cardoso de Castro	Sig-Sistema de Informação Geográfica ou Sig Sintetizador de Ilusões Geográficas Desconstruindo uma Formação Discursiva	TESE	UFRJ	1999	Paulo César da Costa Gomes	Maurício de Almeida Abreu, Lia Osório Machado, Roberto dos Santos Bartholo Junior, (Siqueira I?)	SIG, Geoprocessamento, Teoria Geral da Geografia	RJ
Roberto Lobato Corrêa	Trajetórias Geográficas: Cinco Temas	TESE	UFRJ	2000	Maurício de Almeida Abreu	Bertha Koiffmann Becker, Milton Santos, Maria do Carmo Corrêa Galvão, Maria Adélia Aparecida de Souza	Rede, Espaço, Região	RJ
Eliseu Savério Sposito	Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico	LIVRE DOC.	UNESP (PP)	2000		Manuel Correia de Andrade, Ariovaldo Umbelino de Oliveira,	Pensamento Geográfico, Ensino de Geografia	SP

						Dirce Maria Antunes Suertegaray, Alvanir de Figueiredo,?		
Rosely Sampaio Archela	Análise da Cartografia Brasileira - bibliografia da cartografia na geografia no período de 1935-1997	TESE	USP (GF)	2000	Maria Elena Ramos Simielli	Ana Maria Marques de Camargo Marangoni, Ruth Youko Tsukamoto, Miguel Cesar Sanches, Sonia Maria Vanzella Castellar	Cartografia no Brasil, Cartografia Temática, Geografia e Cartografia, Cartografia e Ensino, Bibliografia da Cartografia	SP
Rosana Figueiredo Salvi	A Questão Pós-Moderna: Tentativa de Contribuição para uma Epistemologia da Geografia Humana	TESE	USP (GH)	2000	Armando Corrêa da Silva	Eliseu Savério Sposito, Yoshiya Nakagawara Ferreira, Odette Carvalho de Lima Seabra, Gabriel Cohn	Pós-Moderno, Geografia Humana, Método, Epistemologia, Pós-Modernidade, Teoria	SP
Rita de Cássia Martins de Souza Anselmo	Geografia e geopolítica na formação nacional brasileira: Everardo Adolpho Backheuser	TESE	UNESP (RC)	2000	Silvio Carlos Bray	Antonio Carlos Vitte, Antonio Carlos Robert Moraes, Fadel David Antonio Tuma Filho, Liliana Bueno dos Reis Garcia	Pensamento Geográfico	SP
Roberto Schmidt de Almeida	A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período 1938-1998: Uma Relação entre Documento e Memória	TESE	UFRJ	2000	Lia Osório Machado	Paulo César da Costa Gomes, Lucia Maria Lippi Oliveira, Maria do Carmo Corrêa Galvão, Marieta de Moraes Ferreira	Pensamento Geográfico, Geografia do IBGE, História Oral, Memória Profissional, Geógrafos, Planejamento Territorial Brasileiro	RJ
João Lima Sant'Anna Neto	História da Climatologia no Brasil: Gênese, Paradigmas e a Construção de uma Geografia do Clima	LIVRE DOC.	UNESP (PP)	2001		Eliseu Savério Sposito, José Bueno Conti, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Magda Adelaide Lombardo, Adilson Avansi Abreu	Clima, Climatologia Geográfica, História da Climatologia, Teoria e Método em Climatologia	SP
Maria de Fátima Ferreira Rodrigues	Sertão no plural: da linguagem geográfica ao território da diferença	TESE	USP (GH)	2001	Heinz Dieter Heidemann	Maria Neuma Barrero Cavalcanti, Helion Povoa Neto, Maria Regina Cunha de Toledo Sader, Marcos Antonio da Silva	Sertão, Brasilidade, Pensamento Social Brasileiro, Cultura, Literatura	SP
Cláudio Benito de Oliveira Ferraz	Geografia e paisagem: entre o olhar e o pensar	TESE	USP (GH)	2001	Heinz Dieter Heidemann	Silvio Carlos Bray, Antonio Thomaz Júnior, Sonia Maria Vanzella Castellar, Gil Sodero de Toledo	Paisagem, Imagem, Espaço, Epistemologia, Geografia	SP
Lindon Fonseca Matias	Sistema de Informações Geográficas (SIG): Teoria e Método para Representação do Espaço Geográfico	TESE	USP (GH)	2001	Marcello Martinelli	Rafael Sanzio Anjos, Magda Adelaide Lombardo, Ailton Luchiari, Flávio Sammarco Rosa	Geografia, Sistema de Informações Geográficas - SIG, Geoprocessamento, Geoinformação, Representação, Espaço geográfico	SP
Alexandrina Luz Conceição	Às Margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia	TESE	USP (GH)	2001	Heinz Dieter Heidemann	Antonio Carlos Robert Moraes, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Silvio Carlos Bray, Lia Osório Machado	Nacionalismo, Estado, Escola do Recife, Zeitgeist	SP
Amélia Regina Batista Nogueira	Percepção e representação gráfica: a 'geograficidade' nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas	TESE	USP (GF)	2001	Maria Elena Ramos Simielli	Eliseu Savério Sposito, Antonio Carlos Robert Moraes, Lana de Souza Cavalcanti, Sonia Maria Vanzella Castellar	Mapa Mental, Percepção, Lugar, Representação, Mundo Vivido	SP
Regina Célia Corrêa de Araújo	A formação da memória territorial brasileira (1838-1860)	TESE	USP (GH)	2001	José William Vesentini	Antonio Carlos Robert Moraes, Vânia Rubia Farias Vlach, István Jancsó, Omar Ribeiro Thomaz	Formação Territorial, Nação, Instituto Histórico e Geográfico, Romantismo	SP
Aldo Aloisio Dantas da Silva	Conexidade - complexo geográfico, Vidal de La Blache - Pierre Monbeig	TESE	USP (GH)	2002	Irací de Vasconcelhos Palheta	Francisco de Assis Mendonça, Wanderley Messias da Costa, Rosa		SP

						Ester Rossini, Beatriz Maria Soares Pontes		
Mônica Sampaio Machado	A Geografia Universitária Carioca e o Campo Científico-Disciplinar da Geografia Brasileira	TESE	USP (GH)	2002	André Roberto Martin	Antonio Carlos Robert Moraes, Ruy Moreira, Shozo Montoyama, Milton Lahuerta	Geografia Brasileira, Rio de Janeiro, Geografia Universitária, Campo Científico, Historiografia da Geografia	SP
Luis Henrique Ramos de Camargo	A Geografia da Complexidade: O Encontro Transdisciplinar Entre a Sociedade e a Natureza	TESE	UFRJ	2002	Antônio José Teixeira Guerra	Antonio Carlos Vitte, Julia Adão Bernardes, (ARMADOR, E. S ?) (ALMEIDA, F. G?)	Meio Ambiente, Geografia da Complexidade, Teoria do Caos e da Auto-Organizacão	RJ
Paulo Roberto Teixeira de Godoy	A (des) Construção do Espaço Regional	TESE	UNESP (RC)	2002	Silvio Carlos Bray	Sandra Lencioni, Pompeu Figueiredo de Carvalho, Fatima Rotundo da Silveira, João Cleps Junior	(Des)construção, Regional	SP
João Afonso Zavattini	O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (Teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação - 1971-2000	LIVRE DOC.	UNESP (RC)	2002			Climatologia Geográfica, Clima, Ritmo Climático, Análise Rítmica em Climatologia, Climatologia Dinâmica, Teses e Dissertações	SP
Claudinei Lourenço	Paisagem no Kosmos de Humboldt: um diálogo entre a abstração e a sensibilidade	TESE	USP (GH)	2003	Heinz Dieter Heidemann	Eliseu Savério Sposito, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Silvio Carlos Bray, (CAVALHEIRO, F.?)	Teoria, Geografia, Paisagem, Humboldt	SP
Antonio Carlos Pinheiro	Trajetória da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Geografia no Brasil 1972- 2000	TESE	UNICAMP	2003	Archimedes Perez Filho	Jorge Megid Neto, Lana de Souza Cavalcanti, Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa, Sonia Maria Vanzella Castellar	Ensino de Geografia, Pesquisa Acadêmica (metodologia), Pesquisa Bibliográfica e Documental, Dissertações e Teses, Epistemologia	SP
Sérgio Luiz Nunes Pereira	Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: origens, obsessões e conflitos (1883-1944)	TESE	USP (GH)	2003	José William Vesentini	Antonio Carlos Robert Moraes, Maria Amélia Mascarenhas Dantes, Heloisa Maria Bertol Domingues, Silvio Carlos Bray		SP
Ângela Massumi Katuta	O Estrangeiro no mundo da Geografia	TESE	USP (GF)	2004	Maria Elena Ramos Simielli	Eliseu Savério Sposito, Ruy Moreira, Douglas Santos, Margarida Maria de Andrade	Ensino de Geografia, Epistemologia, Figurações Espaciais, Estrangeirização Discente, Generalidade, Particularidade, Singularidade, Entendimento Geográfico do Mundo	SP
Rui Ribeiro de Campos	A dimensão populacional na obra de Josué de Castro	TESE	UNESP (RC)	2004	Odeibler Santo Guidugli	Fadel David Antonio Tuma Filho, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Liliana Bueno dos Reis Garcia, (LAGANA, L?)	Josué de Castro, Nação, Nordeste Brasileiro, População, Fome	SP
Fernanda Padovesi Fonseca	A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia: análise das discussões sobre o papel da Cartografia	TESE	USP (GF)	2004	Gil Sodero de Toledo	Margarida Maria de Andrade, Diana Sarita Hamburger, Marcello Martinelli, Adriana Maria Bernardes da Silva	Cartografia Geográfica, Representação Espaço Geográfico	SP
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	Carlos Miguel Delgado de Carvalho - a iconografia como recurso didático. Um estudo de caso - Geografia do Brasil (1913)	TESE	USP (GF)	2004	Gil Sodero de Toledo	Heliana Angotti-Salgueiro, Ana Maria Marques de Camargo Marangoni, Maria Yedda Leite Linhares, (FRANCESCONI, L?)	Geografia Física, Geografia Humana, Ensino de Geografia, Iconografia	SP

	e Geografia Física e Humana (1943)							
Flaviana Gasparotti Nunes	O econômico na Geografia. Influências do pensamento econômico na produção geográfica (1970-2001)	TESE	UNESP (PP)	2004	Eliseu Savério Sposito	Paulo Fernando Cirino Mourão, Elson Luciano Silva Pires, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Olga Lucia de Freitas Firkowski	Geografia Econômica, Epistemologia, Pensamento Econômico, Pensamento Geográfico, Teoria, Método	SP
Manoel Fernandes de Sousa Neto	Planos Para o Império: os planos de viação do Segundo Reinado (1869-1889)	TESE	USP (GH)	2004	Antonio Carlos Robert Moraes	Lia Osório Machado, Istvan Jancso, Pedro Tórtima, André Roberto Martin	Geografia Política, Políticas Públicas	SP
Armen Mamigonian	Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico	LIVRE DOC.	USP (GH)	2005				SP
Iole Iliada Lopes	O Território e os Estados Pós-Nacionais: uma Abordagem Geográfica das Teorias Recentes de Jürgen Habermas	TESE	USP (GH)	2005	Antonio Carlos Robert Moraes	Marcos Bernardino de Carvalho, Ricardo Abid Catillo, Gildo Marcal Bezerra Brandão, Jorge Luis da Silva Grespan	Estado-Nação, Território, Globalização, Ação Comunicativa, Democracia	SP
Nestor André Kaercher	A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica	TESE	USP (GH)	2005	Sônia Maria Vanzella Castellar	Valeria Amorim Arantes de Araujo, Helena Copetti Callai, Nidia Nacib Pontuschka, Maria Elena Ramos Simielli	Ensino de Geografia; Formação de professores; Ensino Fundamental e Médio, Epistemologia da Geográfica	SP
Fabrício Pedroso Bauab	Da Geografia Medieval à irrupção da Geografia Moderna: paralelos entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo	TESE	UNESP (PP)	2005	Eliseu Savério Sposito	Ruy Moreira, Antonio Carlos Vitte, João Osvaldo Rodrigues Nunes, Divino José da Silva	Ciência, Espaço, Geografia, História, Modernidade, Religião	SP
João Phelipe Santiago	A questão nacional na geografia ratzeliana e sua assimilação no pensamento social brasileiro na República Velha	TESE	USP (GH)	2005	Francisco Capuano Scarlato	Leonel Itaussu Almeida Mello, Andre Roberto Martin, Sandra Lencioni, Milton Lahuerta, Hindenburgo Francisco Pires	F. Ratzel, Questão Nacional e Estado-Nação, Assimilação, Geografia do Estado e Geografia Política, Identidade, Integração e Unidade Nacional	SP
José Carlos Milléo	Uma análise crítica a utilização dos indicadores sociais pela Geografia: Uma análise Crítica	TESE	UFF	2005	Ruy Moreira	Antonio de Ponte Jardim, Marcos Antônio Campos Couto, Jacob Binsztok, Jorge Luiz Barbosa	Indicadores Sociais, Geografia, Objeto Técnico, Racionalização, Teoria Social, Mudança Social, Pobreza, Exclusão Social	RJ
Marcos Antonio Campos Couto	Construção dos Conceitos Científicos e Escolares: caminhos para a organização da educação geográfica	TESE	USP (GH)	2005	Sonia Maria Vanzella Castellar	Sandra Lencioni, Élvio Rodrigues Martins, Ruy Moreira, Helena Copetti Callai	Ensino de Geografia, Conceitos Científicos, Conceitos Geográficos, Construção do conhecimento	SP
Nair Apparecida Ribeiro de Castro	O Lugar do Turismo na Ciência Geográfica: Contribuições Teóricos Metodológicas à ação educativa	TESE	USP (GF)	2006	Regina Araújo de Almeida	José Bueno Conti, Adyr Apparecida Balastreri Rodrigues, Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, Olga Tulik	Ciência Geográfica, Turismo, Geografia do Turismo, Formação do Geógrafo, Abordagem Geográfica do Turismo.	SP
Márcia Helena Galina	A biogeografia no núcleo de Rio Claro (SP): Análise e Avaliação das contribuições científicas no período de 1969-2004	TESE	UNESP (RC)	2006	Helmut Troppmair	Adler Guilherme Viadana, Marta Felícia Marujo Ferreira, Juliana Augusta Verona, Lucy Marion C. P. Machado	Biogeografia, Contribuições Científicas, Geografia Física, Núcleo de Rio Claro	SP
Júlio Cézar Ribeiro	A geografia das formas espaciais de reprodução da existência humana ao longo do tempo à luz	TESE	UFF	2006	Ruy Moreira	Paulo Roberto Raposo Alentejano, Jacob Binsztok, Marcos Antônio Campos Couto, Márcio Piñon de Oliveira	Espaço, Modo de Produção, Materialismo Histórico-Geográfico, Método, Trabalho	RJ

	do materialismo histórico-geográfico							
Deise Fabiana Ely	Teoria e método da climatologia geográfica brasileira: uma abordagem sobre seus discursos e práticas	TESE	UNESP (PP)	2006	João Lima Sant'Anna Neto	Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim, João Osvaldo Rodrigues Nunes, Marcos Bernardino de Carvalho, Francisco de Assis Mendonça	Epistemologia, Geografia, Climatologia, Brasil, Natureza	SP
Marcio Pereira Santos	A humanização do espaço, a humanização da paisagem e algumas reflexões sobre a paisagem em São Paulo na primeira metade do século XIX	TESE	USP (GH)	2006	André Roberto Martin	Maria Tereza Duarte Paes Luchiari, Antonio Carlos Robert Moraes, Odette Carvalho de Lima Seabra, Angelo Del Vicchio	Geografia, Objeto, Espaço, Paisagem, São Paulo	SP
Isorlanda Caracristi	A Natureza complexa da poiésis climática: contribuições teóricas ao estudo geográfico do clima	TESE	USP (GF)	2007	José Bueno Conti	Antonio Carlos Vitte, Jurandyr Ross, Adilson Avansi de Abreu, Valter Casseti	Climatologia Geográfica, Paradigmas Interdisciplinares, Pensamento Sistêmico, Complexidade	SP
Maria Luiza Grossi Araújo	Ciência, Fenomenologia e hermenêutica: diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios	TESE	UFMG	2007	Cássio Eduardo Viana Hissa	Heloisa Soares de Moura Costa, José Geraldo Pedrosa, Vera Lúcia dos Santos, Salete Kozel Teixeira	Ciência Moderna, Fenomenologia, Ciência Pós-Metafísica, Conhecimento Dialógico-Polifônico Emancipatório, Geografia Humanística, Hermenêutica	MG
Antônio Alfredo Teles de Carvalho	O Pão Nosso de Cada Dia nos Dai Hoje... Josué de Castro e a Inclusão da Fome nos Estudos Geográficos no Brasil	TESE	USP (GH)	2007	Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta	Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros, Armen Mamigonian, Aldo Aloisio Dantas da Silva, Maria Laura Silveira	Josué de Castro, Geografia, Fome, Brasil	SP
Maria Helena Palmer Lima	Cidade-Campo, Urbano-Rural: Uma contribuição ao debate	TESE	UFRJ	2007	Gisela Aquino Pires do Rio	Roberto Lobato Corrêa, Miguel Ângelo Campos Ribeiro, Júlio César de Lima Ramires, Maria Célia Nunes Coelho	Cidade, Campo, Urbano, Rural, Municípios de Pequena População, Triângulo Mineiro, Zona da Mata	RJ
Dante Flávio da Costa Reis Júnior	Cinqüenta chaves. O físico pelo viés sistêmico, o humano nas mesmas vestes ... e uma ilustração doméstica: o molde (neo)positivista examinado em textos de Antonio Christofoletti	TESE	UNICAMP	2007	Archimedes Perez Filho	Lucia Helena de Oliveira Gerardi, Iandara Alves Mendes, Paulo César Coelho Abrantes, Antonio Augusto Passos Videira	História da Ciência, Analogismo, (Neo)positivismo, Interdisciplinaridade, Pensamento Sistêmico, Antonio Christofoletti	SP
Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim	A ostentação estatística (um projeto geopolítico para o território nacional: estado e planejamento no período pós-64)	TESE	USP (GH)	2007	Antonio Carlos Robert Moraes	Vânia Rubia Farias Vlach, André Roberto Martin, Roberto Schimidt de Almeida, Wanderley Messias da Costa	Pensamento Geográfico, Planejamento, Estado, Território, Geografia Quantitativa	SP
Sérgio Adas	O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde (1917-1964)	TESE	USP (GH)	2007	Antonio Carlos Robert Moraes	Antonio Carlos Vitte, Hervé Émilien René Théry, Brasilio João Sallum Junior, Mariera de Moraes Ferreira	Geografia Agrária, Orlando Valverde, IBGE, Colonização, Pensamento Geográfico Brasileiro	SP
Charlles da França Antunes	A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB): origens, idéias, experimentações e transformações - notas de uma história	TESE	UFF	2008	Ruy Moreira	Carlos Walter Porto-Gonçalves, José Carlos Milléo de Paula, Manoel Fernandes de Sousa Neto, Marcos Antônio Campos Couto	AGB, Campo Científico, História do Pensamento Geográfico, Geografia	RJ

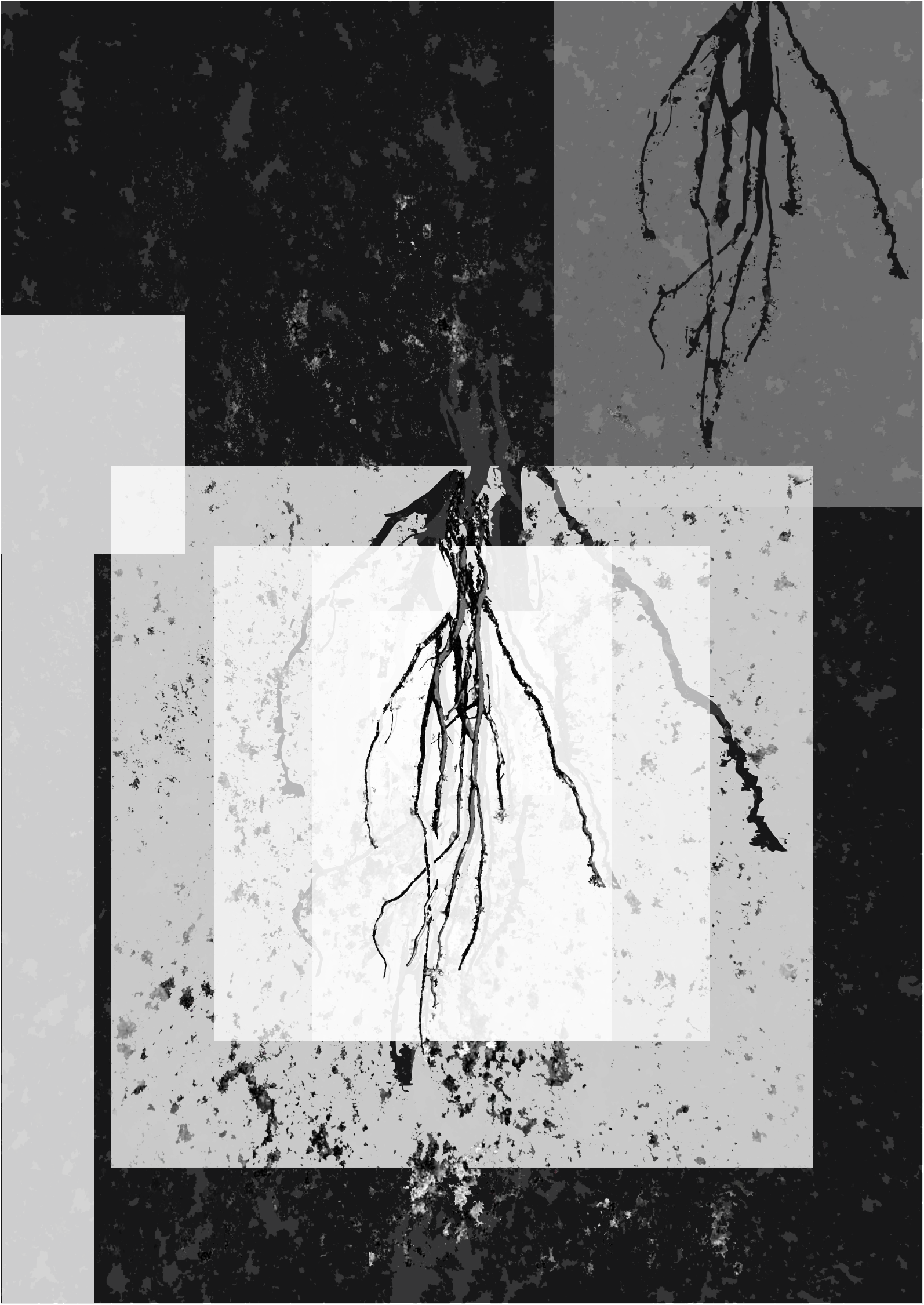
Nilton Abranches Junior	Geografia Agrária e Ambiente no Nordeste do Brasil	TESE	UFRJ	2008	Ana Maria Souza Mello Bicalho	Aldemir Dantas Barboza, João Rua, Scott William Hoefle, Telma Mendes da Silva	Geografia Agrária, História do Pensamento Geográfico, Ambiente	RJ
Guilherme da Silva Ribeiro	Espaço, Tempo e Epistemologia: a Geografia na obra de Fernand Braudel	TESE	UFF	2008	Rogério Haesbaert	Paul Claval, Ciro Flamarion Santana Cardoso, José Carlos Reis, Sérgio Luiz Nunes Pereira, Ruy Moreira	Pensamento Geográfico, Historiografia, Geografia Clássica, Fernand Braudel, Geo-História	RJ
Ivair Gomes	(Re)pensando e (re)qualificando o espaço rural - uma contribuição da geografia ao debate	TESE	UFF	2008	Jacob Binsztok	Rui Erthal, Ruy Moreira, Maria Aparecida dos Santos Tubaldini, Paulo Roberto Raposo Alentejano	Rural, Urbano, Diferenças, Paisagem, Espaço Rural	RJ
Adilson Rodrigues Camacho	A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento	TESE	USP (GH)	2008	Amália Inês Geraiges de Lemos	Eliseu Savério Sposito, Élvio Rodrigues Martins, Francisco Capuano Scarlato, Eduardo Antonio Simões Geraldes	Ontologia, Percepção, Meio, Lugar, Geografia, Planejamento	SP
Djalma Ferreira Pelegrini	Geografia e saberes modernos: a inserção da complexidade nos discursos geográficos	TESE	UFU	2008	Vânia Rubia Farias Vlach	Oswaldo Bueno Amorim Filho, Élvio Rodrigues Martins, João Marcos Além, Rita de Cássia Martins de Souza	Saberes, Pensamento Geográfico, Complexidade, Teoria da Geografia	MG
Carlos Alberto Magni	Discurso da paisagem e lirismo em Luís Martins: imaginário geográfico nas crônicas de São Paulo	TESE	USP (GF)	2008	Adilson Avansi de Abreu	José Bueno Conti, Lineide do Lago Salvador Mosca, Edson Leite, Ana Lucia Duarte Lanna	Paisagem, Análise do Discurso, Luis Martins, Interdisciplinaridade, São Paulo	SP
André Velloso Batista Ferreira	A reinvenção da Geografia	TESE	UFMG	2009	Cássio Eduardo Viana Hissa	Guilherme da Silva Ribeiro, João Antonio de Paula, Heloisa Soares de Moura Costa, José Geraldo Pedrosa		
Leonardo Civale	Pensamento Geográfico e Saber Médico: História, Ciência e Imigração no Brasil da Segunda Metade do Século XIX (1850-1903)	TESE	UFRJ	2009	Paulo César da Costa Gomes	Lia Osório Machado, Ana Maria Lima Daou, Inês Aguiar de Freitas, Sérgio Luiz Nunes Pereira		RJ
Nelson Rodrigo Pedon	Movimentos Socioterritoriais: uma contribuição conceitual à pesquisa geográfica	TESE	UNESP (PP)	2009	Bernardo Mançano Fernandes	Eliseu Savério Sposito, Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, Joao Cleps Junior, Marcelo Rodrigues Mendonça	Movimentos Socioterritoriais, Movimentos Sociais, Teoria, Território e Geografia	SP
Ulisses da Silva Fernandes	Paisagem: Uma Prosa do Mundo em Merleau-Ponty	TESE	UFF	2009	Carlos Alberto Franco da Silva	Antonio Mauro Muanis de Castro, Miguel Ângelo Campos Ribeiro, Guilherme da Silva Ribeiro, Marcio Piñon de Oliveira	Geografia, Subjetividade, Objetividade, Merleau-Ponty	RJ
Antonio Elísio Garcia Sobreira	Pedagogia anarquista e ensino de Geografia: conquistando cotas de liberdade	TESE	UNESP (PP)	2009	Eliseu Savério Sposito	Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, Antonio Carlos Vitte, Divino José da Silva, Clóvis Nicanor Kassick	Ensino de Geografia, Pedagogia Anarquista, Educação Libertária, Cinismo, Quinismo	SP
Clerisnaldo Rodrigues de Carvalho	Em busca de um projeto de nação: revisitando a obra de Celso Furtado	TESE	USP (GH)	2009	Sandra Lencioni	Andre Roberto Martin, Everaldo Santos Melazzo, Silvia Selingardi Sampaio, Jose Borzacchiello da Silva	Celso Furtado, Desenvolvimento, Estado Nacional, Industrialização, Nação,	SP

							Políticas Econômicas, Território	
Adriana Olivia Sposito Alves Oliveira	Contribuição teórico-metodológica para o ensino de Geomorfologia	TESE	UNESP (PP)	2010	João Osvaldo Rodrigues Nunes	Antonio Carlos Vitte, Maria Cristina Perusi, Paulo César Rocha, Fátima Ap. D. Gomes Marin	Ensino de Geomorfologia, Teorias, Correntes Geomorfológicas, Disciplinas Geomorfológicas, Procedimentos Metodológicos	SP
Rodrigo Dutra Gomes	Geografia e Complexidade: da diferenciação de áreas à nova cognição do sistema Terra-Mundo	TESE	UNICAMP	2010	Antonio Carlos Vitte	Sandra Lencioni, Marcos Bernardino de Carvalho, Fátima Regina Évora, Lucí Hidalgo Nunes	Epistemologia da Ciência, Geografia, Paradigmas, Sistemas Complexos, Abordagem Sistêmica	SP
Eduardo Zons Guide	Victor Antônio Peluso Júnior: pioneiro da geografia catarinense	TESE	UFSC	2010	Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira	Armen Mamigonian, Marilia Luiza Peluso, José Messias Bastos, Marcos Aurélio da Silva	Pensamento Geográfico	SC
Mariana Araujo Lamego	Práticas e representações da geografia quantitativa no Brasil: a formação de uma caricatura	TESE	UFRJ	2010	Roberto Lobato Corrêa	Lia Osório Machado, Antonio Augusto Passos Videira, Sérgio Luiz Nunes Pereira, Scott William Hoefle		RJ
Ana Cristina da Silva	O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias	TESE	UNESP (PP)	2010	Eda Maria Góes	Eliseu Savério Sposito, Mária Mónica Arroyo, José B. da Silva, Ildeu Coelho da Silva	Território, Imaginário, Geografia Humana, Pensamento Geográfico	SP
Samarone Carvalho Marinho	Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica	TESE	USP (GH)	2010	Júlio César Suzuki	Antonio Carlos Vitte, Paulo César Carneiro Lopes, Antonio Carlos Robert Moraes, Adilson Avansi de Abreu	Geografia da Vida, Perspectiva Ontológica, Determinações Geográficas, Geograficidade, Espaço de Existência, Relação de Objetivação, Ferreira Gullar	SP
Claudio Roberto Duarte	Geografia, literatura e modernização Social: espaço, alienação e morte na literatura moderna	TESE	USP (GH)	2010	Heinz Dieter Heidemann	Homero José Viseu Araújo, Amelia Luisa Damiani, Edu Teruki Otsuka, Antonio Marcos Vieira Sanseverino	Formação Social Brasileira, Geografia e Literatura, Crítica da Modernização Capitalista, Carlos Drummond de Andrade, Joseph Conrad, Machado de Assis	SP
Flamarion Dutra Alves	Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 2009	TESE	UNESP (RC)	2010	Enéas Rente Ferreira	Vera Maria Favila Miorin, Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira, Maria Aparecida dos Santos Tubaldini, Giancarla Salamoni	Geografia Agrária, Metodologia, Epistemologia da Geografia Organização do Espaço, História do Pensamento Geográfico	SP
Levon Boligian	A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil	TESE	UNESP (RC)	2010	Rosângela Doin de Almeida	Sonia Maria Vanzella Castellar, Conceição Aparecida Cabrini, Maria Isabel Castreghini de Freitas, Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	História da Disciplina, Geografia, Currículo, Didática, Cartografia	SP
Marta de Paiva Macêdo	Escala de Análise e Cartografia: Estudo da Representação Gráfica de Fenômenos Complexos, no Âmbito da Ciência Geográfica	TESE	USP (GH)	2010	Marcello Martinelli	Antonio Carlos Vitte, lindon Matias Fonseca, Odette Carvalho de Lima Seabra, Élvio Rodrigues Martins	Realidade, Geografia, Escala, Região, Cartografia	SP
Eduardo Pimentel Menezes	A (Re)Significação da Noção de Espaço na Geografia Escolar: a contribuição da Poética	TESE	UFF	2010	Carlos Alberto Franco da Silva	Edméa Oliveira dos Santos, Jorge Luiz Barbosa, José Mauro Gonçalves Nunes, Ruy Moreira	Espaço, Imaginário, Geografia, Educação	RJ

	Bachelardiana e da Teoria do Imaginário							
André Reyes Novaes	Fronteiras Mapeadas: Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-americanas na Cartografia da Imprensa Brasileira	TESE	UFRJ	2010	Lia Osório Machado	Ana Maria Lima Daou, Paulo César da Costa Gomes, Rogério Medeiros, Margarethe Born Steinberger	Fronteiras, cartografia jornalística, iconografia	RJ
Volnei Antonio Sacardo	O integralismo pliniano: autoritaismo e ordem na defesa da nação	TESE	UNESP (RC)	2011	Fadel David Antonio Tuma Filho	Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Manoel Fernandes de Souza Neto, José Antônio Segatto, Silvio Carlos Bray	Autoritarismo, Nacionalismo, Estado, Ordem e Pensamento Geográfico Nacional	SP
Adriana Ferreira de Melo	Sertões do mundo, uma epistemologia	TESE	UFMG	2011	Cássio Eduardo Viana Hissa	Heloisa Soares de Moura Costa, Maria Teresesa Franco Ribeiro, Sonia Maria de Melo Queiroz, José Geraldo Pedrossa	Sertão, Lugar, Território, Sertões Contemporâneos, Epistemologias, Ciências, Artes	MG
Túlio Barbosa	Estética Romântica Germânica e a Paisagem em Humboldt: Percurso da Geografia	TESE	UNESP (PP)	2011	João Osvaldo Rodrigues Nunes	Eliseu Savério Sposito, Antonio Carlos Vitte, José Divino da Silva, Rita de Cassia Martins de Souza	Epistemologia, Estética, Filosofia, Romantismo, Geografia	SP
Alexandre Domingues Ribas	Cosmologia e Geografia Física em Immanuel Kant	TESE	UNICAMP	2011	Antonio Carlos Vitte	Rosana Figueiredo Salvi, Dante Flávio da Costa Reis Junior, Élvio Rodrigues Martins, Adilson Avansi de Abreu	Kant, Natureza, Cosmologia, Estética, Teleologia	SP
Munir Jorge Felício	Contribuições ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário	TESE	UNESP (PP)	2011	Bernardo Mançano Fernandes	Carlos Alberto Feliciano, Eliane Tomiasi Paulino, Roberto González Sousa, Rosemeire Aparecida de Almeida	Campesinato, Conflitualidade, Debate Paradigmático, Imprescindibilidade, Questão Agrária	SP
Denecir de Almeida Dutra	Geografia da Saúde no Brasil: Arcabouço Teórico-epistemológicos Temáticas e Desafios	TESE	UFPR	2011	Francisco de Assis Mendonça	Samuel do Carmo Lima, Ligia Vizeu Barrozo, Sylvio Fausto Gil Filho, Wolf Dietrich Sahr	Epistemologia, Geografia Médica, Geografia da Saúde	PR
Celio Augusto da Cunha Horta	Geografia Regional: Um resgate Teórico Macro-Escalar	TESE	UFF	2011	Ester Limonad	Cláudio Antônio Gonçalves Egler, Jan Bitoun, Ruy Moreira, Jorge Luiz Barbosa	Geografia, Macroescala, Região, Análise Tópica, Poder	RJ
Ilton Jardim de Carvalho Junior	Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico: reflexões teórico-epistemológicas e semântico-conceituais como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza a partir da idéia das influências ambientais	TESE	USP (GF)	2011	Tarik Rezende de Azevedo	Antonio Carlos Vitte, José Bueno Conti, Júlio César Susuki, Rodolfo de Oliveira Souza	Determinismo Climático, Relação Clima-Sociedade, Determinismo Ambiental, Teoria e Epistemologia, Pensamento Geográfico, Metodologia de Pesquisa	SP
Flavia Christina Andrade Grimm	Trajetória epistemológica de Milton Santos. Uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis	TESE	USP (GH)	2011	María Laura Silveira	Maria Amelia Marcarenhas Dantes, Antonio Carlos Robert Moraes, Rogério Haesbaert, Adriana Maria Bernardes da Silva	Epistemologia da Geografia, História da Geografia, Teoria, Milton Santos	SP

Andréa Celeste de Araujo Petisco	Cidades, regiões redes: estudo teórico-metodológico sobre suas relações no contexto contemporâneo	TESE	UNESP (PP)	2011	Everaldo Santos Melazzo	Maria Encarnação Beltrão Sposito, Marcos Aurélio Saquet, Waldir José Gaspar, Beatriz Ribeiro Soares	Rede Urbana, Planejamento Regional, Planejamento Urbano	SP
Daniel Vater de Almeida	Afirmação do Urbanismo como ciência moderna, sob a influência do pensamento geográfico: A presença de Alfred Agache nas cidades do Rio de Janeiro e Curitiba, ao longo da primeira metade da pretérita centúria	TESE	UFMG	2012	Heloisa Soares Moura Costa	Cassio Eduardo Viana Hissa, Jupira Gomes de Mendonça, Guilherme da Silva Ribeiro, Alberto Pereira Lopes	Geografia, Agache, Urbanismo, Possibilismo, Positivismo, Modernidade	MG
Geôrgia Stefânia Picelli Laubstein Oliveira	História do ensino de geografia como campo de investigação: Contribuições de Lívia de Oliveira	TESE	UNESP (RC)	2012	João Pedro Pezzato	Amanda Regina Gonçalves, Rosangela Doin de Almeida, Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira, Renata C. Oliveira Barrichelo Cunha	Ensino de Geografia, História Oral, Relatos Biográficos, Geografia Escolar, Prática Docente	SP
Maria Soares da Cunha	Pontos de (RE) Visão e explorações historiográficas da abordagem regional: exercício a partir do Cariri Cearense (Séculos XIX e XX)	TESE	UFC	2012	Eustódio Wanderley Correia Dantas	Christian Dennys Monteiro de Oliveira, Maria Cléia Lustosa Costa, Luzia Neide Meneses Coriolano, Tadeu Pereira Alencar Arrais	Abordagem Regional, Práticas Científicas, Geografia, Historiografia, Institucionalização, Regionalização, Cariri Cearense	CE
Sandro de Oliveira Safadi	Meandros do sujeito: A tendência humanista-cultural da geografia contemporânea e o despertar da existência	TESE	UFG	2012	Eguimar Felício Chaveiro	Ruy Moreira, Lana de Sousa Cavalcanti, João Batista de Deus, Marcelo de Mello	Sujeito, Existência, Epistemologia, Geografia Humanista-Cultural, Psicologização	GO
Rodrigo Luvizotto	Os diários de Langsdorff: prelúdios paisagísticos	TESE	USP (GF)	2012	Adilson Avansi de Abreu	Suely Regina Del Grossi Michelotto, Lineide do Lago Salvador Mosca, Déborah de Oliveira, Adler Guilherme Viadana	Paisagem, Percepção, Discurso, Viajantes, Diário de Campo	SP
Jeane Medeiros Silva	A Bibliografia Didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930...)	TESE	UFU	2012	Vânia Rubia Farias Vlach	Marísia Margarida Santiago Buitoni, Rogata Soares Del Gaudio, Décio Gatti Júnior, Rita de Cássia Martins de Souza	Ensino de Geografia Bibliografia Didática de Geografia, Geografia Descritiva, Currículo de Geografia, Discurso Didático	MG
Maraluce Maria Custodio	Proposição de um conceito jurídico de paisagem para o Brasil	TESE	UFMG	2012	Allaoua Saadi/Philippe Bachimon	Paulo Affonso Leme Machado, Ambrosina Helena Ferreira Gontijo-Pascutti, Beatriz Souza Costa, Janise Bruno Dias	Conceito em Vygostsky, Conceitos de Paisagem, Convenção Europeia de Paisagem, História da Paisagem no Mundo, Elementos da Paisagem, Legislação Brasileira e Internacional sobre Paisagem	MG
Rosenberg Lopes Ferracini	A África e suas representações escolares nos livros escolares de Geografia no Brasil	TESE	USP (GH)	2012	Sonia Maria Vanzella Castellar	Gloria da Anunciação Alves, Helena Copetti Callai, Kabengele Munanga, Vivian Batista da Silva	Educação, Geografia Acadêmica, Livro Didático, Geografia Escolar, África	SP
Antonio Henrique Bernardes	Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta: Contribuição à epistemologia em Geografia	TESE	UNESP (PP)	2012	Eliseu Savério Sposito	Antonio Carlos Vitte, Nécio Turra Neto, Werther Holzer, Divino José da Silva	Geografia, Ontologia, Epistemologia, Espaço, Ser, Telecomunicação	SP

Fabrícia de Oliveira Santos	A Revista Agrícola, órgão da sociedade sergipana de agricultura e a estratégia da produção e organização do campo em Sergipe, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"	TESE	UFS	2012	Alexandrina Luz Conceição	Doralice Sátyro Maia, Manoel Fernandes de Sousa Neto, Antonio Fernando de Araujo Sá, Vera Lucia Alves França	Revista Agrícola, Capitalismo Tipográfico, Polifonia do Discurso, Produção do Campo Sergipano	SE
Janaina Francisca de Souza Campos Vinha	Leituras dos territórios paradigmáticos da Geografia Agrária: análise dos grupos de pesquisa do estado de São Paulo	TESE	UNESP (PP)	2012	Bernardo Mançano Fernandes	Eliseu Savério Sposito, João Cleps Junior, Munir Jorge Felício, Júlio César Susuki	Paradigma, Grupo de Pesquisa, Geografia Agrária, Território	SP
Roberison Wittgenstein Dias da Silveira	Filosofia, Arte e Ciência: A paisagem na Geografia de Alexander Von Humboldt	TESE	UNICAMP	2012	Antonio Carlos Vitte	Ruy Moreira, Jair Lopes Barbosa, Heinz Dieter Heidemann, Eduardo José Marandola Junior	Humboldt, Geografia, Filosofia, Ciência, Estética e Paisagem	SP
Adriana Carvalho Silva	O Rio de Janeiro em Dom Casmurro: Literatura como representação do espaço	TESE	UFF	2012	Jorge Luiz Barbosa / Jean Pierre Wolff	Márcio Pinon de Oliveira, Manoel Martins de Santana Filho, Anélia Montechiari Pietrani, Cristina Pessanha Mary	Cidade, Paisagem, Representação,	RJ
Elias Lopes de Lima	Encruzilhadas Geográficas: notas críticas sobre a compreensão do sujeito em geografia	TESE	UFF	2013	Ruy Moreira	Carlos Walter Porto-Gonçalves, Adrelino de Oliveira Campos, Jorge Luiz Barbosa, Élvio Rodrigues Martins	Sujeito, Objeto, Espaço Geográfico, Corporeidade	RJ
Kalina Salaib Springer	A frühromantik e as concepções de Natureza, Ciência, Arte e Sociedade em Alexander von Humboldt	TESE	UNICAMP	2013	Antonio Carlos Vitte	Roberison Wittgenstein Dias da Silveira, Júlio Cesár Susuki, Claudia Valladao de Mattos, Eduardo José Marandola Junior	Epistemologia da Geografia, Romantismo, Alexander von Humboldt	SP
Carlo Eugênio Nogueira	O lugar da fronteira na geografia de Pierre Monbeig	TESE	USP (GH)	2013	Antonio Carlos Robert Moraes	Manoel Fernandes de Sousa Neto, Paulo Roberto de Albuquerque Bomfim, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Helion Póvoa Neto, Aldo Aloisio Dantas da Silva	Frentes Pioneiras, Território, Pierre Monbeig, Fronteira, História do Pensamento Geográfico	SP
Leticia Carolina Teixeira de Pádua	A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências	TESE	USP (GF)	2013	Magda Adelaide Lombardo	Eduardo José Marandola Junior, Lívia de Oliveira, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Werther Holzer	Yi-Fu Tuan, Geografia Humanista, Fenomenologia, Epistemologia da Geografia, Essências	SP
Rosana de Oliveira Santos Batista	As Afinidades Seletivas do Pensamento reclusiano: na trilha da confluência das ideias de Rousseau	TESE	UFS	2013	Alexandrina Luz Conceição	Ciro de Oliveira Bezerra, Suzane Tosta, Maria Augusta Mundim Vargas, Josefa dos Santos Lisboa, Doralice Sátyro Maia	Pensamento Geográfico, Natureza, Sociedade	SE
Magali Gomes Nogueira	O Manuscrito Espagnol 30 e a Família do judeu Cresques Abraham: Um estudo sobre as fontes da cartografia maiorquina (séculos XIII-XIV)	TESE	USP (GH)	2013	Mario De Biasi	Jorge Onrubia Pintado, Reinaldo Paul Pérez Machado, Ana Maria Alfonso Goldfarb, Iris Kantor	Cartografia Medieval, Carta Portulano, Fontes Hebraicas, Maiorca, Suportes	SP
Breno Viotto Pedrosa	Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura	TESE	USP (GH)	2013	Armen Mamigonian	Fabio Betioli Contel, Sergio Luiz Nunes Pereira, Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira, Mario Antonio Eufrasio	Marxismo, História da Geografia, Estrutura, Geografia Crítica	SP

Danilo Piccoli Neto	Da inteligibilidade humana acerca da organização espacial na natureza ou da geografia: Realismo, Racionalismo Crítico e Sistemas	TESE	UNESP (RC)	2013	Archimedes Perez Filho	María Mónica Arroyo, Dante Flávio da Costa Reis Júnior, Fadel David Antonio Tuma Filho, Paulo Roberto Teixeira de Godoy	Organizações Espaciais, Epistemologia em Geografia, Ontologia do Espaço, Sistemas e Modelos, Realismo e Racionalismo	SP
Angelita Pereira de Lima	Romancidade: Sujeito e Existência em Leitura geográficos - literárias nos romances A centopeia de Neon e os cordeiros do Abismo	TESE	UFG	2013	Eguimar Felício Chaveiro	Lana de Souza Cavalcanti, Valéria Cristina Pereira da Silva, Júlio César Suzuki, Maria Zaíra Turchi	Geografia e Literatura, Sujeito e Existência, Metropolização de Goiânia, Espaço literário, Espaço Geográfico, Romancidade	GO
Leonardo Moreira Ulhôa	Imagens e estereótipos do Brasil nos livros didáticos franceses	TESE	UFU	2013	Vânia Rubia Farias Vlach	Adriany de Ávila Melo Sampaio, Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, Doralice Barros Pereira, Marísia Margarida Santiago Buitoni	Imagens do Brasil, Estereótipo, Iconografia Geográfica, Ensino de Geografia, Livros Didáticos Franceses	MG
Lucas Costa de Souza Cavalcanti	Da Descrição de Áreas à Teoria dos Geossistemas: Uma Abordagem Epistemológica sobre Sínteses Naturalistas	TESE	UFPE	2013	Antonio Carlos de Barros Corrêa	Archimedes Perez Filho, Danielle Gomes da Silva, Ranyére Silva Nóbrega, Bertrand Roger Guillaume Cozic	Epistemologia da Geografia, Geografia Física, Sínteses Naturalistas, teoria dos Geossistemas, Parque Nacional do Catimbau	PE
Najla Mehanna Mormul	As abordagens sobre população na Geografia brasileira (1934-2010): permanências, transformações e rupturas	TESE	UEM	2013	Marcio Mendes Rocha	Cesar Miranda Mendes, Sueli de Castro Gomes, Amelia Luisa Damiani, Fabio Betioli Contel	População, Geografia, Geografia da População, Ciência Geográfica	PR
Daiane Bertoli	Planejamento territorial e paisagem: entre razões, naturalizações e desejos	TESE	UFSC	2013	Elson Manoel Pereira	Sandra Maria de Arruda Furtado, Leila Christina Duarte Dias, Luiz Fernando Scheibe, Luciano Félix Florit, Zeny Rosendahl	Planejamento Territorial, Paisagem, Urbanismo, Subjetividade	SC
Pedro Henrique Ferreira Costa	O jovem Milton Santos: personagem do protótipo metodológico: revelar (matrizes clássicas originárias) para definir (vanguarda, universalidade e viés geográfico)	TESE	UNESP (RC)	2013	Paulo Roberto Teixira de Godoy/ Dante Flávio da Costa Reis Júnior	Alice Maria de Araújo Ferreira, Vanderli Custódio, Samuel Frederico, José Gilberto de Sousa	Protótipo Metodológico, Matriz Clássica Originária, Biografia, Produção Científica/Geográfica, Vocabulário, Milton Santos	SP
Carolina Machado Rocha Busch Pereira	Geografias de mundo reveladas nas canções de Chico Buarque	TESE	USP (GH)	2013	Francisco Capuano Scarlato	Amália Inês Geraides de Lemos, Júlio Cézar Suzuki, Eduardo José Marandola Junior, Eguimar Felício Chaveiro	Humanismo, Lugar, Música, Chico Buarque	SP
Maria Luisa Rocha Ferreira de Mendonça	Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio	TESE	USP (GH)	2013	Ariovaldo Umbelino de Oliveira	Jose Juliano de Carvalho Filho, Guilherme Costa Delgado, Marta Inez Medeiros, Clifford Andrew Welch	Agronegócio, Industrialização da Agricultura, Capital Financeiro, Crise de Superacumulação, Dívida	SP
Weder David de Freitas	Geografia, Militância e marxismo: a trajetória de Horieste Gomes e sua participação no Movimento de Renovação da Geografia brasileira	TESE	UFG	2014	Eguimar Felício Chaveiro	Ruy Moreira, Dimas Moraes Peixinho, Lana de Souza Cavalcanti, Tadeu Pereira Alencar Arrais	Horieste Gomes, Movimento de Renovação da Geografia, Geografia e Marxismo, Geografia Crítica	GO

Eduardo Karol	Geografia política e Geopolítica no Brasil (1982 - 2012)	TESE	USP (GH)	2014	Manoel Fernandes de Sousa Neto	Paulo Roberto Teixeira de Godoy, Ruy Moreira, Douglas Santos, Glória da Anunciação Alves	História do Pensamento Geográfico Brasileiro, Geografia Política, Geopolítica	SP
Thiago Macedo Alves de Brito	A Natureza do Método e o Método da Natureza: exposição e crítica na formação do pensamento alemão nos séculos XVIII e XIX	TESE	UFMG	2014	Sérgio Manuel Merêncio Martins	Douglas Santos, Amélia Luisa Damiani, Antônio José Lopes Alves, Claudinei Lourenço		MG
Mariane de Oliveira Biteti	O em-si-para-o-outro-para-si: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico	TESE	UFF	2014	Ruy Moreira	Jacob Binsztok, Jorge Luiz Barbosa, Élvio Rodrigues Martins, Elias Lopes de Lima	Ontologia, Presenticidade, Alteridade, Geograficidade	RJ
Luiz Antonio Mano Ugeda Sanches	Geodireito e a Geografia de Estado no Brasil	TESE	UNB	2014	Rafael Sanzio Araújo dos Anjos	Marília Luiza Peluso, José Geraldo de Sousa Júnior, Ricardo Mendes Antas Júnior, Alcindo José de Sá	Geodireito, Geografia de Estado, Princípio da Simetria, Teoria Tridimensional da Geografia, Tríade Fato-Valor-Técnica, Fenomenologia, Axiologia	DF
Clevisson Junior Pereira	Geografia da religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista	TESE	UFPR	2014	Sylvio Fausto Gil Filho	Salete Kozel Teixeira, Adnilson de Almeida Silva, Edilson Soares de Souza, Marlon Ronald Fluck	Geografia da Religião, Espaço Sagrado, Conformação Simbólica, Protestantismo Batista, Primeira Igreja Batista de Curitiba	PR
Rodrigo Meira Martoni	Por uma ontologia do espaço turístico: contribuições para uma consciência do real e do possível	TESE	UFPR	2014	Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira	Maria Aparecida Bridi, Walter Praxedes, Everaldo Batista da Costa, Helton Ricardo Ouriques	Espaço Turístico, Valor-Capital, Trabalho Produtivo no Turismo, Dialética do Materialismo Histórico	PR
Luciana Ferreira	Imaginárias topografias iconológicas e iconologias topográficas do litoral do estado do Paraná de Alfredo Andersen (1860- 1935)	TESE	UFPR	2014	Miguel Bahl, Salete Kozel Teixeira	Álvaro luiz Heidrich, Helena Midori Kashiwagi, Alessandro Filla Rosaneli, Tania Bittencourt Bloomfield	Geografia, Arte, Paisagem, Alfredo Andersen, Litoral do Paraná, Topografia Iconológica, Iconologia Topográfica	PR
Almir Nabozny	Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão	TESE	UFRGS	2014	Álvaro Luiz Hedrich	Dirce Maria Antunes Suertegaray, Nelson Rego, Jorn Seemann, Manoel Fernandes de Sousa Neto	Geografia no Brasil, Abordagens Culturais, Campo Científico, Enunciações, Espaço Geográfico	RS
Camila Xavier Nunes	Geografias do corpo: por uma geografia da diferença	TESE	UFRGS	2014	Nelson Rego	Benhur Pinós da Costa, Gisele Santos Laitano, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Álvaro Luiz Heidrich	Corpo, Espaço, Representação, Experiência, Diferença	RS
Alcindo Neckel	A Questão ambiental nos cursos de graduação em geografia no Brasil e o pensamento geográfico sobre o conceito de ambiente	TESE	UFRGS	2014	Dirce Maria Antunes Suertegaray	Elenice Szatkoski, Aline Ferrão Custódio, Claudia Luísa Zeferino Pires, Laurindo Antônio Guasselli	Ambiente, Concepção de Ambiente, Cursos Superiores, Geografia, Matrizes Curriculares, Pensamento	RS
Cleder Fontana	Fome e questão ambiental: uma leitura a partir da obra de Josué de Castro	TESE	UFRGS	2014	Dirce Maria Antunes Suertegaray	Luiz Fernando Mazzini Fontoura, Nelson Rego, Bernardo Mançano Fernandes, Ruy Moreira	Fome, Questão Ambiental, Relação Sociedade e Natureza, Josué de Castro	RS